



# PERFIL DA **ENFERMAGEM** NO BRASIL

RELATÓRIO FINAL

APOIO:

MINISTÉRIO DA  
**SAÚDE**



Organização  
Pan-Americana  
da Saúde



Organização  
Mundial da Saúde  
Américas

---

# VOLUME I

# PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL



# PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL

**(Relatório Final)**

**BRASIL**

**Maria Helena Machado (Coordenadora Geral)**

**Eliane Santos de Oliveira**

**Waldirlando Rosa Lemos**

**Mônica W. Wermelinger**

**Monica Vieira**

**Maria Ruth dos Santos**

**Paulo Roberto Borges Souza Júnior**

**Wilson Aguiar Filho**

**Wagner Ferraz de Lacerda**

**Everson Justino Pereira**

Rio de Janeiro, 2017.



Catálogo na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde  
Biblioteca de Saúde Pública

M149p Machado, Maria Helena (Coord.).  
Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final: Brasil / coordenado por Maria Helena Machado. — Rio de Janeiro : NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, 2017.  
748 p. : il. color. ; graf. ; tab. (Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - Brasil, v.01).

Apoio: Ministério da Saúde / MS e Organização Pan-Americana da Saúde / OPAS/OMS. Convênio: Fiocruz/COFEN.

1. Metodologia. 2. Classe Social. 3. Equipe de Enfermagem - estatística & dados numéricos. 4. Pessoal de Saúde. 5. Perfil de Saúde. 6. Mercado de Trabalho. 7. Relações Interpessoais. 8. Ética Profissional. 9. Capacitação de Recursos Humanos em Saúde. 10. Acesso à Informação. 11. Políticas Públicas. 12. Perfil da Formação Profissional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem. 13. Brasil. I. Título.

CDD - 23.ed. – 610.730981



**CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM  
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**

# **PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL**

**(Relatório Final)**

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Recursos Humanos em Saúde

**NERHUS - DAPS - ENSP/FIOCRUZ**

Apoio: Ministério da Saúde / MS

Organização Pan-Americana da Saúde / OPAS/OMS

Convênio: FIOCRUZ/COFEN





**Ministro de Estado da Saúde**

Ricardo José Magalhães Barros

**Presidente da Fundação Oswaldo Cruz**

Nísia Trindade Lima

**Diretor da Escola de Saúde Pública Sergio Arouca**

Hermano de Castro

**Presidente do Conselho Federal de Enfermagem**

Manoel Carlos Neri da Silva



# PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL

<p><b>Coordenação Interinstitucional</b> Manoel Carlos Neri da Silva (COFEN) Maria Helena Machado (ENSP/FIOCRUZ)</p> <p><b>Representantes do COFEN na Pesquisa</b> Mirna Albuquerque Frota Dorisdaia Carvalho de Humerez</p> <p><b>Coordenação Geral</b> Maria Helena Machado (FIOCRUZ)</p> <p><b>Coordenações Regionais</b> Márcia Bragança Lopes (Norte) Francisca Valda da Silva (Nordeste) Mônica W. Wermelinger (Sudeste) Rodrigo Otávio Moretti-Pires (Sul) Nilene Duarte e Lissandra M. Cavalcante de Moraes (Centro-Oeste)</p> <p><b>Coordenações Estaduais</b></p> <p><b>Região Norte</b> Narjara Campos de Araújo (Acre) Carlos Corrêa Cruz (Amapá) David Márcio Oliveira Barreto (Amazonas) Idehize Oliveira Furtado (Pará) Diogo Nogueira do Casal (Rondônia) Sandra Maria Rabelo Huzek (Roraima) Márcia Anésia C.M. dos Santos (Tocantins)</p> <p><b>Região Nordeste</b> Francisco da Silva Brandão (Alagoas) Tânia Alves Bulcão (Bahia) Mirna Albuquerque Frota (Ceará) Ana Patrícia Fonseca C. Galvão (Maranhão) Leila de Cássia T. da Fonseca (Paraíba) Symone Margareth B.R. de Melo (Pernambuco) Dean Douglas F. de Olivindo (Piauí) Nadir Soares Vila Nova (Rio Grande do Norte) Gabryella Garibalde S. Resende (Sergipe)</p> <p><b>Região Sudeste</b> Maria Carlota Rezende Coelho (Espírito Santo) Eva Zan Pereira (Minas Gerais) Luiza Mara Correia (Rio de Janeiro) Karen Cardoso Caetano (São Paulo)</p>	<p><b>Região Sul</b> Maria Ribeiro Lacerda (Paraná) Felipa Rafaela Amadigi (Santa Catarina) Claudir Lopes da Silva (Rio Grande do Sul)</p> <p><b>Região Centro-Oeste</b> Paulo Roberto M. Bezerra (Distrito Federal) Wellerson Moreira Ribeiro (Goiás) Leocarlos Cartaxo Moreira (Mato Grosso) Sebastião Junior H. Duarte (Mato Grosso do Sul)</p> <p><b>Equipe de Informática</b> Waldirlando Rosa Lemos (ENSP) Everson Justino Pereira (ENSP)</p> <p><b>Designer Gráfico</b> Dino Vinicius Ferreira Araújo</p> <p><b>Digitação</b> Realizado pela empresa GRP – Solutions Informática Ltda. Petrópolis - (RJ)</p> <p><b>Equipe de Gerência e Administração</b> Neyson Pinheiro Freire (COFEN) Cintia Maria Barbosa (ENSP) Edva Manguiera dos Reis (ENSP) (*)</p> <p><b>Equipe Técnica</b> Maria Helena Machado (Coordenadora Geral) Eliane Santos de Oliveira Waldirlando Rosa Lemos Mônica W. Wermelinger Monica Vieira Maria Ruth dos Santos Wilson Aguiar Filho Wagner Ferraz de Lacerda Paulo Roberto Borges Souza Júnior Everson Justino Pereira Ana Luíza Stiebler Vieira (**)</p>
--	--

(\*) Integrou a equipe até novembro de 2015

(\*\*) Integrou a equipe como coordenação geral adjunta até outubro de 2014



---

# PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL

## VOLUME I

### SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

POEMA

DEDICATÓRIA

PREFÁCIO

AOS PROFISSIONAIS

APRESENTAÇÃO

EQUIPE TÉCNICA DE ELABORAÇÃO

LISTA DE TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE FIGURAS

PARTE I - METODOLOGIA

PARTE II - PERFIL SÓCIO ECONÔMICO

(Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem)

Composição da equipe

Sexo

Faixa etária

Nacionalidade

Nacionalidade (estrangeira)

Naturalidade

Estado civil

Local de residência

Local de residência (capital x interior)

Cor ou raça

Escolaridade do Pai

Escolaridade da Mãe

Linhagem de enfermagem

Família saúde

Família saúde (profissionais da saúde)

### PARTE III - PERFIL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ENFERMEIROS

Instituição formadora

Tempo de formado

Estado de Graduação

População x graduandos

Modalidade do curso

Graduação no exterior

Outra Graduação

Área da Graduação

Curso de Tecnólogo

Curso Técnico ou de Auxiliar de Enfermagem

Atuação como auxiliar ou técnico

Trabalho antes da Graduação

Complementação da Graduação

Natureza da Instituição: Complementação

Tempo de conclusão

Pós-Graduação

Modalidade da Pós-Graduação

Natureza da Instituição: Residência

Tempo de conclusão Residência

Natureza da Instituição: Especialização

Tempo de conclusão: Especialização

Natureza da Instituição: Mestrado Profissional

Tempo de conclusão: Mestrado Profissional

Natureza da Instituição: Mestrado Acadêmico

Tempo de conclusão: Mestrado Acadêmico

Natureza da Instituição: Doutorado

Tempo de conclusão: Doutorado

Natureza da Instituição: Pós-Doutorado

Tempo de conclusão: Pós-Doutorado

Título de Especialista



Tempo de concessão

## PARTE IV - PERFIL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM

Escolaridade

Natureza da instituição formadora

Tempo de formado

Estado de formação

Modalidade do curso

Formação no Exterior

Capacitação Profissional

Modalidade de Capacitação Profissional

Tempo de conclusão: Atualização

Tempo de conclusão: Aperfeiçoamento

Curso de Tecnólogo

Curso Superior

Área do curso Superior

Pretensão de continuar estudos

Área do curso

ETSUS

Participação na ETSUS

Modalidade de participação

PROFAE

Modalidade PROFAE

## PARTE V - PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

(Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem)

Modalidade de Aprimoramento Profissional

Tipo de leitura

Assinatura de Periódicos /Revistas Científicas

Acesso à internet

Local de acesso

Sites mais acessados

Aprimoramento profissional

Razões do não Aprimoramento

Desejo de qualificação profissional

Modalidade de qualificação desejada

## PARTE VI - PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO

(Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem)

Situação profissional

Tempo de trabalho

Desemprego

Dificuldade de arrumar emprego

Motivos da dificuldade

Frequência da mudança de emprego

Motivos da mudança de emprego

Número de atividades

Trabalho em outro município

Jornada de trabalho

Natureza da instituição

Atividade profissional: Setor Público

Esfera administrativa

Tipo de vínculo

Modalidade da instituição

Regime de trabalho

Jornada de trabalho

Turno de trabalho

Rendimento mensal

Atividade profissional: Setor Privado

Tipo de vínculo

Modalidade da instituição

Regime de trabalho

Jornada de trabalho

Turno de trabalho

Rendimento mensal

Atividade profissional: Setor Filantrópico

Tipo de vínculo

Modalidade da instituição

Regime de trabalho

Jornada de trabalho

Turno de trabalho

Rendimento mensal

Atividade profissional: Setor Ensino

Natureza da instituição

Tipo de curso

Função

Tipo de vínculo

Modalidade da instituição

Regime de trabalho

Jornada de trabalho

Turno de trabalho

Rendimento mensal

Atividade autônoma

Horas trabalhadas na atividade autônoma

Renda mensal total

Salário ideal

Outras atividades

Cargo de chefia

Tipo de cargo

Atividades mais frequentes

Atividade em Cooperativa

Trabalho no Exterior

Área de trabalho

Desejo de trabalhar no exterior

## PARTE VII - PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

(Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem)

Cordialidade e respeito pelos seus superiores

Cordialidade e respeito pela equipe de saúde

Cordialidade e respeito na equipe de enfermagem

Cordialidade e respeito pela população

Clima de confiança

Conduta respeitada

Disponibilidade do chefe

Liberdade de expressão

Confiança da chefia

Proteção

Assistência

População satisfeita

Violência no trabalho

Tipo de violência

Discriminação

Tipo de discriminação

Condições de trabalho

Desgaste

Infraestrutura de descanso

Acidente de trabalho

Licença médica

Atendimento médico

Prática de esporte

Tipo de esporte

Férias

Frequências das férias

Local das férias

## PARTE VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS



## AGRADECIMENTOS

A construção de um projeto de pesquisa a partir de uma demanda específica, como no caso da requerida pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) à Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) para a realização da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, necessitou várias etapas de negociação quanto aos objetivos, abrangência e, conseqüentemente, do seu escopo, propriamente dito.

Desta forma foi construído o Projeto de Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, objeto do Convênio nº 02/2011 entre a FIOCRUZ e o COFEN. Contudo, a pesquisa inicia-se de fato em meados de 2012. Posteriormente, por necessidade de prorrogação de prazo para finalização, foi assinado o Termo Aditivo ao Convênio nº 02/2011 em agosto de 2013.

O objetivo central foi traçar o Perfil da Equipe de Enfermagem no Brasil, enfatizando a situação atual da enfermagem e a sua dinâmica no recente contexto socioeconômico e político brasileiro. Buscou também desenhar os perfis profissionais dos enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, considerando as características socioeconômicas, de formação e desenvolvimento profissional, de inserção no mercado de trabalho e de sua participação sócio-política, bem como analisar a dinâmica atual do mercado de trabalho de enfermagem e, por fim, apontar e analisar tendências e perspectivas da enfermagem hoje no Brasil.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, recebendo o número: Protocolo de Pesquisa - CEP-ENSP - nº 09/10. CAAE - 0009.0.031.000, tendo como pesquisador responsável Maria Helena Machado.

Importante ressaltar que essa investigação é fruto de uma grande parceria entre o COFEN e a FIOCRUZ, tendo o apoio de diversos organismos e entidades: Ministério da Saúde - por meio do Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde (DEGERTS/SGTES), Federação Nacional dos Enfermeiros (FNE), Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), Confederação Nacional dos Trabalhadores da Seguridade Social (CNTSS), Confederação Nacional dos Trabalhadores da Saúde (CNTS) e da Associação Nacional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem (ANATEN). Contou ainda com o apoio da Rede ObservaRH e da Organização Pan-americana de Saúde - OPAS.



A pesquisa foi financiada pelo Conselho Federal de Enfermagem, tendo na pessoa do Dr. Manoel Neri aquele que empenhou, acreditou e confiou à Fiocruz essa tarefa tão fundamental, de desvendar a realidade da Enfermagem brasileira.

Ao Dr. Neri e toda sua equipe diretiva e administrativa do COFEN, nosso profundo e sincero, muito obrigada.

De enorme importância e decisiva participação, nosso reconhecimento a direção dos 27 Conselhos Regionais, que não mediram esforços em abrir suas entidades cedendo, generosamente, infraestrutura e apoio institucional para o trabalho de campo, propriamente dito.

A nossa instituição FIOCRUZ, mais especificamente, o Departamento de Administração e Planejamento em Saúde - DAPS, a Escola Nacional de Saúde Pública e a direção da Fiocruz, nossa gratidão. Por meio da Presidente Nísia Trindade Lima, queremos expressar o orgulho de ser FIOCRUZ e poder realizar uma investigação desta envergadura, contando com total apoio de todo o *staff* diretivo.

À equipe da FIOTEC, instituição executora do projeto, nossos agradecimentos, pela dedicação, profissionalismo e compromisso institucional.

A todos os colegas do NERHUS e do ObservaRH-ENSP, local de realização da pesquisa, que nos acolheram, compreendendo a necessidade de mudanças e adaptações no seu cotidiano.

Um estudo do porte do Perfil da Enfermagem no Brasil envolveu um expressivo contingente de pessoas que, cada um, em seu lugar e papel, contribuiu para o pleno êxito da pesquisa. Aqui citamos aqueles que se destacaram ao longo do processo. A equipe administrativa e gerencial: Neyson Freire (Cofen), Cintia Barbosa e Edva Reis (NERHUS-ENSP). A Equipe de digitação da Solutions Informática Ltda, aos digitadores da parte das questões abertas: Andreza Santos, Camila Lemos, Luciana Nunes, Priscila Martins. Ao Dino Vinicius Ferreira Araújo que, com sua competência e criatividade, produziu o belo questionário e todo material de divulgação. Agradecemos a Júlio César Arruda, Daniel Curi, Rosana Maria Moura, Thais Ribeiro Machado Cardoso e Cristiane Maria Alves Martins, que também deram sua valiosa ajuda. E também a Ana Luiza Stiebler que contribuiu com a construção e execução do projeto. E muito especialmente, Luiz Claudio Guimarães, que não mediu esforços para nos ajudar em toda a infraestrutura de envio, conferência e armazenamento dos questionários na FIOCRUZ. Nosso reconhecimento a querida colega Ligia Giovanella,

que nos proporcionou espaço para a execução destas atividades acima citadas, no NUPES.

Um projeto deste porte nacional, que abrangeu as cinco regiões do país, todos os 27 estados da Federação e mais da metade dos municípios brasileiros, necessitou de ter uma equipe ampliada de coordenação que desempenhou, durante o trabalho de campo, papel crucial para o exitoso resultado final. Meu muito obrigada aos coordenadores regionais: Márcia Bragança Lopes (Norte), Francisca Valda da Silva (Nordeste), Mônica W. Wermelinger (Sudeste), Rodrigo Otávio Moretti-Pires (Sul), Nilene Duarte e Lissandra M. Cavalcante de Moraes (Centro-Oeste), que recorreram aos estados, dando suporte, apoio e auxiliando nessa fase de coleta dos questionários.

Aos queridos coordenadores estaduais, que, com compromisso, dedicação e profissionalismo cuidaram de transformar a pesquisa local em uma realidade vitoriosa: Narjara Campos de Araújo (Acre), Carlos Corrêa Cruz (Amapá), David Márcio Oliveira Barreto (Amazonas), Idehize Oliveira Furtado (Pará), Diogo Nogueira do Casal (Rondônia), Sandra Maria Rabelo Huzek (Roraima), Márcia Anésia C.M. dos Santos (Tocantins), Francisco da Silva Brandão (Alagoas), Tânia Alves Bulcão (Bahia), Mirna Albuquerque Frota (Ceará), Ana Patrícia Fonseca C. Galvão (Maranhão), Leila de Cássia T. da Fonseca (Paraíba), Symone Margareth B.R. de Melo (Pernambuco), Dean Douglas F. de Olivindo (Piauí), Nadir Soares Vila Nova (Rio Grande do Norte), Gabryella Garibalde S. Resende (Sergipe), Maria Carlota Rezende Coelho (Espírito Santo), Eva Zan Pereira (Minas Gerais), Luiza Mara Correia (Rio de Janeiro), Karen Cardoso Caetano (São Paulo), Maria Ribeiro Lacerda (Paraná), Felipa Rafaela Amadigi (Santa Catarina), Claudir Lopes da Silva (Rio Grande do Sul), Paulo Roberto M. Bezerra (Distrito Federal), Wellerson Moreira Ribeiro (Goiás), Leocarlos Cartaxo Moreira (Mato Grosso) e Sebastião Junior H. Duarte (Mato Grosso do Sul)

Na retaguarda institucional, pelo COFEN, contava também com o apoio incondicional de Mirna Albuquerque Frota, Dorisdaia Carvalho de Humerez e de Neyson Freire, muito obrigada.

Como coordenadora geral, mencionar a equipe técnica da FIOCRUZ e antes de tudo, reconhecer a importância fundamental dos aportes teóricos, metodológicos e acima de tudo, o trabalho e compromisso que essa equipe desempenhou suas atividades, desde a concepção do projeto, trabalho de campo, conferência dos questionários, preparação para digitação, análise dos dados, produção científica até a finalização

deste importante e sólido Relatório de Pesquisa. Minha gratidão eterna aos colegas: Eliane de Oliveira, Monica Wermelinger, Monica Vieira, Maria Ruth dos Santos, Paulo Borges, Waldirlando Lemos, Everson Justino, Wagner Ferraz e Wilson Aguiar Filho.

A todos os Auxiliares, Técnicos e Enfermeiros do Brasil, razão deste estudo, nossos sinceros agradecimentos ao disponibilizarem seu tempo, sua energia respondendo ao questionário, permitindo assim traçar o **Perfil da Enfermagem no Brasil**.

**MARIA HELENA MACHADO**  
Pesquisadora Titular da ENSP/FIOCRUZ  
Coordenadora Geral da Pesquisa

## *Perfil da Enfermagem*

*Flávio Liffeman*

*Perfil não é um lugar  
nem uma situação definida  
Perfil é um retrato construído  
com matizes de amostras  
colhidas pela ciência da matemática  
e comprovação estatística  
Calcula, aponta, comprova  
Valor, honra e impaciência  
pela paciência, cuidado e dedicação  
É história em construção ponte para o crescimento estação para o  
conhecimento  
Perfil é característica que expõe realidades  
credita qualidade  
sistematiza deficiências  
desperta a busca, a razão  
O Brasil de 27 perfis  
revela o perfil real de uma profissão  
luta, cresce, padece  
chora, respira, fortalece  
e oficializa a engrenagem que move um povo, uma nação  
Revela o perfil: Enfermagem, Profissão Coragem!*



## DEDICATÓRIA

A dona Marli Rosa Lemos, Técnica de Enfermagem do Hospital Getúlio Vargas do Rio de Janeiro e mãe exemplar;

A Enfermeira Isabel Santos, profissional do mundo, que nos mostrou ao longo de sua trajetória, a importância da Enfermagem no Brasil;

A querida dona Elza Paim, como carinhosamente era chamada na ENSP, Enfermeira como poucas, nos guiou nos primeiros estudos sobre a formação e o mercado de trabalho da enfermagem, desvendando a realidade dessa categoria profissional;

A todos os Auxiliares, Técnicos e Enfermeiros do Brasil, razão deste estudo.



## PREFÁCIO

A Pesquisa Perfil da Enfermagem constituiu o mais amplo levantamento sobre uma profissão da Enfermagem já realizado na América Latina, apresentando um diagnóstico preciso e detalhado da situação dos enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem que, em seu conjunto, constitui a maior categoria profissional atuando no campo da saúde em nosso país, com quase dois milhões de profissionais, presente em todos os municípios e fortemente inseridos no SUS.

A pesquisa foi realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Recursos Humanos em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (NERHUS/ENSP/FIOCRUZ), por iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), com apoio da Organização Pan-Americana de Saúde e do Ministério da Saúde, além da Rede ObservaRH, bem como da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), da Federação Nacional de Enfermagem (FNE), da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde (CNTS), da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Seguridade Social (CNTSS) e da Associação Nacional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem (ANATEN).

Buscou conhecer, a partir dos resultados encontrados, quer para a equipe como um todo, quer para os enfermeiros e auxiliares / técnicos, a situação atual da enfermagem em todo o Brasil nos seus diversos aspectos: socioeconômico, formação profissional, acesso técnico-científico, mercado de trabalho, condições de trabalho e participação sociopolítica, o que permitiu, dessa forma, analisar e apontar tendências e perspectivas para este contingente de maior expressão quantitativa no âmbito do Sistema de Saúde. A abrangência da pesquisa permitiu traçar o Perfil da Enfermagem ouvindo profissionais em mais de 50% dos municípios brasileiros, ou seja, mais de 2.300, nas capitais e em todas as 27 unidades da Federação e nas 5 regiões do país. Portanto, tem-se hoje, a radiografia desta categoria por equipe e por categoria profissional – enfermeiros e auxiliares e técnicos, nas dimensões geográficas acima citadas, permitindo uma compreensão mais precisa e fidedigna das realidades locais e nacional.

Frutos desta investigação já podem ser vistos tais como subsídios para a elaboração de Projetos de Lei de interesse para a categoria, como o PLS 597/2015 - que trata da obrigatoriedade da existência de locais de descanso para os profissionais plantonistas, e do PL 2891/2015, que proíbe a graduação de enfermeiros e a formação à distância



de auxiliares e técnicos. Reforça e fundamenta ainda mais os antigos e importantes Projetos de Lei que tratam da jornada de trabalho e do piso salarial.

Da mesma forma, tal permitiu que o Sistema COFEN/CORENs discutisse e aprovasse documento: **Políticas Públicas para a Enfermagem**, com propostas de ações e políticas a serem implementadas. O referido documento objetiva estabelecer o diálogo com o Estado, com o Congresso Nacional e com a Sociedade Civil, sobre a inserção das ações da Enfermagem na Política Nacional de Saúde, em busca de um maior alinhamento e, sobretudo, da melhoria da assistência da saúde da população.

Dessa forma, nos sentimos gratificados em entregar esse Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, na certeza que a mesma se traduz em um marco histórico das profissões de saúde, quer no Brasil, quer na América Latina, constituindo referência para futuros estudos na área. Esperamos que esta grandiosa investigação contribua para o desvendamento da realidade da categoria, permitindo debates, críticas e acima de tudo formulação de políticas públicas, tanto no setor saúde quanto no da educação, no que se refere a aspectos da gestão, da regulação e da educação da enfermagem, tendo em vista a sua inserção no Sistema Único de Saúde.

**MANOEL CARLOS NERI DA SILVA**  
Presidente do COFEN

**MARIA HELENA MACHADO**  
Pesquisadora Titular da ENSP/FIOCRUZ  
Coordenadora Geral da Pesquisa

## *Aos Profissionais de Enfermagem*

Prezados,

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil traçou uma radiografia completa da profissão, ouviu mais de 35 mil profissionais de enfermagem que representam o conjunto dos profissionais do Brasil, trouxe dados muito importantes para o estabelecimento de políticas públicas. O estudo comprovou uma realidade dramática dos profissionais de enfermagem em todo território nacional. Hoje, a grande maioria está submetida a más condições de trabalho, ambientes onde não há local para descanso e alimentação. Muitos trabalham inseguros e são agredidos por usuários do sistema de saúde. Também são vítimas de assédio moral por parte de gestores tanto na área pública quanto privada. Além disso, sofrem com o excesso de jornada de trabalho e com os baixos salários. Esses foram os pontos que mais se destacaram dentro da pesquisa do Perfil da Enfermagem que merece um tratamento adequado, não só pelos Conselhos de Enfermagem, que já têm se posicionado e proposto diversas políticas públicas ao Ministério da Saúde, mas também um tratamento adequado por parte das autoridades brasileiras para que se consiga mudar esse quadro terrível pelo qual passa a enfermagem brasileira. Isso tanto na questão da formação como na área do exercício profissional. A enfermagem é uma profissão fundamental para qualquer política pública de saúde estabelecida no Brasil, representa mais de 50% dos trabalhadores na saúde e precisa ser cuidada de forma melhor e mais adequada por parte do governo brasileiro.

O COFEN tem dado um combate sem trégua ao ensino de má qualidade na área de enfermagem e tem assumido uma posição firme junto ao Ministério da Educação, e também junto ao Ministério da Saúde, com o objetivo de que os dois ministérios assumam posição contrária em relação à formação de enfermeiros e profissionais de nível médio a distância. Já temos inclusive alguns avanços. O mais recente foi participar de uma Comissão junto ao Inep e MEC para debater essa matéria. Acreditamos que brevemente deverá ser divulgada uma posição do Ministério da Educação a esse respeito.

Diante disto, tenham a certeza que enquanto estiver à frente desse mandato, que me foi honrado com a maioria dos votos da enfermagem pelos Conselheiros efetivos, lutarei incansavelmente pela busca de mecanismos que contribuam para acolher, fiscalizar e elevar a Enfermagem no Brasil.

**MANOEL CARLOS NERI DA SILVA**  
Presidente do COFEN



## APRESENTAÇÃO

Recorrentemente, denominamos de profissão, quando pessoas praticam uma ocupação em tempo integral; presente um forte apelo vocacional; possui estrutura organizativa na modelagem de uma corporação; estabelece um código de ética; desenvolve um saber específico; possui uma forte orientação para serviço e mantém um alto grau de autonomia no trabalho (MACHADO, 1999: 592)

De forma sucinta, pode-se dizer que duas características sociológicas básicas distinguem profissão de ocupação no mercado de trabalho. Primeiro, o caráter técnico da atividade, que pressupõe um corpo de conhecimento sistemático adquirido por meio de um treinamento sistematizado e standardizado. Segundo, a existência de normas e regras profissionais que orientam seu trabalho. Em outros termos, a atividade terá que reunir um conjunto de atos sistemáticos, contínuos, que obedecerão a uma lógica técnica científica. Sendo assim, qualquer profissão que pretenda exercer autoridade profissional terá de encontrar uma base técnica para fazê-lo, reivindicar que tanto os procedimentos técnicos como a jurisdição, estejam de acordo com padrões de treinamento, e convencer o público de que seus serviços são exclusivamente confiáveis. Torna-se estratégico que o público leigo sinta necessidade e confiança para buscar seus serviços especializados, tornando-se consumidores potenciais. No entanto, dizer técnico não é o mesmo que dizer científico, pois a base da reivindicação de sua competência exclusiva varia de acordo com características distintas das funções e formação de cada profissão, analisa Wilensky (1970) (MACHADO, 1999:592)

A profissão de enfermagem, como a medicina, faz parte das profissões essenciais a qualquer sistema de saúde que pressupõe atendimento de qualidade e alicerçada em um processo de trabalho moderno e tecnicamente aceitável em sociedades desenvolvidas. O que queremos dizer é que a enfermagem é uma profissão essencial, de utilidade pública, de valor social inquestionável (MACHADO, 1999:592)<sup>1</sup>.

É exatamente pela importância e essencialidade da Enfermagem que foi realizada essa investigação, construindo o **Perfil da Enfermagem no Brasil**, como já mencionado, anteriormente.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> MACHADO, M. H. A profissão de Enfermagem no século XXI. *R. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 52, n. 4, p. 589-95, out./dez.1999.

<sup>2</sup> A pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil é fruto de uma parceria (COFEN-FIOCRUZ), objeto do Convênio nº 02/2011 entre a FIOCRUZ e o COFEN. Posteriormente, por necessidade de prorrogação de prazo para finalização, foi assinado o Termo Aditivo ao Convênio nº 02/2011 em agosto de 2013.

O objetivo central foi traçar o Perfil da Equipe de Enfermagem no Brasil, enfatizando a situação atual da enfermagem e a sua dinâmica no recente contexto socioeconômico e político brasileiro. Buscou também desenhar os perfis profissionais dos enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, considerando as características socioeconômicas, de formação e desenvolvimento profissional, de inserção no mercado de trabalho e de sua participação sócio-política, bem como analisar a dinâmica atual do mercado de trabalho de enfermagem e, por fim, apontar e analisar tendências e perspectivas da enfermagem hoje no Brasil.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, recebendo o número: Protocolo de Pesquisa - CEP-ENSP - nº 09/10. CAAE - 0009.0.031.000, tendo como pesquisador responsável Maria Helena Machado.

O presente Relatório Final, ora apresentado, versa sobre os resultados globais da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, considerando os dados contidos no questionário específico.

Ele está composto por 28 volumes, sendo o Volume I - Brasil e, sequencialmente, tem-se os 27 volumes referentes as Unidades da Federação. O formato e estrutura dos Relatórios estaduais seguem a mesma modelagem do nacional, abaixo descrito.

O Relatório Final contém oito partes assim distribuídas. Na Parte I - Metodologia, encontra-se os aportes metodológicos que guiaram a investigação, bem como o plano amostral, comportamento da amostra e o tratamento estatístico dado.

Na Parte II - Perfil Sócio Econômico (Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem), estão descritos e analisados os dados referentes as três categorias profissionais, separadamente, mostrando a composição desta equipe quanto a sexo, idade, origem, concentração de profissionais (capital x interior), linhagem de enfermagem, entre outras questões.

Já na Parte III - Perfil da Formação Profissional dos Enfermeiros, refere-se as informações sobre a formação profissional dos Enfermeiros, mostrando as características principais no que tange à área da educação, seja ela no âmbito da Graduação como da Pós-Graduação *lato e stricto sensu*.

Da mesma forma, na Parte IV - Perfil da Formação Profissional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem estão os dados e informações do contingente de auxiliares e

técnicos de enfermagem no que tange sua formação profissional, bem como a Pós-Formação, adquirida ao longo de sua vida profissional.

Na Parte V - Perfil do Acesso à Informação Técnico-Científica (Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem), estão descritos e analisados os dados referentes as três categorias profissionais, separadamente, mostrando a dinâmica do acesso técnico-científico da Enfermagem.

Já na Parte VI - Perfil do Mercado de Trabalho (Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem), estão os dados e informações referentes as três categorias profissionais, separadamente, analisando a estrutura e dinâmica do mercado de trabalho da Enfermagem, seja no público, privado, filantrópico ou ensino, no que tange a vínculos empregatício, salário, jornada de trabalho, entre outras questões.

Na Parte VII - Perfil das Condições de Trabalho (Equipe de Enfermagem, Enfermeiros e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem), estão a análise dos dados referentes ao mundo do trabalho, atinentes as suas condições, mostrando a realidade da Enfermagem, quanto sua avaliação das condições objetivas de trabalho, bem como aspectos referentes à sua saúde enquanto trabalhador.

Na Parte VIII - Considerações Finais, são apresentados os Quadros-resumos contendo os principais achados estatísticos da pesquisa, seguido de breves considerações finais sobre o Perfil da Enfermagem no Brasil.

Espera-se que esta investigação, de âmbito nacional, regional e estadual, possa contribuir para a reflexão, análise e proposições de políticas públicas compatíveis à essa fundamental e essencial categoria profissional no âmbito do Sistema Único de Saúde.

Deposita-se aqui um legado técnico-científico construído a partir da realidade destes mais de 1 milhão e oitocentos mil profissionais da enfermagem e espera-se que o objetivo precípua que moveu o convênio de cooperação técnica entre COFEN e FIOCRUZ tenha sido plenamente alcançado.

À Enfermagem brasileira, nosso respeito, admiração e acima de tudo, nosso maior desejo, de que ela seja de fato reconhecida em todo o território nacional como aquela profissão que nos dá conforto, assistência e cuidados de saúde, quando dela precisamos.



## EQUIPE TÉCNICA DE ELABORAÇÃO

**Maria Helena Machado**, socióloga, Doutora em Sociologia, pesquisadora titular da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Coordenadora do NERHUS da ENSP/FIOCRUZ e Coordenação geral da pesquisa. E-mail: machado@ensp.fiocruz.br

**Eliane Santos de Oliveira**, nutricionista, Mestre em Saúde Pública, pesquisadora colaboradora do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ. Coordenação adjunta da pesquisa.

**Paulo Roberto Borges Souza Júnior** - Graduado em Estatística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/FIOCRUZ).

**Waldirlando Rosa Lemos**, tecnólogo em Recursos Humanos, Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde, pesquisador colaborador do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

**Monica W. Wermelinger**, bióloga, Doutora em Saúde Pública, pesquisadora da ENSP e do NERHUS da ENSP/FIOCRUZ.

**Monica Vieira**, socióloga, Doutora em Saúde Coletiva, pesquisadora da EPSJV/FIOCRUZ.

**Maria Ruth dos Santos**, farmacêutica, Doutora em Saúde, pesquisadora colaboradora do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

**Wilson Aguiar Filho**, enfermeiro, Mestre em Saúde Pública (Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde), pesquisador colaborador do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

**Wagner Ferraz de Lacerda**, pedagogo, Especialista em Gestão da Saúde, auxiliar de pesquisa da ENSP e do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.

**Everson Justino Pereira**, analista de sistemas, Especialista em Gestão Estratégica da Tecnologia da Informação, pesquisador colaborador do NERHUS/ENSP/FIOCRUZ.





## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1.1** - Equipe de Enfermagem segundo categoria profissional – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 1.2** - Equipe de Enfermagem segundo sexo - Brasil

**Tabela 1.3** - Equipe de Enfermagem segundo faixa etária- Brasil

**Tabela 1.4** - Equipe de Enfermagem segundo nacionalidade - Brasil

**Tabela 1.4.1** - Equipe de Enfermagem segundo país de origem - Brasil

**Tabela 1.5** - Equipe de Enfermagem segundo naturalidade – Brasil

**Tabela 1.6** - Equipe de Enfermagem segundo estado civil - Brasil

**Tabela 1.7** - Equipe de Enfermagem segundo local de residência - Brasil

**Tabela 1.7.1** - Equipe de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) - Brasil

**Tabela 1.8** - Equipe de Enfermagem segundo cor ou raça - Brasil

**Tabela 1.9** - Equipe de Enfermagem segundo escolaridade do pai - Brasil

**Tabela 1.10** - Equipe de Enfermagem segundo escolaridade da mãe - Brasil

**Tabela 1.11** - Equipe de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil

**Tabela 1.12** - Equipe de Enfermagem segundo existência de profissionais da saúde na família - Brasil

**Tabela 1.12.1** - Equipe de Enfermagem com existência de profissionais da saúde na família segundo profissão do parente - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 1.1a** - Enfermeiros segundo categoria profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 1.2a** - Enfermeiros segundo sexo - Brasil

**Tabela 1.3a** - Enfermeiros segundo faixa etária - Brasil

**Tabela 1.4a** - Enfermeiros segundo nacionalidade - Brasil

**Tabela 1.4.1a** - Enfermeiros segundo país de origem - Brasil

**Tabela 1.5a** - Enfermeiros segundo naturalidade - Brasil

**Tabela 1.6a** - Enfermeiros segundo estado civil - Brasil

**Tabela 1.7a** - Enfermeiros segundo local de residência - Brasil

**Tabela 1.7.1a** - Enfermeiros segundo local de residência (capital x interior) - Brasil

**Tabela 1.8a** - Enfermeiros segundo cor ou raça - Brasil

**Tabela 1.9a** - Enfermeiros segundo escolaridade do pai - Brasil

**Tabela 1.10a** - Enfermeiros segundo escolaridade da mãe - Brasil

**Tabela 1.11a** - Enfermeiros segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil

**Tabela 1.12a** - Enfermeiros segundo existência de profissionais da saúde na família - Brasil

**Tabela 1.12.1a** - Enfermeiros com existência de profissionais da saúde na família segundo profissão do parente - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 1.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo categoria profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 1.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sexo - Brasil

**Tabela 1.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo faixa etária - Brasil

**Tabela 1.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nacionalidade – Brasil

**Tabela 1.4.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo país de origem - Brasil

**Tabela 1.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo naturalidade - Brasil

**Tabela 1.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo estado civil - Brasil

**Tabela 1.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de residência - Brasil

**Tabela 1.7.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) - Brasil

**Tabela 1.8b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo cor ou raça - Brasil

**Tabela 1.9b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo escolaridade do pai - Brasil

**Tabela 1.10b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo escolaridade da mãe - Brasil

**Tabela 1.11b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil

**Tabela 1.12b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de profissionais da saúde na família - Brasil

**Tabela 1.12.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com existência de profissionais da saúde na família segundo profissão do parente - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 2.1a** - Enfermeiros segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 2.1.1a** - Enfermeiros segundo tempo de formado - Brasil

**Tabela 2.1.2a** - Enfermeiros segundo estado de graduação – Brasil

**Tabela 2.1.3a** - Relação entre o número de enfermeiros que declararam ter se formado em cada estado, distribuição populacional no país (IBGE) e dados sobre concluintes de Cursos de Enfermagem (INEP)

**Tabela 2.1.4a**- Enfermeiros segundo modalidade do curso de graduação - Brasil

**Tabela 2.1.5a**- Enfermeiros segundo realização de curso no exterior - Brasil

**Tabela 2.2a** - Enfermeiros segundo realização de outro curso superior - Brasil

**Tabela 2.2.1a** - Enfermeiros que realizaram outro curso superior segundo a área - Brasil

**Tabela 2.3a**- Enfermeiros segundo realização de curso de Tecnólogo - Brasil

**Tabela 2.4a** - Enfermeiros segundo realização de curso de Técnico ou de Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil

**Tabela 2.4.1a** - Enfermeiros segundo exercício da função de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil

**Tabela 2.5a**- Enfermeiros segundo trabalho antes da Graduação - Brasil

**Tabela 2.6a** - Enfermeiros segundo realização da Complementação da Graduação - Brasil

**Tabela 2.6.1a**- Enfermeiros que realizaram Complementação da Graduação segundo natureza da instituição formadora - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 2.6.2a** - Enfermeiros que realizaram a Complementação da Graduação segundo tempo de conclusão - Brasil

**Tabela 2.7a** - Enfermeiros segundo realização de Pós-Graduação - Brasil

**Tabela 2.7.1a** - Enfermeiros que realizaram Pós-Graduação segundo modalidade - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 2.7.1.1a** - Enfermeiros que realizaram Residência segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 2.7.1.2a** - Enfermeiros que realizaram Residência segundo tempo de conclusão- Brasil

**Tabela 2.7.2.1a** - Enfermeiros que realizaram Especialização segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 2.7.2.2a** - Enfermeiros que realizaram Especialização segundo tempo de conclusão – Brasil

**Tabela 2.7.3.1a** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Profissional segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 2.7.3.2a** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Profissional segundo tempo de conclusão - Brasil

**Tabela 2.7.4.1a** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Acadêmico segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 2.7.4.2a** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Acadêmico segundo tempo de conclusão- Brasil

**Tabela 2.7.5.1a** - Enfermeiros que realizaram Doutorado segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 2.7.5.2a** - Enfermeiros que realizaram Doutorado segundo tempo de conclusão - Brasil

**Tabela 2.7.6.1a** - Enfermeiros que realizaram Pós-Doutorado segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 2.7.6.2a** - Enfermeiros que realizaram Pós-Doutorado segundo tempo de conclusão - Brasil

**Tabela 2.8a** - Enfermeiros segundo título de Especialista - Brasil

**Tabela 2.8.1a** - Enfermeiros com título de Especialista segundo tempo de concessão - Brasil

**Tabela 3.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nível de escolaridade - Brasil

**Tabela 3.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Tabela 3.2.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tempo de formado - Brasil

**Tabela 3.2.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo estado que se formaram - Brasil

**Tabela 3.2.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade do curso de formação - Brasil

**Tabela 3.2.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso no exterior - Brasil

**Tabela 3.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de Capacitação Profissional - Brasil

**Tabela 3.3.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com Capacitação Profissional segundo modalidade - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 3.3.1.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram Atualização segundo tempo de conclusão - Brasil

**Tabela 3.3.1.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram Aperfeiçoamento segundo tempo de conclusão - Brasil

**Tabela 3.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de Tecnólogo - Brasil

**Tabela 3.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso superior - Brasil

**Tabela 3.5.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram curso superior segundo a área - Brasil

**Tabela 3.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo pretensão de continuar os estudos - Brasil

**Tabela 3.6.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com pretensão de continuar os estudos segundo a área - Brasil

**Tabela 3.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo conhecimento da ETSUS - Brasil

**Tabela 3.7.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo participação como aluno na ETSUS - Brasil

**Tabela 3.7.1.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com participação na ETSUS segundo modalidade - Brasil

**Tabela 3.8b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de formação pelo PROFAE - Brasil

**Tabela 3.8.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com formação pelo PROFAE segundo modalidade - Brasil

**Tabela 4.1** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.2** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de leitura - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.3** - Equipe de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

**Tabela 4.4** - Equipe de Enfermagem segundo frequência de acesso à internet - Brasil

**Tabela 4.5** - Equipe de Enfermagem segundo local de acesso à internet - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.6** - Equipe de Enfermagem segundo sites mais acessados - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.7** - Equipe de Enfermagem segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 4.7.1** - Equipe de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.8** - Equipe de Enfermagem segundo desejo de fazer qualificação profissional

**Tabela 4.8.1** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.1a** - Enfermeiros segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.2a** - Enfermeiros segundo tipo de leitura - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.3a** - Enfermeiros segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

**Tabela 4.4a** - Enfermeiros segundo frequência de acesso à internet - Brasil

**Tabela 4.5a** - Enfermeiros segundo local de acesso à internet - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.6a** - Enfermeiros segundo sites mais acessados - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.7a** - Enfermeiros segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 4.7.1a** - Enfermeiros segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.8a** - Enfermeiros segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

**Tabela 4.8.1a** - Enfermeiros segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de leitura - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

**Tabela 4.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência de acesso à internet - Brasil

**Tabela 4.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de acesso à internet - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sites mais acessados - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 4.7.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 4.8b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

**Tabela 4.8.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.1** - Equipe de Enfermagem segundo situação profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.2** - Equipe de Enfermagem segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.3** - Equipe de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 5.3.1** - Equipe de Enfermagem segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil

**Tabela 5.3.2** - Equipe de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.4** - Equipe de Enfermagem segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil

**Tabela 5.4.1** - Equipe de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.5** - Equipe de Enfermagem segundo número de atividades na enfermagem - Brasil

**Tabela 5.6** - Equipe de Enfermagem segundo atuação em outro município - Brasil

**Tabela 5.7** - Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

**Tabela 5.8** - Equipe de Enfermagem segundo natureza da instituição - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9** - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.1** - Equipe de Enfermagem segundo esfera administrativa no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.2** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.3** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.4** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.5** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.6** - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.7** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

**Tabela 5.10** - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.1** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.2** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)



**Tabela 5.10.3** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.4** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.5** - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.6** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

**Tabela 5.11** - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.1** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.2** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.3** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.4** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.5** - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.6** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.12** - Equipe de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.1** - Equipe de Enfermagem segundo natureza da instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.2** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil

**Tabela 5.12.3** - Equipe de Enfermagem segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.4** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.5** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil

**Tabela 5.12.6** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.7** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.8** - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.9** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.13** - Equipe de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Tabela 5.13.1** - Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Tabela 5.14** - Equipe de Enfermagem segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.15** - Equipe de Enfermagem segundo salário ideal - Brasil

**Tabela 5.16** - Equipe de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.17** - Equipe de Enfermagem segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil

**Tabela 5.17.1** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.18** - Equipe de Enfermagem segundo atividades mais frequentes que exerce - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.19** - Equipe de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil

**Tabela 5.20** - Equipe de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil

**Tabela 5.20.1** - Equipe de Enfermagem segundo área que trabalhou no exterior - Brasil

**Tabela 5.20.2** - Equipe de Enfermagem segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil

**Tabela 5.1a** - Enfermeiros segundo situação profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.2a** - Enfermeiros segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.3a** - Enfermeiros segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 5.3.1a** - Enfermeiros segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil

**Tabela 5.3.2a** - Enfermeiros segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.4a** - Enfermeiros segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil

**Tabela 5.4.1a** - Enfermeiros segundo motivos da mudança de emprego - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.5a** - Enfermeiros segundo número de atividades na enfermagem - Brasil

**Tabela 5.6a** - Enfermeiros segundo atuação em outro município - Brasil

**Tabela 5.7a** - Enfermeiros segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

**Tabela 5.8a** - Enfermeiros segundo natureza da instituição - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9a** - Enfermeiros segundo atuação no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.1a** - Enfermeiros segundo esfera administrativa que atua no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.2a** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.3a** - Enfermeiros segundo modalidade da instituição que atua no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.4a** - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor público - Brasil. (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.5a** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.6a** - Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.7a** - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

**Tabela 5.10a** - Enfermeiros segundo atuação no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.1a** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.2a** - Enfermeiros segundo modalidade da instituição que atua no setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.3a** - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.4a** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.5a** - Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.6a** - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

**Tabela 5.11a** - Enfermeiros segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.1a** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.2a** - Enfermeiros segundo modalidade da instituição de atuação no setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.3a** - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.4a** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.5a** - Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.6a** - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor filantrópico – Brasil

**Tabela 5.12a** - Enfermeiros segundo atuação em instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.1a** - Enfermeiros segundo natureza da instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.2a** - Enfermeiros segundo tipo de curso que atua - Brasil

**Tabela 5.12.3a** - Enfermeiros segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.4a** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.5a** - Enfermeiros segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil

**Tabela 5.12.6a** - Enfermeiros segundo regime de trabalho na instituição de ensino - (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.7a** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.8a** - Enfermeiros segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.9a** - Enfermeiros segundo rendimento mensal na instituição de ensino – Brasil

**Tabela 5.13a** - Enfermeiros segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Tabela 5.13.1a** - Enfermeiros segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Tabela 5.14a** - Enfermeiros segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.15a** - Enfermeiros segundo salário ideal - Brasil

**Tabela 5.16a** - Enfermeiros segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.17a** - Enfermeiros segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil

**Tabela 5.17.1a** - Enfermeiros segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.18a** - Enfermeiros segundo atividades mais frequentes que exerce - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.19a** - Enfermeiros segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil

**Tabela 5.20a** - Enfermeiros segundo trabalho no exterior - Brasil

**Tabela 5.20.1a** - Enfermeiros segundo área que trabalhou no exterior - Brasil

**Tabela 5.20.2a** - Enfermeiros segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil

**Tabela 5.1b** – Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo situação profissional - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 5.3.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil

**Tabela 5.3.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil

**Tabela 5.4.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo número de atividades na enfermagem - Brasil

**Tabela 5.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outro município - Brasil

**Tabela 5.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

**Tabela 5.8b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo esfera administrativa no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.9.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor público - Brasil

**Tabela 5.9.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

**Tabela 5.10b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor privado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.10.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

**Tabela 5.10.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

**Tabela 5.11b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.11.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.11.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil

**Tabela 5.12b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil

**Tabela 5.12.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil

**Tabela 5.12.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.12.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.8b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.12.9b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil

**Tabela 5.13b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Tabela 5.13.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Tabela 5.14b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.15b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo salário ideal - Brasil

**Tabela 5.16b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil

**Tabela 5.17b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil

**Tabela 5.17.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.18b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atividades mais frequentes que exerce - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 5.19b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil

**Tabela 5.20b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil

**Tabela 5.20.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo área que trabalhou no exterior - Brasil

**Tabela 5.20.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil

**Tabela 6.1** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil

**Tabela 6.1.2** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil

**Tabela 6.1.3** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

**Tabela 6.1.4** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

**Tabela 6.1.5** - Equipe de Enfermagem segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.6** - Equipe de Enfermagem segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

**Tabela 6.1.7** - Equipe de Enfermagem segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

**Tabela 6.1.8** - Equipe de Enfermagem segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

**Tabela 6.1.9** - Equipe de Enfermagem segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.10** - Equipe de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.11** - Equipe de Enfermagem segundo assistência na instituição quando adoecer - Brasil

**Tabela 6.1.12** - Equipe de Enfermagem segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.13** - Equipe de Enfermagem segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.13.1** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.1.14** - Equipe de Enfermagem segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.14.1** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.2** - Equipe de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)



**Tabela 6.3** - Equipe de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil

**Tabela 6.4** - Equipe de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.5**- Equipe de Enfermagem segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.6**- Equipe de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.7**- Equipe de Enfermagem segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 6.8** - Equipe de Enfermagem segundo prática regular de esporte - Brasil

**Tabela 6.8.1**- Equipe de Enfermagem segundo tipo de esporte praticado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.9** - Equipe de Enfermagem segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

**Tabela 6.9.1**- Equipe de Enfermagem segundo frequência das férias - Brasil

**Tabela 6.9.2**- Equipe de Enfermagem segundo local das férias - Brasil

**Tabela 6.1a** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil

**Tabela 6.1.2a** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil

**Tabela 6.1.3a** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

**Tabela 6.1.4a** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

**Tabela 6.1.5a** - Enfermeiros segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.6a** - Enfermeiros segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

**Tabela 6.1.7a** - Enfermeiros segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

**Tabela 6.1.8a** - Enfermeiros segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

**Tabela 6.1.9a** - Enfermeiros segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.10a** - Enfermeiros segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.11a** - Enfermeiros segundo assistência na instituição quando adoece - Brasil

**Tabela 6.1.12a** - Enfermeiros segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.13a** - Enfermeiros segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.13.1a**- Enfermeiros segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.1.14a** - Enfermeiros segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.14.1a** - Enfermeiros segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.2a**- Enfermeiros segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.3a** - Enfermeiros segundo desgaste profissional - Brasil

**Tabela 6.4a** - Enfermeiros segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.5a** - Enfermeiros segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.6a** - Enfermeiros segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.7a** - Enfermeiros segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 6.8a** - Enfermeiros segundo prática regular de esporte - Brasil

**Tabela 6.8.1a** - Enfermeiros segundo tipo de esporte praticado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.9a** - Enfermeiros segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

**Tabela 6.9.1a** - Enfermeiros segundo frequência das férias - Brasil

**Tabela 6.9.2a** - Enfermeiros segundo local das férias - Brasil

**Tabela 6.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil

**Tabela 6.1.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil

**Tabela 6.1.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

**Tabela 6.1.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

**Tabela 6.1.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

**Tabela 6.1.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

**Tabela 6.1.8b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

**Tabela 6.1.9b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.10b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.11b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo assistência na instituição quando adoecer - Brasil

**Tabela 6.1.12b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.13b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.13.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.1.14b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

**Tabela 6.1.14.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.3b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil

**Tabela 6.4b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.5b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.6b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.7b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

**Tabela 6.8b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo prática regular de esporte - Brasil

**Tabela 6.8.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de esporte praticado - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

**Tabela 6.9b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

**Tabela 6.9.1b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência das férias - Brasil

**Tabela 6.9.2b** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local das férias - Brasil



## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1.1** - Equipe de Enfermagem segundo categoria profissional - Brasil
- Gráfico 1.2** - Equipe de Enfermagem segundo sexo - Brasil
- Gráfico 1.3** - Equipe de Enfermagem segundo faixa etária - Brasil
- Gráfico 1.4** - Equipe de Enfermagem segundo nacionalidade - Brasil
- Gráfico 1.5** - Equipe de Enfermagem segundo naturalidade - Brasil
- Gráfico 1.6** - Equipe de Enfermagem segundo estado civil - Brasil
- Gráfico 1.7** - Equipe de Enfermagem segundo local de residência - Brasil
- Gráfico 1.8** - Equipe de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) - Brasil
- Gráfico 1.9** - Equipe de Enfermagem segundo cor ou raça - Brasil
- Gráfico 1.10** - Equipe de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil
- Gráfico 1.11** - Equipe de Enfermagem segundo existência de profissionais da saúde na família - Brasil
- Gráfico 1.12** - Enfermeiros segundo categoria profissional - Brasil
- Gráfico 1.13** - Enfermeiros segundo sexo - Brasil
- Gráfico 1.14** - Enfermeiros segundo faixa etária - Brasil
- Gráfico 1.15** - Enfermeiros segundo nacionalidade - Brasil
- Gráfico 1.16** - Enfermeiros segundo naturalidade - Brasil
- Gráfico 1.17** - Enfermeiros segundo estado civil - Brasil
- Gráfico 1.18** - Enfermeiros segundo local de residência - Brasil
- Gráfico 1.19** - Enfermeiros segundo local de residência (capital x interior) - Brasil
- Gráfico 1.20** - Enfermeiros segundo cor ou raça - Brasil
- Gráfico 1.21** - Enfermeiros segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil
- Gráfico 1.22** - Enfermeiros segundo existência de profissionais da saúde na família - Brasil
- Gráfico 1.23** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo categoria profissional - Brasil
- Gráfico 1.24** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sexo - Brasil

- Gráfico 1.25** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo faixa etária - Brasil
- Gráfico 1.26** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nacionalidade - Brasil
- Gráfico 1.27** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo naturalidade - Brasil
- Gráfico 1.28** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo estado civil - Brasil
- Gráfico 1.29** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de residência - Brasil
- Gráfico 1.30** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) - Brasil
- Gráfico 1.31** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo cor ou raça - Brasil
- Gráfico 1.32** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil
- Gráfico 1.33** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de profissionais da saúde na família - Brasil
- Gráfico 2.1** - Enfermeiros segundo natureza da instituição formadora - Brasil
- Gráfico 2.2** - Enfermeiros segundo tempo de formado - Brasil
- Gráfico 2.3** - Enfermeiros segundo região de Graduação - Brasil
- Gráfico 2.4** - Enfermeiros segundo modalidade do curso de Graduação - Brasil
- Gráfico 2.5** - Enfermeiros segundo realização de curso no exterior - Brasil
- Gráfico 2.6** - Enfermeiros segundo realização de outro curso superior - Brasil
- Gráfico 2.7** - Enfermeiros segundo realização de curso de Tecnólogo - Brasil
- Gráfico 2.8** - Enfermeiros segundo realização de curso de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil
- Gráfico 2.9** - Enfermeiros segundo exercício da função de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil
- Gráfico 2.10** - Enfermeiros segundo trabalho antes da Graduação - Brasil
- Gráfico 2.11** - Enfermeiros segundo realização da Complementação da Graduação - Brasil
- Gráfico 2.12** - Enfermeiros segundo realização de Pós-Graduação - Brasil
- Gráfico 2.13** - Enfermeiros que realizaram Pós-Graduação segundo modalidade - Brasil
- Gráfico 2.14** - Enfermeiros que realizaram Residência segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Gráfico 2.15** - Enfermeiros que realizaram Residência segundo tempo de conclusão - Brasil

**Gráfico 2.16** - Enfermeiros que realizaram Especialização segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Gráfico 2.17** - Enfermeiros que realizaram Especialização segundo tempo de conclusão - Brasil

**Gráfico 2.18** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Profissional segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Gráfico 2.19** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Profissional segundo tempo de conclusão - Brasil

**Gráfico 2.20** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Acadêmico segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Gráfico 2.21** - Enfermeiros que realizaram Mestrado Acadêmico segundo tempo de conclusão - Brasil

**Gráfico 2.22** - Enfermeiros que realizaram Doutorado segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Gráfico 2.23** - Enfermeiros que realizaram Doutorado segundo tempo de conclusão - Brasil

**Gráfico 2.24** - Enfermeiros que realizaram Pós-Doutorado segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Gráfico 2.25** - Enfermeiros que realizaram Pós-Doutorado segundo tempo de conclusão - Brasil

**Gráfico 2.26** - Enfermeiros segundo título de Especialista - Brasil

**Gráfico 2.27** - Enfermeiros com título de Especialista segundo tempo de concessão - Brasil

**Gráfico 3.1** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nível de escolaridade - Brasil

**Gráfico 3.2** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição formadora - Brasil

**Gráfico 3.3** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tempo de formado - Brasil

**Gráfico 3.4** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo Região que se formaram - Brasil

**Gráfico 3.5** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade do curso de formação - Brasil

**Gráfico 3.6** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso no exterior - Brasil

**Gráfico 3.7** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de Capacitação Profissional - Brasil

**Gráfico 3.8** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com Capacitação Profissional segundo modalidade - Brasil

**Gráfico 3.9** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram Atualização segundo tempo de conclusão - Brasil



**Gráfico 3.10** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram Aperfeiçoamento segundo tempo de conclusão - Brasil

**Gráfico 3.11** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de Tecnólogo - Brasil

**Gráfico 3.12** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso superior - Brasil

**Gráfico 3.13** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo pretensão de continuar os estudos - Brasil

**Gráfico 3.14** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo conhecimento da ETSUS - Brasil

**Gráfico 3.15** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo participação como aluno na ETSUS - Brasil

**Gráfico 3.16** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com participação na ETSUS segundo modalidade - Brasil

**Gráfico 3.17** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de formação pelo PROFAE - Brasil

**Gráfico 3.18** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com formação pelo PROFAE segundo modalidade - Brasil

**Gráfico 4.1** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil

**Gráfico 4.2** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de leitura - Brasil

**Gráfico 4.3** - Equipe de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

**Gráfico 4.4** - Equipe de Enfermagem segundo frequência de acesso à internet - Brasil

**Gráfico 4.5** - Equipe de Enfermagem segundo local de acesso à internet - Brasil

**Gráfico 4.6** - Equipe de Enfermagem segundo sites mais acessados - Brasil

**Gráfico 4.7** - Equipe de Enfermagem segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

**Gráfico 4.8** - Equipe de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil

**Gráfico 4.9** - Equipe de Enfermagem segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

**Gráfico 4.10** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil

**Gráfico 4.11** - Enfermeiros segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil

**Gráfico 4.12** - Enfermeiros segundo tipo de leitura - Brasil

**Gráfico 4.13** - Enfermeiros segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

**Gráfico 4.14** - Enfermeiros segundo frequência de acesso à internet - Brasil

**Gráfico 4.15** - Enfermeiros segundo local de acesso à internet - Brasil

**Gráfico 4.16** - Enfermeiros segundo sites mais acessados - Brasil

**Gráfico 4.17** - Enfermeiros segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

**Gráfico 4.18** - Enfermeiros segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil

**Gráfico 4.19** - Enfermeiros segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

**Gráfico 4.20** - Enfermeiros segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil

**Gráfico 4.21** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil

**Gráfico 4.22** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de leitura - Brasil

**Gráfico 4.23** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

**Gráfico 4.24** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência de acesso à internet - Brasil

**Gráfico 4.25** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de acesso à internet - Brasil

**Gráfico 4.26** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sites mais acessados - Brasil

**Gráfico 4.27** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

**Gráfico 4.28** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil

**Gráfico 4.29** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

**Gráfico 4.30** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil

**Gráfico 5.1** - Equipe de Enfermagem segundo situação profissional - Brasil

**Gráfico 5.2** - Equipe de Enfermagem segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

**Gráfico 5.3** - Equipe de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil

**Gráfico 5.4** - Equipe de Enfermagem segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil

**Gráfico 5.5** - Equipe de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil

**Gráfico 5.6** - Equipe de Enfermagem segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil

**Gráfico 5.7** - Equipe de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego - Brasil

**Gráfico 5.8** - Equipe de Enfermagem segundo atuação em outro município - Brasil

**Gráfico 5.9** - Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

**Gráfico 5.10** - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor público - Brasil

**Gráfico 5.11** - Equipe de Enfermagem segundo esfera administrativa no setor público - Brasil

**Gráfico 5.12** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil

**Gráfico 5.13** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público - Brasil

**Gráfico 5.14** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

**Gráfico 5.15** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

**Gráfico 5.16** - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.17** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil

**Gráfico 5.18** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.19** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.20** - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.21** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.22** - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.23** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.24** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.25** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.26** - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.27** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico – Brasil

**Gráfico 5.28** - Equipe de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.29** - Equipe de Enfermagem segundo natureza da instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.30** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil

- Gráfico 5.31** - Equipe de Enfermagem segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.32** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.33** - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil
- Gráfico 5.34** - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.35** - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.36** - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.37** - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino – Brasil
- Gráfico 5.38** - Equipe de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil
- Gráfico 5.39** - Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil
- Gráfico 5.40** - Equipe de Enfermagem segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil
- Gráfico 5.41** - Equipe de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil
- Gráfico 5.42** - Equipe de Enfermagem segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil
- Gráfico 5.43** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil
- Gráfico 5.44** - Equipe de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil
- Gráfico 5.45** - Equipe de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil
- Gráfico 5.46** - Equipe de Enfermagem segundo área que trabalhou no exterior - Brasil
- Gráfico 5.47** - Equipe de Enfermagem segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil
- Gráfico 5.48** - Enfermeiros segundo situação profissional - Brasil
- Gráfico 5.49** - Enfermeiros segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil
- Gráfico 5.50** - Enfermeiros segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil
- Gráfico 5.51** - Enfermeiros segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil
- Gráfico 5.52** - Enfermeiros segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil
- Gráfico 5.53** - Enfermeiros segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil

- Gráfico 5.54** - Enfermeiros segundo motivos da mudança de emprego - Brasil
- Gráfico 5.55** - Enfermeiros segundo atuação em outro município - Brasil
- Gráfico 5.56** - Enfermeiros segundo horas semanais trabalhadas - Brasil
- Gráfico 5.57** - Enfermeiros segundo atuação no setor público - Brasil
- Gráfico 5.58** - Enfermeiros segundo esfera administrativa que atua no setor público - Brasil
- Gráfico 5.59** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil.
- Gráfico 5.60** - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor público - Brasil
- Gráfico 5.61** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil
- Gráfico 5.62** - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor público - Brasil
- Gráfico 5.63** - Enfermeiros segundo atuação no setor privado - Brasil
- Gráfico 5.64** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil
- Gráfico 5.65** - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor privado - Brasil
- Gráfico 5.66** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil
- Gráfico 5.67** - Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil
- Gráfico 5.68** - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil
- Gráfico 5.69** - Enfermeiros segundo atuação no setor filantrópico - Brasil
- Gráfico 5.70** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil
- Gráfico 5.71** - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil
- Gráfico 5.72** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil
- Gráfico 5.73** - Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil
- Gráfico 5.74** - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil
- Gráfico 5.75** - Enfermeiros segundo atuação em instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.76** - Enfermeiros segundo natureza da instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.77** - Enfermeiros segundo tipo de curso que atua - Brasil
- Gráfico 5.78** - Enfermeiros segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.79** - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil

- Gráfico 5.80** - Enfermeiros segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil
- Gráfico 5.81** - Enfermeiros segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.82** - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.83** - Enfermeiros segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.84** - Enfermeiros segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil
- Gráfico 5.85** - Enfermeiros segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil
- Gráfico 5.86** - Enfermeiros segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil
- Gráfico 5.87** - Enfermeiros segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil
- Gráfico 5.88** - Enfermeiros segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil
- Gráfico 5.89** - Enfermeiros segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil
- Gráfico 5.90** - Enfermeiros segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil
- Gráfico 5.91** - Enfermeiros segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil
- Gráfico 5.92** - Enfermeiros segundo trabalho no exterior - Brasil
- Gráfico 5.93** - Enfermeiros segundo área que trabalhou no exterior - Brasil
- Gráfico 5.94** - Enfermeiros segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil
- Gráfico 5.95** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo situação profissional - Brasil
- Gráfico 5.96** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil
- Gráfico 5.97** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil
- Gráfico 5.98** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil
- Gráfico 5.99** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil
- Gráfico 5.100** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil
- Gráfico 5.101** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego - Brasil

**Gráfico 5.102** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outro município - Brasil

**Gráfico 5.103** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

**Gráfico 5.104** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor público - Brasil

**Gráfico 5.105** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo esfera administrativa no setor público - Brasil

**Gráfico 5.106** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil

**Gráfico 5.107** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público - Brasil.

**Gráfico 5.108** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

**Gráfico 5.109** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

**Gráfico 5.110** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.111** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil

**Gráfico 5.112** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.113** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.114** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.115** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

**Gráfico 5.116** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.117** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.118** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.119** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.120** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.121** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil

**Gráfico 5.122** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.123** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.124** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil

**Gráfico 5.125** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.126** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.127** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil

**Gráfico 5.128** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.129** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.130** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.131** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil

**Gráfico 5.132** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Gráfico 5.133** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

**Gráfico 5.134** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil

**Gráfico 5.135** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil

**Gráfico 5.136** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil

**Gráfico 5.137** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil

**Gráfico 5.138** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil



**Gráfico 5.139** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil

**Gráfico 5.140** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo área que trabalhou no exterior - Brasil

**Gráfico 5.141** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil

**Gráfico 6.1** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil

**Gráfico 6.2** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil

**Gráfico 6.3** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

**Gráfico 6.4** - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

**Gráfico 6.5** - Equipe de Enfermagem segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil

**Gráfico 6.6** - Equipe de Enfermagem segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

**Gráfico 6.7** - Equipe de Enfermagem segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

**Gráfico 6.8** - Equipe de Enfermagem segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

**Gráfico 6.9** - Equipe de Enfermagem segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

**Gráfico 6.10** - Equipe de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

**Gráfico 6.11** - Equipe de Enfermagem segundo assistência na instituição quando adoece - Brasil

**Gráfico 6.12** - Equipe de Enfermagem segundo satisfação da população/famíliares/pacientes com seu trabalho - Brasil

**Gráfico 6.13** - Equipe de Enfermagem segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.14** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.15** - Equipe de Enfermagem segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.16** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.17** - Equipe de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil

**Gráfico 6.18** - Equipe de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil

**Gráfico 6.19** - Equipe de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil

**Gráfico 6.20** - Equipe de Enfermagem segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil

**Gráfico 6.21** - Equipe de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil

**Gráfico 6.22** - Equipe de Enfermagem segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

**Gráfico 6.23** - Equipe de Enfermagem segundo prática regular de esporte - Brasil

**Gráfico 6.24** - Equipe de Enfermagem segundo tipo de esporte praticado - Brasil

**Gráfico 6.25** - Equipe de Enfermagem segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

**Gráfico 6.26** - Equipe de Enfermagem segundo frequência das férias - Brasil

**Gráfico 6.27** - Equipe de Enfermagem segundo local das férias - Brasil

**Gráfico 6.28** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil

**Gráfico 6.29** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil

**Gráfico 6.30** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

**Gráfico 6.31** - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

**Gráfico 6.32** - Enfermeiros segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil

**Gráfico 6.33** - Enfermeiros segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

**Gráfico 6.34** - Enfermeiros segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

**Gráfico 6.35** - Enfermeiros segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

**Gráfico 6.36** - Enfermeiros segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

**Gráfico 6.37** - Enfermeiros segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

**Gráfico 6.38** - Enfermeiros segundo assistência na instituição quando adoece - Brasil

**Gráfico 6.39** - Enfermeiros segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho - Brasil

- Gráfico 6.40** - Enfermeiros segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil
- Gráfico 6.41** - Enfermeiros segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil
- Gráfico 6.42** - Enfermeiros segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil
- Gráfico 6.43** - Enfermeiros segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil
- Gráfico 6.44** - Enfermeiros segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil
- Gráfico 6.45** - Enfermeiros segundo desgaste profissional - Brasil
- Gráfico 6.46** - Enfermeiros segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil
- Gráfico 6.47** - Enfermeiros segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil
- Gráfico 6.48** - Enfermeiros segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil
- Gráfico 6.49** - Enfermeiros segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil
- Gráfico 6.50** - Enfermeiros segundo prática regular de esporte - Brasil
- Gráfico 6.51** - Enfermeiros segundo tipo de esporte praticado - Brasil
- Gráfico 5.52** - Enfermeiros segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil
- Gráfico 6.53** - Enfermeiros segundo frequência das férias - Brasil
- Gráfico 6.54** - Enfermeiros segundo local das férias - Brasil
- Gráfico 6.55** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil
- Gráfico 6.56** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil
- Gráfico 6.57** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil
- Gráfico 6.58** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil
- Gráfico 6.59** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil
- Gráfico 6.60** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

**Gráfico 6.61** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

**Gráfico 6.62** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

**Gráfico 6.63** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

**Gráfico 6.64** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

**Gráfico 6.65** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo assistência na instituição quando adoece - Brasil

**Gráfico 6.66** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho - Brasil

**Gráfico 6.67** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.68** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.69** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.70** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil

**Gráfico 6.71** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil

**Gráfico 6.72** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil

**Gráfico 6.73** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil

**Gráfico 6.74** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil

**Gráfico 6.75** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil

**Gráfico 6.76** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

**Gráfico 6.77** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo prática regular de esporte - Brasil

**Gráfico 6.78** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de esporte praticado - Brasil

**Gráfico 6.79** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

**Gráfico 6.80** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência das férias - Brasil

**Gráfico 6.81** - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local das férias - Brasil

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1.1** - Fases da Vida Profissional da Equipe de Enfermagem – Brasil

**Figura 1.2** - *Ranking* dos 5 países que mais contribuem na composição da FT da Equipe de Enfermagem – Brasil

**Figura 1.3** - *Ranking* dos estados (naturalidade) que mais contribuem na composição FT da Equipe de Enfermagem - Brasil

**Figura 1.4** - *Ranking* dos estados que mais concentram profissionais da Equipe de Enfermagem - Brasil

**Figura 1.5** - *Ranking* das 10 profissões com maior presença na “família saúde”, na Equipe de enfermagem - Brasil

**Figura 1.6** - Fases da Vida Profissional dos Enfermeiros - Brasil

**Figura 1.7** - *Ranking* dos 5 países que mais contribuem com a composição da FT dos Enfermeiros - Brasil

**Figura 1.8** - *Ranking* dos estados (naturalidade) que mais contribuem na composição FT dos Enfermeiros -Brasil

**Figura 1.9** - *Ranking* dos estados que mais concentram Enfermeiros - Brasil

**Figura 1.10** - *Ranking* das 5 profissões com maior presença na “família saúde”, entre os enfermeiros - Brasil

**Figura 1.11** - Fases da Vida Profissional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 1.12** - *Ranking* dos 5 países que mais contribuem com a composição da FT dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 1.13** - *Ranking* dos estados (naturalidade) que mais contribuem na composição da FT dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 1.14** - *Ranking* dos estados que mais concentram Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 1.15** - *Ranking* das 5 profissões com maior presença na “família saúde”, entre os Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 2.1** - *Ranking* dos estados que mais contribuem na formação dos Enfermeiros - Brasil

**Figura 2.2** - *Ranking* dos 10 cursos mais procurados pelos Enfermeiros como opção de outro curso superior – Brasil

**Figura 3.1** - *Ranking* dos estados que mais contribuem na formação dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem – Brasil

**Figura 3.2** - *Ranking* dos 10 cursos mais procurados pelos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem como opção de curso superior – Brasil

**Figura 3.3** - *Ranking* dos 10 cursos mais desejados pelos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 4.1** - *Ranking* das modalidades de Aprimoramento Profissional que a Equipe de Enfermagem mais frequentemente utiliza - Brasil

**Figura 4.2** - *Ranking* das razões de não Aprimoramento Profissional da Equipe de Enfermagem - Brasil

**Figura 4.3** - *Ranking* das modalidades de Aprimoramento Profissional que os Enfermeiros mais frequentemente utilizam - Brasil

**Figura 4.4** - *Ranking* das razões de não Aprimoramento Profissional dos Enfermeiros - Brasil

**Figura 4.5** - *Ranking* das modalidades de Aprimoramento Profissional que os Auxiliares e Técnicos de Enfermagem mais frequentemente utilizam - Brasil

**Figura 4.6** - *Ranking* das razões de não Aprimoramento Profissional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 5.1** - *Ranking* das Fases de Vida Profissional (tempo de trabalho) da Equipe de Enfermagem - Brasil

**Figura 5.2** - *Ranking* das cinco principais dificuldades de arrumar emprego da Equipe de Enfermagem - Brasil

**Figura 5.3** - *Ranking* das cinco atividades mais frequentes que a Equipe de Enfermagem exerce - Brasil

**Figura 5.4** - *Ranking* das Fases de Vida Profissional (tempo de trabalho) dos Enfermeiros - Brasil

**Figura 5.5** - *Ranking* das cinco principais dificuldades de arrumar emprego dos Enfermeiros - Brasil

**Figura 5.6** - *Ranking* das cinco atividades mais frequentes que os Enfermeiros exercem - Brasil

**Figura 5.7** - *Ranking* das Fases de Vida Profissional (tempo de trabalho) dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 5.8** - *Ranking* das cinco principais dificuldades de arrumar emprego dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil

**Figura 5.9** - *Ranking* das cinco atividades mais frequentes que os Auxiliares e Técnicos de Enfermagem exercem - Brasil

---

# PARTE I

---

## METODOLOGIA





## METODOLOGIA

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, nasce de uma demanda específica, como no caso da demanda do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) à Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Assim, foi construído o Projeto de Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, objeto do Convênio nº 02/2011 entre a FIOCRUZ e o COFEN. Contudo, a pesquisa inicia-se de fato em meados de 2012. Posteriormente, por necessidade de prorrogação de prazo para finalização da mesma, foi assinado o Termo Aditivo ao Convênio nº 02/2011 em agosto de 2013.

Como mencionado anteriormente, a pesquisa foi fruto de uma parceria entre o COFEN, a ABEN, a FNE, com o apoio do Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Contou, ainda, com o apoio da Rede ObservaRH (da qual o NERHUS faz parte), da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Seguridade Social (CNTSS), da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Saúde (CNTS) e da Associação Nacional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem (ANATEN).

Várias foram as versões preliminares de anteprojetos, buscando aproximar dos objetivos propostos. Ressalta-se que todas as versões, tanto do projeto quanto do instrumento de coleta de dados (questionário) foram construídas de forma coletiva, ouvindo e incorporando as sugestões de todas as instituições envolvidas.

O objetivo central da pesquisa foi o de traçar o Perfil da Equipe de Enfermagem no Brasil, analisando a situação atual da enfermagem no país nos seus diversos aspectos, buscando conhecer a sua dinâmica no recente contexto socioeconômico e político brasileiro.

Buscou, também, traçar perfis profissionais dos enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, considerando as características socioeconômicas, de formação e desenvolvimento profissional, de inserção no mercado de trabalho e de sua participação sócio-política, bem como analisar a dinâmica atual do mercado de trabalho de enfermagem e, por fim, apontar e analisar tendências e perspectivas da enfermagem hoje no Brasil.

O projeto foi submetido à análise ética do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/FIOCRUZ (CEP/ENSP), tendo sido aprovado e recebendo o CAAE nº - 0009.0.031.000.

Importante esclarecer que após sucessivas reuniões com as partes envolvidas, foi possível construir o Projeto de Pesquisa propriamente dito, bem como o instrumento de coleta de dados – o questionário. Também é relevante elucidar que o mesmo sofreu alteração e ajustes técnicos após o pré-teste, recebendo tratamento da área de TI, para adequação ao **SisPerfil**, quando da entrada dos dados no Sistema de Informação.

Observa-se que no primeiro formato, o questionário continha 6 Blocos a saber:

Bloco 1 - Identificação socioeconômica

Bloco 2 - Formação profissional

Bloco 3 - Acesso à informação técnico-científica

Bloco 4 - Mercado de trabalho

Bloco 5 - Satisfação no trabalho e relacionamento

Bloco 6 - Participação sócio-política

Após o pré-teste, o questionário passou a ter 7 Blocos, alterando-se, basicamente, o Bloco 2 – Formação Profissional –, separando os enfermeiros e os auxiliares e técnicos de enfermagem, como segue:

Bloco 1 - Identificação socioeconômica

Bloco 2 - Formação profissional (enfermeiros)

Bloco 3 - Formação profissional (auxiliares e técnicos de enfermagem)

Bloco 4 - Acesso à informação técnico-científica

Bloco 5 - Mercado de trabalho

Bloco 6 - Satisfação no trabalho e relacionamento

Bloco 7 - Participação sócio-política

A realização da pesquisa ficou a cargo da FIOCRUZ, sob a responsabilidade do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Recursos Humanos em Saúde (NERHUS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca.

## Sobre as Coordenações Nacional, Regionais e Estaduais

Descrição das atribuições da coordenação geral:

- Ordenadora geral das despesas do Projeto junto a FIOTEC;
- Definição e formação das equipes: técnica (Fiocruz), equipe de trabalho de campo nos 27 estados (coordenadores estaduais) e da equipe de supervisão e trabalho de campo nas regiões, envolvendo os estados que a compõem (coordenadores regionais);
- Qualificação e treinamento dessas equipes, conforme consta no Documento Técnico;
- Construção, junto com a equipe de comunicação do COFEN, das peças publicitárias da Pesquisa, preparando para o lançamento nacional da Pesquisa. Nesta etapa foi acionada toda a mídia escrita, falada e televisa a nível nacional e nos 27 estados da federação, comandados pelos coordenadores estaduais e regionais, com assessoria direta do COFEN e FIOCRUZ;
- Coordenação geral de toda a equipe em todos os 27 estados da federação, discutindo com os coordenadores estaduais e os regionais, o comportamento da amostra estadual e as medidas metodológicas e estratégias a serem adotadas;
- Elaboração, juntamente com a equipe técnica, do Plano de Desenvolvimento da Pesquisa (cronograma);
- Construção do Plano Amostral, juntamente com a equipe de estatística;
- Supervisão e acompanhamento da construção do Sistema de Informatização dos dados – SisPerfil;
- Viagens de supervisão e acompanhamento das etapas da pesquisa de campo nos estados e regiões, quando necessário e solicitadas;
- Reunião e coordenação das reuniões mensais, em Brasília (COFEN) da Coordenação Interinstitucional Nacional da Pesquisa, constituída pelos representantes da COFEN, FNE e ABEN;
- Coordenação das reuniões periódicas com as coordenações regionais e estaduais da pesquisa;
- Coordenação e elaboração, juntamente com a equipe técnica, dos Relatórios Parciais da Pesquisa;

- Coordenação dos trabalhos de substituição e ajustes das amostras estaduais, realizadas, conjuntamente com as equipes técnica e estatística;
- Supervisão das etapas de conferência dos questionários, digitação e sistematização dos dados;
- Coordenação e participação das discussões científicas e grupos de estudos técnico-científicos e metodológicos realizados durante toda a evolução da pesquisa, pela equipe técnica, até seu Relatório Final;
- Coordenação e participação das análises, discussões e elaboração dos Relatórios Finais, pelos pesquisadores da Fiocruz, contendo: a) Relatórios dos 27 estados da federação; b) Relatório das Regiões brasileiras e do Relatório Geral do Perfil da Enfermagem no Brasil;
- Lançamento Nacional, em Brasília, dos Resultados e Dados Gerais da Pesquisa, constituindo no Perfil da Enfermagem no Brasil;
- Participação dos lançamentos estaduais do Perfil da Enfermagem Estadual, com dados e informações estaduais (Sistema COFEN – COREN e FIOCRUZ);
- Coordenação e participação da produção em modalidade impressa em gráfica pela equipe da Fiocruz dos Relatórios Finais do Brasil, Regiões e das 27 Unidades da Federação, contendo dados, separadamente da Equipe de Enfermagem, dos Enfermeiros e dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem.

### Coordenações Regionais:

A contratação dos profissionais para exercerem a função de Coordenadores Regionais se deu mediante critérios acadêmicos, enfatizando sua capacidade de atuar em pesquisas e supervisionar trabalho de campo. Desta forma, as Coordenações Geral e Adjunta avaliaram os CV dos candidatos, a trajetória profissional e experiência. Nota-se que estes profissionais tiveram duas contratações em períodos distintos: 1) O primeiro período refere-se à etapa da pesquisa de campo na qual os Coordenadores Regionais tiveram a incumbência principal de atuar diretamente nos estados da região afeta, juntamente com os respectivos coordenadores estaduais. Os coordenadores da região Centro-Oeste assumiram também a responsabilidade de auxiliar os trabalhos na região Norte, por se tratar de uma região extensa com muitos estados. 2) Em outro momento, alguns Coordenadores Regionais, de acordo com a agenda de cada um, concordaram em participar dessa segunda etapa da pesquisa, passando a atuar em todo o país, onde necessitava de reforço para a finalização da pesquisa de campo. Vale ressaltar que essa ajuda técnica permitiu, com menor custo possível, otimizar as atividades nos estados com maiores problemas de amostra respondida.

### Descrição das atribuições:

- Participar das reuniões e encontros de trabalho da pesquisa;
- Acompanhar o processo de desenvolvimento regional das atividades implementadas, no âmbito local, pelos coordenadores estaduais;
- Participar das atividades de capacitação da pesquisa;
- Monitorar o controle do recebimento e devolução dos questionários nos estados;
- Supervisionar o trabalho de campo dos estados da região, monitorando a devolução dos questionários nos prazos estipulados;
- Supervisionar as substituições de amostra nos estados da região, quando se fizer necessário, conforme critério da Coordenação Geral;
- Promover na região esclarecimentos sobre o preenchimento dos questionários;
- Elaborar com os estados em situação de dificuldades, estratégias de melhoria de resposta aos questionários;

- Promover, na região, informações sobre a pesquisa e a inserção do tema nas diversas mídias e meios de comunicação, alinhados à estratégia de divulgação da informação emanadas pela Coordenação Geral da Pesquisa;
- Contribuir na elaboração, adequação, revisão e entrega, nos prazos estipulados, dos conteúdos criados ao longo da pesquisa e demandados pela Coordenação Geral;
- Elaborar relatórios sobre as atividades realizadas no âmbito de suas atribuições;
- Contribuir na elaboração dos relatórios parciais da região;
- Participar e/ou contribuir nos Grupos de Trabalho, quando indicados pela Coordenação Geral da Pesquisa;
- Participar e contribuir, na região, para o desenvolvimento das atividades do Grupo de Trabalho dos Hospitais;
- Contribuir com a articulação de parcerias estratégicas para o desenvolvimento da pesquisa, em consonância com a Coordenação Geral da Pesquisa.

As atividades inerentes aos Coordenadores Regionais extrapolavam em muito suas atribuições uma vez que, com sua experiência, foi possível transpor obstáculos, tais como, entrada nos hospitais ou mesmo conversas com as chefias dos hospitais e de serviços de saúde em geral quando na captura dos questionários. Possibilitou também agilizar a localização dos profissionais na amostra por meio das listagens dos profissionais inseridos naquela unidade, oferecidas pelo CORENs. Participaram também, ativamente dos eventos, encontros e oficinas estaduais dando palestras e explicações sobre a Enfermagem e a Pesquisa.

## Coordenações Estaduais

A contratação dos profissionais para exercerem a função de Coordenadores Estaduais se deu mediante indicação da direção dos CORENS a partir de critérios adotados pela Coordenação Geral na orientação da escolha do profissional. Os critérios foram: ser enfermeiro, conhecer bem a base dos registrados no COREN, ter iniciativa e liderança para propor e organizar atividades coletivas junto a categoria em seu estado, ter tempo disponível para atuar na pesquisa de forma intensa e ter acesso à estrutura e infraestrutura do COREN por conta de ser o COREN a base da pesquisa em cada estado. Ressalta-se que se optou por critérios mais operacionais que acadêmicos, uma vez que esse coordenador teria tarefas operacionais e pontuais durante um determinado tempo de pesquisa de campo. Havia à época uma orientação do COFEN para a não indicação de funcionários dos CORENs mesmo sendo enfermeiro. Isso foi rigorosamente seguido.

O procedimento padrão se dava da seguinte maneira: 1) a Coordenação Geral solicitou a direção do COFEN, a indicação, mediante os critérios apresentados, de um coordenador estadual; 2) essa demanda chegava aos CORENs via COFEN; 3) Os CORENs analisavam as alternativas mediante os critérios propostos e enviavam em ofício e/ou portaria a indicação do profissional; 4) o COFEN, então enviava por ofício à Coordenação Geral as indicações. Concluídas as indicações, a Coordenação Geral realizou uma Oficina de Trabalho na sede da pesquisa, no Rio de Janeiro, quando então se iniciou de fato o contato dos Coordenadores Estaduais com a Coordenação Geral da Pesquisa (mais adiante, são fornecidos maiores detalhes sobre essa Oficina).

### Descrição das atribuições:

- Participar das atividades de capacitação da pesquisa;
- Participar das reuniões e encontros de trabalho da pesquisa;
- Participar dos grupos de trabalho, quando indicados pela Coordenação Geral e Regional da Pesquisa;
- Coordenar o processo de desenvolvimento estadual das atividades inerentes à Pesquisa;
- Monitorar a resposta dos participantes da amostra no reenvio dos questionários, nos prazos estipulados;



- Elaborar em conjunto com o Coordenador Regional estratégias de incentivo para respostas aos questionários;
- Participar dos grupos de trabalho, quando indicados pela Coordenação Geral e Regional da Pesquisa;
- Promover no estado, esclarecimentos sobre o preenchimento do questionário;
- Colaborar nas possíveis substituições de amostra no estado, quando se fizer necessário, conforme critério da Coordenação Geral;
- Promover, no âmbito estadual, informações sobre a pesquisa e a inserção do tema nas diversas mídias e meios de comunicação, alinhados à estratégia de divulgação da informação emanadas pela Coordenação Geral;
- Contribuir na elaboração, adequação, revisão e entrega, nos prazos estipulados, dos conteúdos criados ao longo da pesquisa e demandados pela Coordenação Geral e/ou Regional;
- Elaborar relatórios sobre as atividades realizadas no âmbito de suas atribuições;
- Contribuir na elaboração dos relatórios parciais do estado;
- Participar e/ou contribuir em/para, no máximo, em dois Grupos de Trabalho, quando indicados pela Coordenação Geral da Pesquisa;
- Participar e contribuir, no estado, para o desenvolvimento das atividades do Grupo de Trabalho dos Hospitais.

A Oficina foi concebida para reunir, pela primeira vez, em um único local (Fiocruz/Ensp), em maio de 2012, a Coordenação Geral e a equipe da pesquisa da Fiocruz com todos os Coordenadores Estaduais da Pesquisa indicados pelo COFEN, dos 26 estados e Distrito Federal, e os Coordenadores Regionais, indicados pela Coordenação Geral, oriundos da comunidade acadêmica, os quais ficaram responsáveis pelo desenvolvimento do estudo nas cinco regiões do país. Importante ressaltar a presença de representantes da Direção do COFEN e do Assessor Jurídico do mesmo na Oficina.

O objetivo central da Oficina foi o de subsidiar com materiais e métodos, o trabalho dos Coordenadores Estaduais e Regionais para o início das atividades da pesquisa.

A proposta metodológica foi concebida para realização em dois momentos presenciais distintos: no primeiro momento, a equipe gestora do estudo da Fiocruz apresentou e discutiu todas as etapas da pesquisa, desde a formulação do projeto inicial (histórico e contexto), objetivos, a metodologia, o questionário (estrutura, conteúdo, blocos e questões), o trabalho de campo (amostra, envio de questionários, acesso, cronograma) até a execução da pesquisa propriamente dita.

No segundo momento, as equipes gestoras estaduais se reuniram em sessões com os respectivos Coordenadores Regionais, para elaboração de planos de intervenção da pesquisa adaptados às realidades locais para desenvolvimento e aplicação nos âmbitos estaduais e regionais.

Para assegurar a consecução dos objetivos da oficina foram apresentadas as atribuições e a articulação das coordenações estaduais e regionais e consolidados instrumentos e ferramentas para a organização e fortalecimento do estudo nos estados e regiões do país, bem como as estratégias e materiais de comunicação e divulgação da pesquisa, sendo esses últimos despachados para cada estado.

#### Trabalho de Campo dos Coordenadores Regionais e Estaduais

Com a finalização da amostragem dos sujeitos em cada estado executada pelo estatístico da equipe da FIOCRUZ, sob supervisão da Coordenação Geral, foram confeccionados cadernos da amostra de cada unidade da federação. Reuniões com os Coordenadores Regionais e Estaduais foram efetuadas com a finalidade de entrega das amostras estaduais, e o planejamento das estratégias necessárias para o alcance das respostas. Os questionários já haviam sido despachos por correio para os sujeitos selecionados na pesquisa, bem como, o questionário *online* ativado. Os Coordenadores Regionais e Estaduais desenvolveram o trabalho de divulgação da pesquisa junto a unidades de saúde, canais de comunicação, em eventos, nas capitais e nos interiores do Brasil, para obtenção da resposta aos questionários, surtindo muito efeito junto ao contingente de enfermagem. Importante registrar que os coordenadores, além de atuar na pesquisa de campo nas capitais, fizeram atividades na região metropolitana, nos interiores do estado e em regiões indígena e fronteiriça, quando era o caso.

## Atividades Complementares e Resultados

Contudo, foram necessárias novas estratégias diante do pouco retorno do questionário, principalmente quanto a localização dos amostrados nas instituições de saúde e a sua resposta ao questionário; a aplicação do mesmo em eventos de enfermagem para formar um banco de reserva; e a aplicação do questionário em grandes hospitais empregadores das capitais brasileiras para o trabalho específico da Pesquisa Perfil da Enfermagem, ou seja, o 'Grupo de Trabalho Grandes Empregadores Hospitalares'. Após intenso e exaustivo trabalho de todos em cada estado, a Pesquisa finalizou essa grande etapa com pleno sucesso, obtendo toda a amostragem necessária ao estudo do Perfil da Enfermagem no Brasil.

## Sobre a amostra e desenvolvimento propriamente dito da pesquisa

Sobre o universo da pesquisa, faz-se necessário um esclarecimento: inicialmente, esse número foi definido com base nos dados do COFEN referentes ao ano de 2009, em que constavam 1.243.804 profissionais inscritos, com uma estimativa de amostra de aproximadamente 53.500 profissionais. Quando, de fato, a pesquisa foi iniciada, em meados de 2012, os dados foram atualizados, para ano base COFEN-2012. Após ajustes metodológicos e tratamento estatístico, a amostra se conformou em um total de 35.914 indivíduos para um universo de 1.545.102 profissionais, entre enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem.

## Desenho amostral

### População do estudo

A pesquisa Perfil da enfermagem no Brasil é um estudo transversal cuja população alvo é constituída por todos os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem do Brasil, que possuem registro ativo no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). O estudo tem representatividade nacional, sendo capaz de gerar resultados para cada unidade da federação.

### Plano amostral

Para a seleção da amostra utilizou-se a base de dados do cadastro do COFEN que agrega as 27 bases estaduais, constituídas pelo cadastro dos conselhos regionais. Cada unidade da federação, incluindo o Distrito federal, possui um Conselho Regional de Enfermagem (COREN) e a fusão destas bases forma o cadastro do COFEN. (Tabela A)

A base de dados passou por um processo de limpeza, onde foram excluídos os registros que não estavam ativos, as duplicidades, além dos registros ativos que não tinham informação do endereço de residência.

A amostra foi estratificada segundo três critérios:

- 1 – COREN de registro: que estratifica os profissionais por UF em que foi registrado;
- 2 – Local de residência: que subdivide os profissionais de cada UF em residentes na capital e residentes nos demais municípios da UF;
- 3 – Categoria profissional: que estratifica os profissionais em duas categorias, sendo a primeira formada por enfermeiros e a segunda composta pelos técnicos e auxiliares de enfermagem.

Desta forma, ficaram definidos 108 estratos. Para garantir que a amostra em cada estrato possua distribuição etária semelhante à da população, optou-se por uma estratificação implícita por idade. Sendo assim, dentro de cada estrato, ordenou-se os profissionais segundo a data de nascimento e a seleção foi feita por amostragem sistemática.

#### Tamanho da amostra

Para definição da amostra foi utilizado 50% (para enfermeiros e auxiliares/técnicos de enfermagem), o que maximizou a variância. Observou-se também: a) universos de enfermeiros e de auxiliares/técnicos de enfermagem, separadamente; b) universos de cada Unidade da Federação; c) população de profissionais residentes na capital e nos interiores; d) idade/tempo de formado, permitindo correlacionar idade com proporcionalidade de homens e mulheres no contingente de enfermagem.

Registre-se que, para obter o perfil da corporação de enfermagem em todos os estados e regiões do país, se procedeu à definição de amostras individuais para cada unidade da federação, considerando capital e interior. Portanto, a pesquisa atingiu todas as regiões, todos os estados, capitais e, aproximadamente, metade de todos os municípios brasileiros, constituindo-se assim em uma das maiores e mais abrangente pesquisa de área realizada no país e na América Latina.

O tamanho da amostra foi calculado para se obter uma precisão de 4,5% e um nível de significância de 95%. Utilizou-se uma proporção de 50% para maximizar a variância e conseqüentemente, o tamanho da amostra.

Como os resultados serão apresentados por UF e categoria profissional (domínios de divulgação), o tamanho mínimo da amostra para cada domínio foi calculado pela seguinte fórmula:

$$n = \frac{z^2 * p * (1-p)}{\text{erro}^2} \quad (1)$$

Onde,

$z^2$  é igual a 1,96 e refere-se ao ponto crítico da distribuição Normal para obter-se um nível de significância de 95%;

$p$  é a proporção, definida a priori como 0,5 (50%);

erro é o erro amostral, definido a priori como 0,045 (4,5%).

Sendo assim, a amostra mínima para cada domínio ficou definida em 475 profissionais. O tamanho da amostra em cada domínio foi acrescido em 30% para levar em consideração as perdas (não-respostas), totalizando 618 profissionais.

Nas UFs com menos de 3.500 enfermeiros (Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins, Piauí e Rio Grande do Norte), optou-se por calcular o tamanho mínimo da amostra de enfermeiros considerando um erro amostral de 4,7% e o tamanho da população como parâmetro para o cálculo. Nestas UFs, a fórmula utilizada para o cálculo foi a seguinte:

$$n = \frac{z^2 * [p * (1-p)]^2 * N}{\text{erro}^2 * (N-1) + z^2 * [p * (1-p)]^2} \quad (2)$$

Onde,

$z^2$  é igual a 1,96 e refere-se ao ponto crítico da distribuição Normal para obter-se um nível de significância de 95%;

$p$  é a proporção, definida a priori como 0,5 (50%);

erro é o erro amostral, definido a priori como 0,045 (4,5%);

$N$  é o tamanho da população, ou seja, número de profissionais registrados no COREN da UF.

Nos estados com mais de 60.000 enfermeiros e/ou mais de 60.000 técnicos e auxiliares, optou-se por selecionar, aproximadamente, o dobro da amostra mínima, ou

seja, 1.235 profissionais, de modo a aumentar a fração amostral, que é a relação entre o tamanho da amostra e o tamanho da população. Isso ocorreu no estado de São Paulo, tanto para enfermeiros, como para técnicos e auxiliares de enfermagem, e nos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, somente entre os técnicos e auxiliares de enfermagem.

A alocação desta amostra entre os estratos de capital e interior foi proporcional a distribuição da população de profissionais nestes estratos, porém, nos estratos com mais de 50% dos profissionais concentrados no interior, optou-se por fazer uma alocação proporcional ao quadrado da população, de modo a reduzir o tamanho da amostra no interior, dada a dificuldade de localizar estes profissionais nestas regiões.

### Expansão da amostra

Por ter um desenho com probabilidades desiguais de seleção, é preciso definir os fatores de expansão ou pesos amostrais para os profissionais de enfermagem. O peso final é o inverso da probabilidade de seleção, passando por processos de correção de não-respostas e calibrações para ajustes dos totais populacionais conhecidos. A fórmula utilizada para cálculo dos pesos é apresentada abaixo:

$$W_h = \frac{N_h}{n_h} * \frac{1}{TxResp_{uf}} * \frac{N_h}{N_h^*} \quad (3)$$

Onde,

h é o índice do estrato, sem considerar a estratificação por local de residência (Capital e interior), totalizando 54 estratos;

Wh é o peso do profissional de enfermagem no estrato h;

Nh é o número de profissionais de enfermagem no estrato h (população);

nh é o número de profissionais de enfermagem selecionados no estrato h (amostra);

TxResp<sub>uf</sub> é a taxa de resposta da UF, estimada como a razão entre o número total de questionários respondidos na UF e o número total de profissionais de enfermagem selecionados na UF (a taxa de resposta foi calculada para a UF e não variou entre as categorias profissionais da mesma UF);

N\*h é o tamanho da amostra expandida, considerando a probabilidade de seleção e a taxa de resposta.

Portanto, o universo expandido e calibrado da população pesquisada passou a ser: 1.804.535, contudo, mantendo a mesma proporcionalidade entre categorias e estados da federação. (Tabela B)

Para a pesquisa de campo, foram confeccionados 60.000 questionários, com vistas à possível reenvio, aplicação dos mesmos em eventos e locais específicos em cada estado, perdas, etc.

Abaixo, segue os resultados da pesquisa de campo (índices de resposta), a partir do árduo trabalho dos coordenadores regionais e estaduais: (Tabela C)

Rondônia: 85,2%

Acre: 66,6%

Amazonas: 81,6%

Amapá: 67,4%

Pará: 89,8%

Roraima: 66,3%

Tocantins: 84,6%

Índice da Região Norte: 78,2%. Foram coletados num total de 6.008 questionários.

Alagoas: 86,5%

Bahia: 87,6%

Ceará: 90,8%

Maranhão: 88,8%

Paraíba: 85,8%

Pernambuco: 78,6%

Piauí: 90,9%

Rio Grande do Norte: 82,2%

Sergipe: 75,2%

Índice da Região Nordeste: 85,3%. Foram coletados num total de 9.860 questionários.

Espírito Santo: 77,8%

Minas Gerais: 85,2%

Rio de Janeiro: 80,9%

São Paulo: 90,3%

Índice da Região Sudeste: 84,6%. Foram coletados num total de 6.270 questionários.

Paraná: 79,9%

Santa Catarina: 75,9%

Rio Grande do Sul: 86,5%

Índice da Região Sul: 81,6%. Foram coletados num total de 3.528 questionários.

Mato Grosso do Sul: 88,3%

Mato Grosso: 85,8%

Goiás: 86,2%

Distrito Federal: 81,2%

Índice da Região Centro-Oeste: 85,4%. Foram coletados num total de 4.220 questionários.

Brasil: Índice de resposta - 83,2%. Foram coletados num total de 29.876 questionários.



## Logística

Fundamental salientar que, embora o convênio tenha sido assinado em junho de 2011, a tramitação desde o repasse dos recursos da primeira parcela e liberação junto a FIOCRUZ/FIOTEC ocorreu em meados de novembro, sendo de fato possível efetuar qualquer gasto apenas no início de 2012. Tal situação produziu um atraso no cronograma de execução o que levou mais tarde a FIOCRUZ solicitar a prorrogação do convênio. Contudo, durante todo o ano de 2011, a equipe de pesquisa da FIOCRUZ trabalhou, produzindo todas as etapas preliminares necessárias para o desenvolvimento da pesquisa (anteprojeto, projeto, ajustes teóricos e metodológicos, discussão com a equipe de estatísticos sobre a amostra, reuniões de trabalho com as instituições demandantes e apoiadoras da pesquisa, participação em eventos da categoria para divulgação da pesquisa, bem como a elaboração, discussão e preparação das peças de divulgação da pesquisa e o questionário propriamente dito, entre outras atividades), com recursos próprios da FIOCRUZ, como parte da contrapartida institucional.

Importante registrar também que, antes do envio dos questionários pelos Correios, foi realizada, em todo o país, uma campanha nacional de sensibilização junto aos profissionais de enfermagem para que respondessem a pesquisa. Para isso, foram confeccionados cartazes, panfletos explicativos, filipetas, adesivos para carros etc., que foram distribuídos em todos os locais de trabalho pelos coordenadores estaduais. Da mesma forma, foram utilizados os meios de comunicação televisiva, escrita e falada tendo os coordenadores estaduais e a direção dos CORENs grande participação. Utilizou-se também as redes sociais para divulgação da pesquisa, tais como *facebook*, site da pesquisa, sites do COFEN e dos CORENs, da ABEN e FNE.

Após esse processo de ampla divulgação na imprensa, nos locais de trabalho e nas universidades, procedeu-se o envio dos questionários a 16.145 enfermeiros e 19.771 auxiliares e técnicos de enfermagem, totalizando 35.914 respondentes.

Procedida a etiquetagem e envelopamento, realizados pela equipe técnica da FIOCRUZ, os questionários foram enviados pelos Correios, junto com um envelope para resposta com porte pago, não onerando, assim, o respondente.

O trajeto dos questionários seguiu a lógica seguinte:

- 1) Etiquetagem e envelopamento pela equipe da FIOCRUZ;

- 2) Envio aos respondentes, quer para sua residência e/ou para endereço de correspondência informado pelo próprio profissional ao COREN de seu estado;
- 3) Recebimento, preenchimento e devolução do questionário pelo respondente, colocando-o em qualquer caixa dos Correios de sua cidade;
- 4) Transporte (com porte pago) pelos Correios e recepção dos questionários respondidos no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) em Brasília;
- 5) Coleta e transporte dos questionários entregues no COFEN, por profissional da equipe da FIOCRUZ residente em Brasília, até a regional da FIOCRUZ-DF, para a conferência, separação por estados e envio (por malote próprio), para a sede da pesquisa no Rio de Janeiro.

Ressalta-se que, por acordo entre as partes, o COFEN ficou responsável, financeiramente, pelo envio dos questionários aos respondentes através do 'porte pago'. Todas as demais despesas de correios, como envio de material de divulgação da pesquisa aos estados, correspondência da coordenação geral com os coordenadores regionais e estaduais, envio de questionários extras para os estados, etc. foram realizadas pelos recursos do convênio FIOCRUZ-COFEN.

Tendo em vista a amplitude da pesquisa, tanto relacionado ao número de profissionais, quanto a abrangência em todas as regiões, estados, capitais e cerca da metade dos municípios brasileiros, a Coordenação Geral optou por contratar por tempo determinado, profissionais (enfermeiros) com a função de Coordenação Estadual, otimizando assim o complexo trabalho da pesquisa de campo a ser realizada em todo o país. Concomitantemente, foram criadas as Coordenações Regionais, com técnicos experientes em pesquisa, com a função de supervisionar os trabalhos de pesquisa de campo nos estados das suas respectivas regiões. Estes coordenadores integraram, temporariamente, a equipe técnica da FIOCRUZ.

O índice de devolução de questionários foi, relativamente, alto na maioria dos estados. O principal motivo encontrado pela equipe, em todo o país, foi a não-atualização dos endereços residenciais dos profissionais no Sistema COFEN-CORENs. Com a ajuda dos Coordenadores Estaduais, foi possível atualizar os endereços e reenviar os questionários. A realização dessa busca ativa pelos profissionais contemplados na amostra, em cada estado, foi fundamental para o melhor desempenho da pesquisa.

Paralelamente, por orientação da Coordenação Geral, tendo a supervisão do Coordenador Regional, o Coordenador Estadual organizou a realização de eventos específicos. Nestes eventos, o próprio coordenador aplicava questionários

aleatoriamente, tomando como base as variáveis determinantes da amostra, quais sejam: categoria profissional (enfermeiro, auxiliar e técnico de enfermagem), idade, sexo e município de residência. Estes questionários passaram a fazer parte do **Banco de Amostra** e, posteriormente, foram usados na substituição da amostra original, guardando sempre a proporcionalidade e a tipologia da amostra, conforme critérios descritos anteriormente.

As atividades da pesquisa de campo foram realizadas, sob a responsabilidade do Coordenador Estadual, no período compreendido entre junho-dezembro de 2012 (e em alguns casos até fevereiro de 2013, para garantia da obtenção da amostra prevista no projeto).

Como recurso metodológico adicional, as Coordenações Regionais e Estaduais, juntamente com a equipe técnica da FIOCRUZ, participaram dos grandes eventos da categoria, realizados no período da pesquisa de campo, objetivando a divulgação e aplicação de questionários aos participantes, aleatoriamente. Estes eventos foram: CBCENF, CBEN, SENAFIS e SENADEN.

Concomitantemente, foi disponibilizado na web, questionário *online* (**SisPerfil**) pelo endereço [www.perfildaenfermagem.com.br](http://www.perfildaenfermagem.com.br), tendo acesso distinto os dois universos de profissionais definidos no desenho da Pesquisa:

- a) Profissionais de enfermagem selecionados na amostra; e,
- b) Todos os profissionais de enfermagem – Enfermeiros, Auxiliares e Técnicos de Enfermagem – que, voluntariamente, desejassem responder ao questionário.

A modalidade “a” (restrita) só tinham acesso ao sistema os profissionais que foram contemplados na amostra. Os mesmos para os quais os questionários físicos foram enviados, via Correios. O profissional poderia optar pela resposta física (porte pago) ou virtual e, nesse último caso, tinha acesso ao questionário mediante o seguinte processo: para acessar o sistema ele deveria digitar o número de seu registro no COREN. O sistema, então, verificava imediatamente se ele fazia parte da amostra. Em caso positivo, tinha, então, acesso ao questionário. Uma vez respondido, este questionário passava a integrar o Banco de Dados *online* da pesquisa (SisPerfil).

Já no caso “b”, ou seja, de acesso voluntário e não contemplado na amostra original da pesquisa, o profissional preenchia um cadastro e, ao final, recebia um e-mail com *login* e senha para acessar o questionário. Uma vez preenchido, o questionário passava a integrar Banco de Amostra *online*. Posteriormente esses questionários

eram usados em substituições, nos moldes já descritos anteriormente, guardando sempre a proporcionalidade e a tipologia da amostra original.

O SisPerfil foi desenvolvido pela FIOCRUZ para dar acesso *online* à pesquisa (questionário) e, posteriormente, ser a ferramenta de processamento de dados para a construção do Banco de Dados da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. Relevante afirmar que o SisPerfil é um produto da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, com características fundamentais: público, de livre acesso e de fácil manuseio e utilização.

Finalizado o período estimado do trabalho de campo, bem como dos contratos de bolsas correspondentes dos coordenadores estaduais, foi feito um balanço dos resultados obtidos no período. A partir desse balanço, traçou-se a 2ª etapa, que constituiu-se em uma coleta complementar nos grandes empregadores hospitalares da enfermagem. Foi realizada nas capitais de todos os estados, considerando a natureza administrativa da Instituição: a) hospital público; b) hospital privado; c) hospital filantrópico; e d) hospital universitário (federal). Nestes hospitais, foram aplicados os questionários e, adicionalmente, um pequeno formulário com perguntas específicas quanto ao trabalho, propriamente dito, na Instituição. Também nesse caso, a aplicação dos questionários se deu de forma aleatória, considerando-se as variáveis fundamentais da amostra: categoria profissional, sexo, idade, ano de conclusão do curso.

Uma vez preenchido, este instrumento também passou a fazer parte do Banco de Amostra, sendo posteriormente usado nas substituições, nos moldes já descritos anteriormente, guardando sempre a proporcionalidade e a tipologia da amostra original.

Fundamental esclarecer que: 1) No preenchimento do questionário por profissional voluntário, foram respeitados os princípios da ética em pesquisa, sendo informado ao respondente o caráter voluntário de sua participação, sem qualquer constrangimento ao indivíduo, no caso de recusa em tomar parte na pesquisa; 2) Toda essa 2ª etapa de coleta foi realizada pelos pesquisadores da FIOCRUZ, em colaboração com os ex-Coordenadores Estaduais e com o apoio dos Conselhos Regionais de Enfermagem.

Ainda nessa 2ª etapa, procedeu-se à checagem dos questionários, tendo em vista a sua consistência. Dessa forma, houve a necessidade de trabalho adicional, tanto da equipe da FIOCRUZ quanto dos Coordenadores Regionais, para aplicação de novos questionários nas regiões brasileiras, em substituição àqueles inconsistentes.

Com a conclusão dessa 2ª etapa, foi dada como encerrada o trabalho de campo propriamente dita.

A última etapa da Pesquisa constituiu-se na digitação dos questionários, conferência e ajustes do Banco de dados (SisPerfil) e confecção dos planos tabulares. Com base nos planos tabulares, foram construídas tabelas, gráficos e quadros que, posteriormente, foram analisados pelos pesquisadores. Importante dizer que os 28 relatórios (Brasil e estados + Distrito Federal) possuem cerca de 27.000 tabelas básicas, 27.000 gráficos e figuras. Além disso, cada relatório é composto por análises referentes a cada um dos três universos da Pesquisa: Equipe de Enfermagem; Enfermeiros; Auxiliares e Técnicos de Enfermagem.

Tabela A

Amostra selecionada, considerando 30% de perdas, segundo Unidade da Federação e categoria profissional, Brasil - 2013

Unidade da Federação	Amostra selecionada		
	Enfermeiros	Técnicos e auxiliares de enfermagem	Total
<b>Brasil</b>	<b>16.143</b>	<b>19.771</b>	<b>35.914</b>
<b>Norte</b>	<b>3.354</b>	<b>4.326</b>	<b>7.680</b>
Rondônia	507	618	1.125
Acre	442	618	1.060
Amazonas	618	618	1.236
Roraima	316	618	934
Pará	618	618	1.236
Amapá	326	618	944
Tocantins	527	618	1.145
<b>Nordeste</b>	<b>5.374</b>	<b>6.179</b>	<b>11.553</b>
Alagoas	618	618	1.236
Bahia	618	1.235	1.853
Ceará	618	618	1.236
Maranhão	618	618	1.236
Paraíba	618	618	1.236
Pernambuco	618	618	1.236
Piauí	533	618	1.151
Rio Grande do Norte	515	618	1.133
Sergipe	618	618	1.236
<b>Sudeste</b>	<b>3.089</b>	<b>4.323</b>	<b>7.412</b>
Espírito Santo	618	618	1.236
Minas Gerais	618	1.235	1.853
Rio de Janeiro	618	1.235	1.853
São Paulo	1.235	1.235	2.470
<b>Sul</b>	<b>1.854</b>	<b>2.471</b>	<b>4.325</b>
Paraná	618	618	1.236
Santa Catarina	618	618	1.236
Rio Grande do Sul	618	1.235	1.853
<b>Centro-Oeste</b>	<b>2.472</b>	<b>2.472</b>	<b>4.944</b>
Mato Grosso do Sul	618	618	1.236
Mato Grosso	618	618	1.236
Goiás	618	618	1.236
Distrito Federal	618	618	1.236

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Tabela B

Distribuição dos profissionais de enfermagem, amostra selecionada e número de questionários devolvidos e não devolvidos segundo Unidade da Federação, Brasil - 2013

Unidade da Federação	População*	Amostra selecionada	Questionários devolvidos				Questionários não devolvidos
			Respondidos	Recusas (12,6%)*	Total		
					N.Abs.	%	
<b>Brasil</b>	<b>1.804.535</b>	<b>35.914</b>	<b>25.404</b>	<b>4.472</b>	<b>29.876</b>	<b>83,2</b>	<b>6.038</b>
<b>Norte</b>	<b>143.611</b>	<b>7.680</b>	<b>4.838</b>	<b>1.170</b>	<b>6.008</b>	<b>78,2</b>	<b>1.672</b>
Rondônia	13.774	1.125	827	132	959	85,2	166
Acre	6.313	1.060	471	235	706	66,6	354
Amazonas	41.123	1.236	830	179	1.009	81,6	227
Amapá	10.128	944	435	201	636	67,4	308
Pará	54.991	1.236	1.011	99	1.110	89,8	126
Roraima	2.471	934	435	184	619	66,3	315
Tocantins	14.811	1.145	829	140	969	84,6	176
<b>Nordeste</b>	<b>401.768</b>	<b>11.553</b>	<b>8.610</b>	<b>1.240</b>	<b>9.850</b>	<b>85,3</b>	<b>1.703</b>
Alagoas	19.023	1.236	936	133	1.069	86,5	167
Bahia	104.901	1.853	1.443	181	1.624	87,6	229
Ceará	56.324	1.236	1.039	83	1.122	90,8	114
Maranhão	42.906	1.236	987	110	1.097	88,8	139
Paraíba	31.795	1.236	921	139	1.060	85,8	176
Pernambuco	73.534	1.236	763	209	972	78,6	264
Piauí	28.148	1.151	962	84	1.046	90,9	105
Rio Grande do Norte	27.725	1.133	771	160	931	82,2	202
Sergipe	17.412	1.236	788	141	929	75,2	307
<b>Sudeste</b>	<b>875.380</b>	<b>7.412</b>	<b>5.411</b>	<b>859</b>	<b>6.270</b>	<b>84,6</b>	<b>1.142</b>
Espírito Santo	42.640	1.236	790	171	961	77,8	275
Minas Gerais	164.042	1.853	1.360	218	1.578	85,2	275
Rio de Janeiro	224.746	1.853	1.220	280	1.500	80,9	353
São Paulo	453.665	2.470	2.041	190	2.231	90,3	239
<b>Sul</b>	<b>242.398</b>	<b>4.325</b>	<b>2.898</b>	<b>630</b>	<b>3.528</b>	<b>81,6</b>	<b>797</b>
Paraná	80.067	1.236	792	196	988	79,9	248
Santa Catarina	50.111	1.236	702	236	938	75,9	298
Rio Grande do Sul	112.220	1.853	1.404	198	1.602	86,5	251
<b>Centro-Oeste</b>	<b>131.665</b>	<b>4.944</b>	<b>3.647</b>	<b>573</b>	<b>4.220</b>	<b>85,4</b>	<b>724</b>
Mato Grosso do Sul	18.400	1.236	976	115	1.091	88,3	145
Mato Grosso	22.635	1.236	921	139	1.060	85,8	176
Goiás	46.744	1.236	929	136	1.065	86,2	171
Distrito Federal	43.886	1.236	821	183	1.004	81,2	232

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*\*População final, atualizada pelo COFEN e utilizada no processo de calibração dos pesos;

\*Estimada com base na moda da distribuição das proporções de questionários devolvidos como recusa em cada UF.

Tabela C  
Situação Geral da Pesquisa

Unidades Federativas	Universo antigo da pesquisa	Universo com expansão da pesquisa	Amostra selecionada	Questionários devolvidos				Questionários não respondidos
				Respondidos	Recusas (12,6%)*	Total		
						N.Abs.	%	
<b>Brasil</b>	<b>1.545.102</b>	<b>1.804.535</b>	<b>35.914</b>	<b>25.404</b>	<b>4.472</b>	<b>29.876</b>	<b>83,2</b>	<b>6.038</b>
<b>Norte</b>	<b>119.350</b>	<b>143.611</b>	<b>7.680</b>	<b>4.838</b>	<b>1.170</b>	<b>6.008</b>	<b>78,2</b>	<b>1.672</b>
Rondônia	12.955	13.774	1.125	827	132	959	85,2	166
Acre	8.409	6.313	1.060	471	235	706	66,6	354
Amazonas	25.388	41.123	1.236	830	179	1.009	81,6	227
Amapá	8.622	10.128	944	435	201	636	67,4	308
Pará	45.368	54.991	1.236	1.011	99	1.110	89,8	126
Roraima	3.620	2.471	934	435	184	619	66,3	315
Tocantins	14.988	14.811	1.145	829	140	969	84,6	176
<b>Nordeste</b>	<b>265.755</b>	<b>401.768</b>	<b>11.553</b>	<b>8.610</b>	<b>1.240</b>	<b>9.860</b>	<b>85,3</b>	<b>1.703</b>
Alagoas	20.033	19.023	1.236	936	133	1.069	86,5	167
Bahia	58.136	104.901	1.853	1.443	181	1.624	87,6	229
Ceará	38.232	56.324	1.236	1.039	83	1.122	90,8	114
Maranhão	27.096	42.906	1.236	987	110	1.097	88,8	139
Paraíba	21.221	31.795	1.236	921	139	1.060	85,8	176
Pernambuco	43.781	73.534	1.236	763	209	972	78,6	264
Piauí	18.402	28.148	1.151	962	84	1.046	90,9	105
Rio Grande do Norte	12.792	27.725	1.133	771	160	931	82,2	202
Sergipe	26.062	17.412	1.236	788	141	929	75,2	307
<b>Sudeste</b>	<b>859.607</b>	<b>885.093</b>	<b>7.412</b>	<b>5.411</b>	<b>859</b>	<b>6.270</b>	<b>84,6</b>	<b>1.142</b>
Espírito Santo	17.578	42.640	1.236	790	171	961	77,8	275
Minas Gerais	147.161	164.042	1.853	1.360	218	1.578	85,2	275
Rio de Janeiro	310.567	224.746	1.853	1.220	280	1.500	80,9	353
São Paulo	384.301	453.665	2.470	2.041	190	2.231	90,3	239
<b>Sul</b>	<b>203.443</b>	<b>242.398</b>	<b>4.325</b>	<b>2.898</b>	<b>630</b>	<b>3.528</b>	<b>81,6</b>	<b>797</b>
Paraná	35.259	80.067	1.236	792	196	988	79,9	248
Santa Catarina	41.116	50.111	1.236	702	236	938	75,9	298
Rio Grande do Sul	127.068	112.220	1.853	1.404	198	1.602	86,5	251
<b>Centro-Oeste</b>	<b>96.947</b>	<b>131.665</b>	<b>4.944</b>	<b>3.647</b>	<b>573</b>	<b>4.220</b>	<b>85,4</b>	<b>724</b>
Mato Grosso do Sul	21.543	18.400	1.236	976	115	1.091	88,3	145
Mato Grosso	18.701	22.635	1.236	921	139	1.060	85,8	176
Goiás	29.416	46.744	1.236	929	136	1.065	86,2	171
Distrito Federal	27.287	43.886	1.236	821	183	1.004	81,2	232

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





---

## PARTE II

---

# PERFIL SÓCIO ECONÔMICO



## EQUIPE DE ENFERMAGEM



## COMPOSIÇÃO DA EQUIPE

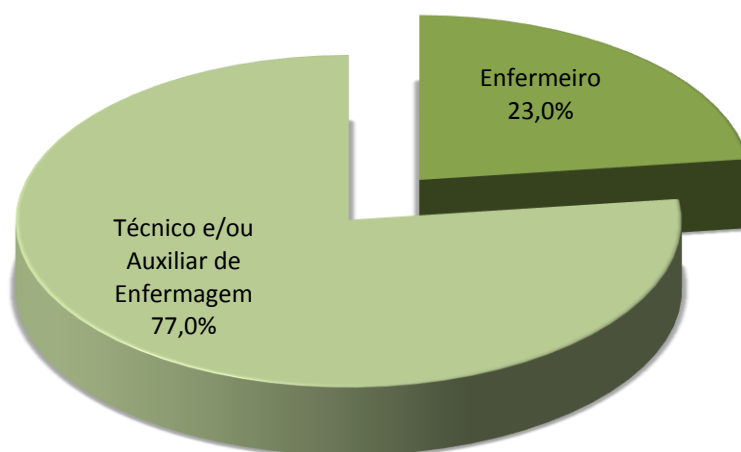
A equipe de enfermagem brasileira é, majoritariamente, constituída de técnicos e auxiliares de enfermagem. A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil confirma este dado, quando 77% do contingente respondem que estão registrados no sistema Cofen/Coren na modalidade profissional de auxiliar/técnico de enfermagem. Por outro lado, os enfermeiros demonstram um vigoroso crescimento, hoje representado por quase ¼ (23%) da Força de Trabalho - FT (Tabela 1.1 e Gráfico 1.1).

Tabela 1.1  
Equipe de Enfermagem segundo categoria profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Categoria</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Enfermeiro	414.712	23,0
Técnico e/ou Auxiliar de Enfermagem	1.389.823	77,0
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.1 - Equipe de Enfermagem segundo categoria profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SEXO

Já de muitas décadas, o setor saúde é predominantemente feminino. A Enfermagem, tradicionalmente, sempre contribuiu para essa feminilização da saúde. Os dados da pesquisa confirmam essa assertiva. A equipe de enfermagem é, predominante feminina, ou seja, 85,1% são de mulheres. É importante ressaltar, no entanto, que sendo uma categoria feminina, registra-se a presença de 14,4% de homens. O que significa afirmar o surgimento de uma nova tendência, a do crescimento do contingente masculino. (Tabela 1.2 e Gráfico 1.2).

Estudo realizado na década de 1980 pelo COFEN apontava para um contingente hegemonicamente feminino, porém, já nessa época se avizinhava um discreto crescimento da mão de obra masculina na enfermagem: “Nos últimos anos, porém, parece haver uma tendência ao crescimento da participação masculina na enfermagem. Entre 1970 e 1980 houve um aumento do contingente masculino com formação em nível superior, particularmente acentuado nas faixas etárias mais jovens. Apesar desse fenômeno, a Força de Trabalho em Enfermagem é ainda hegemonicamente feminina”. (COFEN, 1985:58)<sup>3</sup>.

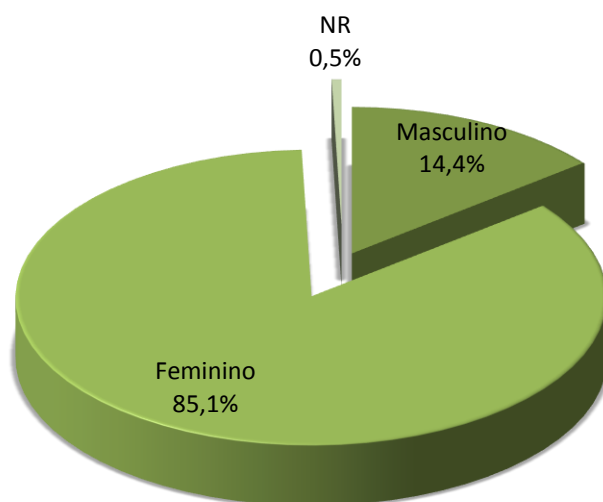
Tabela 1.2  
Equipe de Enfermagem segundo sexo - Brasil

<b>Sexo</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Masculino	259.954	14,4
Feminino	1.534.887	85,1
NR	9.694	0,5
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

<sup>3</sup> Consultar: O exercício da Enfermagem nas instituições de saúde do Brasil 1982-1983. Volume 1: Força de Trabalho em Enfermagem. Conselho Federal de Enfermagem, Rio de Janeiro, 1985.

Gráfico 1.2 - Equipe de Enfermagem segundo sexo - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Machado (1989:124)<sup>4</sup>, mostra que há uma associação direta, no caso da enfermagem, entre idade e sexo. “Fato curioso deu-se com os profissionais de enfermagem, no que diz respeito à participação segundo sexo e idade. Em 1970, a FT feminina com menos de 29 anos de idade representava 22%, não se registrando, neste período, a presença masculina. Na década seguinte, o quadro se altera sensivelmente, ocorrendo a presença masculina, nesta faixa, com 42% do total dos homens e 29% as mulheres”.

Pode-se afirmar que na enfermagem está se firmando uma tendência à **masculinização** da categoria, com o crescente aumento do contingente masculino na composição. Essa tendência é recente, data do início da década de 1990 e vem se firmando.

<sup>4</sup> Ver: Machado, Maria Helena. “A mão de obra feminina no setor saúde no Brasil” 1989:119-133. In: Labra, Maria Eliana (org.): Mulher, Saúde e Sociedade no Brasil, Ed. Vozes, Petrópolis, 1989.



## FAIXA ETÁRIA

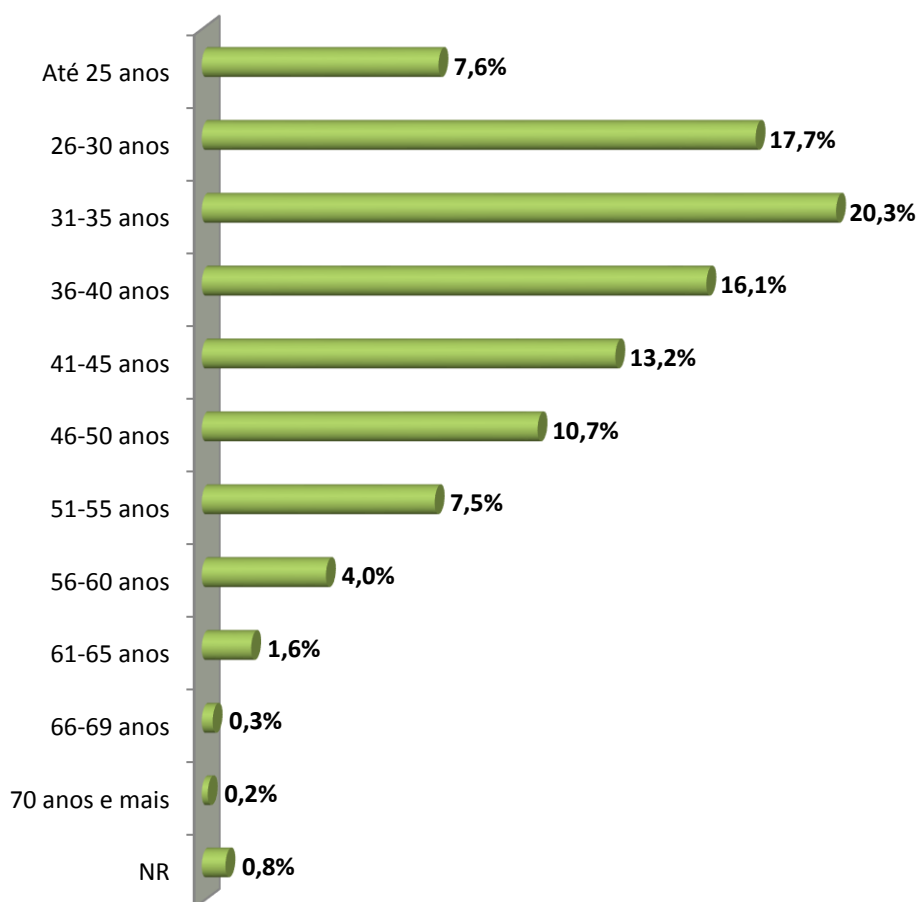
No Brasil, a equipe de enfermagem apresenta mais de 1/3, ou seja, 40% do seu contingente com idade entre 36 - 50 anos. A segunda faixa etária com maior percentual (38%) é de 26-35 anos. Registram-se apenas 2,1% que têm mais de 61 anos, como mostram a Tabela 1.3 e Gráfico 1.3. Ressalta-se que 61,7% do contingente, o que representa mais 1 milhão e 100 mil trabalhadores têm até 40 anos, o que significa dizer que a enfermagem é jovem. O que reforça a afirmação acima é o fato que 1/4 (25,3%) do contingente tem até 30 anos.

Tabela 1.3  
Equipe de Enfermagem segundo faixa etária - Brasil

<b>Faixa etária</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Até 25 anos	136.641	7,6
26-30 anos	319.717	17,7
31-35 anos	366.165	20,3
36-40 anos	291.302	16,1
41-45 anos	238.731	13,2
46-50 anos	193.835	10,7
51-55 anos	134.481	7,5
56-60 anos	71.694	4,0
61-65 anos	28.530	1,6
66-69 anos	6.291	0,3
70 anos e mais	3.458	0,2
NR	13.691	0,8
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

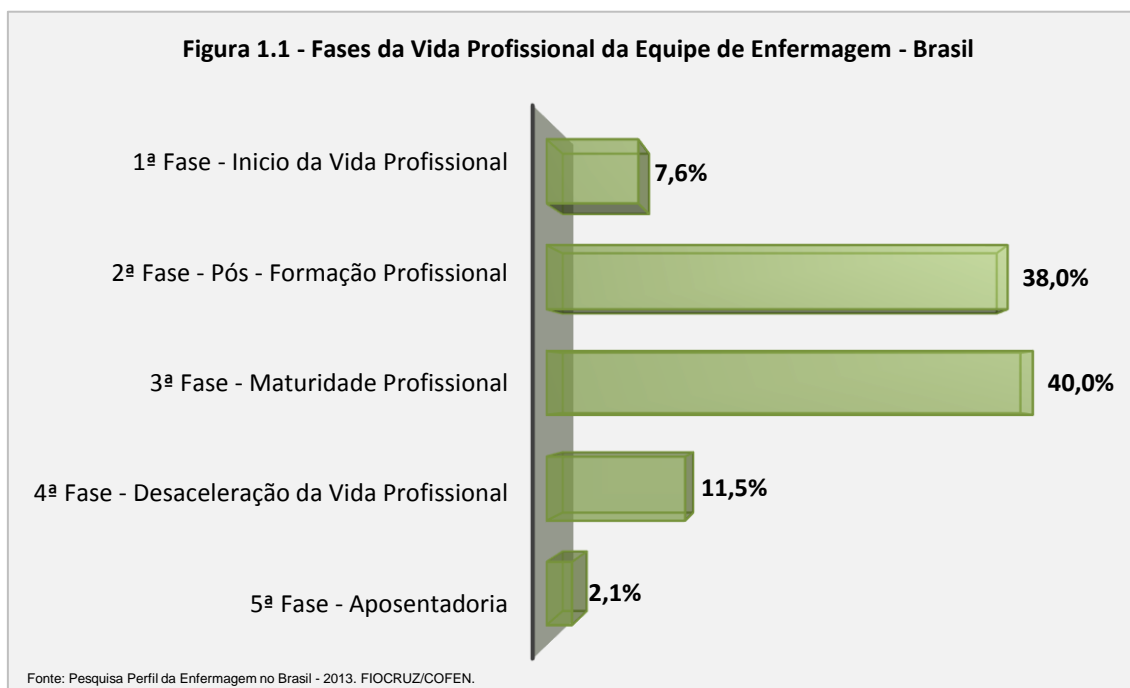
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.3 - Equipe de Enfermagem segundo faixa etária- Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Analisando a Figura 1.1, nota-se que, ao fazer o mapa das fases da vida profissional da equipe de enfermagem, há um predomínio nas segunda e terceira fases, ou seja, a fase da formação profissional com 38% e a fase da maturidade profissional com 40%, o que soma quase 80% de todo o contingente. Aqueles da primeira fase representam menos de 7,7% e os que estão na última fase, a da aposentadoria pouco mais de 2%.



Considerando a população de auxiliares, técnicos e enfermeiros existentes hoje no Brasil e, considerando como base a idade desta população é possível construir, a partir do construto da sociologia das profissões, um quadro caracterizando as várias “fases” da vida profissional desta categoria. Se levará em conta a idade e a contabilidade dos anos de formação até a sua entrada no Mercado de Trabalho, seja ele, de nível técnico (18 anos) e profissional (22 anos).

Como pode ser visualizado acima, na Figura 1.1 refere-se a cinco fases da vida profissional da equipe de enfermagem.

A 1ª Fase – denominada de “**Início da vida profissional**”, referem-se aqueles profissionais com até 25 anos de idade, seja ele, auxiliar, técnico ou enfermeiro (7,6%). Nesta fase, estão os recém-formados, recém egressos das escolas técnicas ou das escolas de profissionais de enfermagem, propriamente ditas. Estes jovens

estão ainda sem definição clara da área de atuação e como se dará sua inserção no mercado de trabalho.

É a fase do sonho profissional, da ilusão de uma vida profissional promissora, mas é também a fase das indecisões, da busca por uma inserção no mundo do real, no mundo do trabalho.

Já na 2ª Fase – chamada de “**Pós-Formação Profissional**”, estão aquelas pessoas entre 26 - 35 anos de idade (38%). Nesta fase da vida profissional, seja enfermeiro, técnico ou auxiliar, os profissionais buscam se qualificar para os serviços, especializando-se por meio de uma Pós-Graduação (enfermeiros) ou uma Pós- formação (para os técnicos). Essa busca por especialização está diretamente associada à perspectiva de inserção no mercado de trabalho em funções de maior complexidade e destreza cognitiva. O profissional se encaminha para a academia procurando um curso no âmbito do *lato sensu* ou *stricto sensu*, seja um curso de atualização, curso de especialização, Programa de Residência em Enfermagem ou afins, Mestrado Profissional, Mestrado Acadêmico ou mesmo o Doutorado.

Cada vez mais, esta formação, especialmente no *stricto sensu*, se dá mais precocemente, no início da vida profissional, habilitando-o a seguir carreira seja nos serviços, na academia ou na gestão do sistema de saúde. Esses profissionais buscam se qualificar nas áreas de seu interesse, mas sempre com o olhar para o futuro do mercado de trabalho. Nesta fase, o profissional também começa a se estabelecer ocupando postos de trabalho disponíveis, sejam nos grandes centros ou nos interiores do país.

Pode-se dizer que é a fase da busca da identidade profissional, da perda da ilusão de uma vida promissora idealmente, como também reflete a fase da preparação (racional) para as escolhas profissionais, definitivas.

Na 3ª Fase- denominada de “**Maturidade profissional**”, encontram-se os indivíduos com idade entre 36 - 50 anos (40%). São profissionais em pleno desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, técnicas e práticas de enfermagem. Já preparados e devidamente qualificados, estes se inserem, em definitivo, no mercado de trabalho. Nesta fase, as escolhas profissionais são guiadas pela lógica racional e feitas com olhar atento as oportunidades de trabalho. O profissional assume a plenitude de sua vida profissional e passa a ter domínio de suas habilidades e destrezas cognitivas.

Já, quase sempre, com o diploma de especialista nas mãos e com a certeza de que área vai se firmar profissionalmente, ele busca se garantir nas melhores oportunidades de trabalho. É possível que, no caso dos técnicos, a realização, em paralelo, de curso superior, na perspectiva de mudança de área ou até mesmo, ascensão profissional na carreira de enfermagem. Neste momento, não há mais espaço para ilusões e incertezas. O cotidiano do trabalho assume proeminência e advoga em prol de escolhas racionais mediadas pelas oportunidades.

É a fase das certezas, da afirmação da identidade profissional, da construção do futuro mediante escolhas planejadas e tecnicamente testadas. Inicia-se aqui um longo ciclo profissional de produtividade, criatividade, da busca por prosperidade econômica mediante o trabalho. É também auge do reconhecimento profissional.

A 4ª Fase – definida como “**Desaceleração profissional**”, encontram-se aquelas pessoas com idade entre 51 - 60 anos (11,5%) que, já buscam, seletivamente, se manter nas atividades, trabalhos e empregos que lhes assegurem a aposentadoria. Nesta fase, os profissionais já não se aventuram em trabalhos, empregos ou mesmo atividades novas ou guinadas bruscas em sua vida profissional. A mudança, caso ocorra, será movida por escolhas e por interesses e desejos pessoais de realização, comodidade e segurança pessoal. Por exemplo, a realização de um Pós-Doutorado, ou mesmo de uma Pós-Graduação “fora do tempo” ou então, no caso dos técnicos, a possibilidade de uma nova inserção profissional, muitas vezes, na própria área da saúde ou fora dela.

É a fase da desaceleração da vida profissional, a preparação para sua saída da vida produtiva.

A 5ª Fase – a da “**Aposentadoria**”, estão as pessoas com idade acima de 61 anos (2,1%) que já se retiraram do mercado de trabalho, parcialmente ou totalmente ou estão se preparando para saírem. É o momento do cessar gradual e definitivo da vida profissional, do mundo do trabalho. Nesta fase, surgem as oportunidades ou se busca realizar atividades “criativas”, funções, e tarefas que lhes conferem comodidade, prazer e reconhecimento pessoal.

Nesta fase da vida profissional as escolhas são movidas pela vontade e desejo de fazer o que lhes agradam e dão sentido do fazer.

## NACIONALIDADE

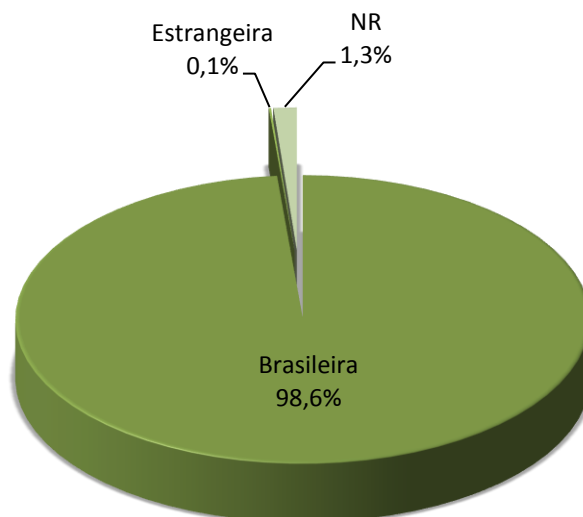
A maioria absoluta da equipe de enfermagem é brasileira. No entanto, chama atenção que mais de 2.000 profissionais têm nacionalidade estrangeira (Tabela 1.4 e Gráfico 1.4).

Tabela 1.4  
Equipe de Enfermagem segundo nacionalidade – Brasil

Nacionalidade	V.Abs.	%
Brasileira	1.778.541	98,6
Estrangeira	2.294	0,1
NR	23.700	1,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1. 4 - Equipe de Enfermagem segundo nacionalidade - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## NACIONALIDADE (estrangeira)

Dos estrangeiros que compõem a equipe de enfermagem, os indivíduos provenientes do Uruguai representam 14%, seguidos do Peru com 12,6%, Portugal com 8,5%, Guiné Bissau 7,4% e França com 7,2%, como mostra no *ranking* (Figura 1.2). Destacam-se a presença de 18 países dos vários continentes que contribuem na composição da FT da Enfermagem: América do Sul (6); América do Norte (1); América Central (2); África (2); Europa (5); e Ásia (2), conforme mostra a Tabela 1.4.1.

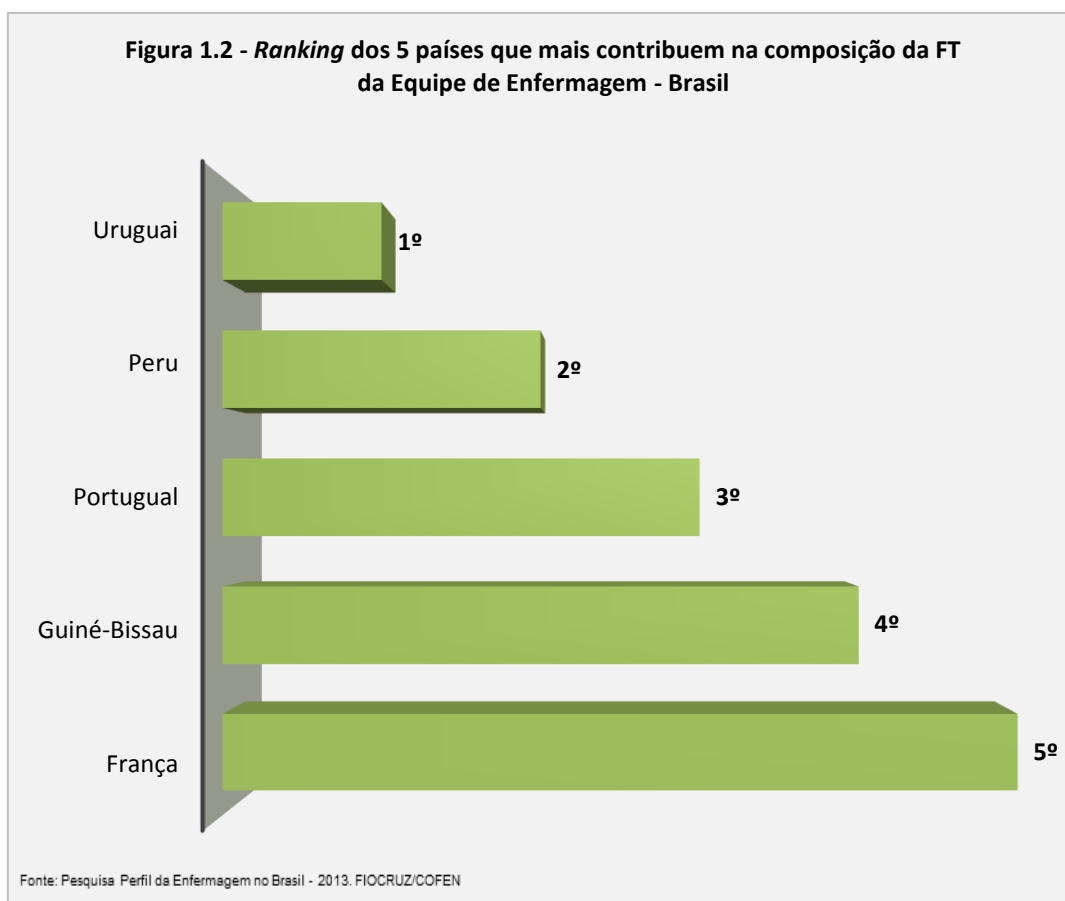


Tabela 1.4.1  
 Equipe de Enfermagem segundo país de origem - Brasil

<b>País</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Alemanha	141	6,2
Angola	30	1,3
Bolívia	65	2,8
Chile	113	4,9
China	91	4,0
Colômbia	134	5,9
EUA	25	1,1
França	165	7,2
Guiné-Bissau	170	7,4
Itália	114	5,0
Japão	51	2,2
Nicarágua	79	3,5
Panamá	20	0,9
Paraguai	30	1,3
Peru	290	12,6
Polônia	69	3,0
Portugal	195	8,5
Uruguai	320	14,0
Naturalizado	104	4,6
NR	87	3,8
<b>Total</b>	<b>2.294</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## NATURALIDADE

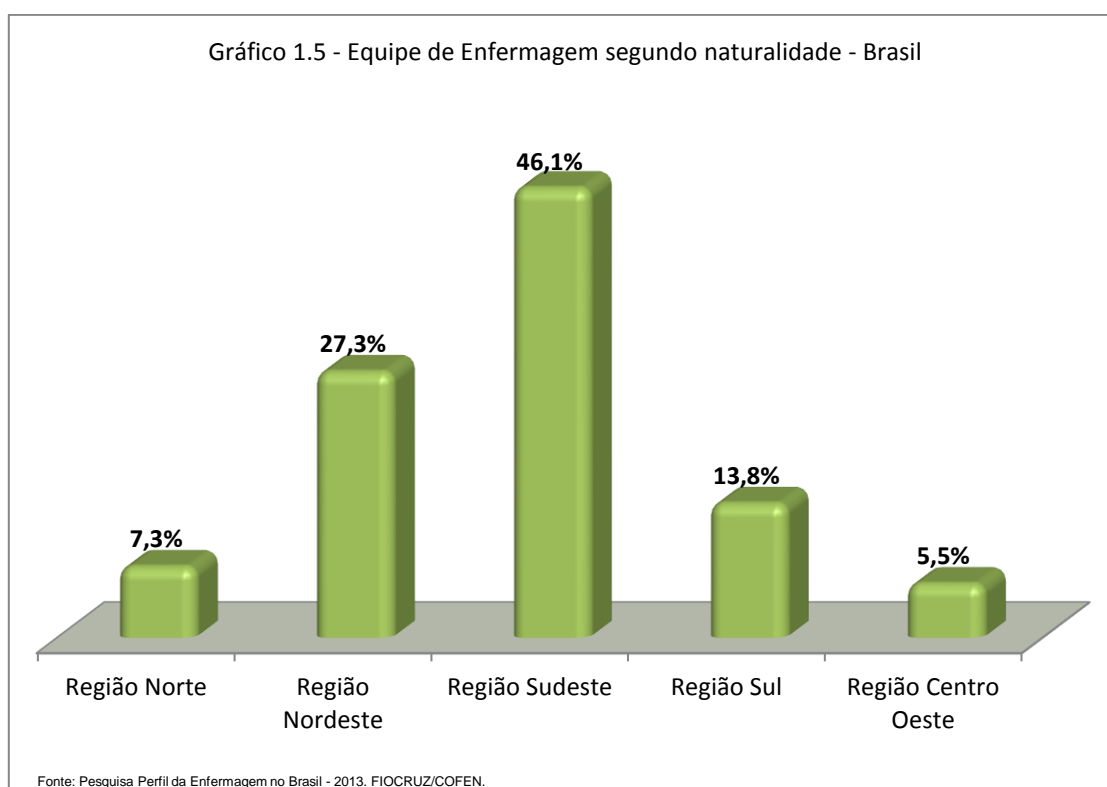
Dos 26 estados e o Distrito Federal, considerando a naturalidade da equipe de enfermagem, três estados da região Sudeste se destacam, nacionalmente: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo responsáveis por 38,5% de todo o contingente do país, ou seja, mais de 690 mil profissionais são cariocas, paulistas e mineiros. Com menor participação na composição da FT da Enfermagem estão Roraima com 0,1%; Acre (0,3%); Amapá (0,2%) e Rondônia com 0,4%. (Tabela 1.5).

Tabela 1.5  
 Equipe de Enfermagem segundo naturalidade - Brasil

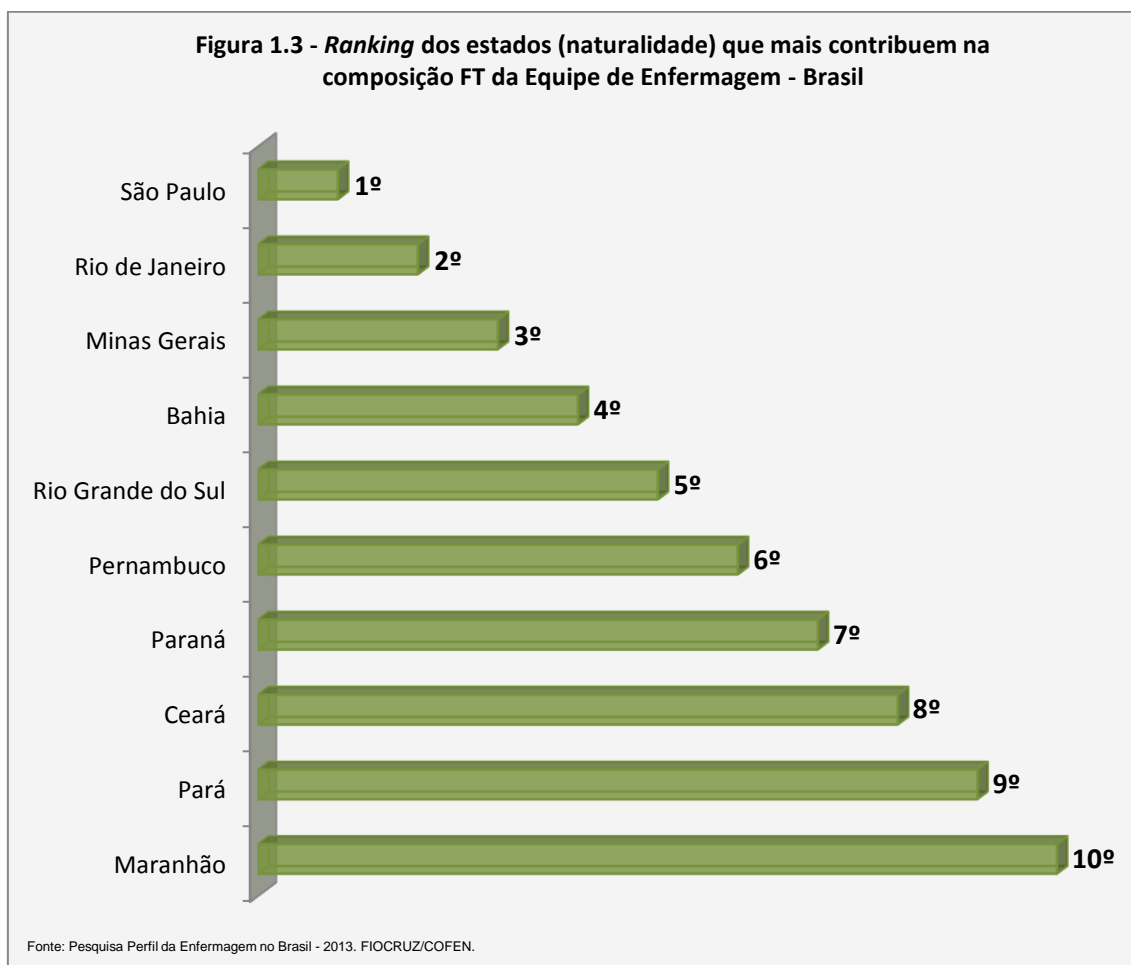
<b>Unidade da Federação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Brasil</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>115.573</b>	<b>6,4</b>
Rondônia	7.112	0,4
Acre	5.433	0,3
Amazonas	31.536	1,7
Roraima	2.106	0,1
Pará	53.736	3,0
Amapá	3.807	0,2
Tocantins	11.843	0,7
<b>Região Nordeste</b>	<b>432.066</b>	<b>23,9</b>
Maranhão	50.404	2,8
Piauí	32.592	1,8
Ceará	60.598	3,4
Rio Grande do Norte	25.887	1,4
Paraíba	32.589	1,8
Pernambuco	78.694	4,4
Alagoas	19.598	1,1
Sergipe	14.095	0,8
Bahia	117.608	6,5
<b>Região Sudeste</b>	<b>729.084</b>	<b>40,4</b>
Minas Gerais	180.304	10,0
Espírito Santo	34.962	1,9
Rio de Janeiro	192.677	10,7
São Paulo	321.141	17,8
<b>Região Sul</b>	<b>218.743</b>	<b>12,1</b>
Paraná	70.834	3,9
Santa Catarina	39.678	2,2
Rio Grande do Sul	108.231	6,0
<b>Região Centro Oeste</b>	<b>87.686</b>	<b>4,9</b>
Mato Grosso do Sul	13.968	0,8
Mato Grosso	14.904	0,8
Goiás	38.845	2,2
Distrito Federal	19.969	1,1
<b>NR</b>	<b>221.382</b>	<b>12,3</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Se analisado por regiões, nota-se que o Sudeste é responsável pela origem de 46,1% dos profissionais, concentradamente; seguido do Nordeste (27,3%), sendo apenas os estados da Bahia e de Pernambuco com destaque; os demais tem distribuição homogênea; Sul (13,8%), com concentração de mais da metade do todo o contingente apenas no estado do Rio Grande do Sul, Norte (7,3%) da mesma forma que no Sul, apenas Pará, congrega metade de todo contingente da região e Centro-Oeste com 5,5% que se mostra com uma distribuição homogênea (Gráfico 1.5).



6



No *ranking* (Figura 1.3) dos estados destacam-se: 1) São Paulo, 2) Rio de Janeiro, 3) Minas Gerais, 4) Bahia; 5) Rio Grande do Sul, 6) Pernambuco, 7) Paraná, 8) Ceará, 9) Pará, 10) Maranhão. Observa-se que mesmo nestes 10 estados ranqueados, há uma grande distância entre os três primeiros e os demais, como pode ser visto na Tabela 1.5 já mencionada.

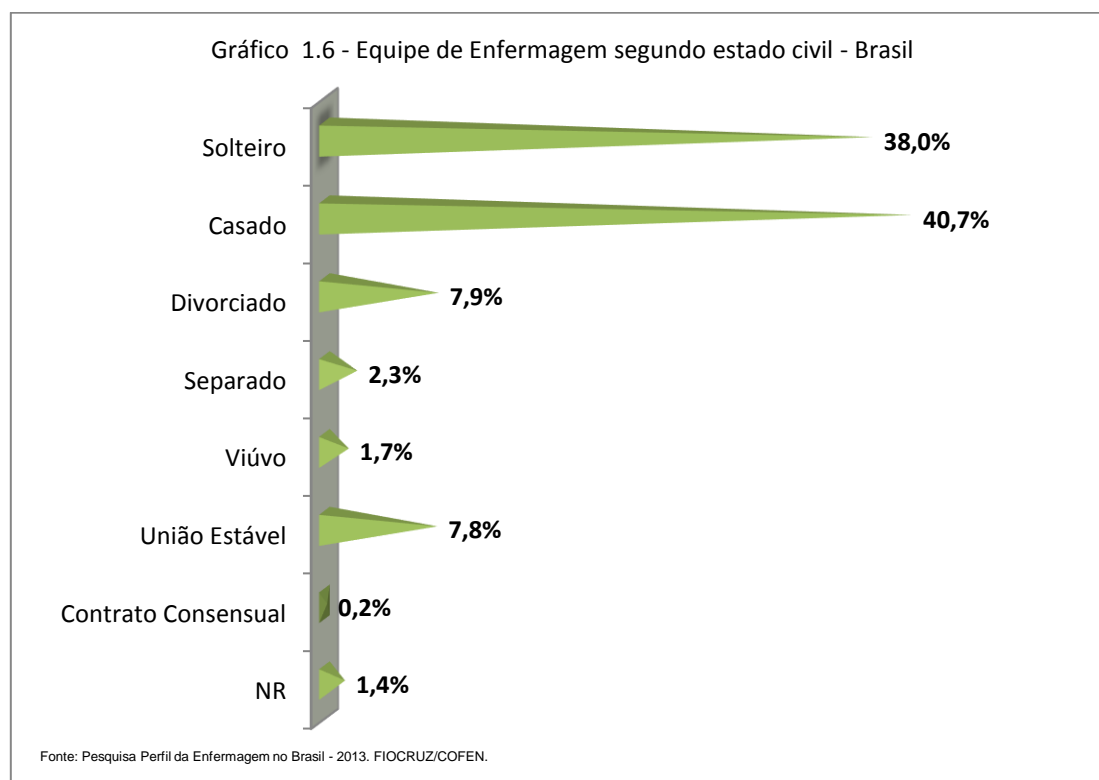
## ESTADO CIVIL

Quanto à conformação do estado civil tem-se: casado + união estável + contrato consensual somam 48,7%, os solteiros representam 38%, e os divorciados, separados e viúvos somam 11,9%. Portanto, não há uma predominância de um estado civil. (Tabela 1.6 e Gráfico 1.6).

Tabela 1.6  
Equipe de Enfermagem segundo estado civil - Brasil

<b>Estado civil</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Solteiro	685.249	38,0
Casado	734.319	40,7
Divorciado	142.733	7,9
Separado	41.178	2,3
Viúvo	30.503	1,7
União Estável	141.221	7,8
Contrato Consensual	3.538	0,2
NR	25.793	1,4
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



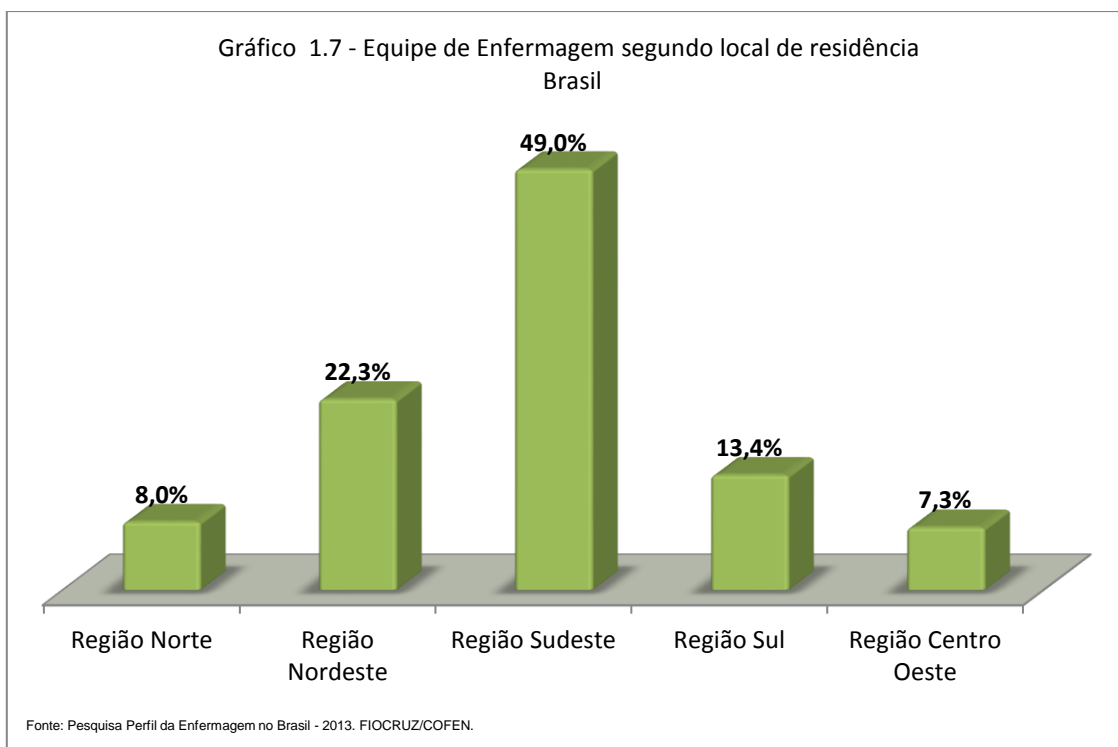
## LOCAL DE RESIDÊNCIA

A capacidade de empregabilidade das 26 unidades da federação e o Distrito Federal, considerando o local de residência - onde reside e trabalha - da equipe de enfermagem, apontam para uma concentração ainda maior nos estados da Região Sudeste. Nacionalmente, cinco se destacam como os que mais concentram, são eles: São Paulo (25,1%); Rio de Janeiro (12,5%); Minas Gerais (9,1%); Rio Grande do Sul (6,2%); Bahia (5,8%). Estes cinco estados concentram 58,7% da FT da Enfermagem, ou seja, mais da metade dos mais de 1 milhão e 800 mil trabalhadores da enfermagem. (Tabela 1.7). Os estados com menor concentração de contingente de enfermagem no Brasil são: Amapá (0,6%), Acre (0,3%) e Roraima (0,1%).

Tabela 1.7  
Equipe de Enfermagem segundo local de residência – Brasil

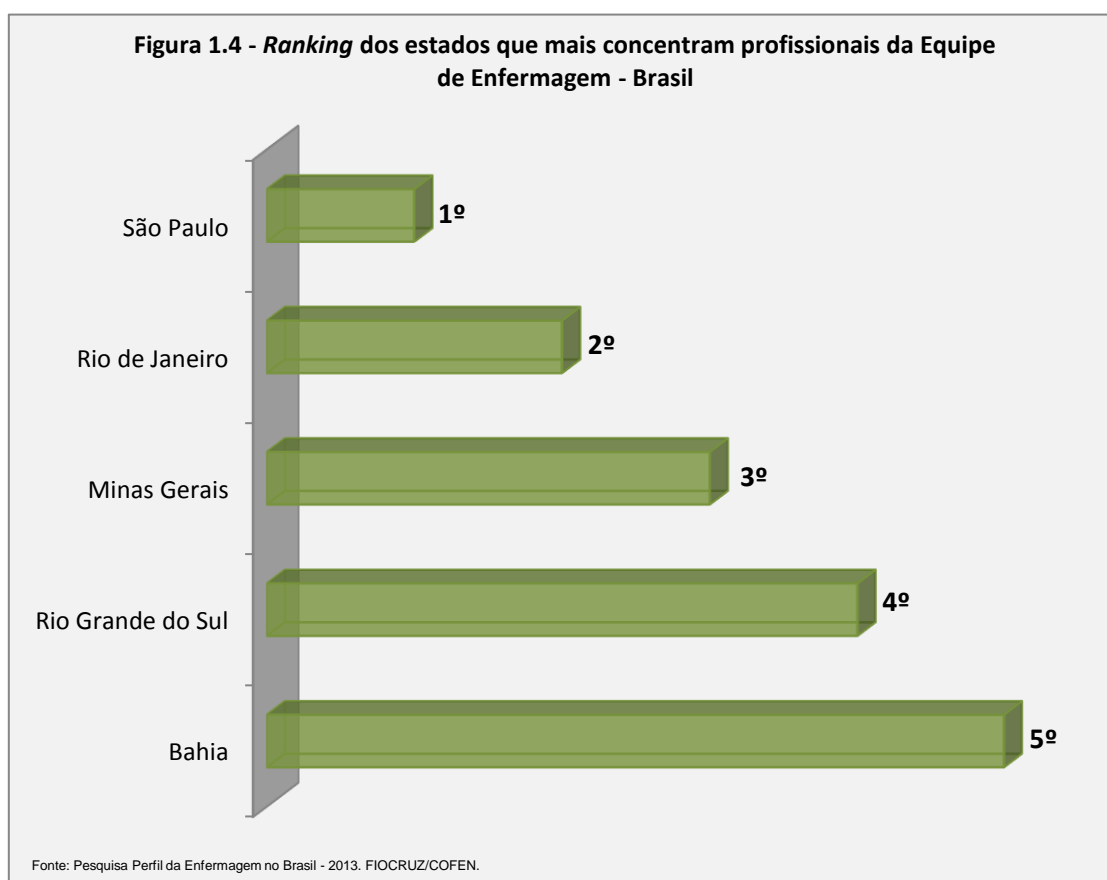
Unidade da Federação	V.Abs.	%
<b>Brasil</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>143.611</b>	<b>8,0</b>
Rondônia	13.774	0,8
Acre	6.313	0,3
Amazonas	41.123	2,3
Roraima	2.471	0,1
Pará	54.991	3,0
Amapá	10.128	0,6
Tocantins	14.811	0,8
<b>Região Nordeste</b>	<b>401.768</b>	<b>22,3</b>
Maranhão	42.906	2,4
Piauí	28.148	1,6
Ceará	56.324	3,1
Rio Grande do Norte	27.725	1,5
Paraíba	31.795	1,8
Pernambuco	73.534	4,1
Alagoas	19.023	1,1
Sergipe	17.412	1,0
Bahia	104.901	5,8
<b>Região Sudeste</b>	<b>885.093</b>	<b>49,0</b>
Minas Gerais	164.042	9,1
Espírito Santo	42.640	2,4
Rio de Janeiro	224.746	12,5
São Paulo	453.665	25,1
<b>Região Sul</b>	<b>242.398</b>	<b>13,4</b>
Paraná	80.067	4,4
Santa Catarina	50.111	2,8
Rio Grande do Sul	112.220	6,2
<b>Região Centro Oeste</b>	<b>131.665</b>	<b>7,3</b>
Mato Grosso do Sul	18.400	1,0
Mato Grosso	22.635	1,3
Goiás	46.744	2,6
Distrito Federal	43.886	2,4

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Já a análise regional, mostra ainda mais a hegemonia do Sudeste com metade de todos os profissionais atuando, ou seja, 49%, concentradamente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O Nordeste, com 22,3% representa a segunda concentração de profissionais do país, com destaque para Bahia e Pernambuco. Já no Sul, com 13,4% apresenta a terceira, com hegemonia no Rio Grande do Sul. Na região Norte, com apenas 8%, tem-se em destaque os estados do Pará e do Amazonas. E o Centro-Oeste, com 7,3%, que mostra distribuição mais homogênea do país. (Gráfico 1.7).

O *ranking* (Figura 1.4) abaixo evidencia que 5 estados concentram mais da metade de todo o contingente de enfermagem dos seus 1 milhão e 800 mil trabalhadores. Chama atenção dos 5 estados, 4 são das regiões Sul e Sudeste. Destaca-se o Norte e Nordeste, que concentram 16 dos 27 estados do país, tem apenas um destaque no *ranking*, por conta da Bahia.





## LOCAL DE RESIDÊNCIA (capital X interior)

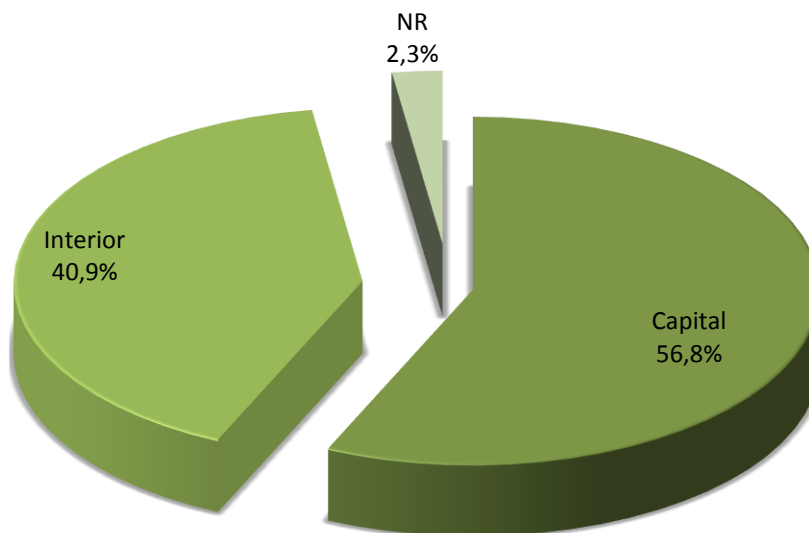
Os dados da pesquisa reforçam a evidência de concentração de mão de obra da enfermagem nos grandes centros urbanos. Registra-se uma certa predominância de profissionais residentes na capital (56,8%) em relação aos do interior (40,9%) (Tabela 1.7.1 e Gráfico 1.8).

Tabela 1.7.1  
Equipe de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) – Brasil

Local de residência	V.Abs.	%
Capital	1.024.996	56,8
Interior	737.363	40,9
NR	42.176	2,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.8 - Equipe de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

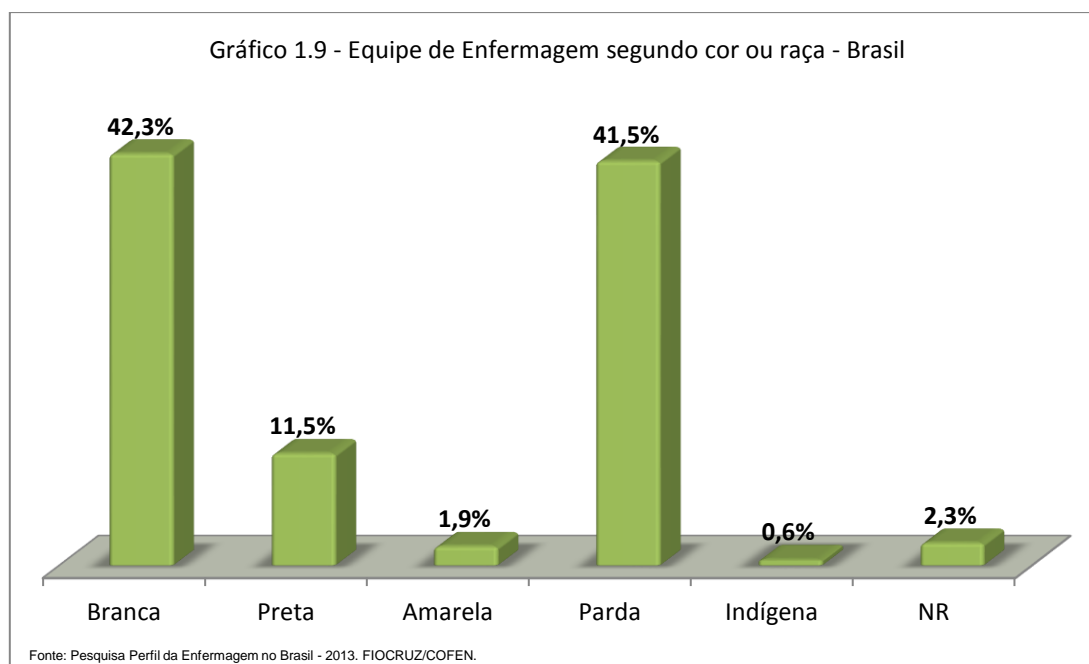
## COR OU RAÇA

Ao analisar cor/raça, segundo nomenclatura do IBGE, os dados da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil mostram que 42,3% da equipe de enfermagem declaram ser da cor branca; 41,5% pardos e 11,5% pretos. Somados pardos e pretos estes percentuais atingem 53%, tornando-se o mais expressivo e dominante na composição de cor/raça da equipe. Vale destaque especial a presença de pouco mais de 10.000 trabalhadores da enfermagem que são de origem indígena. (Tabela 1.8 e Gráfico 1.9).

Tabela 1.8  
Equipe de Enfermagem segundo cor ou raça - Brasil

Cor/Raça	V.Abs.	%
Branca	762.466	42,3
Preta	206.835	11,5
Amarela	35.009	1,9
Parda	748.743	41,5
Indígena	10.132	0,6
NR	41.349	2,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## ESCOLARIDADE DO PAI

Considerando a escolaridade do pai dos profissionais da equipe de enfermagem, observa-se que há uma predominância (38,7%) daqueles com o primeiro grau; seguidos dos que têm 2º grau (30,4%), que somados representam 69,1%. Digno de nota é a existência de dois polos: um contingente de pais sem escolaridade (14%) e no oposto, daqueles que possuem nível superior (13,3%). (Tabela 1.9).

Tabela 1.9  
Equipe de Enfermagem segundo escolaridade do pai – Brasil

<b>Escolaridade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sem Escolaridade	252.463	14,0
Primeiro Grau	699.048	38,7
Segundo Grau	548.875	30,4
Nível Superior	239.255	13,3
NR	64.895	3,6
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ESCOLARIDADE DA MÃE

Já os dados da escolaridade da mãe dos profissionais da equipe, o comportamento se mostra bastante diferente. Neste caso, as mães sem escolaridade são na ordem de 17,6%, ou seja, duas vezes maior que o nível superior (8,3%). O maior contingente materno concentra-se naquelas que detêm apenas o primeiro grau (46,4%), que somado aos percentuais de segundo grau (23,9%), atinge 70,3%. (Tabela 1.10).

Tabela 1.10  
Equipe de Enfermagem segundo escolaridade da mãe – Brasil

<b>Escolaridade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sem Escolaridade	318.131	17,6
Primeiro Grau	836.701	46,4
Segundo Grau	431.159	23,9
Nível Superior	149.633	8,3
NR	68.911	3,8
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

.

## LINHAGEM DE ENFERMAGEM

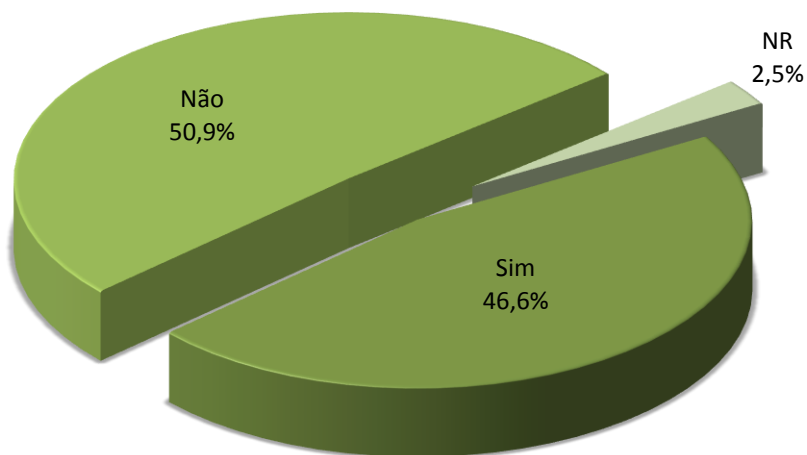
A “Linhagem de Enfermagem” na equipe é detectada por 46,6%, ou seja, tem parentes na área: pais, irmãos, tios, filhos, sobrinhos, etc. Aqui foi incluído “esposo e esposa” como parentes (Tabela 1.11 e Gráfico 1.10).

Tabela 1.11  
Equipe de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" – Brasil

<b>Linhagem</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	840.737	46,6
Não	918.118	50,9
NR	45.681	2,5
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.10 - Equipe de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

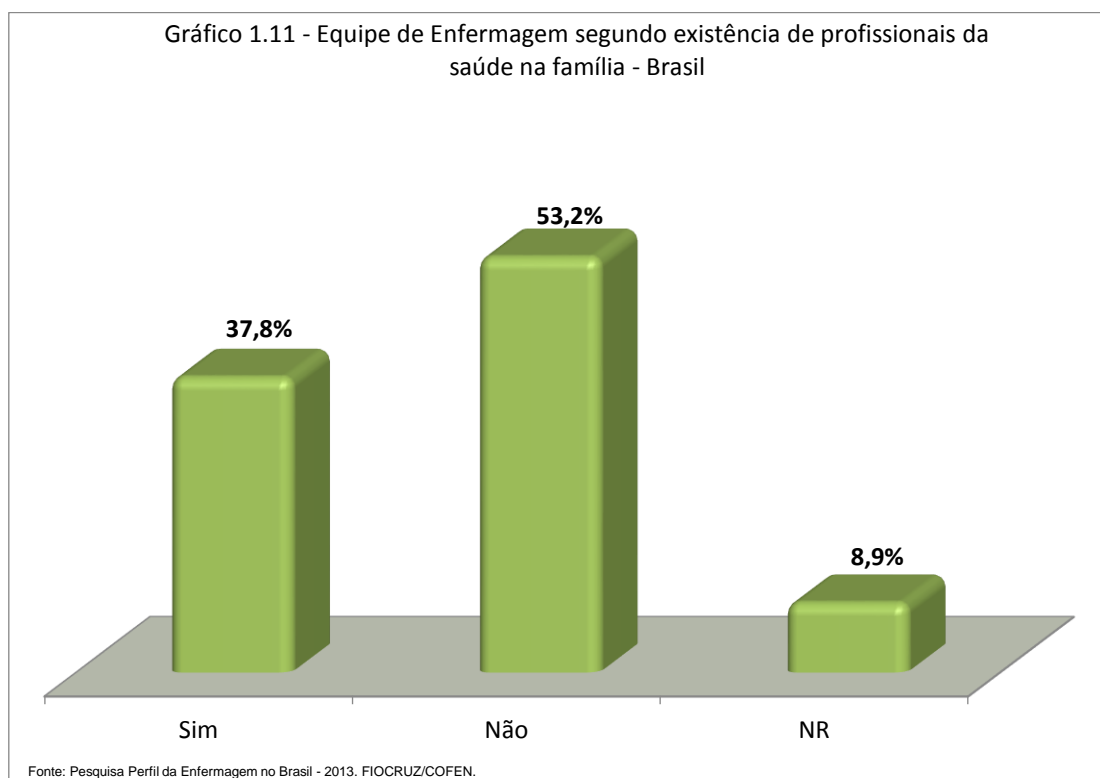
## FAMÍLIA SAÚDE

No Brasil, na equipe de enfermagem 37,8% afirmam ter outros profissionais da saúde na família. Vale ressaltar, no entanto, que estes percentuais representam mais de 1/3 do contingente, ou seja, mais de 682 mil enfermeiros, técnicos e auxiliares que têm algum grau de parentesco com pessoas que atuam na saúde. (Tabela 1.12 e Gráfico 1.11).

Tabela 1.12  
Equipe de Enfermagem segundo existência de profissionais da saúde na família – Brasil

Profissionais da saúde	V.Abs.	%
Sim	682.739	37,8
Não	960.300	53,2
NR	161.496	8,9
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## FAMÍLIA SAÚDE (profissionais da saúde)

A “família saúde” agrega uma população diversificada de mais de 1 milhão e 100 mil profissionais da saúde, desde as profissões mais tradicionais como a Medicina, a Farmácia e a Odontologia, até as emergentes como a Fisioterapia, Terapeuta Ocupacional e Nutrição, etc. É possível encontrar também ocupações profissionais da saúde, tais como os diversos técnicos de Radiologia, Saúde Bucal, Laboratório, etc. Tem destaque também a presença expressiva de médicos, fisioterapeutas e dos agentes comunitários de saúde - ACS. (Tabela 1.12.1).

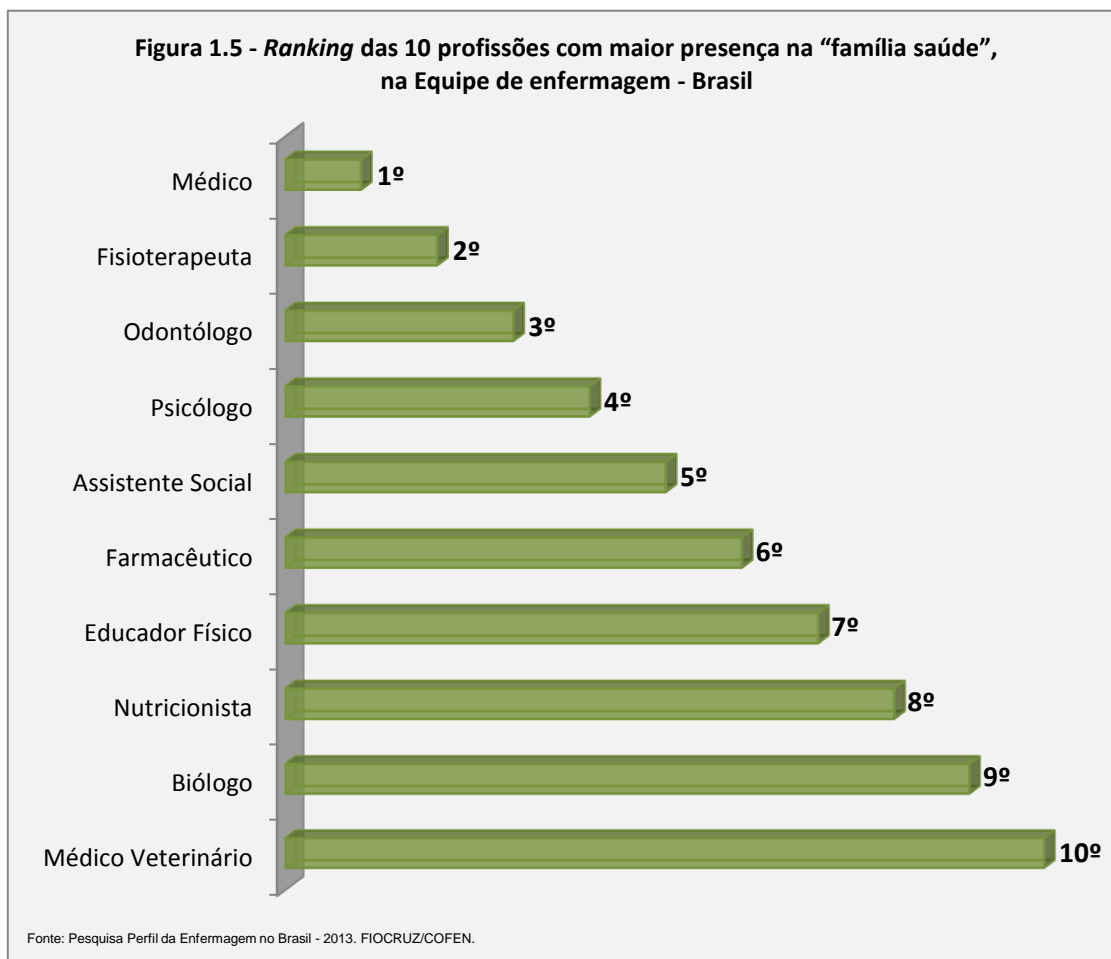
Tabela 1.12.1

Equipe de Enfermagem com existência de profissionais da saúde na família segundo profissão do parente – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Profissão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Médico	209.200	18,0
Médico Veterinário	45.528	3,9
Biólogo	72.124	6,2
Biomédico	30.102	2,6
Farmacêutico	100.209	8,6
Nutricionista	74.234	6,4
Fonoaudiólogo	25.237	2,2
Fisioterapeuta	137.337	11,8
Terapeuta Ocupacional	12.403	1,1
Odontólogo	111.461	9,6
Psicólogo	108.481	9,3
Educador Físico	85.650	7,4
Assistente Social	104.642	9,0
Administrador hospitalar	182	0,02
Técnico em saúde	33.651	2,9
ACS	13.138	1,1
Outro	1.573	0,1
<b>Total</b>	<b>1.165.154</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

No *ranking* (Figura 1.5) dos 10 grupos profissionais com maior presença na “família saúde” destacam-se, por ordem decrescente: 1) Médicos, 2) Fisioterapeutas, 3) Odontólogos, 4) Psicólogos, 5) Assistentes Sociais, 6) Farmacêuticos, 7) Educadores Físicos, 8) Nutricionistas, 9) Biólogos e 10) Médicos Veterinários.







# ENFERMEIROS



## COMPOSIÇÃO DA EQUIPE

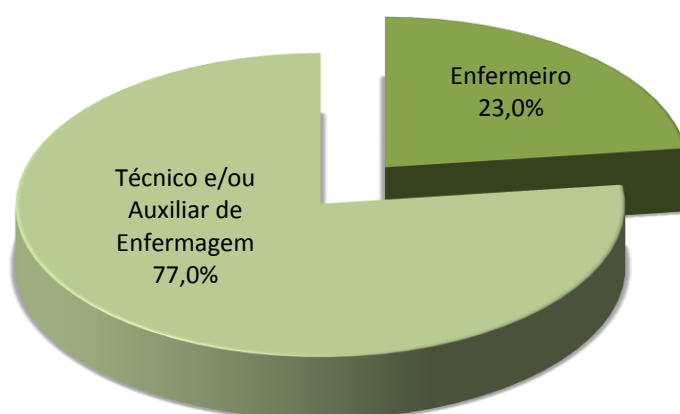
Como já abordado no início deste bloco, a participação dos enfermeiros vem aumentando ao longo dos anos; contudo, continua diminuta sua participação no interior da equipe, representando menos de 1/4 do total da FT da Enfermagem, ou seja, 23%. É sobre esse contingente que será tratado esta parte do Bloco 1, ou seja, o Perfil sócio econômico dos Enfermeiros (Tabela 1.1a e Gráfico 1.12).

Tabela 1.1a  
Enfermeiros segundo categoria profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Categoria</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Enfermeiro	414.712	23,0
Técnico e/ou Auxiliar de Enfermagem	1.389.823	77,0
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.12 - Enfermeiros segundo categoria profissional – Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SEXO

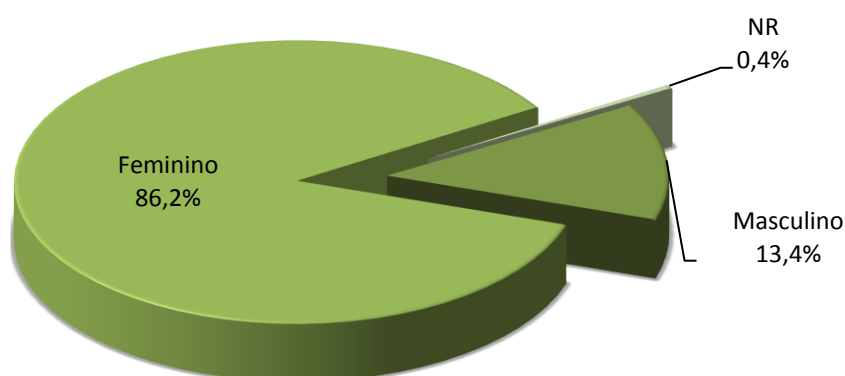
Como dito anteriormente, a questão da feminilização do setor saúde é um fato comum em todas as profissões de saúde. A enfermagem acompanha e acentua esse processo uma vez que ela é, predominantemente, constituída de mulheres. A pesquisa aponta para este predomínio feminino. A categoria de enfermeiros é constituída por 86,2% de mulheres. Contudo, registra-se a presença de mais de 55 mil homens, o que significa 13,4%. Pode-se afirmar que nesse segmento está em curso, como já abordado anteriormente, um processo de **masculinização**, com uma crescente participação de homens na categoria. (Tabela 1.2a e Gráfico 1.13).

Tabela 1.2a  
Enfermeiros segundo sexo - Brasil

Sexo	V.Abs.	%
Masculino	55.401	13,4
Feminino	357.551	86,2
NR	1.760	0,4
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.13 - Enfermeiros segundo sexo – Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## FAIXA ETÁRIA

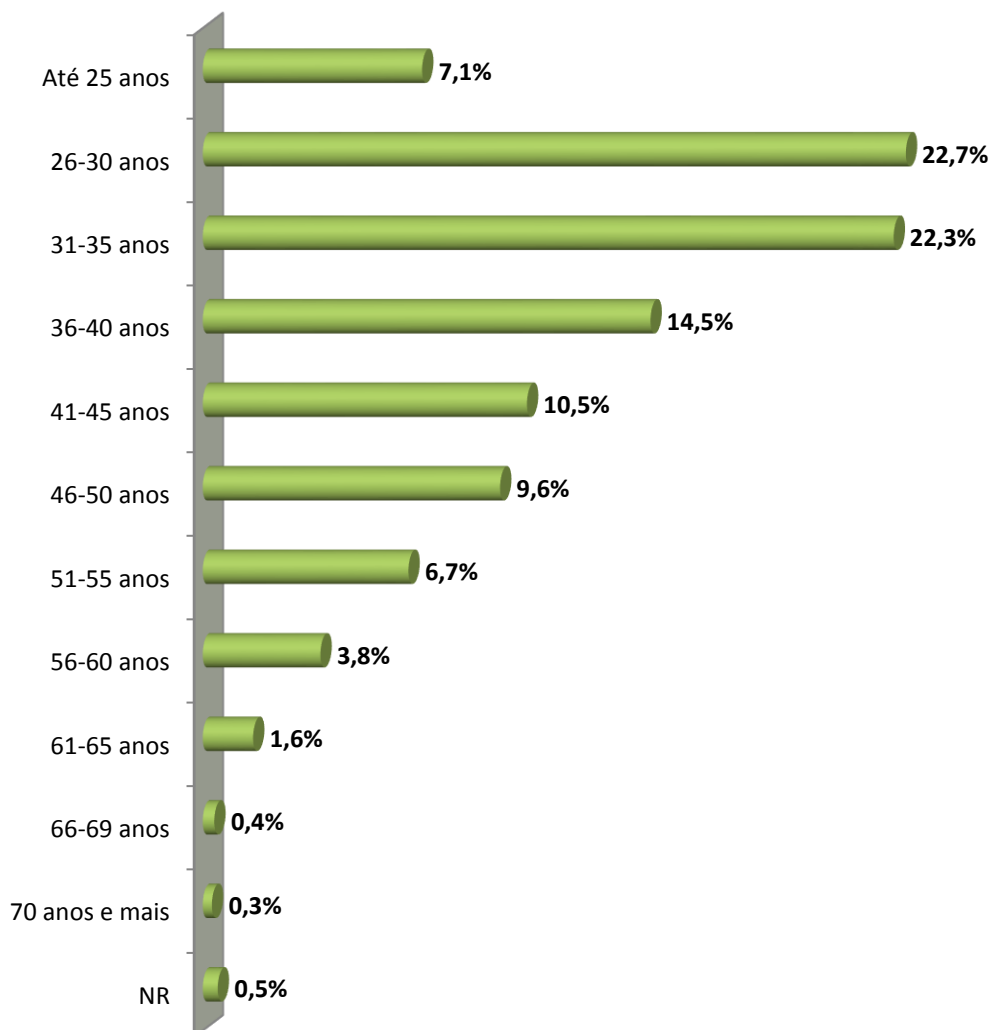
O contingente de enfermeiros apresenta 1/3, ou seja, 34,6% com idade entre 36 - 50 anos. A outra faixa etária com maior percentual (45%) é a entre 26 - 35 anos. Registram-se pouco mais de 2% aqueles que têm mais de 61 anos, como mostram a Tabela 1.3a e Gráfico 1.14. Ressalta-se que 66,6% do contingente, o que representa mais 276 mil trabalhadores com até 40 anos, o que significa dizer que a equipe de enfermagem é predominantemente jovem. O que reforça a afirmação acima é o fato que mais de 1/4 (29,8%) do contingente tem até 30 anos.

Tabela 1.3a  
Enfermeiros segundo faixa etária - Brasil

<b>Faixa etária</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Até 25 anos	29.423	7,1
26-30 anos	94.300	22,7
31-35 anos	92.670	22,3
36-40 anos	60.062	14,5
41-45 anos	43.488	10,5
46-50 anos	39.880	9,6
51-55 anos	27.587	6,7
56-60 anos	15.783	3,8
61-65 anos	6.749	1,6
66-69 anos	1.542	0,4
70 anos e mais	1.224	0,3
NR	2.004	0,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

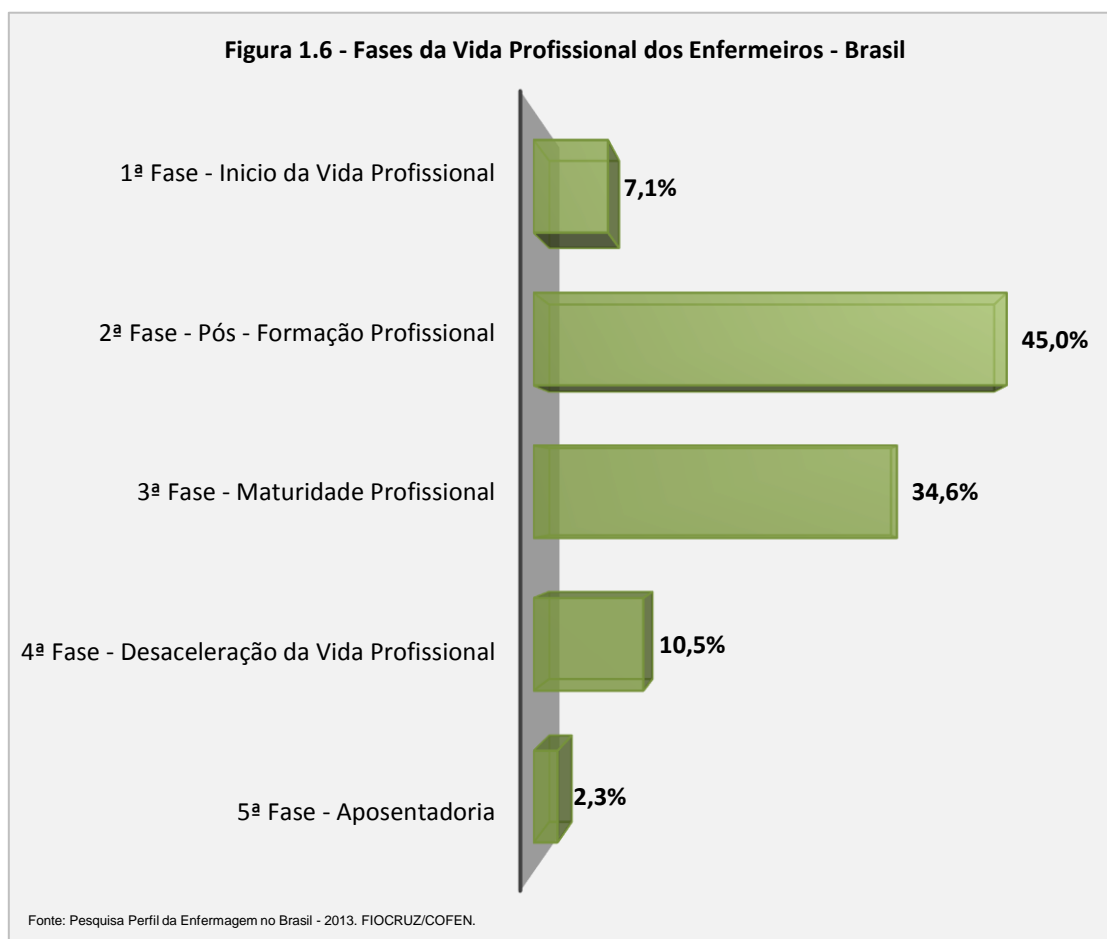
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.14 - Enfermeiros segundo faixa etária - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Observando a Figura 1.6 que segue, nota-se que, ao fazer o mapa das fases da vida profissional dos enfermeiros: Na fase **“Início da vida profissional”** encontram-se aqueles profissionais que idade até 25 anos, representando 7,1% dos enfermeiros. Já na fase **“Pós - Formação profissional”** estão 45%, que se encontram nas faixas etárias entre 26 - 35 anos de idade. Na fase seguinte, denominada de **“Maturidade profissional”** estão os que têm idade de 36-50 anos e somam 34,6% dos enfermeiros. Na fase da **“Desaceleração da vida profissional”**, estão as pessoas com idade entre 51 - 60 anos, representando 10,5%. Na última fase, a da **“Aposentadoria”**, que encontram todos com idade acima de 61 anos que somam 2,3%.





## NACIONALIDADE

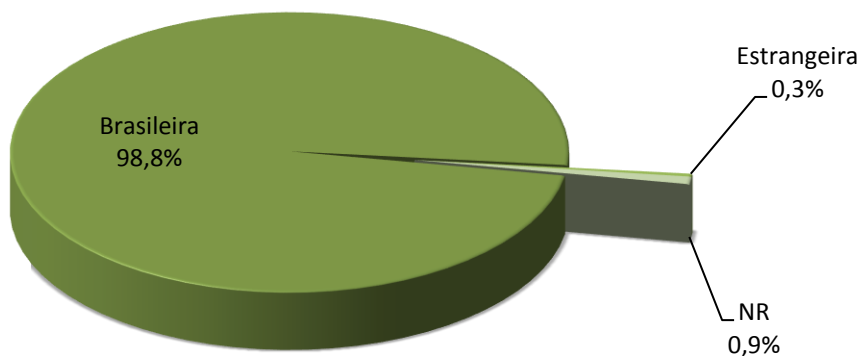
A maioria absoluta dos enfermeiros é brasileira, ou seja, 98,8%. Destaque para a presença no mercado de trabalho pouco mais de 1.300 enfermeiros estrangeiros. (Tabela 1.4a e Gráfico 1.15).

Tabela 1.4a  
Enfermeiros segundo nacionalidade - Brasil

Nacionalidade	V.Abs.	%
Brasileira	409.711	98,8
Estrangeira	1.386	0,3
NR	3.615	0,9
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.15 - Enfermeiros segundo nacionalidade - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

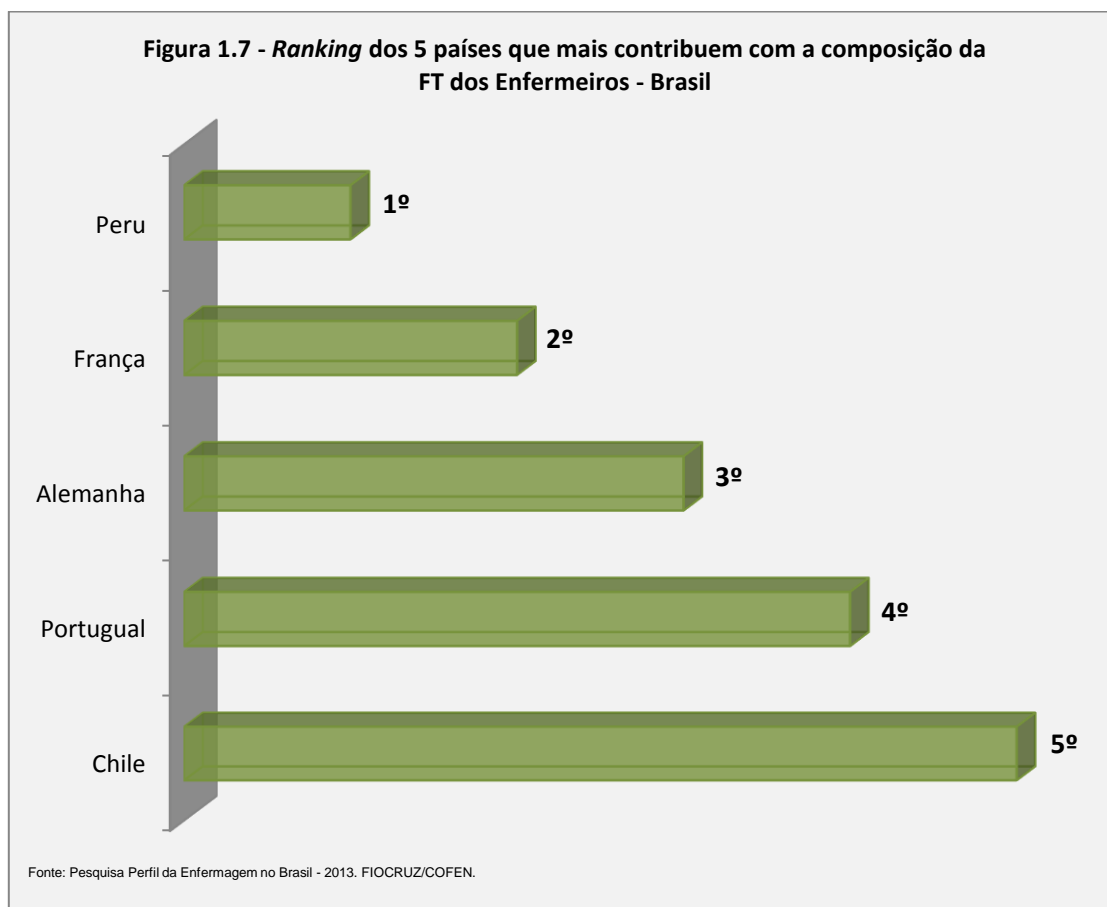
## NACIONALIDADE (estrangeiro)

Daqueles enfermeiros estrangeiros, o Peru representa 19,6%, seguido de França com 11,9%, Alemanha com 10,2%, Portugal com 8,4% e Chile com 8,2%. Chama a atenção que 14 países de vários continentes compõem a FT dos enfermeiros: América do Sul (5), América do Norte (1), América Central (1), Europa (5) e Ásia (2). Registra-se a ausência de profissionais oriundos do continente africano para esta categoria profissional (Tabela 1.4.1a).

Tabela 1.4.1a  
Enfermeiros segundo país de origem - Brasil

<b>País</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Alemanha	141	10,2
Bolívia	15	1,1
Chile	113	8,2
China	91	6,6
Colômbia	20	1,4
EUA	25	1,8
França	165	11,9
Itália	28	2,1
Japão	51	3,7
Panamá	20	1,4
Peru	271	19,6
Polônia	69	5
Portugal	116	8,4
Uruguai	91	6,6
Naturalizado	104	7,5
NR	64	4,6
<b>Total</b>	<b>1.386</b>	<b>100,0</b>

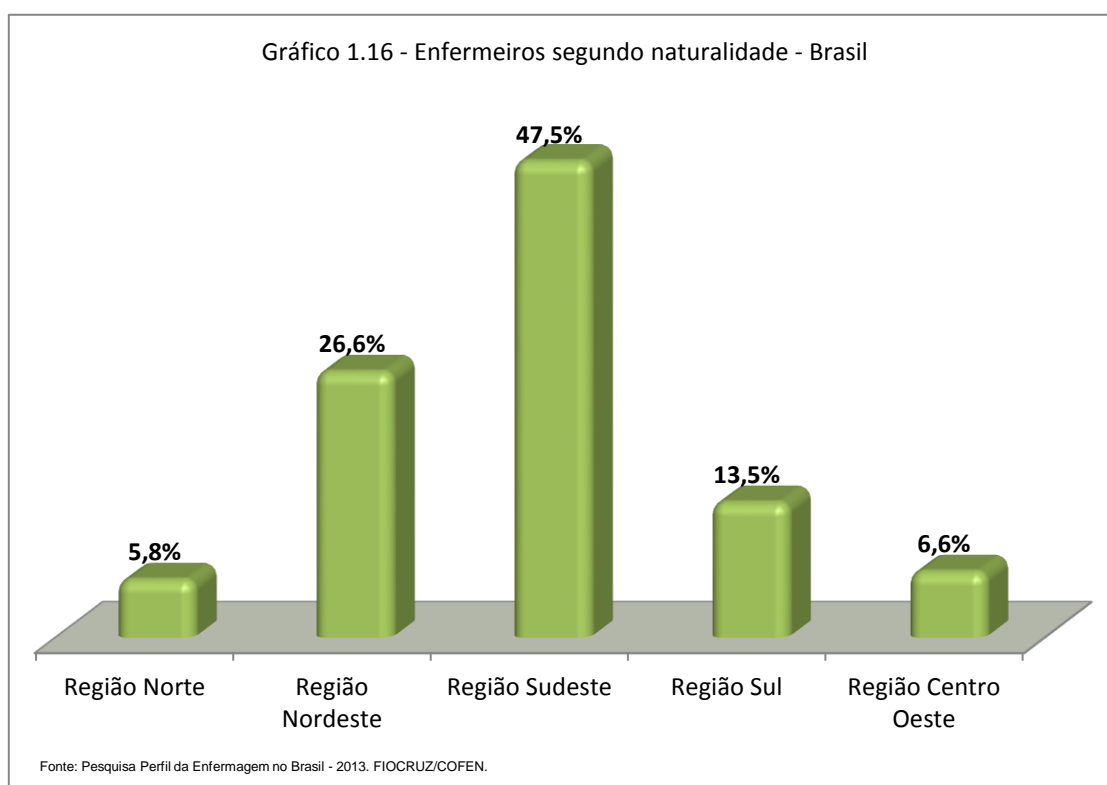
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



No *ranking* (Figura 1.7), cinco países se destacam como os que mais contribuem para a “internacionalização” da enfermagem: 1) Peru, 2) França, 3) Alemanha, 4) Portugal e 5) Chile. Sendo que, dos cinco, três são de países da Europa e dois da América do Sul.

## NATURALIDADE

Ao analisar os dados por regiões, da composição da FT, observa-se que: Sudeste (47,5%), concentradamente nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; Nordeste (26,6%), sendo que apenas o estado da Bahia se destaca, os demais têm distribuição homogênea; Sul (13,5%), com concentração de mais da metade do todo o contingente apenas no estado do Rio Grande do Sul; Norte (5,8%), da mesma forma que no Sul, apenas um estado – Pará, congrega metade de todos os enfermeiros da região e o Centro-Oeste (6,6%), que mostra uma distribuição homogênea (Gráfico 1.16).

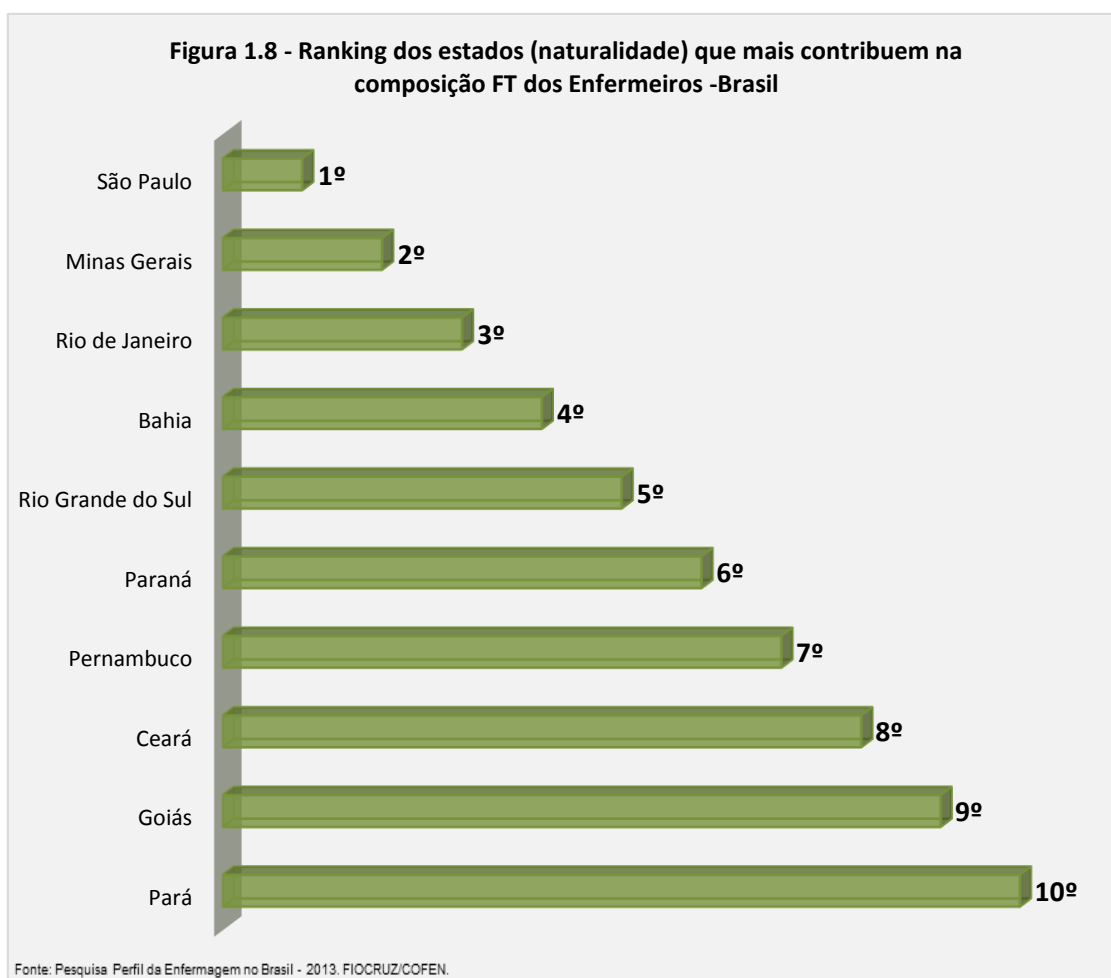


Dos 26 estados e o Distrito Federal, considerando a naturalidade dos enfermeiros, três se destacam: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro que, juntos somam mais de 175 mil (42,4%), dos 414 mil enfermeiros, reforçando a hegemonia paulista, mineira e carioca na composição deste contingente profissional. Já os com menores índices de participação na composição da FT estão: Roraima com 0,1%, Amapá com 0,1%, Rondônia com 0,4% e Acre, com 0,3% (Tabela 1.5a).

Tabela 1.5a  
 Enfermeiros segundo naturalidade - Brasil

<b>Unidade da Federação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Brasil</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>22.540</b>	<b>5,4</b>
Rondônia	1.672	0,4
Acre	1.360	0,3
Amazonas	5.702	1,4
Roraima	385	0,1
Pará	10.740	2,6
Amapá	430	0,1
Tocantins	2.251	0,5
<b>Região Nordeste</b>	<b>103.306</b>	<b>24,9</b>
Maranhão	10.197	2,5
Piauí	8.089	2,0
Ceará	16.072	3,9
Rio Grande do Norte	6.173	1,5
Paraíba	10.403	2,5
Pernambuco	16.926	4,1
Alagoas	3.857	0,9
Sergipe	2.225	0,5
Bahia	29.365	7,1
<b>Região Sudeste</b>	<b>184.975</b>	<b>44,6</b>
Minas Gerais	46.514	11,2
Espírito Santo	8.837	2,1
Rio de Janeiro	43.286	10,4
São Paulo	86.338	20,8
<b>Região Sul</b>	<b>52.574</b>	<b>12,7</b>
Paraná	19.208	4,6
Santa Catarina	10.286	2,5
Rio Grande do Sul	23.080	5,6
<b>Região Centro Oeste</b>	<b>25.689</b>	<b>6,2</b>
Mato Grosso do Sul	4.478	1,1
Mato Grosso	4.460	1,1
Goiás	11.268	2,7
Distrito Federal	5.483	1,3
<b>NR</b>	<b>25.627</b>	<b>6,2</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



No *ranking* dos estados se destacam: 1) São Paulo, 2) Minas Gerais, 3) Rio de Janeiro, 4) Bahia, 5) Rio Grande do Sul, 6) Paraná, 7) Pernambuco, 8) Ceará, 9) Goiás, 10) Pará, com destaque os três estados da Região Sudeste, liderando o *ranking*. (Figura 1.8)

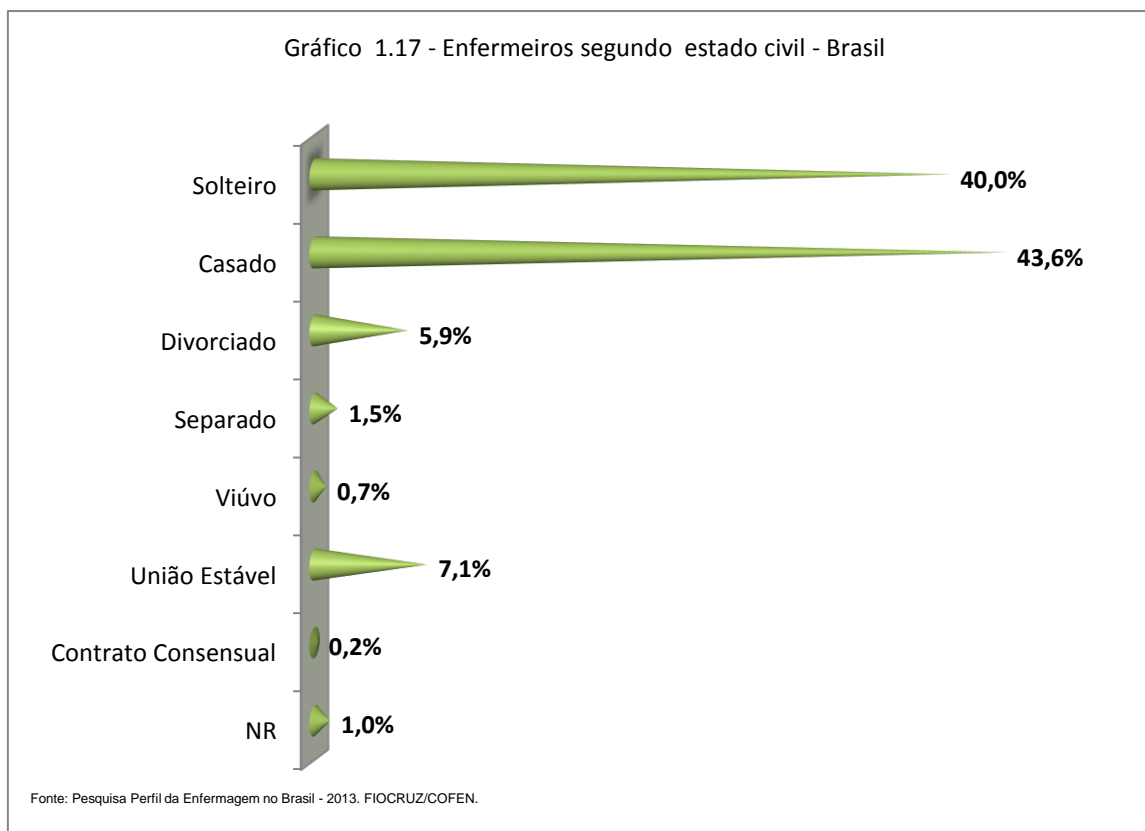
## ESTADO CIVIL

Quanto à composição do estado civil dos enfermeiros, tem-se: casados + união estável + contrato consensual somam 50,9%, os solteiros representam 40% e aqueles separados, divorciados e viúvos somam 8,1%. (Tabela 1.6a e Gráfico 1.17).

Tabela 1.6a  
Enfermeiros segundo estado civil - Brasil

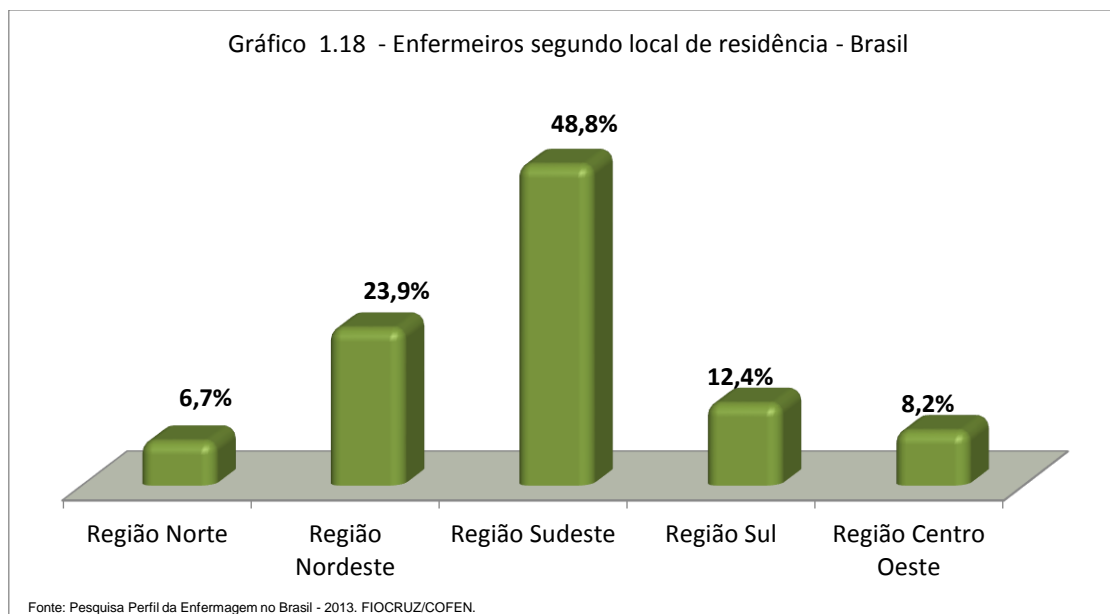
Estado civil	V.Abs.	%
Solteiro	165.995	40,0
Casado	180.818	43,6
Divorciado	24.399	5,9
Separado	6.089	1,5
Viúvo	3.030	0,7
União Estável	29.457	7,1
Contrato Consensual	848	0,2
NR	4.077	1,0
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LOCAL DE RESIDÊNCIA

Quando analisado os dados específicos dos enfermeiros quanto a capacidade de empregabilidade dos 27 estados, considerando o local de residência (onde reside e trabalha), apontam para uma concentração ainda maior nos estados da Região Sudeste. Cinco se destacam como os que mais concentram estes profissionais, são eles: São Paulo (25,4%), Rio de Janeiro (10,8%), Minas Gerais (10,2%), Bahia (6,6%), Rio Grande do Sul (5%). Já os com menor participação estão: Amapá com 0,3%, Roraima com 0,1% e Acre com 0,4%. (Tabela 1.7a). Observa-se que São Paulo e Rio de Janeiro, juntos, absorvem 36,2% de todo o contingente de enfermeiros do país (1/3) e, se somado ao estado de Minas Gerais, estes três passam a ter hegemonia desta mão de obra, com 46,4%.



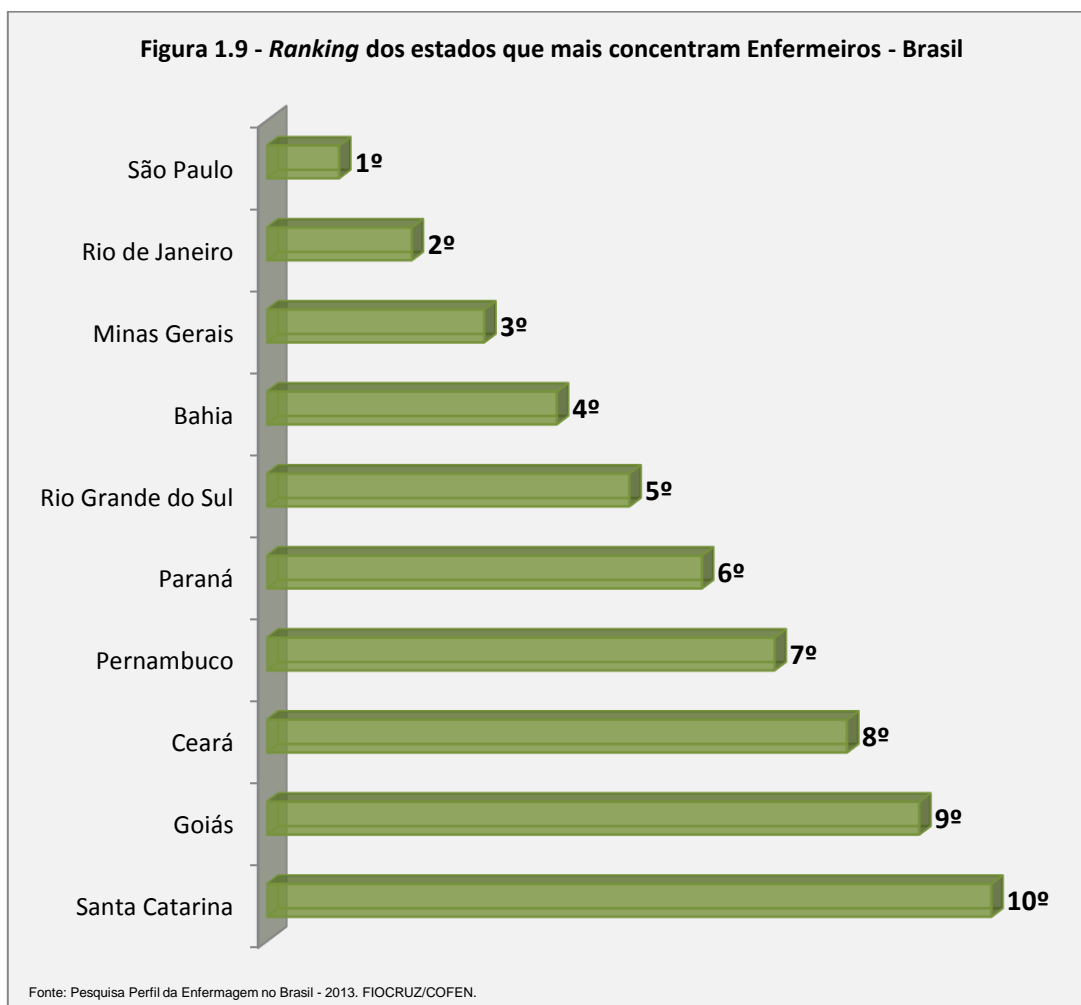
Se analisados por regiões, evidencia também a hegemonia da região Sudeste com a metade de todos os profissionais atuando nos estados da região, ou seja, 48,8%, concentradamente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O Nordeste com 23,9% representa o segundo em concentração de profissionais do país, com um destaque para Bahia, sendo que os demais estados têm distribuição homogênea. Já o Sul com 12,4%, com destaque para o estado do Rio Grande do Sul. No Norte, com 6,7%, sendo o Pará e o Amazonas concentram a maioria do contingente. E o Centro-Oeste, com 8,2%, que mostra uma distribuição homogênea. Destaca-se que 60% dos estados da federação, das regiões Norte e Nordeste, detêm 1/4, ou seja, pouco mais de 30% da mão de obra de enfermeiros (Gráfico 1.18).



Tabela 1.7a  
Enfermeiros segundo local de residência - Brasil

Unidade da Federação	V.Abs.	%
<b>Brasil</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>27.645</b>	<b>6,7</b>
Rondônia	2.850	0,7
Acre	1.709	0,4
Amazonas	8.502	2,1
Roraima	584	0,1
Pará	8.828	2,1
Amapá	1.350	0,3
Tocantins	3.822	0,9
<b>Região Nordeste</b>	<b>98.981</b>	<b>23,9</b>
Maranhão	10.685	2,6
Piauí	6.847	1,7
Ceará	14.308	3,5
Rio Grande do Norte	6.490	1,6
Paraíba	9.232	2,2
Pernambuco	16.624	4,0
Alagoas	4.078	1,0
Sergipe	3.228	0,8
Bahia	27.489	6,6
<b>Região Sudeste</b>	<b>202.520</b>	<b>48,8</b>
Minas Gerais	42.498	10,2
Espírito Santo	9.607	2,3
Rio de Janeiro	44.977	10,8
São Paulo	105.438	25,4
<b>Região Sul</b>	<b>51.376</b>	<b>12,4</b>
Paraná	19.224	4,6
Santa Catarina	11.523	2,8
Rio Grande do Sul	20.629	5,0
<b>Região Centro Oeste</b>	<b>34.190</b>	<b>8,2</b>
Mato Grosso do Sul	4.627	1,1
Mato Grosso	6.408	1,5
Goiás	11.801	2,8
Distrito Federal	11.354	2,7

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



No *ranking*, dez se destacam como os que mais concentram enfermeiros no país, são eles: 1) São Paulo, 2) Rio de Janeiro, 3) Minas Gerais, 4) Bahia, 5) Rio Grande do Sul, 6) Paraná, 7) Pernambuco, 8) Ceará, 9) Goiás, 10) Santa Catarina. Chama atenção que os três que lideram o *ranking* são da Região Sudeste. (Figura 1.9)

## LOCAL DE RESIDÊNCIA (capital X interior)

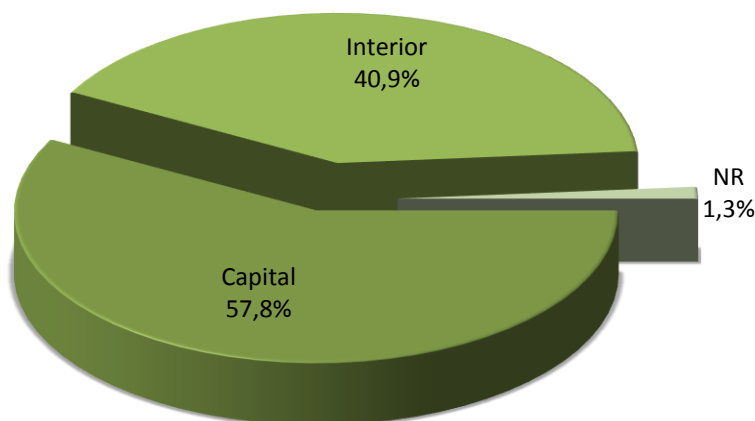
Ainda mais forte é a concentração do contingente de enfermeiros na capital (57,8%). Tais dados reforçam a hipótese de concentração de mão de obra nos grandes centros urbanos em relação aos interiores (40,9%) (Tabela 1.7.1a e Gráfico 1.19).

Tabela 1.7.1a  
Enfermeiros segundo local de residência (capital x interior) – Brasil

Local de residência	V.Abs.	%
Capital	239.765	57,8
Interior	169.704	40,9
NR	5.243	1,3
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.19 - Enfermeiros segundo local de residência (capital x interior)  
Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

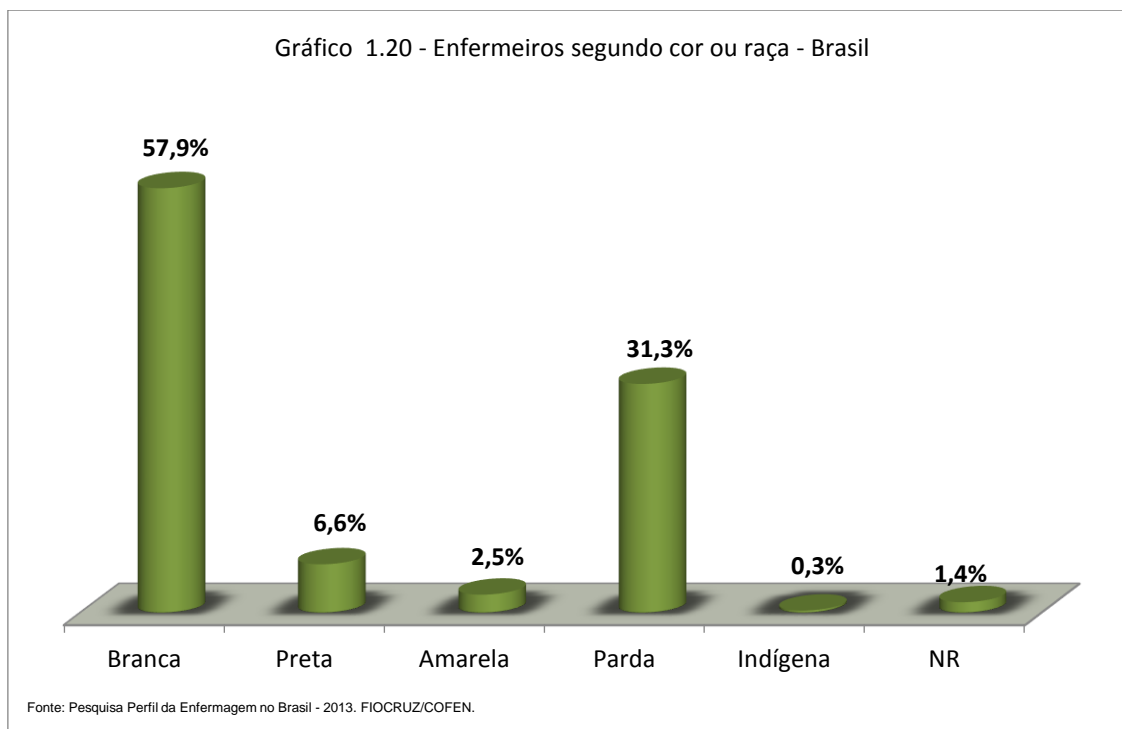
## COR OU RAÇA

Ao analisar cor/raça, segundo nomenclatura do IBGE, registra-se que a maioria dos enfermeiros (57,9%) se consideram brancos, 31,3% pardos e 6,6% pretos. Se somados pardos e pretos este percentual atinge 37,9%. Considerando o contingente de 10 mil profissionais de origem indígena, os enfermeiros representam menos de 10%, ou seja, 1.100 enfermeiros (Tabela 1.8a e Gráfico 1.20).

Tabela 1.8a  
Enfermeiros segundo cor ou raça - Brasil

<b>Cor/Raça</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Branca	240.153	57,9
Preta	27.500	6,6
Amarela	10.237	2,5
Parda	129.701	31,3
Indígena	1.171	0,3
NR	5.950	1,4
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## ESCOLARIDADE DO PAI

Considerando a escolaridade do pai dos enfermeiros, nota-se que há uma ligeira predominância de pais com primeiro grau (33,1%), seguido dos que possuem nível superior (31,5%). Ressalta-se que 1/4 dos pais (26%) tem segundo grau e 7,7% declaram não ter escolaridade. (Tabela 1.9a)

Tabela 1.9a  
Enfermeiros segundo escolaridade do pai – Brasil

<b>Escolaridade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sem Escolaridade	31.770	7,7
Primeiro Grau	137.466	33,1
Segundo Grau	107.661	26,0
Nível Superior	130.837	31,5
NR	6.977	1,7
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ESCOLARIDADE DA MÃE

Já os dados da escolaridade da mãe dos enfermeiros, o comportamento se mostra diferente do pai. Neste caso observa-se que 69,3% declaram ter primeiro e segundo grau. Registra-se 20,4% de mães com nível superior, bem menor que dos pais. O percentual delas sem escolaridade é na ordem de 8,5% (Tabela 1.10 a).

Tabela 1.10a  
Enfermeiros segundo escolaridade da mãe – Brasil

<b>Escolaridade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sem Escolaridade	35.187	8,5
Primeiro Grau	158.745	38,3
Segundo Grau	128.387	31,0
Nível Superior	84.727	20,4
NR	7.666	1,8
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## LINHAGEM DE ENFERMAGEM

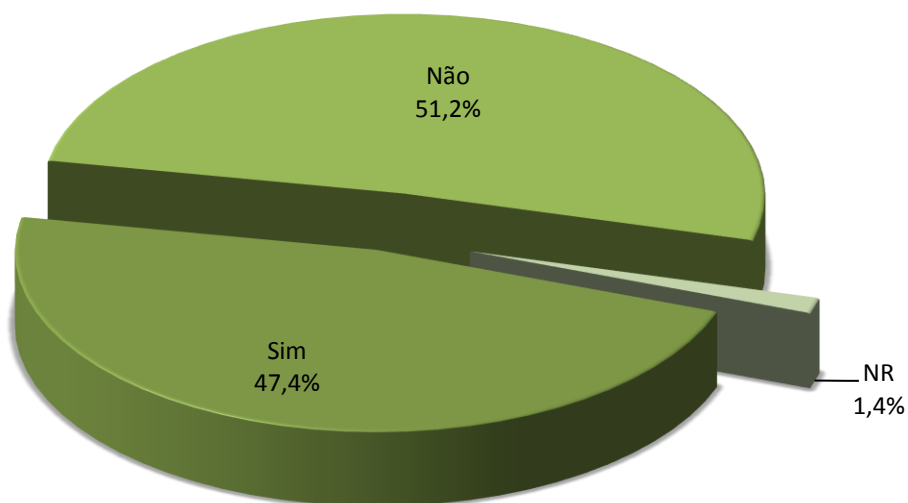
Dados da pesquisa apontam que 47,4% dos enfermeiros declaram ter pessoas na família atuando na enfermagem, o que corresponde dizer que há “linhagem de enfermagem” entre eles. Registra-se, no entanto, metade que não tem parentes na área (Tabela 1.11a e Gráfico 1.21).

Tabela 1.11a  
Enfermeiros segundo "linhagem de Enfermagem" – Brasil

<b>Linhagem</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	196.435	47,4
Não	212.534	51,2
NR	5.743	1,4
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.21 - Enfermeiros segundo "linhagem de Enfermagem"- Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

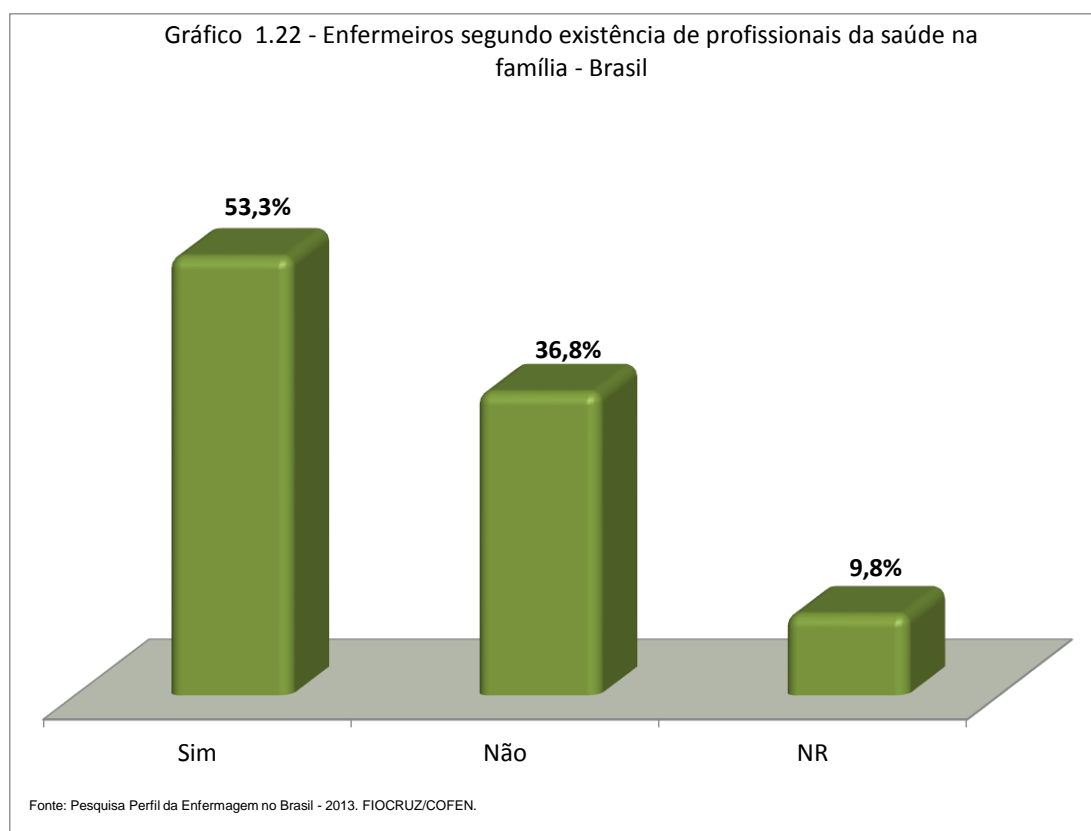
## FAMÍLIA SAÚDE

Ao analisar a presença de profissionais de saúde na categoria dos enfermeiros, o quadro se altera radicalmente, em relação à equipe de enfermagem, mostrando-se uma “família saúde” robusta. Constata-se a existência de um expressivo contingente de profissionais de saúde entre eles, ou seja, 53,3% afirmam ter parentes da saúde (Tabela 1.12a e Gráfico 1.22).

Tabela 1.12a  
Enfermeiros segundo existência de profissionais da saúde na família – Brasil

<b>Profissionais da saúde</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	221.228	53,3
Não	152.784	36,8
NR	40.700	9,8
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil – 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## FAMÍLIA SAÚDE (profissionais da saúde)

A “família saúde” agrega uma população diversificada de mais de 485 mil profissionais da saúde desde as profissões mais tradicionais como a Medicina, a Farmácia, Odontologia, até profissões emergentes como a Fisioterapia e Nutrição. No âmbito da “família saúde” destacam-se os médicos, os odontólogos e os fisioterapeutas. É possível encontrar também ocupações profissionais da saúde, como o leque de técnicos de Radiologia, Saúde Bucal, Laboratório, etc. e os ACS – agentes comunitários de saúde (Tabela 1.12.1a).

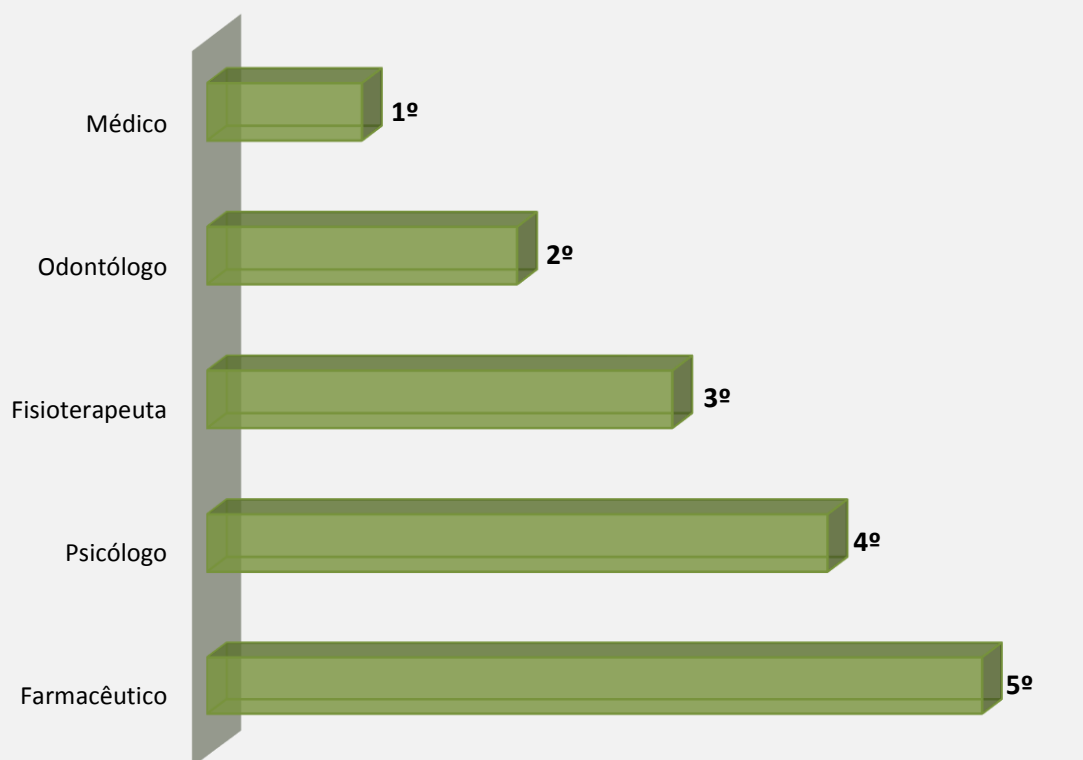
Tabela 1.12.1a

Enfermeiros com existência de profissionais da saúde na família segundo profissão do parente  
Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Profissão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Médico	105.543	21,8
Médico Veterinário	21.461	4,4
Biólogo	29.487	6,1
Biomédico	11.812	2,4
Farmacêutico	43.380	8,9
Nutricionista	29.932	6,2
Fonoaudiólogo	10.913	2,3
Fisioterapeuta	52.280	10,8
Terapeuta Ocupacional	5.038	1,0
Odontólogo	58.407	12,0
Psicólogo	44.456	9,2
Educador Físico	35.424	7,3
Assistente Social	30.654	6,3
Administrador hospitalar	68	0,0
Técnico em saúde	4.450	0,9
ACS	1.335	0,3
Outro	363	0,1
<b>Total</b>	<b>485.004</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

**Figura 1.10 - Ranking das 5 profissões com maior presença na "família saúde" entre os enfermeiros - Brasil**



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

No *ranking* das profissões de saúde dos membros da família elencadas, cinco se destacam: 1) médicos, 2) odontólogos, 3) fisioterapeutas, 4) psicólogos e 5) farmacêuticos, com maior destaque para a presença dos médicos, em maior volume (Figura 1.10).



## AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM



## COMPOSIÇÃO DA EQUIPE

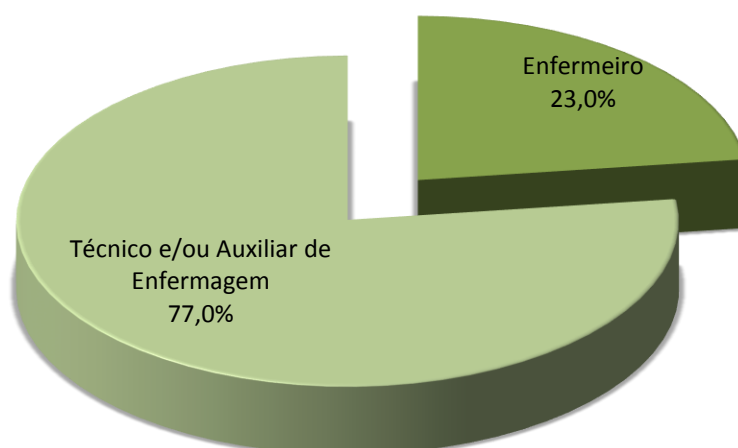
Como já abordado no início deste bloco, a participação dos auxiliares e técnicos de enfermagem é hegemônica no âmbito da equipe, representando 4/5 do total da FT da Enfermagem (77%). É sobre esse contingente de quase 1.400.000 trabalhadores que será tratada esta parte do Bloco 1, ou seja, o Perfil sócio econômico dos auxiliares e técnicos de enfermagem (Tabela 1.1b e Gráfico 1.23).

Tabela 1.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo categoria profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Categoria</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Enfermeiro	414.712	23,0
Técnico e/ou Auxiliar de Enfermagem	1.389.823	77,0
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.23 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo categoria profissional – Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SEXO

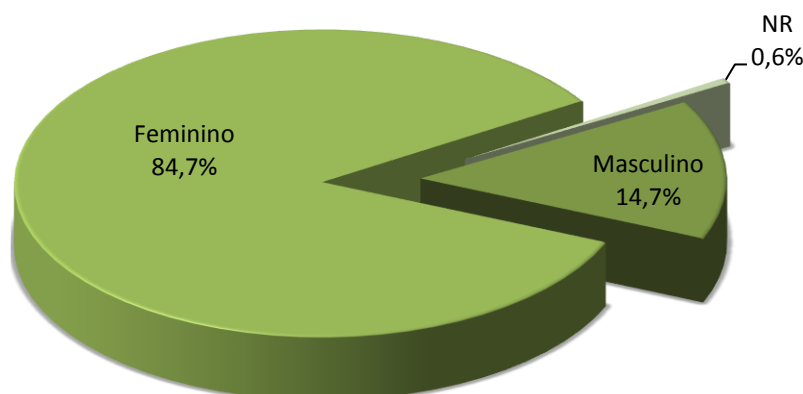
Da mesma forma que os enfermeiros, os auxiliares e técnicos de enfermagem são, predominantemente, femininos. Entretanto, tem-se a presença de mais de 204 mil homens (Tabela 1.2b e Gráfico 1.24). Tomando os dados gerais da equipe de enfermagem, pode-se afirmar que a categoria de auxiliares e técnicos de enfermagem, proporcionalmente, tem maior participação masculina, uma vez que os enfermeiros somam 13,4%, enquanto eles são 14,7%. Tal fato, permite dizer, que o processo de “**masculinização**” da enfermagem é mais acentuado neste segmento profissional.

Tabela 1.2b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sexo - Brasil

Sexo	V.Abs.	%
Masculino	204.553	14,7
Feminino	1.177.336	84,7
NR	7.934	0,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.24 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sexo - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## FAIXA ETÁRIA

Diferentemente dos enfermeiros, 41,7% dos auxiliares e técnicos de enfermagem têm entre 36 - 50 anos, seguido de 35,9% na faixa entre 26 - 35 anos. Constata-se pouco mais de 2% entre àqueles que têm mais de 61 anos. Por outro lado, os técnicos e auxiliares de enfermagem com até 40 anos representam 60,2% do contingente, o que totaliza mais de 830 mil trabalhadores. Pode-se afirmar também que, o contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem é jovem. Contudo, considerando que eles estão aptos e podem ingressar no mercado de trabalho com 18 anos, registra-se que menos de 1/4 desse contingente tem menos de 30 anos (Tabela 1.3b e Gráfico 1.25).

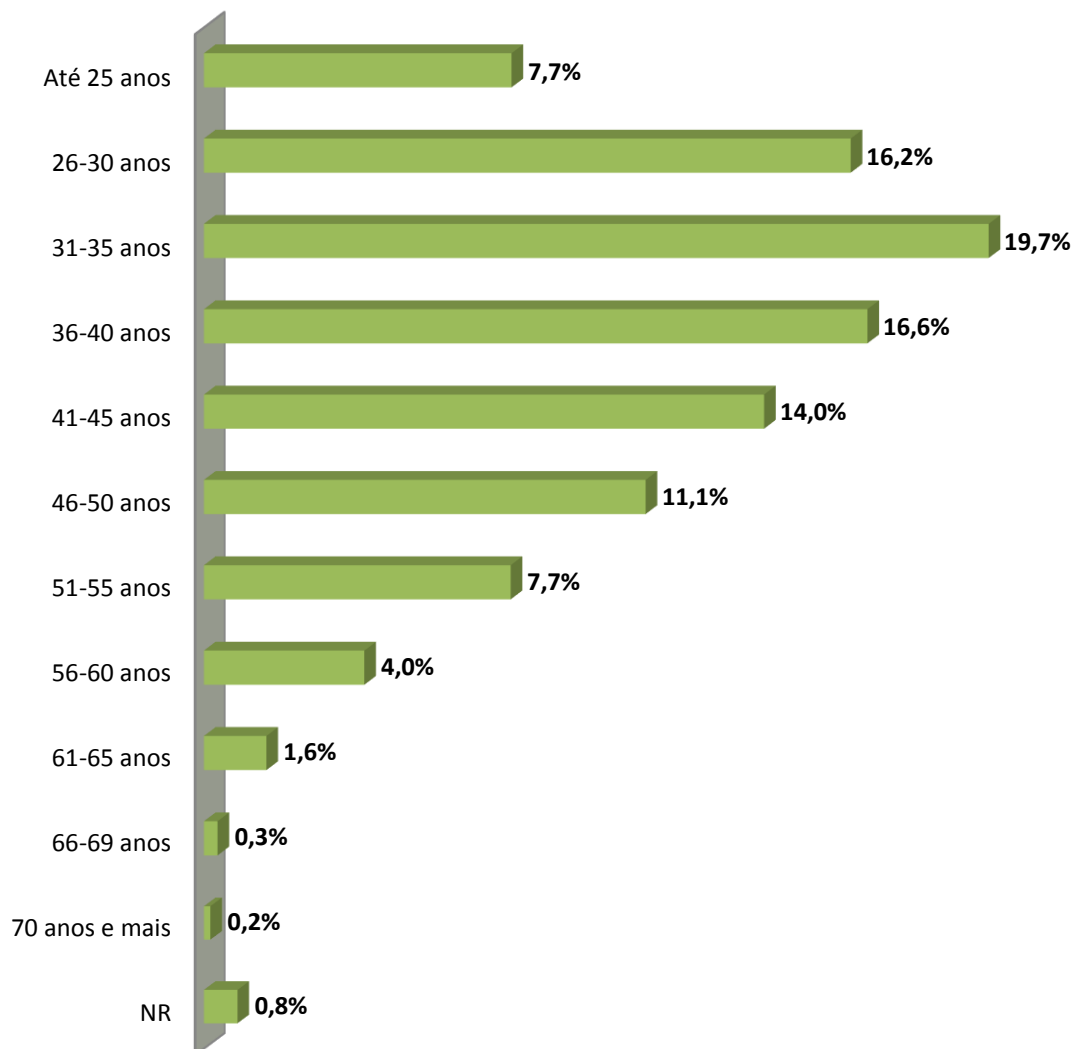
Tabela 1.3b  
 Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo faixa etária - Brasil

<b>Faixa etária</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Até 25 anos	107.218	7,7
26-30 anos	225.417	16,2
31-35 anos	273.495	19,7
36-40 anos	231.240	16,6
41-45 anos	195.243	14,0
46-50 anos	153.954	11,1
51-55 anos	106.894	7,7
56-60 anos	55.911	4,0
61-65 anos	21.782	1,6
66-69 anos	4.749	0,3
70 anos e mais	2.234	0,2
NR	11.687	0,8
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

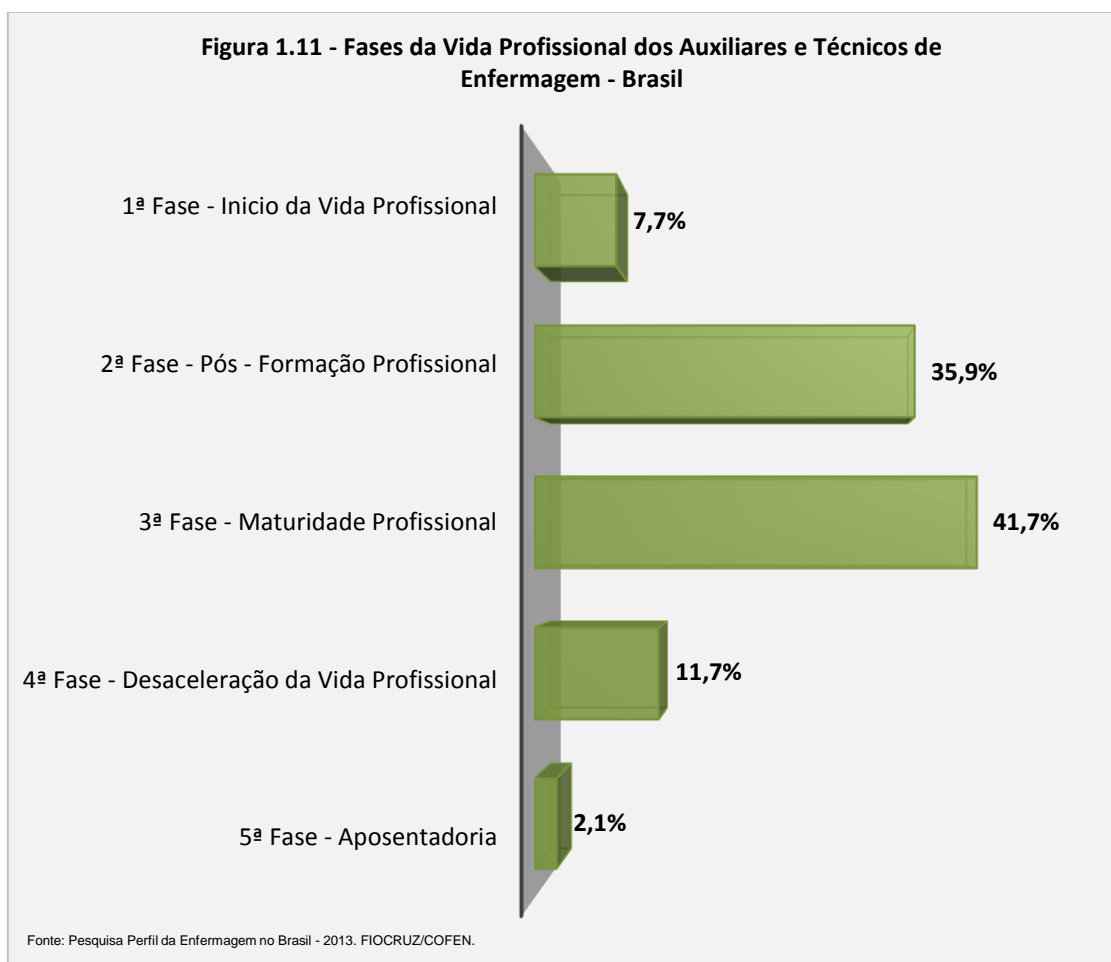


Gráfico 1.25 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo faixa etária - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Observando a Figura 1.11, nota-se que, ao fazer o mapa das fases da vida profissional dos enfermeiros: Na fase “**Início da vida profissional**” encontram-se aqueles profissionais que idade até 25 anos, representando 7,7% dos auxiliares e técnicos de enfermagem. Já na fase “**Pós-Formação profissional**” estão 35,9%, que se encontram nas faixas etárias entre 26 - 35 anos de idade. Na fase seguinte, denominada de “**Maturidade profissional**” estão os que têm idade de 36 - 50 anos e somam 41,7% desses profissionais. Na fase da “**Desaceleração da vida profissional**”, que estão as pessoas com idade entre 51 - 60 anos, representando 11,7%. Na última fase, a da “**Aposentadoria**”, que encontram todos com idade acima de 61 anos que somam 2,1%.



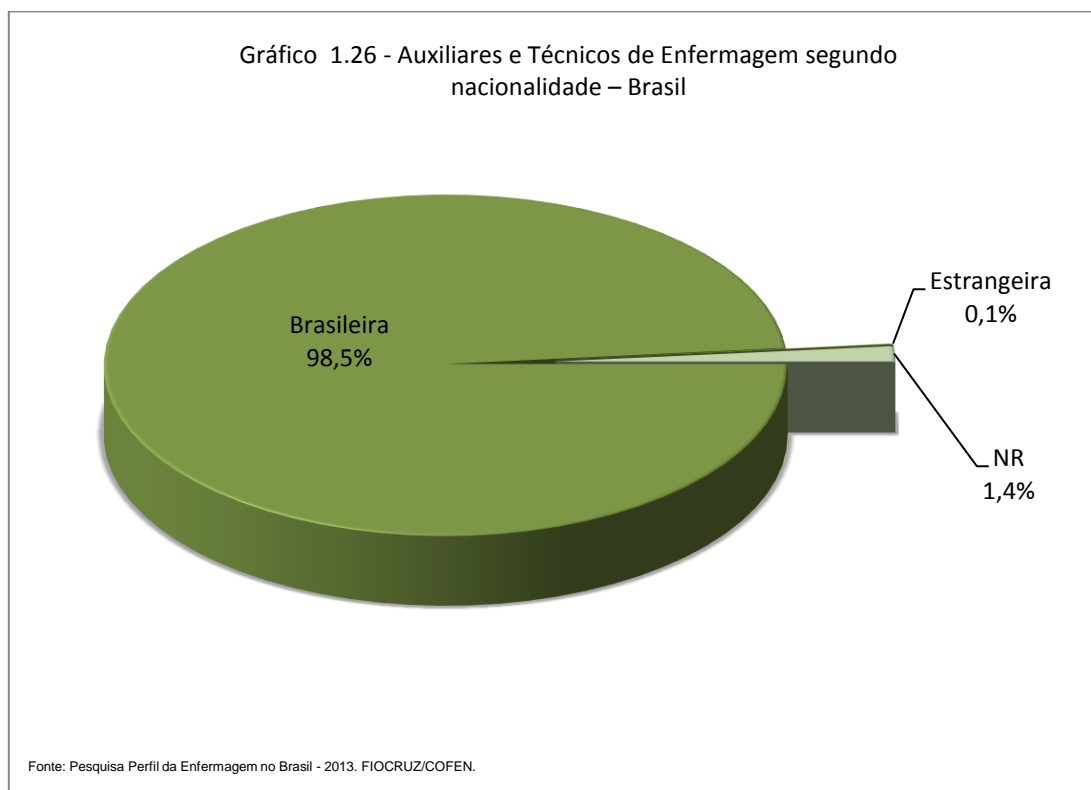
## NACIONALIDADE

A maioria absoluta dos auxiliares e técnicos de enfermagem é brasileira (98,5%). (Tabela 1.4b e Gráfico 1.26).

Tabela 1.4b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nacionalidade - Brasil

<b>Nacionalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Brasileira	1.368.830	98,5
Estrangeira	908	0,1
NR	20.085	1,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## NACIONALIDADE (estrangeira)

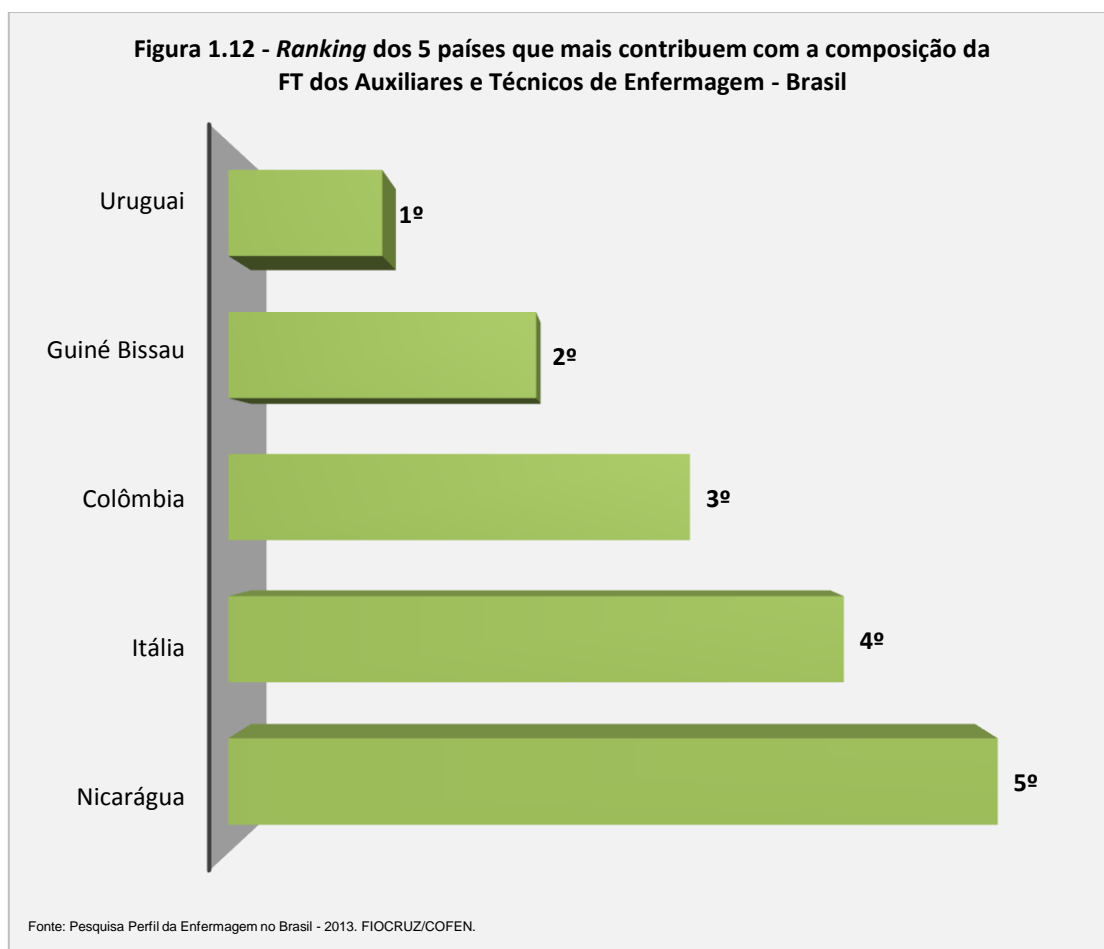
Daqueles estrangeiros que compõem o contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem, os oriundos do Uruguai que representam 25,2%, seguido da Guiné-Bissau com 18,7%, Colômbia com 12,6%, Itália com 9,4% e Portugal e Nicarágua, cada uma com 8,7%. Destaca-se a presença de 10 países de 4 continentes: América do Sul (5), África (2), América Central (1) e Europa (2) (Tabela 1.4.1b).

Tabela 1.4.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo país de origem - Brasil

<b>Pais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Angola	30	3,3
Bolívia	49	5,4
Colômbia	114	12,6
Guiné-Bissau	170	18,7
Itália	86	9,4
Nicarágua	79	8,7
Paraguai	30	3,3
Peru	19	2,1
Portugal	79	8,7
Uruguai	229	25,2
NR	23	2,6
<b>Total</b>	<b>908</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

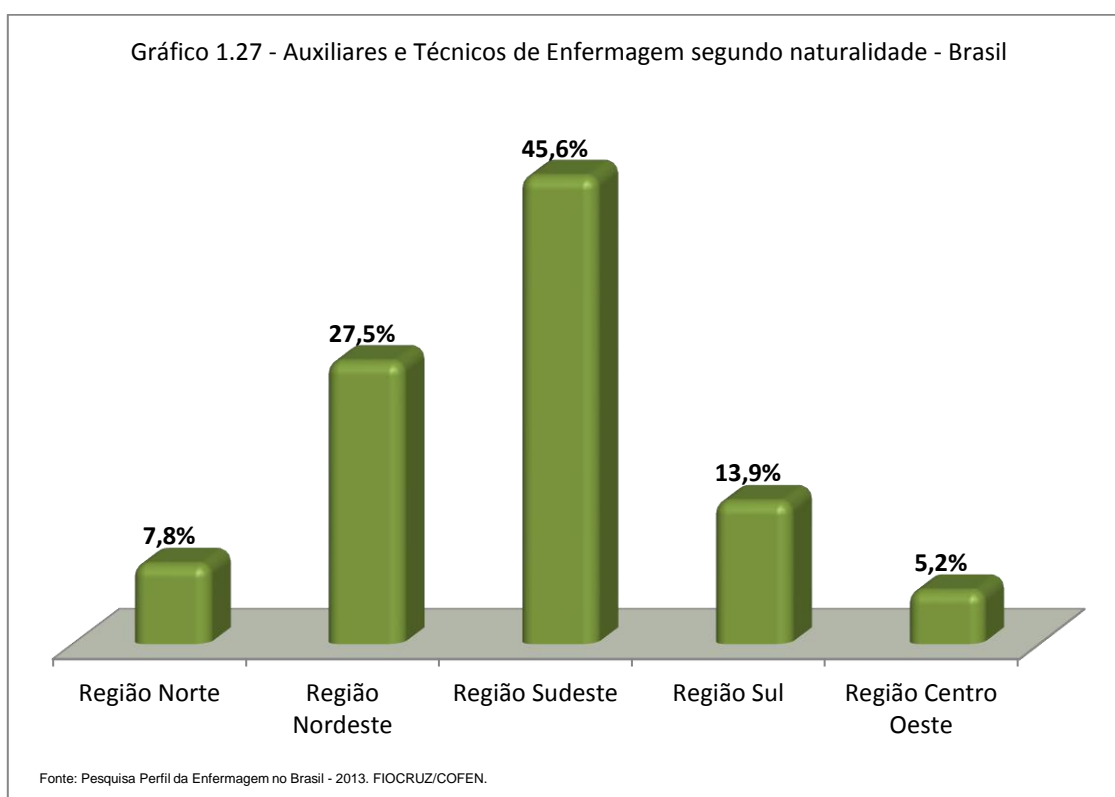
**Figura 1.12 - *Ranking* dos 5 países que mais contribuem com a composição da FT dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil**



No *ranking*, cinco países se destacam como os que mais contribuem para essa “internacionalização” da FT dos auxiliares e técnicos de enfermagem: 1) Uruguai, 2) Guiné Bissau, 3) Colômbia, 4) Itália e 5) Nicarágua. (Figura 1.12)

## NATURALIDADE

Ao analisar os dados por regiões, a composição dessa FT por naturalidade é a seguinte: Sudeste (45,6%), concentradamente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais; Nordeste (27,5%), sendo que apenas a Bahia e Pernambuco que se destacam, os demais estados têm distribuição homogênea; Sul (13,9%), com concentração de mais da metade do todo o contingente apenas nos estados do Rio Grande do Sul; Norte (7,8%); da mesma forma que no Sul, apenas um estado – Pará, congrega metade de todos os auxiliares e técnicos da região e o Centro-Oeste (5,2%), que se mostra homogêneo (Gráfico 1.27).

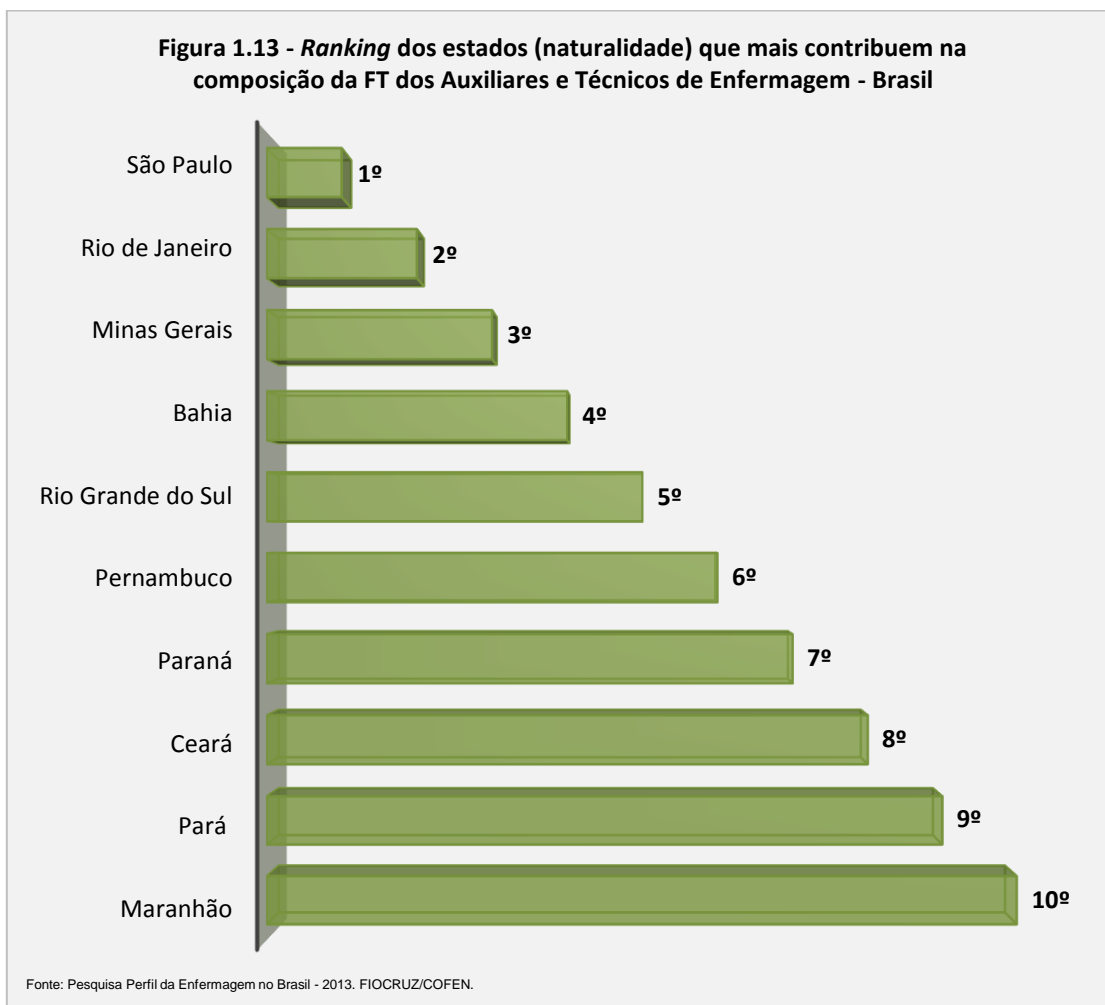


Mesmo sendo com menor intensidade que os enfermeiros, o contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem é constituído por mais de 1/4 (27,6%) de cariocas e paulistas. (Tabela 1.5b). Dos 26 estados e o Distrito Federal, cinco se destacam como os que mais contribuem na composição desse contingente, são eles: São Paulo (16,9%), Rio de Janeiro (10,7%), Minas Gerais (9,6%), Bahia (6,3%) e Rio Grande do Sul (6,1%). Por outro lado, os estados com menores índices de participação na composição da FT são: Roraima (0,1%), Amapá (0,2%), Acre (0,3%) e Rondônia (0,4%).

Tabela 1.5b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo naturalidade - Brasil

Unidade da Federação	V.Abs.	%
<b>Brasil</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>93.033</b>	<b>6,7</b>
Rondônia	5.440	0,4
Acre	4.073	0,3
Amazonas	25.834	1,9
Roraima	1.722	0,1
Pará	42.996	3,1
Amapá	3.377	0,2
Tocantins	9.591	0,7
<b>Região Nordeste</b>	<b>328.760</b>	<b>23,7</b>
Maranhão	40.208	2,9
Piauí	24.503	1,8
Ceará	44.527	3,2
Rio Grande do Norte	19.714	1,4
Paraíba	22.186	1,6
Pernambuco	61.768	4,4
Alagoas	15.741	1,1
Sergipe	11.870	0,9
Bahia	88.244	6,3
<b>Região Sudeste</b>	<b>544.110</b>	<b>39,1</b>
Minas Gerais	133.790	9,6
Espírito Santo	26.125	1,9
Rio de Janeiro	149.391	10,7
São Paulo	234.803	16,9
<b>Região Sul</b>	<b>166.168</b>	<b>12,0</b>
Paraná	51.625	3,7
Santa Catarina	29.392	2,1
Rio Grande do Sul	85.151	6,1
<b>Região Centro - Oeste</b>	<b>61.997</b>	<b>4,5</b>
Mato Grosso do Sul	9.490	0,7
Mato Grosso	10.444	0,8
Goiás	27.577	2,0
Distrito Federal	14.486	1,0
<b>NR</b>	<b>195.755</b>	<b>14,1</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Nos 10 estados ranqueados: 1) São Paulo, 2) Rio de Janeiro, 3) Minas Gerais, 4) Bahia, 5) Rio Grande do Sul, 6) Pernambuco, 7) Paraná, 8) Ceará, 9) Pará e 10) Maranhão. Também, a hegemonia de três estados da Região Sudeste. (Figura 1.13)



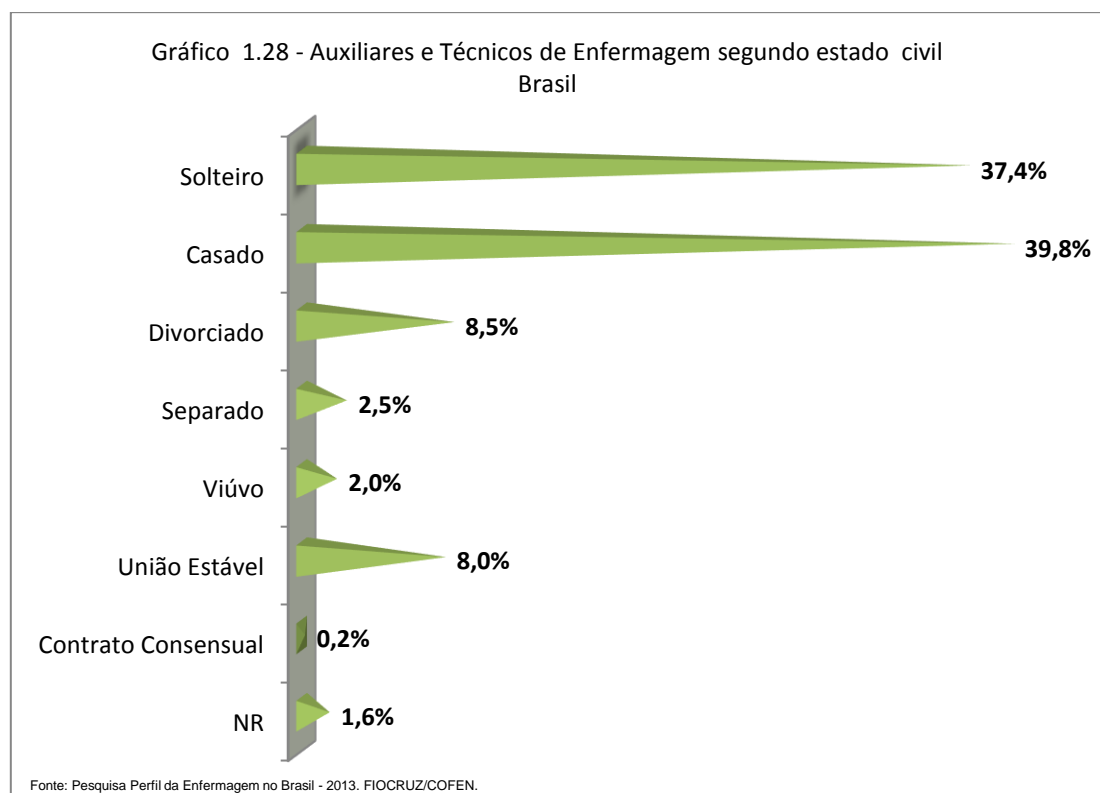
## ESTADO CIVIL

Quanto à composição do estado civil dos auxiliares e técnicos de enfermagem, tem-se: casados + união estável + contrato consensual somam 48%; os solteiros representam 37,4%; e aqueles separados, divorciados e viúvos somam 13%. (Tabela 1.6b e Gráfico 1.28). Não há, portanto, uma predominância a se considerar no que se refere ao estado civil deste contingente.

Tabela 1.6b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo estado civil - Brasil

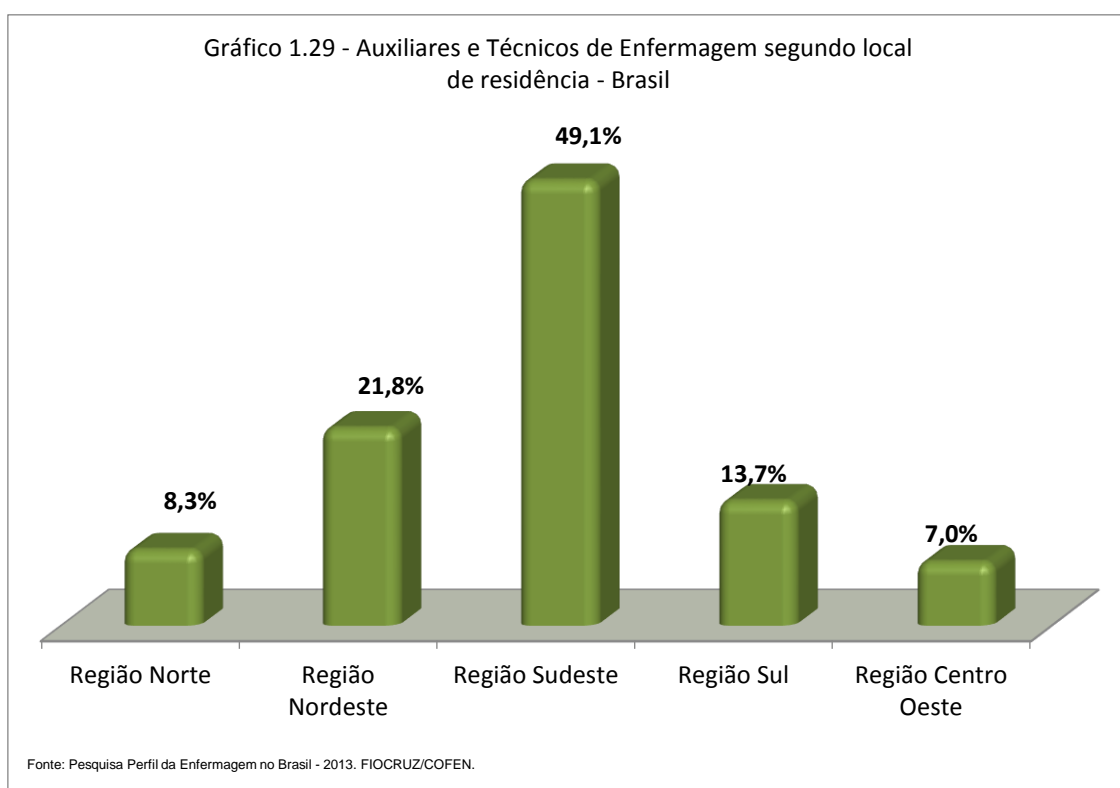
Estado civil	V.Abs.	%
Solteiro	519.254	37,4
Casado	553.501	39,8
Divorciado	118.334	8,5
Separado	35.090	2,5
Viúvo	27.472	2,0
União Estável	111.765	8,0
Contrato Consensual	2.690	0,2
NR	21.716	1,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LOCAL DE RESIDÊNCIA

Se analisados por regiões, evidencia também a hegemonia da região Sudeste com quase metade (49,1%) de todos os profissionais atuando nesses estados, concentradamente, em São Paulo e Rio de Janeiro, que juntos representam mais de 1/3 do contingente do país. O Nordeste com 21,8% representa o segundo lugar de maior concentração com um destaque para Bahia e Pernambuco, os demais estados têm distribuição homogênea. Já o Sul com 13,7% tendo o Rio Grande do Sul em destaque. No Norte com 8,3% tem-se o estado do Pará despontando com o maior da região. E o Centro-Oeste, com 7%, que se mostra homogêneo. (Gráfico 1.29).

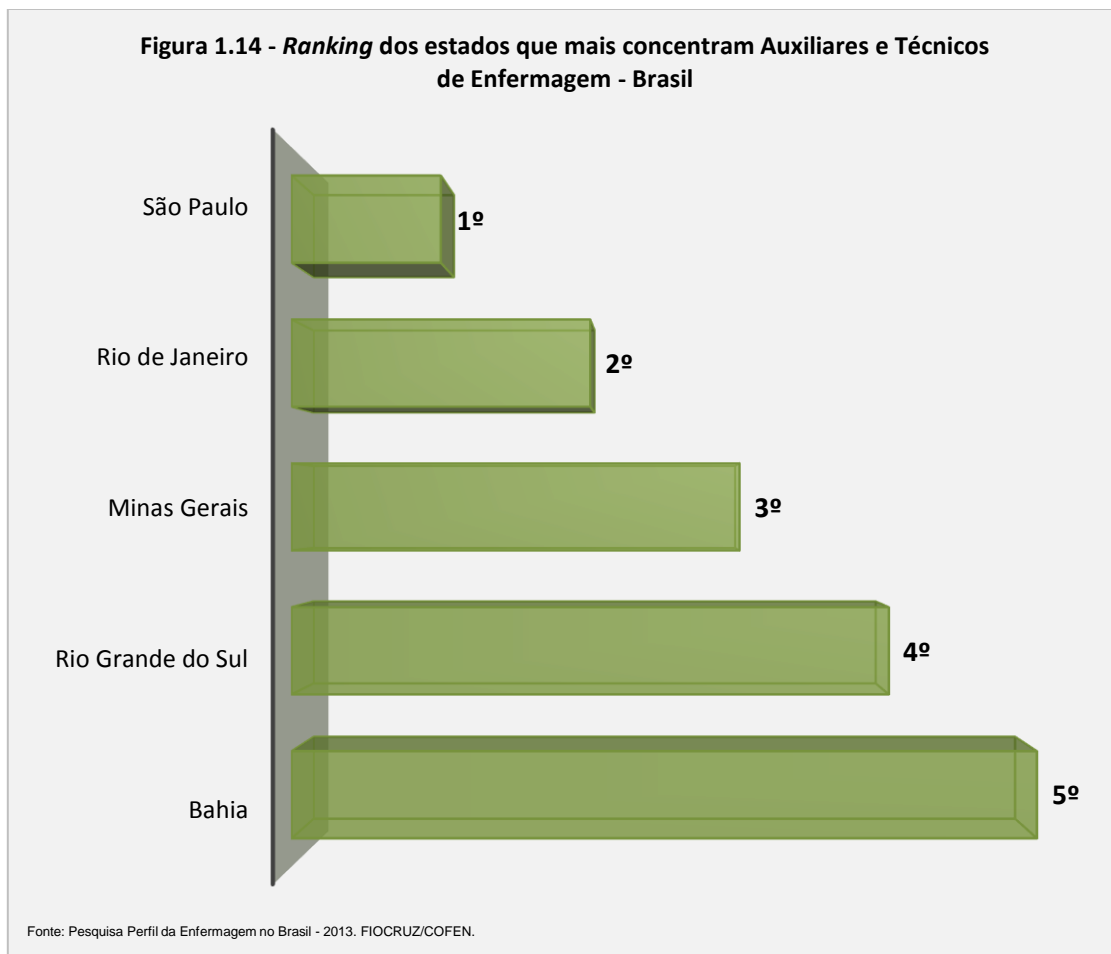


Dos 26 estados e o Distrito Federal, considerando o local de residência dos auxiliares e técnicos de enfermagem (onde residem e trabalham), cinco estados se destacam como os que mais concentram esses profissionais. São eles: São Paulo (25,1%), Rio de Janeiro (12,9%), Minas Gerais (8,7%), Rio Grande do Sul (6,6%), Bahia (5,6%). (Tabela 1.7b). Já os estados com menor participação estão Roraima (0,1%), Acre (0,3%) e Amapá (0,6%),

Tabela 1.7b  
 Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de residência - Brasil

<b>Unidade da Federação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Brasil</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>115.966</b>	<b>8,3</b>
Rondônia	10.924	0,8
Acre	4.604	0,3
Amazonas	32.621	2,3
Roraima	1.887	0,1
Pará	46.163	3,3
Amapá	8.778	0,6
Tocantins	10.989	0,8
<b>Região Nordeste</b>	<b>302.787</b>	<b>21,8</b>
Maranhão	32.221	2,3
Piauí	21.301	1,5
Ceará	42.016	3,0
Rio Grande do Norte	21.235	1,5
Paraíba	22.563	1,6
Pernambuco	56.910	4,1
Alagoas	14.945	1,1
Sergipe	14.184	1,0
Bahia	77.412	5,6
<b>Região Sudeste</b>	<b>682.573</b>	<b>49,1</b>
Minas Gerais	121.544	8,7
Espírito Santo	33.033	2,4
Rio de Janeiro	179.769	12,9
São Paulo	348.227	25,1
<b>Região Sul</b>	<b>191.022</b>	<b>13,7</b>
Paraná	60.843	4,4
Santa Catarina	38.588	2,8
Rio Grande do Sul	91.591	6,6
<b>Região Centro Oeste</b>	<b>97.475</b>	<b>7,0</b>
Mato Grosso do Sul	13.773	1,0
Mato Grosso	16.227	1,2
Goiás	34.943	2,5
Distrito Federal	<b>32.532</b>	2,3

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



No *ranking* uma nota de registro o fato que os 5 estados que mais concentram auxiliares e técnicos diferem dos enfermeiros. Neste caso, destacam: 1) São Paulo, 2) Rio de Janeiro, 3) Minas Gerais, 4) Rio Grande do Sul, 5) Bahia, sendo os três primeiros do *ranking*, da região Sudeste (Figura 1.14).

## LOCAL DE RESIDÊNCIA (capital x interior)

Da mesma forma que se evidenciou nos enfermeiros, nota-se a predominância dos auxiliares e técnicos de enfermagem que residem nas capitais (56,5%), em relação aos do interior, ou seja, 40,8%. (Tabela 1.7.1b e Gráfico 1.30).

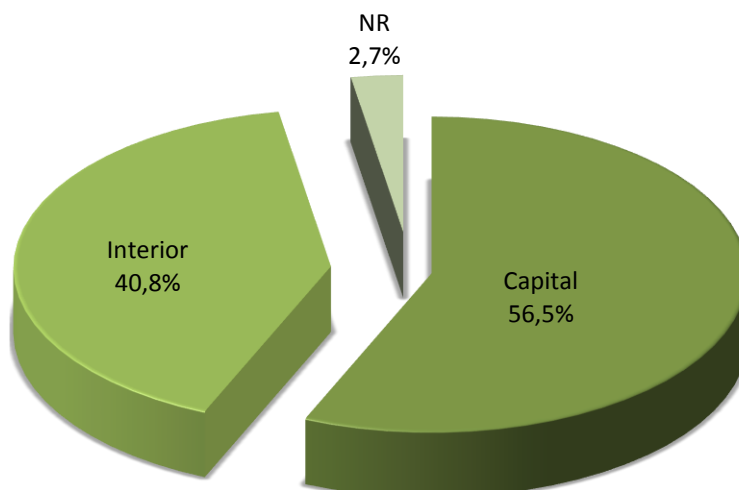
Tabela 1.7.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) – Brasil

Local de residência	V.Abs.	%
Capital	785.231	56,5
Interior	567.659	40,8
NR	36.933	2,7
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.30 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de residência (capital x interior) - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

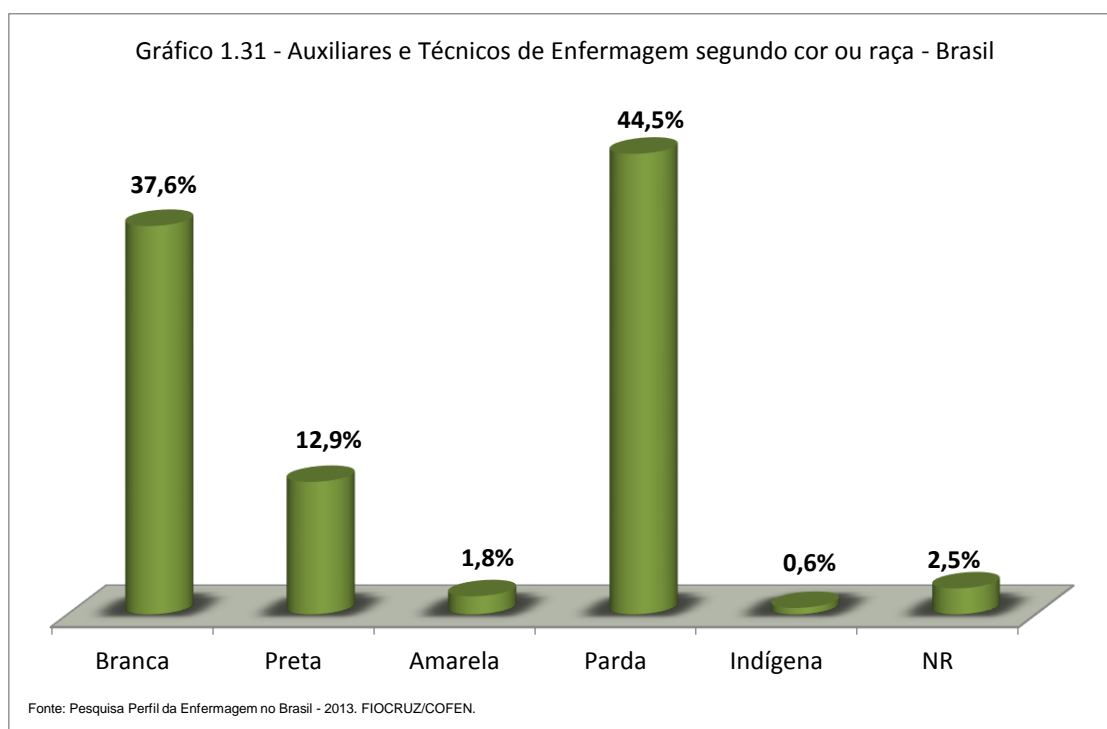
## COR OU RAÇA

Ao analisar cor/raça, segundo nomenclatura do IBGE, a pesquisa mostra que 44,5% dos auxiliares e técnicos de enfermagem declaram ser pardos; 37,6% brancos e 12,9% pretos. Se somados os pardos e pretos, esse percentual atinge 57,4%, percentuais bem distintos dos enfermeiros, que somam pouco mais de 37%. Da mesma forma, os dados referentes a origem indígena, no contingente de 10 mil profissionais indígenas, os auxiliares e técnicos de enfermagem representam a maioria absoluta com 90%, ou seja, quase 9 mil desta raça (Tabela 1.8b e Gráfico 1.31).

Tabela 1.8b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo cor ou raça - Brasil

<b>Cor/Raça</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Branca	522.314	37,6
Preta	179.336	12,9
Amarela	24.773	1,8
Parda	619.042	44,5
Indígena	8.961	0,6
NR	35.399	2,5
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## ESCOLARIDADE DO PAI

Considerando a escolaridade dos pais dos auxiliares e técnicos de enfermagem, observa-se que há predominância do primeiro grau (40,4%), seguido daqueles com segundo grau (31,7%), que juntos somam 72,1%. Ressalta-se que 15,9% não possuem escolaridade, sendo que somente 7,8% têm nível superior. (Tabela 1.9b).

Tabela 1.9b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo escolaridade do pai – Brasil

<b>Escolaridade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sem Escolaridade	220.692	15,9
Primeiro Grau	561.581	40,4
Segundo Grau	441.214	31,7
Nível Superior	108.417	7,8
NR	57.918	4,2
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ESCOLARIDADE DA MÃE

Já os dados da escolaridade da mãe dos auxiliares e técnicos de enfermagem se mostra bastante diferente dos pais. Aquelas sem escolaridade é da ordem de 20,4%, enquanto apenas 4,7% possuem nível superior. A grande concentração está entre àquelas que possuem o primeiro grau (48,8%) (Tabela 1.10b).

Tabela 1.10b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo escolaridade da mãe – Brasil

<b>Escolaridade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sem Escolaridade	282.944	20,4
Primeiro Grau	677.956	48,8
Segundo Grau	302.772	21,8
Nível Superior	64.907	4,7
NR	61.245	4,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LINHAGEM DE ENFERMAGEM

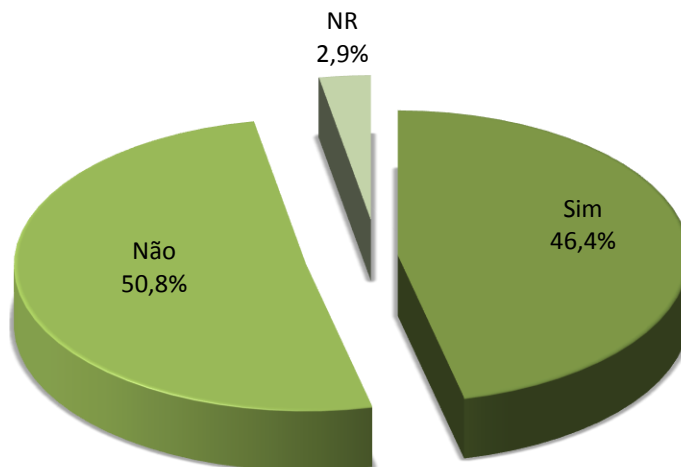
Semelhante aos enfermeiros, registra-se a existência de “linhagem de enfermagem” entre auxiliares e técnicos de enfermagem quando 46,4% afirmam ter profissionais de enfermagem em sua família (Tabela 1.11b e Gráfico 1.32).

Tabela 1.11b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" – Brasil

<b>Linhagem</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	644.302	46,4
Não	705.584	50,8
NR	39.937	2,9
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 1.32 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo "linhagem de Enfermagem" - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## FAMÍLIA SAÚDE

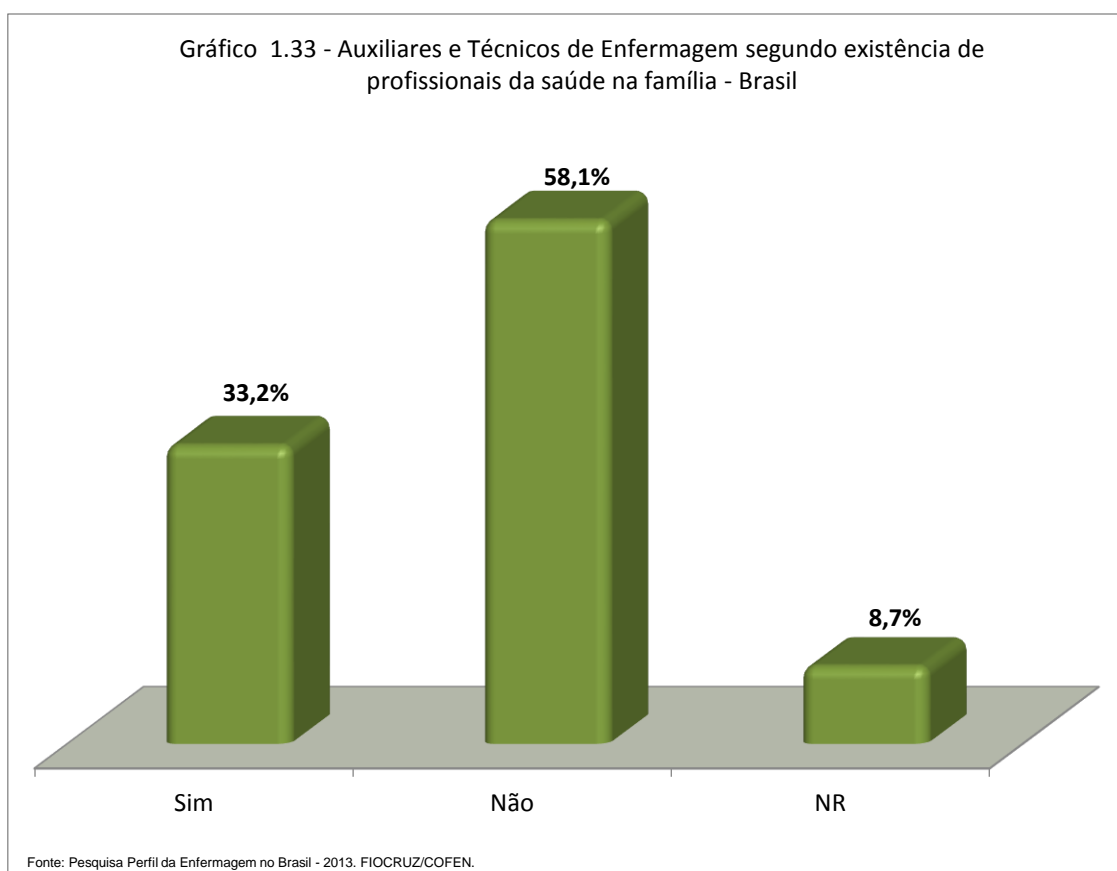
Diferentemente dos enfermeiros, poucos são os auxiliares e técnicos de enfermagem que declaram ter, na família, outros profissionais da saúde (Tabela 1.12b e Gráfico 1.33). Enquanto 53,3% dos enfermeiros afirmam ter parentes profissionais de saúde, eles somam apenas 33,2%.

Tabela 1.12b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de profissionais da saúde na família Brasil

<b>Profissionais da saúde</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	461.511	33,2
Não	807.515	58,1
NR	120.796	8,7
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## FAMÍLIA SAÚDE (profissionais da saúde)

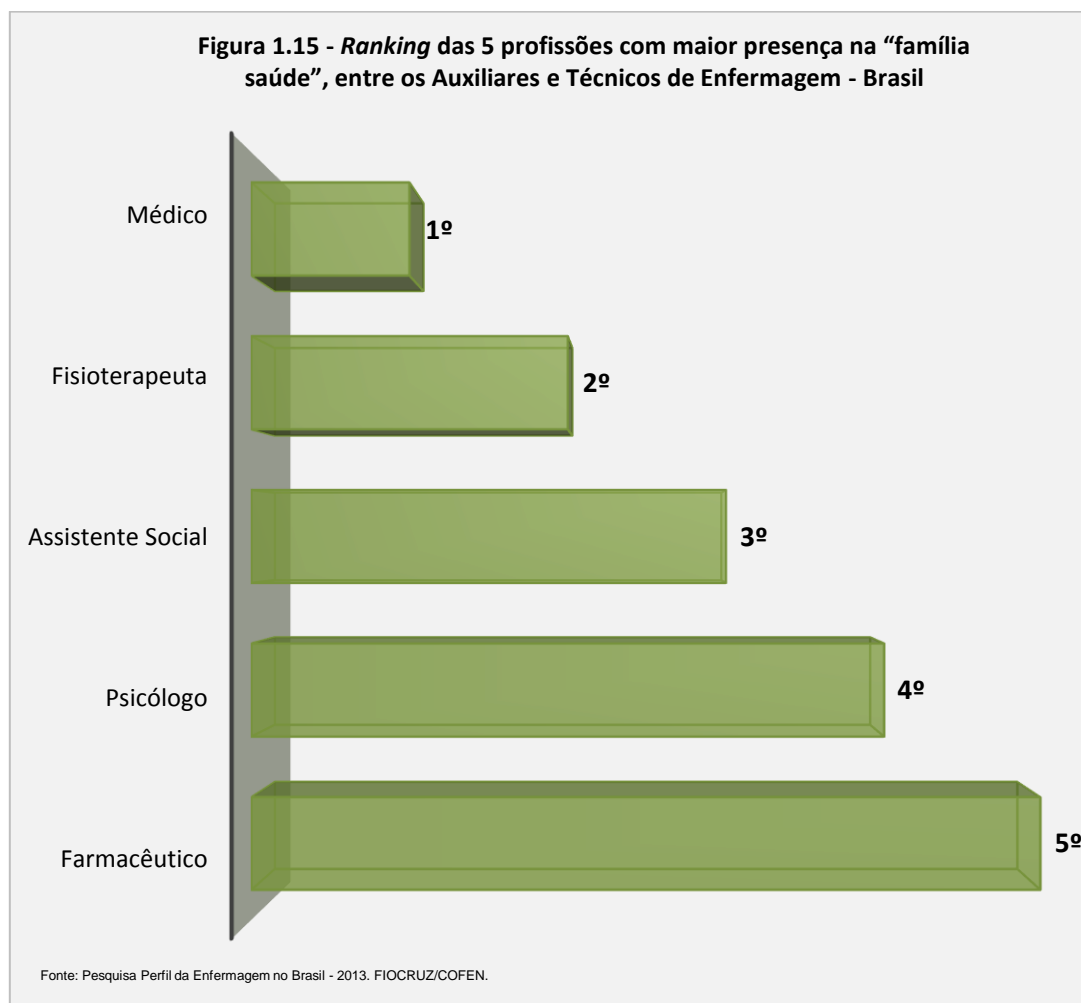
Também no contingente de auxiliares e técnicos da família enfermagem agrega uma população diversificada de profissionais da saúde desde as profissões mais tradicionais como a Medicina e a Farmácia, Odontologia até profissões emergentes como a Fisioterapia e Nutrição. Neste segmento profissional é que se encontra o maior contingente de ocupações de saúde, ou seja, o leque de técnicos e os agentes comunitários de saúde (Tabela 1.12.1b).

Tabela 1.12.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com existência de profissionais da saúde na família segundo profissão do parente – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Profissão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Médico	103.657	15,2
Médico Veterinário	24.067	3,5
Biólogo	42.638	6,3
Biomédico	18.291	2,7
Farmacêutico	56.829	8,4
Nutricionista	44.302	6,5
Fonoaudiólogo	14.324	2,1
Fisioterapeuta	85.057	12,5
Terapeuta Ocupacional	7.365	1,1
Odontólogo	53.054	7,8
Psicólogo	64.024	9,4
Educador Físico	50.227	7,4
Assistente Social	73.987	10,9
Administrador hospitalar	114	0,0
Técnico em saúde	29.201	4,3
ACS	11.803	1,7
Outro	1.210	0,2
<b>Total</b>	<b>680.150</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



No *ranking* destacam-se: 1) os médicos, 2) os fisioterapeutas, 3) os assistentes sociais, 4) os psicólogos e, 5) os farmacêuticos (Figura 1.15).



## PARTE III

---

# PERFIL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ENFERMEIROS



## INSTITUIÇÃO FORMADORA

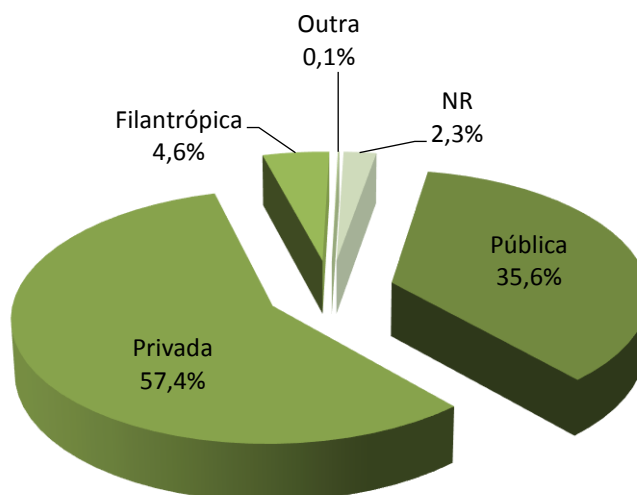
Os primeiros dados nacionais mostram que a maioria dos enfermeiros em atividade no país (57,4%) se formou em instituições privadas de ensino superior (Tabela 2.1a e Gráfico 2.1). As instituições públicas são responsáveis pela formação de pouco mais de 1/3 do contingente (35,6%) e as filantrópicas, por menos de 5%.

Tabela 2.1a  
Enfermeiros segundo natureza da instituição formadora - Brasil

Natureza da instituição	V.Abs.	%
Pública	147.743	35,6
Privada	238.104	57,4
Filantrópica	19.087	4,6
Outra	419	0,1
NR	9.359	2,3
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.1 - Enfermeiros segundo natureza da instituição formadora - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TEMPO DE FORMADO

A maior parte dos enfermeiros que atuam no país está formada há 10 anos ou menos (63,7%). Considerando apenas aqueles que têm, no máximo, 5 anos de formado, esse percentual já chega a quase os 38%. No extremo oposto, estão os que atuam na enfermagem há mais de 30 anos, que somam pouco mais de 5% do total (Tabela 2.1.1a e Gráfico 2.2).

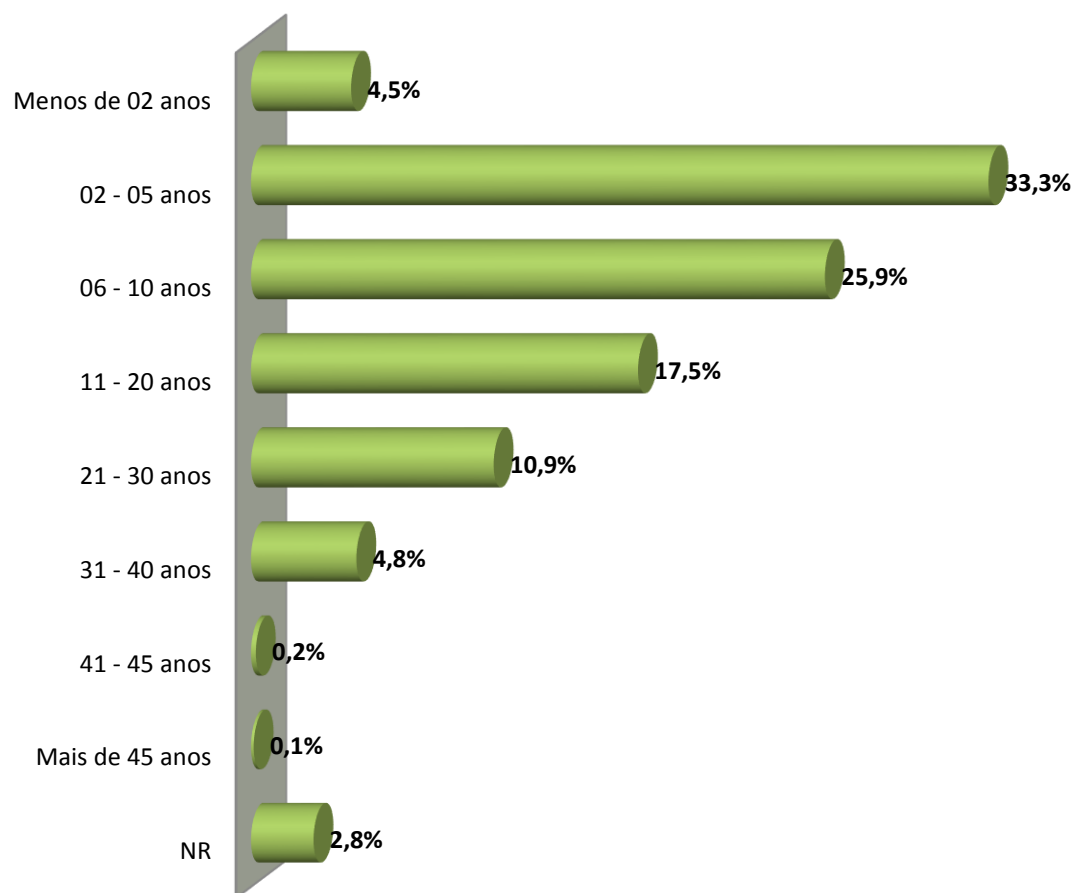
Assim, é possível inferir que a enfermagem é uma profissão em processo de rejuvenescimento, constituída, predominantemente, por jovens. Esse dado associa-se a uma maior oferta de cursos nos últimos anos e está respaldado no significativo aumento do número de concluintes dos cursos de nível superior em enfermagem no Brasil. Segundo dados recentes do INEP, o número de formandos passou de 7.046 formandos em 2001 para 42.940 concluintes em 2010, apresentando um crescimento de mais de 500%.

Tabela 2.1.1a  
Enfermeiros segundo tempo de formado - Brasil

<b>Tempo de formado</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 02 anos	18.731	4,5
02 - 05 anos	137.933	33,3
06 - 10 anos	107.393	25,9
11 - 20 anos	72.421	17,5
21 - 30 anos	45.410	10,9
31 - 40 anos	19.714	4,8
41 - 45 anos	907	0,2
Mais de 45 anos	502	0,1
NR	11.701	2,8
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.2 - Enfermeiros segundo tempo de formado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ESTADO DE GRADUAÇÃO

O dado que mais chama atenção é o fato de que 3 das 27 unidades da federação são responsáveis pela formação de quase metade (46,1%) dos enfermeiros do país. São os estados de São Paulo (24,6%), Rio de Janeiro (11,1%) e Minas Gerais (10,4%). (Tabela 2.1.2a e Gráfico 2.3). Em uma posição de menor concentração estão: Rio Grande do Sul (5,3%), Paraná (5%), Bahia (6,3%). Observa-se que os estados da região Nordeste não ultrapassam a 3,7% excetuando, a Bahia. Ou seja, é possível dizer que, apesar do volume de escolas existentes no país, provocando um desequilíbrio entre oferta e demanda de enfermeiros no país, há escassez de profissionais em determinadas regiões e localidades, uma vez que a concentração é muito acentuada em apenas três estados da federação.

O Gráfico 2.3 que demonstra a distribuição por regiões ilustra essa enorme concentração no Sudeste com 49,7% do total. O Nordeste é o segundo maior formador do país, responsável pela graduação com 24,2%; seguida pela região Sul, local de graduação de 13,2%. As regiões Centro-Oeste e Norte são as que menos contribuem para a formação destes profissionais, sendo, a soma delas, responsável por 12,8%.

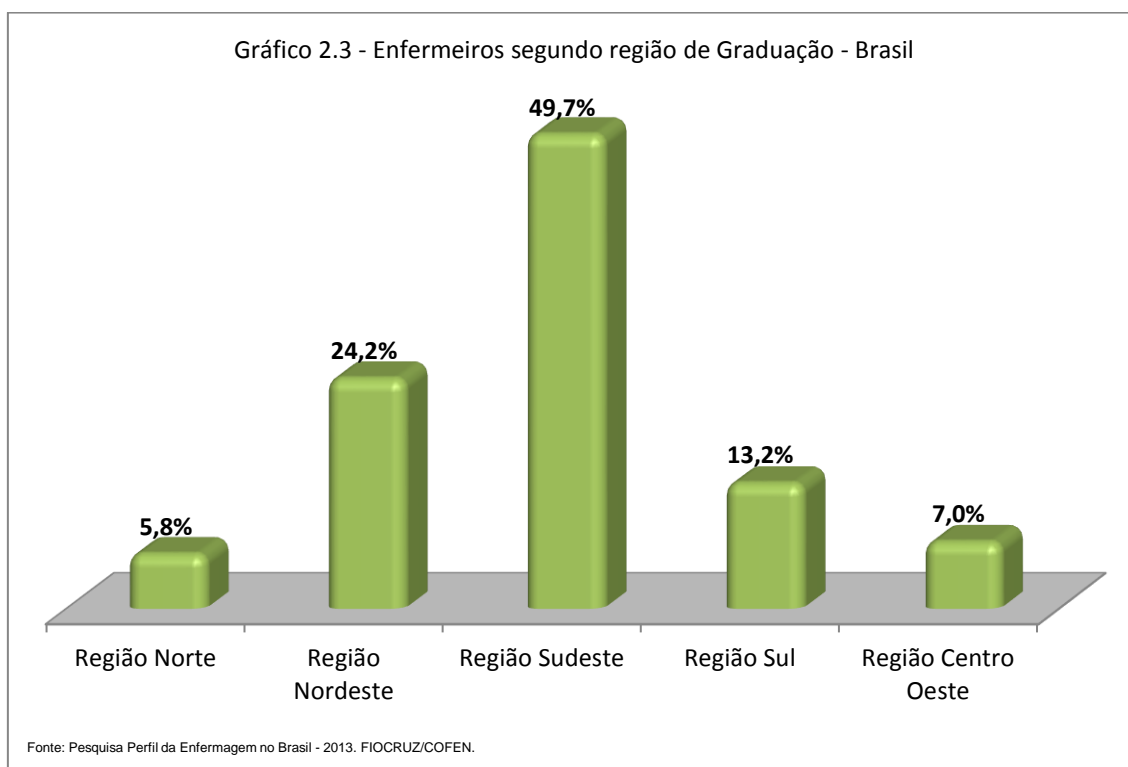
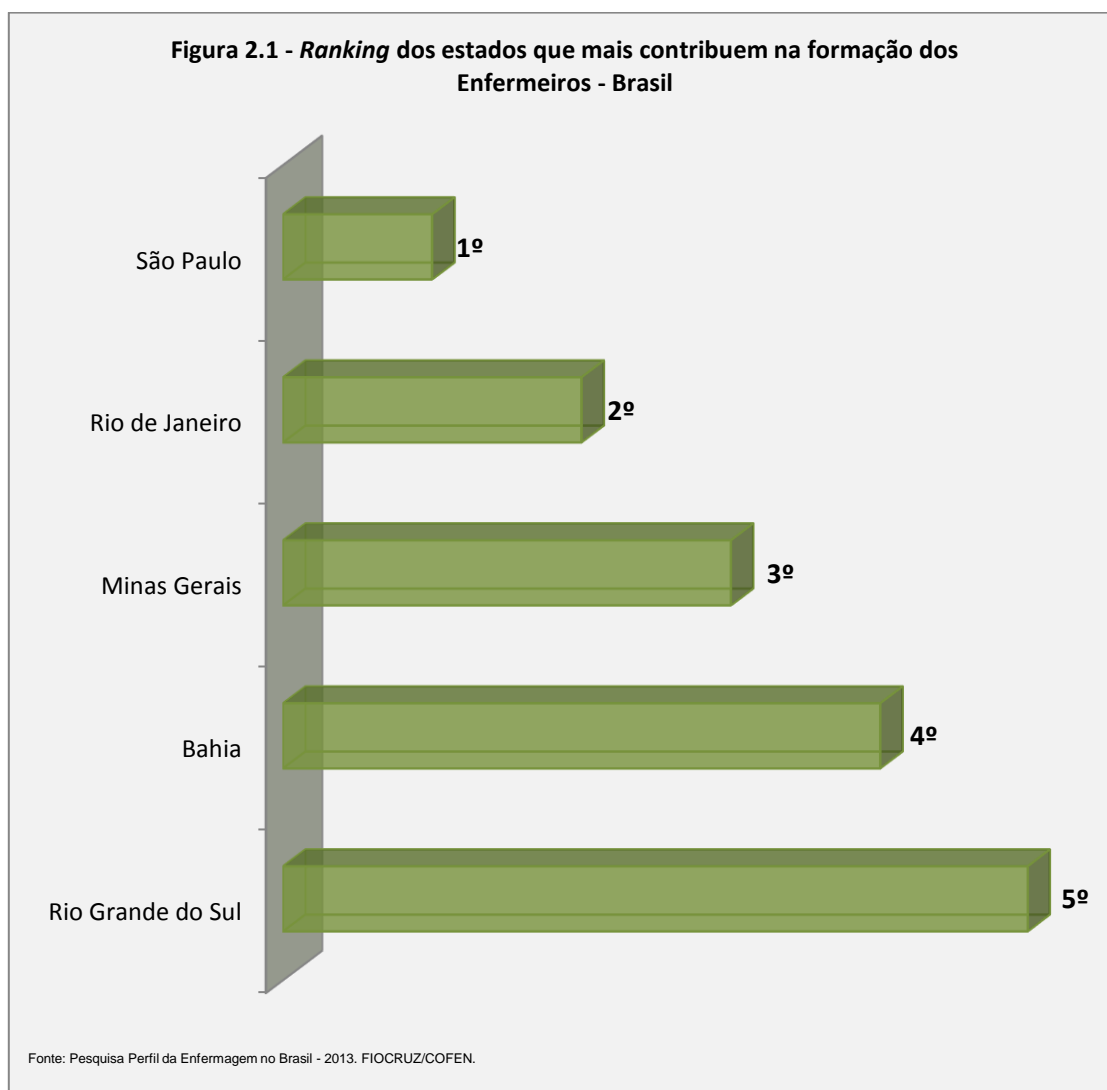


Tabela 2.1.2a  
 Enfermeiros segundo estado de Graduação - Brasil

<b>Unidade da Federação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Brasil</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>23.189</b>	<b>5,6</b>
Rondônia	1.853	0,4
Acre	1.196	0,3
Amazonas	6.793	1,6
Roraima	310	0,1
Pará	10.321	2,5
Amapá	389	0,1
Tocantins	2.326	0,6
<b>Região Nordeste</b>	<b>97.399</b>	<b>23,5</b>
Maranhão	10.057	2,4
Piauí	6.847	1,7
Ceará	14.161	3,4
Rio Grande do Norte	5.893	1,4
Paraíba	12.718	3,1
Pernambuco	15.445	3,7
Alagoas	3.510	0,8
Sergipe	2.462	0,6
Bahia	26.307	6,3
<b>Região Sudeste</b>	<b>199.937</b>	<b>48,2</b>
Minas Gerais	43.246	10,4
Espírito Santo	8.735	2,1
Rio de Janeiro	46.123	11,1
São Paulo	101.832	24,6
<b>Região Sul</b>	<b>53.268</b>	<b>12,8</b>
Paraná	20.909	5,0
Santa Catarina	10.364	2,5
Rio Grande do Sul	21.994	5,3
<b>Região Centro Oeste</b>	<b>28.350</b>	<b>6,8</b>
Mato Grosso do Sul	3.919	0,9
Mato Grosso	5.349	1,3
Goiás	12.480	3,0
Distrito Federal	6.603	1,6
<b>NR</b>	<b>12.569</b>	<b>3,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

O *ranking* confirma essa concentração do aparelho formador nos maiores estados do país em termos econômico e populacional: 1) São Paulo; 2) Rio de Janeiro; 3) Minas Gerais; 4) Bahia; 5) Rio Grande do Sul. (Figura 2.1). Também em destaque, três estados da Região Sudeste, liderando o *ranking*.



## POPULAÇÃO x GRADUANDOS

Questões de ordem de grandeza populacional se refletem na concentração do aparelho formador em algumas unidades da federação. Assim, como pode ser observado, há correspondência entre os seis maiores estados, em termos populacionais – São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná – e os maiores formadores.

Se analisado as informações obtidas na pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, ou, ainda, o volume de concluintes do curso de Enfermagem divulgado pelo INEP para duas décadas - entre 1991 e 2010 (Tabela 2.1.3a), essa relativa correspondência é mantida. Entretanto, ainda observando os dados, chama a atenção o fato de que a concentração da formação desses profissionais, em alguns estados, é ainda maior do que o que poderia se supor pela proporcionalidade populacional.

Segundo dados do Censo 2010, por exemplo, São Paulo tem 21,6% da população brasileira – o que explicaria os 24,6% egressos nesse estado. Minas Gerais concentra 10,3% da população – o que, também, mostra concordância com os 10,4% de enfermeiros formados lá. O Rio de Janeiro, entretanto, destoa dos demais, uma vez que, segundo o Censo 2010, concentra 8,4% da população brasileira e, foi responsável pela formação de 11,1% do total do país, indicando, uma grande concentração do aparelho formador (Tabela 2.1.2a).

Outra hipótese a se levantar é a vocação histórica do Rio de Janeiro na conformação da profissão, seja na formação como na própria organização corporativa. Desta forma, é possível identificar o Rio de Janeiro como o grande celeiro de enfermeiros do país. Tais questões serão, posteriormente, analisadas em profundidade correlacionando outras variáveis contidas no questionário da pesquisa e dados históricos da profissão.

Tabela 2.1.3a

Relação entre o número de enfermeiros que declararam ter se formado em cada estado, distribuição populacional no país (IBGE) e dados sobre concluintes de Cursos de Enfermagem (INEP)

Unidade da Federação	Enfermeiros por estados em que se graduaram - PEB		População brasileira 2010 - IBGE		Concluintes Enfermagem 1991-2010 INEP	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
São Paulo	73.653	23,3	41.252.160	21,6	85.954	29,7
Rio de Janeiro	53.603	17,0	15.993.583	8,4	35.131	12,1
Minas Gerais	34.987	11,1	19.595.309	10,3	35.810	12,4
Rio Grande do Sul	19.813	6,3	10.695.532	5,6	16.429	5,7
Paraná	14.420	4,6	10.439.601	5,5	16.988	5,9
Bahia	14.372	4,5	14.021.432	7,4	14.418	5,0
Ceará	8.879	2,8	8.448.055	4,4	6.875	2,4
Maranhão	8.607	2,7	6.569.683	3,4	6.446	2,2
Pará	7.773	2,5	7.588.078	4,0	4.035	1,4
Goiás	7.749	2,5	6.004.045	3,1	8.085	2,8
Alagoas	7.721	2,4	3.120.922	1,6	2.352	0,8
Santa Catarina	7.535	2,4	6.249.682	3,3	7.158	2,5
Paraíba	7.362	2,3	3.766.834	2,0	8.413	2,9
Pernambuco	7.329	2,3	8.796.032	4,6	8.225	2,8
Espirito Santo	4.379	1,4	3.512.672	1,8	6.499	2,2
Piauí	4.322	1,4	3.119.015	1,6	3.518	1,2
Amazonas	4.052	1,3	3.480.937	1,8	3.379	1,2
Mato Grosso	3.378	1,1	3.033.991	1,6	2.800	1,0
Distrito Federal	3.323	1,1	2.562.963	1,3	4.282	1,5
Mato Grosso do Sul	3.303	1,0	2.449.341	1,3	3.368	1,2
Rio Grande do Norte	2.452	0,8	3.168.133	1,7	3.665	1,3
Tocantins	2.209	0,7	1.383.453	0,7	1.824	0,6
Sergipe	2.058	0,7	2.068.031	1,1	1.405	0,5
Acre	1.260	0,4	732.793	0,4	559	0,2
Rondônia	1.173	0,4	1.560.501	0,8	1.463	0,5
Amapá	627	0,2	668.689	0,4	497	0,2
Roraima	114	0,0	451.227	0,2	1	0,0
NR	9.786	3,1	0	0,0	0	0,0
<b>Total</b>	<b>316.239</b>	<b>100,0</b>	<b>190.732.694</b>	<b>100,0</b>	<b>289.579</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Censo Populacional - 2010. IBGE. Censos da Educação Superior, Enfermagem - 1991 à 2010. INEP.

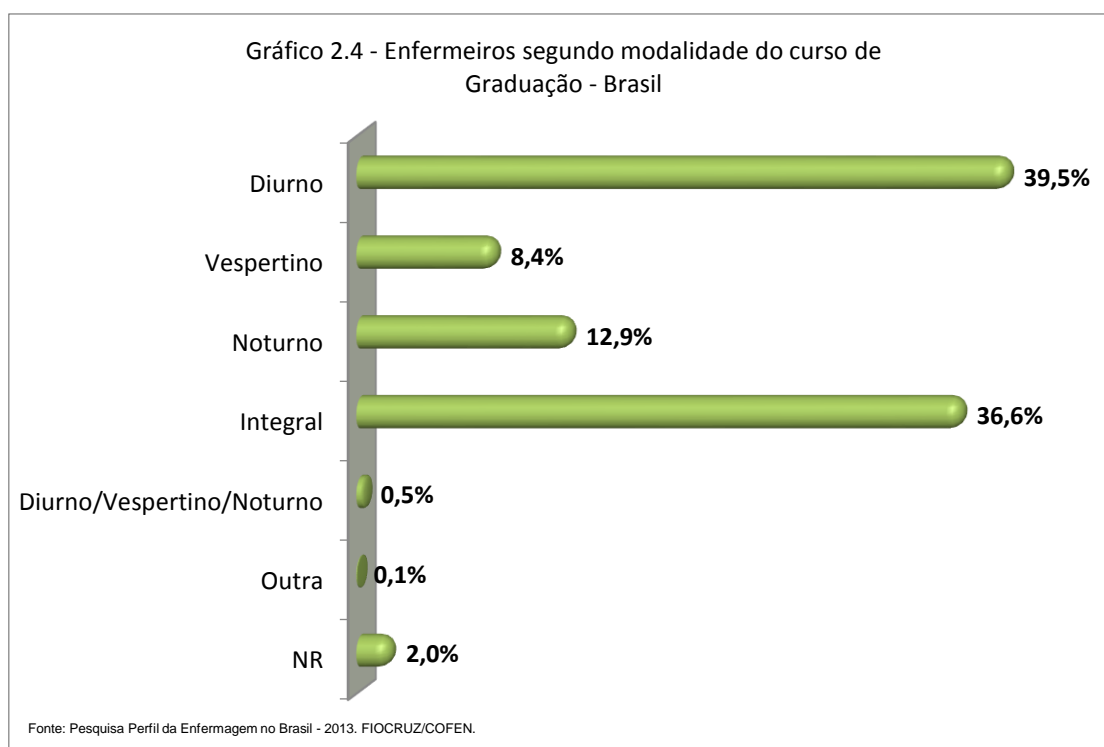
## MODALIDADE DO CURSO

Em relação à modalidade do curso de graduação, 39,5% dos enfermeiros responderam que fizeram cursos diurnos e 36,6% afirmam ter cursado em turno integral. O noturno foi apontado como a formação de 12,9% dos enfermeiros, enquanto que o vespertino foi responsável por 8,4%. (Tabela 2.1.4a e Gráfico 2.4). Dessa forma, fica clara a tendência do curso de enfermagem deixar de ser um curso de horário integral, o que facilita ao estudante manter um emprego durante a graduação, o que é corroborado com as análises realizadas mais adiante.

Tabela 2.1.4a  
Enfermeiros segundo modalidade do curso de Graduação - Brasil

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	163.766	39,5
Vespertino	34.731	8,4
Noturno	53.665	12,9
Integral	151.938	36,6
Diurno/Vespertino/Noturno	2.010	0,5
Outra	237	0,1
NR	8.366	2,0
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## GRADUAÇÃO NO EXTERIOR

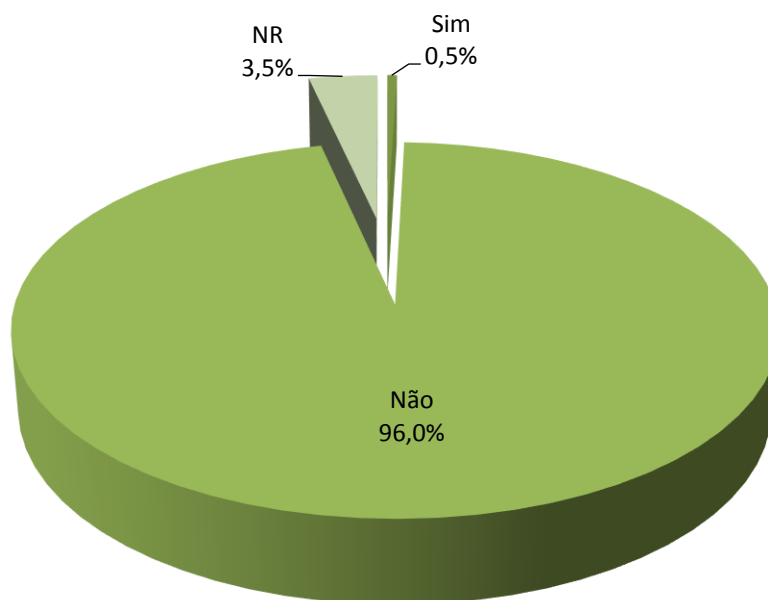
A maioria absoluta (96%) dos enfermeiros fez sua graduação no Brasil e apenas 0,5% afirmam ter realizado no exterior. (Tabela 2.1.5a e Gráfico 2.5).

Tabela 2.1.5a  
Enfermeiros segundo realização de curso no exterior - Brasil

Curso no exterior	V.Abs.	%
Sim	2.016	0,5
Não	398.230	96,0
NR	14.466	3,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.5 - Enfermeiros segundo realização de curso no exterior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## OUTRA GRADUAÇÃO

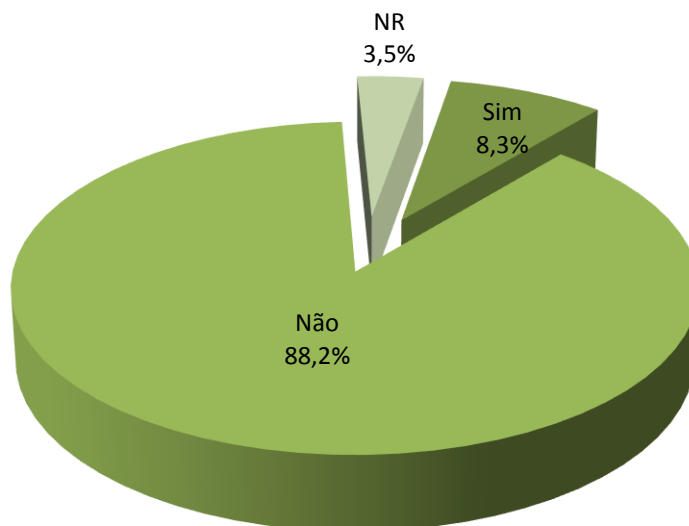
Outro dado interessante refere-se ao fato que pouco mais de 8% informaram ter realizado ou estar realizando outra graduação, o que significa dizer, mais de 34 mil enfermeiros que buscam nova profissão (Tabela 2.2a e Gráfico 2.6).

Tabela 2.2a  
Enfermeiros segundo realização de outro curso superior - Brasil

Outro curso	V.Abs.	%
Sim	34.565	8,3
Não	365.572	88,2
NR	14.575	3,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.6 - Enfermeiros segundo realização de outro curso superior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ÁREA DA GRADUAÇÃO

É importante notar que esses enfermeiros tenham buscado, predominantemente, outra graduação fora da área da saúde. Assim, cursos tidos como típicos da saúde, excetuando a Terapia Ocupacional, os demais, como é o caso de Medicina, Odontologia, Farmácia, Nutrição e Fisioterapia são menos mencionados como outra possibilidade de graduação/atuação no mercado de trabalho. Direito, Administração e Pedagogia se destacam entre os preferidos. Resta investigar se essas pessoas exercem ou não a nova profissão. (Tabela 2.2.1a). Os dez cursos ranqueados estão: 1) Direito; 2) Terapia Ocupacional; 3) Administração; 4) Pedagogia; 5) Nutrição; 6) Medicina; 7) Letras; 8) Psicologia; 9) Fisioterapia e 10) Educação Física (Figura 2.2).

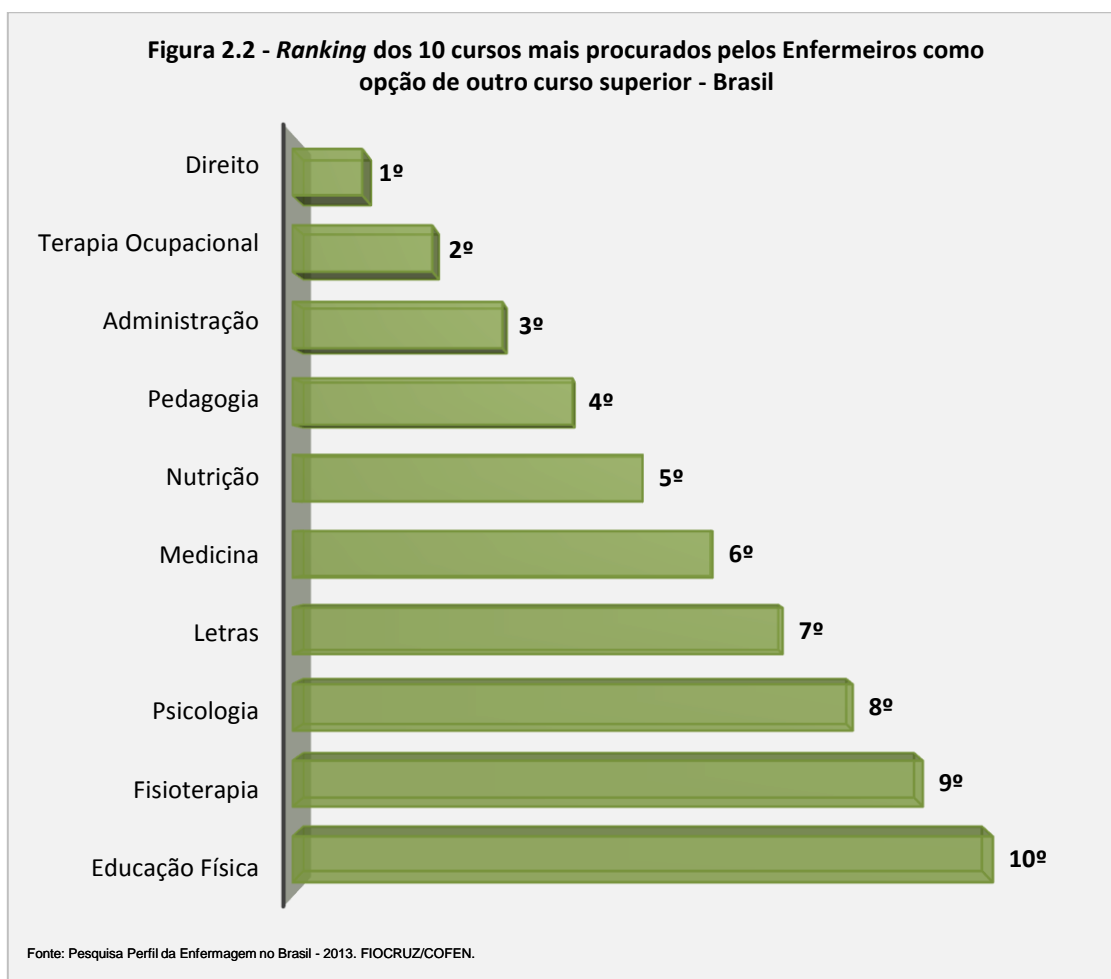


Tabela 2.2.1a  
Enfermeiros que realizaram outro curso superior segundo a área - Brasil

Área	V.Abs.	%
Medicina	1.259	3,6
Medicina Veterinária	170	0,5
Terapia Ocupacional	3.135	9,1
Odontologia	385	1,1
Biologia	653	1,9
Biomedicina	163	0,5
Farmácia	182	0,5
Nutrição	1.364	3,9
Fonoaudiologia	428	1,2
Fisioterapia	960	2,8
Psicologia	1.050	3,0
Educação Física	985	2,8
Serviço Social	593	1,7
Administração	2.146	6,2
Direito	4.348	12,6
Engenharia	616	1,8
Teologia	320	0,9
Pedagogia	2.118	6,1
Letras	1.252	3,6
Ciências Contábeis	231	0,7
Gestão Políticas Públicas	166	0,5
Sistema Informação	374	1,1
Recursos Humanos	18	0,1
Tecnólogo	180	0,5
Outro	4.924	14,2
NR	6.546	18,9
<b>Total</b>	<b>34.565</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## CURSO DE TECNÓLOGO

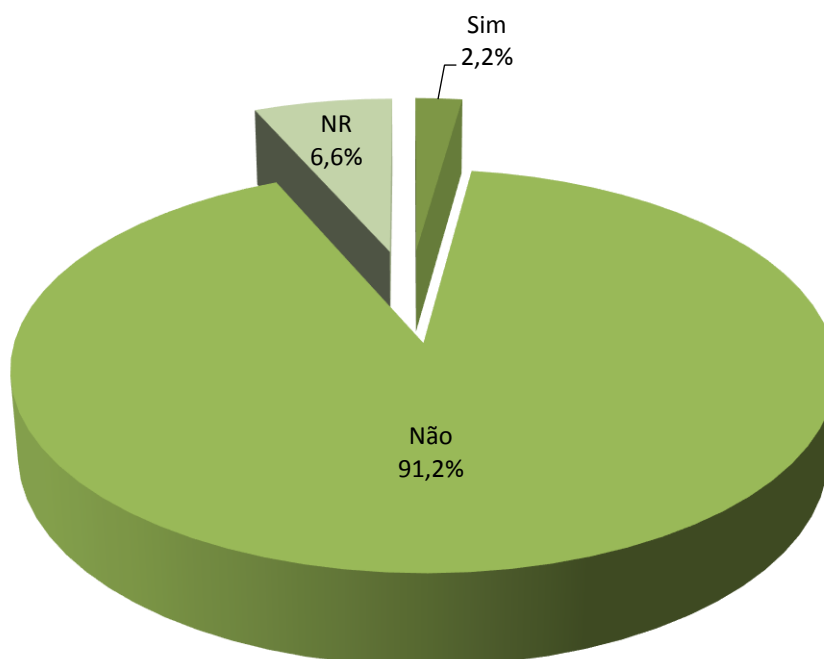
Vale registro que mais de 9 mil enfermeiros afirmam ter ou estar realizando algum curso Tecnólogo, correspondendo a 2,2% do total (Tabela 2.3a e Gráfico 2.7).

Tabela 2.3a  
Enfermeiros segundo realização de curso de Tecnólogo - Brasil

Curso de Tecnólogo	V.Abs.	%
Sim	9.188	2,2
Não	378.289	91,2
NR	27.235	6,6
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.7 - Enfermeiros segundo realização de curso de Tecnólogo - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## CURSO TÉCNICO OU DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM

Chama atenção que do contingente de enfermeiros em atuação no país, aproximadamente um terço (31,4%) destes realizou, antes de se graduar, curso técnico ou auxiliar de enfermagem (Tabela 2.4a e Gráfico 2.8).

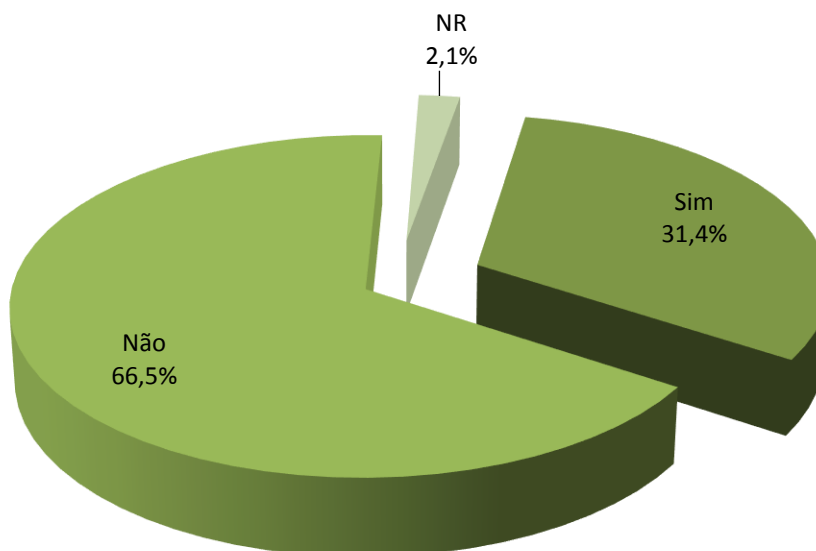
Tabela 2.4a

Enfermeiros segundo realização de curso de Técnico ou de Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil

<b>Curso Técnico ou Auxiliar</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	130.293	31,4
Não	275.664	66,5
NR	8.755	2,1
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.8 - Enfermeiros segundo realização de curso de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ATUAÇÃO COMO AUXILIAR OU TÉCNICO

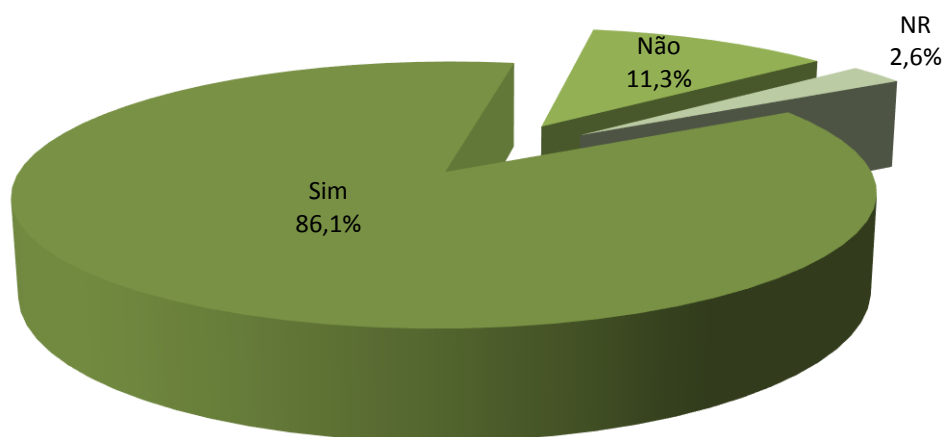
Dentre dos mais de 112 mil enfermeiros que fizeram curso Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes de se graduarem, a maioria, ou seja, 86,1% declararam ter exercido a atividade (Tabela 2.4.1a e Gráfico 2.9). Poucos são aqueles que não exerceram. Isso leva a afirmar que a maioria absoluta do contingente de enfermeiros é composta por ex-auxiliares e/ou técnicos de enfermagem.

Tabela 2.4.1a  
Enfermeiros segundo exercício da função de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil

Exercício da função	V.Abs.	%
Sim	112.176	86,1
Não	14.763	11,3
NR	3.354	2,6
<b>Total</b>	<b>130.293</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.9 - Enfermeiros segundo exercício da função de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

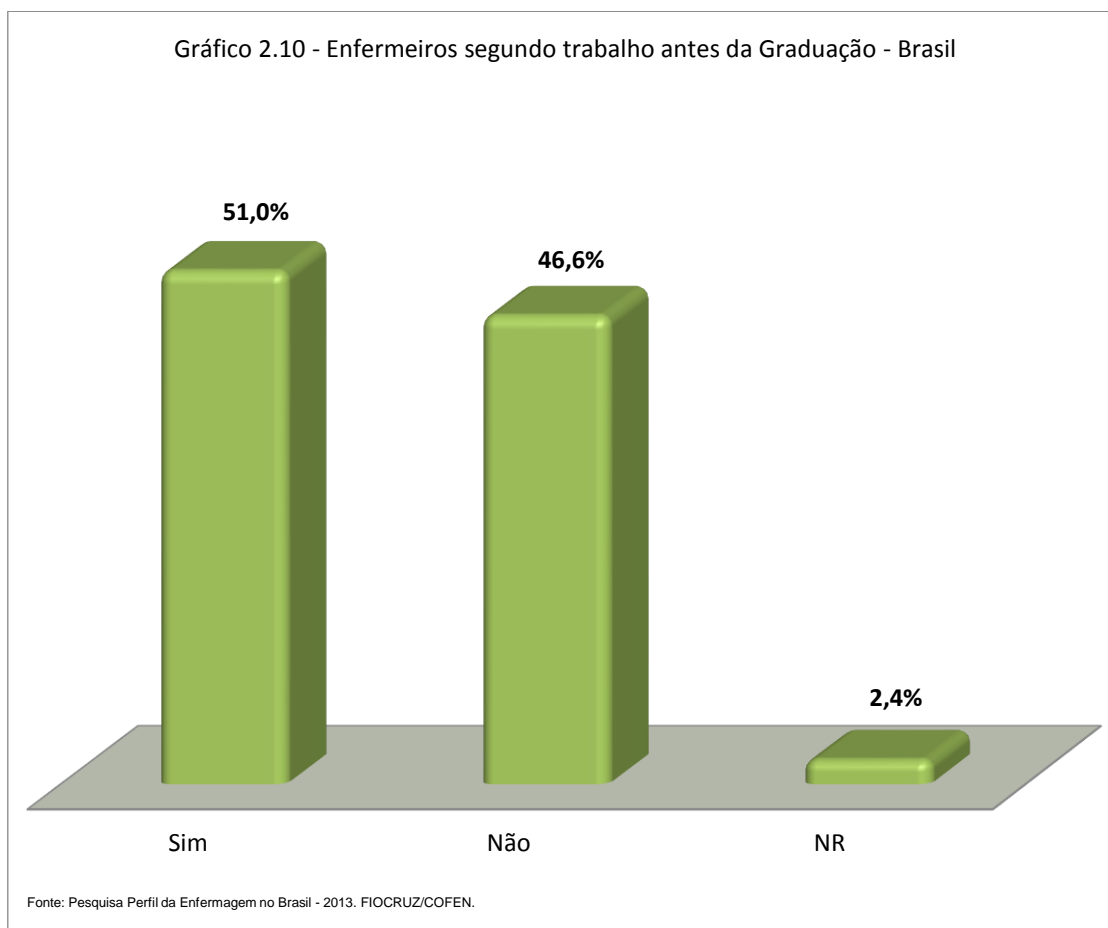
## TRABALHO ANTES DA GRADUAÇÃO

Reforçando a ideia de que esses profissionais são pessoas com vivência de trabalho antes de se graduarem é confirmado quando mais da metade (51%) deles trabalhou antes de completar a graduação (Tabela 2.5a e Gráfico 2.10).

Tabela 2.5a  
Enfermeiros segundo trabalho antes da Graduação - Brasil

<b>Trabalho</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	211.606	51,0
Não	193.120	46,6
NR	9.986	2,4
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





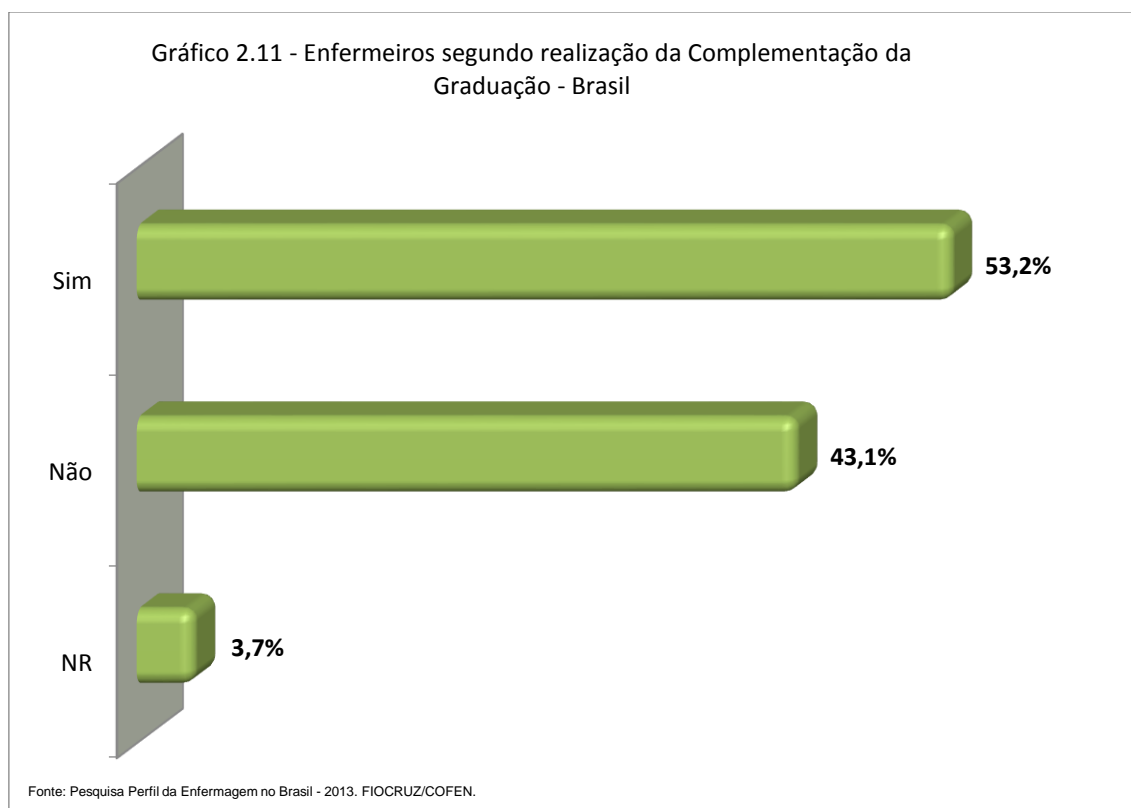
## COMPLEMENTAÇÃO DA GRADUAÇÃO

A maioria (53,2%) dos enfermeiros no país fez curso de Complementação da Graduação (Tabela 2.6a e Gráfico 2.11).

Tabela 2.6a  
Enfermeiros segundo realização da Complementação da Graduação – Brasil

<b>Complementação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	220.801	53,2
Não	178.609	43,1
NR	15.303	3,7
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO: COMPLEMENTAÇÃO

Daqueles 220 mil enfermeiros que realizaram curso de complementação após a Graduação, mais de 125 mil profissionais o fez na modalidade Habilitação. A maior parte desses cursos foi em instituições privadas (57,1%). Enquanto o setor público foi responsável pela formação de 38,7% desses enfermeiros. Já aqueles realizados em instituições filantrópicas correspondem a 1,7% apenas. No caso da modalidade Licenciatura, 48,8% dos enfermeiros realizaram em instituições privadas e 46,7% nas públicas. (Tabela 2.6.1a).

Tabela 2.6.1a

Enfermeiros que realizaram Complementação da Graduação segundo natureza da instituição formadora – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Natureza da instituição	Habilitação		Licenciatura	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Pública	48.468	38,7	29.095	46,7
Privada	71.403	57,1	30.437	48,8
Filantrópica	2.176	1,7	1.756	2,8
Outra	1.168	0,9	153	0,2
NR	1.868	1,5	881	1,4
<b>Total</b>	<b>125.084</b>	<b>100,0</b>	<b>62.321</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TEMPO DE CONCLUSÃO

Quando se analisa há quanto tempo os enfermeiros fizeram cursos de complementação da Graduação, percebe-se que um percentual significativo (mais de 45%) que concluiu a Licenciatura há dez anos ou menos; e mais de 55% cursaram ou cursam Habilitação (Tabela 2.6.2a). Isso, somado a grande concentração de enfermeiros graduados há 10 anos ou menos (63,7%), como mencionado anteriormente, é possível indicar que há uma grande renovação e requalificação desse contingente. Pode-se, também, afirmar que, historicamente, em todos os períodos analisados, houve uma maior busca dessa modalidade.

Deve-se assinalar, também, que, comparando o grupo de enfermeiros que concluíram cursos de Complementação entre 6 - 10 anos atrás e os que cursaram entre 2 - 5 anos atrás, o crescimento relativo do número de fizeram em Habilitação foi maior (crescimento de mais de 100%) do que formados na modalidade Licenciatura (crescimento de cerca de 20%).

Tabela 2.6.2a  
 Enfermeiros que realizaram a Complementação da Graduação segundo tempo de conclusão  
 Brasil

Tempo de conclusão	Habilitação		Licenciatura	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	27.288	21,8	7.512	12,1
02 - 05 anos	29.922	23,9	12.780	20,5
06 - 10 anos	14.183	11,3	9.553	15,3
11 - 20 anos	13.361	10,7	9.369	15,0
21 - 30 anos	15.217	12,2	8.786	14,1
31 - 40 anos	7.271	5,8	3.702	5,9
41 - 45 anos	390	0,3	18	0,0
Mais de 45 anos	10	0,0	20	0,0
NR	17.442	13,9	10.582	17,0
<b>Total</b>	<b>125.084</b>	<b>100,0</b>	<b>62.321</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## PÓS-GRADUAÇÃO

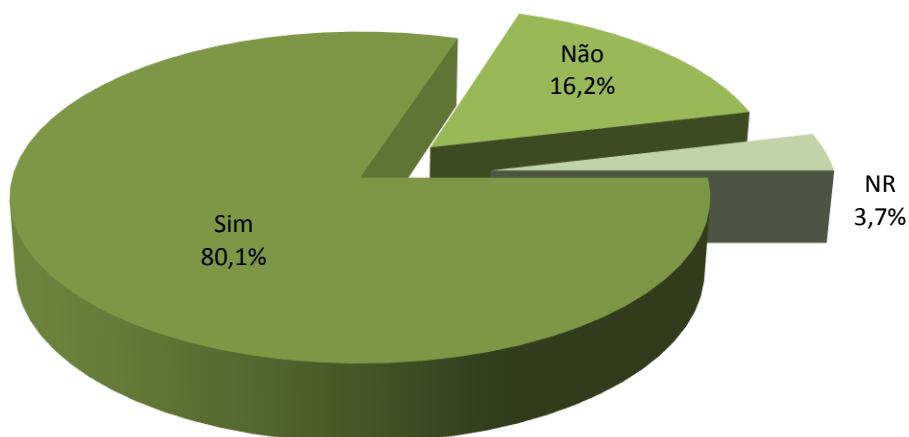
Fato de grande repercussão no país, é registrar que a grande maioria, ou seja, 80,1% dos enfermeiros fizeram ou estão fazendo algum curso de Pós-Graduação (Tabela 2.7a e Gráfico 2.12).

Tabela 2.7a  
Enfermeiros segundo realização de Pós-Graduação - Brasil

<b>Pós-Graduação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	332.028	80,1
Não	67.201	16,2
NR	15.483	3,7
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.12 - Enfermeiros segundo realização de Pós-Graduação - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## MODALIDADE DA PÓS-GRADUAÇÃO

A Pós-Graduação no Brasil é regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 1996, no seu Capítulo IV e regulamentada pelas Resoluções CNE/CES nº 1/2001 (alterada pela Resolução CNE/CES nº 24/2002) e CNE/CES nº 1/2007.

As modalidades existentes são designadas como *'lato sensu'* ou *'stricto sensu'*. As Pós-Graduações *'lato sensu'* compreendem cursos de especialização presenciais (nos quais se incluem os cursos designados como *MBA (Master Business Administration)* ou à distância, com carga-horária mínima de 360h, oferecidos por instituições de ensino superior credenciadas e que obedeçam ao disposto na Resolução CNE/CES nº 1, de 8 de junho de 2007.

As Pós-Graduações *'stricto sensu'* compreendem programas de Mestrado e Doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (art. 44, III, Lei nº 9.394/1996). A autorização, o reconhecimento e a renovação de reconhecimento de cursos de Pós-Graduação *'stricto sensu'* são concedidos pelo Ministro de Estado da Educação, dependendo de parecer favorável da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, fundamentado na avaliação realizada pela CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

No tocante à Pós-Graduação é importante esclarecer que, ainda que os cursos de Mestrado e Doutorado no país tenham sido definidos há 50 anos atrás, pelo Parecer nº 977/65 do Conselho Federal de Educação, somente a partir da década de 1990 a ela ganhou relevância no país. Assim, o expressivo percentual de enfermeiros com cursos de Pós-Graduação (80%) é um dado que não pode ser analisado de forma isolada. Só tem sentido quando tomado de forma contextualizada e analisado à luz da política de aumento da escolarização de um modo geral, relacionada à ampliação de vagas e facilitação do acesso ao ensino superior experimentada nos últimos anos.

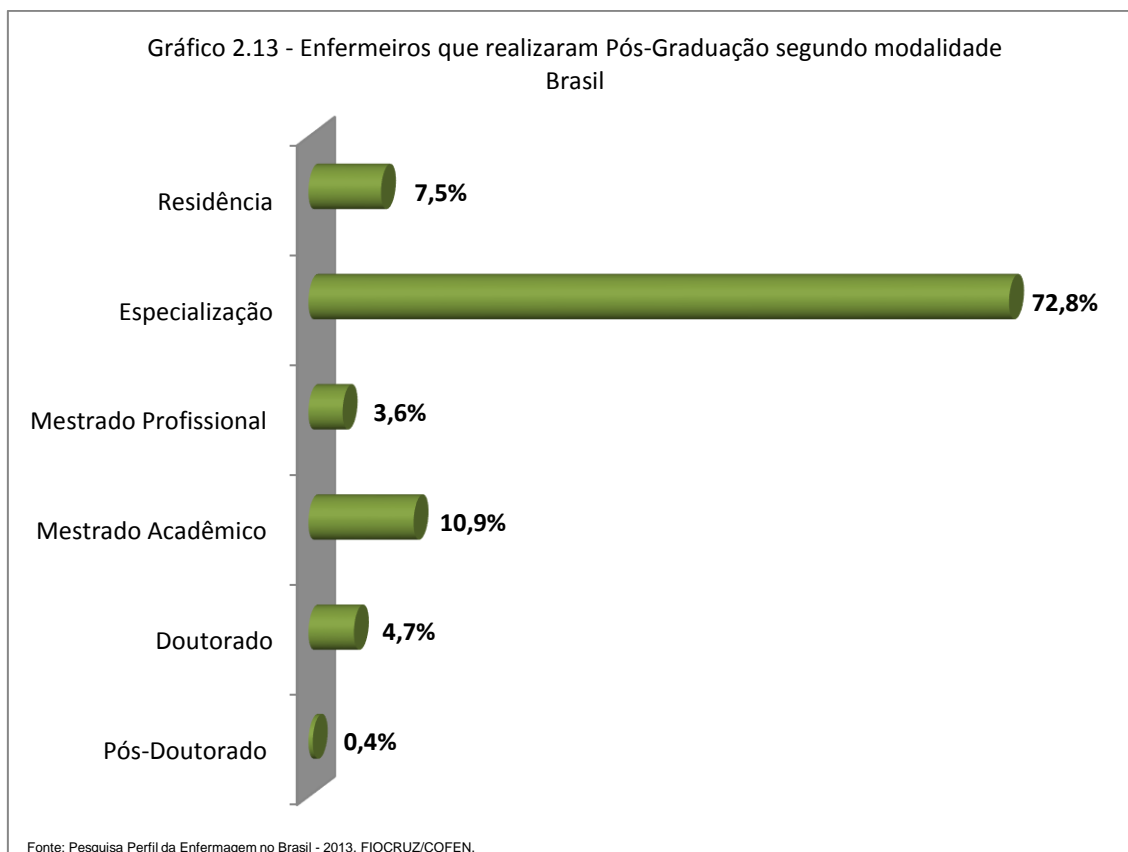
Vale ressaltar, também, que, quando comparado às outras modalidades de Pós-Graduação, o Mestrado Profissional pode ser considerado, ainda, uma modalidade recente, tendo passado a ser incentivado na segunda metade dos anos de 1990.

Assim, dentre os mais de 400 mil enfermeiros que fizeram ou estão fazendo Pós-Graduação tem-se: (72,8%) Especialização; (14,5%) Mestrado (Profissional – 3,6% e/ou Acadêmico – 10,9%); (4,7%) Doutorado e (0,4%) fizeram Pós-Doutorado. Registra-se que apenas 7,5% declaram ter feito Programa Residência (Tabela 2.7.1a e Gráfico 2.13).

Tabela 2.7.1a  
Enfermeiros que realizaram Pós-Graduação segundo modalidade - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Residência	31.173	7,5
Especialização	300.792	72,8
Mestrado Profissional	14.679	3,6
Mestrado Acadêmico	45.154	10,9
Doutorado	19.529	4,7
Pós-Doutorado	1.858	0,4
<b>Total</b>	<b>413.184</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO: Residência

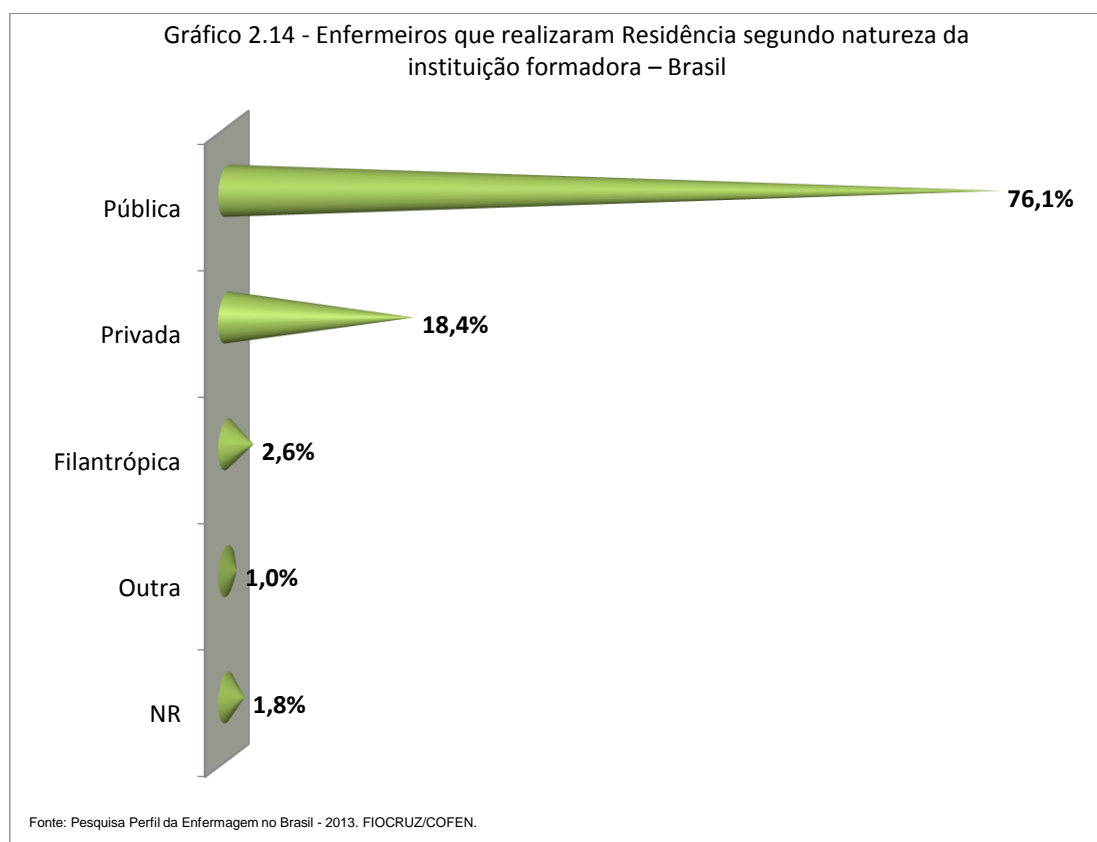
O Programa de Residência, apesar de diminuto, é, hegemonicamente, oferecido pelas instituições públicas (76,1%), contra 18,4% nas privadas e apenas 2,6% nas filantrópicas (Tabela 2.7.1.1a e Gráfico 2.14).

Tabela 2.7.1.1a

Enfermeiros que realizaram Residência segundo natureza da instituição formadora - Brasil

<b>Natureza da instituição</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Pública	23.738	76,1
Privada	5.748	18,4
Filantrópica	825	2,6
Outra	313	1,0
NR	550	1,8
<b>Total</b>	<b>31.173</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TEMPO DE CONCLUSÃO: Residência

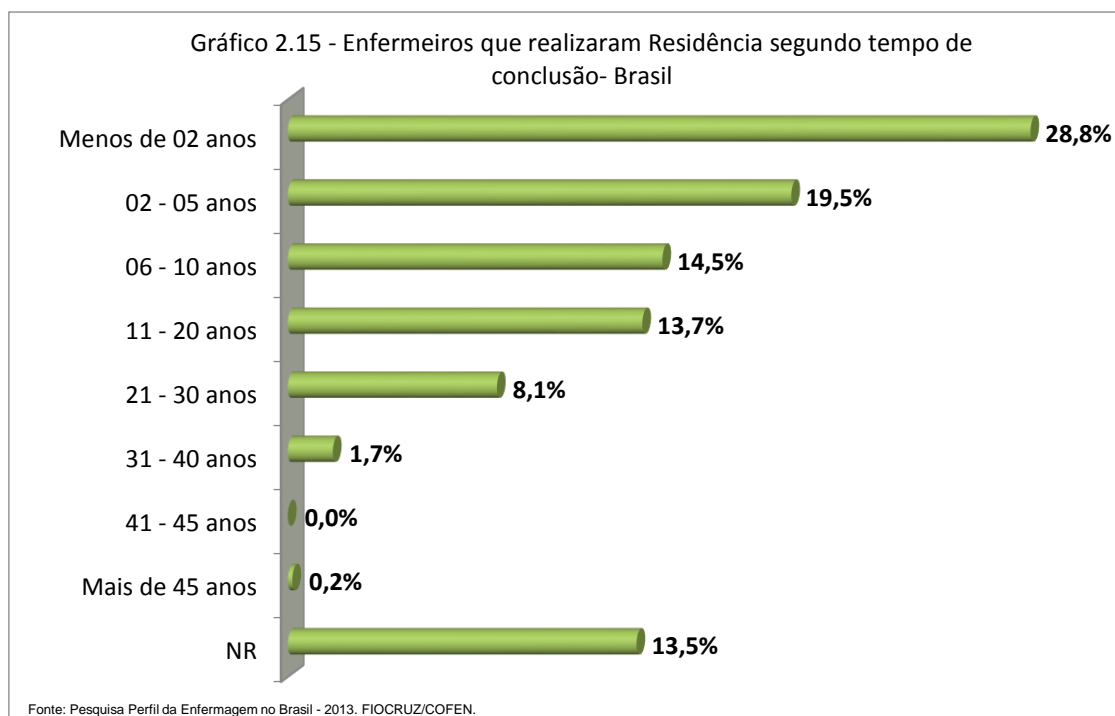
Contabiliza quase metade, 48,3% de enfermeiros que fizeram Programa de Residência, concluiu há 5 anos ou menos. Esse dado está de acordo com a relativa novidade desses cursos, quando comparados às outras modalidades de Pós-Graduação (Tabela 2.7.1.2a e Gráfico 2.15). Contudo, registra-se a presença de profissionais que realizaram este tipo de treinamento em outros momentos, com destaque para os períodos entre 6 - 10 anos e 11 - 20 anos que somam 28,2%, evidenciando que essa modalidade, mesmo que mais escassa em outras épocas, já estava presente na formação desse profissional.

Tabela 2.7.1.2a

Enfermeiros que realizaram Residência segundo tempo de conclusão - Brasil

Tempo de conclusão	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	8.980	28,8
02 - 05 anos	6.073	19,5
06 - 10 anos	4.519	14,5
11 - 20 anos	4.276	13,7
21 - 30 anos	2.522	8,1
31 - 40 anos	543	1,7
41 - 45 anos	0	0,0
Mais de 45 anos	54	0,2
NR	4.206	13,5
<b>Total</b>	<b>31.173</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





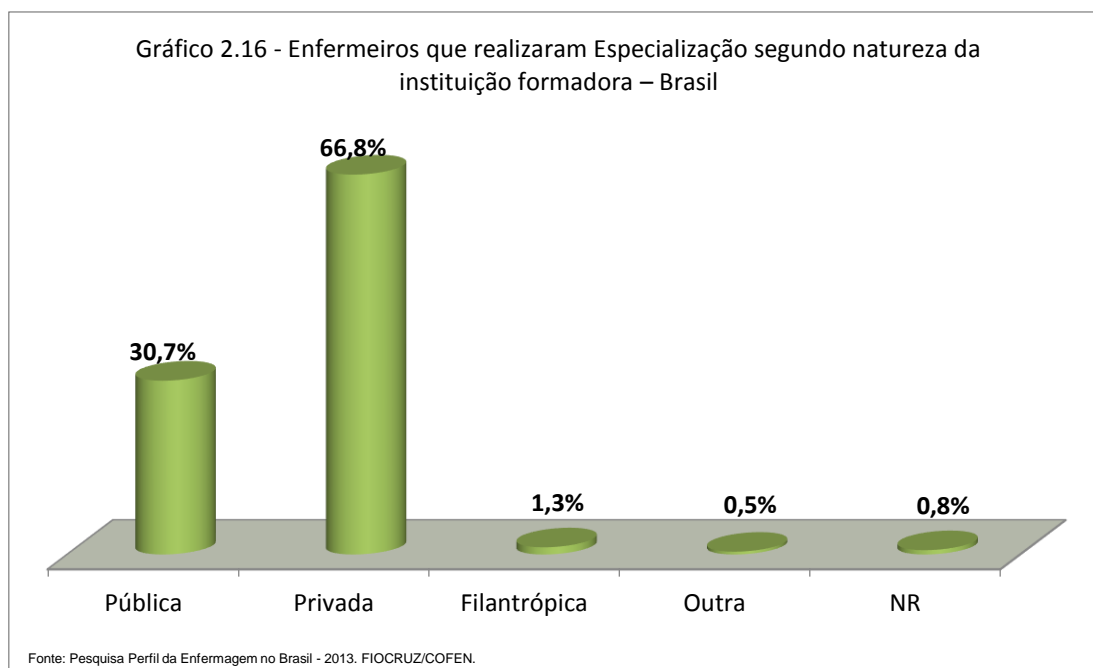
## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO: Especialização

Como já foi mencionada anteriormente, a modalidade Especialização é a mais utilizada pela enfermagem para se qualificar. Dentre aqueles mais de 300 mil que fizeram um curso de Especialização, 66,8% realizaram em instituições privadas, 30,7% nas públicas e pouco mais de 1% em instituições filantrópicas. (Tabela 2.7.2.1a e Gráfico 2.16). Fato importante de registrar é que, sendo a Especialização a modalidade que mais de 70% utilizam para se qualificar, esta qualificação se dá, hegemonicamente, em instituições privadas, mediante pagamento, recaindo, quase sempre, para o próprio profissional a responsabilidade e o ônus de se especializar. Neste caso, o poder público acaba ficando à margem do processo, não se responsabilizando pela formação especializada deste enorme contingente de profissionais fundamentais ao Sistema Único de Saúde.

Tabela 2.7.2.1a  
Enfermeiros que realizaram Especialização segundo natureza da instituição formadora  
Brasil

Natureza da instituição	V.Abs.	%
Pública	92.295	30,7
Privada	200.887	66,8
Filantrópica	3.825	1,3
Outra	1.483	0,5
NR	2.301	0,8
<b>Total</b>	<b>300.792</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TEMPO DE CONCLUSÃO: Especialização

Dentre aqueles que fizeram Especialização, mais da metade, 52,9% concluíram o curso há 5 anos ou menos. Nos períodos entre 6 - 20 anos somam 26,4% e somente 5,9% fizeram há mais de 20 anos. Tornam-se escassos os casos de profissionais que realizaram essa modalidade de qualificação em períodos mais antigos, como mostram a Tabela 2.7.2.2a e Gráfico 2.17. O que significa dizer que também a especialização para o mercado de trabalho é um fenômeno, relativamente, recente entre os enfermeiros.

Tabela 2.7.2.2a  
Enfermeiros que realizaram Especialização segundo tempo de conclusão – Brasil

Tempo de conclusão	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	78.631	26,1
02 - 05 anos	80.513	26,8
06 - 10 anos	46.807	15,6
11 - 20 anos	32.461	10,8
21 - 30 anos	13.120	4,4
31 - 40 anos	4.378	1,5
41 - 45 anos	61	0,02
Mais de 45 anos	93	0,03
NR	44.728	14,9
<b>Total</b>	<b>300.792</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



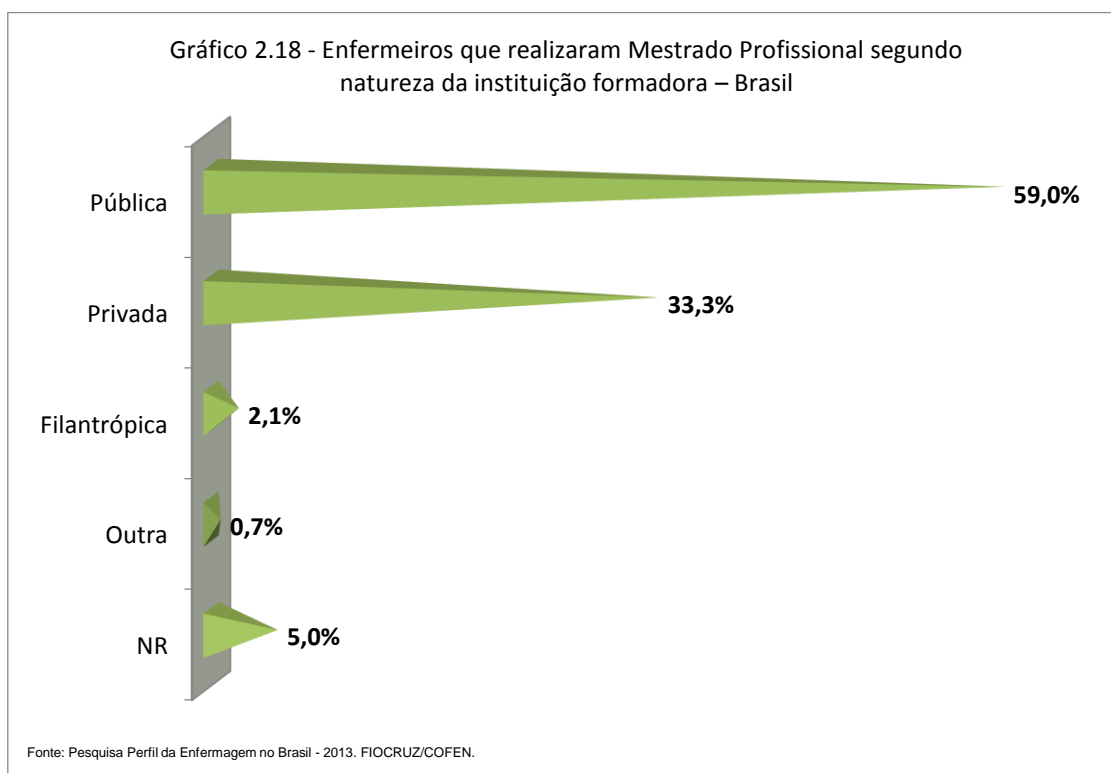
## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO: Mestrado Profissional

Apesar ser o Mestrado Profissional, dentre todas as modalidades de Pós-Graduação *stricto-sensu* no Brasil, a mais recente (final da década de 1990), cerca de 4% dos enfermeiros já o fizeram. Entre esses mais de 14 mil, a maioria (59%) fez em instituições públicas e 33,3% em privadas (Tabela 2.7.3.1a e Gráfico 2.18). Nesta modalidade de qualificação, onde uma minoria tem acesso, o poder público é mais presente, sendo responsável pela maioria dos cursos ofertados.

Tabela 2.7.3.1a  
Enfermeiros que realizaram Mestrado Profissional segundo natureza da instituição formadora  
Brasil

Natureza da instituição	V.Abs.	%
Pública	8.656	59,0
Privada	4.882	33,3
Filantrópica	305	2,1
Outra	108	0,7
NR	728	5,0
<b>Total</b>	<b>14.679</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TEMPO DE CONCLUSÃO: Mestrado Profissional

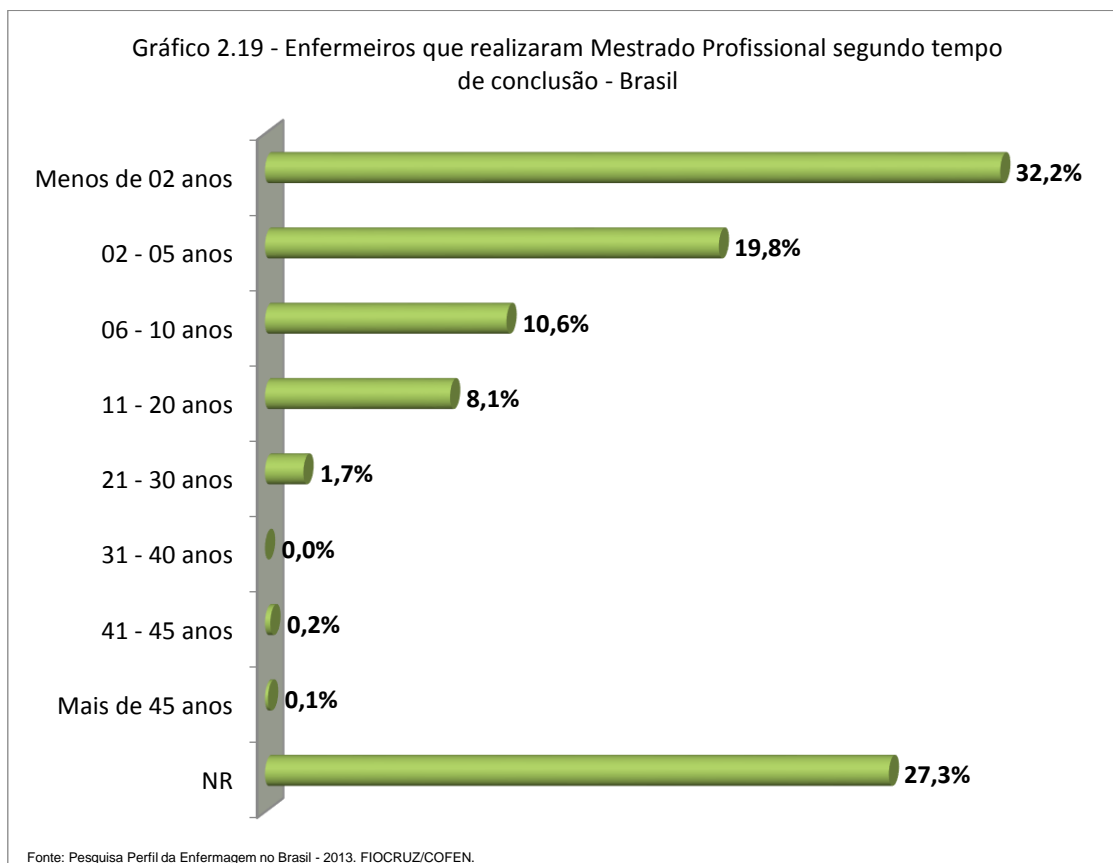
Seguindo o mesmo comportamento das demais qualificações, mais da metade (52%) dos enfermeiros concluiu há 5 anos ou menos. Nos períodos seguintes, entre 6-20 anos esse percentual somará 18,7% (Tabela 2.7.3.2a e Gráfico 2.19).

Tabela 2.7.3.2a

Enfermeiros que realizaram Mestrado Profissional segundo tempo de conclusão - Brasil

Tempo de conclusão	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	4.724	32,2
02 - 05 anos	2.913	19,8
06 - 10 anos	1.550	10,6
11 - 20 anos	1.188	8,1
21 - 30 anos	247	1,7
31 - 40 anos	0	0,0
41 - 45 anos	34	0,2
Mais de 45 anos	19	0,1
NR	4.004	27,3
<b>Total</b>	<b>14.679</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



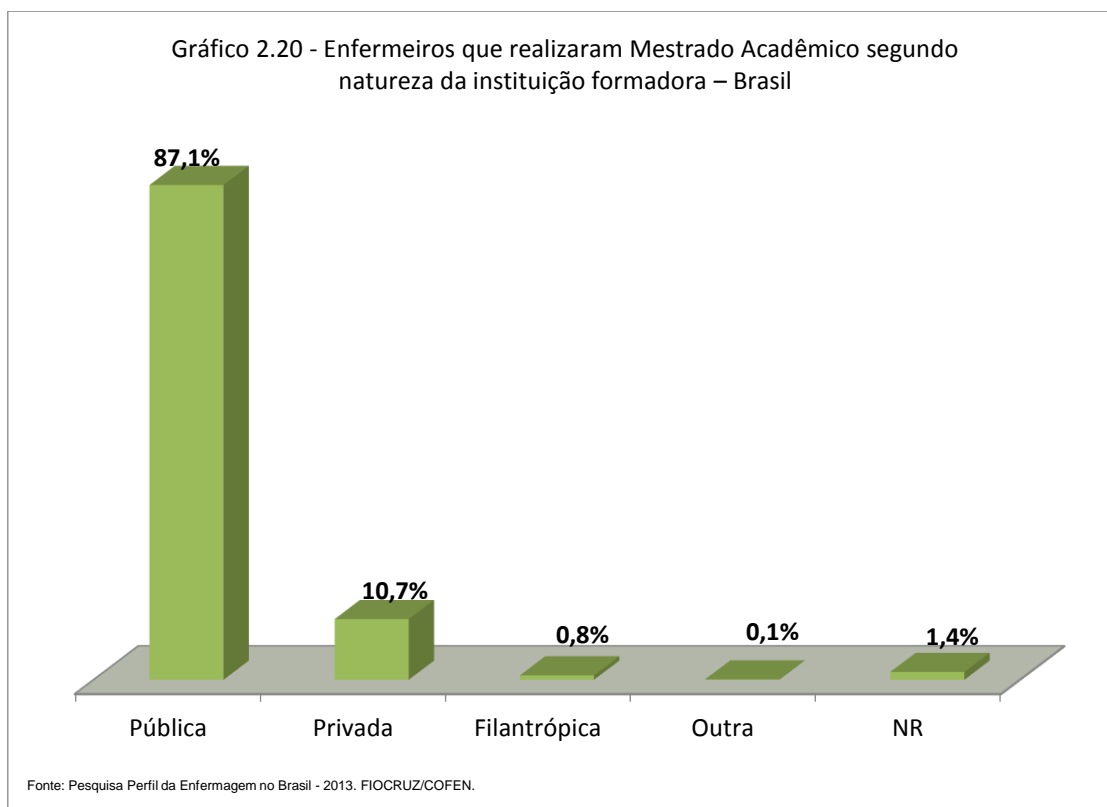
## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO: Mestrado Acadêmico

O Mestrado Acadêmico, diferentemente da Especialização, é uma modalidade de curso de Pós-Graduação realizada, eminentemente, em instituições públicas. Assim, dentre os mais de 45 mil enfermeiros que fizeram essa modalidade, 87,1% fizeram em instituições públicas, sendo 10,7% nas privadas e menos de 1% nas filantrópicas. (Tabela 2.7.4.1a e Gráfico 2.20).

Tabela 2.7.4.1a  
Enfermeiros que realizaram Mestrado Acadêmico segundo natureza da instituição formadora  
Brasil

Natureza da instituição	V.Abs.	%
Pública	39.317	87,1
Privada	4.840	10,7
Filantrópica	350	0,8
Outra	28	0,1
NR	619	1,4
<b>Total</b>	<b>45.154</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



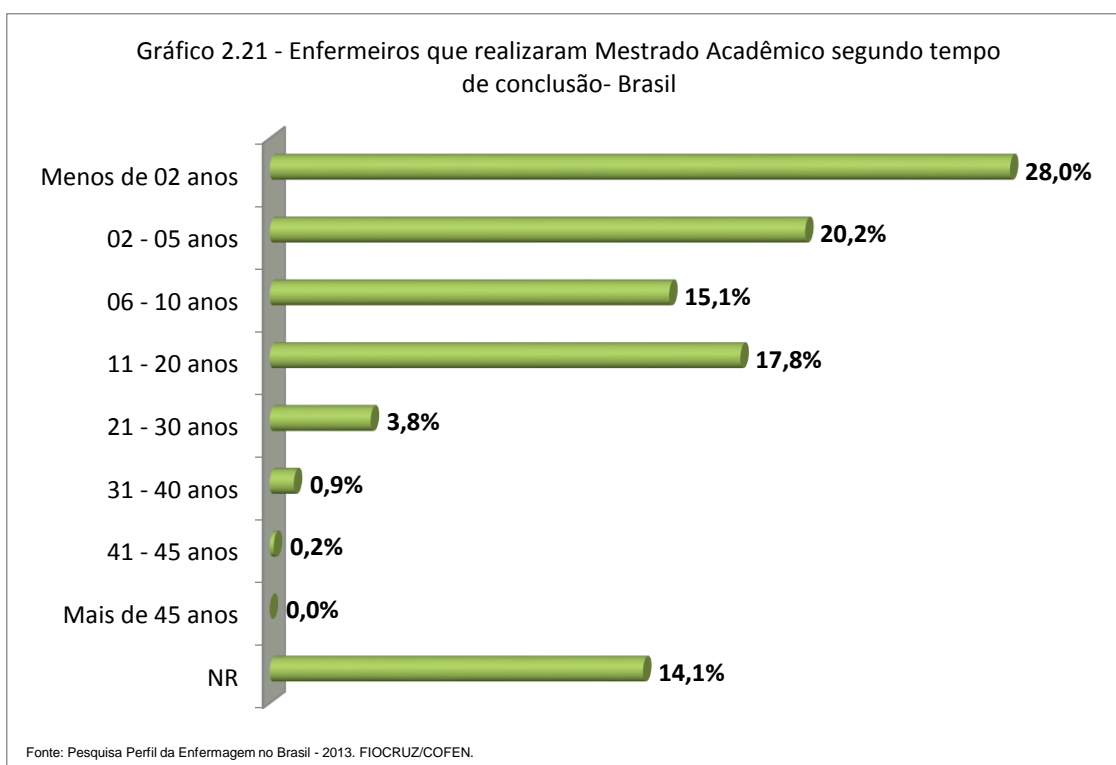
## TEMPO DE CONCLUSÃO: Mestrado Acadêmico

Do contingente de enfermeiros que fez Mestrado Acadêmico, 48,2% concluíram há 5 anos ou menos. Contudo, nos períodos entre 6- 20 anos este percentual atinge 33%. Apenas 5% fizeram há mais de 20 anos, o que faz crer que esse tipo de qualificação também é, relativamente, recente no universo acadêmico da enfermagem no país (Tabela 2.7.4.2a e Gráfico 2.21).

Tabela 2.7.4.2a  
Enfermeiros que realizaram Mestrado Acadêmico segundo tempo de conclusão - Brasil

Tempo de conclusão	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	12.633	28,0
02 - 05 anos	9.126	20,2
06 - 10 anos	6.809	15,1
11 - 20 anos	8.022	17,8
21 - 30 anos	1.721	3,8
31 - 40 anos	411	0,9
41 - 45 anos	69	0,2
Mais de 45 anos	0	0,0
NR	6.363	14,1
<b>Total</b>	<b>45.154</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO: Doutorado

O Doutorado, ressaltando a já demonstrada vocação pública da Pós-Graduação ‘*stricto sensu*’ e, diferentemente, da Especialização, é oferecido por instituições públicas, ou seja, 93,2%. Já as privadas representam pouco mais de 3% (Tabela 2.7.5.1a e Gráfico 2.22).

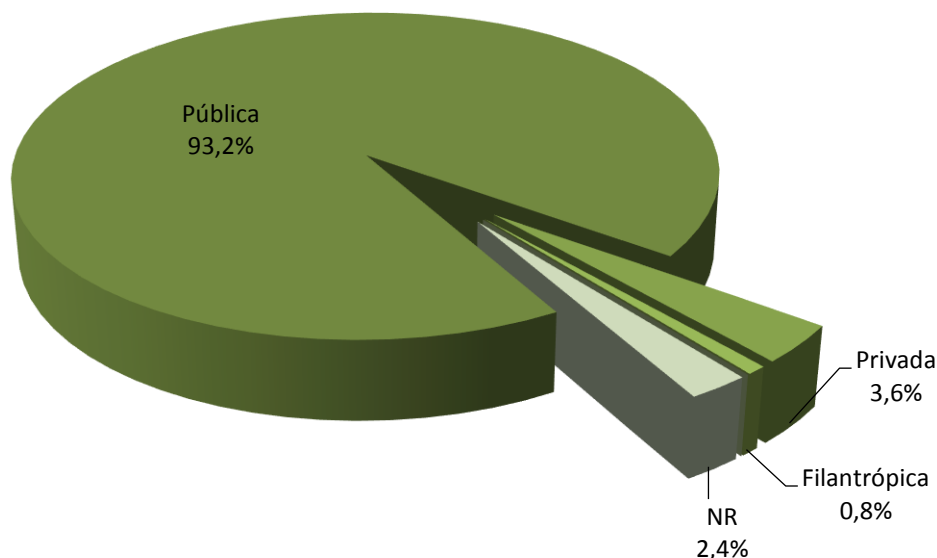
Tabela 2.7.5.1a

Enfermeiros que realizaram Doutorado segundo natureza da instituição formadora – Brasil

<b>Natureza da instituição</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Pública	18.201	93,2
Privada	698	3,6
Filantrópica	157	0,8
Outra	0	0,0
NR	473	2,4
<b>Total</b>	<b>19.529</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.22 - Enfermeiros que realizaram Doutorado segundo natureza da instituição formadora – Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

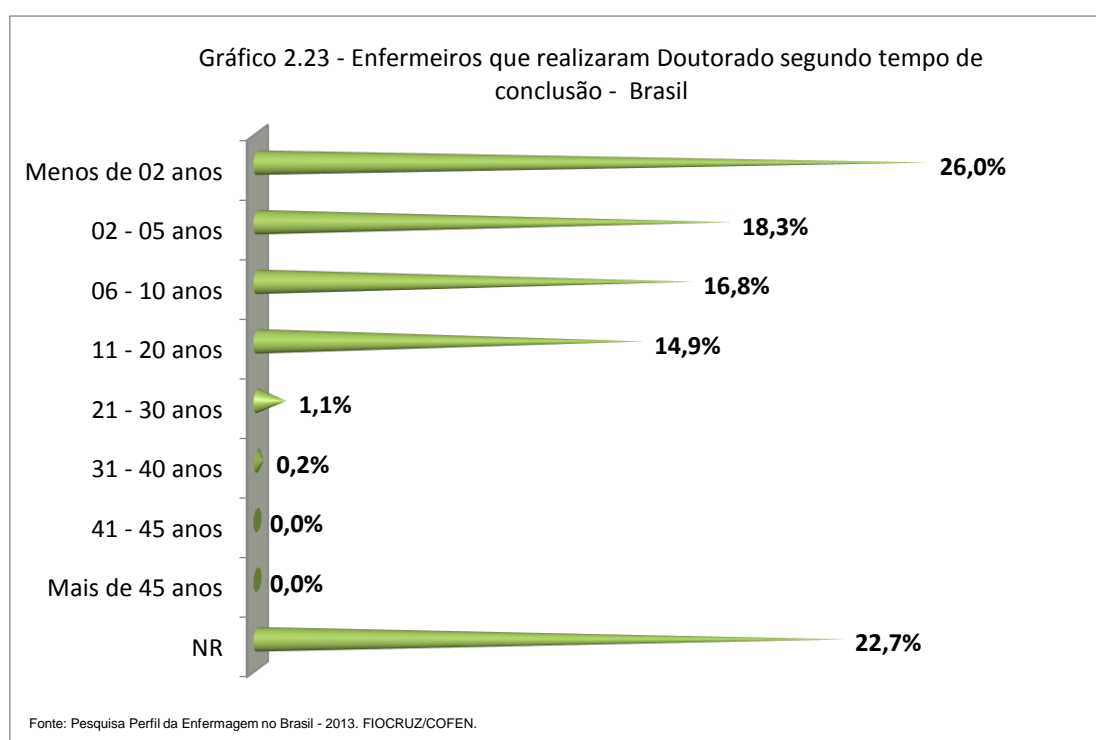
## TEMPO DE CONCLUSÃO: Doutorado

Mais de 44% dos enfermeiros que realizaram Doutorado concluíram ou estão concluindo o curso há 5 anos ou menos. Expandindo a análise para os que concluíram o Doutorado há menos de 10 anos, os percentuais chegam a 61,1% e 14,9% entre 11 - 20 anos atrás (Tabela 2.7.5.2a e Gráfico 2.23).

Tabela 2.7.5.2a  
Enfermeiros que realizaram Doutorado segundo tempo de conclusão – Brasil

<b>Tempo de conclusão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 02 anos	5.070	26,0
02 - 05 anos	3.574	18,3
06 - 10 anos	3.281	16,8
11 - 20 anos	2.909	14,9
21 - 30 anos	217	1,1
31 - 40 anos	48	0,2
41 - 45 anos	0	0,0
Mais de 45 anos	0	0,0
NR	4.429	22,7
<b>Total</b>	<b>19.529</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO: Pós-Doutorado

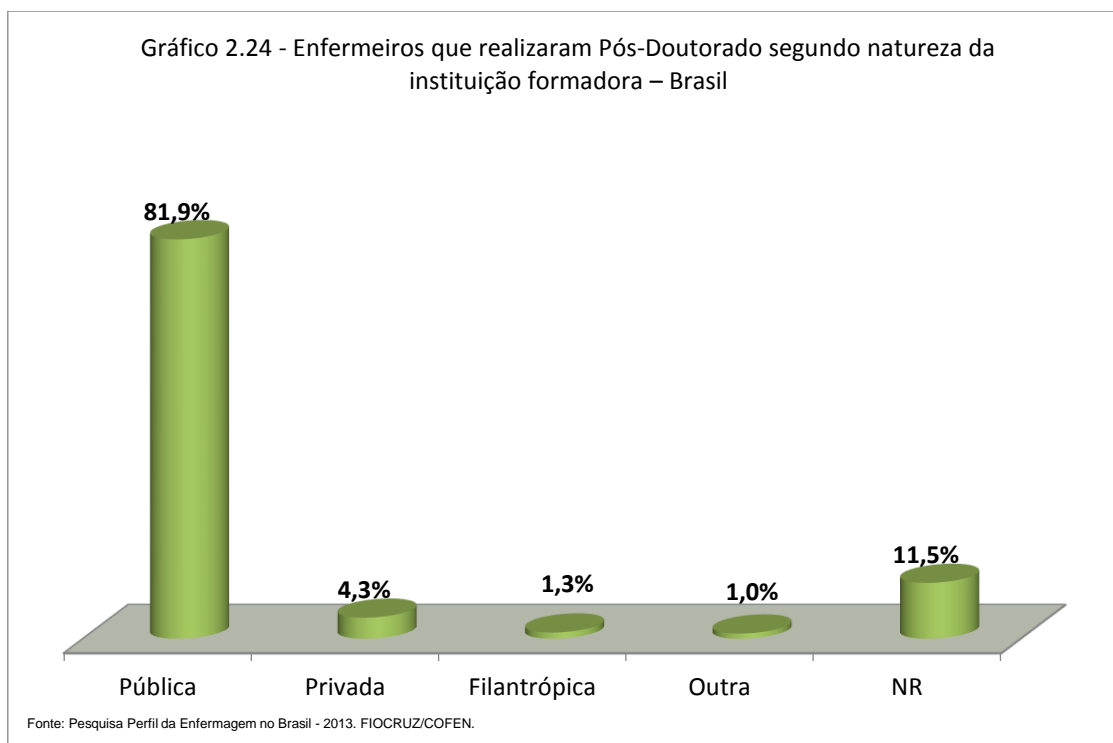
Daqueles enfermeiros que fizeram Pós-Doutorado, mais de 80% realizaram em instituições públicas. De todas as modalidades de Pós-Graduação, o Pós-Doutorado é o que tem a menor participação das instituições privadas de ensino, com apenas 4,3%. (Tabela 2.7.6.1a e Gráfico 2.24).

Tabela 2.7.6.1a

Enfermeiros que realizaram Pós-Doutorado segundo natureza da instituição formadora  
Brasil

Natureza da instituição	V.Abs.	%
Pública	1.176	81,9
Privada	62	4,3
Filantrópica	18	1,3
Outra	15	1,0
NR	165	11,5
<b>Total</b>	<b>1.436</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



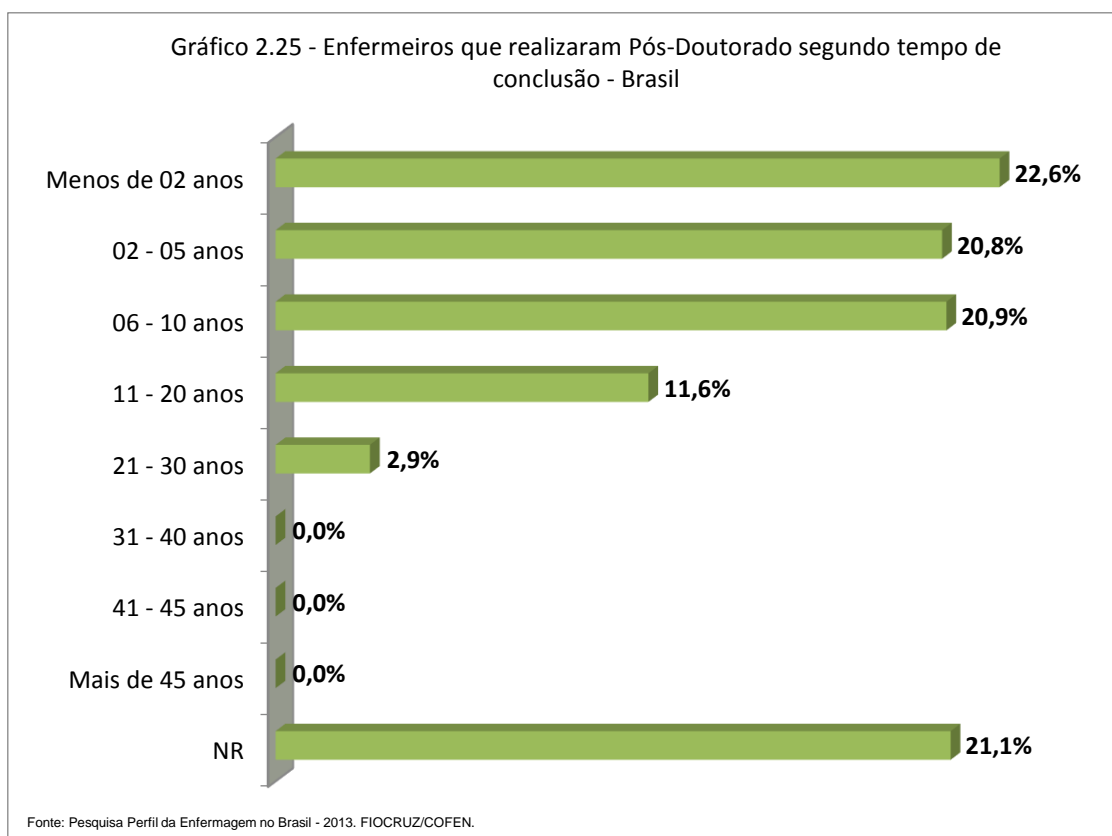
## TEMPO DE CONCLUSÃO: Pós-Doutorado

Mais de 40% dos enfermeiros que fizeram Pós-Doutorado, realizaram há 5 anos ou menos e 64,3% o fizeram nos últimos 10 anos (Tabela 2.7.6.2a e Gráfico 2.25).

Tabela 2.7.6.2a  
Enfermeiros que realizaram Pós-Doutorado segundo tempo de conclusão – Brasil

Tempo de conclusão	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	420	22,6
02 - 05 anos	386	20,8
06 - 10 anos	389	20,9
11 - 20 anos	216	11,6
21 - 30 anos	55	2,9
31 - 40 anos	0	0,0
41 - 45 anos	0	0,0
Mais de 45 anos	0	0,0
NR	391	21,1
<b>Total</b>	<b>1.858</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TITULO DE ESPECIALISTA

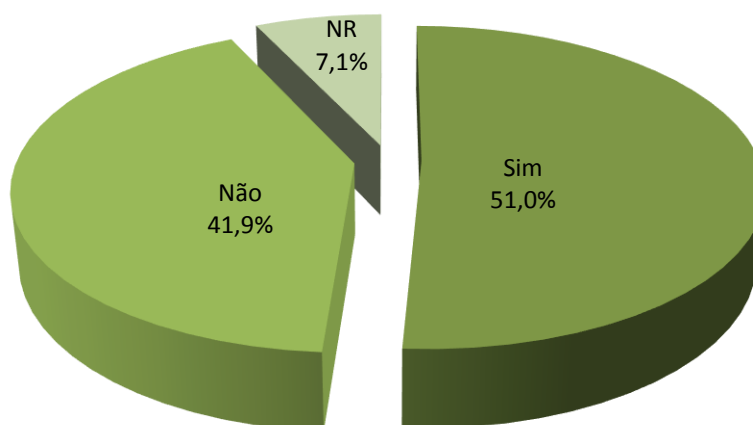
Apesar de mais de 70% dos enfermeiros terem realizado algum curso de especialização, isso não se reflete quando é perguntado se possuem título de especialista (Tabela 2.8a e Gráfico 2.26). Neste caso, pouco mais da metade dos profissionais declara ter. O que torna possível inferir que parte significativa dos cursos de especialização oferecidos e realizados pelos enfermeiros não é reconhecido pela categoria/mercado de trabalho, não conferindo a eles o título de especialista. Por outro lado, não fica claro de fato, a importância desta certificação do título nas instâncias da corporação, como é fortemente controlado, por exemplo, pelos médicos.

Tabela 2.8a  
Enfermeiros segundo título de Especialista - Brasil

<b>Título de Especialista</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	211.584	51,0
Não	173.660	41,9
NR	29.469	7,1
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 2.26 - Enfermeiros segundo título de Especialista - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

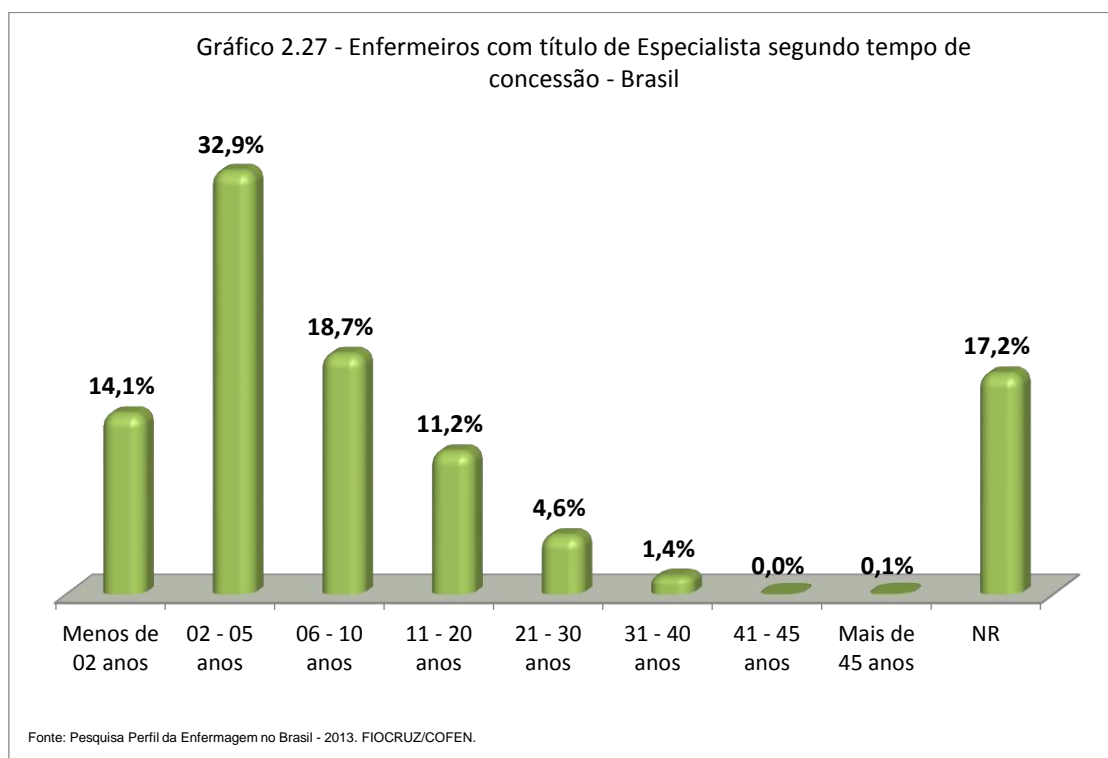
## TEMPO DE CONCESSÃO

Grande parte dos 211 mil enfermeiros que possuem título de Especialista, obteve recentemente, ou seja, há 5 anos ou menos (47%). Se somado a faixa de 6-10 anos, o percentual eleva para 65,7% (Tabela 2.8.1a e Gráfico 2.27).

Tabela 2.8.1a  
Enfermeiros com título de Especialista segundo tempo de concessão – Brasil

<b>Tempo de concessão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 02 anos	29.800	14,1
02 - 05 anos	69.518	32,9
06 - 10 anos	39.543	18,7
11 - 20 anos	23.595	11,2
21 - 30 anos	9.686	4,6
31 - 40 anos	2.932	1,4
41 - 45 anos	48	0,0
Mais de 45 anos	129	0,1
NR	36.334	17,2
<b>Total</b>	<b>211.584</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## PARTE IV

---

# PERFIL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM



## ESCOLARIDADE

Neste bloco, o primeiro dado que chama atenção é o fato que quase 6% dos auxiliares e técnicos de enfermagem do Brasil, ou seja, aproximadamente 78 mil profissionais informaram possuir escolaridade inferior à exigida para atuar nesses postos de trabalho (Tabela 3.1b e Gráfico 3.1). É possível que esse percentual se encontre associado aos antigos atendentes ou práticos de enfermagem (em extinção), enquadrados no cargo de auxiliar de enfermagem, sem a exigência de comprovação de escolaridade<sup>5</sup>. Por outro lado, a maioria (57,7%) deste contingente possui o ensino médio completo, escolaridade exigida para atuar nos postos de trabalho.

Contudo, o dado mais relevante refere-se que mais de 1/3 dos auxiliares e técnicos, ou seja, 470 mil estão cursando ou possuem escolaridade superior ao exigido para atuar nos postos de trabalho de nível médio (34,3%). De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expansão do acesso à educação no Brasil promoveu tanto o aumento da escolaridade média quanto a redução da desigualdade educacional dos últimos 20 anos. O levantamento indicou aumento na média de anos de estudo em todas as regiões brasileiras. A média nacional passou de 7,5 anos em 2012 para 7,6 anos no ano passado, tempo que é ainda maior entre as mulheres, atingindo 7,8 anos<sup>6</sup>.

Destaca-se ainda que a literatura vem sinalizando para o fenômeno da **superqualificação** de trabalhadores, crescente nos anos 2000 e associado à ampliação do acesso ao ensino superior sem a equivalente expansão da oferta de postos de trabalho mais qualificados.

No caso do setor saúde, os dados da Pesquisa Assistência Médica Sanitária do IBGE demonstram que desde a década de 1980 os empregos de nível elementar vêm decrescendo, ao mesmo tempo, que os de nível auxiliar e técnico crescem especialmente no setor público de saúde, impulsionados, desde a década de 1990 pela expansão da atenção básica que passa a se constituir como principal *lócus* empregador desse conjunto de trabalhadores denominados auxiliares e técnicos como os agentes de saúde pública, de endemias, comunitários de saúde, agentes de saúde bucal e também auxiliares e técnicos de enfermagem.

<sup>5</sup> Prático de Enfermagem, expedido até 1964 pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, do Ministério da Saúde, ou por órgão congênere da Secretaria de Saúde nas Unidades da Federação, nos termos do Decreto-lei nº 23.774, de 22 de janeiro de 1934, do Decreto-lei nº 8.778, de 22 de janeiro de 1946, e da Lei nº 3.640, de 10 de outubro de 1959; Pessoal enquadrado como Auxiliar de Enfermagem, nos termos do Decreto-lei nº 299, de 28 de fevereiro de 1967. ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7498.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7498.htm))

<sup>6</sup> [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=20802:pesquisa-aponta-queda-do-analfabetismo-e-aumento-na-escolaridade&catid=222&Itemid=86](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20802:pesquisa-aponta-queda-do-analfabetismo-e-aumento-na-escolaridade&catid=222&Itemid=86)

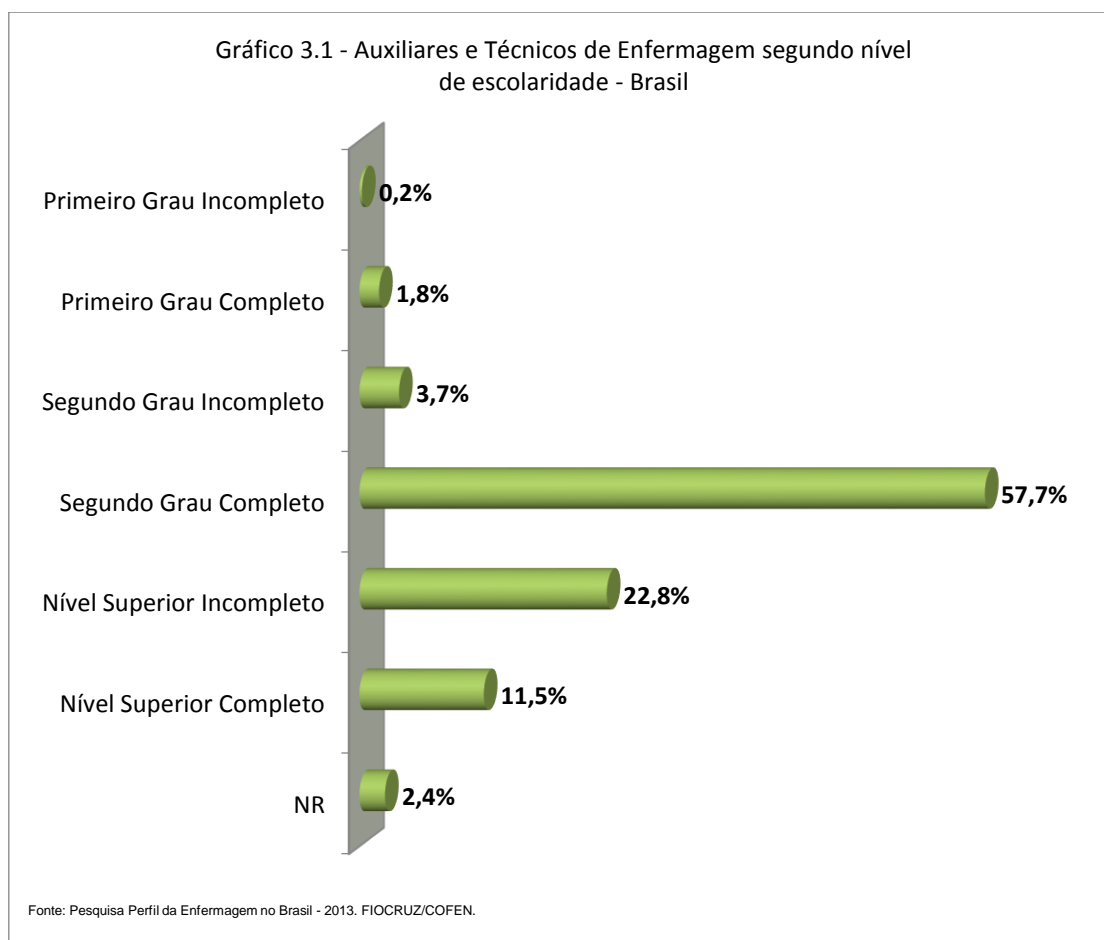


Tabela 3.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nível de escolaridade - Brasil

Nível de escolaridade	V.Abs.	%
Primeiro Grau Incompleto	3.215	0,2
Primeiro Grau Completo	25.126	1,8
Segundo Grau Incompleto	50.747	3,7
Segundo Grau Completo	801.613	57,7
Nível Superior Incompleto	316.975	22,8
Nível Superior Completo	159.421	11,5
NR	32.725	2,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.1 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo nível de escolaridade - Brasil



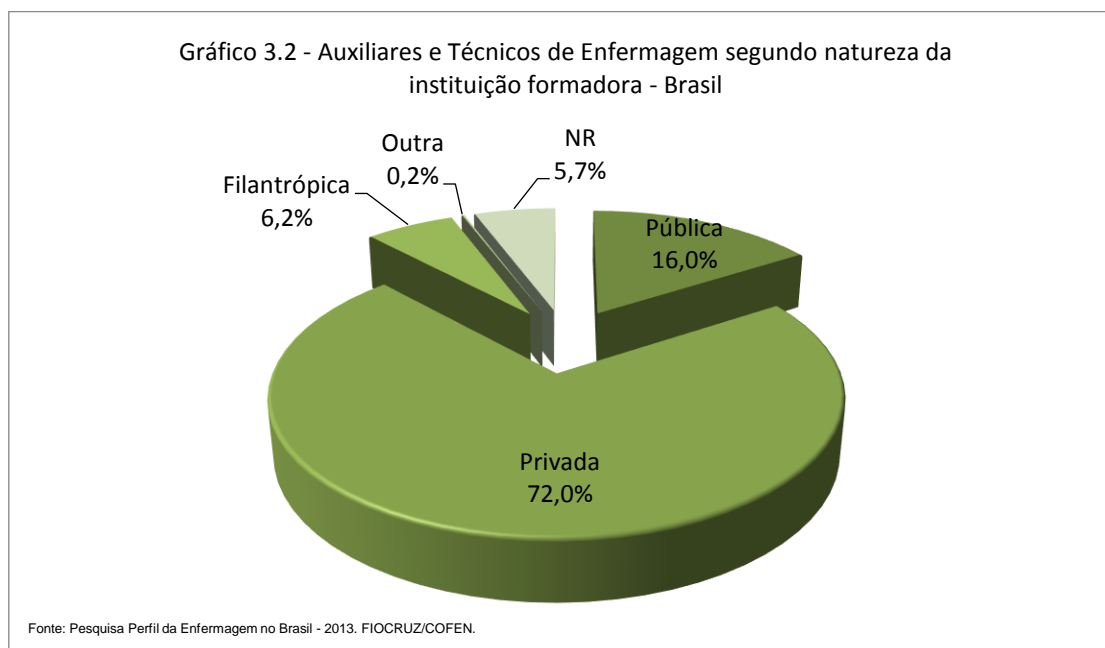
## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO FORMADORA

A grande maioria dos auxiliares e técnicos de enfermagem, ou seja, 72% concluíram a educação profissional em instituições privadas. Por outro lado, os dados apontam que apenas 16% concluíram seus cursos em escolas públicas. Nota-se que essa distribuição acompanha os dados do Censo da Educação Profissional disponibilizados pelo Ministério da Educação que sinaliza que, de forma geral, a Educação Profissional em Saúde no país é, mais do que outras áreas ofertadas pelo setor privado. (Tabela 3.2b e o Gráfico 3.2). Para explicar esse fenômeno deve-se considerar que a formação técnica para a indústria foi objeto de políticas educacionais específicas desde os anos de 1940, enquanto a formulação da política pública de formação profissional de trabalhadores de nível médio em saúde no Brasil inicia-se com o projeto Larga Escala em meados dos anos de 1980, associado ao processo de constituição do Sistema Único de Saúde e a municipalização da saúde.

Tabela 3.2b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição formadora - Brasil

Natureza da instituição	V.Abs.	%
Pública	221.762	16,0
Privada	1.000.956	72,0
Filantrópica	85.993	6,2
Outra	2.124	0,2
NR	78.988	5,7
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



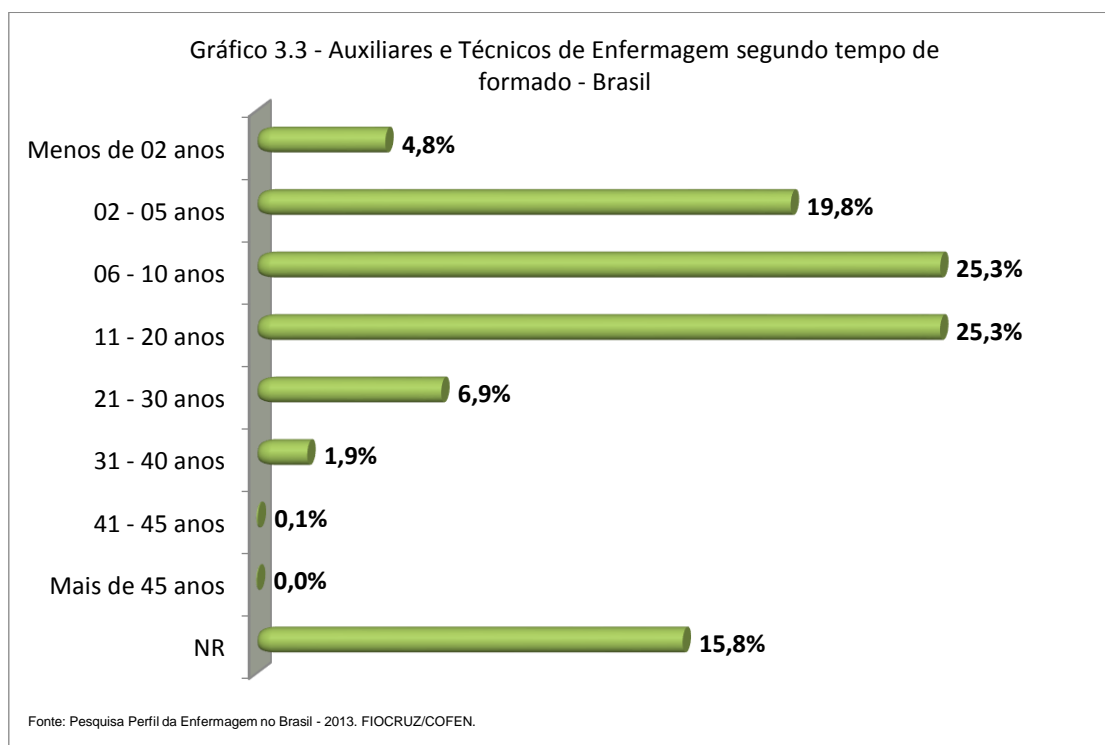
## TEMPO DE FORMADO

A maior parte deste contingente situa-se nas faixas entre 6 - 10 anos de formado e entre 11 - 20 anos, somando 50,6% do total. Em outro polo, estão 24,6% dos trabalhadores que têm até 5 anos de formado. (Tabela 3.2.1b e Gráfico 3.3). Chama atenção o baixo percentual com mais de 21 anos de formado (9%).

Tabela 3.2.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tempo de formado - Brasil

<b>Tempo de formado</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 02 anos	66.708	4,8
02 - 05 anos	275.293	19,8
06 - 10 anos	352.218	25,3
11 - 20 anos	352.156	25,3
21 - 30 anos	95.499	6,9
31 - 40 anos	26.569	1,9
41 - 45 anos	1.044	0,1
Mais de 45 anos	662	0,0
NR	219.673	15,8
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## ESTADO DE FORMAÇÃO

Quanto à formação profissional destes trabalhadores, nota-se que ela é realizada, majoritariamente, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, que concentram 36%. Depois segue Minas Gerais com 8,4% e Rio Grande do Sul 6,5%. Os estados que apresentam menores percentuais são: Roraima (0,5%); Acre (0,3%); Amapá (0,1%). (Tabela 3.2.2b).

Quando somados com os percentuais de Minas Gerais e Espírito Santo, nota-se que a região Sudeste é responsável por quase metade (46,5%) da formação na área de enfermagem do país. Esses dados confirmam os resultados do Censo da Educação Profissional em Saúde que apontam que 50% das matrículas nos cursos de educação profissional em saúde localizavam-se no Sudeste em 2011. Chama a atenção que, se somados os percentuais de todas as demais regiões do Brasil (50,9%), estes são próximos aos apresentados somente pelo Sudeste (49,1%). (Gráfico 3.4).

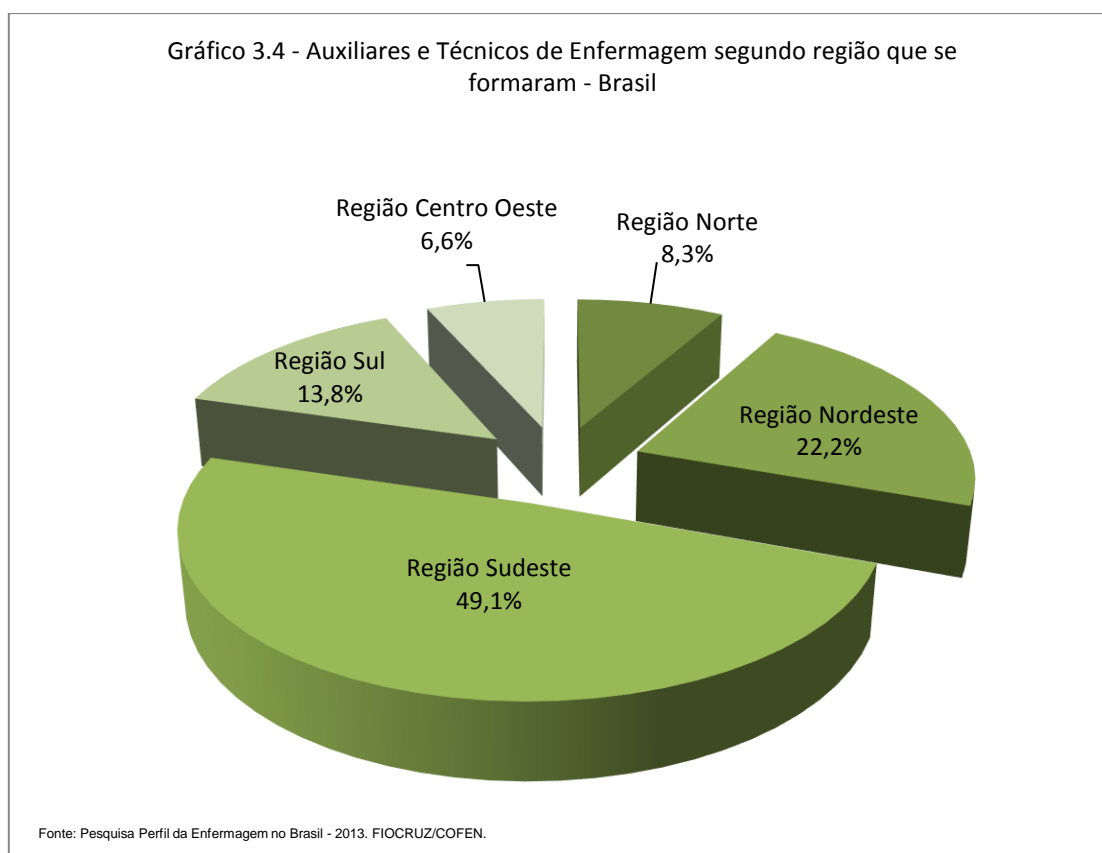
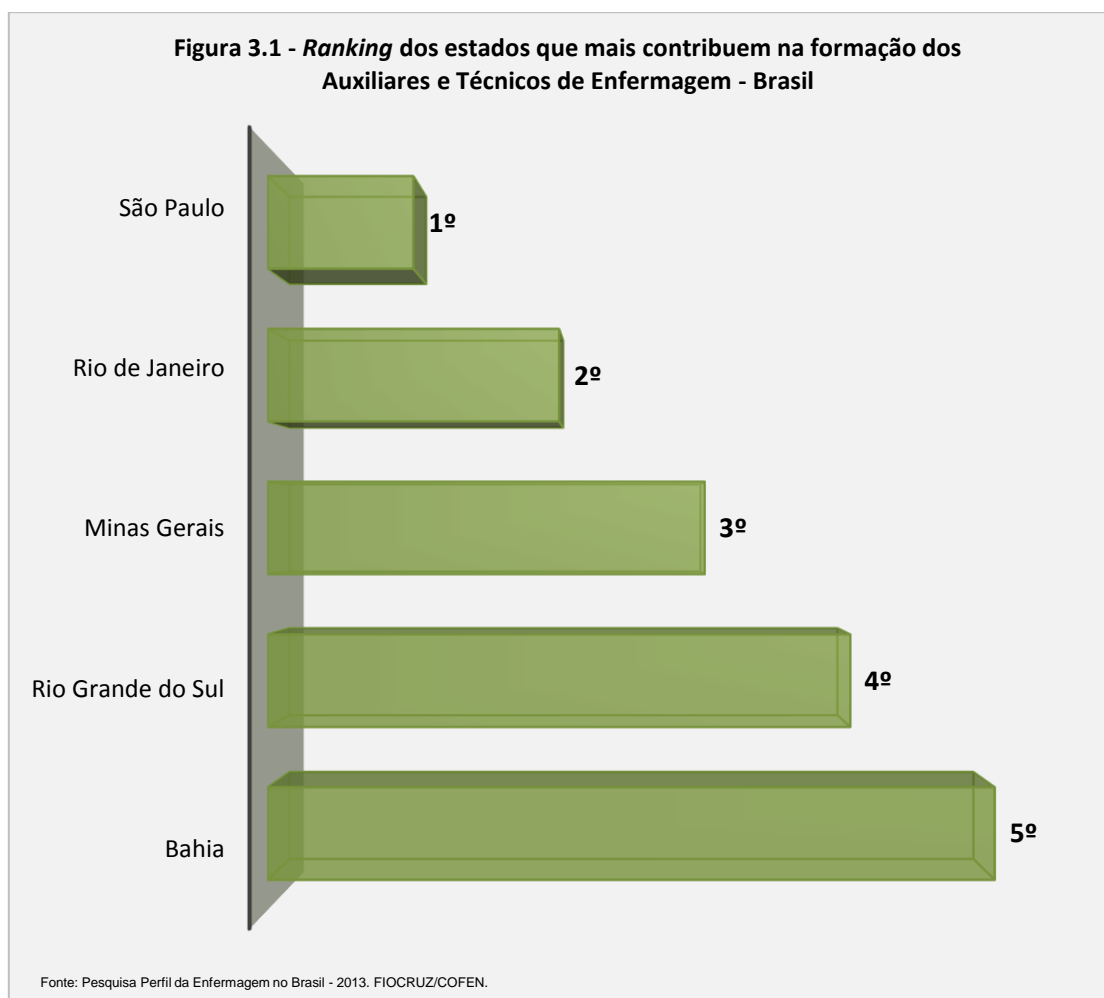


Tabela 3.2.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo estado que se formaram - Brasil

<b>Unidade da Federação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Brasil</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>
<b>Região Norte</b>	<b>108.831</b>	<b>7,8</b>
Rondônia	9.922	0,7
Acre	4.356	0,3
Amazonas	29.667	2,1
Roraima	7.070	0,5
Pará	45.900	3,3
Amapá	2.036	0,1
Tocantins	9.881	0,7
<b>Região Nordeste</b>	<b>293.268</b>	<b>21,1</b>
Maranhão	30.653	2,2
Piauí	20.791	1,5
Ceará	41.032	3,0
Rio Grande do Norte	19.649	1,4
Paraíba	22.591	1,6
Pernambuco	55.906	4,0
Alagoas	14.303	1,0
Sergipe	13.753	1,0
Bahia	74.591	5,4
<b>Região Sudeste</b>	<b>646.602</b>	<b>46,5</b>
Minas Gerais	116.105	8,4
Espírito Santo	29.768	2,1
Rio de Janeiro	177.046	12,7
São Paulo	323.682	23,3
<b>Região Sul</b>	<b>182.155</b>	<b>13,1</b>
Paraná	56.553	4,1
Santa Catarina	35.315	2,5
Rio Grande do Sul	90.286	6,5
<b>Região Centro-Oeste</b>	<b>87.206</b>	<b>6,3</b>
Mato Grosso do Sul	12.227	0,9
Mato Grosso	13.951	1,0
Goiás	41.395	3,0
Distrito Federal	19.633	1,4
<b>NR</b>	<b>71.760</b>	<b>5,2</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



O *ranking* (Figura 3.1) destaca os cinco estados maiores produtores de auxiliares e técnicos de enfermagem do país, mostrando em relação à população brasileira. Chama atenção para o Rio de Janeiro que, proporcionalmente à população (8,4%), forma muito mais profissionais (12,7%), que o necessário, indicando ser um seleiro de profissionais de enfermagem no país. Já os estados de Minas Gerais e Bahia, proporcionalmente à sua população, formam menos profissionais que o necessário.

## MODALIDADE DO CURSO

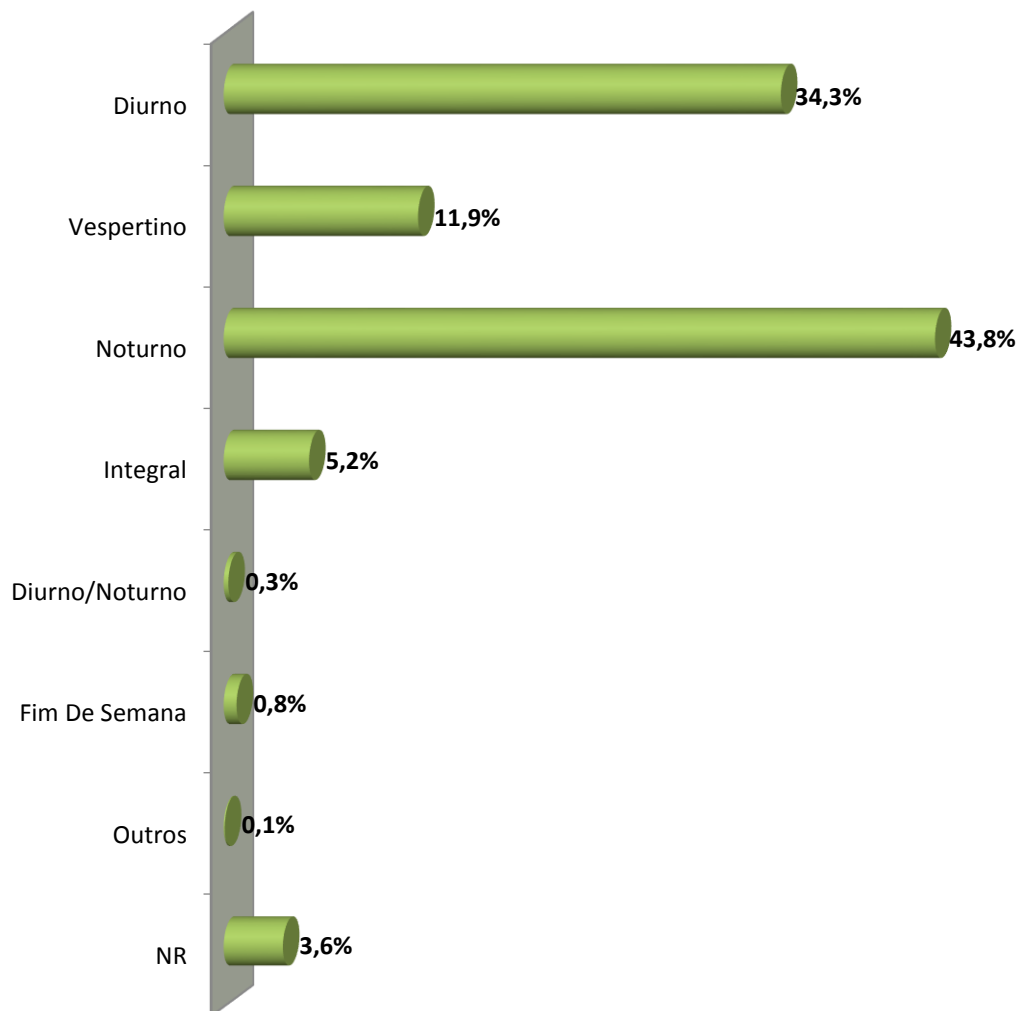
Destaque para o elevado contingente de mais de 608 mil auxiliares e técnicos de enfermagem que realizaram sua formação em horário noturno, alcançando um percentual de 43,8%. Registra-se também 1/3 do contingente que realizou sua formação profissional em horário diurno. (Tabela 3.2.3b e Gráfico 3.5). Esse dado pode ser associado a maior oferta de cursos privados, à faixa etária dos alunos que de acordo com o Censo escolar parecem mais velhos do que a média dos alunos das demais formações técnicas, conforme mencionado acima. Tal fato sinaliza também que uma parcela de alunos que trabalham e estudam e de acordo com pesquisas empíricas buscam a formação profissional na saúde como uma tentativa de inserção mais estável no mercado de trabalho.

Tabela 3.2.3b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade do curso de formação - Brasil

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	476.040	34,3
Vespertino	166.051	11,9
Noturno	608.306	43,8
Integral	72.943	5,2
Diurno/Noturno	3.974	0,3
Fim de Semana	10.986	0,8
Outros	946	0,1
NR	50.575	3,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.5 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade do curso de formação - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## FORMAÇÃO NO EXTERIOR

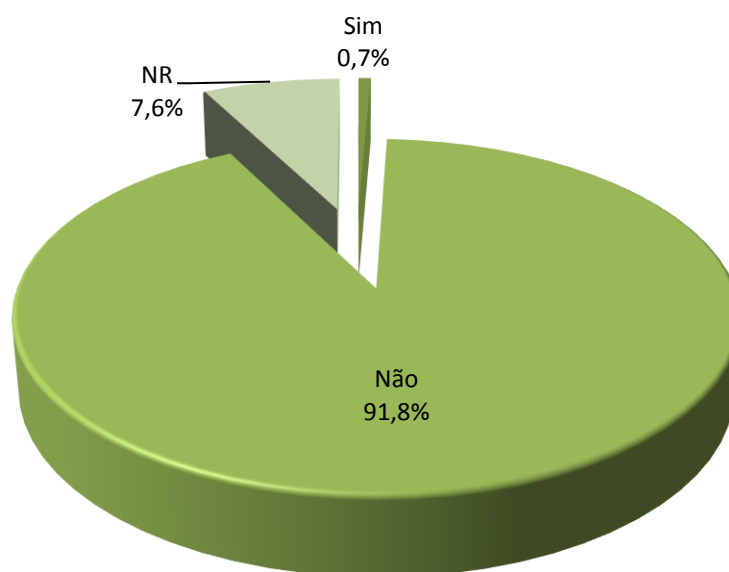
Apenas 0,7% dos auxiliares e técnicos de enfermagem fizeram o curso de formação profissional no exterior. (Tabela 3.2.4b e Gráfico 3.6).

Tabela 3.2.4b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso no exterior - Brasil

Curso no exterior	V.Abs.	%
Sim	9.413	0,7
Não	1.275.374	91,8
NR	105.036	7,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.6 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso no exterior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

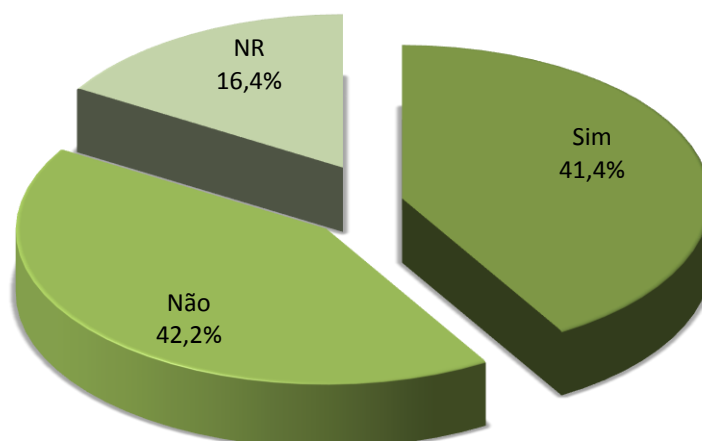
Aqueles trabalhadores que realizaram algum curso de capacitação representam 41,4%, em todo o país. Contudo, a Tabela 3.3b e o Gráfico 3.7 mostram que 42,2% não fizeram nenhum curso.

Tabela 3.3b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de Capacitação Profissional  
Brasil

Capacitação	V.Abs.	%
Sim	575.543	41,4
Não	586.619	42,2
NR	227.661	16,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.7 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de Capacitação Profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

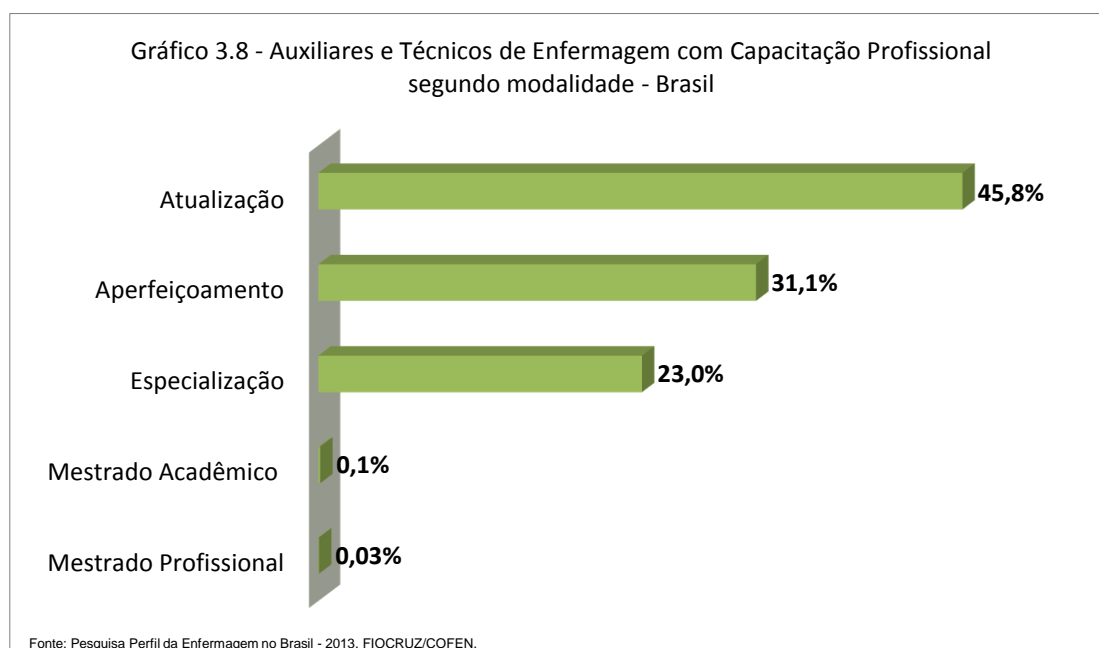
## MODALIDADE DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

Os dados evidenciam que a maior parte dos cursos de capacitação realizados pelos auxiliares e técnicos de enfermagem foi na modalidade Atualização (45,8%), seguido pelos de Aperfeiçoamento com 31,1% e 23% afirmam ter feito Especialização. Mesmo de forma diminuta registra-se um quantitativo de pessoas que, mesmo sendo profissional com função de nível médio, declaram ter feito uma Pós-Graduação *stricto sensu*. Tal fato reforça a ideia de **superqualificação** desta FT. (Tabela 3.3.1b e Gráfico 3.8). De acordo com o Plano Nacional de Educação<sup>7</sup>, tanto os cursos de Atualização como de Aperfeiçoamento são considerados de formação continuada. Referem-se aqui que, os cursos de Atualização possuem carga horária mínima de 40 horas, os de Aperfeiçoamento 180 horas e os de Especialização 360 horas.

Tabela 3.3.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com Capacitação Profissional segundo modalidade  
Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
Atualização	304.806	45,8
Aperfeiçoamento	206.979	31,1
Especialização	153.018	23,0
Mestrado Acadêmico	798	0,1
Mestrado Profissional	233	0,03
<b>Total</b>	<b>665.834</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



<sup>7</sup> <http://sinafor.mec.gov.br/duvidas.html>

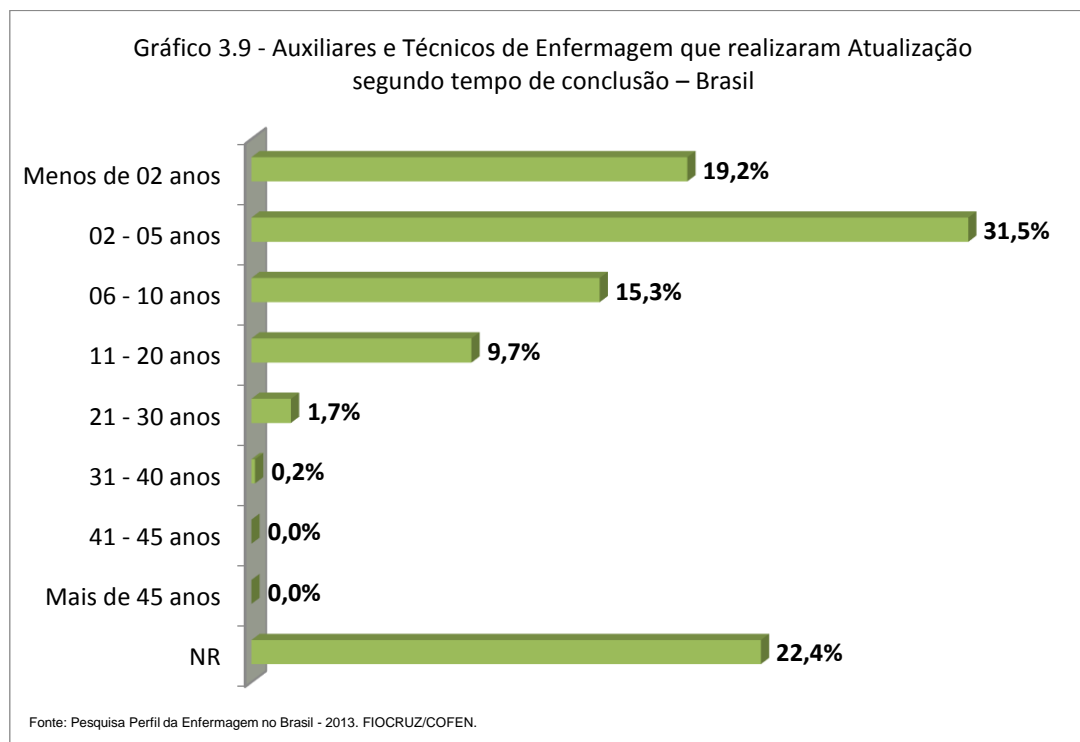
## TEMPO DE CONCLUSÃO: Atualização

Metade dos auxiliares e técnicos de enfermagem realizou seus cursos de Atualização nos últimos 5 anos (50,7%). Por outro lado, 1/4, ou seja, 25% declaram ter realizado entre 6 - 20 anos atrás (Tabela 3.3.1.1b e Gráfico 3.9).

Tabela 3.3.1.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram Atualização segundo tempo de conclusão – Brasil

Tempo de conclusão	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	58.423	19,2
02 - 05 anos	96.133	31,5
06 - 10 anos	46.678	15,3
11 - 20 anos	29.492	9,7
21 - 30 anos	5.301	1,7
31 - 40 anos	488	0,2
41 - 45 anos	0	0,0
Mais de 45 anos	0	0,0
NR	68.292	22,4
<b>Total</b>	<b>304.806</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



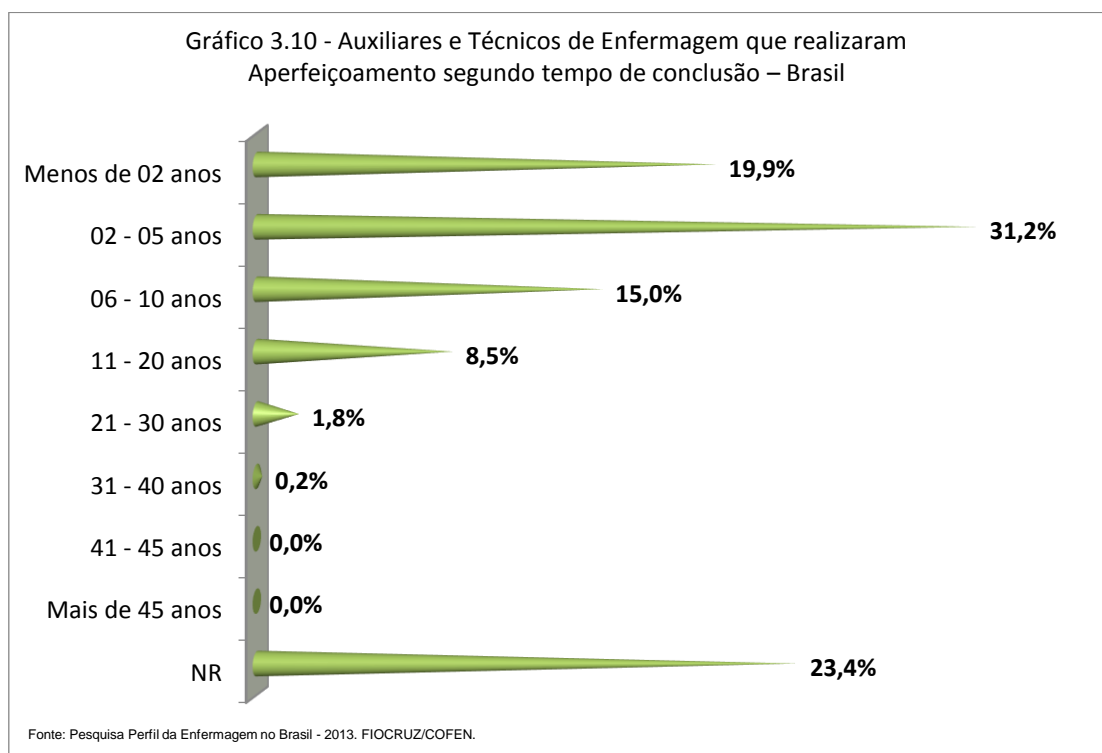
## TEMPO DE CONCLUSÃO: Aperfeiçoamento

Quanto aos dados relativos ao Aperfeiçoamento, são muito próximos aos encontrados na Tabela anterior, ou seja, metade dos profissionais realizou nos últimos 5 anos. Registra-se percentual similar aos dados de Atualização, aqueles que o fizeram entre 6-20 anos. (Tabela 3.3.1.2b e Gráfico 3.10).

Tabela 3.3.1.2b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram Aperfeiçoamento segundo tempo de conclusão – Brasil

<b>Tempo de conclusão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 02 anos	41.147	19,9
02 - 05 anos	64.542	31,2
06 - 10 anos	30.995	15,0
11 - 20 anos	17.577	8,5
21 - 30 anos	3.803	1,8
31 - 40 anos	498	0,2
41 - 45 anos	0	0,0
Mais de 45 anos	0	0,0
NR	48.417	23,4
<b>Total</b>	<b>206.979</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



---

## TEMPO DE CONCLUSÃO: Especialização, Mestrado Profissional e Mestrado Acadêmico

Dado a baixa resposta daqueles que declararam anteriormente ter realizado curso de Especialização, Mestrado Profissional e Mestrado Acadêmico não foi possível determinar com precisão estatística o tempo de conclusão. Assim, com as poucas informações contidas, pode-se inferir que daqueles que responderam, a maioria fez ou está fazendo essas modalidades a menos de 5 anos.

## CURSO DE TECNÓLOGO

Torna-se relevante registrar que 10%, ou seja, mais de 140 mil auxiliares e técnicos de enfermagem declararam ter feito algum curso de Tecnólogo. (Tabela 3.4b e Gráfico 3.11). Tal dado reforça ainda mais a tese da **superqualificação** encontrada entre estes trabalhadores.

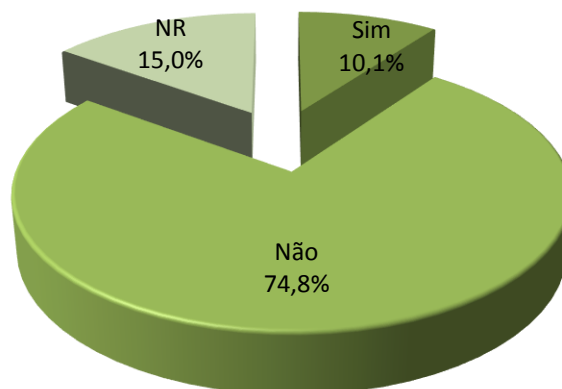
De acordo com os dados do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, lançado pelo MEC em 2006, apresenta denominações, sumário de perfil do egresso, carga horária mínima e infraestrutura recomendada de 112 graduações tecnológicas organizadas em 13 eixos. Assim como os cursos de mestrado profissional, a oferta dessa modalidade dessa formação superior passou a ser incentivada a partir da segunda metade dos anos 1990. Os cursos mais próximos da área de enfermagem localizam-se no eixo denominado Ambiente e Saúde, que apresenta 6 cursos: 1) Gestão Ambiental; 2) Gestão Hospitalar; 3) Oftálmica, Radiologia; 4) Saneamento Ambiental; e 5) Sistemas Biomédicos.

Tabela 3.4b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso Tecnólogo - Brasil

Curso Tecnólogo	V.Abs.	%
Sim	140.895	10,1
Não	1.040.011	74,8
NR	208.917	15,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.11 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de Tecnólogo - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## CURSO SUPERIOR

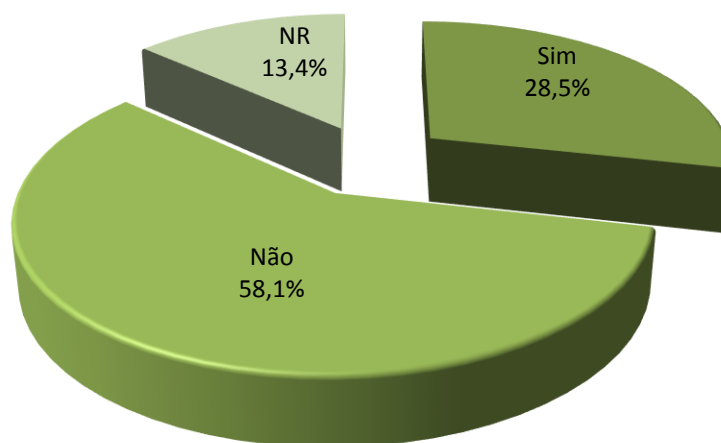
Ainda mais relevante é o percentual de 28,5% que afirmam ter ou estar fazendo algum curso superior (Tabela 3.5b e Gráfico 3.12). Faz-se necessário, posteriormente, correlacionar com a faixa etária e região do país para facilitar a compreensão desse fenômeno crescente que se refere ao que a literatura denomina de **superqualificação**, ou seja, o crescente número de indivíduos que possui escolarização superior ao que é exigido pelo posto de trabalho que ocupa.

Tabela 3.5b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso superior - Brasil

Curso superior	V.Abs.	%
Sim	395.562	28,5
Não	808.099	58,1
NR	186.162	13,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.12 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso superior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## ÁREA DO CURSO SUPERIOR

A pesquisa do Perfil a Enfermagem no Brasil mostra que a maioria, 63,7% dos auxiliares e técnicos que fizeram ou estão fazendo algum curso superior, sua graduação é na própria área de enfermagem. Tal fato sugere forte interesse na ascensão profissional por meio da construção de uma carreira na área. Aqui está se falando de um contingente de aproximadamente 251 mil profissionais se formando em Enfermagem, apesar de atuar como auxiliar/técnico. Ainda na área da saúde, a segunda profissão de destaque é o Serviço Social, seguido da Biologia, Fisioterapia, Biomedicina, Educação Física e Psicologia.

Por outro lado, observando a Tabela 3.5.1b e o *ranking*, pode-se notar a presença de várias profissões, que são ou serão novas profissões deste enorme contingente de mais de 395 mil auxiliares e técnicos de enfermagem, quais sejam: Direito, Administração, Pedagogia e Letras, com um contingente expressivo. Além dessas, pode-se ver o aparecimento da Teologia, Engenharia, Gastronomia, Gestão Pública, Gestão em Recursos Humanos, Sistema de Informação, etc. (Figura 3.2).

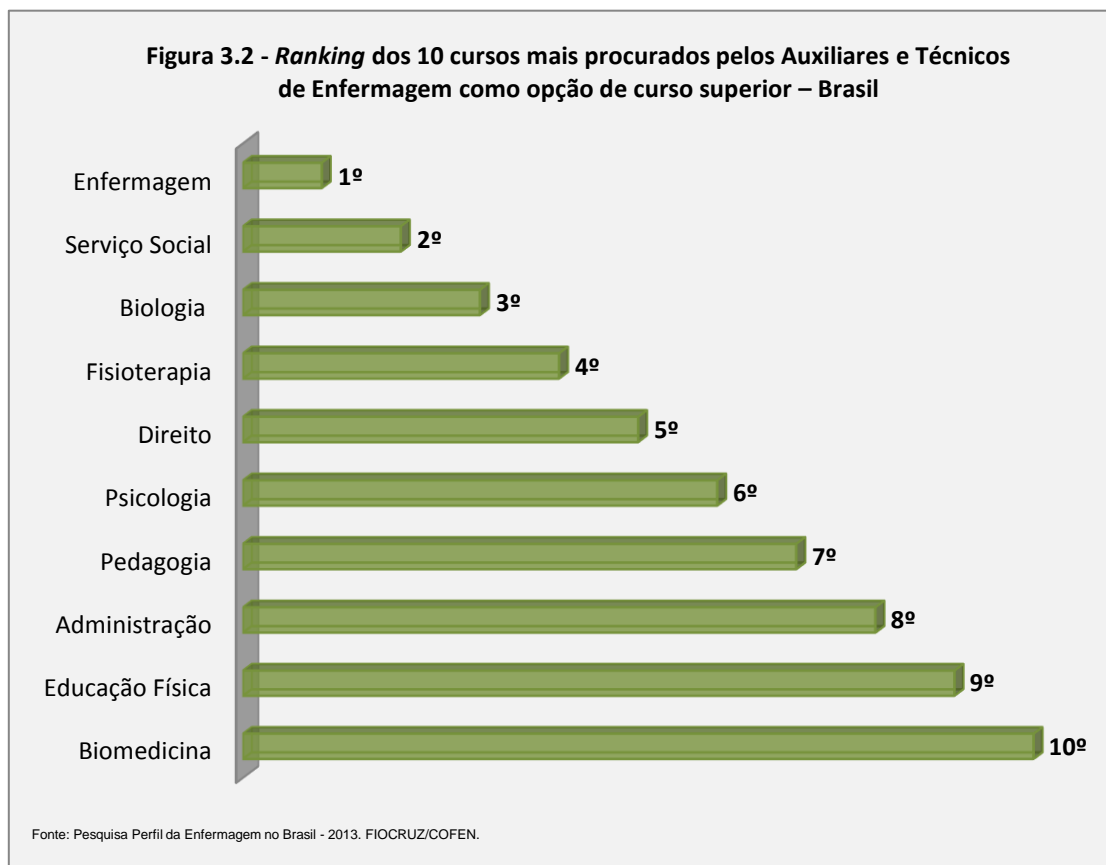


Tabela 3.5.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem que realizaram curso superior segundo a área - Brasil

Área	V.Abs.	%
Enfermagem	251.832	63,7
Medicina	612	0,2
Medicina Veterinária	586	0,1
Biologia	11.932	3,0
Biomedicina	4.674	1,2
Farmácia	3.989	1,0
Nutrição	2.345	0,6
Fonoaudiologia	934	0,2
Fisioterapia	11.181	2,8
Terapia Ocupacional	876	0,2
Odontologia	674	0,2
Psicologia	9.598	2,4
Educação Física	5.096	1,3
Serviço Social	29.515	7,5
Administração	8.968	2,3
Direito	11.108	2,8
Engenharia	2.316	0,6
Teologia	2.992	0,8
Pedagogia	9.431	2,4
Letras	3.709	0,9
Ciências Contábeis.	1.642	0,4
Gastronomia	287	0,07
Gestão Políticas Públicas	912	0,2
Sistema Informação	537	0,1
Recursos Humanos	947	0,2
Cosmetologia	216	0,1
Tecnólogo	458	0,1
Outro Curso Técnico	1.290	0,3
Outra	12.157	3,1
NR	4.751	1,2
<b>Total</b>	<b>395.562</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## PRETENSÃO DE CONTINUAR ESTUDOS

A intenção de continuar os estudos é afirmada pela maioria dos auxiliares e técnicos de enfermagem (78,1%), o que parece confirmar a valorização que a educação vem recebendo como fator decisivo na melhoria da inserção no mercado de trabalho (Tabela 3.6b e Gráfico 3.13).

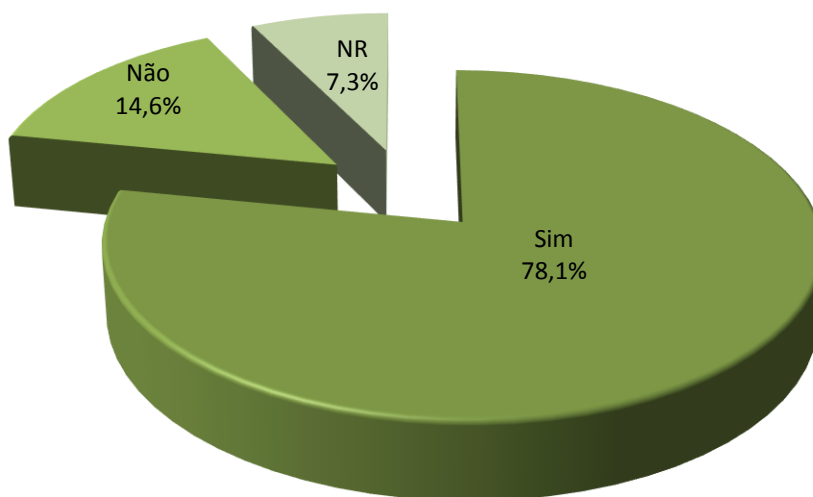
Tabela 3.6b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo pretensão de continuar os estudos - Brasil

Pretensão	V.Abs.	%
Sim	1.085.062	78,1
Não	202.978	14,6
NR	101.782	7,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.13 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo pretensão de continuar os estudos - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ÁREA DO CURSO

O volume de quase 80% de todo o contingente dos auxiliares e técnicos de enfermagem que pretendem continuar os estudos permite dizer que, em sua maioria a intenção é de permanecer na própria área. Esta afirmação se baseia no fato que 59,3% desejam fazer o curso de Enfermagem, confirmando o interesse no crescimento por meio de uma trajetória profissional. Reforça aqui a necessidade de se ter políticas públicas que regularizem a situação da ascensão funcional, tão requerida no âmbito da saúde.

Tendo como base o *ranking* dos 10 cursos mais procurados (Figura 3.3), chama atenção o volume de pessoas que pretendem seguir estudos na área da saúde, além, naturalmente, da Enfermagem. São os cursos de Medicina, Biologia, Biomedicina, Serviço Social, Psicologia e Nutrição. Fora da área de saúde, despontam: Direito, Administração, Pedagogia, além da Cosmetologia, Engenharia, etc. Registra-se também outros cursos técnicos no âmbito da saúde como nova área de interesse (Tabela 3.6.1b).

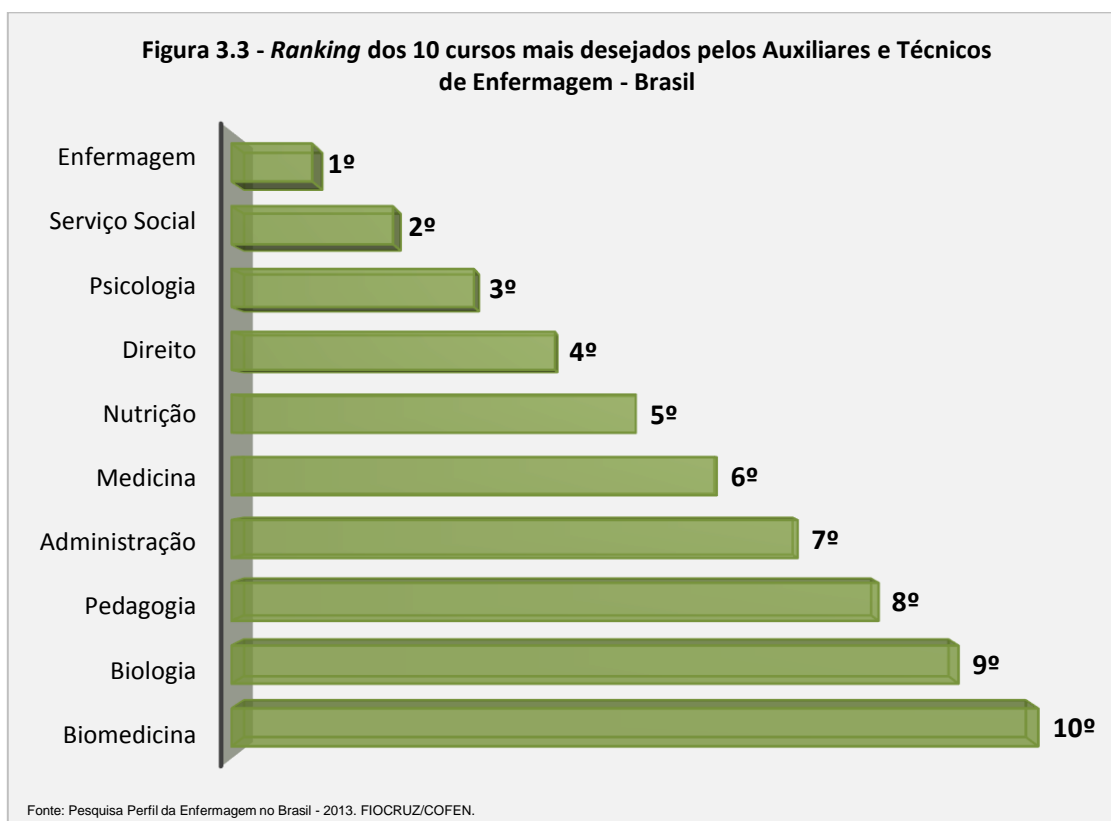


Tabela 3.6.1b  
 Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com pretensão de continuar os estudos segundo a área -  
 Brasil

<b>Área</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Enfermagem	643.923	59,3
Medicina	18.849	1,7
Medicina Veterinária	4.356	0,4
Terapia Ocupacional	7.326	0,7
Odontologia	6.214	0,6
Biologia	12.765	1,2
Biomedicina	12.349	1,1
Farmácia	1.656	0,2
Nutrição	19.348	1,8
Fonoaudiologia	3.184	0,3
Fisioterapia	4.608	0,4
Psicologia	27.749	2,6
Educação Física	4.352	0,4
Serviço Social	52.549	4,8
Administração	17.049	1,6
Direito	24.382	2,2
Engenharia	10.151	0,9
Teologia	2.039	0,2
Pedagogia	14.169	1,3
Letras	2.943	0,3
Ciências Contábeis.	1.655	0,2
Gastronomia	2.904	0,3
Gestão Políticas Públicas	2.091	0,2
Sistema Informação	1.960	0,2
Recursos Humanos	2.999	0,3
Cosmetologia	7.750	0,7
Tecnólogo	1.133	0,1
Outro Curso Técnico	12.898	1,2
Outra	20.293	1,9
NR	141.419	13,0
<b>Total</b>	<b>1.085.062</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ETSUS

De um universo de quase 1 milhão e quatrocentos mil auxiliares e técnicos de enfermagem, apenas 13,6% afirmam conhecer a Rede de Escolas Técnicas do SUS – ETSUS<sup>8</sup>. (Tabela 3.7b e Gráfico 3.14). A baixa participação e, conseqüentemente utilização da ETSUS remete a uma contradição da sua própria existência. Vale dizer que essas Escolas são instituições públicas criadas para atender as demandas locais de formação técnica dos trabalhadores que já atuam nos serviços de saúde e acompanharam o processo de municipalização do SUS no Brasil. Sua origem remete ao Projeto Larga Escala, iniciado em 1985, pela então importantíssima Enfermeira Isabel dos Santos (já falecida).

Esta rede de escolas técnicas está presente em todo o país, estruturada de forma que o acesso a elas seja simples e prático. No entanto, os dados da pesquisa mostram o oposto, sua existência em todos os estados não faz valer sua presença entre este enorme contingente profissional, razão da criação da ETSUS, carente de maior qualificação e atualização permanente.

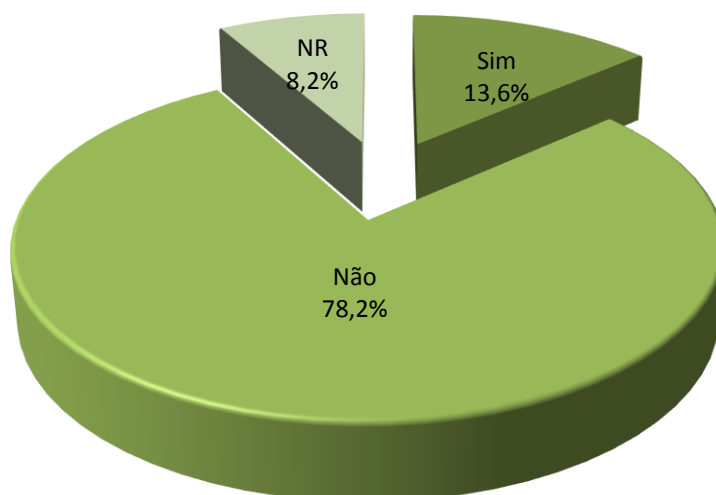
Tabela 3.7b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo conhecimento da ETSUS - Brasil

<b>ETSUS</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	188.736	13,6
Não	1.087.147	78,2
NR	113.940	8,2
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

<sup>8</sup> Em sua maioria vinculadas às secretarias estaduais e municipais de saúde, a adoção dos princípios e diretrizes do SUS norteiam a prática formativa dessas escolas que atuam no segmento chamado de educação profissional, que hoje engloba a formação inicial e continuada, os cursos técnicos e os tecnológicos. Para maiores informações ver: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/319-sgtes/gestao-da-educacao/9601-escolas-tecnicas-do-sus>

Gráfico 3.14 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo conhecimento da ETSUS - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## PARTICIPAÇÃO NA ETSUS

Dos que conhecem a ETSUS, menos da metade (40,9%) foi aluno dessas escolas. (Tabela 3.7.1b e Gráfico 3.15).

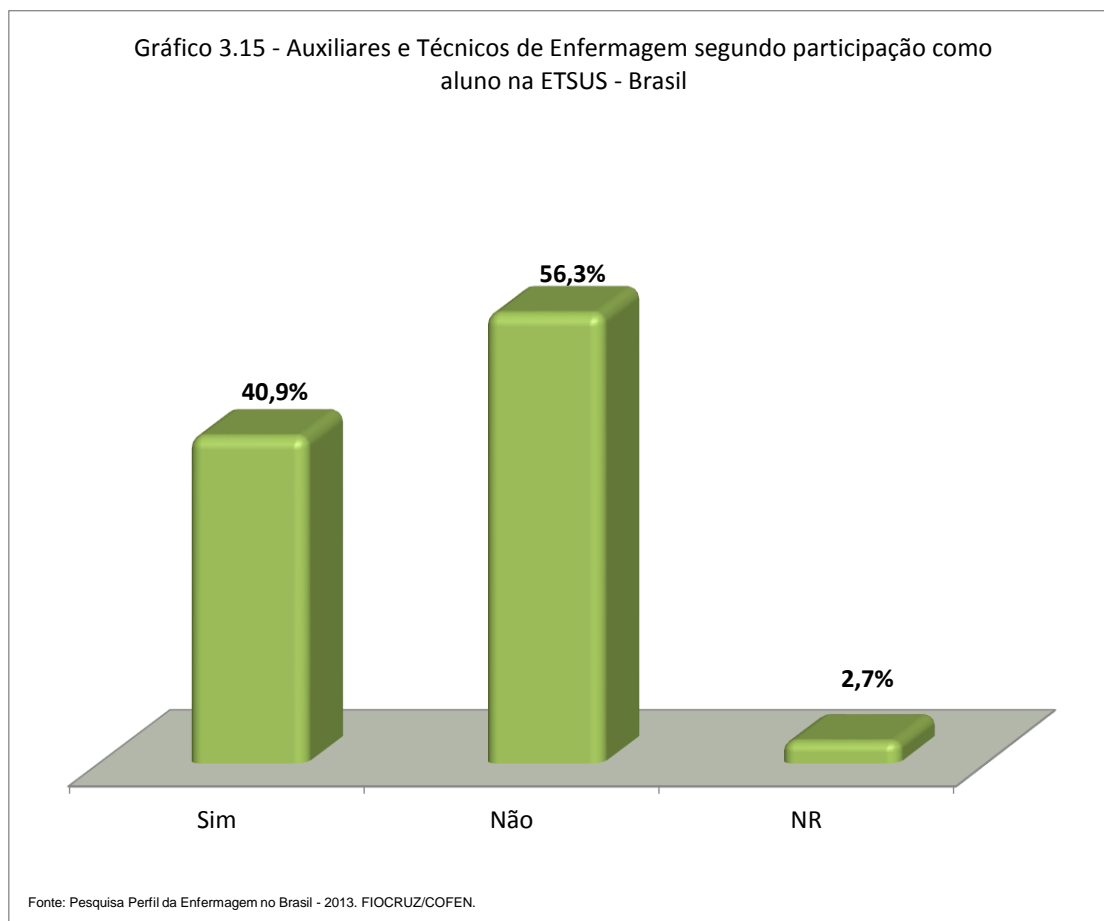
Tabela 3.7.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo participação como aluno na ETSUS - Brasil

<b>Participação como aluno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	77.260	40,9
Não	106.286	56,3
NR	5.190	2,7
<b>Total</b>	<b>188.736</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 3.15 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo participação como aluno na ETSUS - Brasil





## MODALIDADE DE PARTICIPAÇÃO

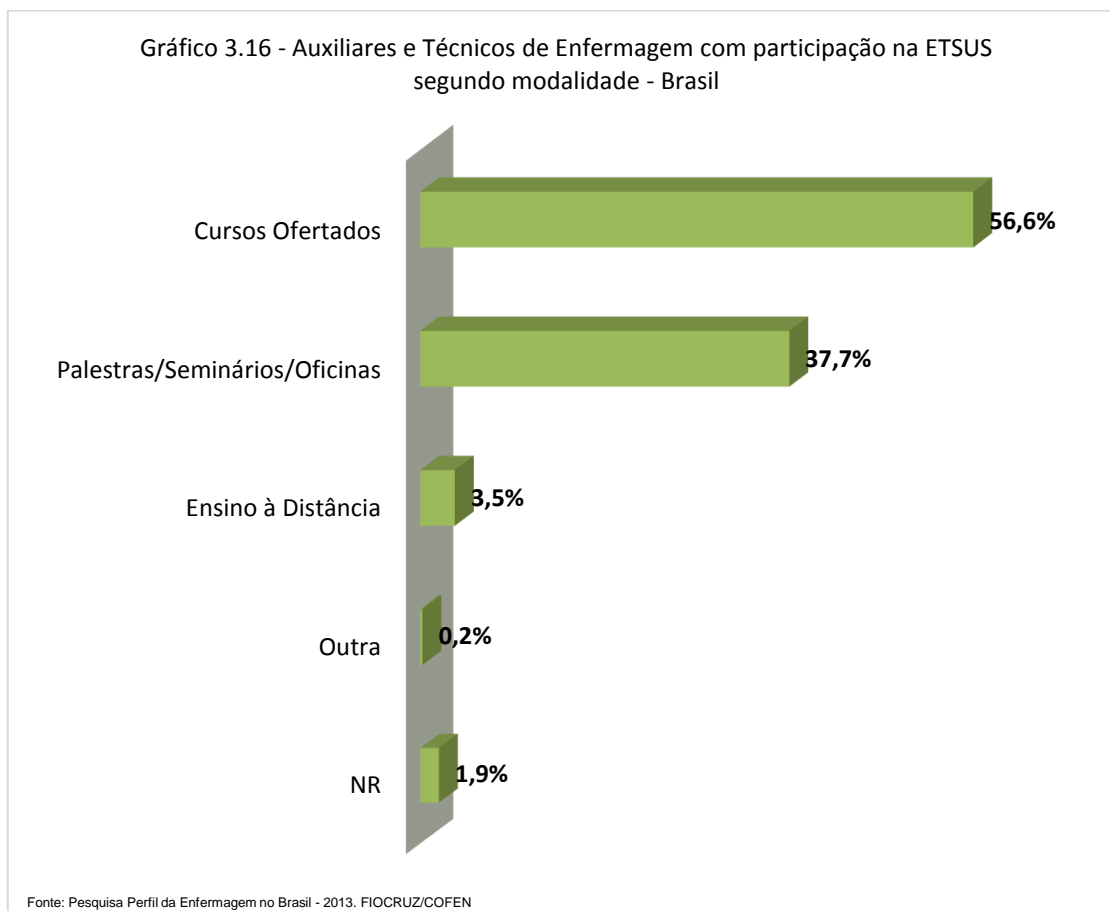
A participação destes profissionais/alunos nas ETSUS se deu na modalidade de cursos (56,6%) seguido dos que frequentaram palestras, seminários e oficinas (37,7%). (Tabela 3.7.1.1b e Gráfico 3.16).

Tabela 3.7.1.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com participação na ETSUS segundo modalidade Brasil

Modalidade	V.Abs.	%
Cursos Ofertados	43.722	56,6
Palestras/Seminários/Oficinas	29.151	37,7
Ensino à Distância	2.737	3,5
Outra	171	0,2
NR	1.479	1,9
<b>Total</b>	<b>77.260</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## PROFAE

Outro fato surpreendente mostrado na pesquisa é que o PROFAE - Programa de Profissionalização dos Trabalhadores da Enfermagem apenas 12,6% dos auxiliares e técnicos de enfermagem o fizeram. (Tabela 3.8b e Gráfico 3.17).

Esclarece-se que, o PROFAE foi uma Proposta de qualificação do Governo federal – 1999-2002, desenvolvido por um período de apenas 3 de anos. Tal fato pode explicar o baixo quantitativo de trabalhadores formados, levando em consideração o enorme contingente de profissionais da enfermagem. O Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE) foi criado para qualificar aqueles inseridos nos serviços de saúde, sem a habilitação técnica profissional necessária para o exercício dessas ações. O Projeto buscou também qualificar trabalhadores de enfermagem sem escolaridade básica e de baixa renda, o que lhes impediam ou dificultavam o acesso aos cursos de formação profissionais ofertados pelo mercado educativo.

Em 1999, estimavam-se existir, aproximadamente, 225.000 profissionais, genericamente, classificados como de nível médio. Eles atuavam como atendentes de enfermagem, nos setores tanto público como privado e filantrópico no âmbito do SUS. Essa situação implicava em irregularidade e ilegalidade na inserção destes trabalhadores no mercado de trabalho de acordo com a Lei do Exercício Profissional de Enfermagem, Lei Federal nº 7.498/86<sup>9</sup>.

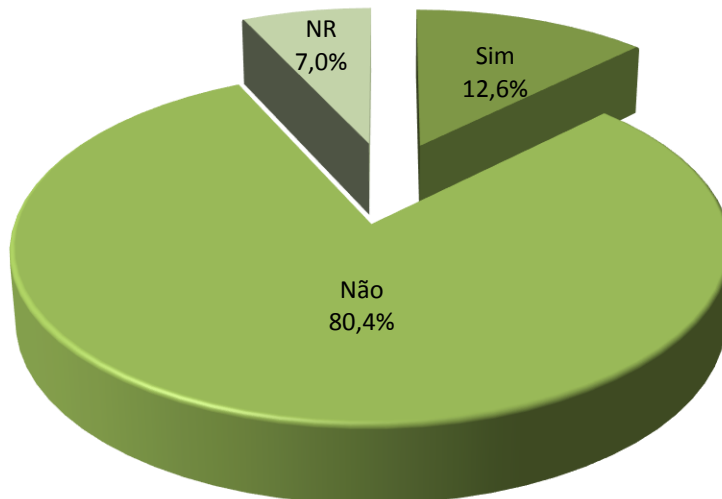
Tabela 3.8b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de formação pelo PROFAE - Brasil

<b>PROFAE</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	175.153	12,6
Não	1.118.054	80,4
NR	96.616	7,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

<sup>9</sup> Lei que reconheceu a existência de trabalhadores de enfermagem sem qualificação exercendo a profissão, mas, concedeu um prazo de até dez anos para que todos fossem profissionalizados e se tornassem, no mínimo, auxiliares de enfermagem.

Gráfico 3.17 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de curso de formação pelo PROFAE - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## MODALIDADE PROFAE

A maior parte (59,4%) desses trabalhadores formados pelo PROFAE fez a complementação do auxiliar para o técnico de enfermagem. Já a modalidade de formação de auxiliar de enfermagem registrou um percentual de 38,1%. (Tabela 3.8.1b e Gráfico 3.18).

Esses dados se aproximam das informações disponibilizadas pelo Ministério da Saúde<sup>10</sup>, que indicam que o PROFAE formou 207.844 alunos como auxiliares e técnicos em enfermagem e que 80.124 concluíram a complementação do auxiliar para técnico de enfermagem.

Vale realce que esse programa motivou a criação do Programa de Formação de profissionais de Nível Médio para a Saúde - PROFAPS, em 2009, cujas diretrizes foram definidas na Portaria Nº 3.189, do Ministério da Saúde<sup>11</sup>. No PROFAPS, a enfermagem é uma das nove áreas técnicas estratégicas prioritárias para a educação profissional de nível médio na saúde: Radiologia, Patologia Clínica e Citotécnico, Hemoterapia, Manutenção de Equipamentos, Saúde Bucal, Prótese Dentária, Vigilância em Saúde e Enfermagem.

O objetivo, no período de oito anos, é qualificar e/ou habilitar 745.435 trabalhadores em cursos de Educação Profissional para o setor saúde, já inseridos ou a serem inseridos no SUS. A proposta deste projeto está inserida em uma realidade onde a oferta de cursos nesta área é escassa, principalmente em regiões como o Norte e o Nordeste, justamente onde as demandas por qualificação são maiores.

Registra-se que a Educação Profissional no país é, desde 2011, foco de um grande projeto implementado pelo Governo Federal chamado PRONATEC<sup>12</sup> que tem como meta formar cerca de 7 milhões de alunos em cursos técnicos de diversas áreas. De acordo com o último balanço feito pelo MEC<sup>13</sup>, a enfermagem aparece em terceiro lugar entre os cinco cursos mais procurados pelos alunos com 36.320 inscrições.

<sup>10</sup>Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/319-sgtes-p/gestao-da-educacao-raiz/gestao-da-educacao/9583-acoes-e-metas-realizadas-1>

<sup>11</sup> Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt3189\\_18\\_12\\_2009.html](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt3189_18_12_2009.html)

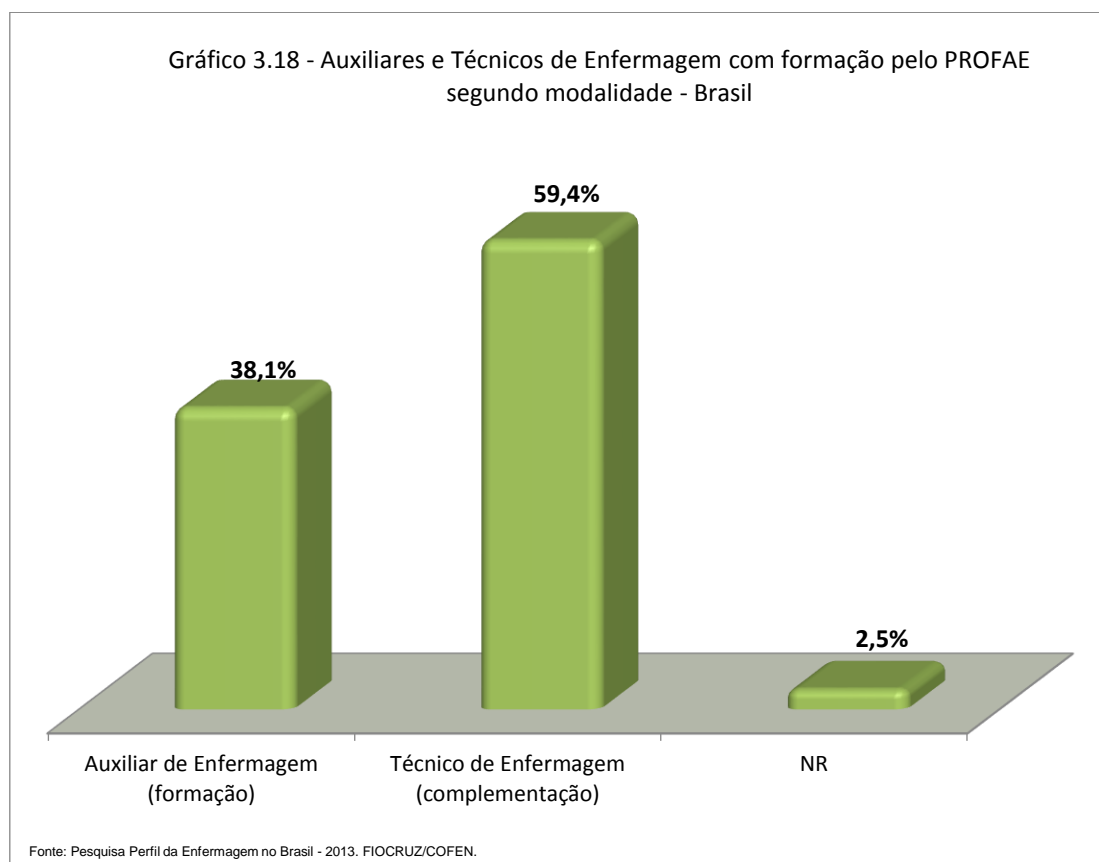
<sup>12</sup><http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/06/1472365-dilma-lanca-novo-pronatec-com-meta-de-12-milhoes-de-matriculas.shtml>

<sup>13</sup> <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/05/pronatec-oferece-mais-de-200-opcoes-de-cursos-tecnicos>

Tabela 3.8.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem com formação pelo PROFAE segundo modalidade  
Brasil

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Auxiliar de Enfermagem (formação)	66.782	38,1
Técnico de Enfermagem (complementação)	104.030	59,4
NR	4.342	2,5
<b>Total</b>	<b>175.153</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## PARTE V

---

# PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA



## **EQUIPE DE ENFERMAGEM**





## MODALIDADE DE APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

No Brasil, quando indagados sobre as modalidades utilizadas pela equipe de enfermagem para seu Aperfeiçoamento Profissional, observa-se comportamentos distintos. Os Eventos Científicos na área (congressos, seminários e oficinas) são, frequentemente, usados por 59,4% e raramente ou nunca por 40,5%. Os Estágios em Instituições de Saúde representam a opção frequente de 33,8% e raramente ou nunca (66,1%). Já os Grupos de Estudos e Pesquisas por 37,5% que fazem uso frequentemente, e aqueles que o fazem raramente ou nunca somam 62,5%. As Visitas Técnicas/Observação são praticadas como Aprimoramento Profissional frequente por 33,3% e raramente ou nunca (66,7%). Já a Internet é uma modalidade frequente para a maioria, ou seja, 86,6% e apenas 13,4% usam raramente ou nunca. E o Telessaúde é usado frequentemente apenas por 21,6% e raramente ou nunca (78,3%). Os Cursos somam 93,1% que fazem frequentemente. A Leitura de livros e revistas representa 94% daqueles que fazem uso frequentemente. E dos que fazem uso da Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/CORENs como modalidade de Aprimoramento, 95,9% o fazem frequentemente (Tabela 4.1 e Gráfico 4.1).

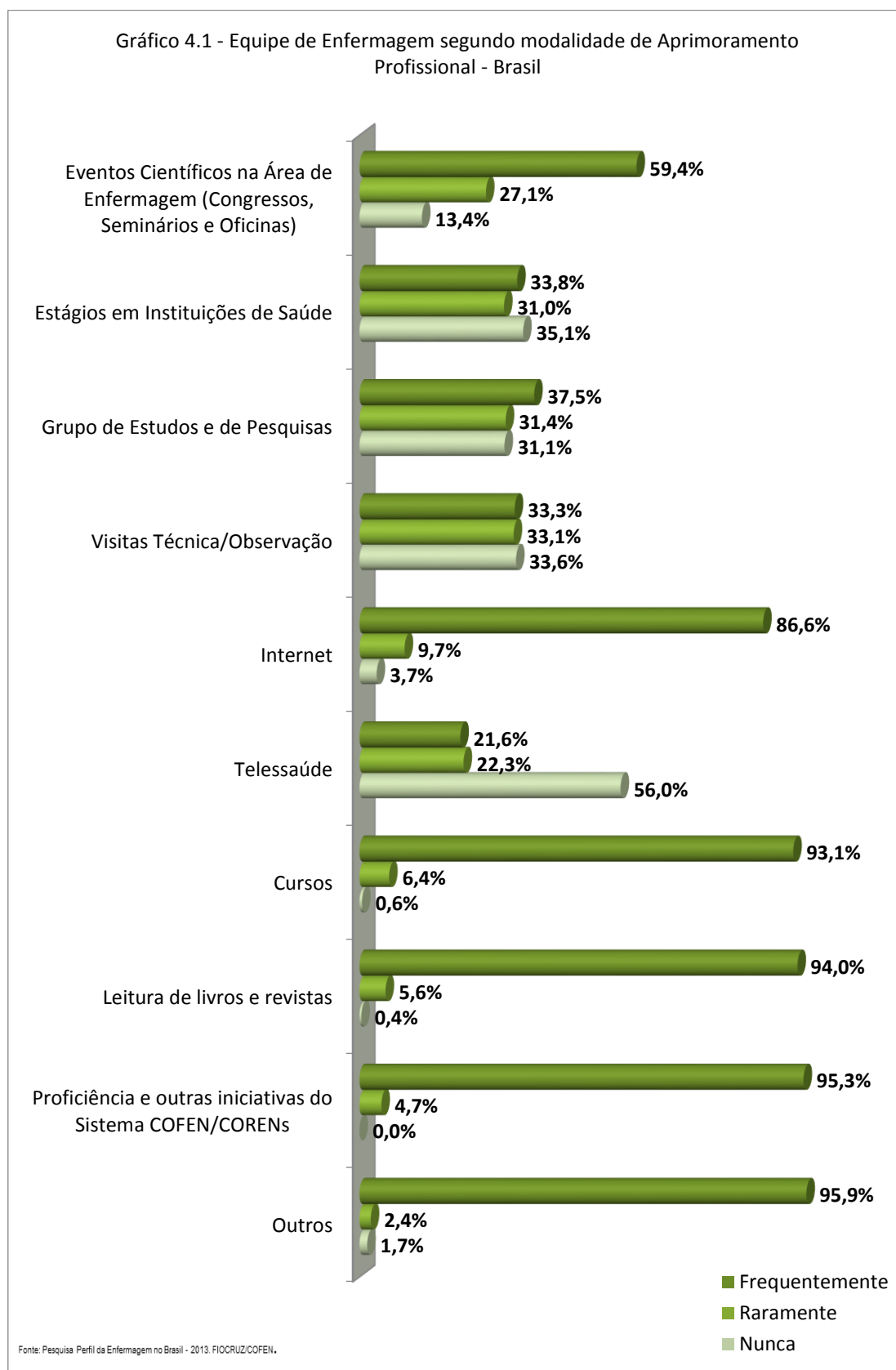
Tabela 4.1

Equipe de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

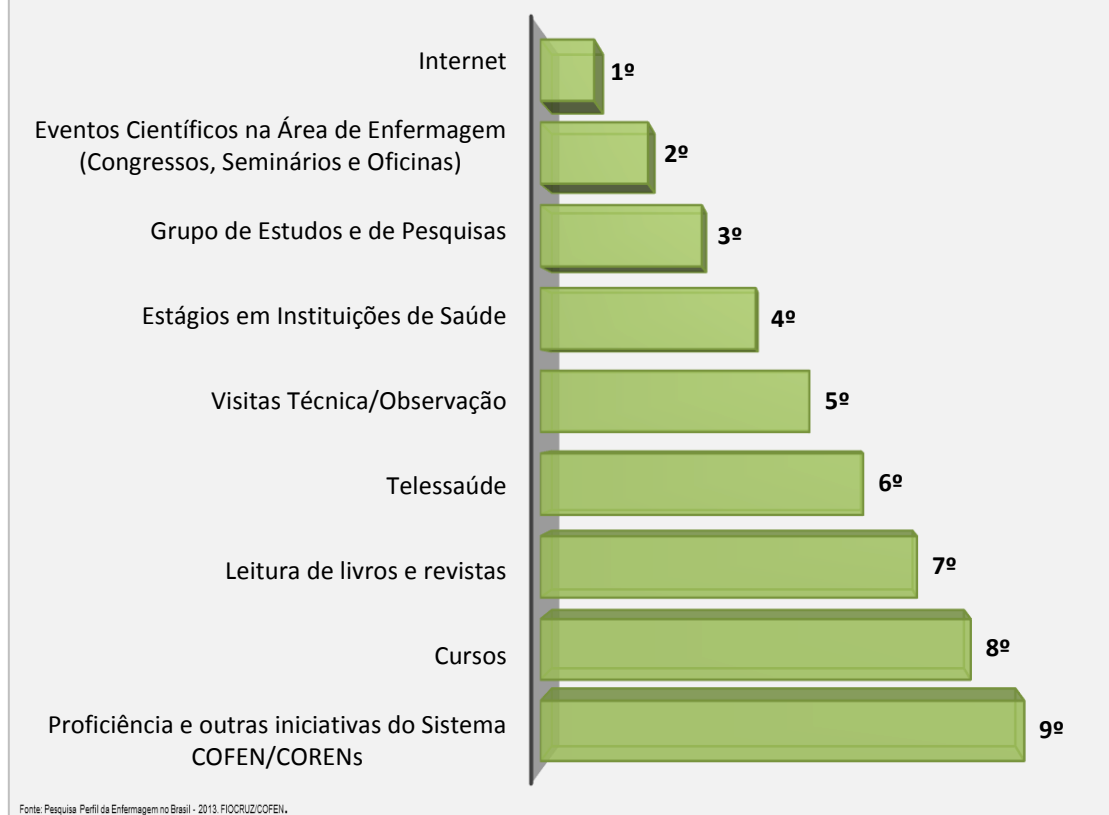
Modalidade	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Eventos Científicos na Área de Enfermagem (Congressos, Seminários e Oficinas)	700.803	59,4	320.079	27,1	158.084	13,4	1.178.967	100,0
Estágios em Instituições de Saúde	272.393	33,8	249.706	31,0	282.669	35,1	804.768	100,0
Grupo de Estudos e de Pesquisas	302.436	37,5	253.176	31,4	251.043	31,1	806.655	100,0
Visitas Técnica/Observação	252.263	33,3	250.582	33,1	254.463	33,6	757.308	100,0
Internet	1.088.814	86,6	121.802	9,7	46.337	3,7	1.256.954	100,0
Telessaúde	147.076	21,6	151.797	22,3	380.774	56,0	679.646	100,0
Cursos	39.457	93,1	2.698	6,4	238	0,6	42.393	100,0
Leitura de livros e revistas	47.331	94,0	2.819	5,6	210	0,4	50.360	100,0
Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/CORENs	3.962	95,3	196	4,7	0	0,0	4.158	100,0
Outros	5.195	95,9	132	2,4	90	1,7	5.417	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

**Gráfico 4.1 - Equipe de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil**



**Figura 4.1 - *Ranking* das modalidades de Aprimoramento Profissional que a Equipe de Enfermagem mais frequentemente utiliza - Brasil**



Considerando o universo da equipe de enfermagem, composto por 1.804.535 enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, em todo o país, se construiu um *ranking* das modalidades mais frequentes utilizadas para Aprimoramento Profissional (Figura 4.1). Em primeiro lugar, a equipe utiliza a internet como fonte principal de qualificação. Em segundo, surgem os Eventos Científicos na área da enfermagem. No terceiro lugar do *ranking*, tem-se os Grupos de Estudo e de Pesquisa. Em quarto, estão os Estágios em Instituições de Saúde. Em quinto, estão as Visitas Técnicas/Observação. O Telessaúde aparece em sexto lugar entre os profissionais como modalidade de Aprimoramento. Já em sétimo está a Leitura de livros e revistas, seguidos pelos Cursos, em oitavo. E em nono lugar estão as iniciativas do Sistema COFEN/CORENS e a Proficiência.

## TIPO DE LEITURA

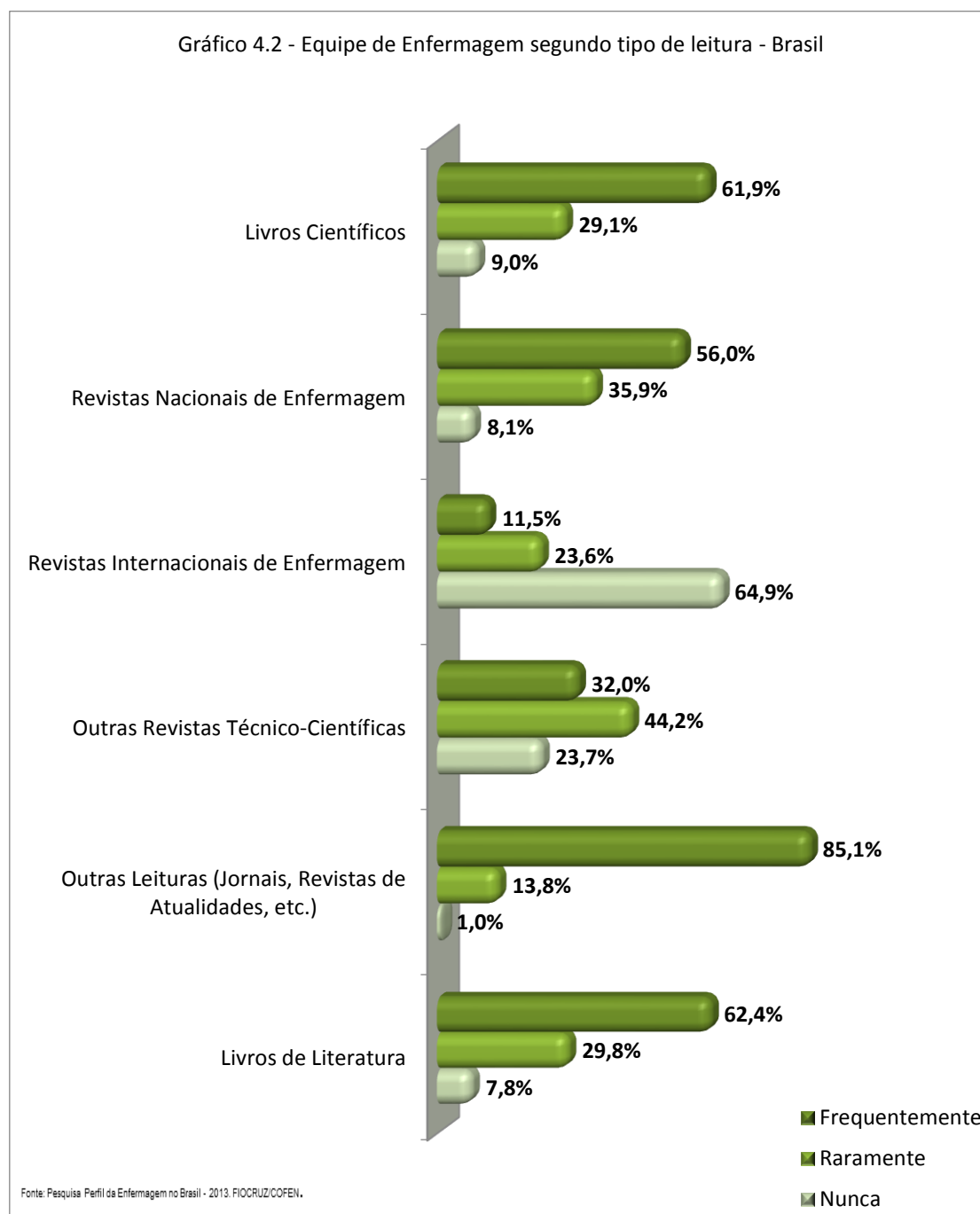
Os tipos de leitura mais frequentes na equipe são os que dizem respeito a temas do cotidiano social - os jornais, revistas de atualidades etc. (reunidos no item “Outras Leituras”) - que são frequentemente utilizados por 85,1% da equipe e raramente ou nunca por 14,8%. Dentre os outros tipos de leitura, destaca-se: os Livros Científicos por 61,9% da equipe; os Livros de Literatura - frequentes por 62,4%; e as Revistas Nacionais de Enfermagem – leitura apontada como frequente por 56%. Outras Revistas Técnico-Científicas são o tipo de leitura apontada como frequente por 32%, enquanto raramente ou nunca somam 67,9%. Já as Revistas Internacionais de Enfermagem são raramente ou nunca lidas pela grande maioria, ou seja, 88,5%. (Tabela 4.2 e Gráfico 4.2).

Tabela 4.2  
 Equipe de Enfermagem segundo tipo de leitura - Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de leitura	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Livros Científicos	652.105	61,9	306.602	29,1	95.046	9,0	1.053.753	100,0
Revistas Nacionais de Enfermagem	611.803	56,0	392.252	35,9	87.960	8,1	1.092.015	100,0
Revistas Internacionais de Enfermagem	83.284	11,5	170.169	23,6	468.050	64,9	721.503	100,0
Outras Revistas Técnico-Científicas	254.673	32,0	351.431	44,2	188.753	23,7	794.858	100,0
Outras Leituras (Jornais, Revistas de Atualidades, etc.)	1.129.291	85,1	183.731	13,8	13.916	1,0	1.326.939	100,0
Livros de Literatura	612.179	62,4	292.635	29,8	76.253	7,8	981.067	100,0
Não Lê	51.831	17,3	49.706	16,6	197.805	66,1	299.342	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.2 - Equipe de Enfermagem segundo tipo de leitura - Brasil



## ASSINATURA DE PERIÓDICOS/REVISTAS CIENTÍFICAS

Na equipe de enfermagem, apenas 7,3% de todo o país, possuem assinatura de algum tipo de periódico/revista científica na área de enfermagem (Tabela 4.3 e Gráfico 4.3). Assim, pode-se inferir que o acesso a revistas/periódicos científicos na área, quando ocorre, provavelmente, depende de empréstimos entre colegas ou de aquisições feitas pelas instituições a que esses profissionais estão vinculados.

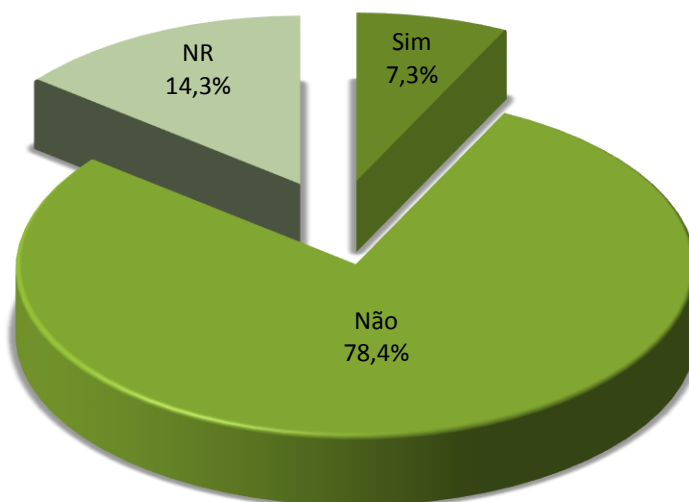
Tabela 4.3

Equipe de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

Assinatura	V.Abs.	%
Sim	131.534	7,3
Não	1.414.707	78,4
NR	258.294	14,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.3 - Equipe de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ACESSO À INTERNET

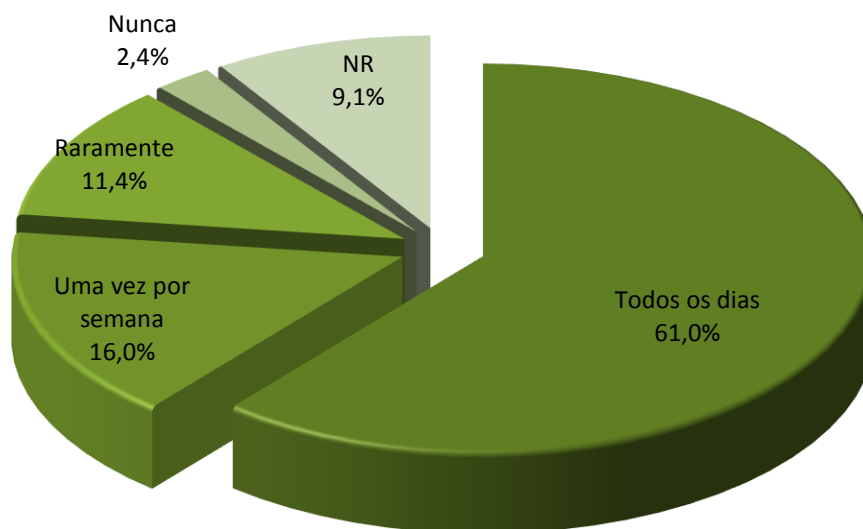
A equipe de enfermagem, no Brasil, tem acesso à internet. Essa afirmação considera que menos de 14% acessam raramente ou nunca, enquanto que 61%, diariamente e outros 16%, uma vez por semana (Tabela 4.4 e Gráfico 4.4).

Tabela 4.4  
Equipe de Enfermagem segundo frequência de acesso à internet - Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Todos os dias	1.101.407	61,0
Uma vez por semana	288.483	16,0
Raramente	205.897	11,4
Nunca	44.027	2,4
NR	164.721	9,1
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.4 - Equipe de Enfermagem segundo frequência de acesso à internet - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LOCAL DE ACESSO

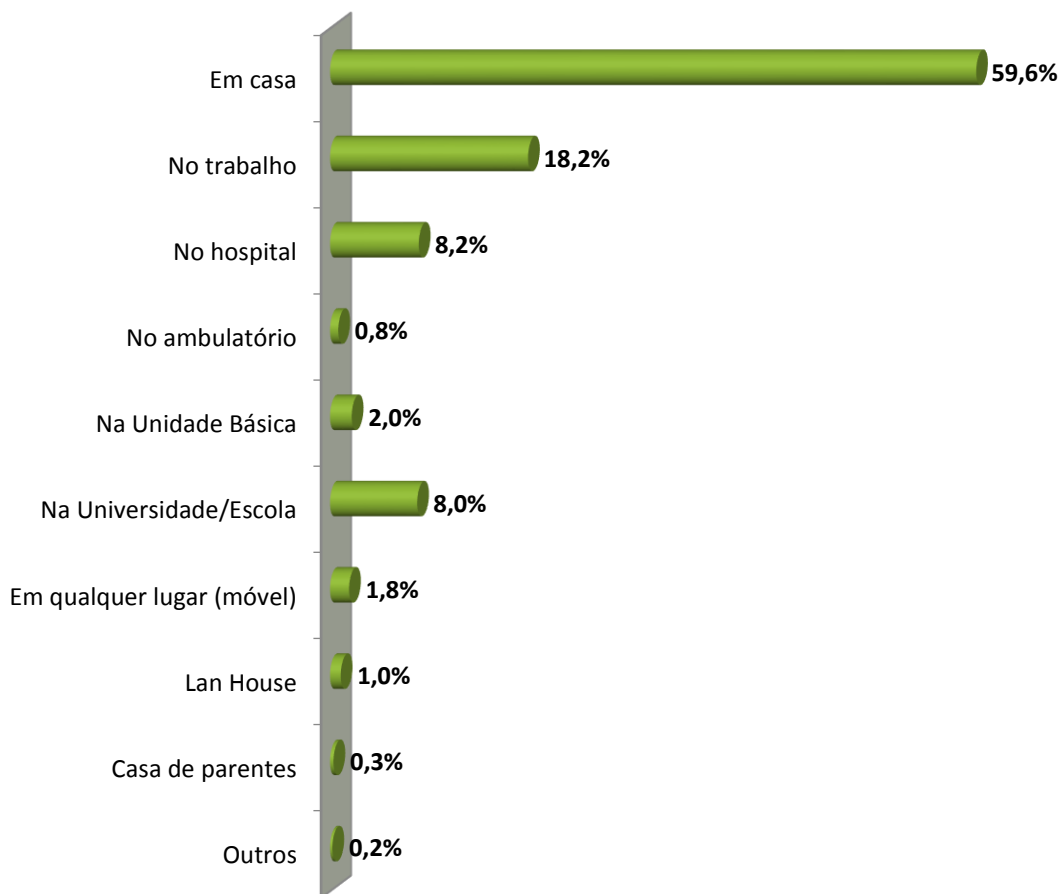
De um modo geral, em todo o país, o principal local de acesso à internet da equipe é o seu lar (59,6%); registra-se que apenas 18,2% disseram ser no trabalho. Paradoxalmente, as Universidades/Escolas e os Hospitais são apontados por apenas 8% e 8,2%, respectivamente. Na assistência, seja em UBS ou Ambulatório, o acesso é ainda menor, alcançando 2% e 0,8%, respectivamente. Os que utilizam acesso móvel também são uma minoria (1,8%). Por outro lado, a necessidade de recorrer às ‘Lan houses’ é realidade de um contingente ainda menor (1%) (Tabela 4.5 e Gráfico 4.5). Estes dados demonstram que, se por um lado a equipe tem acesso à internet, o fazem por conta própria, sem suporte institucional. Por outro, mostra o baixíssimo investimento das instituições públicas, privadas, filantrópicas e até mesmo de ensino, em equipar suas estruturas, tecnologicamente, capazes de universalizar ou pelo menos, facilitar o acesso à internet aos seus trabalhadores.

Tabela 4.5  
Equipe de Enfermagem segundo local de acesso à internet – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Local de acesso	V.Abs.	%
Em casa	1.509.323	59,6
No trabalho	461.383	18,2
No hospital	206.748	8,2
No ambulatório	19.202	0,8
Na Unidade Básica	50.545	2,0
Na Universidade/Escola	203.086	8,0
Em qualquer lugar (móvel)	44.346	1,8
Lan House	24.980	1,0
Casa de parentes	8.030	0,3
Outros	5.468	0,2
<b>Total</b>	<b>2.533.112</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.5 - Equipe de Enfermagem segundo local de acesso à internet - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

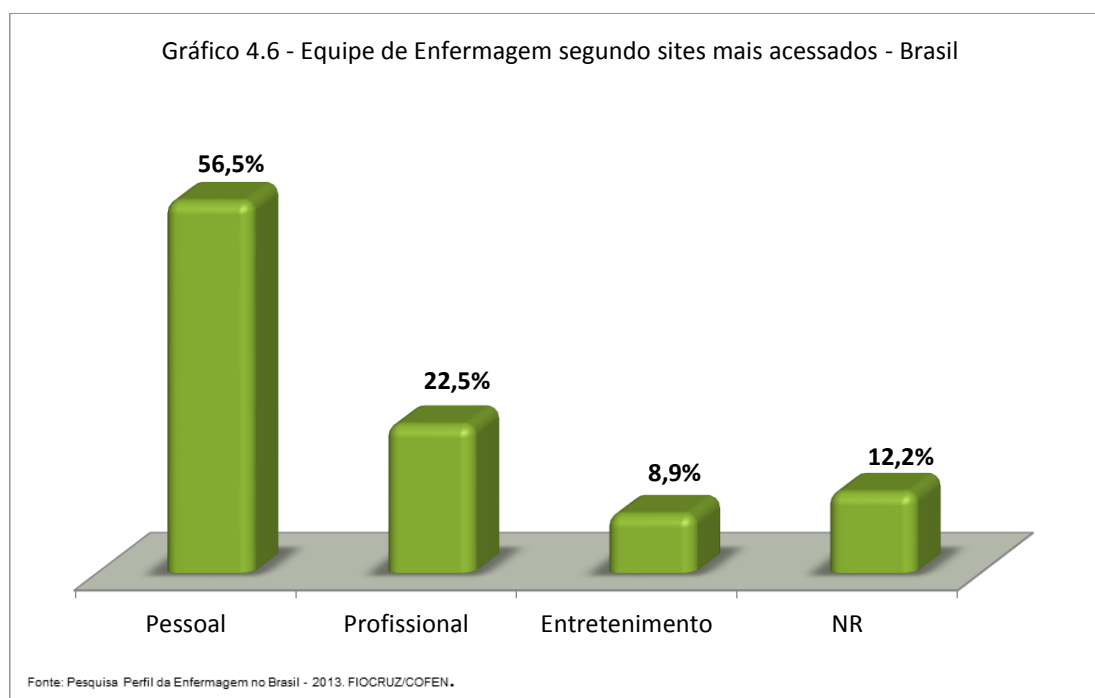
## SITES MAIS ACESSADOS

O mundo virtual é uma realidade e ferramenta essencial, hoje em dia, para se informar e aperfeiçoar. Em se tratando da equipe de enfermagem, que tem jornadas longas e extenuantes, recorrer à internet é uma solução para adquirir conhecimento e atualização profissionais. A pesquisa mostra, no entanto, que em termos de utilização da internet como ferramenta de acesso à informação técnico-científica, visando ao Aprimoramento Profissional, pode-se dizer que ela ainda é pequena, se considerar os índices de acesso. Pouco mais de 1/5 (22,5%) o faz, mais frequentemente, em *sites* profissionais. A maioria deles acessa, prioritariamente, *sites* pessoais (56,5%) e, ainda, cerca de 9% usam *sites* de entretenimento (Tabela 4.6 e Gráfico 4.6).

Tabela 4.6  
Equipe de Enfermagem segundo sites mais acessados – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Sites	V.Abs.	%
Pessoal	1.019.070	56,5
Profissional	405.232	22,5
Entretenimento	159.897	8,9
NR	220.336	12,2
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

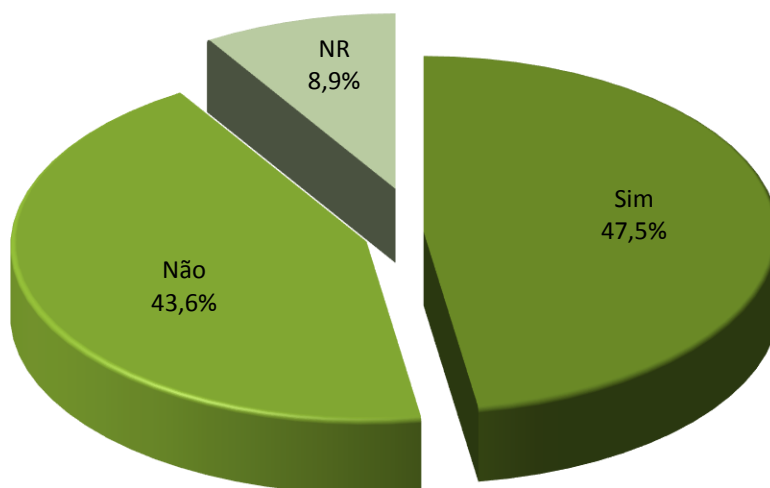
No Brasil, não se pode afirmar que a equipe de enfermagem se mantém em constante atualização. A informação de que menos da metade (47,5%) do contingente realizou algum tipo de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses atesta essa afirmativa. Importante registrar que 43,6% não realizaram nenhum curso neste período. Somado aos 8,9% dos que não responderam (NR) a este quesito, significa dizer, aproximadamente, mais de 900 mil trabalhadores sem nenhuma Atualização Profissional recente (Tabela 4.7 e Gráfico 4.7).

Tabela 4.7  
Equipe de Enfermagem segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Aprimoramento</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	857.935	47,5
Não	786.298	43,6
NR	160.302	8,9
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.7 - Equipe de Enfermagem segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## RAZÕES DO NÃO APRIMORAMENTO

Das várias razões alegadas pela equipe de enfermagem do Brasil, pela não realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses (Tabela 4.7.1 e Gráfico 4.8), destacam-se:

A primeira razão é a falta de condições financeiras, que aparece como o principal motivo (22,3%). O que parece ser a tônica, uma vez que se reflete também nos gastos para participar de eventos científicos. Segundo, com 16,2%, refere-se a falta de tempo/motivação/estímulo, mostrando um claro descompasso entre as necessidades de aprimoramento e as reais condições oferecidas a eles em seu ambiente de trabalho. Terceiro, a equipe assinala que os altos custos para participação em Eventos Científicos levam que 11,3% apontem como o motivo para não participar. Observa-se que o primeiro motivo alegado, que representa a maioria absoluta, é a falta de condições financeiras. Um contingente que tem rendimentos mensais, por vezes, incapazes de cobrir suas necessidades básicas de vida, não pode esperar destes profissionais estímulo e iniciativa pessoal para se qualificarem. Quarto, corroborando com o dito acima, tem-se 10,7% que alegam não se aprimorar por conta da dificuldade em parar de trabalhar. Seu cotidiano cansativo, sem possibilidades de remanejamento ou mesmo substituições de colegas, não permite ter clima para “qualificação”. Quinto, com 10,5% informados pela equipe, está a falta de apoio institucional. O quadro traçado acima não deixa dúvida que a somatória destes motivos não poderia apresentar situação diferente da encontrada.

Por outro lado, a falta de programa de treinamento no trabalho é apontada, também, por quase 10%, bem como dificuldades pessoais. A distância e a dificuldade de acesso à informação são as razões apontadas por um grupo menor de profissionais.

Resumindo, dos motivos alegados, é possível visualizar que todas as razões destacadas estão vinculadas às condições de trabalho, seja pelos baixos salários percebidos, pelas condições impróprias de trabalho e pelo (anti) ambiente institucional que os impedem de participar ou até mesmo desejarem se aperfeiçoar.

Da maior relevância é dizer que, independente da atividade e função que exerce, o profissional de saúde sem qualificação permanente e adequada às suas atividades, é um risco para a população. Essa também é uma fonte poderosa de desgaste e *stress* para o profissional, que acaba inseguro para atuar, uma vez que na saúde é um campo de saber e da prática que está em constante processo de renovação e

construção de conhecimento técnico-científico. Desta forma, o não aprimoramento permanente, nos níveis observados, é um problema a ser resolvido pelas autoridades do SUS, não podendo, de forma alguma, essa falha ser imputada ao profissional simplesmente.

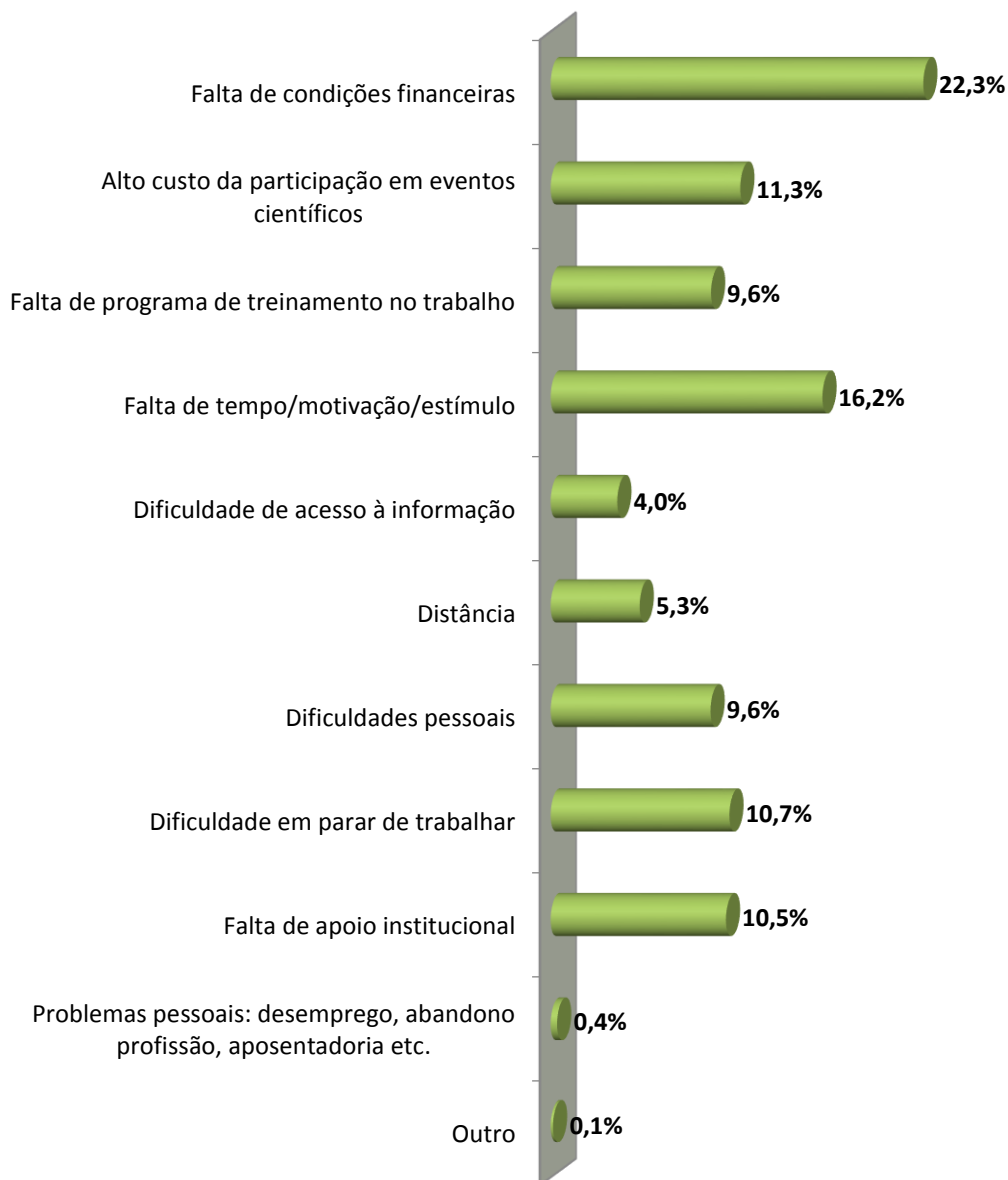
Tabela 4.7.1

Equipe de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

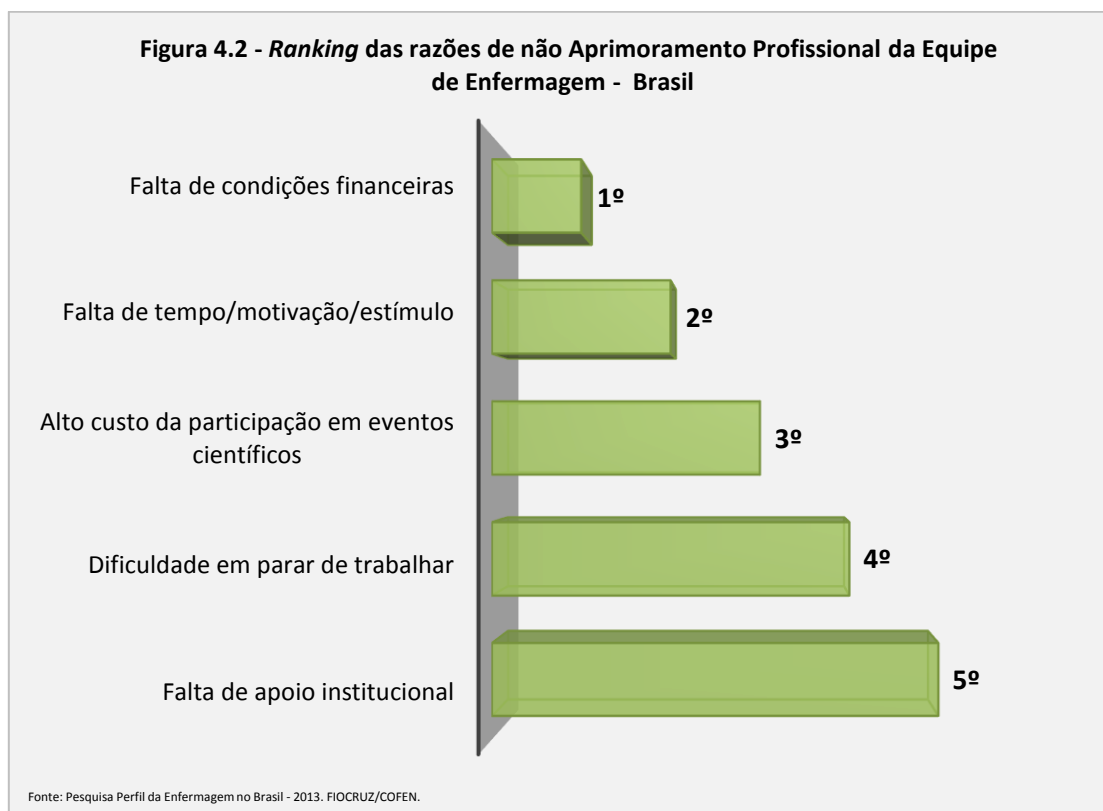
Razões	V.Abs.	%
Falta de condições financeiras	397.266	22,3
Alto custo da participação em eventos científicos	202.053	11,3
Falta de programa de treinamento no trabalho	170.908	9,6
Falta de tempo/motivação/estímulo	289.632	16,2
Dificuldade de acesso à informação	70.963	4,0
Distância	94.846	5,3
Dificuldades pessoais	170.373	9,6
Dificuldade em parar de trabalhar	190.470	10,7
Falta de apoio institucional	186.776	10,5
Problemas pessoais: desemprego, abandono profissão, aposentadoria etc.	6.813	0,4
Outro	2.458	0,1
<b>Total</b>	<b>1.782.558</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.8 - Equipe de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Observando o *ranking* das razões alegadas, é possível visualizar que todas as destacadas estão vinculadas às condições de trabalho, seja pelos baixos salários percebidos, pelas condições impróprias de trabalho ou pelo (anti) ambiente de trabalho que os impedem de participar ou até mesmo desejarem se aperfeiçoar (Figura 4.2). Da maior relevância é dizer que, independente da profissão que exerce, o profissional de saúde sem qualificação permanente e adequada às suas atividades é um profissional de risco para a população e uma fonte poderosa de desgaste e *stress* para o profissional, que acaba inseguro no cotidiano do trabalho, uma vez que a saúde é um campo do saber e da prática que estão em constantes processos de renovação e construção de novos conhecimentos e práticas. Desta forma, o não Aprimoramento permanente é um problema a ser resolvido pelas autoridades do Sistema Único de Saúde.



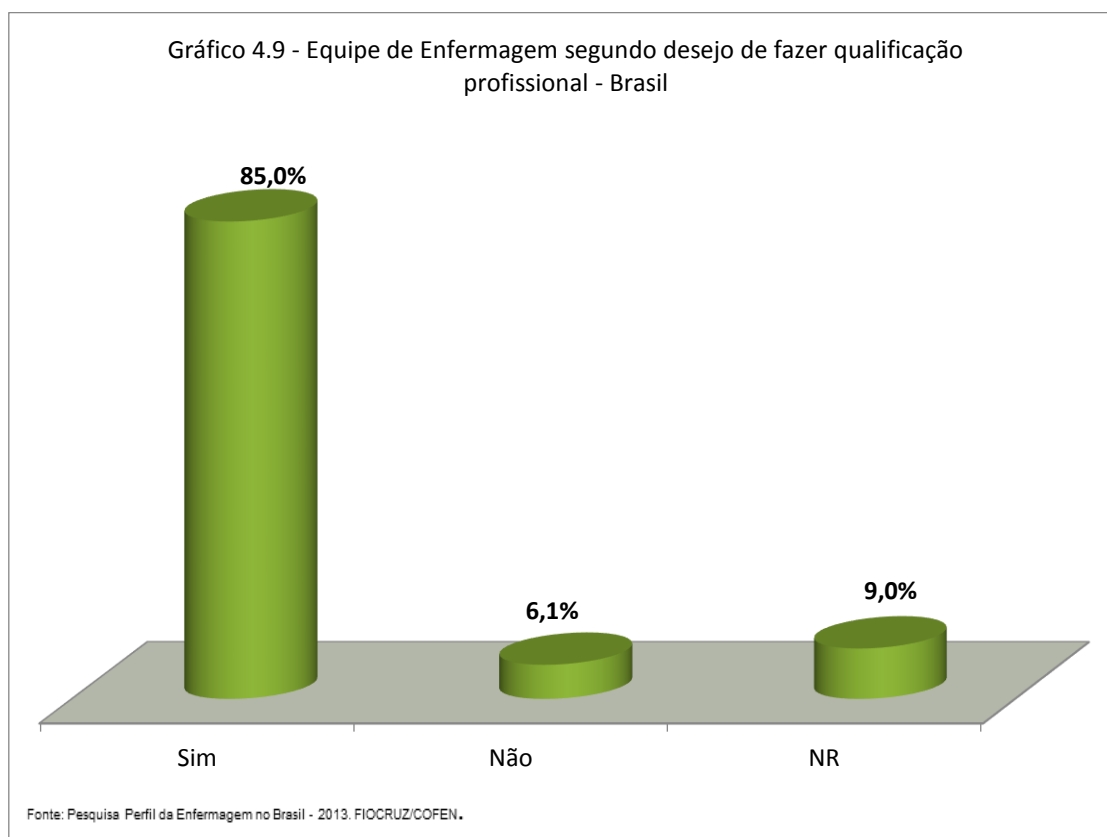
## DESEJO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Embora não tendo efetivas condições de buscar aprimoramento, paradoxalmente, a pesquisa nacional mostra que mais de um milhão e quinhentos mil profissionais de enfermagem, o que corresponde a 85% da equipe, desejam fazer qualificação profissional (Tabela 4.8 e Gráfico 4.9).

Tabela 4.8  
Equipe de Enfermagem segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

Desejo de qualificação	V.Abs.	%
Sim	1.533.146	85,0
Não	109.512	6,1
NR	161.877	9,0
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MODALIDADE DE QUALIFICAÇÃO DESEJADA

Os dados atestam também que muitos da equipe desejam fazer uma qualificação profissional e expressam isso nas diversas modalidades. Elas vão desde Cursos de Atualização (19,7%), Cursos de Especialização (19,4%) e Cursos de Aperfeiçoamento (18,6%), até Mestrado (9,4%), Doutorado (5,6%) e Pós-Doutorado (3,3%). Destaca-se que 9,7% querem fazer Graduação em Enfermagem e 6,2% em outras áreas (Tabela 4.8.1 e Gráfico 4.10).

Vale enfatizar a diversidade de cursos que a equipe no Brasil utiliza com vistas à qualificação para o trabalho. Para além dos cursos de Pós-Graduação '*lato*' ou '*stricto sensu*', já apresentados e discutidos nesse relatório, no Bloco Perfil da Formação Profissional, os profissionais, recorrem, também, a cursos de formação continuada, atividades complementares e, até mesmo, a outra graduação. Um exemplo observado na pesquisa, refere-se aos enfermeiros cursando graduação em Administração para apropriarem-se de conteúdo a ser aplicado na sua atuação, enquanto gestores.

Necessário compreender, entretanto, que apesar de na redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não ficar clara a distinção formal entre Especialização e Aperfeiçoamento, tendo em vista que esses cursos são agrupados na mesma categoria: Pós-Graduação (Lei 9394/96, inciso III, Art. 44), eles não são equivalentes. Os cursos de Aperfeiçoamento destinam-se a profissionais que estejam no exercício de uma determinada ocupação (correlacionada com a formação acadêmica de origem na graduação), que pode até não significar uma profissão, mas cargo ou função (Parecer CNE/CES nº 263/2006 e Parecer CNE/CES nº 254/2002). Dessa forma, os cursos de Aperfeiçoamento, realizados por enfermeiros ou quaisquer outros profissionais de nível superior, visam à melhoria de desempenho numa específica ocupação, a fim de atender às exigências do contexto em que se insere. Oferecido como tipo de 'Pós-Graduação', ele só faz sentido para o profissional quando assume condição de degrau na escala do processo de educação continuada, pois não equivale a uma Especialização. Este curso, realizado 'após a graduação' pode ocupar-se de campos específicos da vida profissional do enfermeiro, inclusive a atividade de docente, com carga horária mínima de 180 horas, conferindo a seus concluintes, certificado, desde que expedido por instituição de educação superior devidamente credenciada e que ministrou efetivamente o curso.

Outras modalidades de qualificação profissional citadas por eles estão, também, fora do escopo da Pós-Graduação no Brasil. Cursos de Atualização, por exemplo, enquadram-se na categoria de 'Atividades Complementares'. Essas atividades têm a finalidade de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, privilegiando a complementação da formação social e profissional. Atividades complementares não possuem como pré-requisito o Diploma de Nível Superior e caracterizam-se pela flexibilidade de carga horária semanal (Parecer CNE/CES nº 492/2001). Além destes também são consideradas atividades complementares a participação em eventos internos e externos à instituição de educação superior (semanas acadêmicas, congressos, seminários, palestras, conferências etc.), cursos de extensão, atividades de iniciação científica, estágios profissionais etc. Ressalte-se que a Resolução nº 1, de 08/06/2007, que estabelece normas para o funcionamento de cursos de Pós-Graduação *lato sensu*, em nível de especialização, exclui os cursos oferecidos a graduados como formação continuada ou atividades complementares. Em resumo, cursos de Pós-Graduação *lato sensu* referem-se ao termo "Especialização", com uma carga horária mínima de 360 horas. Já os cursos de aperfeiçoamento possuem apenas valor profissional, e não acadêmico, pois não atendem aos pressupostos da Resolução CNE/CES nº 1/2007.

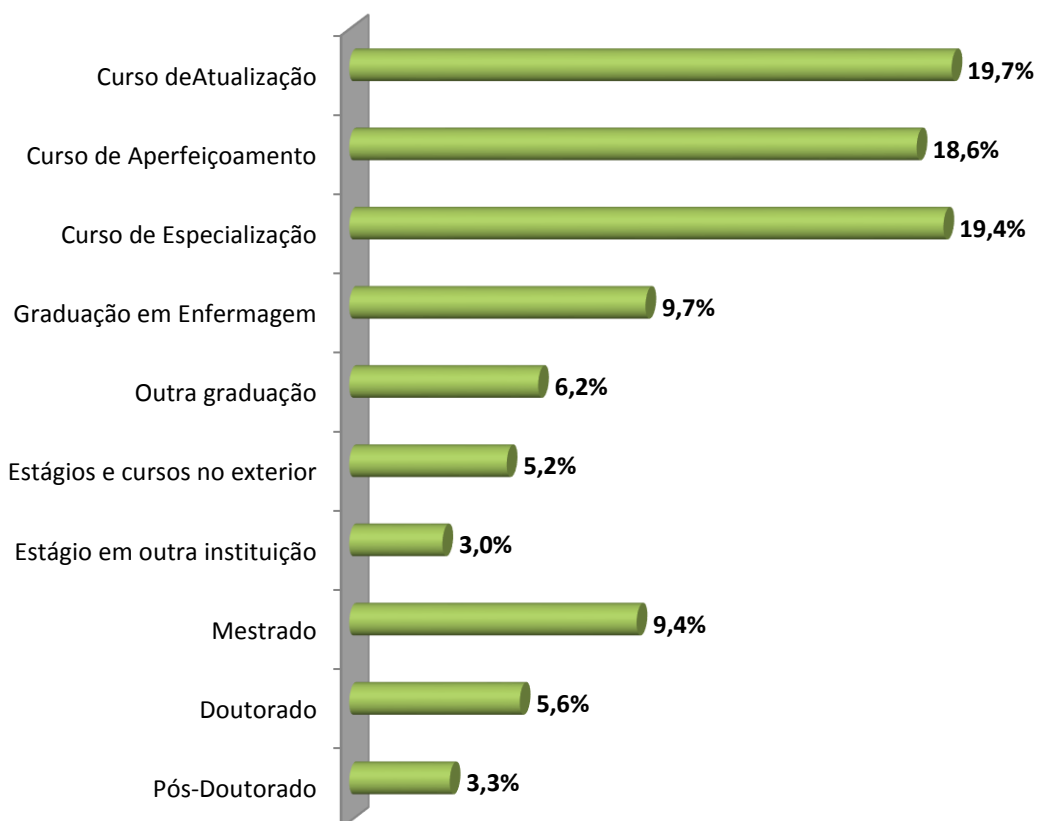
Tabela 4.8.1

Equipe de Enfermagem segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
Curso de Atualização	716.257	19,7
Curso de Aperfeiçoamento	674.823	18,6
Curso de Especialização	706.581	19,4
Graduação em Enfermagem	352.527	9,7
Outra graduação	224.804	6,2
Estágios e cursos no exterior	187.382	5,2
Estágio em outra instituição	110.849	3,0
Mestrado	341.993	9,4
Doutorado	202.914	5,6
Pós-Doutorado	119.565	3,3
<b>Total</b>	<b>3.637.695</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.10 - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



# ENFERMEIROS



## MODALIDADE DE APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

Quando indagados sobre as modalidades utilizadas para seu Aprimoramento Profissional, observa-se comportamentos distintos dos enfermeiros brasileiros para as diversas modalidades. Os Eventos Científicos na área (congressos, seminários e oficinas) são frequentemente usados por 73,9% e raramente ou nunca por 26,1%. Os Estágios em Instituições de Saúde representam a opção frequente de 22,4% e raramente ou nunca somam 77,6%. Os Grupos de Estudos e Pesquisas somam quase metade (48,8%) que fazem uso frequente e um pouco mais da metade (51,2%) o fazem raramente ou nunca. As Visitas Técnicas/Observação são praticadas por 36,2% desses profissionais e raramente ou nunca por 63,8%. A Internet é uma modalidade frequente para a maioria (94,4%) e apenas 5,6% usam raramente ou nunca. O Telessaúde é usado frequentemente por apenas 31,3%, sendo que a maioria raramente ou nunca usam (68,6%). Já a modalidade Cursos somam 93% dos que o fazem frequentemente. A Leitura de livros e revistas representa 93,1% daqueles que leem frequentemente. E dos que fazem uso da Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/CORENs como modalidade de Aprimoramento, 93,8% o fazem frequentemente (Tabela 4.1a e Gráfico 4.11).

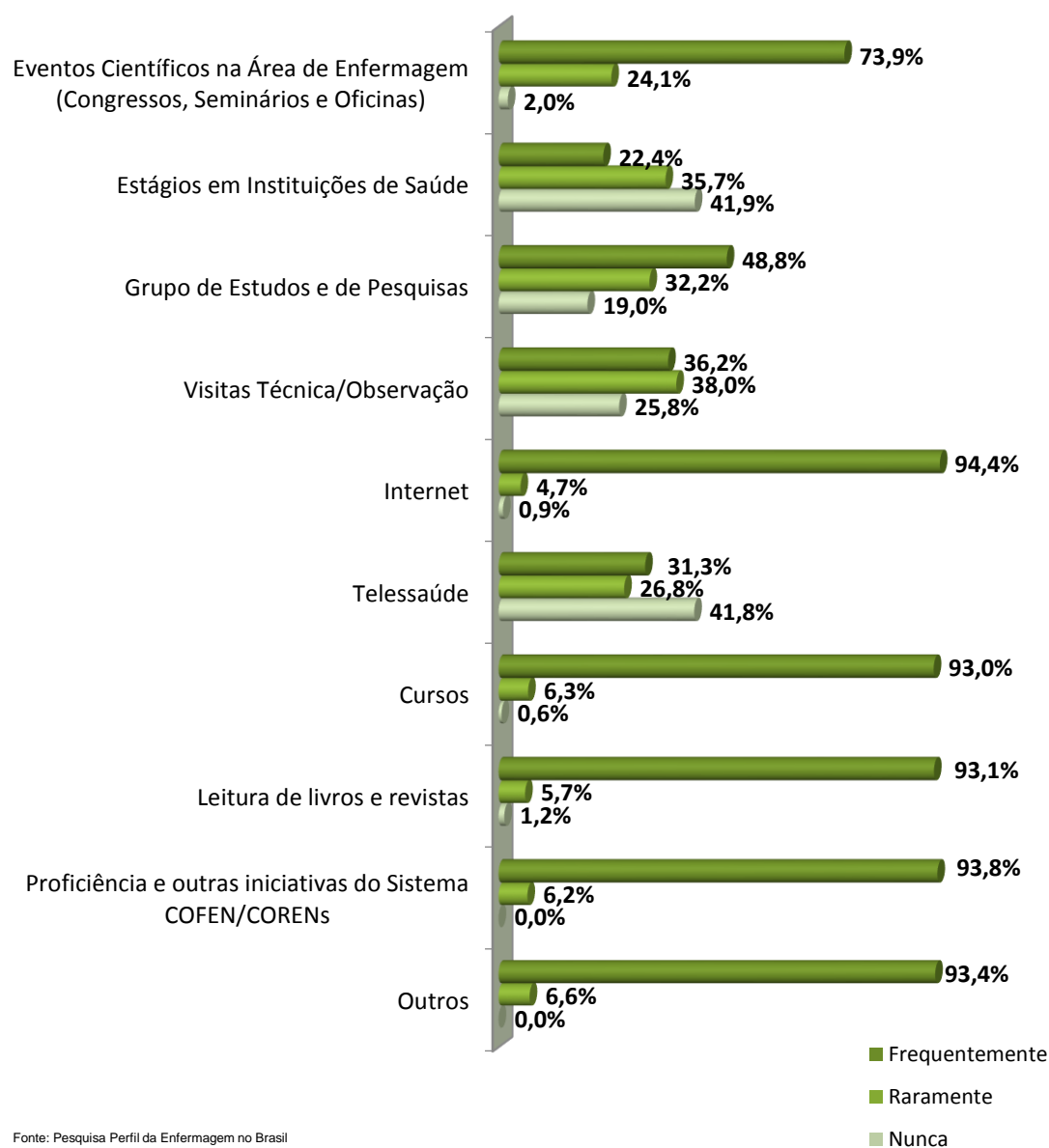
Tabela 4.1a  
Enfermeiros segundo modalidade de Aprimoramento Profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Eventos Científicos na Área de Enfermagem (Congressos, Seminários e Oficinas)	265.472	73,9	86.571	24,1	7.101	2,0	359.145	100,0
Estágios em Instituições de Saúde	43.839	22,4	69.918	35,7	82.173	41,9	195.929	100,0
Grupo de Estudos e de Pesquisas	118.291	48,8	78.230	32,2	46.069	19,0	242.590	100,0
Visitas Técnica/Observação	77.644	36,2	81.389	38,0	55.205	25,8	214.238	100,0
Internet	336.251	94,4	16.735	4,7	3.357	0,9	356.343	100,0
Telessaúde	63.349	31,3	54.288	26,8	84.580	41,8	202.217	100,0
Cursos	11.308	93,0	768	6,3	78	0,6	12.154	100,0
Leitura de livros e revistas	16.006	93,1	976	5,7	210	1,2	17.192	100,0
Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/CORENs	1.755	93,8	115	6,2	0	0,0	1.870	100,0
Outros	1.853	93,4	132	6,6	0	0,0	1.985	100,0

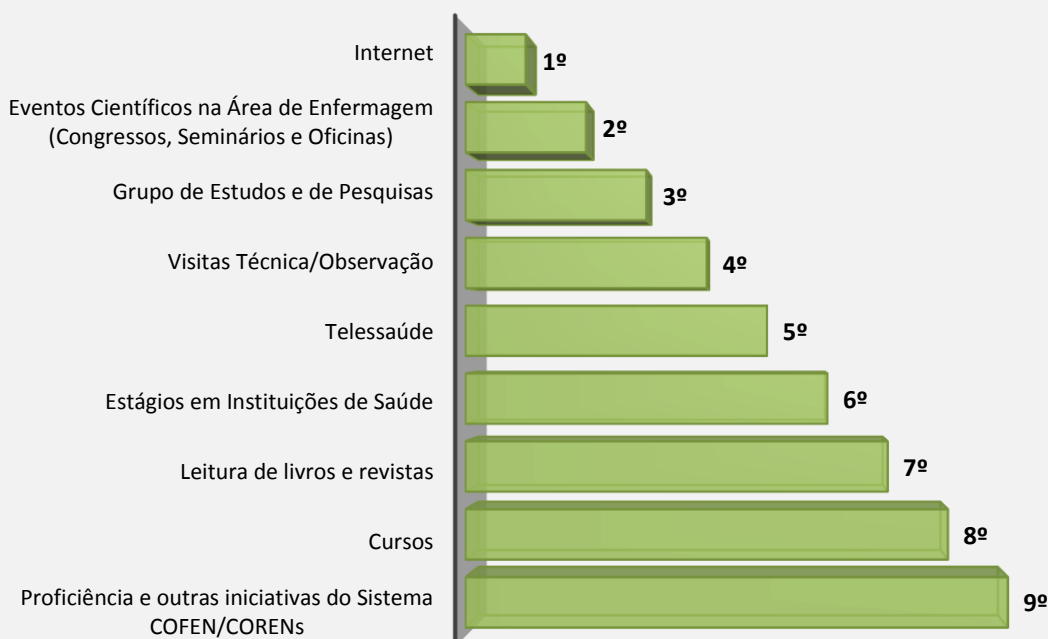
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Gráfico 4.11 - Enfermeiros segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil



**Figura 4.3 - Ranking das modalidades de Aprimoramento Profissional que os Enfermeiros mais frequentemente utilizam - Brasil**



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Considerando o universo de profissionais enfermeiros, composto por mais de 400 mil indivíduos, se construiu um *ranking* das modalidades mais frequentemente utilizadas para Aprimoramento Profissional (Figura 4.3). Em primeiro lugar, a equipe utiliza a internet como fonte principal de qualificação. Em segundo surgem os Eventos Científicos na área da enfermagem. No terceiro lugar do *ranking*, tem-se os Grupos de Estudo e de Pesquisa. Em quarto estão as Visitas Técnicas/Observação. Em seguida, em quinto lugar, está o Telessaúde. Os Estágios em Instituições de Saúde aparecem em sexto entre os enfermeiros como modalidade de Aprimoramento. Já em sétimo lugar está a Leitura de livros e revistas, seguidos pelos Cursos, em oitavo lugar. E em nono lugar estão as iniciativas do Sistema COFEN/CORENs e a Proficiência.

## TIPO DE LEITURA

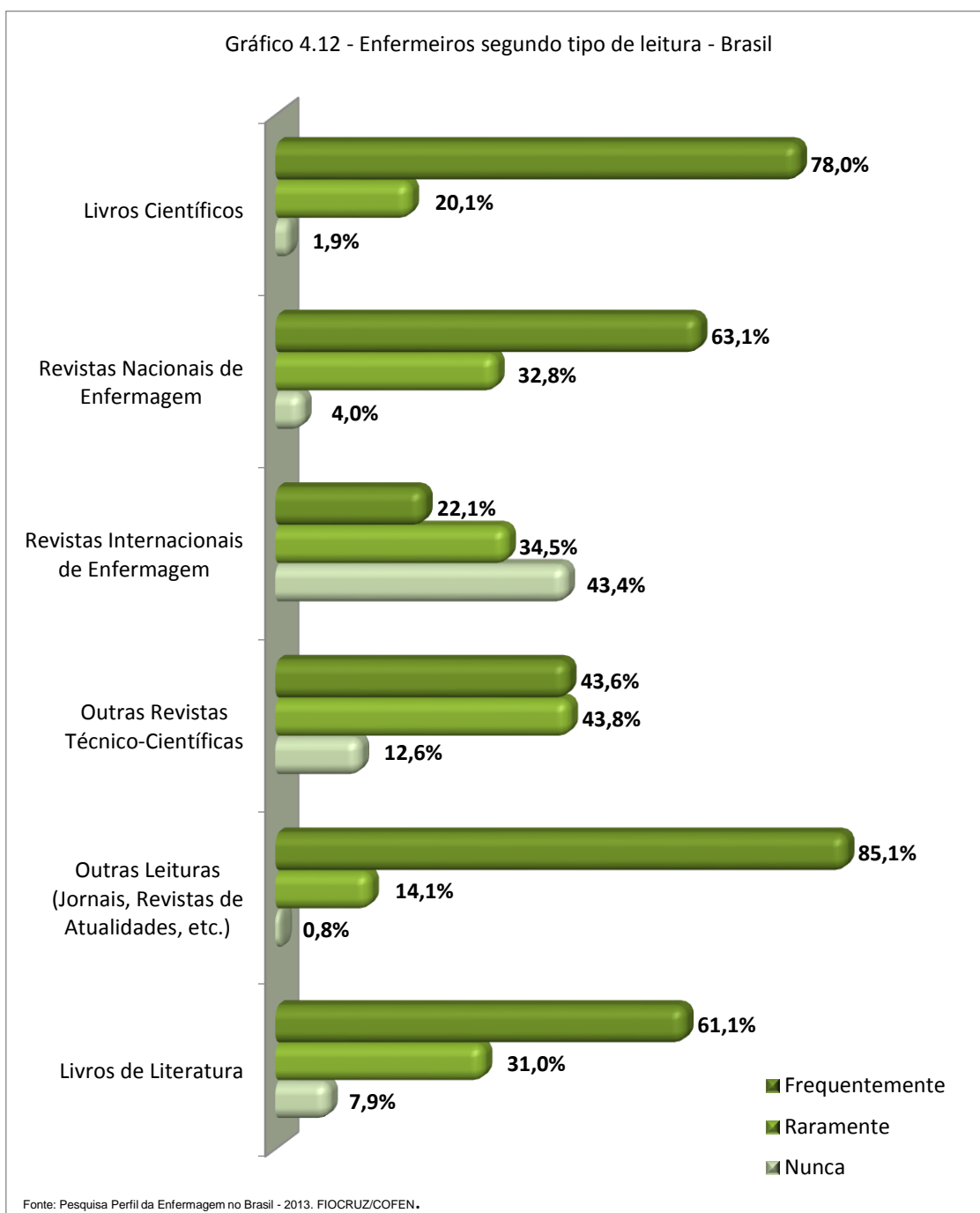
Os tipos de leitura mais frequentes entre os enfermeiros são os que dizem respeito a temas do cotidiano social - os jornais, revistas de atualidades etc. (reunidos no item 'Outras Leituras') - que são frequentemente utilizados por 85,1% dos enfermeiros e raramente e nunca por 14,9% deles. Dentre os outros tipos de leitura, os enfermeiros apontaram como frequentes, na ordem: os Livros Científicos - apontados por 78%; as Revistas Nacionais de Enfermagem - frequente por 63,1% dos enfermeiros; e os Livros de Literatura – frequentemente utilizados por 61,1% desses profissionais. Outras Revistas Técnico-Científicas são apontadas com frequência por apenas 43,6% e raramente e nunca por 56,4%. Já as Revistas Internacionais de Enfermagem, raramente ou nunca representam 77,9% dos enfermeiros (Tabela 4.2a e Gráfico 4.12).

Tabela 4.2a  
Enfermeiros segundo tipo de leitura – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de leitura	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Livros Científicos	261.853	78,0	67.402	20,1	6.514	1,9	335.769	100,0
Revistas Nacionais de Enfermagem	201.799	63,1	105.034	32,8	12.910	4,0	319.743	100,0
Revistas Internacionais de Enfermagem	50.491	22,1	78.877	34,5	99.038	43,4	228.406	100,0
Outras Revistas Técnico-Científicas	108.725	43,6	109.283	43,8	31.488	12,6	249.496	100,0
Outras Leituras (Jornais, Revistas de Atualidades, etc.)	285.828	85,1	47.316	14,1	2.785	0,8	335.929	100,0
Livros de Literatura	166.642	61,1	84.650	31,0	21.655	7,9	272.947	100,0
Não Lê	5.251	5,8	10.648	11,8	74.357	82,4	90.255	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.12 - Enfermeiros segundo tipo de leitura - Brasil



## ASSINATURA DE PERIÓDICOS/REVISTAS CIENTÍFICAS

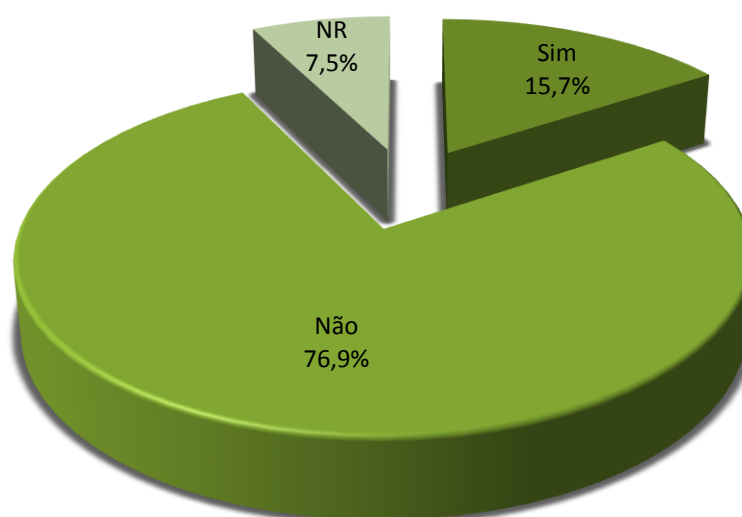
Pouco mais de 65 mil enfermeiros (15,7%) possuem assinatura de algum tipo de periódico/revista científica na área de enfermagem (Tabela 4.3a e Gráfico 4.13). Pode-se inferir, também, que o acesso a revistas/periódicos científicos entre os enfermeiros é dependente de empréstimos de colegas ou de aquisições feitas pelas instituições a que esses profissionais estão vinculados.

Tabela 4.3a  
Enfermeiros segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem  
Brasil

Assinatura	V.Abs.	%
Sim	65.044	15,7
Não	318.771	76,9
NR	30.897	7,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.13 - Enfermeiros segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

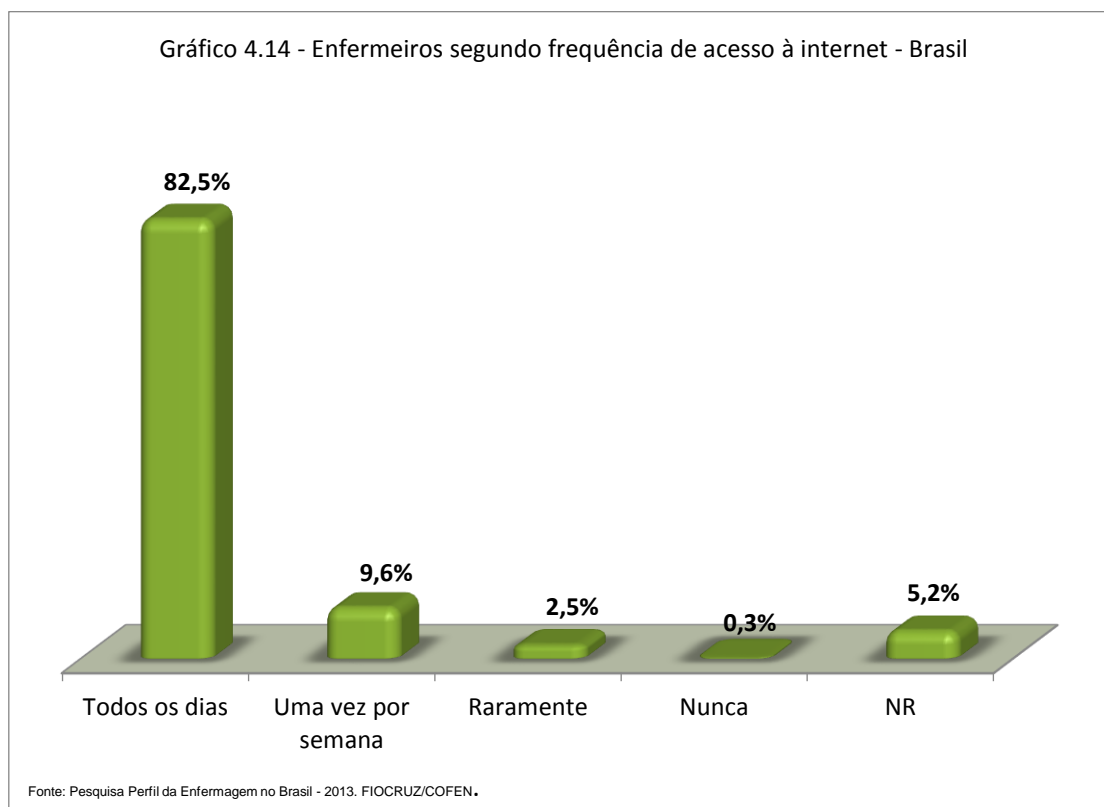
## ACESSO À INTERNET

No Brasil, a maior parte dos enfermeiros, ou seja, 82,5% acessam a internet todos os dias. Apenas 2,5% acessam raramente e 9,6%, uma vez por semana (Tabela 4.4a e Gráfico 4.14).

Tabela 4.4a  
Enfermeiros segundo frequência de acesso à internet - Brasil

Frequência	V.Abs.	%
Todos os dias	342.078	82,5
Uma vez por semana	39.651	9,6
Raramente	10.480	2,5
Nunca	1.139	0,3
NR	21.364	5,2
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LOCAL DE ACESSO

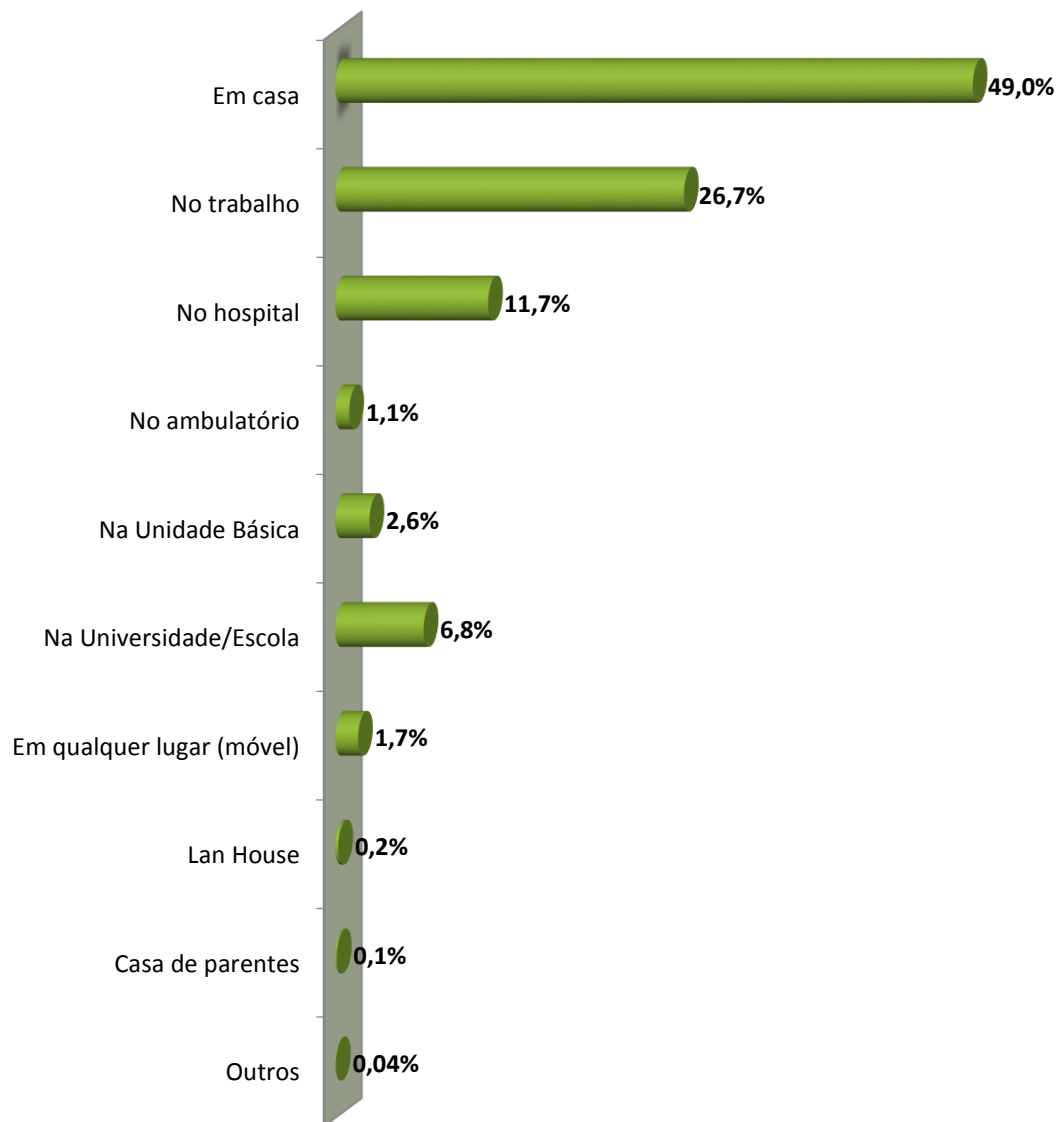
O principal local em que os enfermeiros acessam a internet é sua casa. Mais de 380 mil (49%) responderam que assim o fazem, enquanto que pouco mais de 1/4, ou seja, 26,7% disseram acessar no trabalho. Paradoxalmente, apenas 11,7% acessam no hospital e menos ainda (6,8%) nas Universidades/Escolas. Na assistência, seja em UBS ou ambulatório, o acesso é muito pequeno, 2,6% e 1,1%, respectivamente. Os que utilizam acesso móvel também são uma minoria, ou seja 1,7% da equipe. Por outro lado, aqueles que recorrerem às 'Lan houses' representam apenas 0,2% (Tabela 4.5a e Gráfico 4.15).

Tabela 4.5a  
Enfermeiros segundo local de acesso à internet – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Local de acesso	V.Abs.	%
Em casa	382.595	49,0
No trabalho	208.584	26,7
No hospital	91.411	11,7
No ambulatório	8.299	1,1
Na Unidade Básica	20.426	2,6
Na Universidade/Escola	52.829	6,8
Em qualquer lugar (móvel)	13.593	1,7
Lan House	1.739	0,2
Casa de parentes	877	0,1
Outros	345	0,04
<b>Total</b>	<b>780.698</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.15 - Enfermeiros segundo local de acesso à internet - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## SITES MAIS ACESSADOS

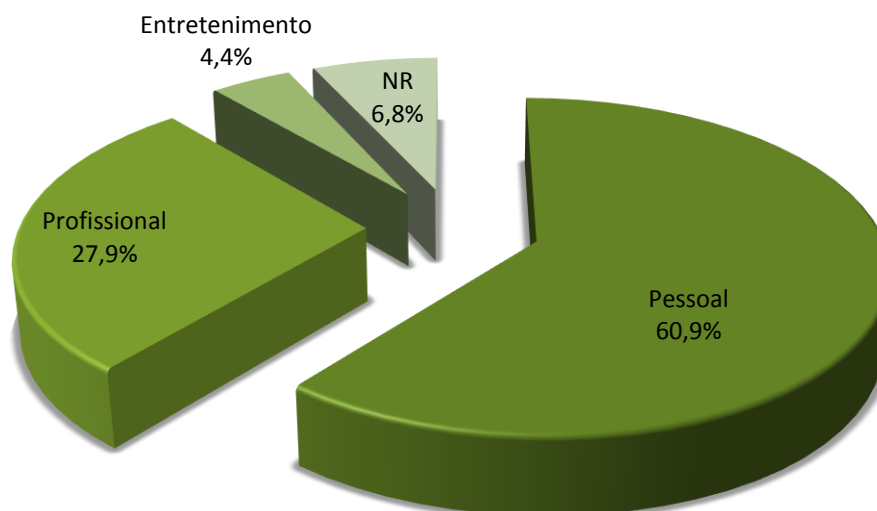
Em termos de utilização da internet como ferramenta de acesso à informação técnico-científica, visando ao Aprimoramento Profissional, pode-se dizer que ela ainda é pequena, se considerar os índices de acesso. Pouco mais de ¼, ou seja, 27,9% dos enfermeiros acessam, mais frequentemente, *sites* profissionais. A maioria acessa, prioritariamente, *sites* pessoais (60,9%) e, ainda, pouco mais de 4% deles acessam, mais frequentemente, *sites* de entretenimento (Tabela 4.6a e Gráfico 4.16).

Tabela 4.6a  
Enfermeiros segundo sites mais acessados – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Sites	V.Abs.	%
Pessoal	252.505	60,9
Profissional	115.568	27,9
Entretenimento	18.275	4,4
NR	28.364	6,8
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.16 - Enfermeiros segundo sites mais acessados - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

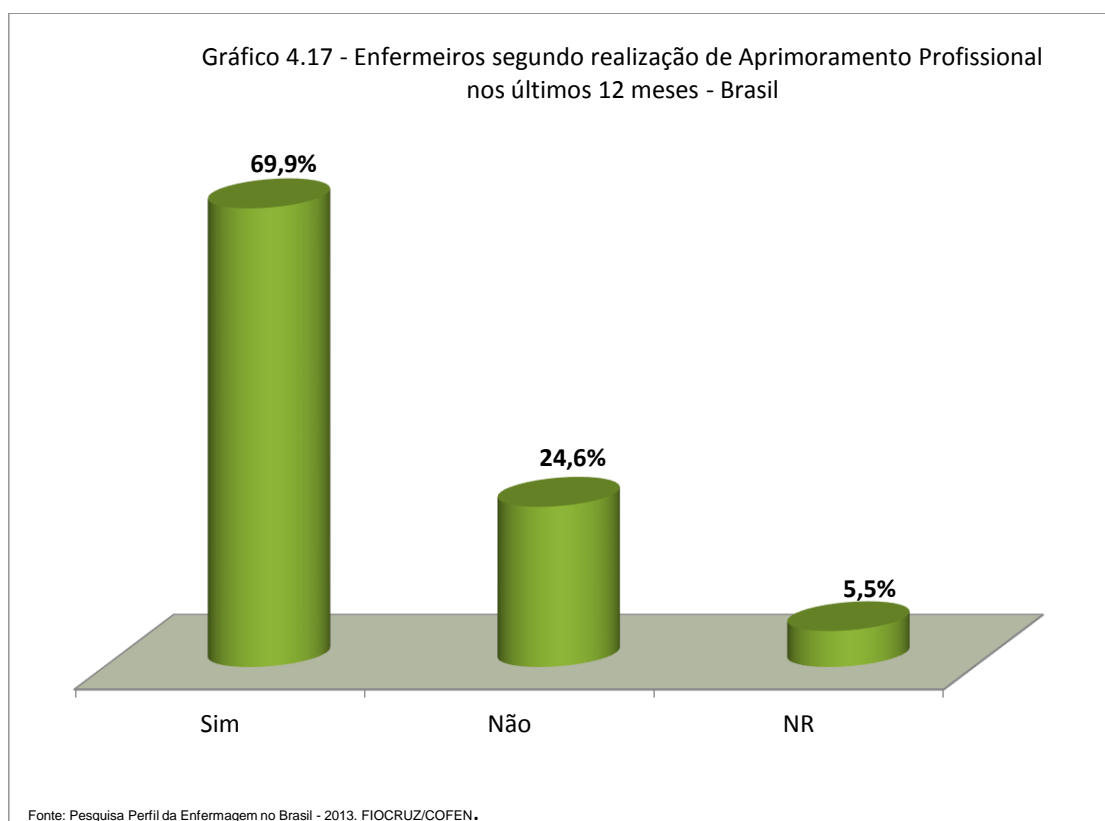
## APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

No Brasil, pode-se dizer que o enfermeiro se mantém em constante atualização. A informação é que 69,9% deles realizaram algum tipo de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses. Por outro lado, chama a atenção que 1/4 desses profissionais não teve chance de se aprimorar neste período (Tabela 4.7a e Gráfico 4.17).

Tabela 4.7a  
Enfermeiros segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Aprimoramento</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	290.018	69,9
Não	101.829	24,6
NR	22.866	5,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RAZÕES DE NÃO APRIMORAMENTO

Entre eles, destacam-se como razões pela não realização de Aprimoramento: 1) a falta de tempo/motivação/estímulo (18,4%); 2) a falta de condições financeiras (17,2%); 3) o alto custo da participação em eventos científicos (16,3%); 4) a falta de apoio institucional (11,2%); 5) a dificuldade em parar de trabalhar (10,7%). As dificuldades pessoais (10%) também são motivos em destaque para a não realização. Já a falta de programa de treinamento no trabalho, a distância e a dificuldade de acesso à informação são as razões apontadas por um grupo menor de profissionais (Tabela 4.7.1a e Gráfico 4.18).

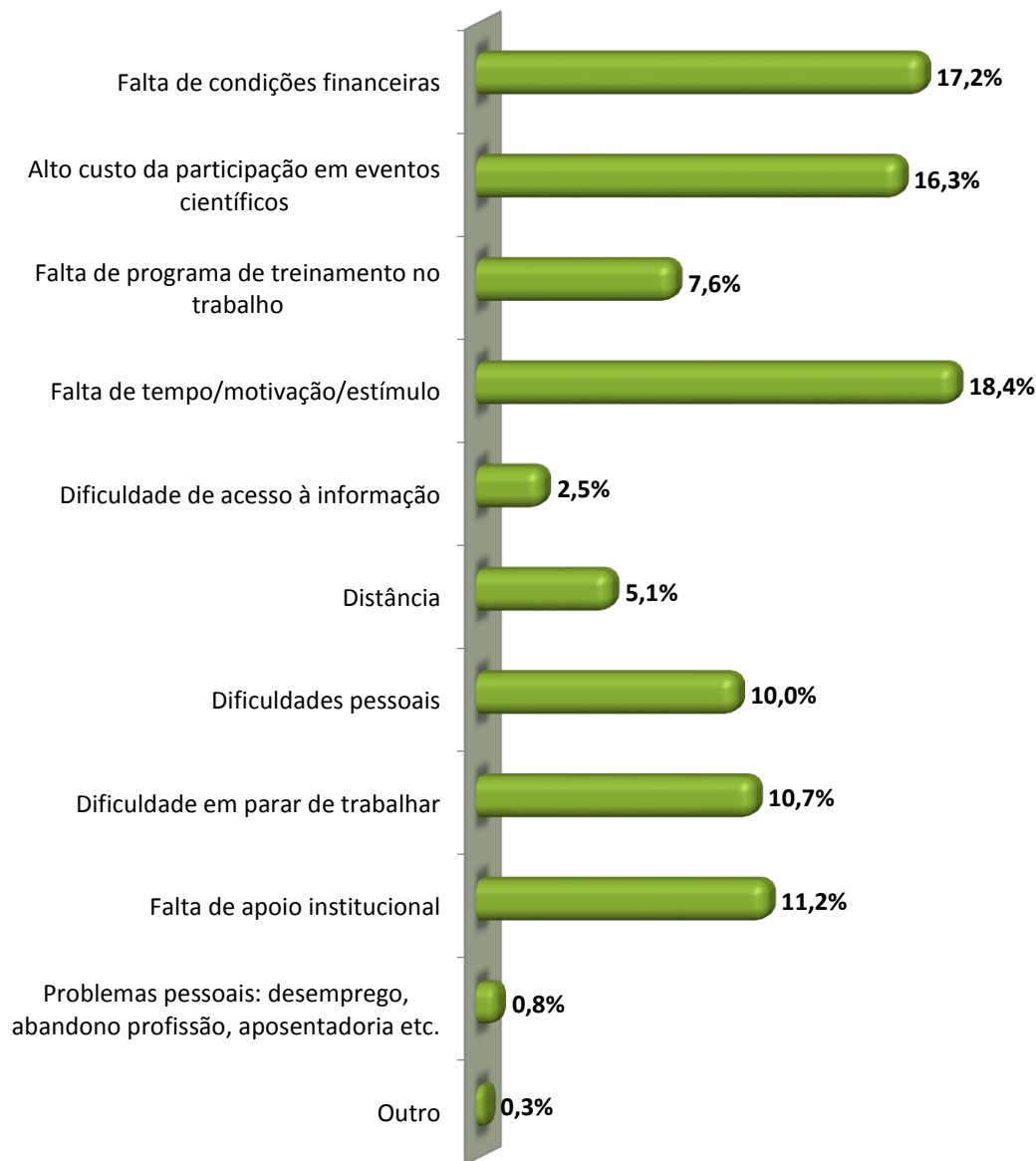
Resumindo, dos cinco principais motivos alegados, estão aqueles que associam falta de condições materiais e financeiras e fortemente, aqueles motivos institucionais acima descritos. Isso significa dizer que, a qualificação profissional continua sendo, também no caso dos enfermeiros, equivocadamente, na saúde, responsabilidade pessoal de cada indivíduo.

Tabela 4.7.1a  
Enfermeiros segundo razões de não Aprimoramento Profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Razões	V.Abs.	%
Falta de condições financeiras	41.054	17,2
Alto custo da participação em eventos científicos	38.968	16,3
Falta de programa de treinamento no trabalho	18.103	7,6
Falta de tempo/motivação/estímulo	44.067	18,4
Dificuldade de acesso à informação	6.014	2,5
Distância	12.294	5,1
Dificuldades pessoais	23.870	10,0
Dificuldade em parar de trabalhar	25.510	10,7
Falta de apoio institucional	26.701	11,2
Problemas pessoais: desemprego, abandono profissão, aposentadoria etc.	1.836	0,8
Outro	778	0,3
<b>Total</b>	<b>239.194</b>	<b>100,0</b>

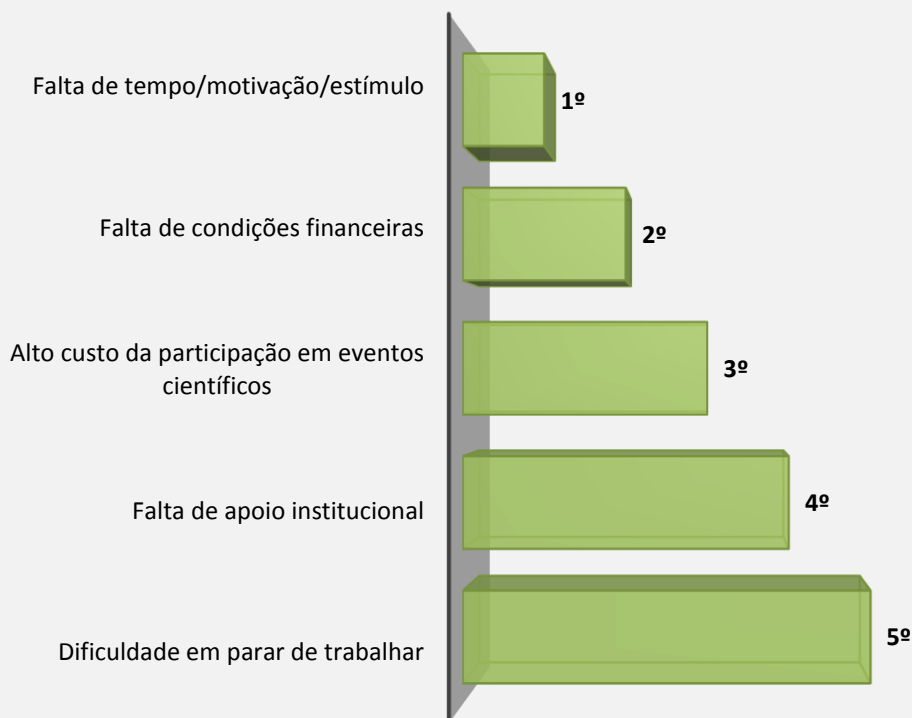
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.18 - Enfermeiros segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

**Figura 4.4 - Ranking das razões de não Aprimoramento Profissional dos Enfermeiros - Brasil**



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

No *ranking* dos motivos do não Aprimoramento, encontram-se aqueles vinculados a carga financeira dos altos custos para os profissionais se qualificarem e o baixo estímulo e condições objetivas de trabalho que propiciem o ambiente da qualificação profissional. Isso significa dizer que, a qualificação profissional continua sendo, equivocadamente, na saúde, responsabilidade pessoal de cada profissional. (Figura 4.4)

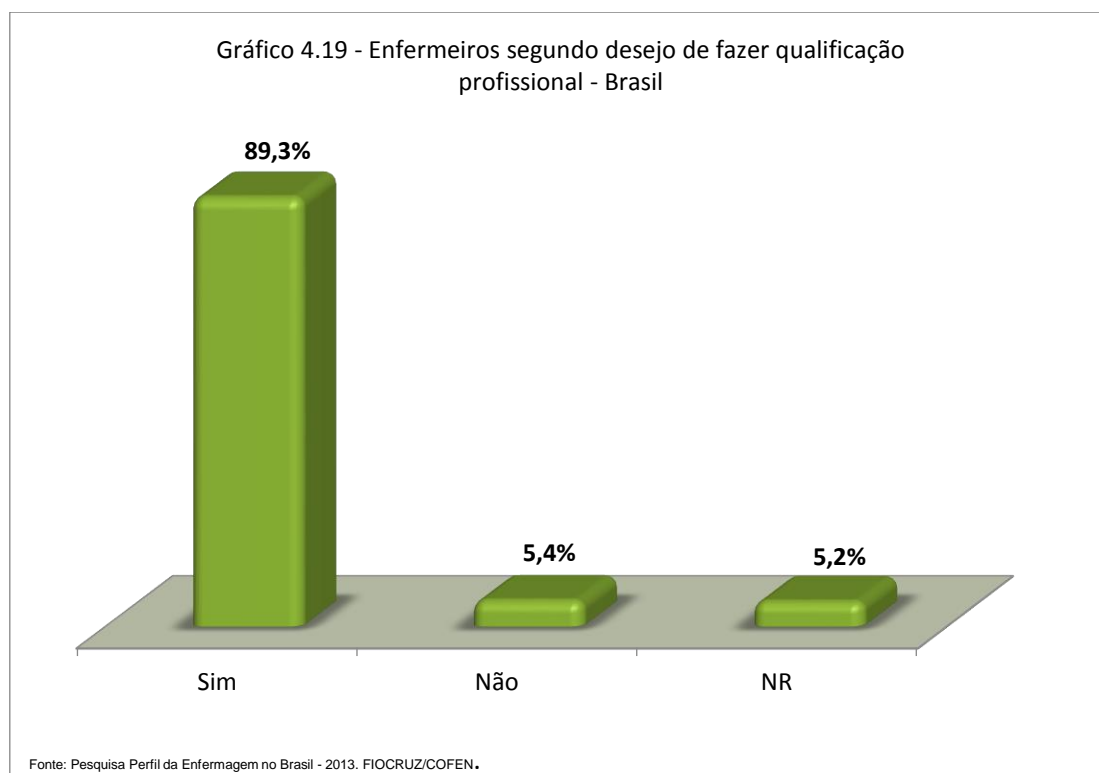
## DESEJO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

No Brasil, a maioria absoluta (89,3%) deseja fazer uma qualificação profissional (Tabela 4.8a e Gráfico 4.19).

Tabela 4.8a  
Enfermeiros segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

Desejo de qualificação	V.Abs.	%
Sim	370.482	89,3
Não	22.582	5,4
NR	21.648	5,2
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



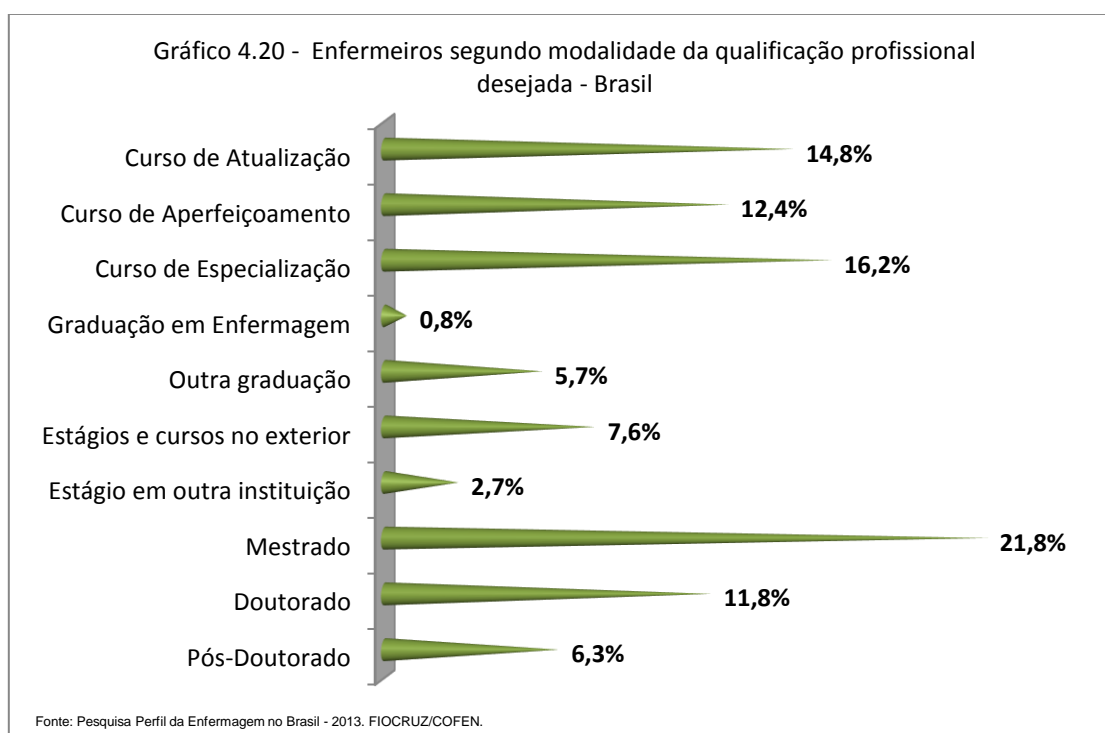
## MODALIDADE DE QUALIFICAÇÃO DESEJADA

A modalidade de qualificação profissional mais desejada é o Mestrado – seja acadêmico ou profissional (21,8%); em seguida, os cursos de Especialização (16,2%) e de Atualização (14,8%). Curso de Aperfeiçoamento aparece em quarto lugar com 12,4% e em seguida, o Doutorado com 11,8%. Chama atenção que a opção de realização de outra graduação ser o desejo de 5,7%, ou seja, mais de 50 mil enfermeiros (Tabela 4.8.1a e Gráfico 4.20).

Tabela 4.8.1a  
Enfermeiros segundo modalidade da qualificação profissional desejada - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
Curso de Atualização	132.102	14,8
Curso de Aperfeiçoamento	111.038	12,4
Curso de Especialização	144.408	16,2
Graduação em Enfermagem	7.185	0,8
Outra graduação	50.869	5,7
Estágios e cursos no exterior	67.950	7,6
Estágio em outra instituição	23.822	2,7
Mestrado	194.798	21,8
Doutorado	105.494	11,8
Pós-Doutorado	56.228	6,3
<b>Total</b>	<b>893.894</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM





## MODALIDADE DE APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

Quando a opinião dos auxiliares e técnicos de enfermagem brasileiros, sobre as modalidades utilizadas para seu Aprimoramento Profissional, observa-se que: Primeiro, os Eventos Científicos na área (congressos, seminários e oficinas) são frequentemente utilizados por 53,1% e raramente ou nunca (46,9%). Segundo, os Estágios em Instituições de Saúde representam a opção frequente de 37,5% e raramente ou nunca somam 62,4%. Terceiro, os Grupo de Estudos e Pesquisas representam 32,6% dos que utilizam frequentemente e aqueles o fazem raramente ou nunca somam 67,3%. Quarto, as visitas Técnicas/Observação são praticadas por 32,2% e raramente ou nunca (67,9%). A Internet é uma modalidade frequente para a maioria absoluta, ou seja, 83,6% e apenas 16,5% usam raramente ou nunca. O Telessaúde é usado frequentemente por apenas 17,5% e raramente ou nunca, representam 82,4%. Os Cursos somam 93,1% dos que fazem frequentemente. A Leitura de livros e revistas representa 94,4% daqueles que fazem uso frequentemente. E dos que fazem uso da Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/CORENs como modalidade de Aprimoramento, 96,5% o fazem, frequentemente (Tabela 4.1b e Gráfico 4.21).

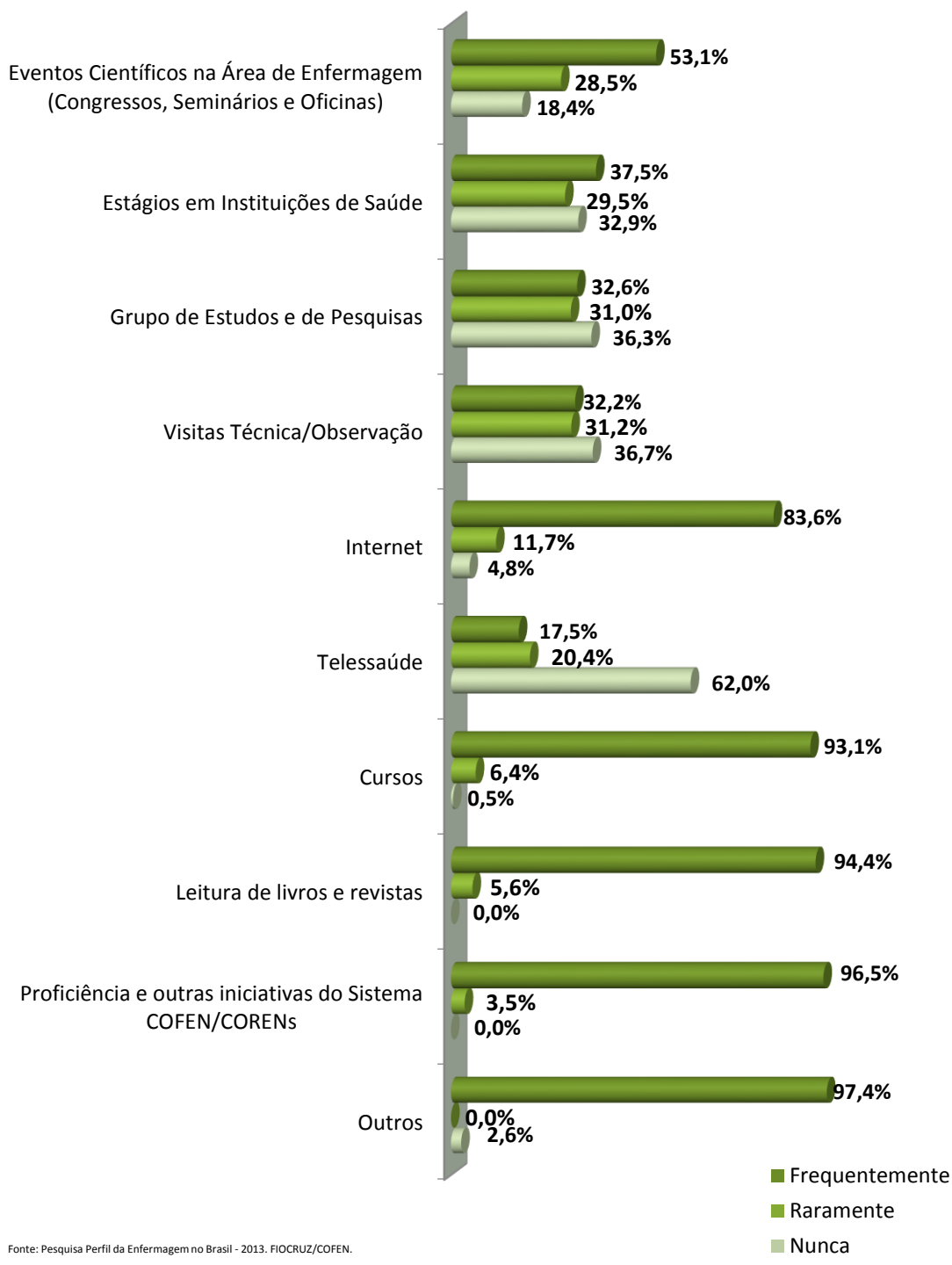
Tabela 4.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional  
Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

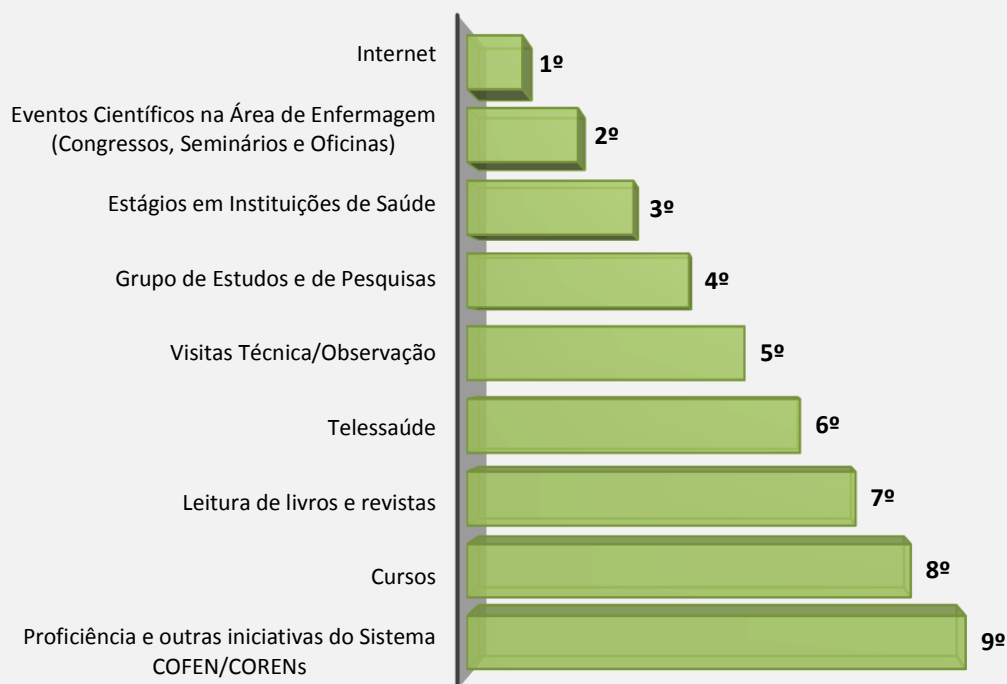
Modalidade	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Eventos Científicos na Área de Enfermagem (Congressos, Seminários e Oficinas)	435.331	53,1	233.508	28,5	150.983	18,4	819.822	100,0
Estágios em Instituições de Saúde	228.554	37,5	179.788	29,5	200.497	32,9	608.839	100,0
Grupo de Estudos e de Pesquisas	184.145	32,6	174.946	31,0	204.975	36,3	564.065	100,0
Visitas Técnica/Observação	174.619	32,2	169.193	31,2	199.258	36,7	543.071	100,0
Internet	752.563	83,6	105.068	11,7	42.981	4,8	900.611	100,0
Telessaúde	83.726	17,5	97.509	20,4	296.194	62,0	477.429	100,0
Cursos	28.149	93,1	1.930	6,4	160	0,5	30.239	100,0
Leitura de livros e revistas	31.324	94,4	1.843	5,6	0	0,0	33.168	100,0
Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/CORENs	2.207	96,5	81	3,5	0	0,0	2.288	100,0
Outros	3.342	97,4	0	0,0	90	2,6	3.432	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.21 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade de Aprimoramento Profissional - Brasil



**Figura 4.5 - Ranking das modalidades de Aprimoramento Profissional que os Auxiliares e Técnicos de Enfermagem mais frequentemente utilizam - Brasil**



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Considerando o universo de auxiliares e técnicos de enfermagem, composto por 1.804.535 indivíduos, se construiu um *ranking* das modalidades mais frequentemente utilizadas para Aprimoramento Profissional (Figura 4.5). Em primeiro lugar, metade do contingente tem na internet a fonte principal de qualificação, fonte esta, em sua maioria, de uso pessoal, em sua casa e sem amparo institucional. Em segundo, surgem os Eventos Científicos na área da enfermagem, eventos estes, muitas vezes inacessíveis por conta dos altos custos. No terceiro lugar do *ranking*, tem-se os Estágios em Instituições de Saúde. Em quarto, estão Grupos de Estudo e de Pesquisa. Em quinto, estão as Visitas Técnicas/Observação. O Telessaúde aparece em sexto, como modalidade de Aprimoramento. Já em sétimo lugar, está a Leitura de livros e revistas, seguidos pelos Cursos, em oitavo. E em nono lugar, estão as iniciativas do Sistema COFEN/CORENS e a Proficiência.

## TIPO DE LEITURA

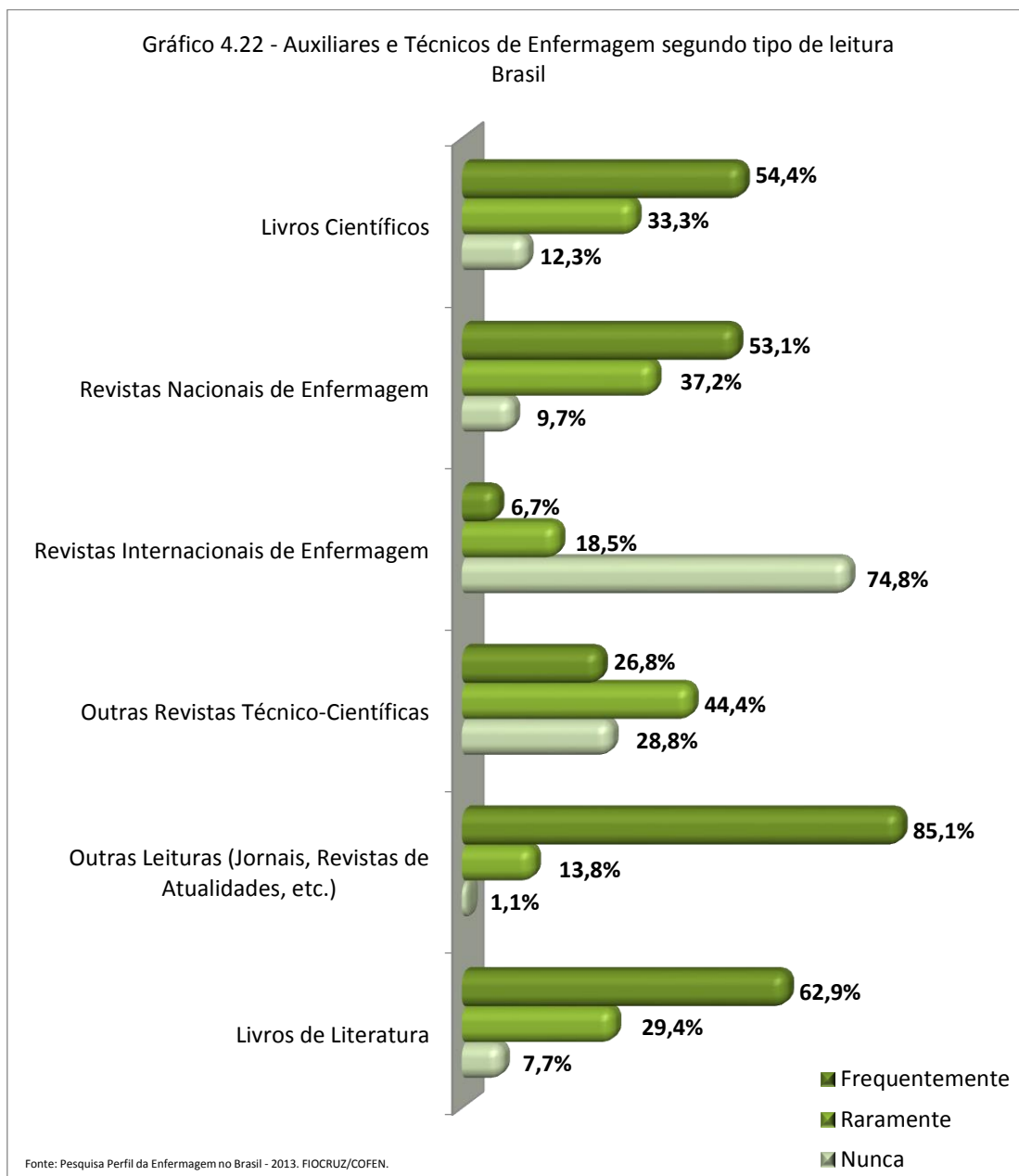
Os tipos de leitura mais frequente entre os auxiliares e técnicos são aqueles que abordam temas do cotidiano social - os jornais, revistas de atualidades etc. (reunidos no item 'Outras Leituras') - que são frequentemente utilizados por mais de 85% desses profissionais e, raramente, por 13,8%. Dentre os outros tipos de leitura, são apontados como frequentes, na ordem: os Livros de Literatura (62,9%); os Livros Científicos (54,4%); as Revistas Nacionais de Enfermagem (53,1%). Outras Revistas Técnico-Científicas são o tipo de leitura mencionada como frequente por 26,8%, enquanto são raramente ou nunca utilizadas por mais de 70%. Já as Revistas Internacionais de Enfermagem são opção de leitura de apenas 6,7% e raramente ou nunca por 93,3% dos auxiliares e técnicos (Tabela 4.2b e Gráfico 4.22).

Tabela 4.2b  
 Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de leitura – Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de leitura	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Livros Científicos	390.252	54,4	239.200	33,3	88.532	12,3	717.984	100,0
Revistas Nacionais de Enfermagem	410.004	53,1	287.218	37,2	75.050	9,7	772.272	100,0
Revistas Internacionais de Enfermagem	32.793	6,7	91.292	18,5	369.012	74,8	493.097	100,0
Outras Revistas Técnico-Científicas	145.948	26,8	242.148	44,4	157.265	28,8	545.362	100,0
Outras Leituras (Jornais, Revistas de Atualidades, etc.)	843.464	85,1	136.415	13,8	11.131	1,1	991.010	100,0
Livros de Literatura	445.536	62,9	207.985	29,4	54.598	7,7	708.119	100,0
Não Lê	46.580	22,3	39.058	18,7	123.448	59,0	209.086	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.22 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de leitura Brasil



## ASSINATURA DE PERIÓDICOS/REVISTAS CIENTÍFICAS

Diferentemente dos enfermeiros, menos de 5% do contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem declaram ter assinatura de algum tipo de periódico/revista científica na área de enfermagem (Tabela 4.3b e Gráfico 4.23). Assim, pode-se inferir que o acesso dessas revistas/periódicos científicos, quando ocorre, provavelmente depende de empréstimo de colegas ou de aquisições feitas pelas instituições a que esses profissionais estão vinculados.

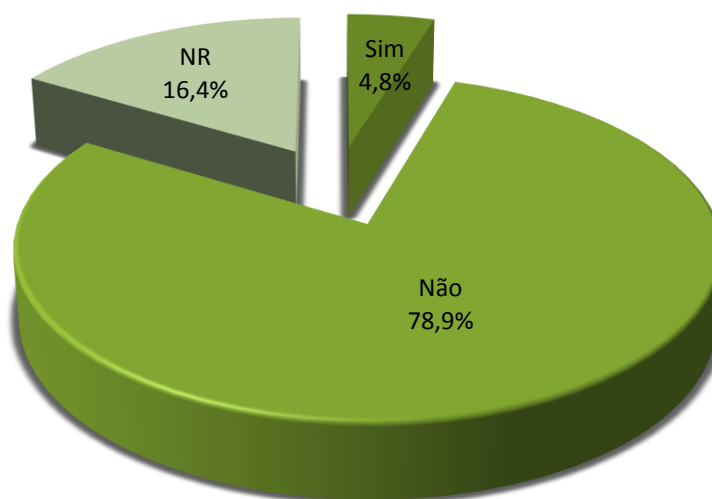
Tabela 4.3b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil

<b>Assinatura</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	66.490	4,8
Não	1.095.937	78,9
NR	227.397	16,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.23 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo assinatura de periódicos/revistas científicas na área de enfermagem - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ACESSO À INTERNET

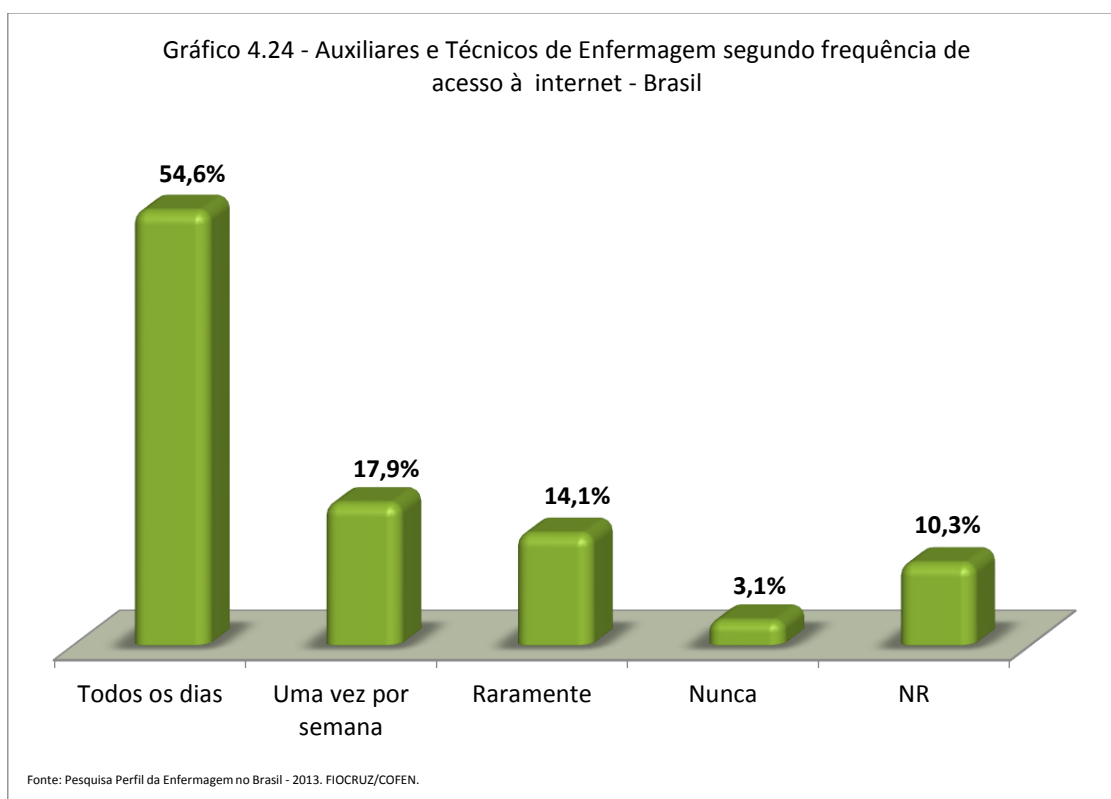
Diferentemente dos enfermeiros, somente 54,6% dos auxiliares e técnicos fazem uso da internet diariamente. Nota-se que 17,9% usam uma vez por semana e 17,2% raramente ou nunca, o que soma mais de 240 mil trabalhadores nesta condição (Tabela 4.4b e Gráfico 4.24).

Tabela 4.4b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência de acesso à internet - Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Todos os dias	759.329	54,6
Uma vez por semana	248.832	17,9
Raramente	195.417	14,1
Nunca	42.889	3,1
NR	143.357	10,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## LOCAL DE ACESSO

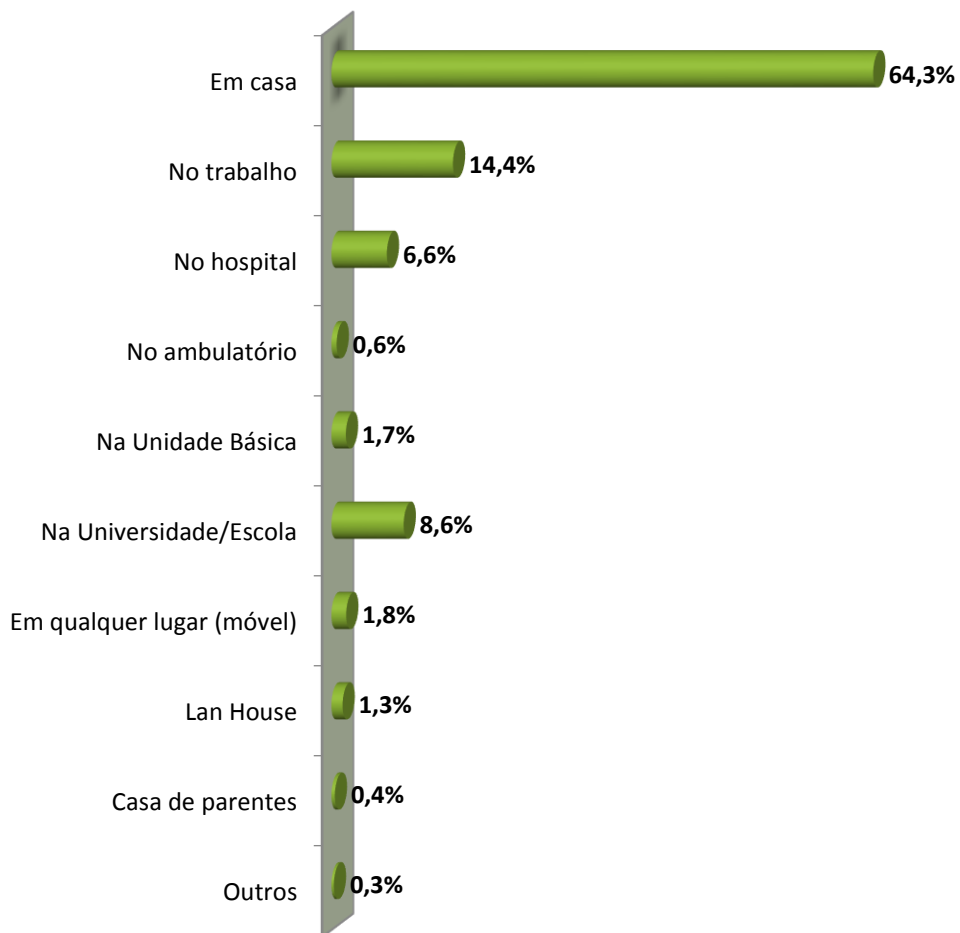
O principal local em que acessam a internet é em casa (64,3%), enquanto apenas 14,4% o fazem no trabalho. As Universidades/Escolas respondem por 8,6% e os Hospitais por 6,6%. Na Assistência, seja em UBS ou ambulatório, o acesso à internet é muito pequeno, alcançando 1,7% e 0,6% desses profissionais, respectivamente. Os que utilizam acesso móvel à internet também são uma minoria (1,8%). Por outro lado, a necessidade de recorrer às 'Lan Houses' é a realidade de 1,3% (Tabela 4.5b e Gráfico 4.25). Estes dados demonstram que, se por um lado os auxiliares e técnicos tem acesso à internet, o fazem por conta própria, sem suporte institucional.

Tabela 4.5b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de acesso à internet – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Local de acesso	V.Abs.	%
Em casa	1.126.728	64,3
No trabalho	252.799	14,4
No hospital	115.337	6,6
No ambulatório	10.903	0,6
Na Unidade Básica	30.119	1,7
Na Universidade/Escola	150.257	8,6
Em qualquer lugar (móvel)	30.753	1,8
Lan House	23.241	1,3
Casa de parentes	7.154	0,4
Outros	5.123	0,3
<b>Total</b>	<b>1.752.414</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.25 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local de acesso à internet - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SITES MAIS ACESSADOS

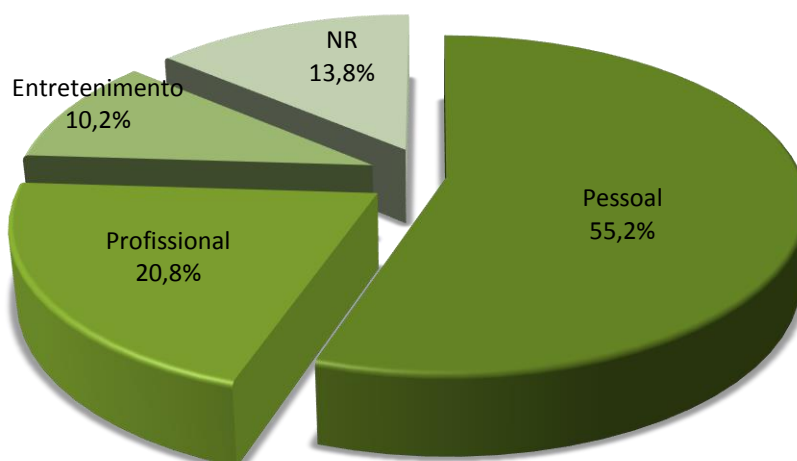
Em termos de utilização da internet como ferramenta de acesso à informação técnico-científica, visando ao Aprimoramento Profissional, pode-se dizer que é pequena, se considerar os índices de acesso. Pouco mais de 1/5 (20,8%) dos auxiliares e técnicos de enfermagem acessa, mais frequentemente, *sites* profissionais. A maioria acessa, prioritariamente, *sites* pessoais (55,2%) e, ainda, cerca de 10% *sites* de entretenimento (Tabela 4.6b e Gráfico 4.26).

Tabela 4.6b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sites mais acessados – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Sites	V.Abs.	%
Pessoal	766.565	55,2
Profissional	289.664	20,8
Entretenimento	141.622	10,2
NR	191.972	13,8
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.26 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sites mais acessados - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

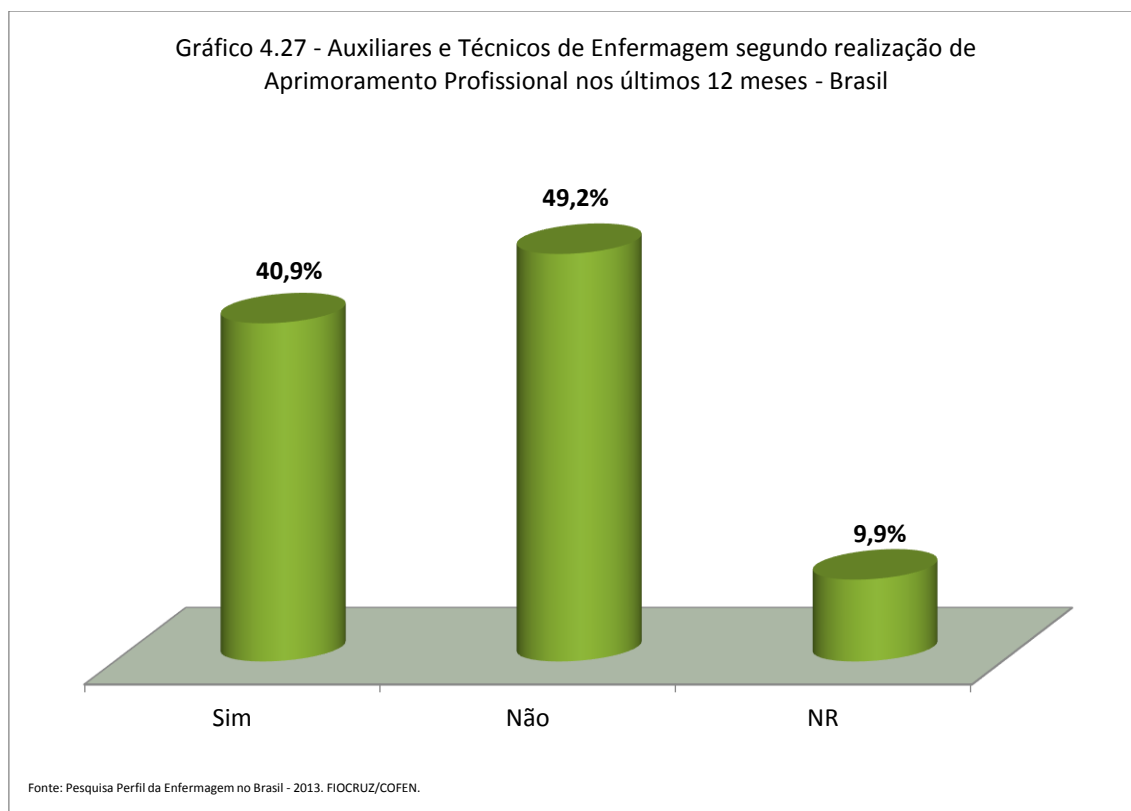
Não se pode afirmar que os auxiliares e técnicos de enfermagem brasileiros se mantêm em constante atualização. A informação é de que apenas 40,9% do contingente realizaram algum tipo de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses (Tabela 4.7b e Gráfico 4.27).

Tabela 4.7b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Aprimoramento</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	567.918	40,9
Não	684.469	49,2
NR	137.436	9,9
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RAZÕES DE NÃO APRIMORAMENTO

Dentre eles, a falta de condições financeiras aparece como a razão mais destacada do não aprimoramento profissional (23,1%), seguidos da falta de tempo/motivação/estímulo (15,9%). A dificuldade em parar de trabalhar foi identificada por 10,7% e por 10,6%, o alto custo da participação em eventos científicos. E por 10,4% a falta de apoio institucional. Também de relevância o fato de 9,9% apontarem a falta de programa de treinamento no trabalho e 9,5%, dificuldades pessoais (Tabela 4.7.1b e Gráfico 4.28).

Essa parece ser a tônica dos motivos, uma vez que se reflete tanto no gasto para participar de eventos científicos, quanto na falta de tempo, motivada pelo excesso de trabalho, duplo vínculo e/ou não liberação da chefia – todos motivos contidos em razões frequentemente apontadas pelos profissionais.

Tabela 4.7.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Razões	V.Abs.	%
Falta de condições financeiras	356.212	23,1
Alto custo da participação em eventos científicos	163.086	10,6
Falta de programa de treinamento no trabalho	152.805	9,9
Falta de tempo/motivação/estímulo	245.565	15,9
Dificuldade de acesso à informação	64.949	4,2
Distância	82.551	5,3
Dificuldades pessoais	146.503	9,5
Dificuldade em parar de trabalhar	164.960	10,7
Falta de apoio institucional	160.076	10,4
Problemas pessoais: desemprego, abandono profissão, aposentadoria etc.	4.977	0,3
Outro	1.680	0,1
<b>Total</b>	<b>1.543.364</b>	<b>100,0</b>

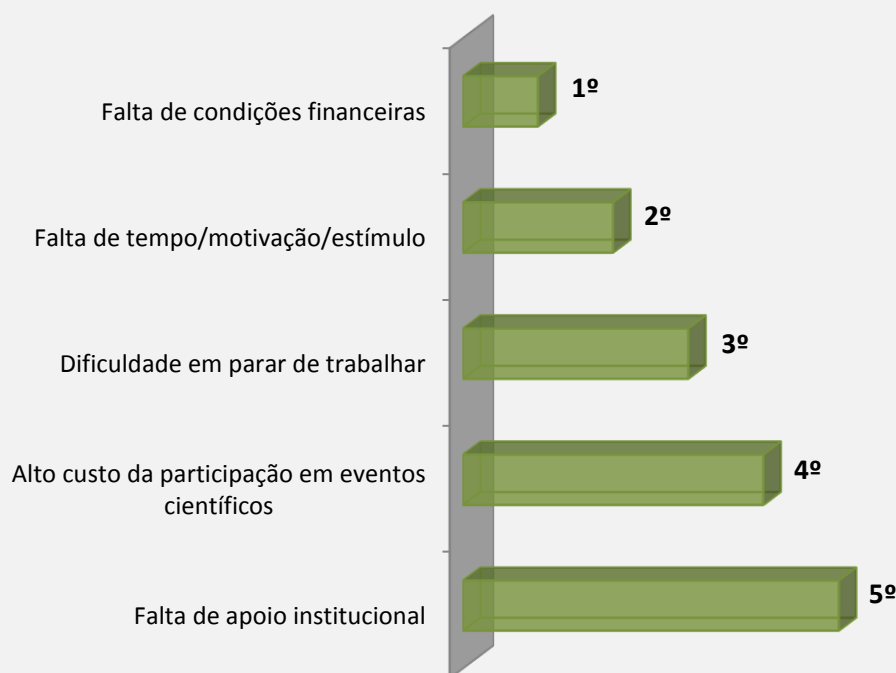
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.28 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo razões de não Aprimoramento Profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

**Figura 4.6 - Ranking das razões de não Aprimoramento Profissional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem - Brasil**



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Ressaltam-se como motivos da não participação dos auxiliares e técnicos de enfermagem aos processos de Aprimoramento Profissional, aqueles vinculados a carga financeira dos altos custos para os profissionais se qualificarem e o baixo estímulo e condições objetivas de trabalho que propiciem o ambiente da qualificação profissional (Figura 4.6). Agrava-se ainda mais a situação em se tratando de um contingente que, como a pesquisa pode detectar, tem rendimentos mensais baixíssimos. Mesmo assim, é possível dizer que o Aprimoramento Profissional continua sendo, equivocadamente, na saúde, responsabilidade pessoal de cada profissional.

## DESEJO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

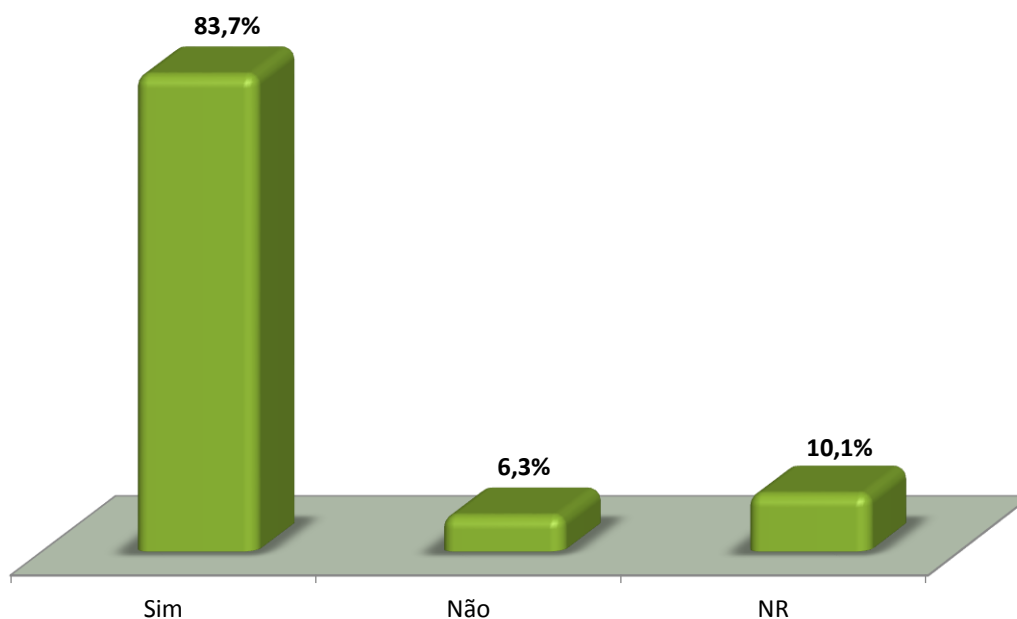
Mesmo não tendo acesso, paradoxalmente, a maioria absoluta (83,7%) declara desejo de fazer qualificação profissional (Tabela 4.8b e Gráfico 4.29).

Tabela 4.8b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil

Desejo de qualificação	V.Abs.	%
Sim	1.162.664	83,7
Não	86.929	6,3
NR	140.229	10,1
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 4.29 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de fazer qualificação profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MODALIDADE DE QUALIFICAÇÃO DESEJADA

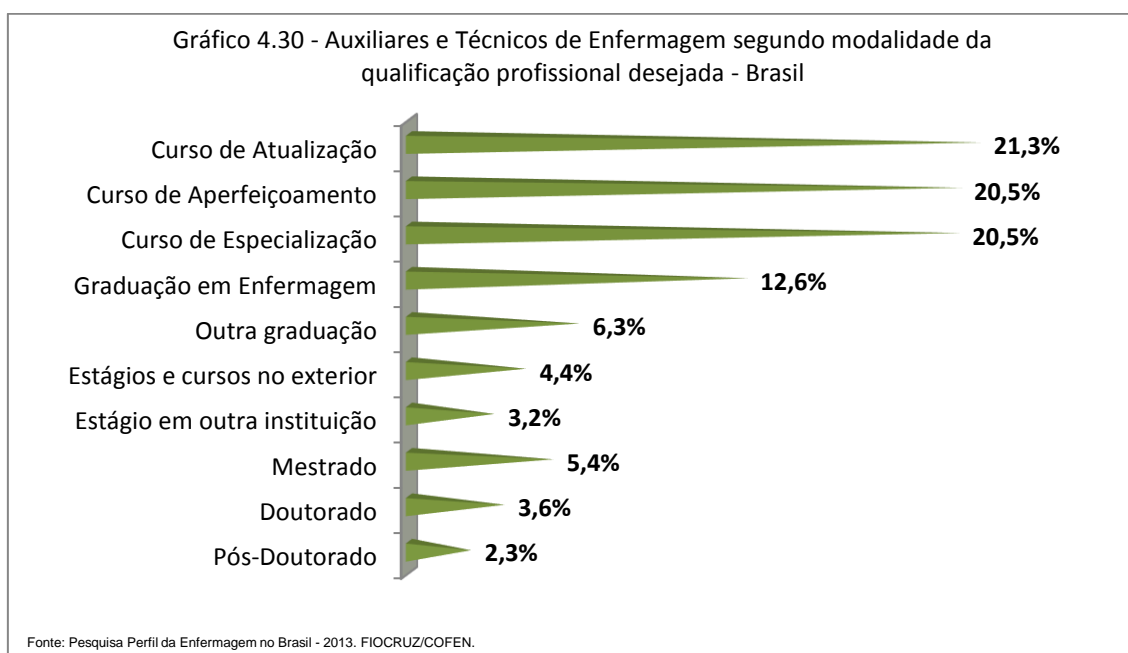
Os auxiliares e técnicos expressaram o desejo de se qualificarem: a) Curso de Atualização (21,3%); b) Aperfeiçoamento (20,5%); Especialização (20,5%). Destaca-se que 12,6% desejam fazer Graduação em Enfermagem. Por outro lado, sendo um contingente de nível médio, chama a atenção que 5,4% querem fazer Mestrado, quase 4% Doutorado e 2,3% Pós-Doutorado (Tabela 4.8.1b e Gráfico 4.30).

Tabela 4.8.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da qualificação profissional desejada  
Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Curso de Atualização	584.155	21,3
Curso de Aperfeiçoamento	563.784	20,5
Curso de Especialização	562.174	20,5
Graduação em Enfermagem	345.342	12,6
Outra graduação	173.935	6,3
Estágios e cursos no exterior	119.432	4,4
Estágio em outra instituição	87.026	3,2
Mestrado	147.195	5,4
Doutorado	97.420	3,6
Pós-Doutorado	63.337	2,3
<b>Total</b>	<b>2.743.801</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



PARTE VI

---

PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO



## EQUIPE DE ENFERMAGEM



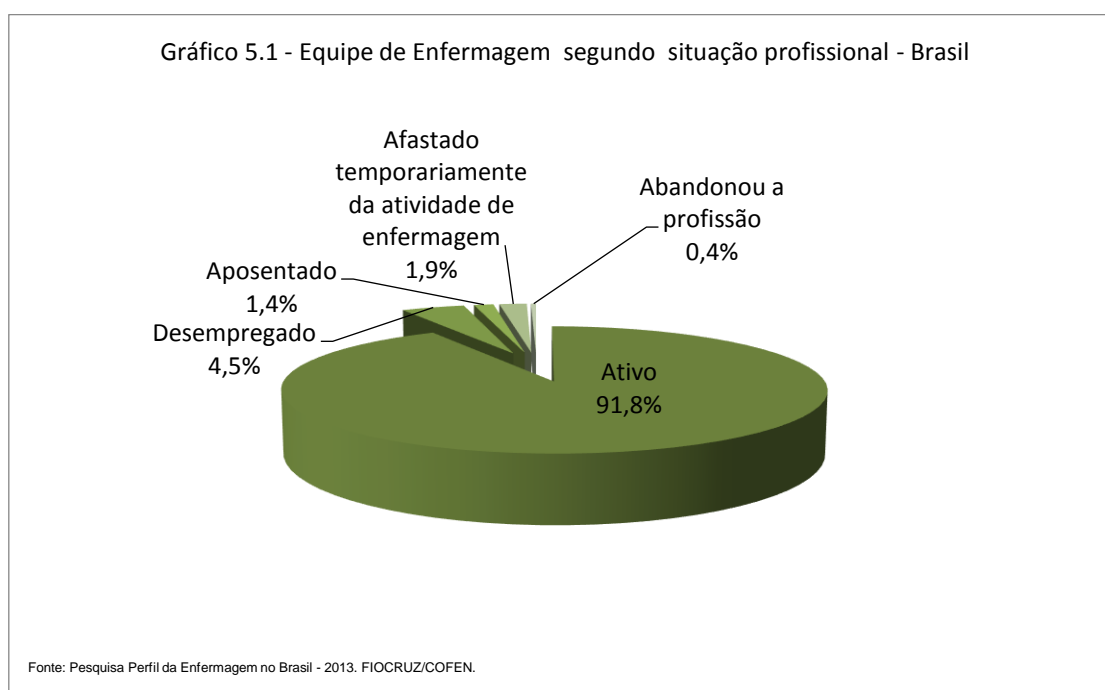
## SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A condição da equipe de enfermagem brasileira frente ao mercado de trabalho, reflete uma categoria profissional ativa economicamente falando, o que representa 91,8% do total de trabalhadores. No entanto, esse contingente dá sinais de problemas de empregabilidade plena, quando registra quase 5% de desemprego aberto e 1,9% que declaram afastamento temporário da atividade profissional, o que corresponde a mais de 100 mil trabalhadores. Relevante registrar também que mais de 6 mil destes, ou seja, 0,4%, abandonaram, definitivamente, a profissão (Tabela 5.1 e Gráfico 5.1).

Tabela 5.1  
Equipe de Enfermagem segundo situação profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Situação profissional	V.Abs.	%
Ativo	1.650.455	91,8
Desempregado	80.631	4,5
Aposentado	24.931	1,4
Afastado temporariamente da atividade de enfermagem	35.023	1,9
Abandonou a profissão	6.521	0,4
<b>Total</b>	<b>1.797.562</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TEMPO DE TRABALHO

Considerando o tempo de trabalho da equipe de enfermagem, tem-se uma conformação bastante demarcada. Somando 80,6% estão os que atuam entre 2-10 anos (46,3%) e 11-30 anos (34,3%). Nos polos extremos, estão aqueles com menos de 2 anos no mercado de trabalho, com 6,9%. Da mesma forma, poucos são os que se encontram na faixa extrema, ou seja, com mais de 31 anos de trabalho, o que representa um total de 3,1% (Tabela 5.2 e Gráfico 5.2).

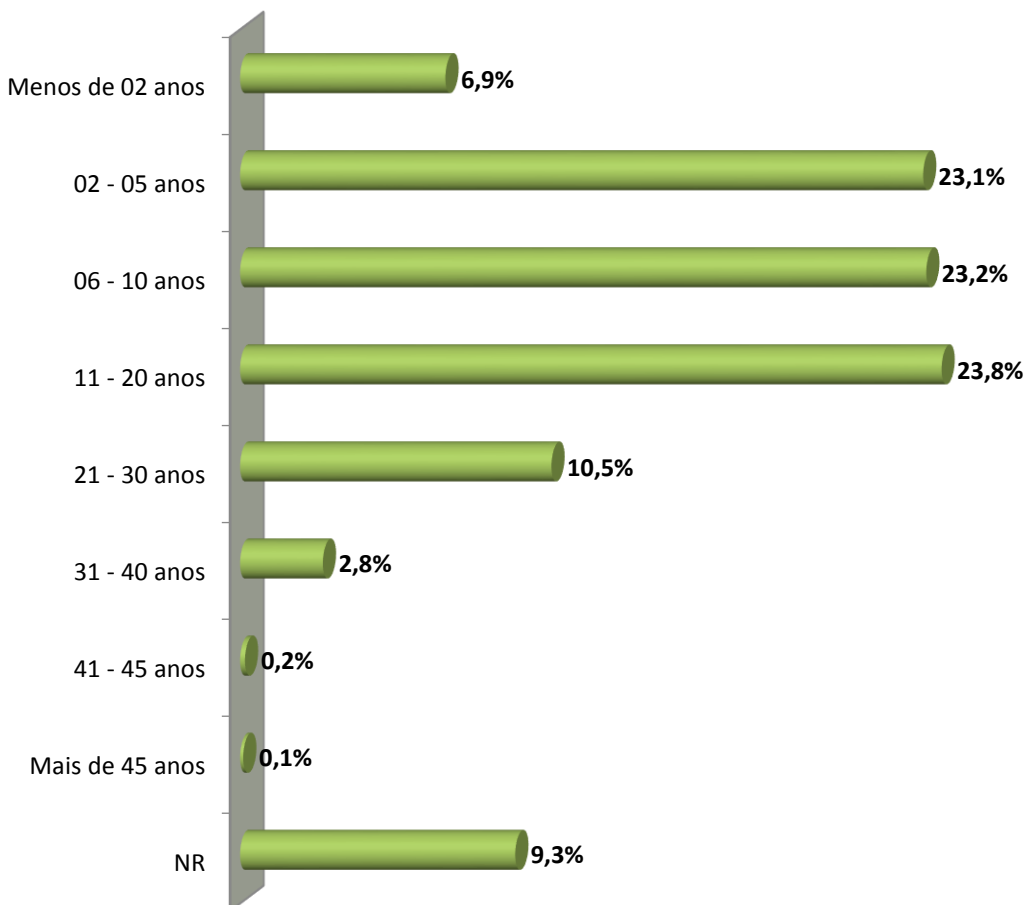
Tabela 5.2

Equipe de Enfermagem segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

<b>Tempo de trabalho</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 02 anos	125.379	6,9
02 - 05 anos	417.467	23,1
06 - 10 anos	419.376	23,2
11 - 20 anos	428.787	23,8
21 - 30 anos	190.147	10,5
31 - 40 anos	50.517	2,8
41 - 45 anos	2.951	0,2
Mais de 45 anos	1.882	0,1
NR	168.028	9,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.2 - Equipe de Enfermagem segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

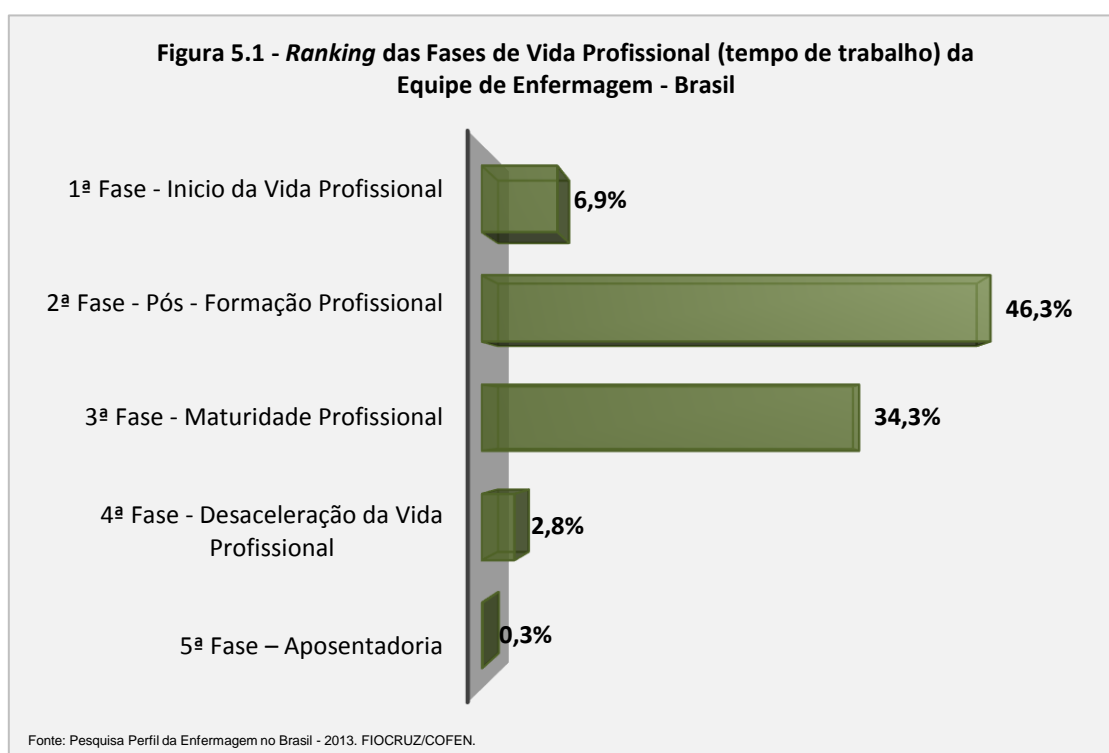


Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Utilizando da mesma classificação de “Fases da vida profissional”, construída e analisada no primeiro bloco, “Perfil sócio econômico” (Figura 5.1), a conformação do mercado de trabalho se estrutura a partir destas fases, uma vez que a vida profissional é de fato definida e constituída a partir de sua inserção na estrutura produtiva dos serviços de saúde, seja como assalariado ou como autônomo prestando serviços de enfermagem, tão logo esteja concluída sua formação. <sup>14</sup>

A análise que se segue levará em consideração esta classificação e obedecerá, aproximadamente, as mesmas faixas etárias.



Tomando os dados da Tabela 5.2 e do Gráfico 5.2 e utilizando a Figura 5.1, permite ver que na 1ª Fase - denominada de “**Início da vida profissional**”, estão 6,9% da equipe de enfermagem, constituindo aquela fase de início da vida profissional, ou seja, são aqueles com menos de 2 anos de formado, somando mais de 125 mil trabalhadores.

<sup>14</sup> Para mais críticas, ver a Figura das “Fases da vida profissional” no bloco 1, contido neste Relatório Final da Pesquisa: Perfil da Enfermagem no Brasil.

Já na 2ª Fase - “**Pós-Formação profissional**”, concentram-se 46,3%, ou seja, o maior contingente. Como dito anteriormente, no bloco 1 - Perfil sócio econômico, nesta fase encontram-se os que estão buscando se qualificar, se preparar tecnicamente para enfrentar a competição inerente do mercado de trabalho. São aqueles há 2-10 anos inseridos no trabalho, representando quase metade do contingente, ou seja, mais de 800 mil.

Na 3ª Fase - denominada de “**Maturidade Profissional**”, encontram-se o contingente que já adquiriu capacitação e/ou formação, capaz de permitir realizar as escolhas profissionais no âmbito do mercado de trabalho. Estão contidos na fase, aproximadamente 600 mil profissionais, o que representa 34,3% de toda a equipe.

Na 4ª Fase - “**Desaceleração da vida profissional**” é possível perceber o claro movimento de redução das atividades e até mesmo, precocemente, a aposentadoria. Não foram poucos os casos relatados na pesquisa nos quais ele se recusava a participar da mesma alegando estar em processo de aposentadoria não se sentindo motivado e interessado em participar da pesquisa. Encontram-se nesta fase 2,8% da equipe de enfermagem, representando pouco mais de 50 mil profissionais.

E na 5ª Fase - “**Aposentadoria**”, está, naturalmente, o menor contingente, representando apenas 0,3%, ou seja, em torno de 5 mil profissionais. Vale, novamente, uma explicação metodológica. O fato de ser uma pesquisa que abrange não só aqueles que estão na vida produtiva, mas como os que se encontram desempregados ou mesmo aposentados, ocorreu de fato uma perda substantiva que se recusaram a participar da pesquisa, prejudicando um pouco a análise nestas duas últimas fases. Aqui está se falando de mais de 168 mil profissionais que se recusaram a responder este quesito - tempo de trabalho, ou seja, 9,3% do total. Pelos relatos de campo é possível detectar que boa parte destas recusas (NR) se referem aqueles que estão nas fases 4 e 5 e os estão desempregados.

## DESEMPREGO

Outro dado que reforça esse problema de empregabilidade da categoria de enfermagem, é o fato que 10,1% responderam ter experimentado a condição de ‘desemprego’ nestes últimos 12 meses, ou seja, mais de 182 mil profissionais (Tabela 5.3 e Gráfico 5.3). Para efeito da pesquisa doravante se utilizará a definição do IBGE, quanto a **desemprego aberto** sendo as situações em que o profissional procurou trabalho nos últimos 30 dias e continua não exercendo nenhum tipo de atividade nos últimos dias. Já **desemprego oculto** pelo trabalho precário é aquela situação em o profissional, para sobreviver, exerce algum trabalho, de auto ocupação, de forma descontínua e irregular. E **desemprego oculto pelo desalento** refere-se aquele que não possui trabalho e nem procurou 30 dias, por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses. Na pesquisa, estes três conceitos serão usados quando necessário, considerando as várias situações que são percebidas quando dos depoimentos e respostas dos enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem.

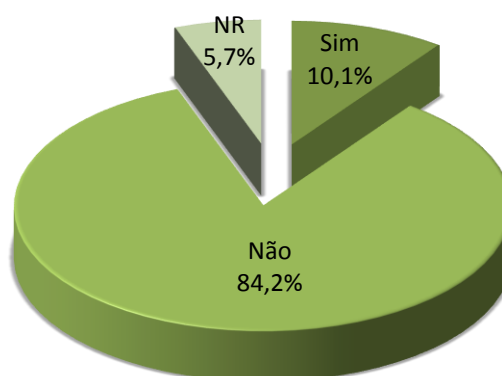
Tabela 5.3

Equipe de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Desemprego</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	182.548	10,1
Não	1.519.893	84,2
NR	102.094	5,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.3 - Equipe de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

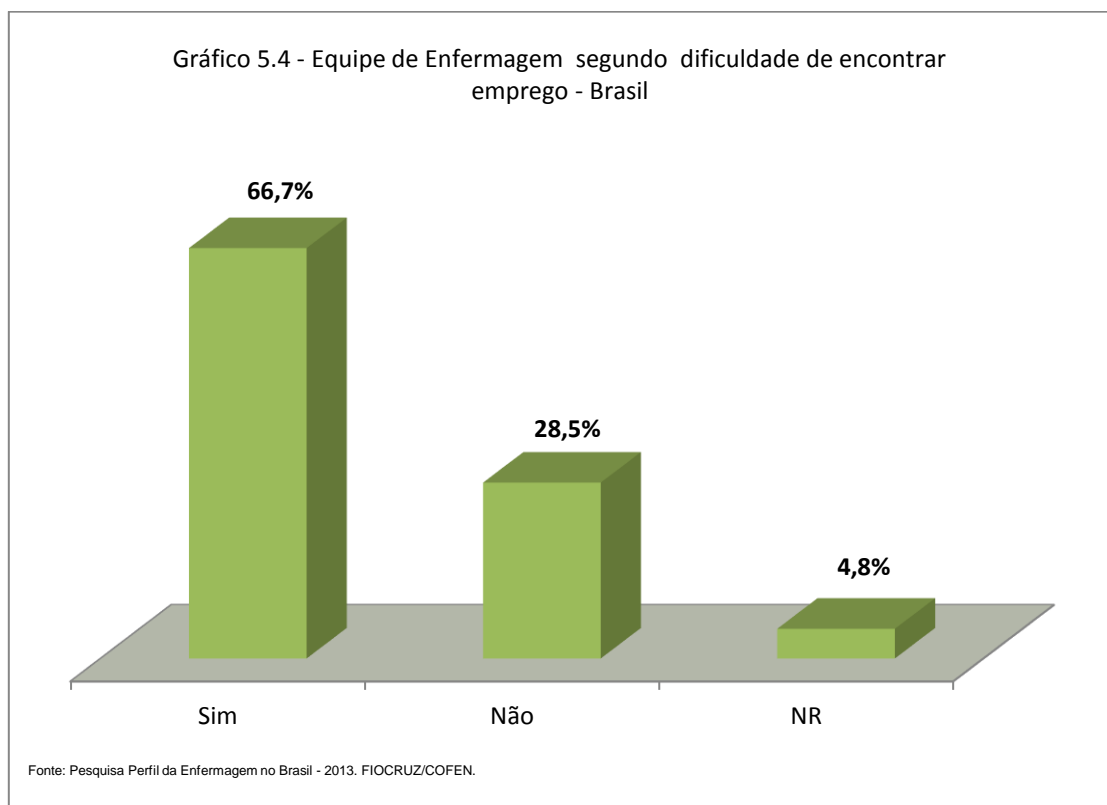
## DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO

Dos mais de 182 mil profissionais que declararam ter ficado desempregado recentemente, 66,7% afirmam ter tido dificuldade de encontrar emprego na área, como podem ser observados na Tabela 5.3.1 e no Gráfico 5.4.

Tabela 5.3.1  
Equipe de Enfermagem segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil

Dificuldade	V.Abs.	%
Sim	121.697	66,7
Não	52.068	28,5
NR	8.783	4,8
<b>Total</b>	<b>182.548</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MOTIVOS DA DIFICULDADE

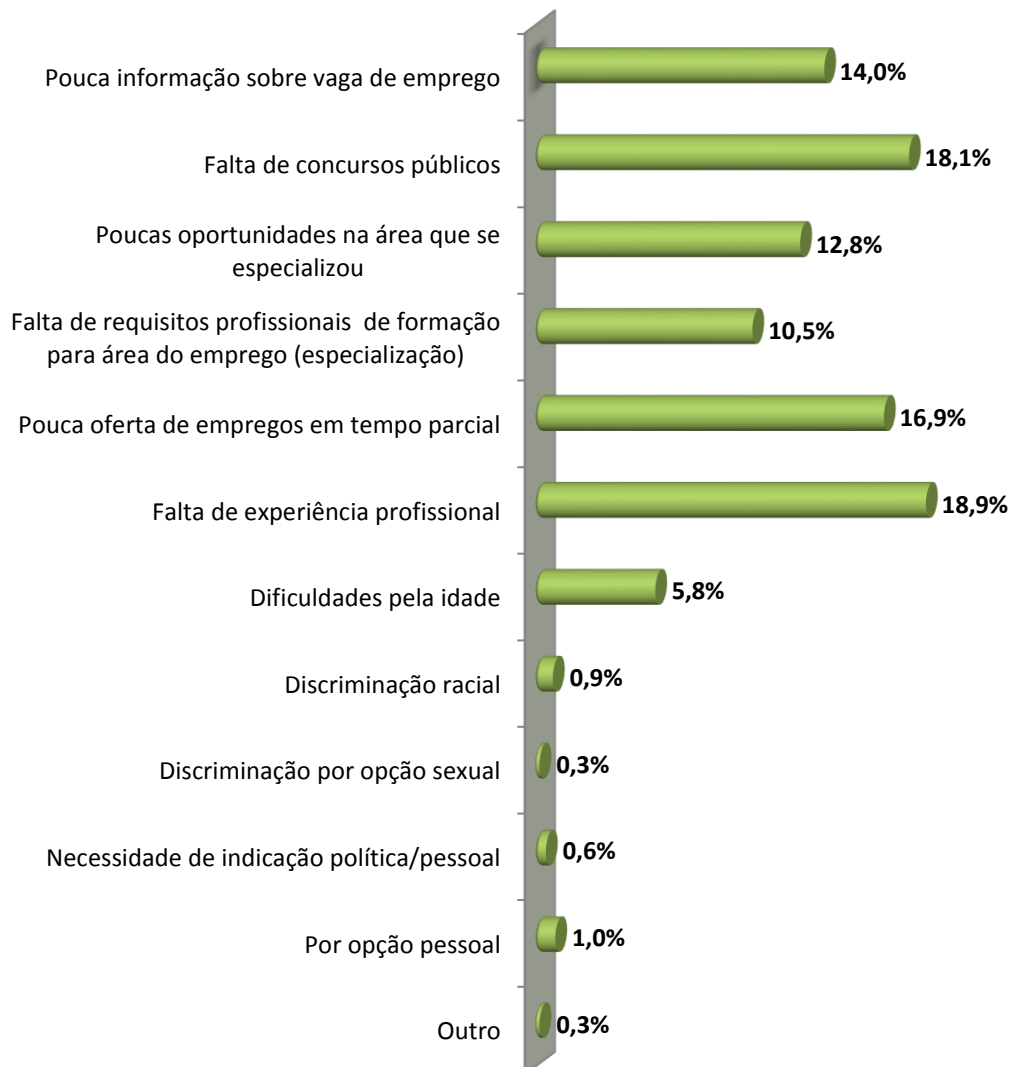
Dos motivos alegados pela equipe das dificuldades de encontrar emprego ressaltam-se: 18,9% referem-se à falta de experiência profissional; 18,1% apontam para a falta de concursos públicos; 16,9% a pouca oferta de empregos em tempo parcial. Chama atenção que 5,8% relatam ter tido dificuldades pela idade. E de forma residual, sugerem a discriminação racial (0,9%) e a por opção sexual (0,3%) como obstáculo de obtenção de emprego. No que tange as dificuldades referentes à formação chama atenção que 12,8% indicam as poucas oportunidades na área que se especializou e 10,5%, ao contrário, a falta de requisitos profissionais de formação para área do emprego, ou seja, ausência de especialização. A pouca informação sobre vagas de empregos, ou outras palavras, falta de acesso à informação representa 14,0% (Tabela 5.3.2 e Gráfico 5.5).

Tabela 5.3.2  
Equipe de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Motivos</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Pouca informação sobre vaga de emprego	43.567	14,0
Falta de concursos públicos	56.365	18,1
Poucas oportunidades na área que se especializou	39.957	12,8
Falta de requisitos profissionais de formação para área do emprego (especialização)	32.778	10,5
Pouca oferta de empregos em tempo parcial	52.578	16,9
Falta de experiência profissional	58.922	18,9
Dificuldades pela idade	18.209	5,8
Discriminação racial	2.847	0,9
Discriminação por opção sexual	844	0,3
Necessidade de indicação política/pessoal	1.803	0,6
Por opção pessoal	3.211	1,0
Outro	850	0,3
<b>Total</b>	<b>311.931</b>	<b>100,0</b>

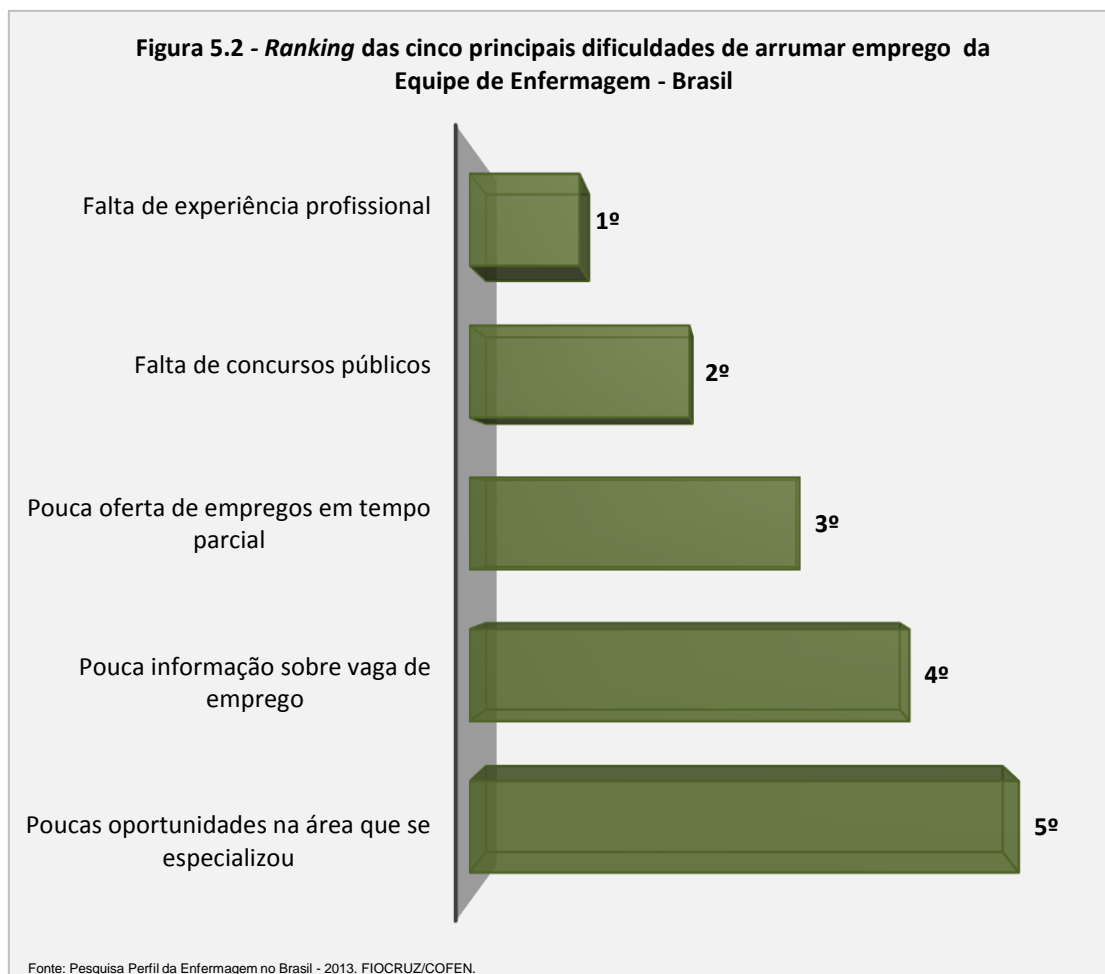
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.5 - Equipe de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

No *ranking* das cinco principais dificuldades de arrumar emprego (Figura 5.2), destacam-se: 1) Falta de experiência profissional; 2) Falta de concursos públicos; 3) Pouca oferta de empregos em tempo parcial; 4) Pouca informação sobre vaga de emprego; e 5) Poucas oportunidades na área que se especializou.



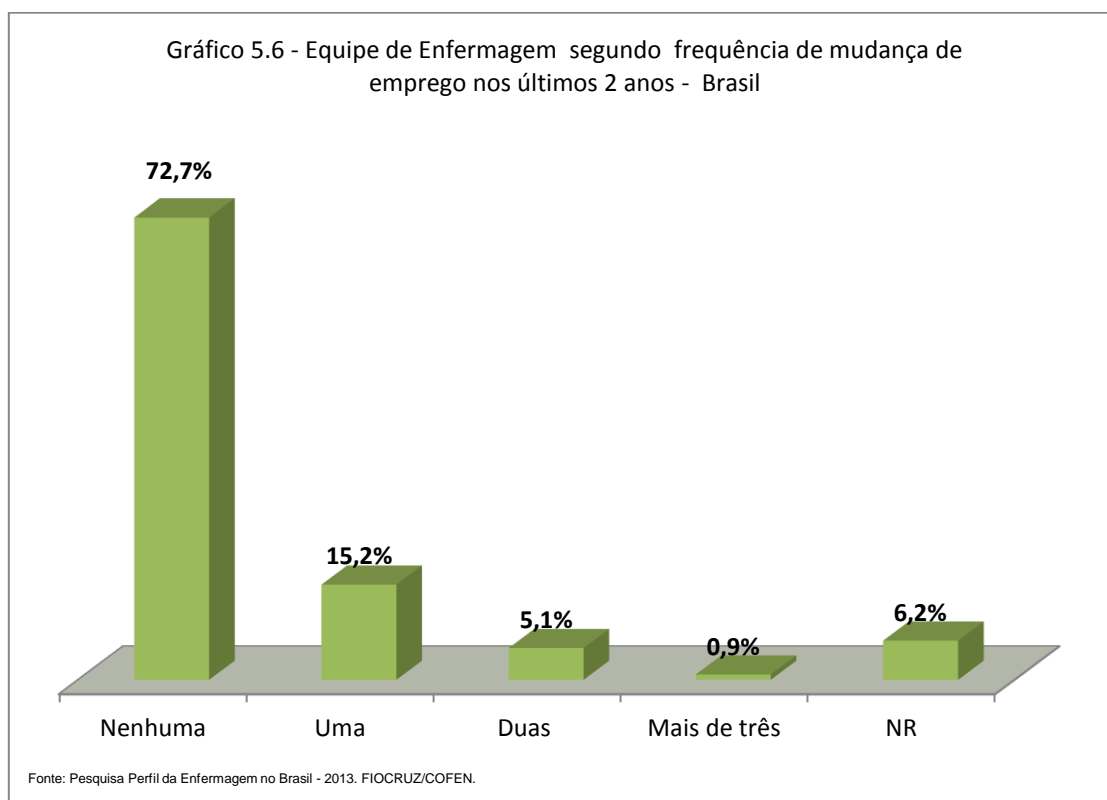
## FREQUÊNCIA DA MUDANÇA DE EMPREGO

A grande maioria (72,7%) não experimentou mudança de empregos nos últimos dois anos. Mesmo assim, importante registrar que 21,2% experimentaram mudanças, o que representa mais de 380 mil profissionais (Tabela 5.4 e Gráfico 5.6).

Tabela 5.4  
Equipe de Enfermagem segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos  
Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Nenhuma	1.311.479	72,7
Uma	273.826	15,2
Duas	91.250	5,1
Mais de três	15.370	0,9
NR	112.609	6,2
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## MOTIVOS DA MUDANÇA DE EMPREGO

Este contingente de mais de 380 mil profissionais, que mudou de emprego nos últimos dois anos, declara diversos motivos que merecem destaque. O primeiro motivo é a insatisfação salarial com 20,3%; o segundo, com 12,7% é a insatisfação com as condições de trabalho; em terceiro lugar, destaca-se a necessidade de conciliar dois ou mais empregos, ou seja, o multiemprego, com 10,4%. Já com 9,9% aparece a necessidade de conciliar trabalho e estudo com 9,1%, insatisfação com o vínculo empregatício. Provavelmente, encontram-se aqui aqueles profissionais que estão buscando nova formação, dentro da própria enfermagem ou fora dela, conforme já mencionado no bloco 1. A demissão representa 7,5% dos motivos de mudança de emprego. Vale destacar que se somado: insatisfação salarial + insatisfação com vínculo empregatício + insatisfação com as condições de trabalho + insatisfação com colegas de trabalho + insatisfação com a chefia, o percentual atinge 50,5%, o que significa dizer que a insatisfação representa a metade dos motivos de mudanças de emprego (Tabela 5.4.1 e Gráfico 5.7).

Tabela 5.4.1  
Equipe de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Motivos	V.Abs.	%
Necessidade de conciliar trabalho e estudo	66.383	9,9
Problemas familiares	18.244	2,7
Necessidade de conciliar dois ou mais empregos	69.838	10,4
Insatisfação salarial	136.069	20,3
Insatisfação com vínculo empregatício	60.833	9,1
Insatisfação com as condições de trabalho	85.530	12,7
Insatisfação com os colegas de trabalho	16.204	2,4
Insatisfação com a chefia	40.498	6,0
Dificuldades com a escala de serviço	34.852	5,2
Problemas de saúde	9.213	1,4
Mudança de cidade	30.303	4,5
Demissão	50.531	7,5
Concurso Público	23.679	3,5
Problemas políticos	1.046	0,2
Mudança de categoria profissional após formação	11.485	1,7
Problemas com distância do trabalho	2.767	0,4
Prestava serviço particular e o paciente morreu ou teve alta	1.110	0,2
Melhor oportunidade	8.601	1,3
Outro	3.993	0,6
<b>Total</b>	<b>671.179</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.7 - Equipe de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## NÚMERO DE ATIVIDADES

A equipe de enfermagem brasileira, em sua maioria, declara ter apenas um emprego (63,7%); com 25,1% estão aqueles que têm dois empregos. Esse dado alerta para uma problemática apontada por eles ao longo da pesquisa, ou seja, da concentração das oportunidades de emprego nas mãos de poucos. Por outro lado, é possível que essa informação não esteja retratando fidedignamente a realidade, uma vez que não declaram de fato quantos empregos/trabalhos tem (Tabela 5.5).

Tabela 5.5

Equipe de Enfermagem segundo número de atividades na enfermagem - Brasil

<b>Número de atividades</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
1 atividade	1.149.430	63,7
2 atividades	452.276	25,1
3 atividades	32.515	1,8
4 atividades	5.694	0,3
5 atividades	2.563	0,1
Mais de 5 atividades	7.113	0,4
NR	154.943	8,6
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TRABALHO EM OUTRO MUNICÍPIO

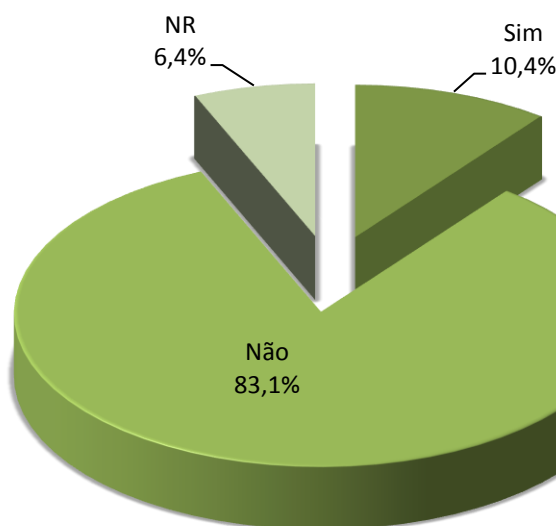
A maioria absoluta (83,1%) da equipe de enfermagem não atua em outro município. Apenas 10,4% afirmam trabalhar em outro município além daquele que reside (Tabela 5.6 e Gráfico 5.8).

Tabela 5.6  
Equipe de Enfermagem segundo atuação em outro município - Brasil

Outro município	V.Abs.	%
Sim	188.093	10,4
Não	1.500.180	83,1
NR	116.262	6,4
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.8 - Equipe de Enfermagem segundo atuação em outro município  
Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

Neste quesito, a pesquisa buscou conhecer a jornada de trabalho da equipe, por meio da somatória de todas as horas trabalhadas, semanalmente. Sendo assim, observa-se 34,7% com jornada de 31 - 40 horas. No entanto, 1/4 da FT de enfermagem trabalha entre 41 - 60 horas. Se somado 61 - 80 horas e mais de 80 horas, este percentual atinge 13,9%. Do total da equipe de enfermagem, registra-se 71,9% que têm jornadas de até 60 horas semanais. Acima de 41 horas tem-se 38,6% (Tabela 5.7 e Gráfico 5.9).

Neste momento, se faz necessário conceituar três conceitos, que doravante serão muito utilizados neste bloco de análise sobre o Perfil do Mercado de Trabalho. O primeiro conceito diz respeito a “**subjornada de trabalho**”, entendida aqui como a soma de horas trabalhadas pelos enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem em suas atividades profissionais que é igual ou inferior a 20 horas semanais. Vale mencionar que as jornadas comumente adotadas no mercado de trabalho da enfermagem são superiores, ou seja, 30 horas, 40 horas, 44 horas, ou em sistema de plantão, dentro dos padrões estabelecidos. Desta forma, a pesquisa adotará o conceito de **subjornada** sempre que a soma das horas trabalhadas semanais for igual ou inferior a 20 horas. Outro conceito que é o de **subsalário**, referindo-se a situações em que o profissional, seja, enfermeiro, técnico ou auxiliar percebe renda mensal igual ou inferior a 1.000 reais. Entende-se que os valores salariais mínimos a serem pagos a estes profissionais não pode ser pouco mais da metade daquele preconizado no Projeto de Lei em tramitação no qual o auxiliar de enfermagem deverá ter de salário base 1.860,00 (menor salário da equipe). Desta forma, a pesquisa adotará o conceito de **subsalário** sempre que a soma do rendimento mensal for igual ou inferior a 1.000 reais.

Consequência destes dois conceitos, **subjornada e subsalário**, é possível propor a noção de **subemprego** entendendo que seja aquela situação em o profissional, seja ele enfermeiro, técnico ou auxiliar de enfermagem trabalham sem regularidade ou que trabalham umas poucas horas por semana (subjornadas) ou ainda aquele que trabalha e recebe valores salariais muito aquém (subsalário) do que é devido pelas suas funções estabelecidas pelo mercado de trabalho.

Desta forma, motivo de alerta é o fato de ter sido detectado em torno de 59 mil profissionais (3,3%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, trabalhando igual ou menos de 20 horas semanais, considerando, como dito acima, todas as suas

atividades no âmbito da enfermagem. É possível detectar mais de 31 mil que declaram ter jornadas semanais que somam menos de 10 horas, ou seja, 1,8% do total do contingente. Essa “subjornada” encontrada na pesquisa pode ser associada a situação de atividade “bico”, no qual o profissional trabalha, quando há oportunidade, na modalidade por hora trabalhada, seja na assistência ou em outras áreas da enfermagem. Neste sentido, não se configura em um emprego formal. Associa-se a isso, o fato da categoria de enfermagem ter pouca tradição em atuar como profissional liberal (autônomo) e muito mais, como assalariado. Pode-se dizer que, dada a natureza da atividade, a Enfermagem é uma profissão de trabalho institucionalizado, com inserção forte nas estruturas formais de emprego, seja, público, privado ou filantrópico. O que reforça a ideia de que a empregabilidade é uma questão central para essa categoria. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego**, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

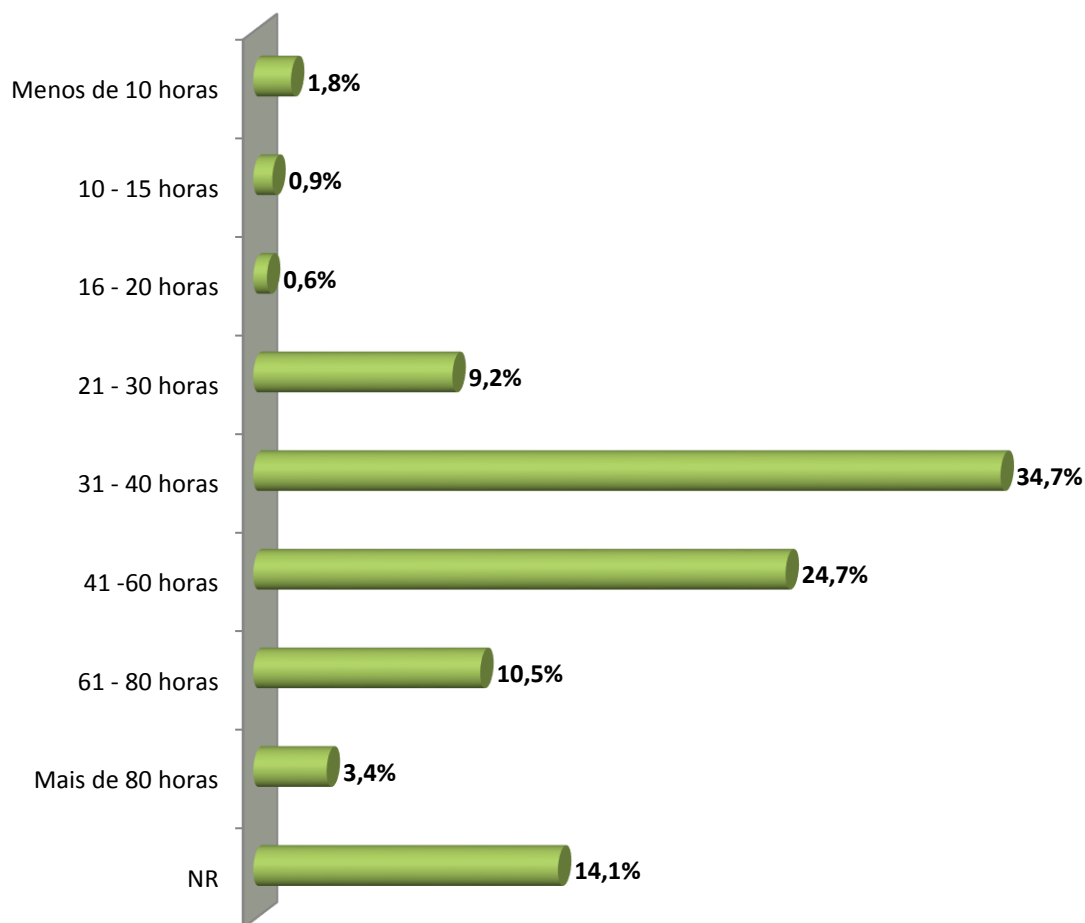
Tabela 5.7

Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	31.593	1,8
10 - 15 horas	15.934	0,9
16 - 20 horas	11.421	0,6
21 - 30 horas	166.828	9,2
31 - 40 horas	625.903	34,7
41 - 60 horas	445.982	24,7
61 - 80 horas	190.141	10,5
Mais de 80 horas	61.464	3,4
NR	255.269	14,1
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.9 - Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

Quando analisado a natureza da instituição onde o profissional atua, registra-se que 22,3% atuam em instituições privadas; 20,8% em públicas estaduais; 18,6% no municipal; 11,2% no filantrópico e 7,1% no federal. Atuam na Estratégia Saúde da Família – ESF 2,6%, o que equivale a 64 mil da equipe. As três esferas de governo (federal, estadual e municipal) somam 46,5%. Se somados os valores de OSCIP + OS + Fundação privada + Fundação pública de direito privado, este percentual atinge 5,5%. Já as Cooperativas representam 2,6% e a atividade de enfermagem no domicílio, 2%. As instituições de ensino e pesquisa somam 3,7%. As atividades que agregam serviços autônomos dos profissionais da enfermagem, tais como *Homecare*, consultório particular e autônomo, representam apenas 4%. O voluntariado é diminuto, com 0,1% e quase sempre realizado nas instituições filantrópicas (Tabela 5.8). Registra-se um contingente de pouco mais de 1.700 profissionais (0,1%) que declaram trabalhar no Sistema COFEN/COREN.

Tabela 5.8  
Equipe de Enfermagem segundo natureza da instituição – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Natureza</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Público Federal	171.692	7,1
Público Estadual	503.986	20,8
Público Municipal	449.987	18,6
Privado	539.871	22,3
Filantrópico	270.803	11,2
Fundação privada	41.542	1,7
Fundação pública de direito privado	40.484	1,7
OSCIP	1.625	0,1
OS	48.609	2,0
Instituição de ensino/Pesquisa	90.206	3,7
Empresa de Assistência de Enfermagem	9.780	0,4
Cooperativa	63.211	2,6
Estratégia de Saúde da Família - ESF	64.089	2,6
Autônomo (conta própria)	38.853	1,6
Empresa de Medicina de Grupo	2.025	0,1
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	9.541	0,4
Enfermagem no domicílio - <i>Homecare</i>	47.278	2,0
Consultório Particular	10.209	0,4
Voluntário	1.424	0,1
Autarquia Federal (Sistema Cofen/Corens)	1.773	0,1
Pós-Graduandos e bolsistas diversos	3.543	0,1
Outro	9.891	0,4
<b>Total</b>	<b>2.420.422</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## SETOR PÚBLICO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR PÚBLICO

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil apresenta um retrato da realidade deste setor. Na enfermagem, isso significa mais de 1 milhão de profissionais atuando, ou seja, 58,9% do total da equipe (Tabela 5.9 e Gráfico 5.10).

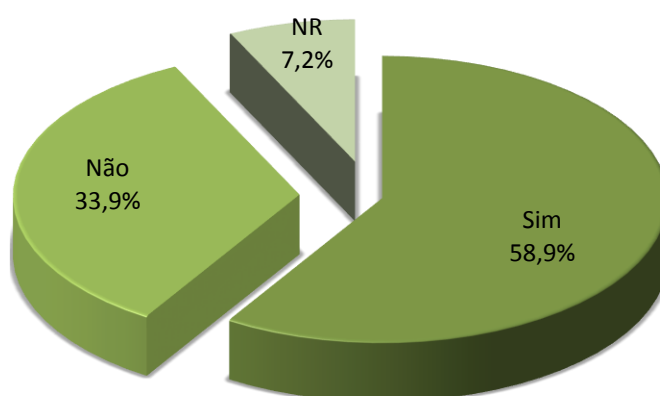
Dadas às características do processo de trabalho, o setor público tomou um significado particular e diferenciado dos demais setores, que envolvem a produção de bens e serviços. Mesmo sendo o trabalho de enfermagem, principalmente, dentro do hospital, desgastante e exaustivo, é no setor público que a enfermagem concentra as suas atividades como será discutido mais adiante na análise que segue.

Tabela 5.9  
Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor público - Brasil

Setor público	V.Abs.	%
Sim	1.063.694	58,9
Não	610.850	33,9
NR	129.990	7,2
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.10 - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor público Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

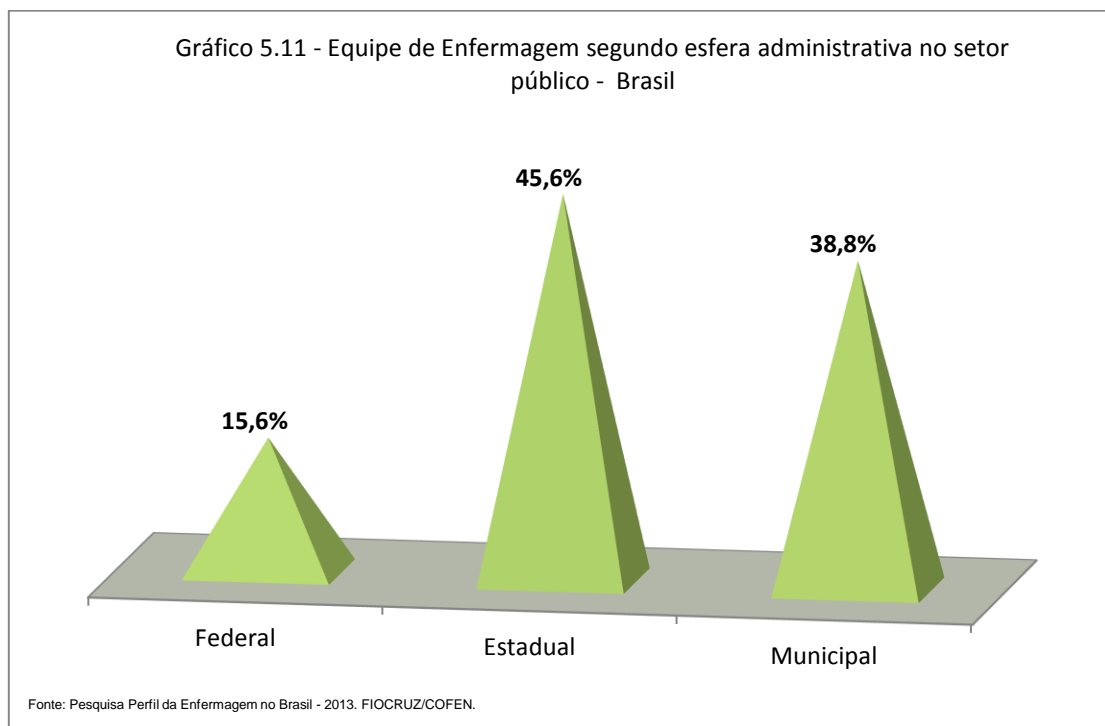
## ESFERA ADMINISTRATIVA

A pesquisa aponta mais de 1 milhão de profissionais de enfermagem que atuam nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal). A esfera estadual se destaca como o principal empregador com 45,6%; a rede municipal segue bem de perto com 38,8%, absorvendo quase 470 mil. Mesmo com a implantação do SUS, que previa a transferência da capacidade instalada para as outras esferas, e com a redução da rede federal, a pesquisa aponta mais de 186 mil vínculos federais de enfermagem, o que corresponde a 15,6% do total da equipe (Tabela 5.9.1 e Gráfico 5.11).

Tabela 5.9.1  
Equipe de Enfermagem segundo esfera administrativa no setor público – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Esfera	V.Abs.	%
Federal	186.268	15,6
Estadual	542.894	45,6
Municipal	461.631	38,8
<b>Total</b>	<b>1.190.793</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE VÍNCULO

O setor público aglutina mais de 1 milhão de profissionais de enfermagem. Chama atenção os diversos tipos de vínculos, aqui registrados 9 tipos, além dos “outros” que agrega uma variedade de formas de contratação pouco recorrente. Para os vínculos mais comuns, é possível destacar: Primeiro, na esfera federal, 60,1% são estatutários, 16,5% celetistas e 6,7% têm contratados por tempo determinado (temporário). Segundo, na estadual, o destaque é para o estatutário com 51,7%, celetista com 18,5% e 7,2% são aqueles por tempo determinado (temporários). Terceiro, já na municipal, os estatutários representam 42,0%, celetistas com 17,2%, com 13,4% aparecem os prestadores de serviços e com 10,8% são os contratados por tempo determinado (Tabela 5.9.2 e Gráfico 5.12).

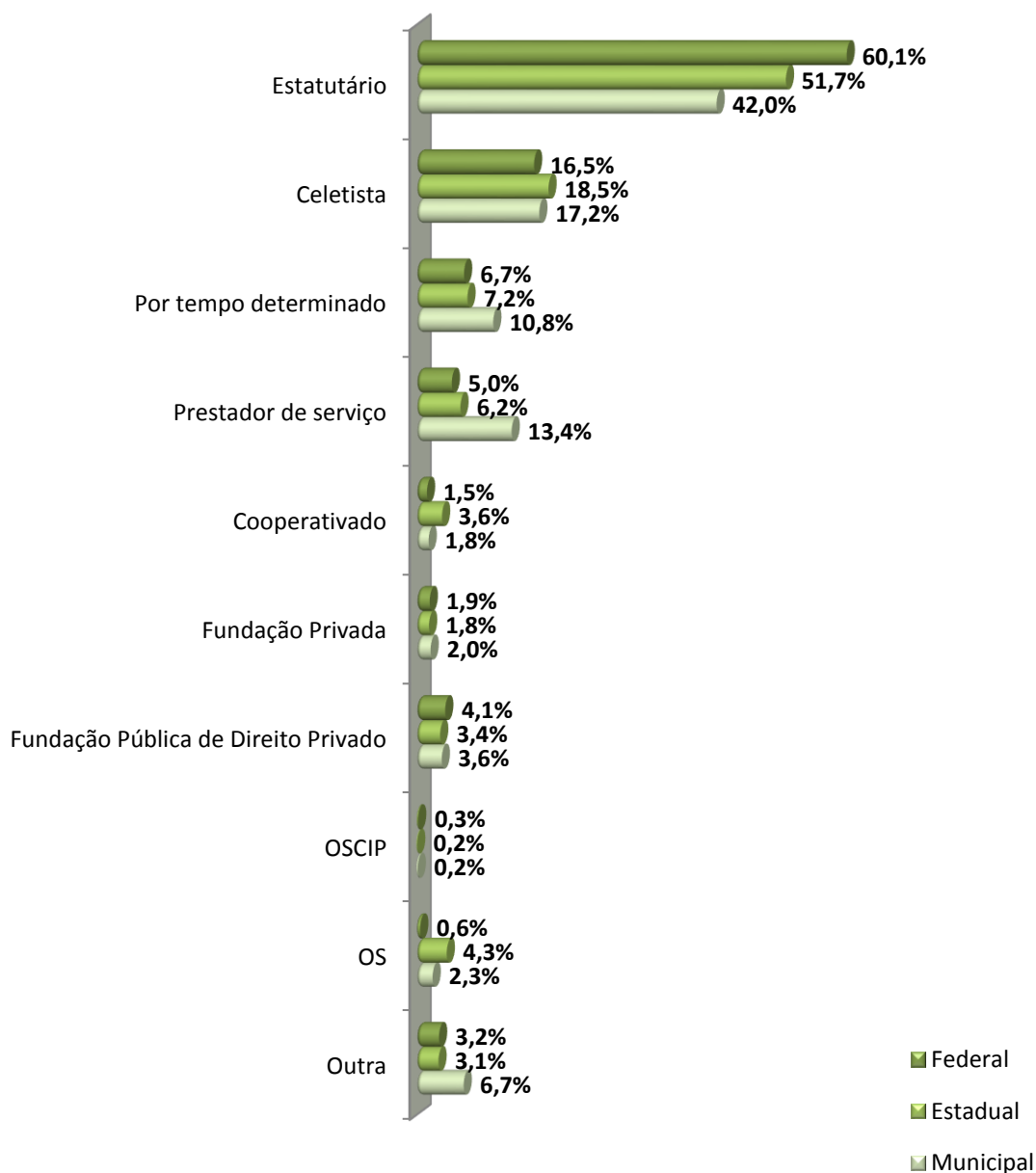
Tabela 5.9.2

Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	Federal		Estadual		Municipal	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Estatutário	131.629	60,1	265.566	51,7	165.104	42,0
Celetista	36.091	16,5	95.113	18,5	67.710	17,2
Por tempo determinado	14.695	6,7	36.955	7,2	42.437	10,8
Prestador de serviço	10.958	5,0	31.921	6,2	52.545	13,4
Cooperativado	3.355	1,5	18.714	3,6	6.958	1,8
Fundação Privada	4.200	1,9	9.385	1,8	8.034	2,0
Fundação Pública de Direito Privado	8.930	4,1	17.354	3,4	14.163	3,6
OSCIP	651	0,3	819	0,2	959	0,2
OS	1.296	0,6	22.074	4,3	9.142	2,3
Outra	7.042	3,2	16.132	3,1	26.209	6,7
<b>Total</b>	<b>218.848</b>	<b>100,0</b>	<b>514.032</b>	<b>100,0</b>	<b>393.262</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.12 - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

Ao analisar as instituições que as mantêm e onde as diversas atividades são desenvolvidas têm-se o seguinte perfil: A metade da equipe de enfermagem trabalha em hospitais, ou seja, 56,5%, o que equivale a mais de 800 mil. Por tipologia de hospitais, percebe-se que os hospitais gerais abrangem 28,4% dos vínculos, seguidos dos especializados (10,3%) e os universitários (10,3%). As Unidades de UTI e CTI agregam 50 mil profissionais de enfermagem, ou seja, 3,5%. As Unidades Básicas de Saúde e outros serviços de saúde similares concentram o segundo maior quantitativo, ou seja, 18,1% totalizando mais de 261 mil profissionais. Estes se dividem em: 15,4% em Unidades Básicas de Saúde; 0,5% em Centros de Atenção Psicossocial - CAPS e Núcleos de Apoio Psicossocial - NAPs, e 2,1% na Estratégia da Saúde da Família - ESF/ e Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASFs.

As Unidades de Urgência e Emergência é um segmento importante de apoio e porta de entrada dos hospitais, em consequência, detém relativamente um elevado contingente -158.907 profissionais da equipe. Nesta modalidade, destacam-se os Prontos Socorros (7,7%) e os SAMU's e as UPAS, somando 3,3% do total. O segmento ambulatorial, que inclui as Clínicas, Policlínicas, Unidade Mista e outros serviços sem internação, concentram 6,1% que são desenvolvidas pela equipe de enfermagem, representando em torno de 88 mil empregos (Tabela 5.9.3). As Unidades de Diagnóstico e Terapia, que incluem os Centros de Investigação Diagnóstica, as SADTs e os Centros de Imagem, totalizam mais de 19 mil empregos.

Na área de Gestão (Nível Central) e Central de Regulação, a equipe de enfermagem é pouco atuante, com 1,5% do total. Pode-se dizer que, normalmente, os médicos e outros profissionais de saúde desenvolvem também essa função nos serviços de saúde públicos. Já as atividades de Ensino e Pesquisa em Escolas, Faculdades e Institutos e Centros de Pesquisa incorporam cerca de 53 mil profissionais, o que equivale a 3,7% do total.

Além disso, é possível enumerar outras atividades desenvolvidas pela equipe nos serviços de saúde, que somam 1,8%: as cooperativas (0,8%), Assistência Domiciliar (*Homecare*) (0,5%) e "outras" modalidades (0,5%). Vale dizer que o quantitativo que atua no *Homecare* é relativamente baixo, pela importância que vem tomando, além de ser uma modalidade de prestação de serviços que traz como benefícios a diminuição dos riscos de infecção em ambientes hospitalares, proporciona a humanização do



atendimento no ambiente domiciliar, redução de complicações clínicas e otimização do tempo de recuperação do paciente.

Tabela 5.9.3  
 Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor público - Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Hospitais</b>	<b>817.335</b>	<b>56,5</b>
Hospital Geral	411.642	28,4
Hospital Especializado	149.656	10,3
Hospital Universitário	148.719	10,3
Hospital Dia	10.579	0,7
Hospital Filantrópico	27.204	1,9
UTI/CTI	50.427	3,5
Casa de Parto/Centro Nascimento	19.108	1,3
<b>Unidades Básicas</b>	<b>261.682</b>	<b>18,1</b>
Unidade Básica de Saúde/Centro de Saúde/Posto de Saúde	223.362	15,4
NAPs/CAPs	7.471	0,5
ESF/NASFs	30.849	2,1
<b>Unidades de Urgência/Emergência</b>	<b>158.907</b>	<b>11,0</b>
Pronto Socorro	111.149	7,7
UPAS	18.454	1,3
SAMU	29.304	2,0
<b>Unidades Ambulatoriais/Policlínicas</b>	<b>88.122</b>	<b>6,1</b>
Ambulatório/Clinicas	59.066	4,1
Unidade Mista/Policlínica	29.055	2,0
<b>Unidades de Diagnóstico</b>	<b>19.486</b>	<b>1,3</b>
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT	5.968	0,4
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	7.282	0,5
Centro de Imagem	6.237	0,4
<b>Ensino e Pesquisa</b>	<b>53.672</b>	<b>3,7</b>
Instituto/Centro de Pesquisa	16.318	1,1
Escola/Faculdade/Curso de Enfermagem	37.354	2,6
<b>Gestão</b>	<b>21.663</b>	<b>1,5</b>
Nível Central	18.408	1,3
Central de Regulação	3.255	0,2
<b>Outras Modalidades</b>	<b>26.614</b>	<b>1,8</b>
Cooperativa	12.058	0,8
Homecare	6.721	0,5
Outras	7.835	0,5
<b>Total</b>	<b>1.447.481</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

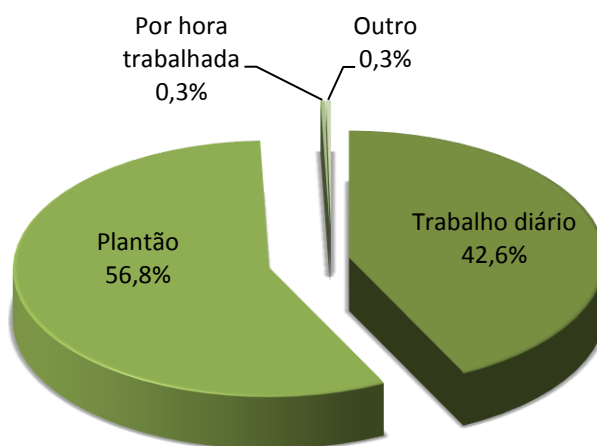
O plantão é a forma de trabalho mais comumente utilizada nos serviços públicos pela equipe de enfermagem. A pesquisa mostra que mais da metade, ou seja, 56,8% fazem plantão, significando mais de 593 mil nessa função. Em segunda posição, estão os que trabalham diariamente, ou seja, cerca de 40%, o que equivale a mais de 445 mil profissionais envolvidos. Aqueles que recebem por hora trabalhada e as outras formas de regime de trabalho não apresentam expressão no mercado de trabalho, somando apenas 0,6 % (Tabela 5.9.4 e Gráfico 5.13).

Tabela 5.9.4  
Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Regime	V.Abs.	%
Trabalho diário	445.725	42,6
Plantão	593.336	56,8
Por hora trabalhada	2.868	0,3
Outro	3.183	0,3
<b>Total</b>	<b>1.045.112</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.13 - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria, ou seja, 61,2% têm jornadas de 31 - 60 horas semanais. Um pequeno quantitativo (7,7%) faz períodos mais longo de trabalho, entre 61 - 80 horas semanais e 1,6% trabalham mais de 80 horas. Um número considerável de profissionais declara ter jornada de até 30 horas, ou seja, 19,1%, o que equivale a 1/5 do total desta FT (Tabela 5.9.5 e Gráfico 5.14). Por outro lado, 2% da equipe declaram que atuam no setor público com carga horária igual ou inferior a 20 horas, correspondendo a mais de 20 mil, ou seja, tem **“subjornadas de trabalho”**, conforme definição anteriormente descrita e 0,5% declaram ter jornada semanal de menos de 10 horas, o que representa mais de 5 mil trabalhadores. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

Na prática, a jornada ideal de trabalho da enfermagem não é regulamentada em lei, valendo a livre negociação, que varia entre 30 horas semanais, geralmente, adotada no serviço público e 40 - 44 horas, praticada, com mais frequência, nas instituições hospitalares privadas. Relevante frisar que uma maior carga de trabalho, em se tratando de um contingente majoritariamente feminino, interferindo ainda mais na qualidade de vida dela e de sua família, quase sempre.

Vale salientar que está em curso uma intensa mobilização, comandada pelas entidades da Enfermagem (Fórum de Enfermagem), pela aprovação do projeto de regulamentação das 30 horas semanais, em tramitação no Congresso Nacional<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Projeto de regulamentação das 30 horas semanais em tramitação no Congresso Nacional. Ver: Projeto de Lei nº 2295 de 2000, que “dispõe sobre a jornada de trabalho dos Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem”.

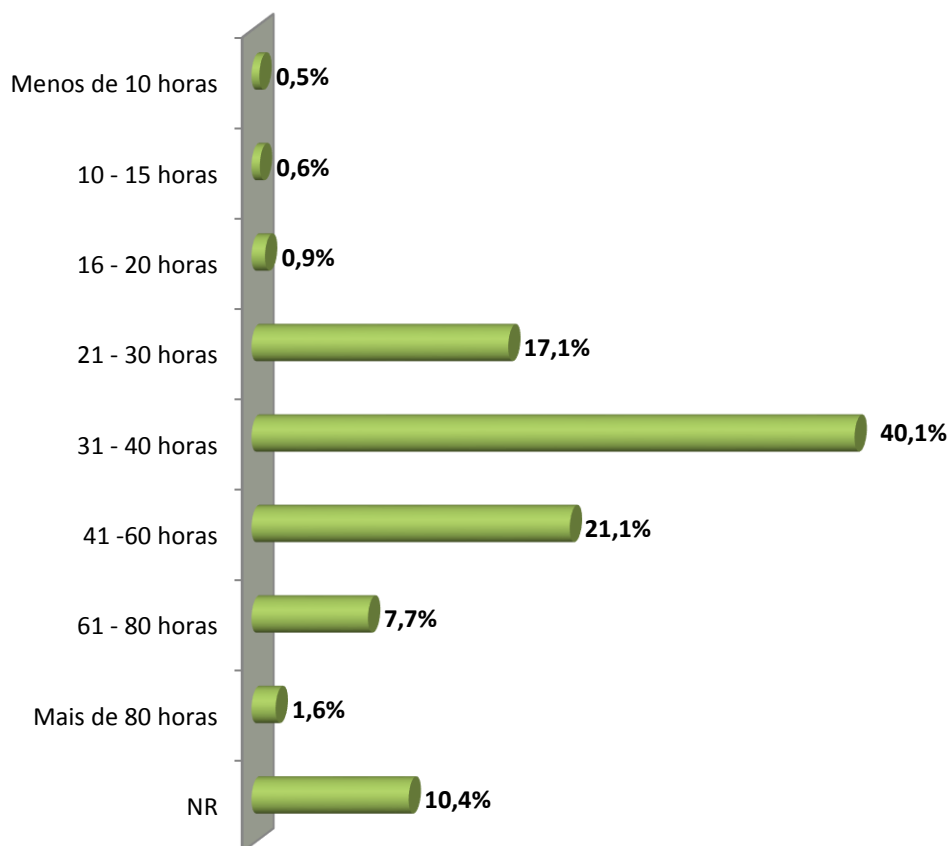
Tabela 5.9.5

Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

Horas semanais	V.Abs.	%
Menos de 10 horas	5.521	0,5
10 - 15 horas	5.878	0,6
16 - 20 horas	9.517	0,9
21 - 30 horas	181.403	17,1
31 - 40 horas	426.159	40,1
41 - 60 horas	224.878	21,1
61 - 80 horas	82.302	7,7
Mais de 80 horas	17.005	1,6
NR	111.032	10,4
<b>Total</b>	<b>1.063.694</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.14 - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TURNO DE TRABALHO

A pesquisa mostra que o trabalho da equipe de enfermagem no setor público é realizado, fortemente, em turno diurno, representando 63,1%. Observa-se que, o trabalho noturno corresponde a 10,2% do total, o que equivale um pouco mais de 108 mil profissionais atuando (Tabela 5.9.6). Chama atenção que 4,6% fazem turno de 24 horas e, 8,4%, 12/36 com folga. Os demais 7,5% são aqueles turnos de trabalho descrito na pesquisa: 12/36 horas sem folga, diurno e noturno, diurno e/ou noturno + plantão, diurno +noturno + plantão, plantão: 12/48hs, 12/60hs, 12/76hs, 12/72hs, 24/72hs, 24hs, 24/86hs; escala e outros.

Tabela 5.9.6

Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor público – Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	671.152	63,1
Noturno	108.103	10,2
12/36 horas com folga	88.974	8,4
12/36 horas sem folga	14.708	1,4
24 horas	49.047	4,6
Diurno e Noturno	23.988	2,3
Diurno e/ou Noturno + Plantão	17.004	1,6
Diurno + Noturno + Plantão	6.329	0,6
Plantão: 12/48; 12/60; 12/76; 12/72; 24/72; 24 horas; 24/86 horas	13.725	1,3
Escala	2.445	0,2
Outro	1.191	0,1
NR	67.029	6,3
<b>Total</b>	<b>1.063.694</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## RENDIMENTO MENSAL

As faixas salariais praticadas no setor público apresentam uma variação importante e aparentemente, não compatíveis com a carga de trabalho das atividades executadas pela equipe. Os dados mostram que 62,5%, o que representa mais de 660 mil profissionais, têm rendimentos mensais de até 3.000 reais (Tabela 5.9.7 e Gráfico 5.15).

A distribuição dos rendimentos nesse setor apresenta a seguinte configuração: a) 3,4% têm renda mensal de menos de 1 salário mínimo (SM com base 2013); b) 45% percebem até 2.000 reais, englobando aproximadamente 480 mil profissionais; c) 17,5% situam-se na faixa entre 2.001 - 3.000 reais; d) poucos são os (3,8%) que percebem rendimentos acima de 5001 reais; e) os com renda acima de 7.001 reais representa 1,4%; e f) somente 0,5% de todo o contingente têm rendimentos acima de 9.001 reais.

Da mesma forma que se conceituou a “subjornada de trabalho”, é possível também conceituar “**subsalário**”, como dito anteriormente, sendo aquele rendimento igual ou inferior a 1.000 reais. Nesta condição encontram-se mais de 153 mil trabalhadores da enfermagem atuando no setor público, o que representa 14,4% de todo o contingente<sup>16</sup>.

Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada as outras informações contidas na pesquisa. Tal dado será melhor entendido quando se fizer a análise, mais adiante, por categoria profissional.

---

<sup>16</sup> Em curso no Congresso Nacional Projeto de Lei que estabelece Piso Salarial para a equipe de enfermagem. Atualização monetária dos pisos da enfermagem, PL nº 4.924/2009 INPC-IBGE acumulado no período de março de 2009 a abril de 2013: 26,98. Piso Salarial em: Março/09 Maio/13. ENFERMEIRO R\$ 4.650,00 - R\$ 5.904,57. TÉCNICO DE ENFERMAGEM1 R\$ 2.325,00 -R\$ 2.952,29. AUXILIAR DE ENFERMAGEM E PARTEIRAS2 R\$ 1.860,00 - R\$ 2.361,83. 1 - Corresponde a 50% do piso do enfermeiro. 2 -Corresponde a 40% do piso do enfermeiro. Elaboração: DIEESE. Subseção Federação dos Trabalhadores da Saúde do Estado de São Paulo.

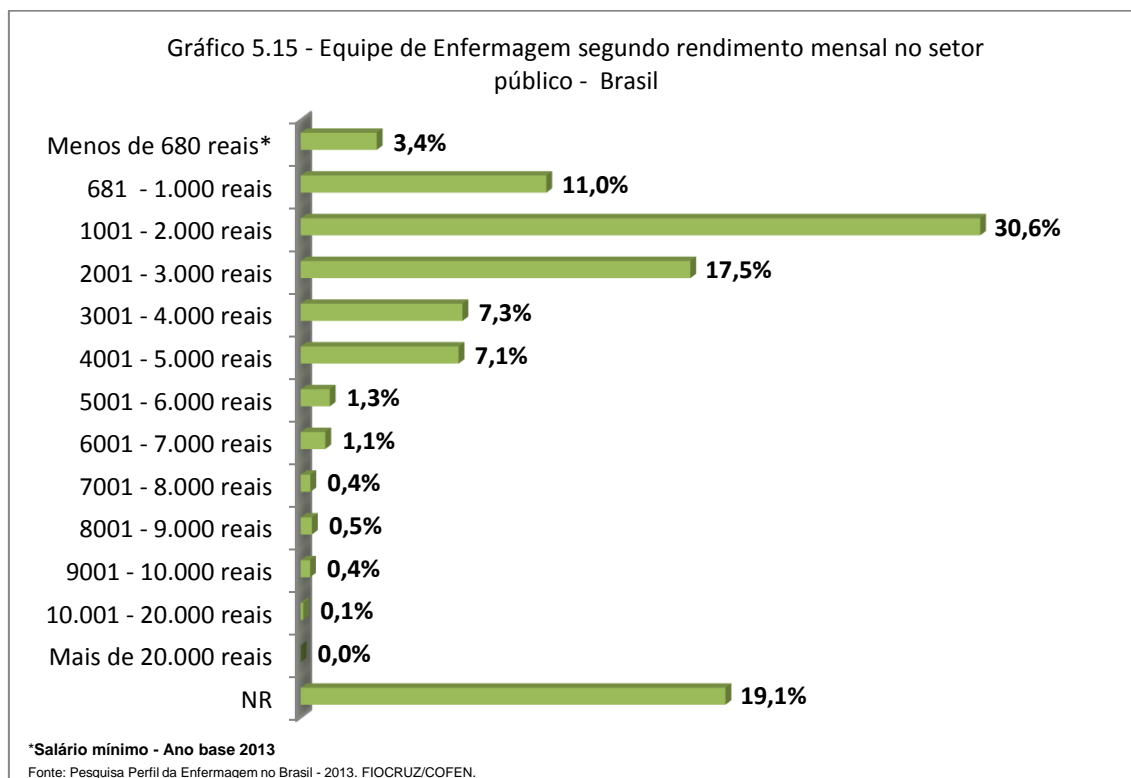
Tabela 5.9.7

Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

Rendimento mensal	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	36.415	3,4
681 - 1000 reais	117.531	11,0
1001 - 2000 reais	325.586	30,6
2001 - 3000 reais	186.449	17,5
3001 - 4000 reais	77.417	7,3
4001 - 5000 reais	75.555	7,1
5001 - 6000 reais	13.944	1,3
6001 - 7000 reais	11.778	1,1
7001 - 8000 reais	4.668	0,4
8001 - 9000 reais	5.386	0,5
9001 - 10000 reais	4.501	0,4
10.001 - 20.000 reais	1.194	0,1
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	203.270	19,1
<b>Total</b>	<b>1.063.694</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*Salário mínimo - Ano base 2013







## SETOR PRIVADO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR PRIVADO

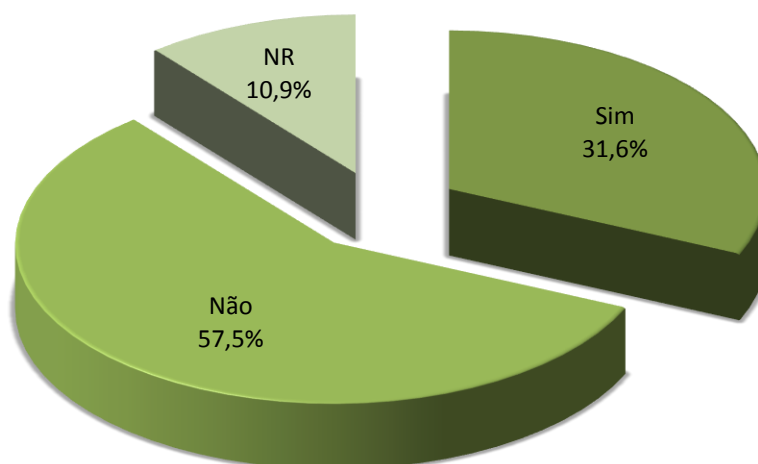
O setor privado agrega mais de 571 mil profissionais, ou seja, 31,6% da equipe de enfermagem (Tabela 5.10 e Gráfico 5.16).

Tabela 5.10  
Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil

<b>Setor privado</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	571.099	31,6
Não	1.036.903	57,5
NR	196.532	10,9
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.16 - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TIPO DE VÍNCULO

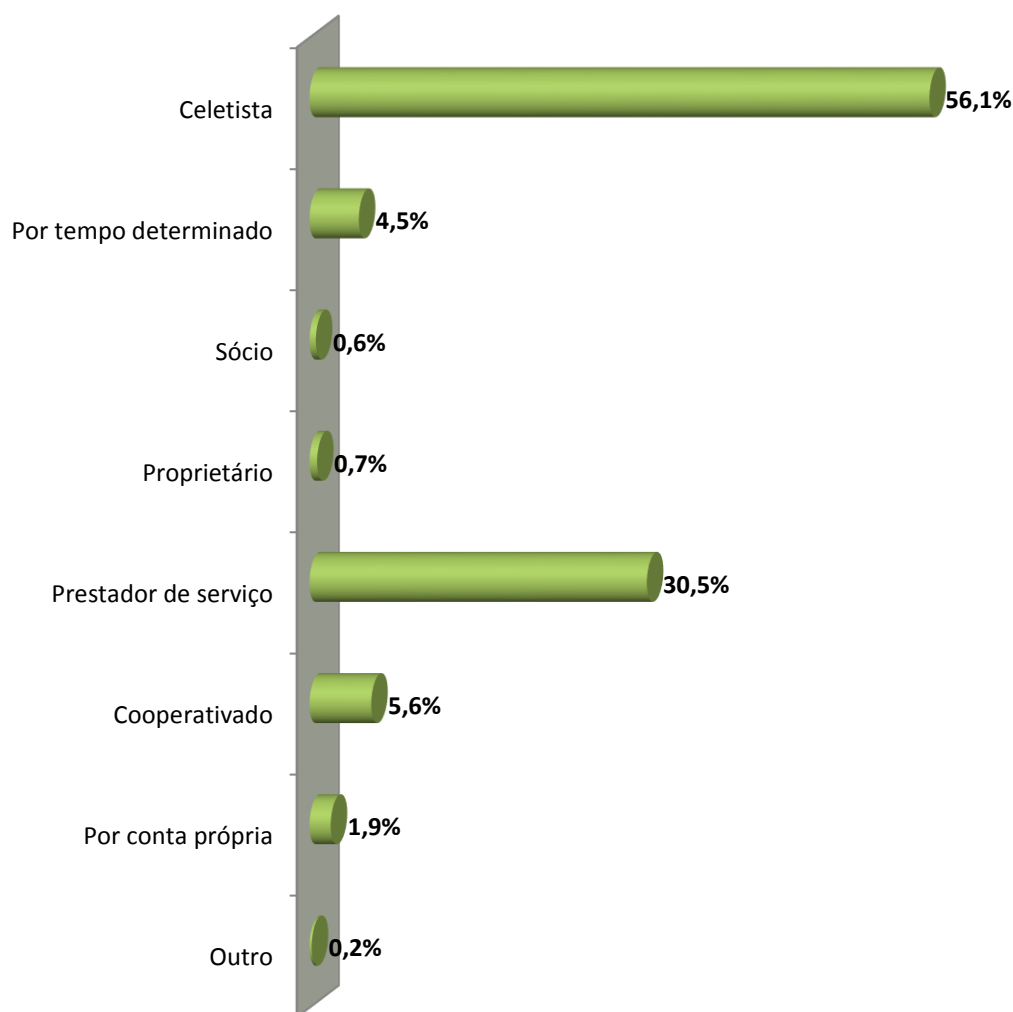
Pode-se afirmar que duas modalidades de contratação predominam no setor privado: 1) os vínculos celetistas, que abrangem mais da metade do contingente de enfermagem do Brasil (56,1%), o que representa em torno de 298 mil profissionais; 2) e os prestadores de serviços, que seguem em segundo lugar, com mais de 162 mil contratos de trabalho, ou seja, 30,5% do total da equipe. As demais formas existentes se diversificam e apresentam a seguinte configuração: 5,6% são cooperativados; 4,5% contratados por tempo determinado; um pequeno quantitativo (1,3%) declara ser sócios ou proprietários de empresas, hospitais ou similares. E somente 1,9% trabalham por conta própria (Tabela 5.10.1 e Gráfico 5.17).

Tabela 5.10.1  
Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de vínculo</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Celetista	298.735	56,1
Por tempo determinado	23.747	4,5
Sócio	3.030	0,6
Proprietário	3.637	0,7
Prestador de serviço	162.411	30,5
Cooperativado	29.715	5,6
Por conta própria	10.207	1,9
Outro	1.056	0,2
<b>Total</b>	<b>532.539</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.17 - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

A equipe de enfermagem brasileira mantém um volume expressivo de profissionais atuando nas diversas modalidades de instituições privadas, onde desenvolvem inúmeras atividades como as descritas a seguir.

Um fato marcante é que o hospital é o *lócus* principal de trabalho da enfermagem, tanto no público como no privado. Um pouco mais da metade da equipe trabalha em hospitais (56,7%), o que significa, numericamente, em torno de 467 mil vínculos. Por modalidades de atendimento, os hospitais gerais agregam 36,6%, seguidos dos especializados (11,9%), universitários (4,1%) e hospital-dia (2,3%).

As Clínicas, Policlínicas, Consultórios particulares e outros, que constituem os serviços ambulatoriais, agregam mais de 78 mil profissionais. Somente as Clínicas detêm 6,9% do total das atividades desenvolvidas nessa modalidade de atendimento. Interessante observar que mais de 16 mil (2%) declaram ter consultórios particulares, já compondo uma fatia do mercado de trabalho importante para a corporação em termos de mercado de trabalho.

As Unidades de Diagnósticos e Terapia representam uma parcela importante da capacidade instalada do setor que, em suas atividades, estão agregados aproximadamente, 67 mil profissionais. Por natureza de trabalho tem-se: os Centros de Imagem (3,8%); os Laboratórios de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica (3,4%), e as Unidades de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT (1%). As atividades de Urgências e Emergências declaradas e consideradas nessa pesquisa, como os Prontos Socorros, SAMU's, etc. somam 8%.

Na área de Gestão (Nível Central) e Central de Regulação agregam um quantitativo reduzido de profissionais (0,5%), ou seja, em torno de 4 mil. Os estabelecimentos de Seguros, de Medicina de Grupos e Planos de Saúde congregam pouco mais de 11 mil vínculos, ou seja, 1,4%. As Unidades Básicas de Saúde detêm cerca de 19 mil profissionais da equipe, ou seja, 2,3%.

Já as atividades de Ensino e Pesquisa em Escolas/Faculdades de Enfermagem agregam, aproximadamente, 58 mil, o que equivale a 7,1%. Nas demais modalidades destacam-se: os serviços de Assistência Domiciliar (*Homecare*) com 3,4%; os asilos, abrigos e centros de recuperação, que congregam uma parcela de apenas 0,3% e as atividades de enfermagem em embarcações "*offshores*", que representam 0,1%, ou seja, cerca de 800 profissionais (Tabela 5.10.2).

Tabela 5.10.2  
Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor privado – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
<b>Hospitais</b>	<b>467.863</b>	<b>56,7</b>
Hospital Geral	302.174	36,6
Hospital Especializado	97.940	11,9
Hospital Universitário	33.729	4,1
Hospital Dia	18.887	2,3
Casa de Parto/Centro Nascimento	15.133	1,8
<b>Unidades Básicas</b>	<b>18.904</b>	<b>2,3</b>
Unidade Básica de Saúde/Centro de Saúde/Posto de Saúde	18.904	2,3
<b>Unidades de Urgência/Emergência</b>	<b>65.704</b>	<b>8,0</b>
Pronto Socorro	60.984	7,4
UTI móvel, socorro médico e resgate, empresa de remoções, SAMU, serviços aero médicos	3.920	0,5
OFFSHORE/Embarcação	799	0,1
<b>Unidades Ambulatoriais/Policlínicas</b>	<b>78.643</b>	<b>9,5</b>
Ambulatório/Clinicas	57.197	6,9
Unidade Mista/Policlínica	5.331	0,6
Consultório Particular	16.115	2,0
<b>Unidades de Diagnóstico</b>	<b>67.212</b>	<b>8,1</b>
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT	8.534	1,0
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	27.720	3,4
Centro de Imagem	30.958	3,8
<b>Ensino e Pesquisa</b>	<b>58.635</b>	<b>7,1</b>
Instituto/Centro de Pesquisa	19.598	2,4
Escola/Faculdade/Curso de Enfermagem	39.037	4,7
<b>Gestão</b>	<b>4.274</b>	<b>0,5</b>
Nível Central	1.567	0,2
Central de Regulação	2.706	0,3
<b>Demais Modalidades</b>	<b>56.704</b>	<b>6,9</b>
Homecare	28.297	3,4
Empresa de Assistência de Enfermagem	14.140	1,7
Seguro de Medicina de Grupo/Planos de Saúde	11.610	1,4
Asilos, abrigos, centros de recuperação etc.	2.658	0,3
<b>Outras</b>	<b>7.021</b>	<b>0,9</b>
Outras áreas fora da enfermagem	4.117	0,5
Outra	2.904	0,4
<b>Total</b>	<b>824.959</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



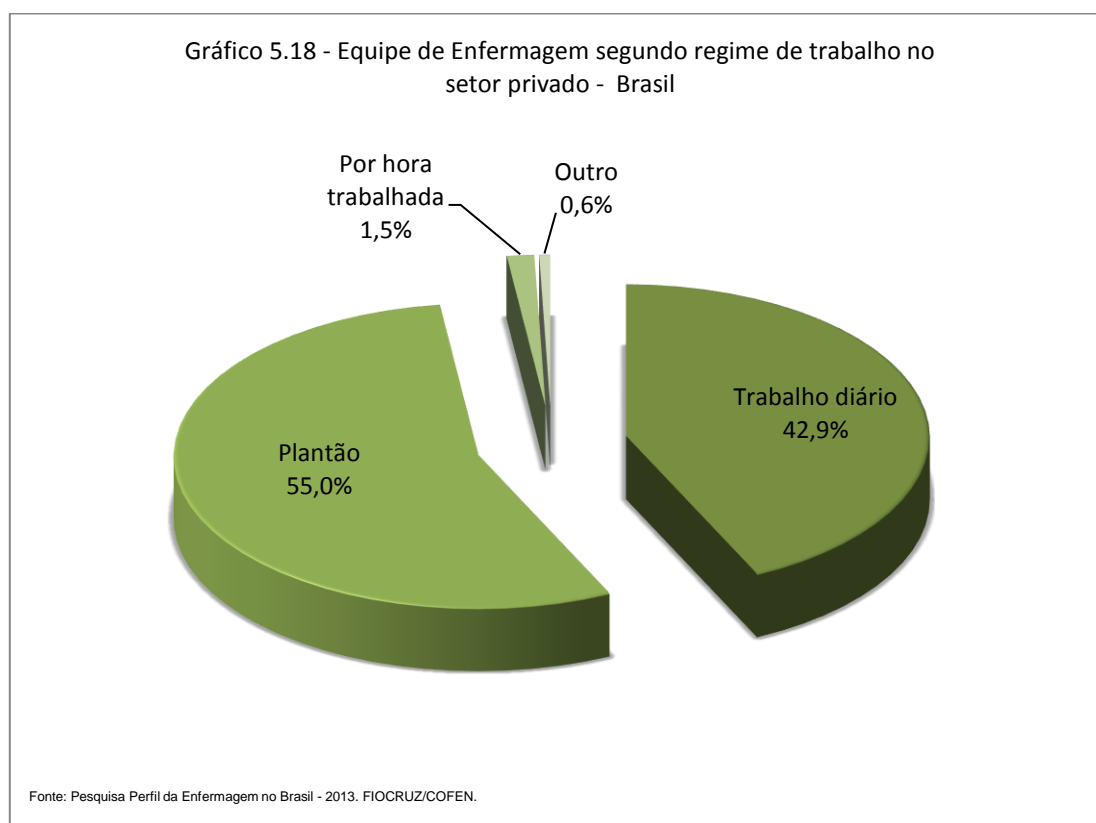
## REGIME DE TRABALHO

A equipe de enfermagem exerce, predominantemente, suas atividades no privado como plantonistas (55%). Por outro lado, 42,9% trabalham diariamente e 1,5% são contratados por hora trabalhada (Tabela 5.10.3 e Gráfico 5.18).

Tabela 5.10.3  
Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor privado – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Regime</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Trabalho diário	220.296	42,9
Plantão	282.308	55,0
Por hora trabalhada	7.464	1,5
Outro	2.999	0,6
<b>Total</b>	<b>513.066</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## JORNADA DE TRABALHO

Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria da equipe de enfermagem (64,8%) tem jornada de trabalho no privado entre 31 - 60 horas semanais. Por outro lado, 7,9% têm jornadas de 61 - 80 horas e 3,1% declaram trabalhar mais de 80 horas semanais, com uma acentuada sobrecarga de trabalho. Destaca-se ainda que 8,9% trabalham com carga horária de até 30 horas. Registra-se 38,5% com jornadas semanais acima de 41 horas (Tabela 5.10.4 e Gráfico 5.19).

Destaca-se 3,9% da equipe com “**subjornadas de trabalho**” no setor privado, perfazendo igual e ou inferior a 20 horas de trabalho semanais, o que representa mais de 21 mil e 1,2% têm menos de 10 horas, o que corresponde a quase 7 mil trabalhadores. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

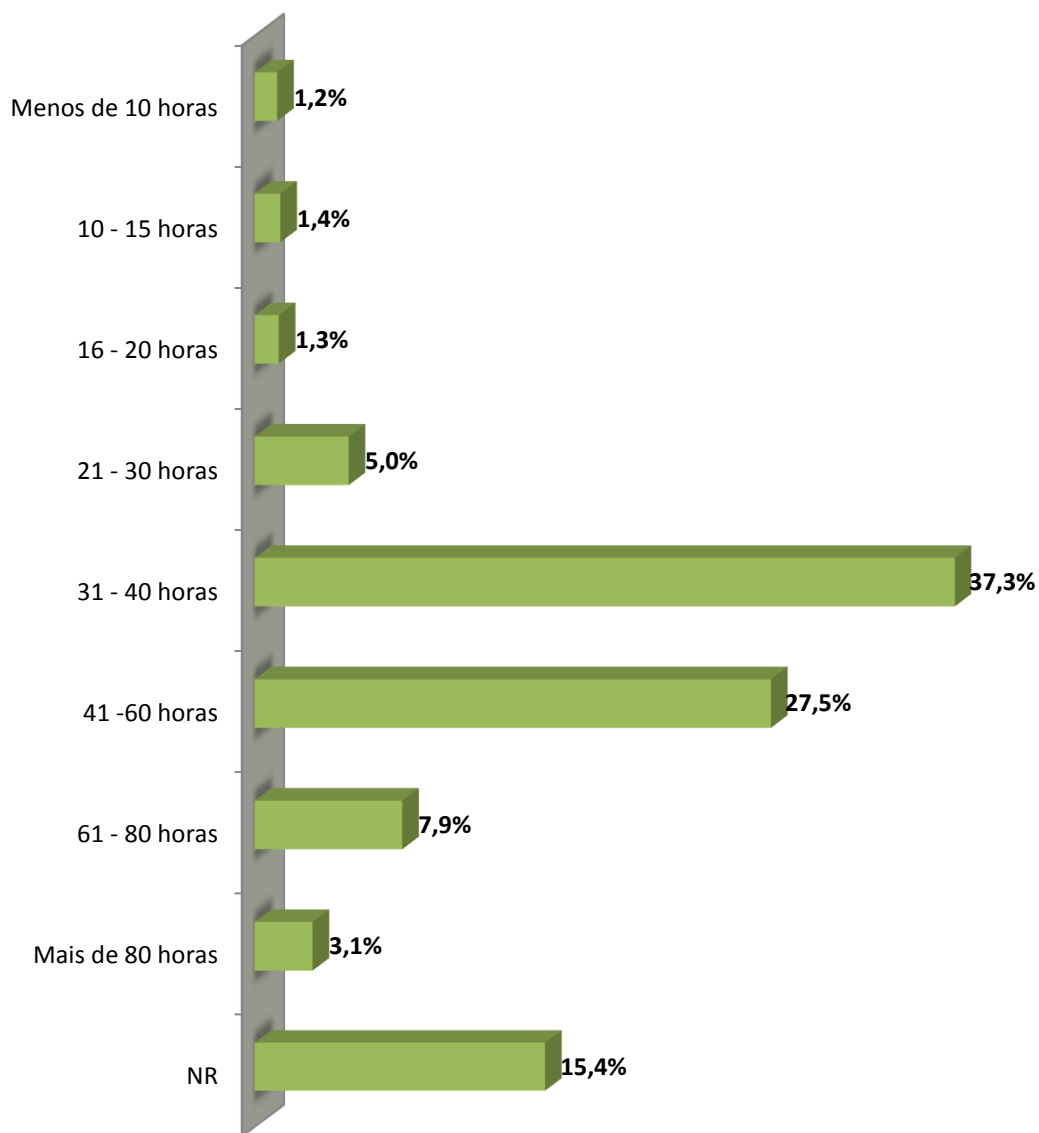
Tabela 5.10.4

Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	6.817	1,2
10 - 15 horas	7.778	1,4
16 - 20 horas	7.288	1,3
21 - 30 horas	28.406	5,0
31 - 40 horas	211.865	37,3
41 - 60 horas	155.930	27,5
61 - 80 horas	44.587	7,9
Mais de 80 horas	17.486	3,1
NR	87.715	15,4
<b>Total</b>	<b>567.873</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.19 - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TURNO DE TRABALHO

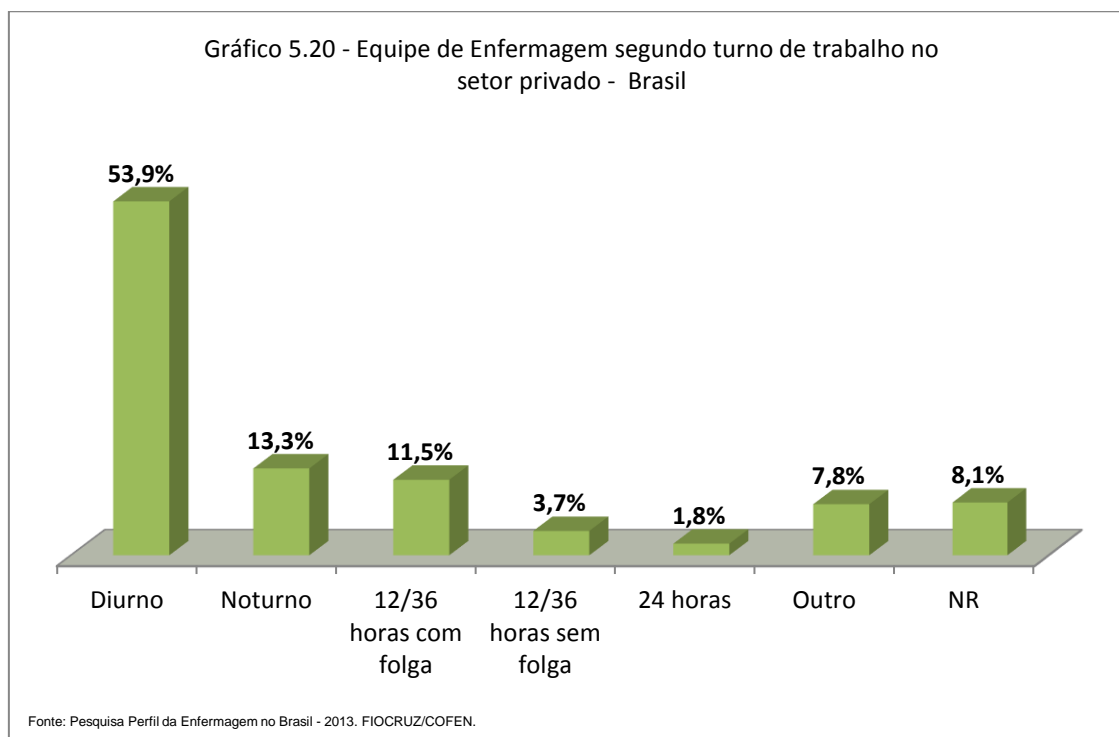
As atividades de enfermagem no setor são desenvolvidas por mais da metade da equipe (53,9%) em turno diurno. Em contrapartida, evidencia-se que o trabalho noturno para 13,3%, o que soma pouco mais de 383 mil. Há ainda os que atuam em turnos variados: (1,8%) em turno de 24 horas, (11,5%) 12/36 horas com folga e (3,7%) 12/36 horas sem folga (Tabela 5.10.5 e Gráfico 5.20).

Tabela 5.10.5

Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	307.684	53,9
Noturno	75.700	13,3
12/36 horas com folga	65.842	11,5
12/36 horas sem folga	21.213	3,7
24 horas	10.151	1,8
Outro	44.492	7,8
NR	46.016	8,1
<b>Total</b>	<b>571.099</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

Analisando a questão salarial no setor privado, o primeiro dado que chama atenção é que 31,9%, ou seja, 1/3 de todo contingente que lá atua, percebe salários entre 1.001 - 2.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam um cenário preocupante: 68,2%, ou seja, aproximadamente 390 mil, obtêm de todas as atividades lá desenvolvidas renda de até 3.000 reais; e 14,2% situam-se na faixa de 2.001 - 3.000 reais; acima de 5.001 reais são apenas 1,8%. Poucos são aqueles (0,7%) que se encontram na faixa salarial acima de 7.001 reais. Nos rendimentos acima de 9.001 reais, somente 0,3% (Tabela 5.10.6 e Gráfico 5.21). Em situação de “**subsalarário**” encontram-se 22,1%, ou seja, mais de 1/5 da FT que lá atua, tem rendimentos declarados de até 1.000 reais mensais. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada a outras informações desta pesquisa.

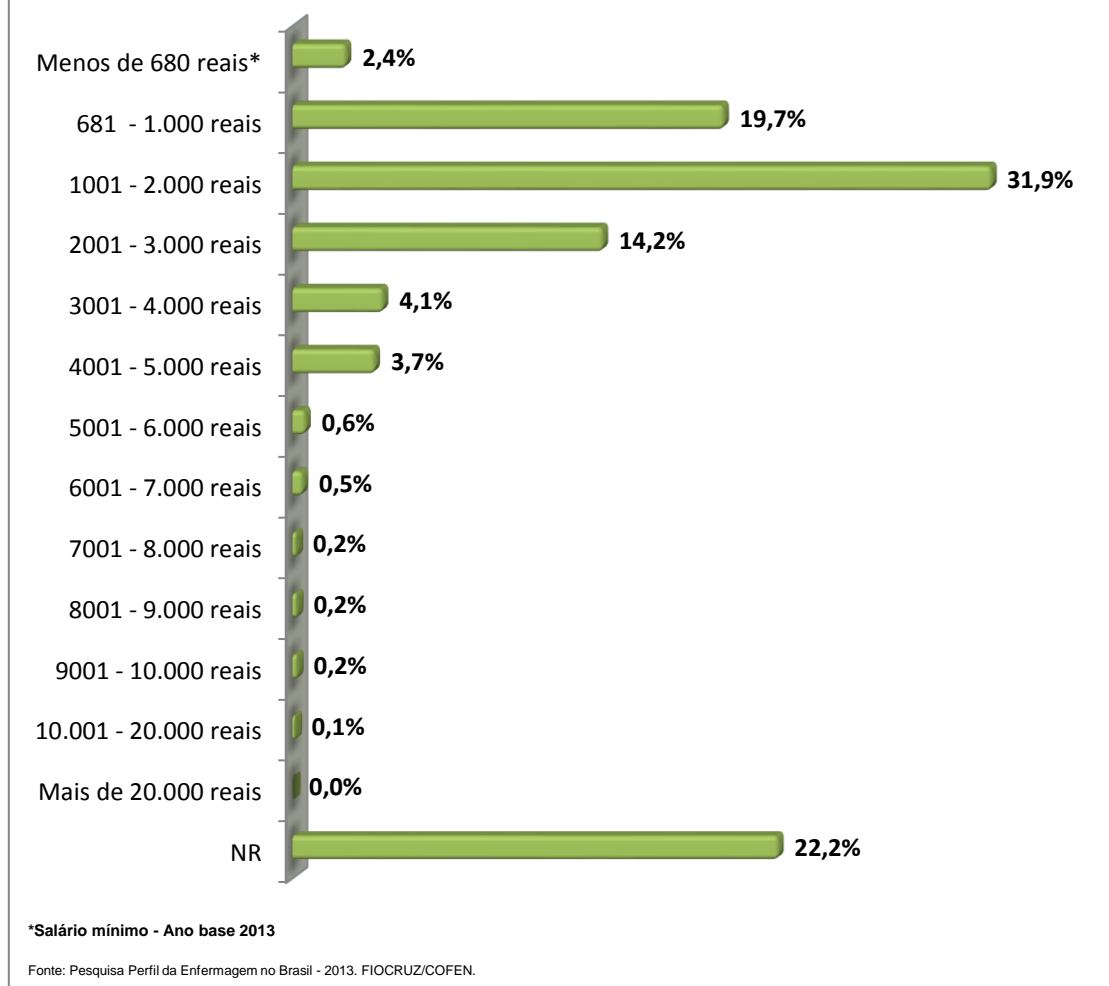
Tabela 5.10.6  
Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

Rendimento mensal	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	13.906	2,4
681 - 1000 reais	112.393	19,7
1001 - 2000 reais	182.207	31,9
2001 - 3000 reais	80.913	14,2
3001 - 4000 reais	23.552	4,1
4001 - 5000 reais	21.374	3,7
5001 - 6000 reais	3.325	0,6
6001 - 7000 reais	2.606	0,5
7001 - 8000 reais	1.053	0,2
8001 - 9000 reais	1.170	0,2
9001 - 10000 reais	1.228	0,2
10.001 - 20.000 reais	670	0,1
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	126.702	22,2
<b>Total</b>	<b>571.099</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013

Gráfico 5.21 - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil





## SETOR FILANTÓPICO





## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR FILANTRÓPICO

Os dados da pesquisa mostram que o filantrópico concentra em torno de 278 mil profissionais da equipe de enfermagem, ou seja, 15,4%. Vale ressaltar que a vinculação das atividades neste setor tem importantes variações, tendo em vista que é um setor que permite a inserção de profissionais sem vínculo formal, ou seja, um número considerável trabalha como voluntários, principalmente nas Santas Casas (Tabela 5.11 e Gráfico 5.22).

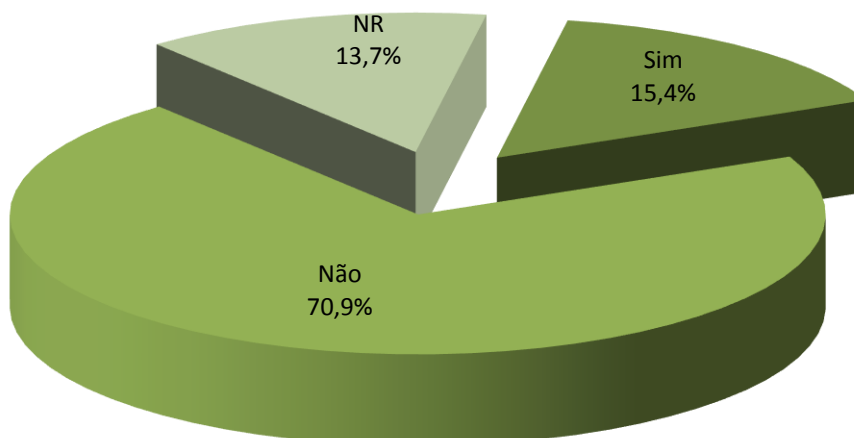
Tabela 5.11

Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

<b>Setor filantrópico</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	278.283	15,4
Não	1.278.545	70,9
NR	247.707	13,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.22 - Equipe de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TIPO DE VÍNCULO

No filantrópico, existem duas formas de contratações que se sobressaem: os vínculos celetistas, que detêm 61,3% do total e os prestadores de serviços, com 30,3%. Estas duas modalidades somam 91,6% de todos os vínculos, o que representa mais de 228 mil que lá atuam (Tabela 5.11.1 e Gráfico 5.23). As demais formas existentes têm o seguinte perfil: 1,9% são cooperativados e 3,9% são contratados por tempo determinado. Um grupo pequeno (0,5%) declara ser sócio e/ou proprietário. Existem ainda, mais de 4.000 profissionais que desenvolvem atividades no setor filantrópico por conta própria.

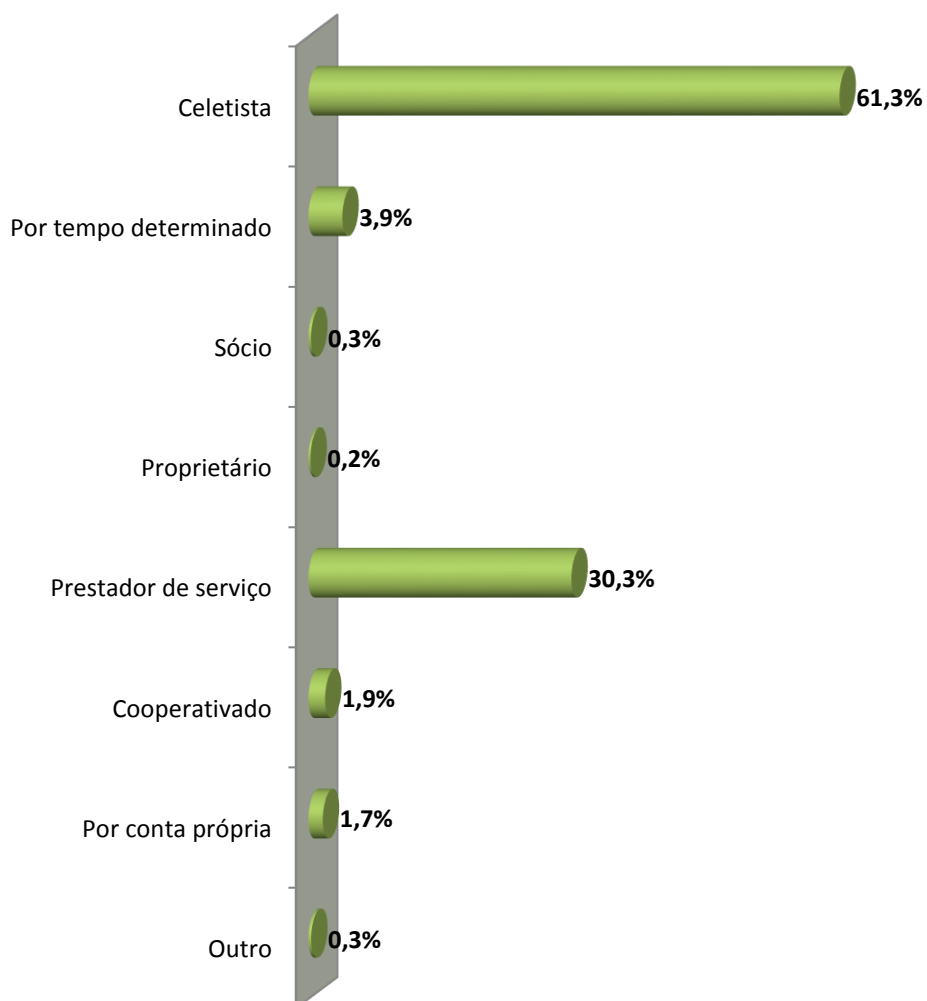
Tabela 5.11.1

Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo vínculo</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Celetista	152.838	61,3
Por tempo determinado	9.776	3,9
Sócio	773	0,3
Proprietário	604	0,2
Prestador de serviço	75.688	30,3
Cooperativado	4.802	1,9
Por conta própria	4.144	1,7
Outro	799	0,3
<b>Total</b>	<b>249.424</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.23 - Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

A equipe de enfermagem brasileira tem um total de quase 360 mil empregos no filantrópico. Contudo, a predominância da modalidade é a hospitalar, ou seja, 65,4%, correspondendo a 234 mil dos profissionais. Os Ambulatórios/Clinicas ficam em segundo lugar, com 12%, o que representa 43 mil. As Unidades de Apoio e Terapia agregam uma parcela importante na capacidade instalada do setor, detendo 13%, o que representa mais de 46 mil vínculos de trabalho de enfermagem. Se analisar pela natureza de trabalho que desenvolvem tem-se: a) os Laboratórios de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica com 5,8%; b) os Centros de Imagem com 4,8%; e; c) as Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT com 2,4%. Já as Casas de Parto/Centros de Nascimentos aglutinam, aproximadamente, 16 mil profissionais, ou seja, 4,5%. As Casas de Saúde somam 2,5%. Já atividades relacionadas aos serviços de Assistência Domiciliar (*Homecare*), concentram somente 0,7%, com pouco mais de 2.400 profissionais (Tabela 5.11.2).

Tabela 5.11.2

Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor filantrópico – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Ambulatório/Clinica	43.007	12,0
Hospital	234.781	65,4
Casa de Parto/Centro de Nascimento	15.991	4,5
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT	8.722	2,4
Laboratório de Análise Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	20.752	5,8
Centro de Imagem	17.278	4,8
<i>Homecare</i>	2.438	0,7
Casa de Saúde	9.040	2,5
Instituição de ensino/escolas	3.247	0,9
Asilo, abrigo, centro de recuperação, etc.	2.485	0,7
Outra	1.256	0,3
<b>Total</b>	<b>358.997</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

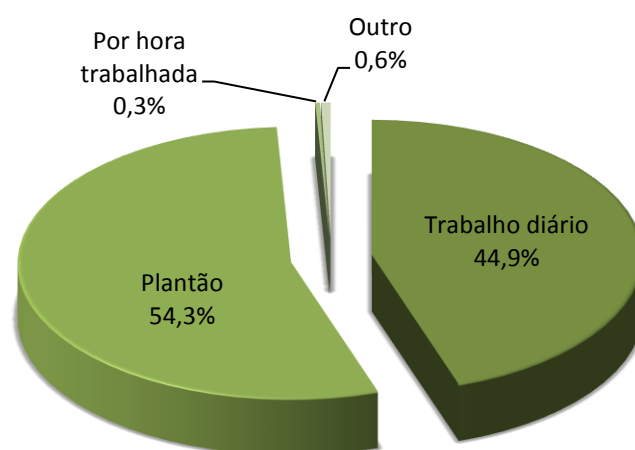
A forte inserção da enfermagem em hospitais induz o trabalho em regime de plantão. Mais da metade de todo contingente (54,3%) atua como plantonista no setor filantrópico. Já no regime de trabalho diário somam 44,9%. Observa-se a presença de 0,3% de pessoas que ganham por “hora trabalhada” (Tabela 5.11.3 e Gráfico 5.24).

Tabela 5.11.3  
Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor filantrópico – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Regime	V.Abs.	%
Trabalho diário	117.402	44,9
Plantão	142.132	54,3
Por hora trabalhada	719	0,3
Outro	1.478	0,6
<b>Total</b>	<b>261.731</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.24 - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

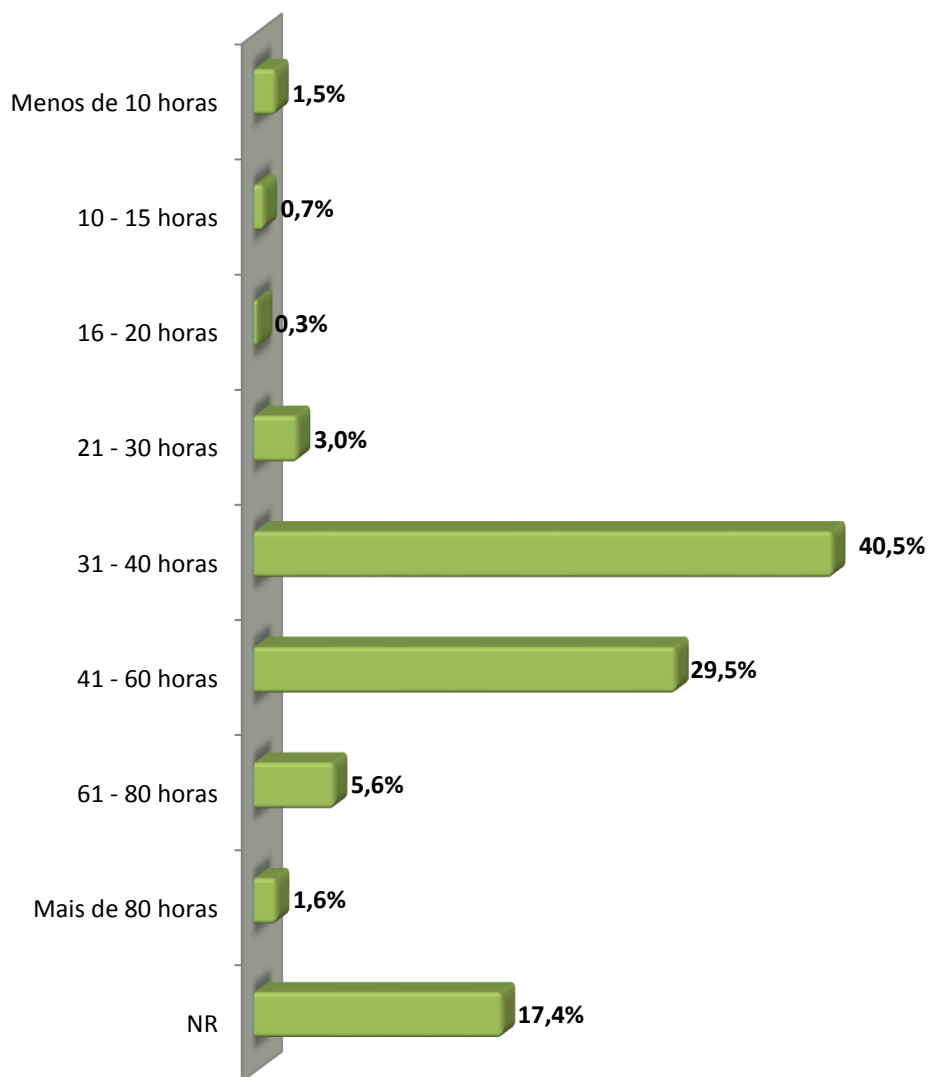
Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria dos profissionais (70%) trabalham de 31-60 horas semanais. Um pequeno quantitativo de 5,6% tem jornadas de 61-80 horas e 1,6%, mais de 80 horas. Com carga horária entre 21-30 horas somam 3% do total. Motivo de alerta é o fato de ter sido detectado, nesse setor, mais de 6 mil trabalhadores (2,5%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, trabalhando no máximo 20 horas semanais, considerando, como dito acima, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem e 1,5% com jornada semanal de menos de 10 horas, o que corresponde a pouco mais de 4 mil trabalhadores (Tabela 5.11.4 e Gráfico 5.25).

Tabela 5.11.4  
Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	4.182	1,5
10 - 15 horas	1.889	0,7
16 - 20 horas	745	0,3
21 - 30 horas	8.386	3,0
31 - 40 horas	112.205	40,5
41 - 60 horas	81.792	29,5
61 - 80 horas	15.550	5,6
Mais de 80 horas	4.302	1,6
NR	48.109	17,4
<b>Total</b>	<b>277.161</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.25 - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TURNO DE TRABALHO

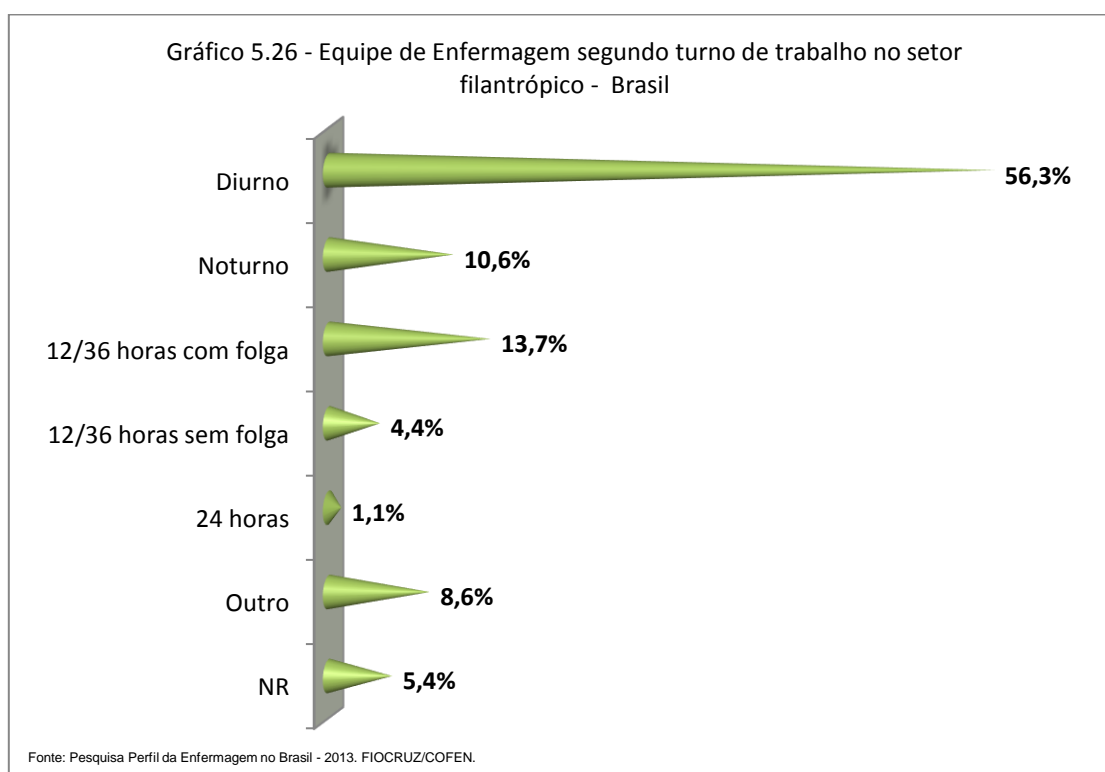
Parte significativa dos profissionais da equipe de enfermagem desenvolvem as atividades no filantrópico no horário diurno (56,3%). O trabalho noturno é praticado por 10,6%, correspondendo a 29 mil. Observa-se que 19,2% atuam em turnos diferenciados: 1,1% a cada 24 horas; 13,7% praticam 12/36 horas com folga e 4,4% fazem 12/36 horas sem folga (Tabela 5.11.5 e Gráfico 5.26).

Tabela 5.11.5

Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	156.686	56,3
Noturno	29.413	10,6
12/36 horas com folga	38.143	13,7
12/36 horas sem folga	12.169	4,4
24 horas	3.022	1,1
Outro	23.857	8,6
NR	14.993	5,4
<b>Total</b>	<b>278.283</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

Analisando a questão salarial no setor, um dado que chama atenção é que quase 1/3 de todo contingente que lá atua (32,6%) percebe salário entre 1.001 - 2.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam também um cenário preocupante: 70,1%, obtêm em todas as atividades desenvolvidas renda de até 3.000 reais. Decompondo: 56,3% têm salários de até 2.000 reais; 13,8% situam-se na faixa de 2.001 - 3.000 reais. Poucos são os que se encontram nas faixas salariais acima de 5.001 reais (0,9%); acima de 7.001 reais são 0,4% e 0,1% são os que ganham acima de 9.001 reais. Registra-se na condição de “**subsalarío**” - renda igual ou menor que 1.000 reais - um contingente de mais de 65 mil trabalhadores, ou seja, 23,7%. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada a outras informações dessa pesquisa (Tabela 5.11.6 e Gráfico 5.27).

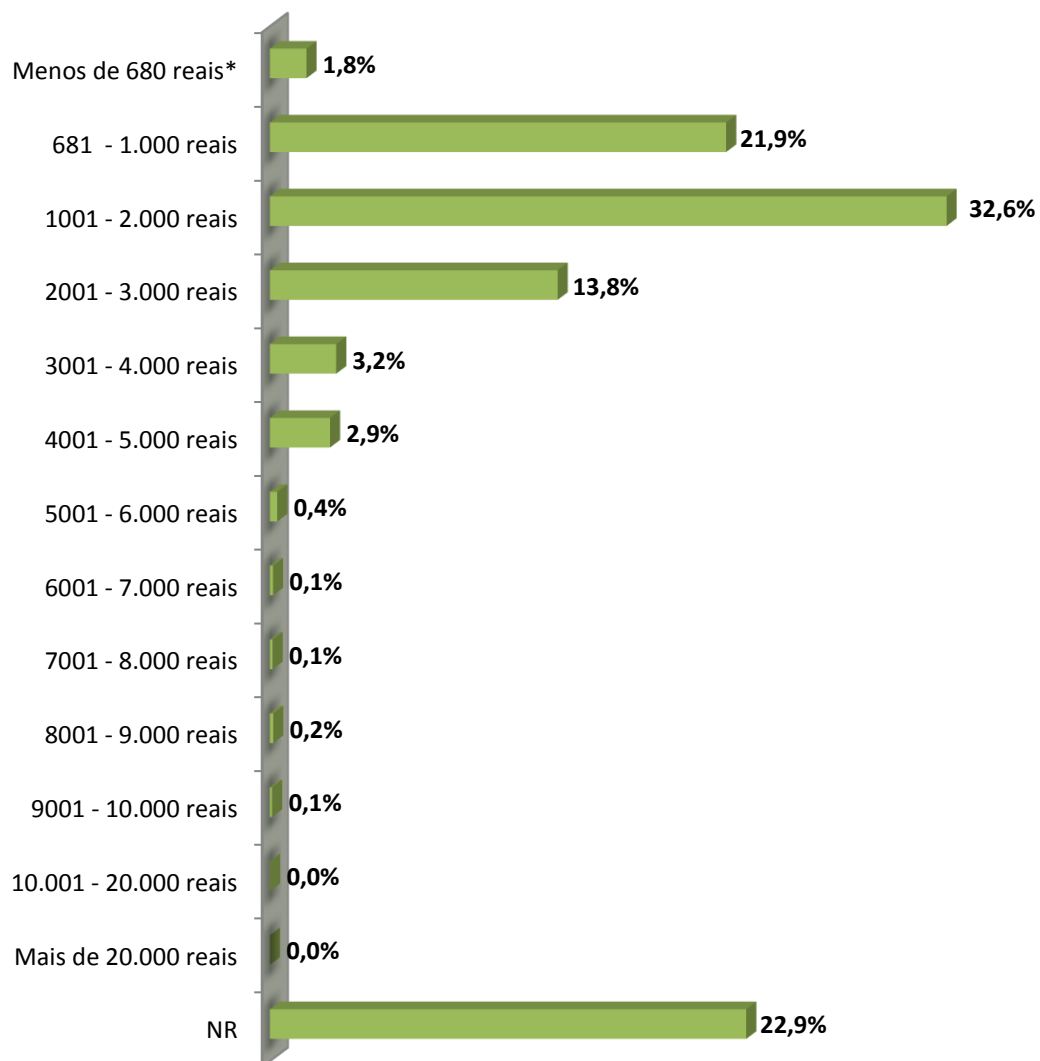
Tabela 5.11.6  
 Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil

<b>Rendimento mensal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	4.903	1,8
681 - 1000 reais	61.006	21,9
1001 - 2000 reais	90.703	32,6
2001 - 3000 reais	38.481	13,8
3001 - 4000 reais	8.880	3,2
4001 - 5000 reais	8.053	2,9
5001 - 6000 reais	994	0,4
6001 - 7000 reais	417	0,1
7001 - 8000 reais	367	0,1
8001 - 9000 reais	449	0,2
9001 - 10000 reais	304	0,1
10.001 - 20.000 reais	30	0,0
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	63.694	22,9
<b>Total</b>	<b>278.283</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*Salário mínimo - Ano base 2013

Gráfico 5.27 - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil



\*Salário mínimo - Ano base 2013

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SETOR ENSINO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR ENSINO

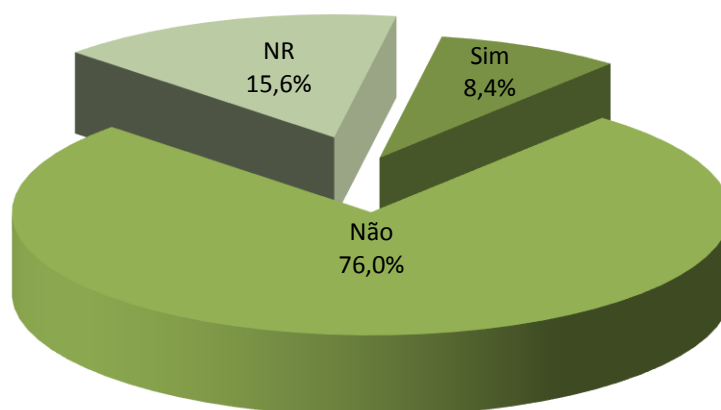
Importante ressaltar que neste setor encontram-se as Escolas, Faculdades, Departamentos, Cursos na área de enfermagem, bem como os Hospitais Universitários, que podem abrigar profissionais contemplados na pesquisa. Registra-se que a Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil não buscou analisar o “setor ensino” propriamente dito. No entanto, foi detectado, na pesquisa, um considerável percentual de profissionais que atuam nas instituições de ensino ou nos hospitais-escola e ambulatoriais. Portanto, os dados ora apresentados e analisados nesta sessão não refletem a realidade deste setor e sim, áreas de atuação de ensino, nas quais se encontravam os profissionais contemplados no escopo dessa investigação. No setor ensino atuam 8,4% da equipe de enfermagem brasileira, o que equivale a aproximadamente 150 mil profissionais (Tabela 5.12 e Gráfico 5.28). Levando-se em consideração sua especificidade (ensino e prática), tem que se valer da rede de saúde (público e/ou privado) para campo de estágios e prática, sendo que o profissional pode, concomitantemente, estar na assistência e/ou ensino.

Tabela 5.12  
Equipe de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil

<b>Instituição de ensino</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	150.806	8,4
Não	1.371.670	76,0
NR	282.059	15,6
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.28 - Equipe de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

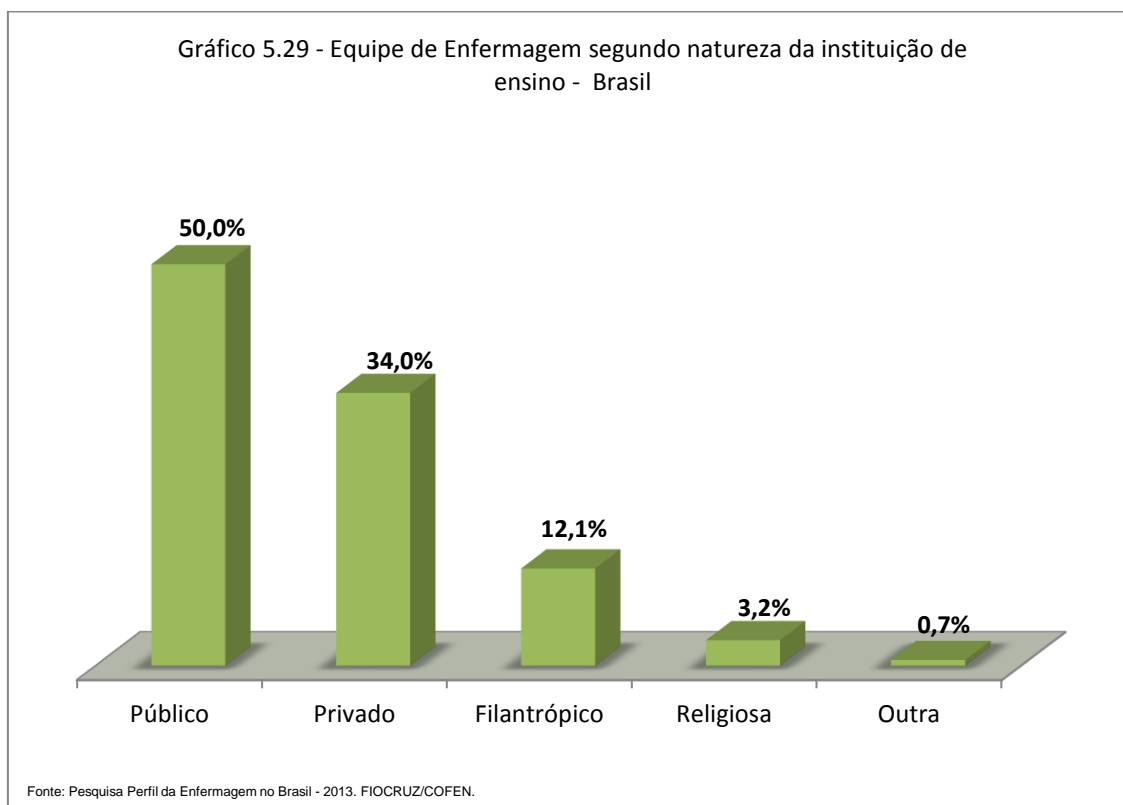
## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

A pesquisa detectou um percentual maior de profissionais (50%) atuando na área de ensino nas instituições públicas (escolas e/ou hospitais), seguido do privado com 34% e o filantrópico com 12,1%. As instituições religiosas detêm apenas 3,2% atuando no ensino (Tabela 5.12.1 e Gráfico 5.29).

Tabela 5.12.1  
Equipe de Enfermagem segundo natureza da instituição de ensino – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Natureza	V.Abs.	%
Público	78.932	50,0
Privado	53.635	34,0
Filantrópico	19.107	12,1
Religiosa	5.013	3,2
Outra	1.127	0,7
<b>Total</b>	<b>157.814</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE CURSO

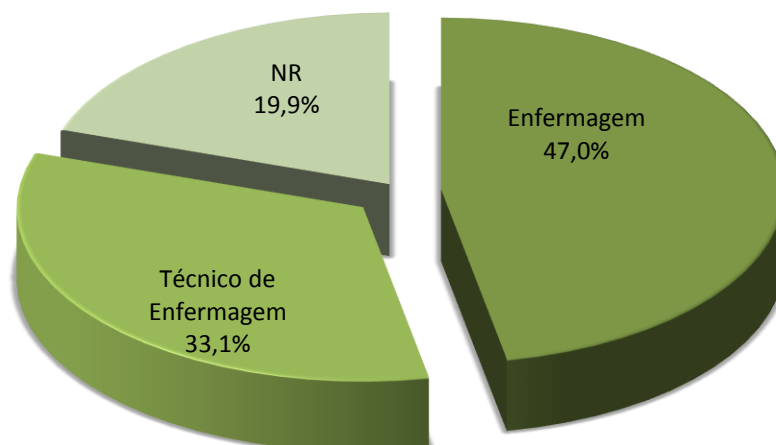
Em relação ao tipo de curso que a equipe de enfermagem desenvolve suas atividades docentes, verifica-se que 47% atuam em cursos de enfermagem e 33,1% em técnicos (Tabela 5.12.2 e Gráfico 5.30).

Tabela 5.12.2  
Equipe de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil

<b>Tipo de curso</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Enfermagem	70.823	47,0
Técnico de Enfermagem	49.990	33,1
NR	29.993	19,9
<b>Total</b>	<b>150.806</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.30 - Equipe de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



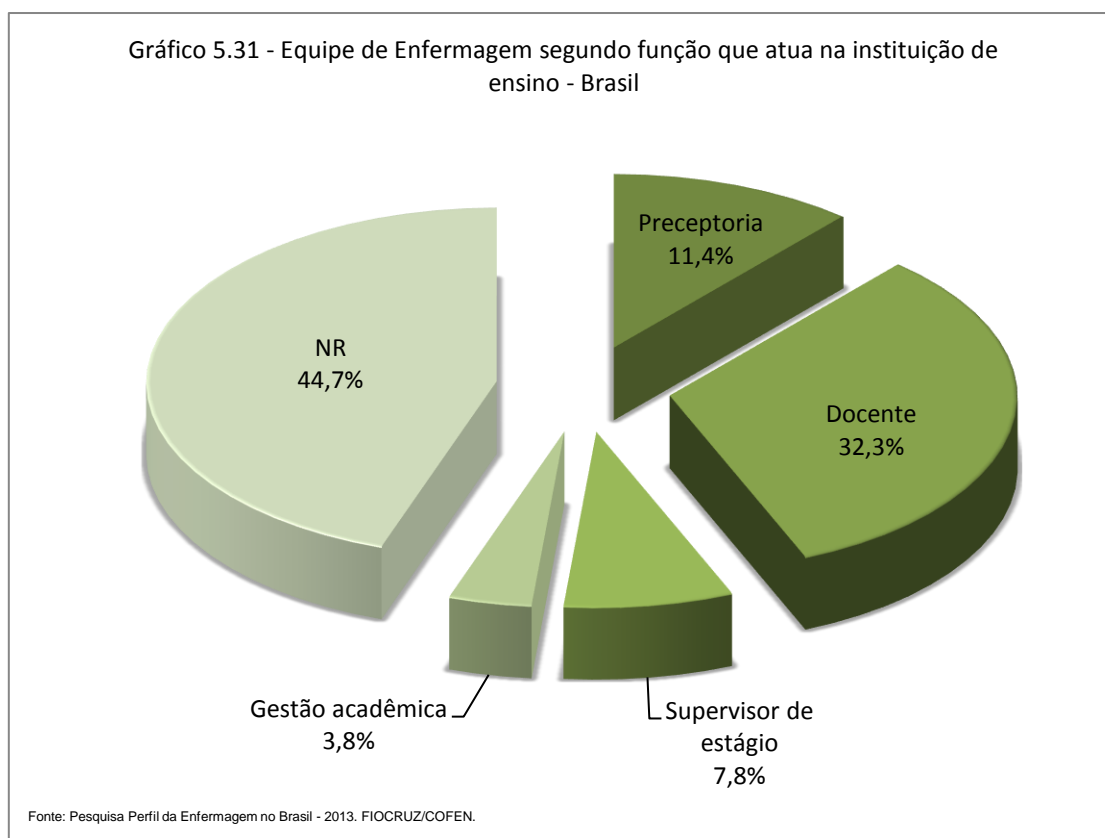
## FUNÇÃO

No que diz respeito, a função desenvolvida no ensino, 32,3% atuam em docência; preceptoria é exercida por 11,4%, seguida das atividades de supervisão de estágio por 7,8% e gestão acadêmica (3,8%) (Tabela 5.12.3 e Gráfico 5.31).

Tabela 5.12.3  
Equipe de Enfermagem segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil

Função	V.Abs.	%
Preceptoria	17.165	11,4
Docente	48.704	32,3
Supervisor de estágio	11.787	7,8
Gestão acadêmica	5.775	3,8
NR	67.375	44,7
<b>Total</b>	<b>150.806</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



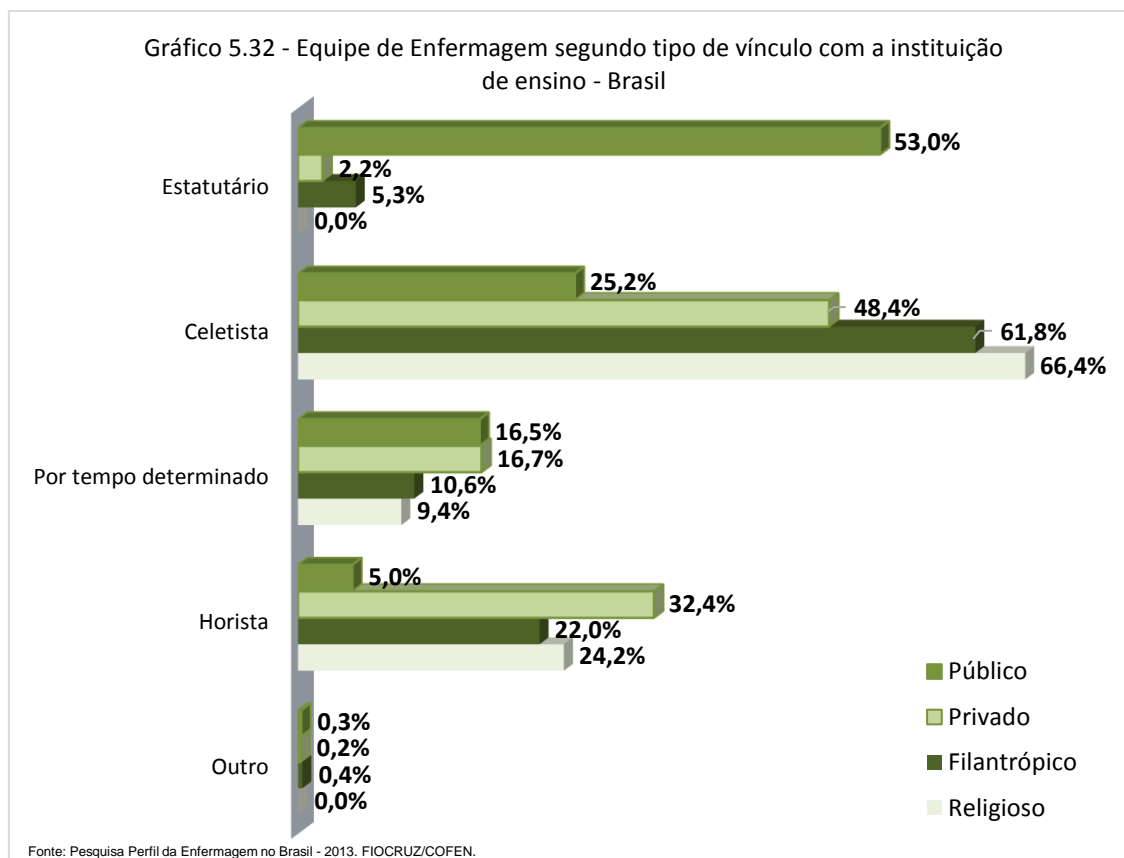
## TIPO DE VINCULO

A Tabela 5.12.4 e o Gráfico 5.32 mostram algumas evidências. Primeiro, atuando nas instituições públicas, a equipe de enfermagem tem, em sua maioria, vínculo estatutário (53%), seguido do CLT (25,2%). Segundo, já nas privadas, o predominante é o celetista (48,4%), seguido do horista, com 32,4%. Terceiro, nas filantrópicas, o que prevalecem são os vínculos celetistas, representando 61,8% e os horistas (22%). Quarto, da mesma forma que nas filantrópicas, nas instituições religiosas, o vínculo predominante é o CLT (66,4%) e 24,2%, horista.

Tabela 5.12.4  
Equipe de Enfermagem segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	Público		Privado		Filantrópico		Religioso	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Estatutário	36.443	53,0	931	2,2	457	5,3	0	0,0
Celetista	17.332	25,2	20.090	48,4	5.371	61,8	689	66,4
Por tempo determinado	11.371	16,5	6.941	16,7	921	10,6	98	9,4
Horista	3.406	5,0	13.463	32,4	1.913	22,0	251	24,2
Outro	198	0,3	94	0,2	34	0,4	0	0,0
<b>Total</b>	<b>68.750</b>	<b>100,0</b>	<b>41.518</b>	<b>100,0</b>	<b>8.696</b>	<b>100,0</b>	<b>1.038</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

A metade do contingente de enfermagem (51,8%) desenvolve suas atividades de ensino nas Escolas, Faculdades, Departamentos. Os Hospitais Universitários detêm uma importante parcela de 30% (Tabela 5.12.5 e Gráfico 5.33).

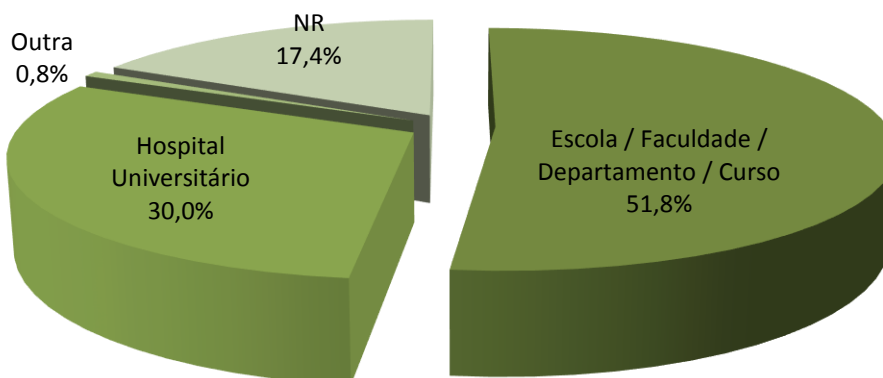
Tabela 5.12.5

Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Escola/Faculdade/Departamento/Curso	78.162	51,8
Hospital Universitário	45.267	30,0
Outra	1.157	0,8
NR	26.220	17,4
<b>Total</b>	<b>150.806</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.33 - Equipe de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

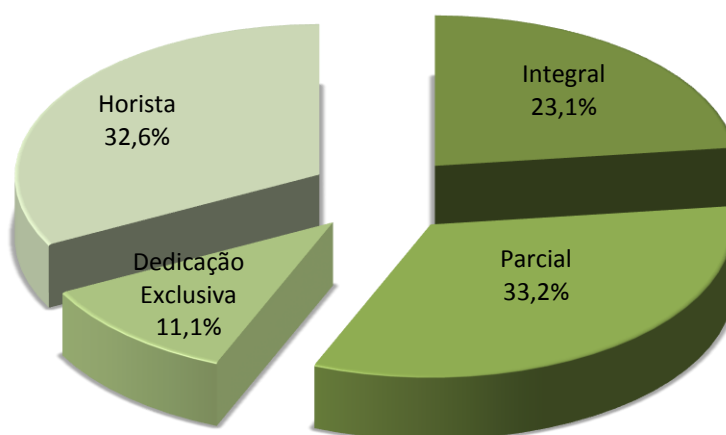
Somam 65,8% os que atuam no ensino em regime de trabalho parcial ou horista. Poucos são aqueles em tempo integral (23,1%) e 11,1% com dedicação exclusiva (DE) (Tabela 5.12.6 e Gráfico 5.34).

Tabela 5.12.6  
Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho na instituição de ensino – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Regime	V.Abs.	%
Integral	27.645	23,1
Parcial	39.744	33,2
Dedicação Exclusiva	13.360	11,1
Horista	39.106	32,6
<b>Total</b>	<b>119.855</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.34 - Equipe de Enfermagem segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

No que diz respeito a carga horária dispensada às atividades de ensino, um número expressivo de 27,6% dedica de 31 - 40 horas; 11,8% entre 21 - 30 horas semanais; 12,1% entre 41 - 60 horas. Menos de 1% tem jornada de trabalho de mais de 80 horas. Registra-se 16,1% que fazem mais de 41 horas semanais.

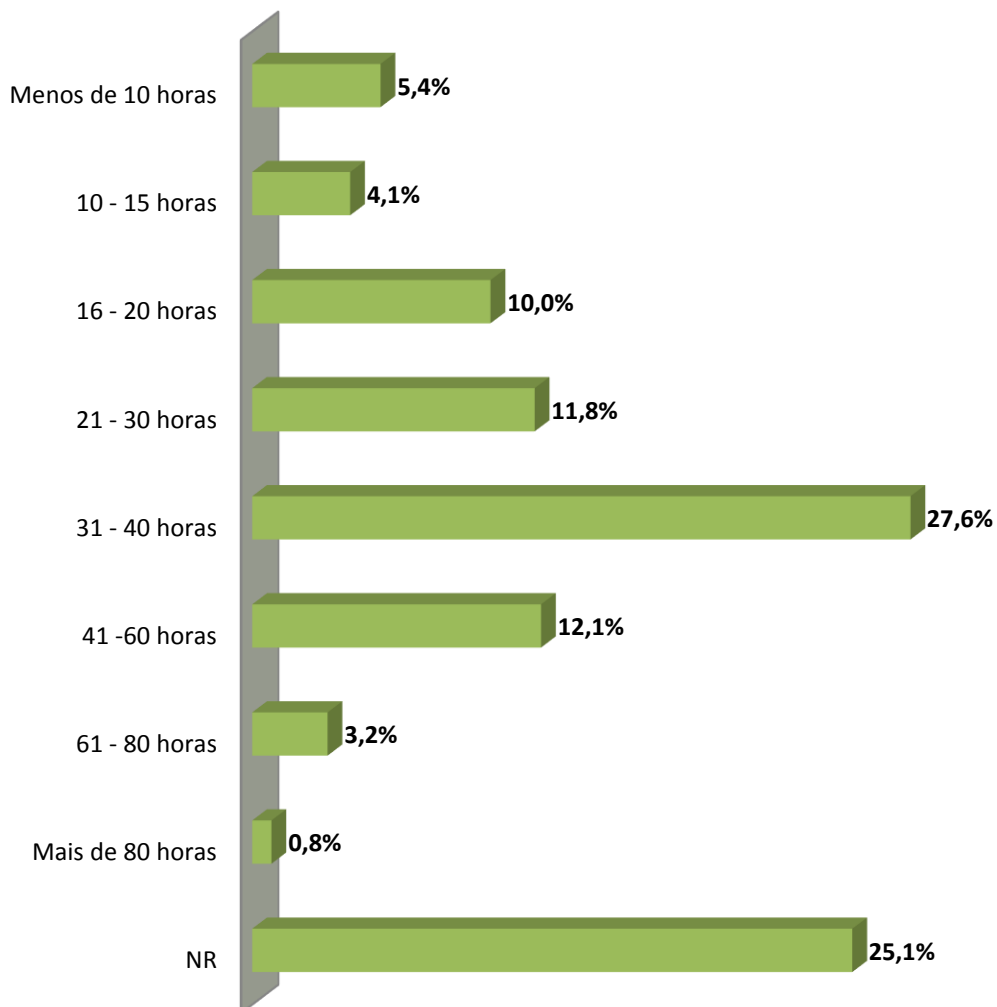
Motivo de alerta é o fato de ter sido detectado em torno de 29 mil (19,5%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, tendo jornadas igual ou inferior a 20 horas semanais, considerando todas as suas atividades no âmbito da enfermagem; e 5,4% com jornadas de 10 horas semanais (Tabela 5.12.7 e Gráfico 5.35). Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

Tabela 5.12.7  
Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino  
Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	8.091	5,4
10 - 15 horas	6.177	4,1
16 - 20 horas	15.028	10,0
21 - 30 horas	17.810	11,8
31 - 40 horas	41.501	27,6
41 - 60 horas	18.213	12,1
61 - 80 horas	4.754	3,2
Mais de 80 horas	1.214	0,8
NR	37.838	25,1
<b>Total</b>	<b>150.627</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.35 - Equipe de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TURNO DE TRABALHO

Observa-se que mais da metade da equipe de enfermagem desenvolve suas atividades na área de ensino no horário diurno (56,2%), enquanto 13,2% o fazem em horário noturno e 13,1%, em ambos (Tabela 5.12.8 e Gráfico 5.36).

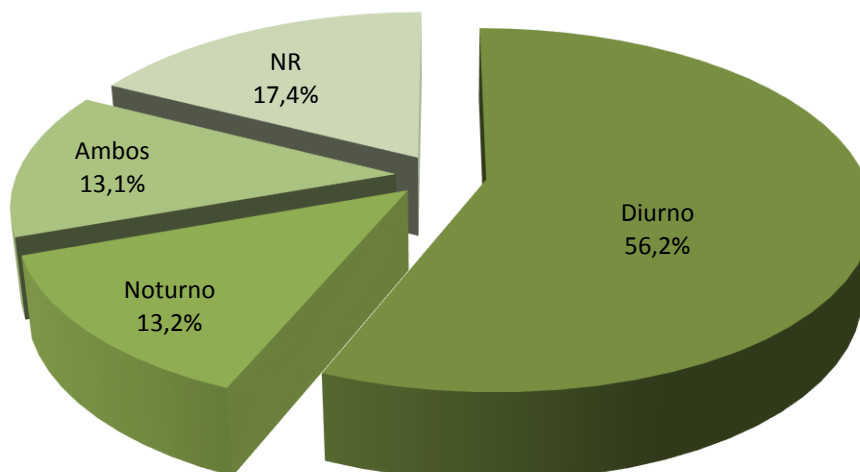
Tabela 5.12.8

Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	84.818	56,2
Noturno	19.946	13,2
Ambos	19.742	13,1
NR	26.299	17,4
<b>Total</b>	<b>150.806</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.36 - Equipe de Enfermagem segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## RENDIMENTO MENSAL

No tocante aos rendimentos obtidos com as atividades de ensino, o dado que mais chama atenção é o fato de 41,7% não responderam (NR) a esse quesito. Percebe-se que a faixa que mais se destaca é a de 1.001 - 2.000 reais (17,1%). As demais faixas de rendimentos mensais se pulverizam: na faixa entre 2.001 - 3.000 reais (10,1%); de 3.001 - 4.000 reais (4,9%) e 4.001 - 5.000 reais (7%). Não há registro de profissionais que se situam na faixa de rendimentos entre 10.001 - 20.000 reais (Tabela 5.12.9 e Gráfico 5.37).

Aqueles que percebem rendimentos nas atividades de ensino até 1.000 reais somam mais de 19 mil, correspondendo a 13%, configurando em situação de **subsídio**. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada a outras informações contidas na pesquisa.

Tabela 5.12.9

Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil

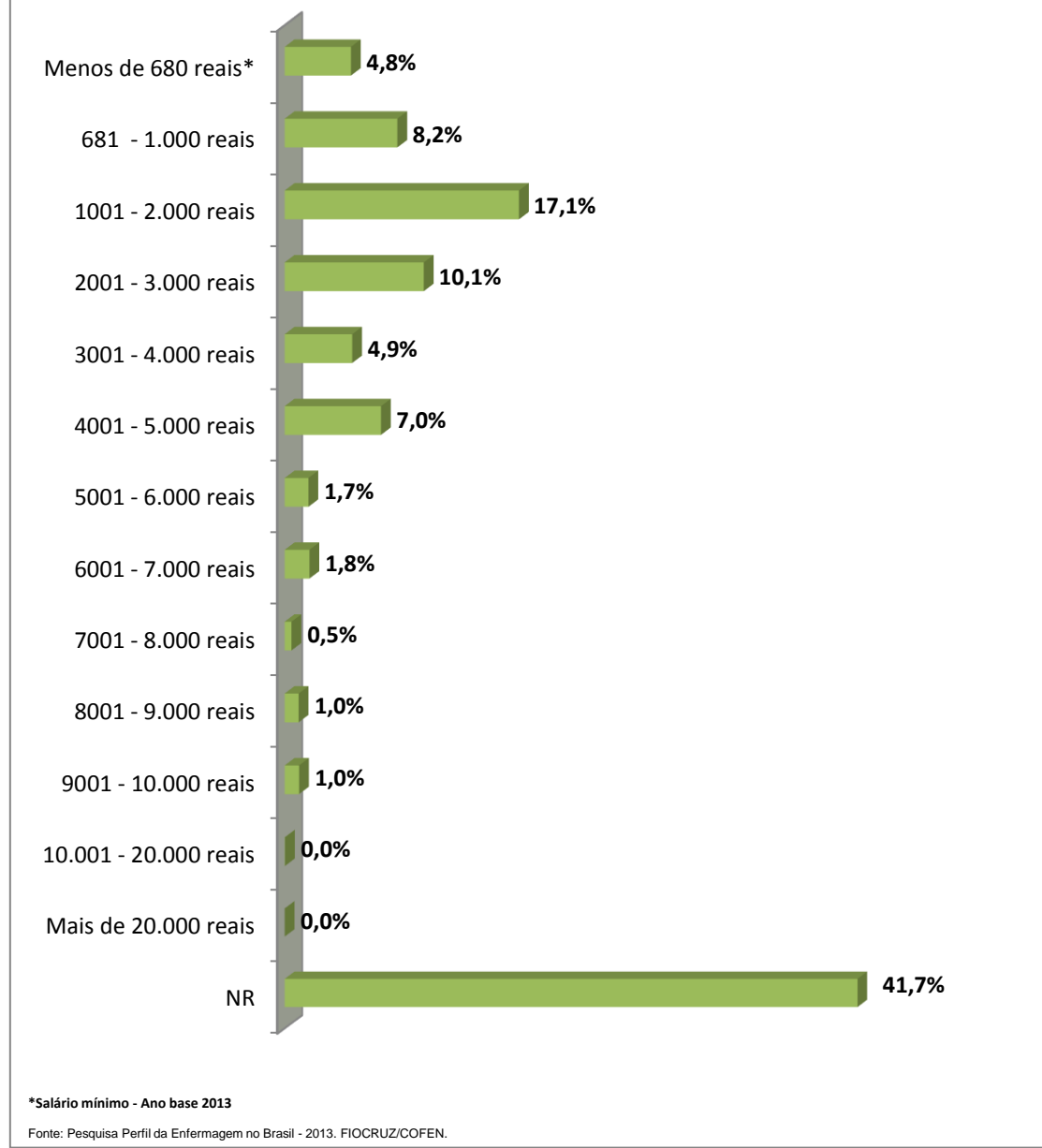
<b>Rendimento mensal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	7.280	4,8
681 - 1000 reais	12.377	8,2
1001 - 2000 reais	25.733	17,1
2001 - 3000 reais	15.276	10,1
3001 - 4000 reais	7.414	4,9
4001 - 5000 reais	10.580	7,0
5001 - 6000 reais	2.611	1,7
6001 - 7000 reais	2.720	1,8
7001 - 8000 reais	743	0,5
8001 - 9000 reais	1.533	1,0
9001 - 10000 reais	1.581	1,0
10.001 - 20.000 reais	30	0,0
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	62.927	41,7
<b>Total</b>	<b>150.806</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*Salário mínimo - Ano base 2013



Gráfico 5.37 - Equipe de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil



## ATIVIDADE AUTÔNOMA

Apenas 6,7% da equipe exercem atividade autônoma, prestando assistência particular de enfermagem em domicílio; 78,3% não fazem (Tabela 5.13 e Gráfico 5.38).

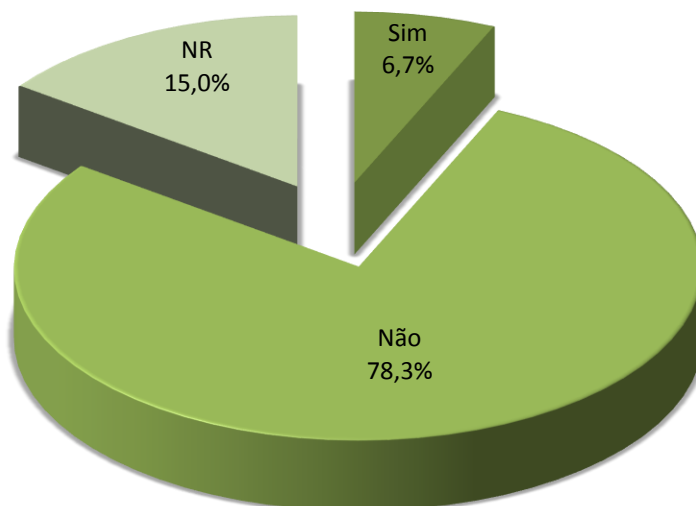
Tabela 5.13

Equipe de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

<b>Assistência particular</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	120.450	6,7
Não	1.413.462	78,3
NR	270.623	15,0
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.38 - Equipe de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## HORAS TRABALHADAS NA ATIVIDADE AUTÔNOMA

Registra-se que 1/3 (33%) da equipe que exerce esta atividade, utiliza até 15 horas de trabalho semanais. As maiores concentrações estão nas faixas entre 31 - 60 horas, somando 30,6% e até 20 horas, com 36,2%. Mesmo com percentuais baixos, tem-se 5,6% que têm essa atividade utilizando mais de 61 horas, sendo que destes, 2,6% afirmam trabalhar mais de 80 horas semanais (Tabela 5.13.1 e Gráfico 5.39).

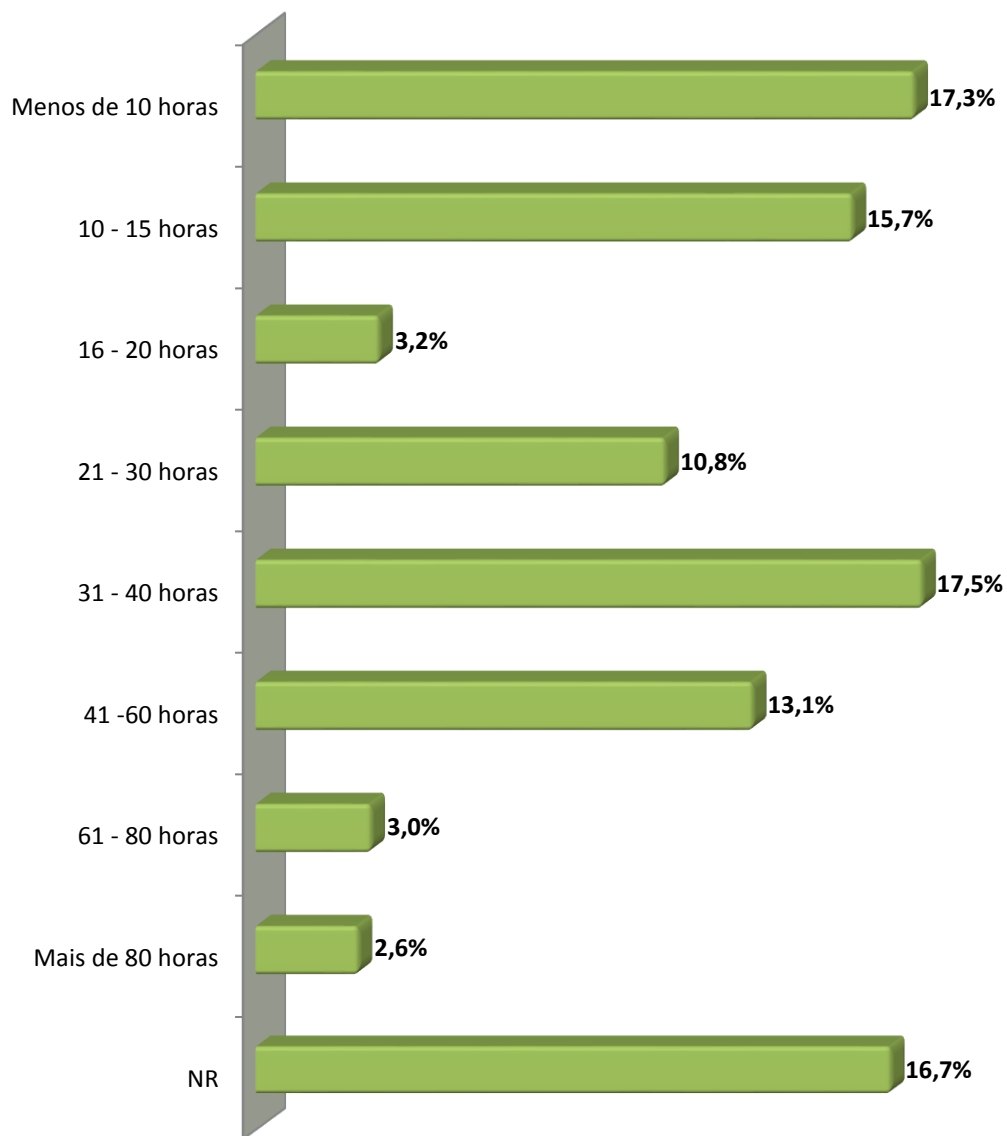
Tabela 5.13.1

Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	20.870	17,3
10 - 15 horas	18.904	15,7
16 - 20 horas	3.906	3,2
21 - 30 horas	12.972	10,8
31 - 40 horas	21.121	17,5
41 -60 horas	15.746	13,1
61 - 80 horas	3.655	3,0
Mais de 80 horas	3.155	2,6
NR	20.122	16,7
<b>Total</b>	<b>120.450</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.39 - Equipe de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## RENDA MENSAL TOTAL

A questão de renda mensal total das atividades de enfermagem leva a várias reflexões que merecem uma análise detida. No primeiro plano está se analisando a equipe de enfermagem e posteriormente, enfermeiros e auxiliares e técnicos de enfermagem. Consta-se que, mesmo com a soma de todas as atividades, tem-se 1,8% na equipe que percebem menos de 1 SM (à época equivalente a 680 reais/2013) por mês. Confirmando a situação já mencionada e analisada de **subjornadas de trabalho**, **subsalários** e, conseqüentemente **subempregos**, a pesquisa encontra um percentual elevado de pessoas (17,6%) que declaram ter renda total mensal de até 1.000 reais. Por outro lado, reforça a hipótese de subemprego quando o maior percentual encontrado entre os profissionais da equipe é a faixa salarial de 1.001 - 2.000 reais, que, junto com as faixas anteriores vai representar 47,6% de todo o contingente. De grande relevância registrar que 63,6% têm renda mensal total de até 3.000 reais e 70,4% se encontram nas faixas salariais de até 4 mil reais (Tabela 5.14 e Gráfico 5.40).

A pesquisa captou outras atividades autônomas remuneradas da enfermagem, tais como assistência domiciliar. No entanto, tal fato não muda realidade salarial, uma vez o que se torna determinante são os vínculos encontrados nos setores público, privado, filantrópico e ensino. Também se verificou o número de atividades/trabalho destes profissionais e se constatou que a maioria (63,7%) tem apenas uma atividade/trabalho. Constatou também que 10,1% de todo o contingente experimentaram desemprego nestes últimos 12 meses.

Fazendo uma retrospectiva nos valores salariais da equipe nos 4 grandes setores de empregabilidade da enfermagem se tem um quadro que permite dizer que:

Primeiro, há existência de **subsalário** em todos os setores, sendo o privado (22,1%) e o filantrópico (23,7%) os que mais praticam salários com valores de até 1.000 reais e, em ambos, os salários de mais da metade do contingente lá empregado não passa de 2.000 reais.

Segundo, tanto o público, como o privado e o filantrópico têm como prática remuneratória valores muito baixos para essa equipe de enfermagem, o que significa dizer que 62,5% no público, 68,2% no privado e 70,1% no filantrópico têm renda mensal de até 3.000 reais. O que se configura em clara situação de **subemprego**, uma vez que está se falando de equipe na qual está inserido também o profissional

enfermeiro, que supostamente deveria estar apresentando rendimentos mais elevados.

Terceiro, é no setor ensino que se vislumbra maior equilíbrio entre salários e onde se constatou (mesmo que percentualmente baixo) valores salariais mais elevados. Por exemplo, enquanto 3,8% no público, 1,8% no privado e 0,9% da equipe no filantrópico declaram rendimentos acima de 5.001 reais, o ensino apresenta percentual de 6%. O mesmo pode-se ver na faixa acima de 7.001, no qual o ensino exibe 2,5%. Os demais setores têm percentuais ainda mais baixos: público (1,5%), privado (0,7%) e filantrópico (0,4%).

Tabela 5.14

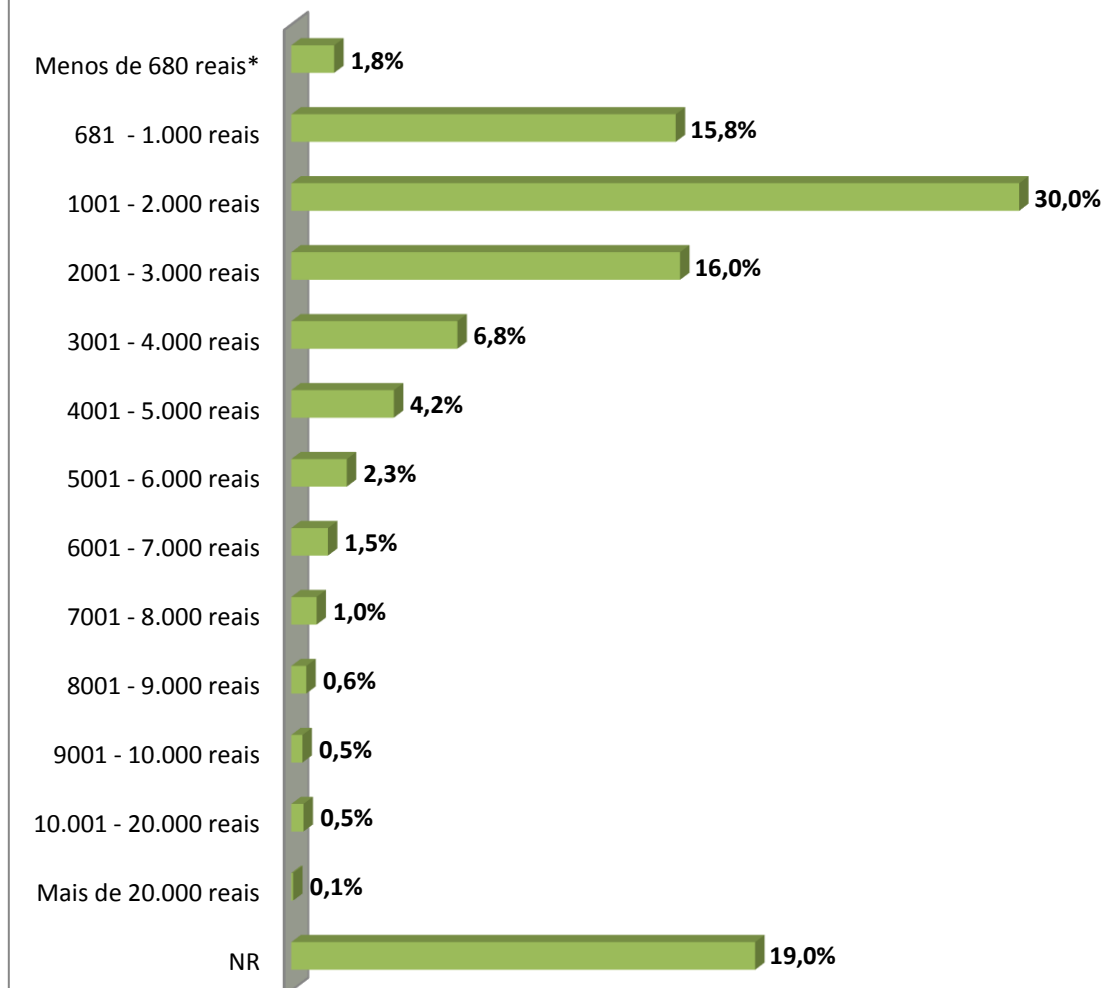
Equipe de Enfermagem segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil

Renda mensal total	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	31.755	1,8
681 - 1000 reais	284.756	15,8
1001 - 2000 reais	540.943	30,0
2001 - 3000 reais	287.933	16,0
3001 - 4000 reais	123.029	6,8
4001 - 5000 reais	75.969	4,2
5001 - 6000 reais	41.113	2,3
6001 - 7000 reais	27.121	1,5
7001 - 8000 reais	18.701	1,0
8001 - 9000 reais	11.058	0,6
9001 - 10000 reais	8.231	0,5
10.001 - 20.000 reais	9.049	0,5
Mais de 20.000 reais	1.307	0,1
NR	343.571	19,0
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*Salário mínimo - Ano base 2013

Gráfico 5.40 - Equipe de Enfermagem segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil



\*Salário mínimo - Ano base 2013

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SALÁRIO IDEAL

Já quando se pergunta a equipe de enfermagem qual seria o salário ideal, constata-se dois fatos: a) 36,3% se recusaram a responder (NR); b) não há consenso quanto ao salário ideal entre eles (Tabela 5.15). Contudo, mesmo não tendo consenso, registra-se 33,7% que responderam ser “salário ideal”, valores entre 1.001 - 3.000 reais.

Tabela 5.15  
Equipe de Enfermagem segundo salário ideal - Brasil

<b>Salário ideal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	3.470	0,2
681 - 1000 reais	15.483	0,9
1001 - 2000 reais	275.467	15,3
2001 - 3000 reais	332.319	18,4
3001 - 4000 reais	158.572	8,8
4001 - 5000 reais	201.014	11,1
5001 - 6000 reais	30.932	1,7
6001 - 7000 reais	38.351	2,1
7001 - 8000 reais	8.718	0,5
8001 - 9000 reais	48.887	2,7
9001 - 10000 reais	33.465	1,9
10.001 - 20.000 reais	2.871	0,2
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	654.985	36,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*Salário mínimo de 2013



## OUTRAS ATIVIDADES

Um quantitativo de mais de 202 mil, ou seja, 11,2% declaram ter outras atividades fora da área de enfermagem (Tabela 5.16 e Gráfico 5.41).

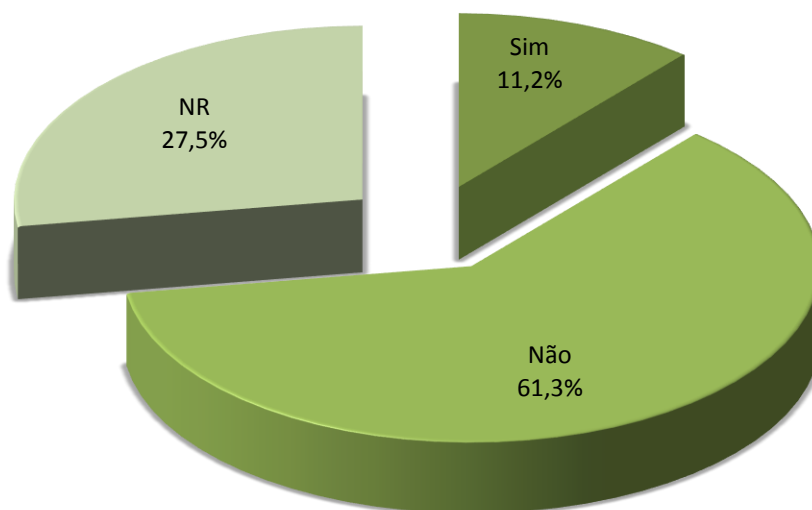
Tabela 5.16

Equipe de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem  
Brasil

<b>Outras atividades</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	202.539	11,2
Não	1.106.550	61,3
NR	495.446	27,5
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.41 - Equipe de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## CARGO DE CHEFIA

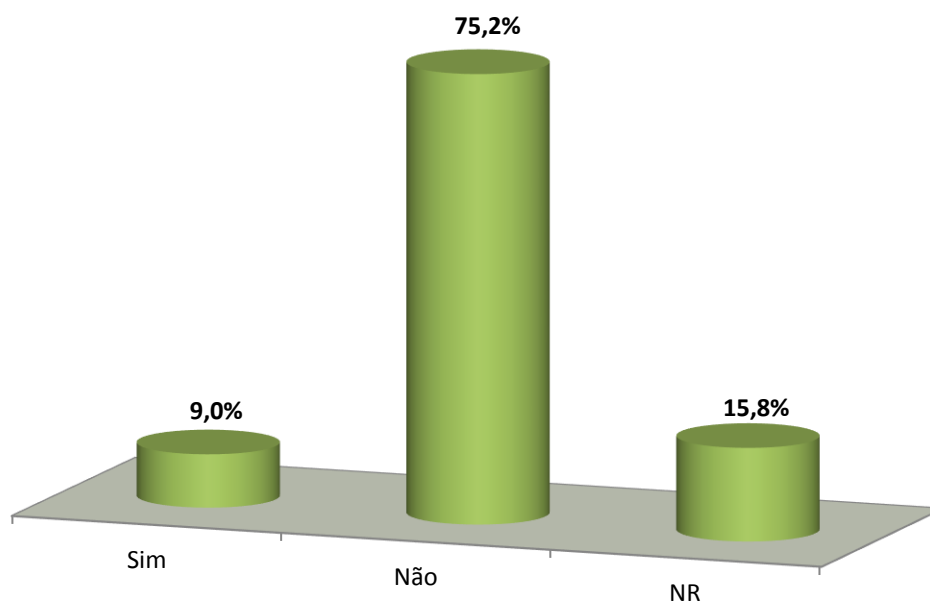
Na equipe, somente 9% afirmam exercer cargo de chefia (Tabela 5.17 e Gráfico 5.42).

Tabela 5.17  
Equipe de Enfermagem segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil

<b>Cargo de chefia</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	162.399	9,0
Não	1.357.298	75,2
NR	284.838	15,8
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.42 - Equipe de Enfermagem segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TIPO DE CARGO

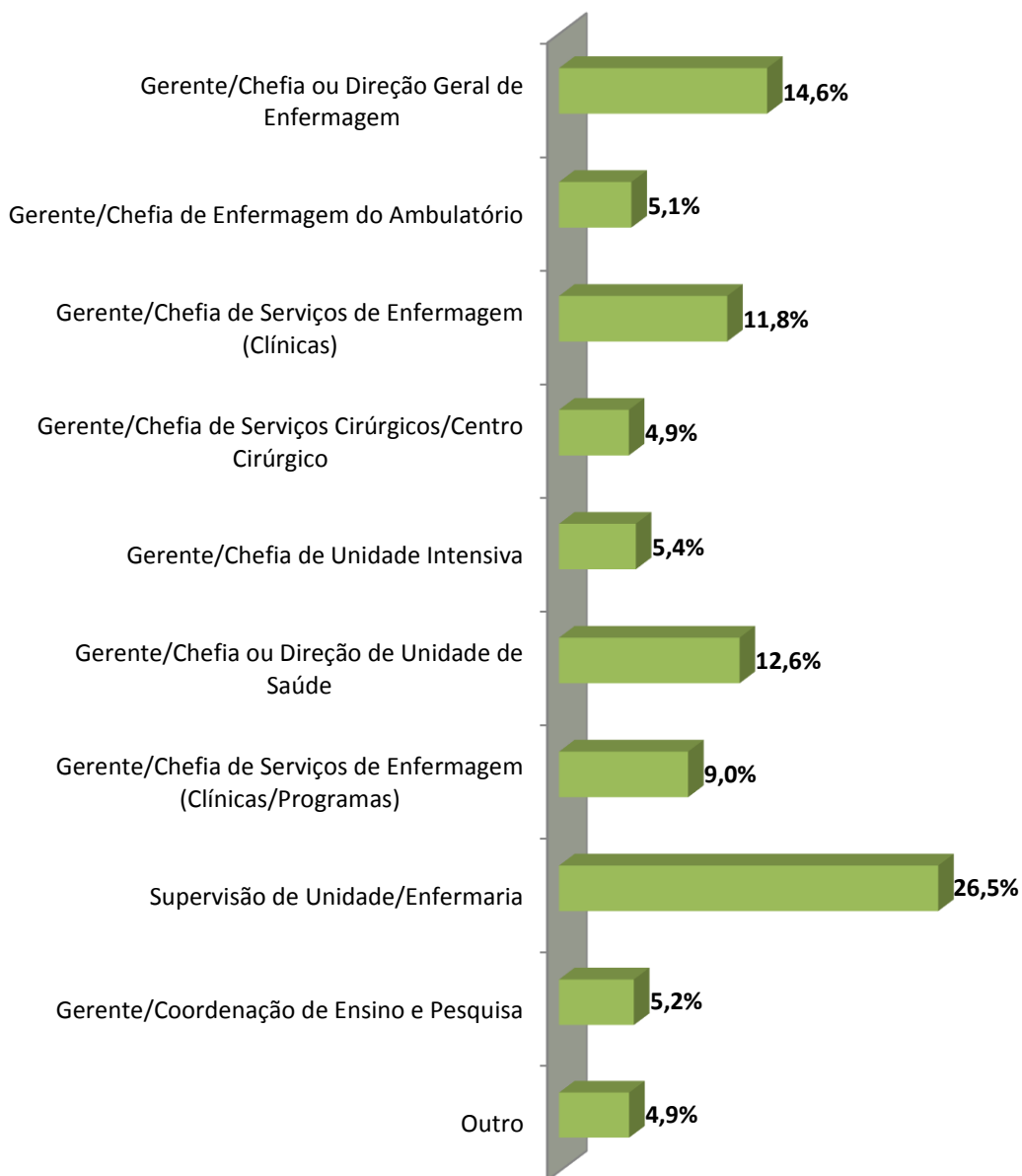
Daqueles que têm cargo de chefia, destaca-se: a) 26,5% exercem “supervisão de Unidades/Enfermaria”; b) 14,6% são gerentes/chefes ou diretores gerais de Enfermagem; c) 12,6% são gerentes/chefes ou diretores de Unidade de Saúde; d) 11,8% são gerentes/chefes de Serviços de Enfermagem em Clínicas; e) 9% têm cargo de gerentes/chefes de Serviços de Enfermagem (Clínicas/Programas). As atividades de coordenação de Ensino e Pesquisa somam 5,2%, bem como aquelas relacionadas à chefia de Unidade Intensiva representa 5,4%. As demais funções aparecem de forma homogênea, com percentuais aproximados, sem destaque. (Tabela 5.17.1 e Gráfico 5.43).

Tabela 5.17.1  
Equipe de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de cargo</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Gerente/Chefia ou Direção Geral de Enfermagem	23.576	14,6
Gerente/Chefia de Enfermagem do Ambulatório	8.196	5,1
Gerente/Chefia de Serviços de Enfermagem (Clínicas)	19.056	11,8
Gerente/Chefia de Serviços Cirúrgicos/Centro Cirúrgico	7.908	4,9
Gerente/Chefia de Unidade Intensiva	8.698	5,4
Gerente/Chefia ou Direção de Unidade de Saúde	20.457	12,6
Gerente/Chefia de Serviços de Enfermagem (Clínicas/Programas)	14.626	9,0
Supervisão de Unidade/Enfermaria	42.988	26,5
Gerente/Coordenação de Ensino e Pesquisa	8.476	5,2
Outro	7.943	4,9
<b>Total</b>	<b>161.923</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.43 - Equipe de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ATIVIDADES MAIS FREQUENTES

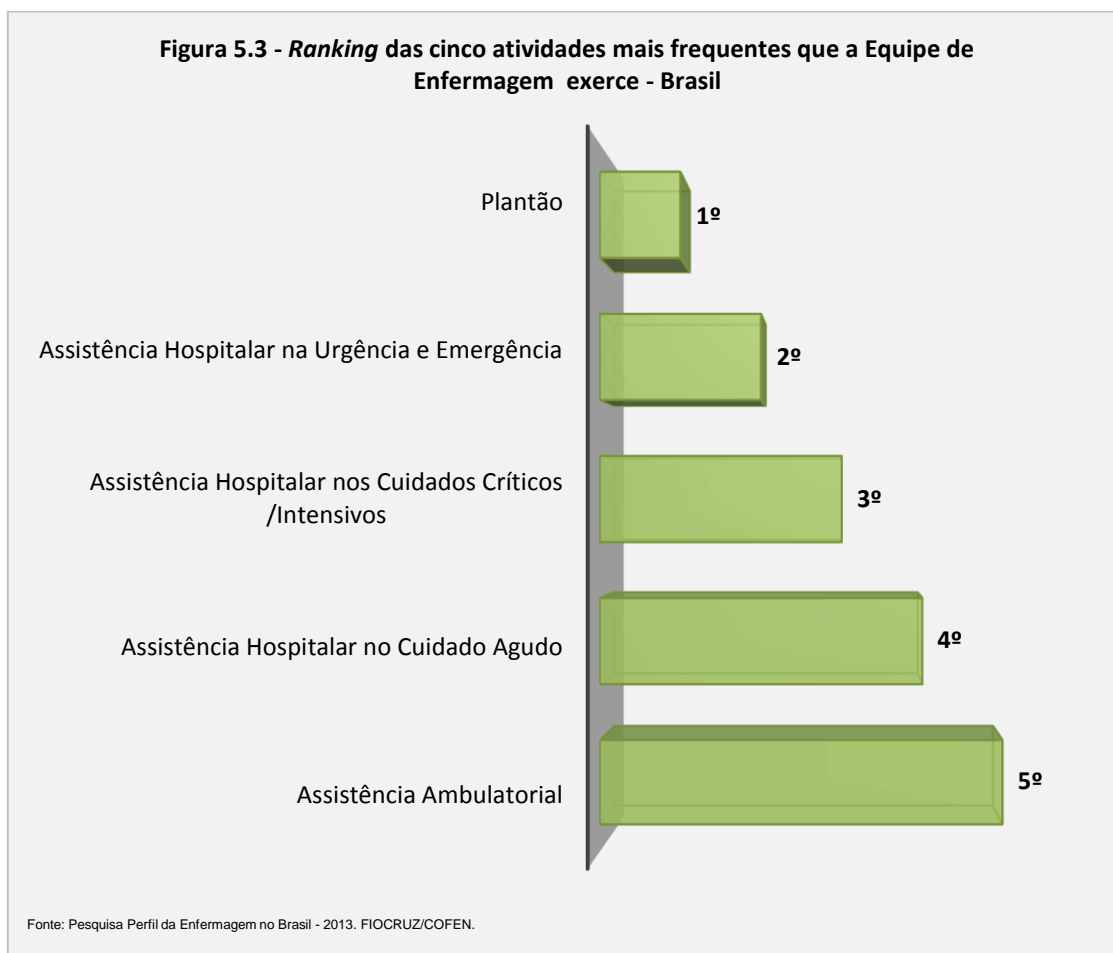
Quando analisado os dados sobre as atividades mais frequentes que a equipe de enfermagem exerce no Brasil, observa-se que o Plantão aparece em primeiro lugar com 15%, seguido por 14,2% na Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência; 13,6% com a Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/Intensivos; 9,1%, Assistência Ambulatorial; 9,2%, Assistência Hospitalar no Cuidado Agudo e com 8,9% aparece a atividade de Assistência Hospitalar Cuidados Paliativos. Registra-se também 4,8% para as atividades de Pesquisa e Docência e apenas 0,7% para a gestão do nível central. As Casas de Parto/Centros de Nascimento (1,1%); Assistência de Enfermagem no Domicílio - *Homecare* (2%); 3,9% em atividades nas ESF/UBS; 4,2% na Administração/Supervisão de Enfermagem/Coordenação/RT e somente 0,4% no CME - Central de Material e Esterilização. Chama atenção a existência de 0,4% de atividades fora da enfermagem/desemprego declarado/aposentadoria. Elas são, em sua maioria, relatadas na pesquisa, como serviços diversos, tais como manicure, faxineira, vendedora avulsa, motorista, etc. (Tabela 5.18).

Tabela 5.18  
 Equipe de Enfermagem segundo atividades mais frequentes que exerce - Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Atividades mais frequentes</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Docência	80.523	2,6
Pesquisa	68.833	2,2
Assistência Ambulatorial	280.955	9,1
Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência/UPA/Assistência Pré-Hospitalar Móvel (SAMU)	438.130	14,2
Assistência Hospitalar no Cuidado Agudo/Maternidade de Alto Risco/Trabalho de Parto	282.344	9,2
Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/Intensivos/CTI/Centro Cirúrgico	418.739	13,6
Assistência Hospitalar Cuidados Paliativos	275.675	8,9
Assistência Saúde Mental	90.871	2,9
Vigilância em Saúde/Epidemiológica/Sanitária	84.534	2,7
Plantão/Assistência Hospitalar e em Clínicas (Geral)	461.789	15,0
Administração e Supervisão de Enfermagem/Coordenação/RT	130.886	4,2
Trabalho na Comunidade/Palestras na Sociedade em Geral	99.511	3,2
Trabalho em Serviços de Apoio a Diagnose e Terapia - SADT/Serviços Especializados/Saúde do Trabalho e Ocupacional/Laboratórios	31.008	1,0
Trabalho em Casa de Parto/Centro de Nascimento	34.999	1,1
Assistência de Enfermagem no Domicílio - <i>Homecare</i>	62.039	2,0
Assistência de Enfermagem na ESF/UBS/PSF/Assistência Indígena/Posto ou Centro de Saúde/Imunizações	119.989	3,9
Atendimento Particular	63.584	2,1
Gestão no Nível Central/Auditoria/Administração em Geral/Gestor e/ou Diretor de Unidade	21.461	0,7
Trabalho em Entidade de Classe/Fiscalização	3.900	0,1
Voluntário	629	0,0
Atividades fora da Enfermagem/Desemprego/Subemprego/Aposentada	11.796	0,4
Central de Material e Esterilização (CME)	13.410	0,4
Outro	9.482	0,3
<b>Total</b>	<b>3.085.085</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Observa-se que, para a equipe de enfermagem, as cinco atividades ranqueadas no Brasil são (Figura 5.3): a) Plantão; b) Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência; c) Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/Intensivos; d) Assistência Hospitalar no Cuidado Agudo; e) Assistência Ambulatorial.



## ATIVIDADE EM COOPERATIVA

No Brasil, apenas 3,5% afirmam prestar assistência de enfermagem por meio de cooperativa (Tabela 5.19 e Gráfico 5.44).

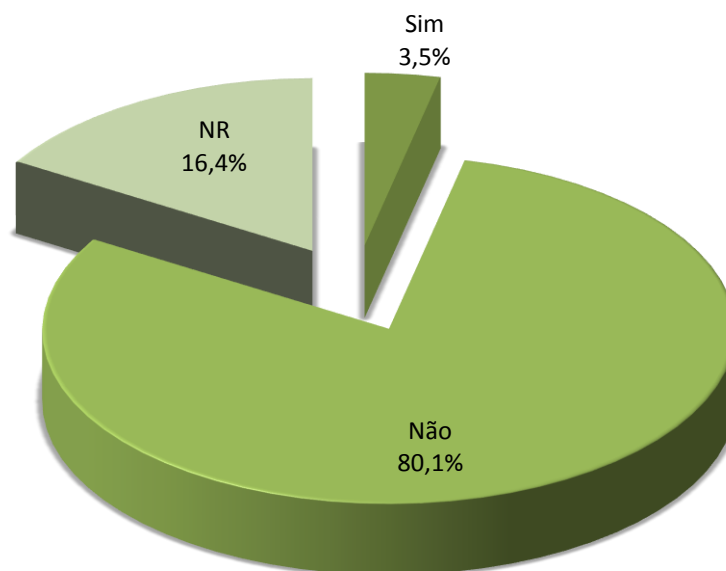
Tabela 5.19

Equipe de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil

<b>Trabalho em cooperativa</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	63.672	3,5
Não	1.445.725	80,1
NR	295.138	16,4
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.44 - Equipe de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TRABALHO NO EXTERIOR

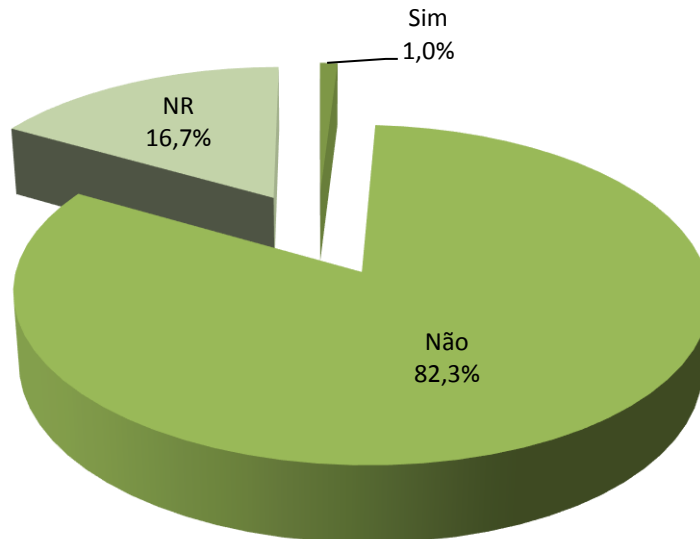
Foi detectado, no Brasil, que somente 1% da equipe de enfermagem experimentou trabalhar no exterior (Tabela 5.20 e Gráfico 5.45).

Tabela 5.20  
Equipe de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil

<b>Trabalho no exterior</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	17.672	1,0
Não	1.486.014	82,3
NR	300.849	16,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.45 - Equipe de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ÁREA DE TRABALHO

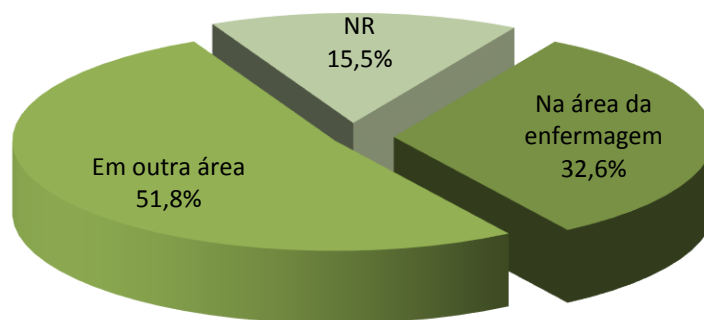
Aqueles que experimentaram sair do país, 32,6% atuaram na área de enfermagem. Contudo, mais da metade, ou seja, 51,8% trabalharam em outra área (Tabela 5.20.1 e Gráfico 5.46).

Tabela 5.20.1  
Equipe de Enfermagem segundo área que trabalhou no exterior - Brasil

Área	V.Abs.	%
Na área da enfermagem	5.765	32,6
Em outra área	9.162	51,8
NR	2.746	15,5
<b>Total</b>	<b>17.672</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.46 - Equipe de Enfermagem segundo área que trabalhou no exterior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

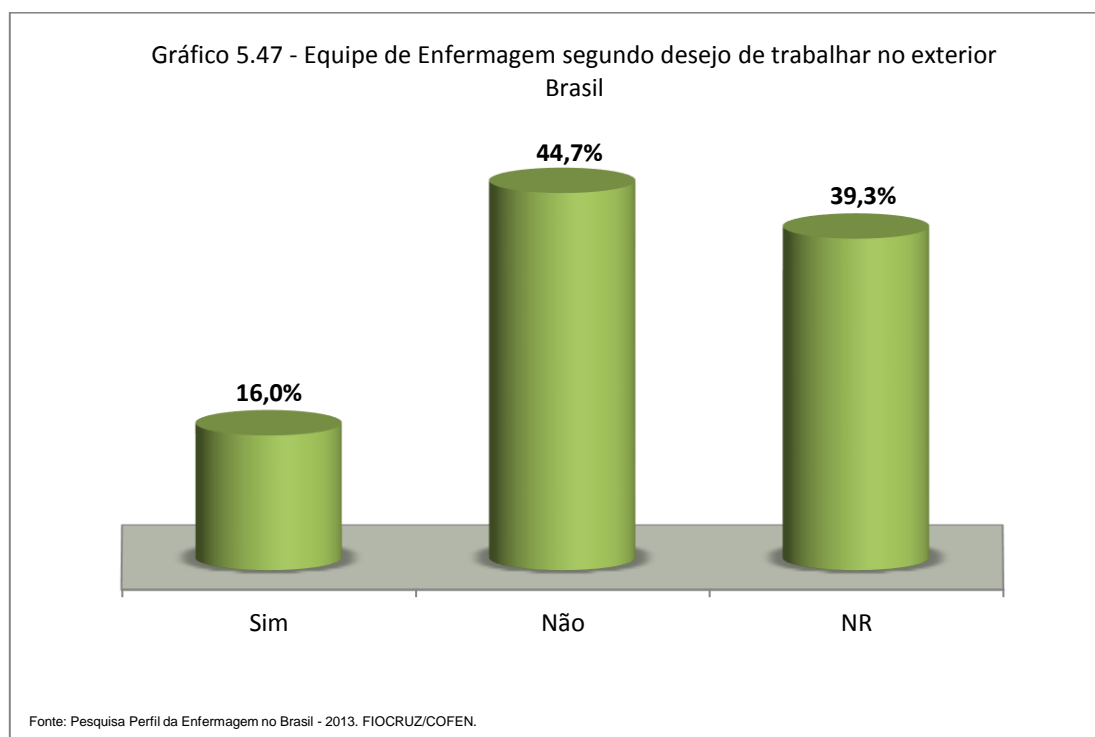
## DESEJO DE TRABALHAR NO EXTERIOR

O Brasil é um país de dimensões continentais e com isso, faz fronteiras com 10 países: 1) Guiana Francesa, 2) Guiana, 3) Colômbia, 4) Suriname, 5) Venezuela, 6) Peru, 7) Bolívia, 8) Paraguai, 9) Uruguai, e 10) Argentina. Os dados nacionais mostram que mais de 288 mil expressam desejo de trabalhar no exterior (16%) (Tabela 5.20.2 e Gráfico 5.47). Este dado será melhor analisado por estados, especialmente os que fazem fronteiras com os países acima mencionados, localizados nas regiões Sul, Centro-Oeste e Norte.

Tabela 5.20.2  
Equipe de Enfermagem segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil

Desejo	V.Abs.	%
Sim	288.136	16,0
Não	807.073	44,7
NR	709.326	39,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



# ENFERMEIROS



## SITUAÇÃO PROFISSIONAL

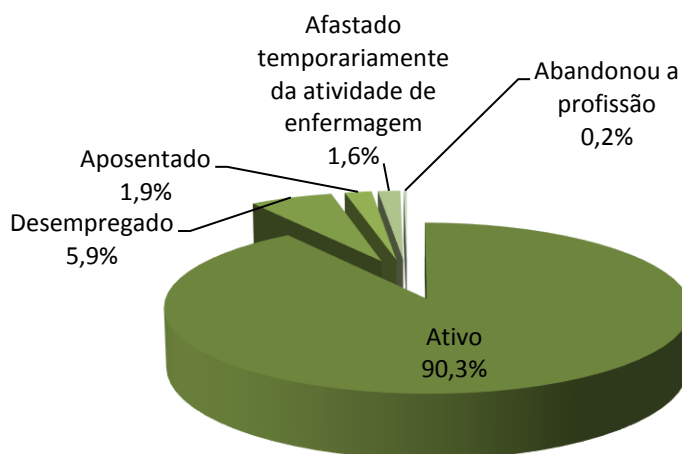
Analisando a profissão de enfermeiros do Brasil, é possível afirmar que se trata de categoria profissional ativa economicamente falando, o que representa 90,3% do seu contingente. No entanto, há indícios de problema de empregabilidade quando registra quase 6% de desemprego aberto e 1,6% se afastaram temporariamente da atividade de profissional, o que corresponde a quase 32 mil profissionais. Registra-se também 0,2% que abandonaram a profissão (Tabela 5.1a e Gráfico 5.48).

Tabela 5.1a  
Enfermeiros segundo situação profissional - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Situação profissional	V.Abs.	%
Ativo	380.273	90,3
Desempregado	24.991	5,9
Aposentado	8.133	1,9
Afastado temporariamente da atividade de enfermagem	6.719	1,6
Abandonou a profissão	968	0,2
<b>Total</b>	<b>421.084</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.48 - Enfermeiros segundo situação profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

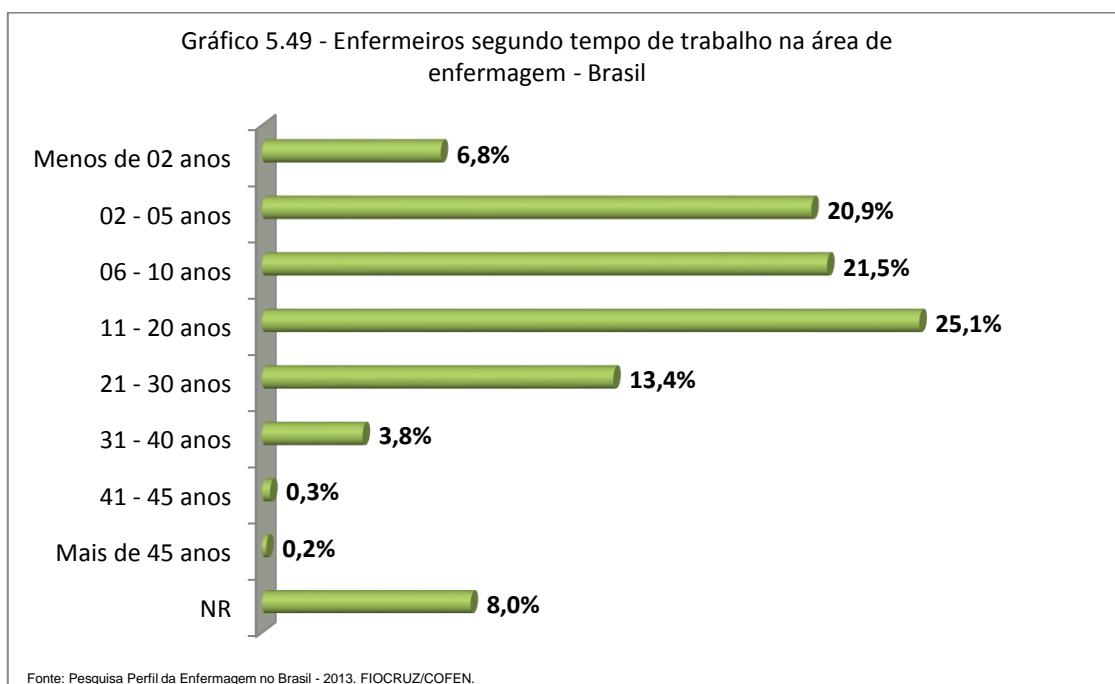
## TEMPO DE TRABALHO

Considerando o tempo de trabalho dos enfermeiros tem-se uma conformação bastante demarcada. Somando 80,9% estão os que atuam entre 2-10 anos (42,4%) e 11-30 anos (38,5%). Nos polos extremos estão aqueles com menos de 2 anos no mercado de trabalho com 6,8%. Da mesma forma, poucos são os que se encontram na faixa extrema, ou seja, com mais de 31 anos de trabalho, o que representa um total de 4,3% (Tabela 5.2a e Gráfico 5.49).

Tabela 5.2a  
Enfermeiros segundo tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

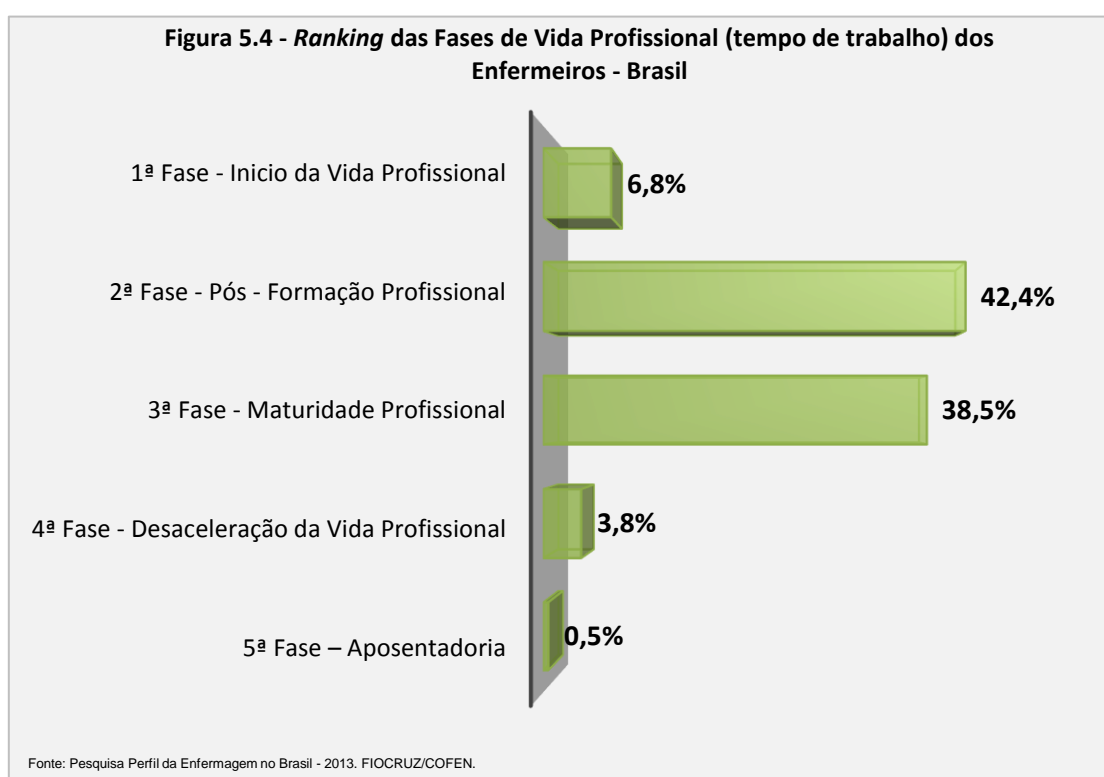
Tempo de trabalho	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	28.249	6,8
02 - 05 anos	86.856	20,9
06 - 10 anos	89.341	21,5
11 - 20 anos	103.917	25,1
21 - 30 anos	55.533	13,4
31 - 40 anos	15.899	3,8
41 - 45 anos	1.276	0,3
Mais de 45 anos	669	0,2
NR	32.972	8,0
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Utilizando da mesma classificação de “Fases da vida profissional” construída e analisada no primeiro bloco; “Perfil sócio econômico” (Figura 5. 4), a conformação do mercado de trabalho se estrutura a partir destas fases uma vez que a vida profissional é de fato definida e constituída a partir de sua inserção na estrutura produtiva dos serviços de saúde, seja como assalariado ou como autônomo prestando serviços de enfermagem, tão logo esteja concluída sua formação.<sup>17</sup>

A análise que se segue levará em consideração esta classificação e obedecerá, aproximadamente, as mesmas faixas etárias.



Tomando os dados da Tabela 5.2a e Gráfico 5.49 e utilizando a Figura 5.4, permite ver que na 1ª Fase - denominada de **“Início da vida profissional”**, estão 6,8% dos enfermeiros, constituindo aquela fase de início da vida profissional, ou seja, são aqueles com menos de 2 anos de formado, somando mais de 28 mil profissionais.

Já na 2ª Fase - **“Pós-Formação profissional”**, concentram-se 42,4%, ou seja, o maior contingente. Como dito anteriormente, no bloco 1 – Perfil sócio econômico,

<sup>17</sup> Para mais críticas, ver a Figura das “Fases da vida profissional” no bloco 1, contido neste Relatório Final da Pesquisa: Perfil da Enfermagem no Brasil.



nesta fase encontram-se os profissionais que estão buscando se qualificar, se preparar tecnicamente para enfrentar a competição inerente do mercado de trabalho. São aqueles com 2-10 anos inseridos no trabalho, representando quase metade dos enfermeiros, ou seja, mais de 176 mil.

Na 3ª Fase - denominada de “**Maturidade Profissional**”, encontram-se aqueles que já adquiriram capacitação e/ou formação capaz de permitir realizar as escolhas profissionais no âmbito do mercado de trabalho. Estão contidos na fase, aproximadamente 160 mil enfermeiros, o que representa 38,5% de todo o contingente.

Na 4ª Fase - “**Desaceleração da vida profissional**” é possível perceber o claro movimento de redução das atividades e até mesmo, precocemente, a aposentadoria. Não foram poucos os casos relatados na pesquisa nos quais o profissional se recusava a participar da mesma alegando estar em processo de aposentadoria, não se sentindo motivado e interessado em participar da pesquisa. Encontram-se nesta fase em torno de 3,8% dos enfermeiros representando mais de 15 mil profissionais.

E na 5ª Fase - “**Aposentadoria**”, está, naturalmente, o menor contingente, representando apenas 0,5%, ou seja, em torno de 2 mil profissionais. Vale, novamente, uma explicação metodológica. O fato de ser uma pesquisa que abrange não só aqueles que estão na vida produtiva, mas como aqueles que se encontram, desempregados ou mesmo aposentados, ocorreu de fato uma perda substantiva de profissionais que se recusaram a participar da pesquisa, prejudicando um pouco a nossa análise nestas duas últimas fases. Aqui está se falando de mais de 32 mil profissionais que se recusaram a responder este quesito – tempo de trabalho, ou seja, 8% do total. Pelos relatos da pesquisa de campo é possível detectar que boa parte destas recusas (NR) se referem aos que estão nas fases 4 e 5 e os que estão desempregados.

## DESEMPREGO

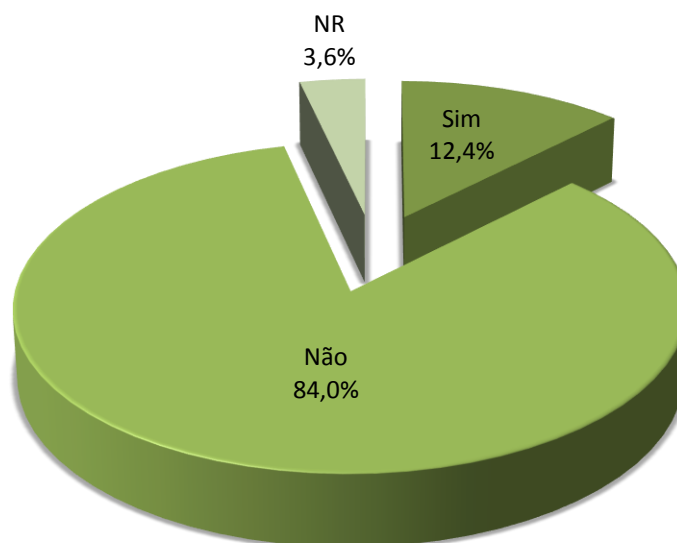
Outro dado que reforça esse problema nacional de empregabilidade dos enfermeiros é que 12,4% declararam ter ficado desempregado nos últimos 12 meses, ou seja, mais 51 mil profissionais (Tabela 5.3a e Gráfico 5.50).

Tabela 5.3a  
Enfermeiros segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Desemprego</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	51.435	12,4
Não	348.344	84,0
NR	14.933	3,6
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.50 - Enfermeiros segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

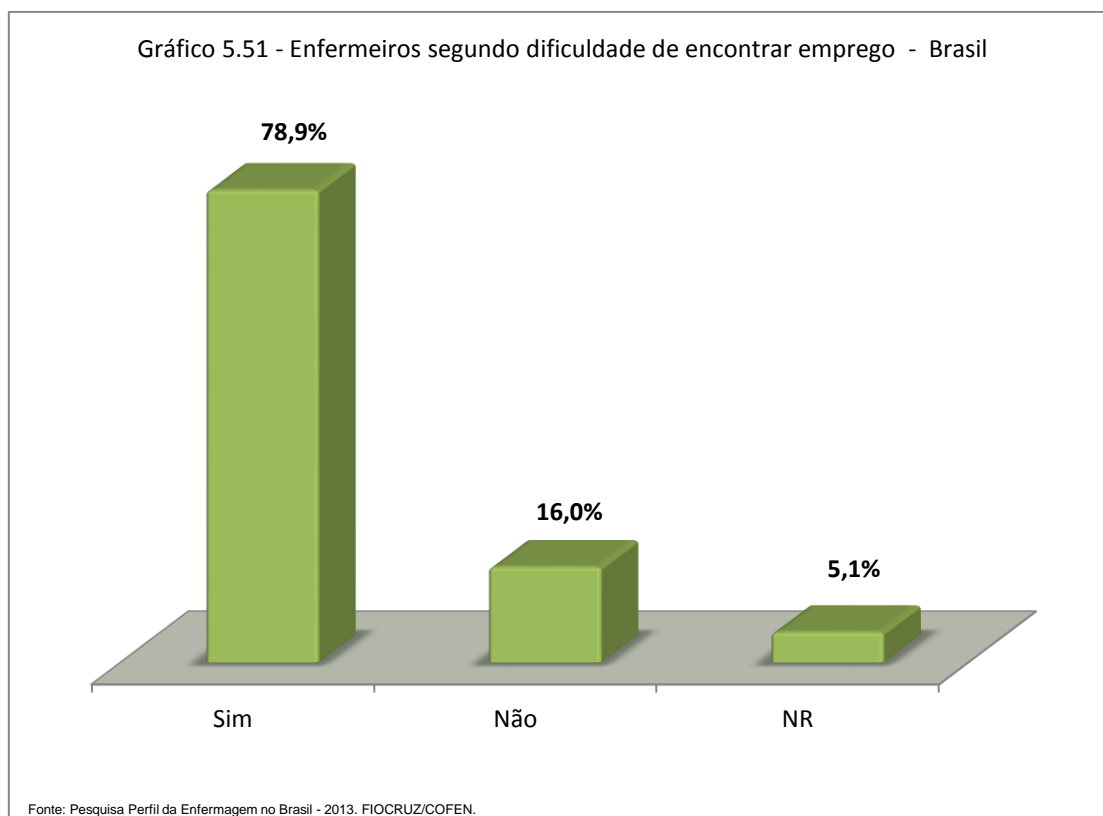
## DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO

Daqueles mais de 51 mil enfermeiros que afirmaram ter ficado desempregado nos últimos 12 meses no país, 78,9% declararam ter tido dificuldade em arrumar emprego (Tabela 5.3.1a e Gráfico 5.51).

Tabela 5.3.1a  
Enfermeiros segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil

Dificuldade	V.Abs.	%
Sim	40.584	78,9
Não	8.240	16,0
NR	2.610	5,1
<b>Total</b>	<b>51.435</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MOTIVOS DA DIFICULDADE

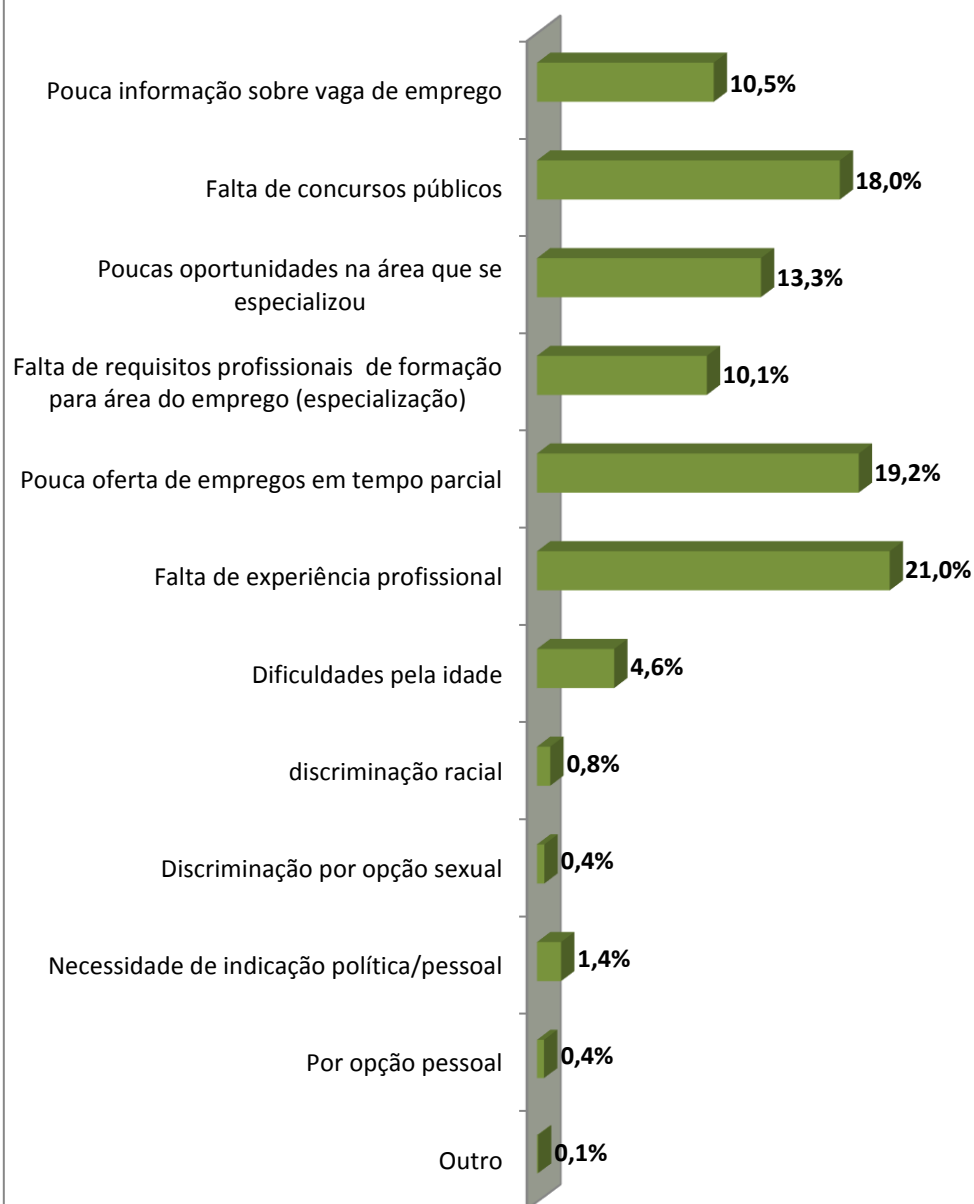
Dos motivos expostos pelos enfermeiros das dificuldades de arrumar emprego, 21% alegam a falta de experiência profissional; 19,2% a pouca oferta de empregos em tempo parcial; 18% apontam a falta de concursos públicos e 13,3% afirmam terem poucas oportunidades na área que se especializaram. Contudo, destaca-se com 10,5% a pouca informação sobre a vaga de emprego e com 10,1%, a falta de requisitos profissionais de formação para área do emprego, ou seja, a falta de especialização. A discriminação racial e a por opção sexual somam apenas 1,2% das dificuldades apontadas pelos enfermeiros na busca de emprego. Por outro lado, 4,6% indicam a dificuldade pela idade como fator impeditivo para novo emprego. (Tabela 5.3.2a e Gráfico 5.52).

Tabela 5.3.2a  
Enfermeiros segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

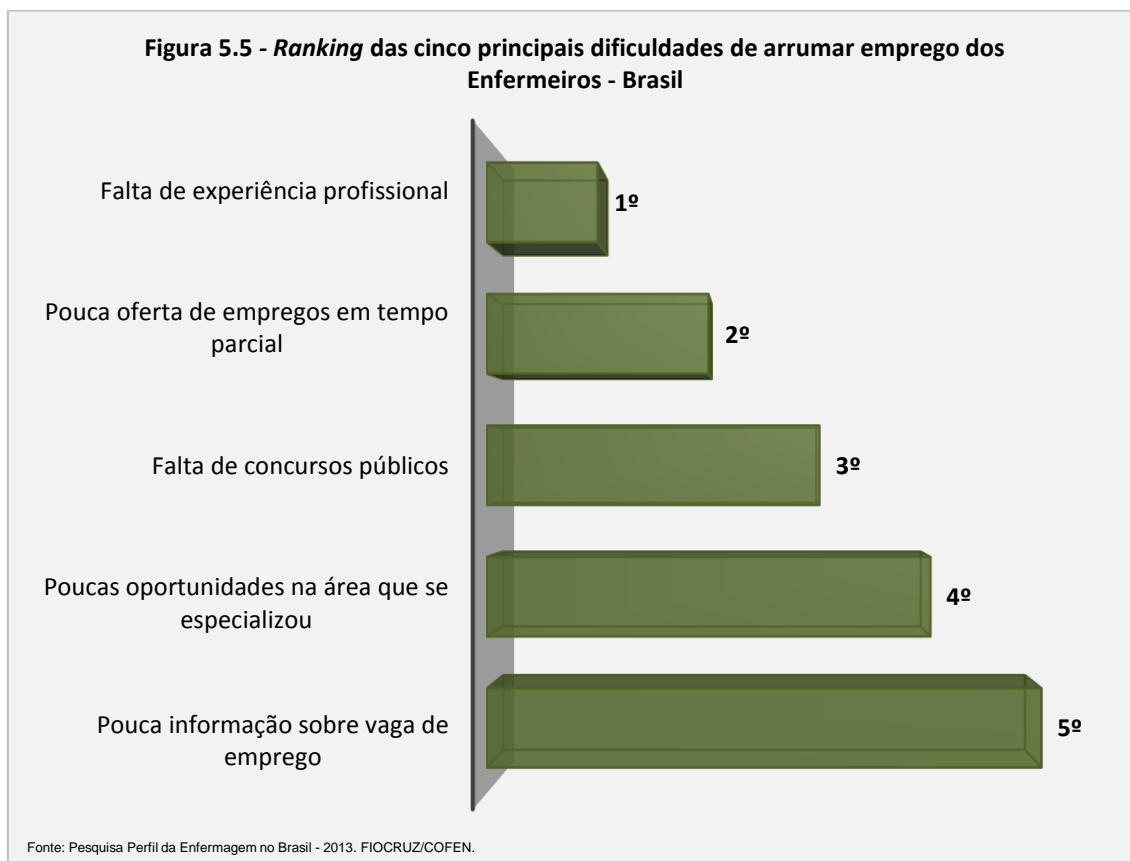
<b>Motivos</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Pouca informação sobre vaga de emprego	12.217	10,5
Falta de concursos públicos	20.935	18,0
Poucas oportunidades na área que se especializou	15.482	13,3
Falta de requisitos profissionais de formação para área do emprego (especialização)	11.742	10,1
Pouca oferta de empregos em tempo parcial	22.248	19,2
Falta de experiência profissional	24.384	21,0
Dificuldades pela idade	5.336	4,6
Discriminação racial	915	0,8
Discriminação por opção sexual	510	0,4
Necessidade de indicação política/pessoal	1.664	1,4
Por opção pessoal	487	0,4
Outro	69	0,1
<b>Total</b>	<b>115.990</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.52 - Enfermeiros segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



No *ranking* das cinco principais das dificuldades apontadas para arrumar empregos (Figura 5.5) entre os enfermeiros, destacam: a) Falta de experiência profissional; b) Pouca oferta de empregos em tempo parcial; c) Falta de concursos públicos; d) Poucas oportunidades na área que se especializou; e) Pouca informação sobre vaga de emprego. Estes motivos por eles alegados permite inferir que há uma dificuldade clara de inserção no mercado de trabalho, não só pelas escassas oportunidades de trabalho na função de enfermeiro, bem como pela desconexão existente entre a formação e as exigências do mercado de trabalho.

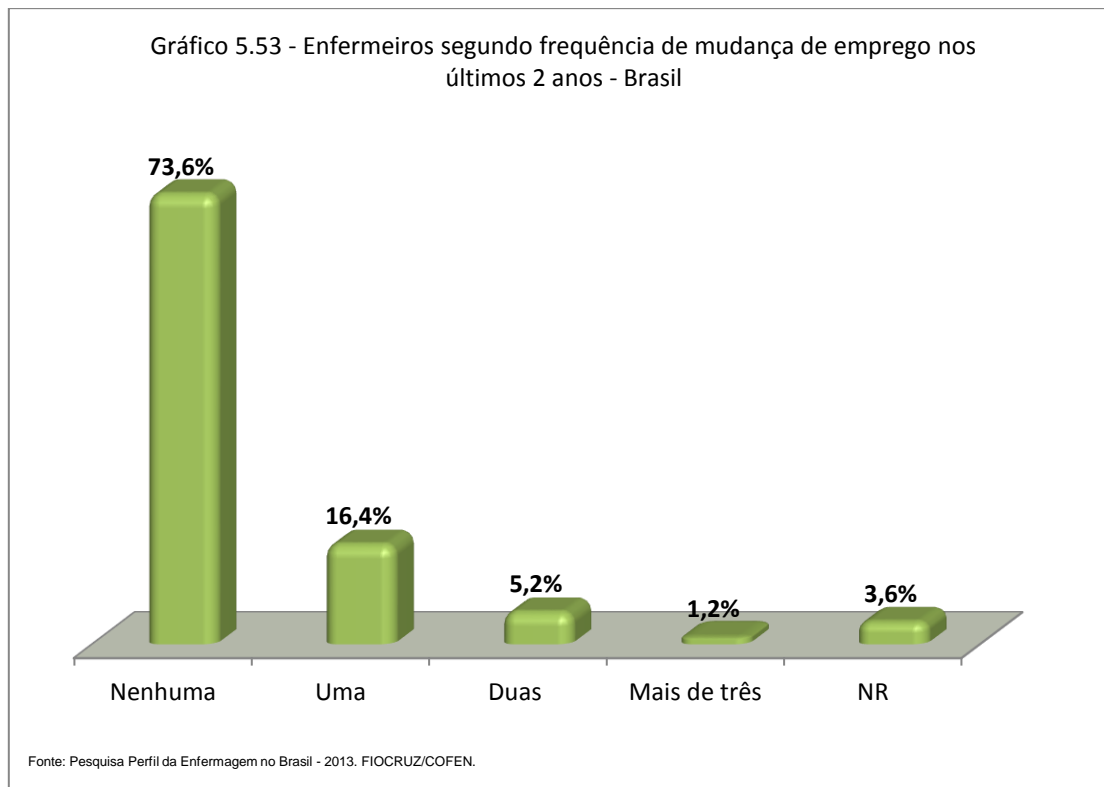
## FREQUÊNCIA DA MUDANÇA DE EMPREGO

A grande maioria (73,6%) dos enfermeiros não experimentou mudança de emprego nestes 2 últimos anos. Contudo, 21,6% já mudaram de emprego 1 ou 2 vezes; enquanto pouco mais de 1,0% o fez mais de 3 vezes (Tabela 5.4a e Gráfico 5.53). Contudo, vale ressaltar o contingente que trocou de emprego nesses últimos 2 anos representa a ordem de grandeza de 94 mil profissionais, em todo o Brasil.

Tabela 5.4a  
Enfermeiros segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Nenhuma	305.178	73,6
Uma	67.814	16,4
Duas	21.693	5,2
Mais de três	4.899	1,2
NR	15.127	3,6
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MOTIVOS DA MUDANÇA DE EMPREGO

Os motivos que levaram esses profissionais a mudança de emprego, por ordem decrescente são: com 17,4% aparece a insatisfação salarial; seguidos de insatisfação com as condições de trabalho (13,4%); a necessidade de conciliar dois ou mais empregos (10,1%). Já com 10,1% a insatisfação com vínculo empregatício; a demissão aparece com 8,4%; a necessidade de conciliar trabalho e estudo representa 6,9%; a mudança de cidade é sétimo motivo de troca de emprego com 6,8% e insatisfação com a chefia soma 6,2% (Tabela 5.4.1a e Gráfico 5.54).

Chama atenção o surgimento de causas externas ao mercado de trabalho da enfermagem propriamente dito, tais como: problemas de saúde, problemas políticos no trato de “arrumar emprego” e mudança de categoria profissional após outra formação. Poucos foram os casos que os enfermeiros afirmaram ter mudado de emprego por melhor oportunidade.

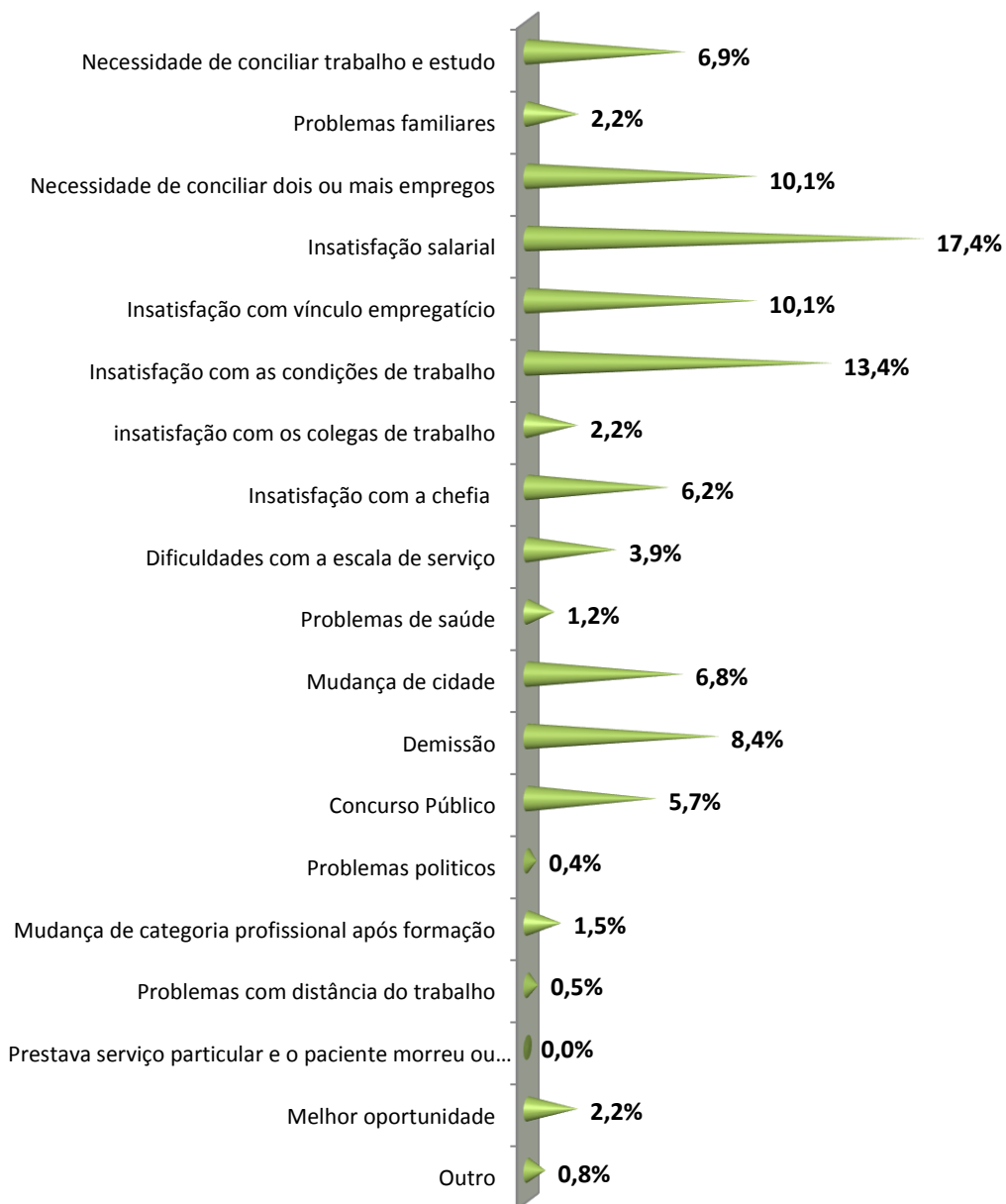
Tabela 5.4.1a  
Enfermeiros segundo motivos da mudança de emprego – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Motivos	V.Abs.	%
Necessidade de conciliar trabalho e estudo	12.046	6,9
Problemas familiares	3.895	2,2
Necessidade de conciliar dois ou mais empregos	17.526	10,1
Insatisfação salarial	30.292	17,4
Insatisfação com vínculo empregatício	17.511	10,1
Insatisfação com as condições de trabalho	23.213	13,4
Insatisfação com os colegas de trabalho	3.839	2,2
Insatisfação com a chefia	10.796	6,2
Dificuldades com a escala de serviço	6.822	3,9
Problemas de saúde	2.074	1,2
Mudança de cidade	11.884	6,8
Demissão	14.607	8,4
Concurso Público	9.829	5,7
Problemas políticos	686	0,4
Mudança de categoria profissional após formação	2.580	1,5
Problemas com distância do trabalho	805	0,5
Prestava serviço particular e o paciente morreu ou teve alta	74	0,0
Melhor oportunidade	3.836	2,2
Outro	1.360	0,8
<b>Total</b>	<b>173.675</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Gráfico 5.54 - Enfermeiros segundo motivos da mudança de emprego - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## NÚMERO DE ATIVIDADES

Mais da metade (58%) dos enfermeiros em todo o país informou ter apenas uma atividade profissional. Representando 1/3 (32,6%) do contingente, declara ter 2 e 3 atividades. Esse dado (58%) reflete uma “certa escassez” de emprego na enfermagem, contrariando a ideia de multiemprego generalizado na área. O que de fato ocorre, é uma concentração das oportunidades nas mãos de poucos, como colhidos na pesquisa (Tabela 5.5a).

Tabela 5.5a

Enfermeiros segundo número de atividades na enfermagem - Brasil

<b>Número de atividades</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
1 atividade	240.414	58,0
2 atividades	118.946	28,7
3 atividades	16.057	3,9
4 atividades	2.029	0,5
5 atividades	537	0,1
Mais de 5 atividades	1.485	0,4
NR	35.244	8,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TRABALHO EM OUTRO MUNICÍPIO

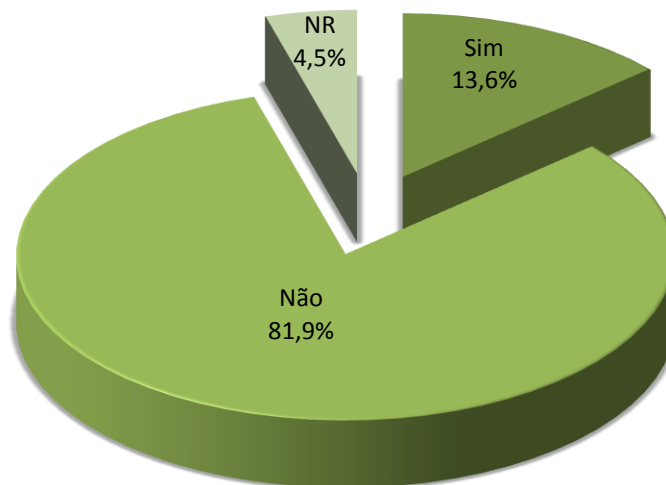
Observa-se que 13,6% afirmam trabalhar em outro município daquele que residem (Tabela 5.6a e Gráfico 5.55).

Tabela 5.6a  
Enfermeiros segundo atuação em outro município - Brasil

<b>Outro município</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	56.259	13,6
Não	339.738	81,9
NR	18.715	4,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.55 - Enfermeiros segundo atuação em outro município - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

Parte significativa dos enfermeiros (35,4%) tem jornadas de 31 - 40 horas semanais, seguido de 28,6% que trabalham entre 41 - 60 horas. Se somado aqueles com jornadas de trabalho acima de 61 horas, os enfermeiros representam 12,9%. Por outro lado, os com jornadas de até 20 horas somam apenas 4,3%. Enfim, observa-se que 77,1% de todo o contingente tem jornada de trabalho de até 60 horas semanais. E os com jornadas acima de 41 horas semanais somam 41,5% (Tabela 5.7a e Gráfico 5.56).

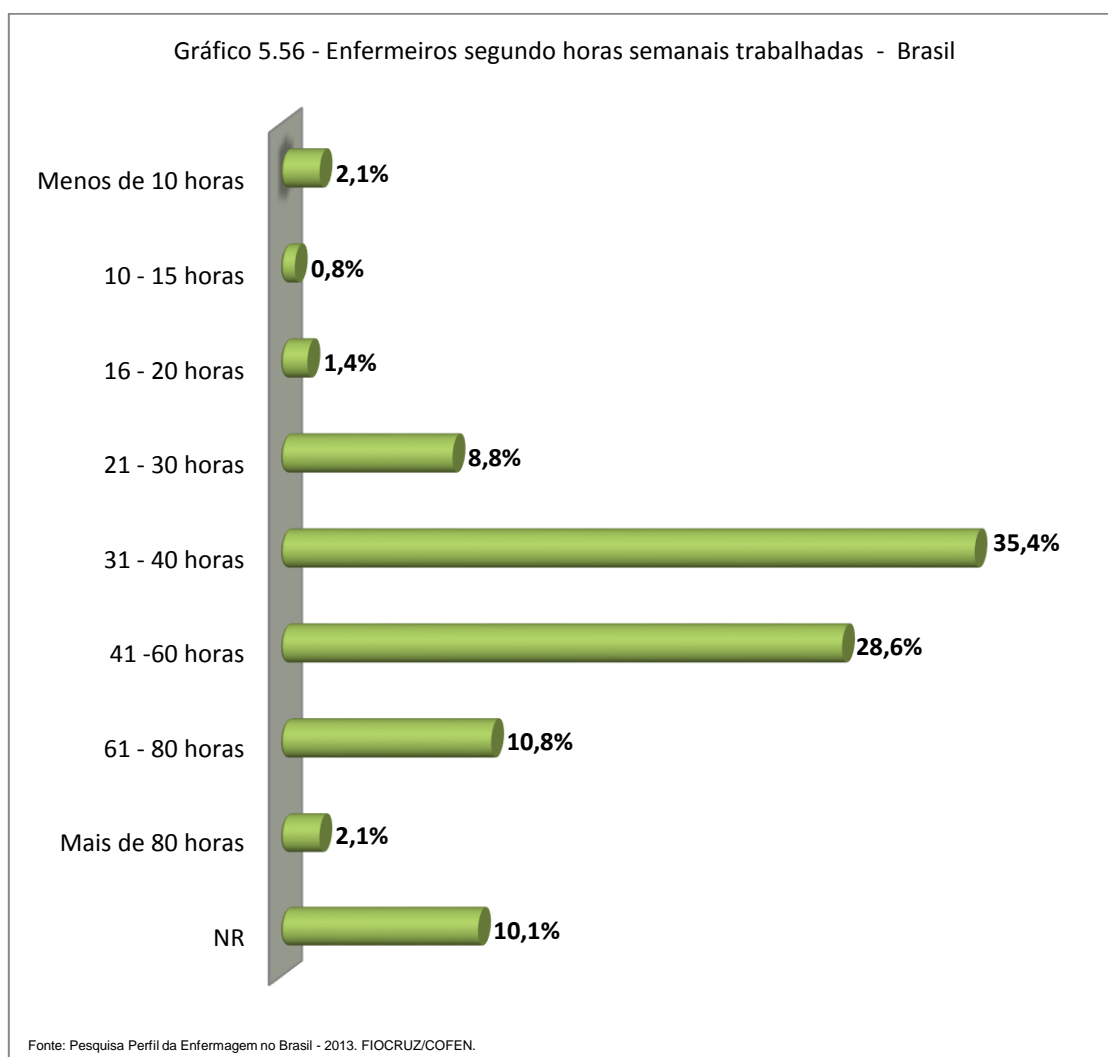
Por outro lado, motivo de alerta é o fato de ter sido detectado em torno de 18 mil profissionais (4,3%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, trabalhando igual ou menos de 20 horas semanais, considerando, como dito acima, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem. É possível detectar mais de 8 mil que declaram ter jornadas semanais que somam menos de 10 horas, ou seja, 2,1% do total do contingente. Essa “subjornada” encontrada na pesquisa pode ser associada a situação de atividade “bico”, no qual ele trabalha, quando há oportunidade, na modalidade por hora trabalhada, seja na assistência ou em outras áreas, não se configurando em um emprego formal.

Associa-se a isso, o fato dos enfermeiros terem pouca tradição em atuar como profissional liberal (autônomo) e muito mais, como assalariado. Pode-se dizer que, dada a natureza do processo de trabalho, a Enfermagem é uma profissão de trabalho institucionalizado, com inserção forte nas estruturas formais de emprego, seja, público, privado ou filantrópico. O que reforça a ideia de que a empregabilidade é uma questão central para essa categoria profissional. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

Tabela 5.7a  
Enfermeiros segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	8.547	2,1
10 - 15 horas	3.332	0,8
16 - 20 horas	5.986	1,4
21 - 30 horas	36.551	8,8
31 - 40 horas	146.632	35,4
41 - 60 horas	118.565	28,6
61 - 80 horas	44.675	10,8
Mais de 80 horas	8.508	2,1
NR	41.917	10,1
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

Quando analisado a natureza da instituição onde os enfermeiros atuam em todo o país, registra-se que 19,5% trabalham em instituições privadas; 20,5% em públicas estaduais; 20% no setor público municipal; 7,8% no filantrópico e 9,2% no público federal. Atuam na ESF – Estratégia Saúde da Família, 3,5%, o que equivale a mais de 20 mil profissionais. As três esferas de governo (federal, estadual e municipal) somam 49,7%. Se somados os percentuais de OSCIP + OS + Fundação privada + Fundação pública de direito privado, este percentual atinge 5,4%. Já as Cooperativas representam 1,3%. A atividade de enfermagem no domicílio representa 0,8%.

As instituições de Ensino e Pesquisa representam 8,5%. As atividades que agregam serviços autônomos, tais como *Homecare*, consultório particular e autônomo, totalizam apenas 2,4%. O voluntariado apenas 0,1%, quase sempre realizado nas instituições filantrópicas (Tabela 5.8a). Aqueles que atuam no Sistema COFEN/COREN são, em sua maioria absoluta (90%) enfermeiros, ou seja, dos 1.773 profissionais, 1.600 são enfermeiros.

Tabela 5.8a  
 Enfermeiros segundo natureza da instituição - Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Natureza</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Público Federal	55.014	9,2
Público Estadual	123.515	20,5
Público Municipal	120.107	20,0
Privado	117.041	19,5
Filantrópico	46.816	7,8
Fundação privada	9.130	1,5
Fundação pública de direito privado	10.785	1,8
OSCIP	982	0,2
OS	11.567	1,9
Instituição de ensino/Pesquisa	51.342	8,5
Empresa de Assistência de Enfermagem	1.924	0,3
Cooperativa	8.105	1,3
Estratégia de Saúde da Família - ESF	20.973	3,5
Autônomo (conta própria)	8.030	1,3
Empresa de Medicina de Grupo	666	0,1
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	774	0,1
Enfermagem no domicílio - <i>Homecare</i>	4.532	0,8
Consultório Particular	1.821	0,3
Voluntário	424	0,1
Autarquia Federal (Sistema Cofen/Corens)	1.600	0,3
Pós-Graduandos e bolsistas diversos	2.973	0,5
Outro	2.932	0,5
<b>Total</b>	<b>601.052</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SETOR PÚBLICO





## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR PÚBLICO

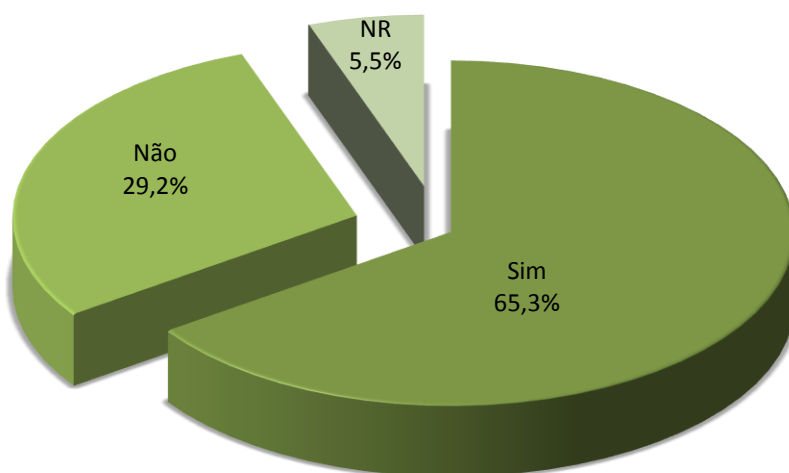
A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil apresenta um retrato da realidade deste setor. Entre os enfermeiros, isso significa mais de 270 mil atuando, ou seja, 65,3% do total do contingente (Tabela 5.9a e Gráfico 5.57).

Tabela 5.9a  
Enfermeiros segundo atuação no setor público - Brasil

Setor público	V.Abs.	%
Sim	270.991	65,3
Não	121.058	29,2
NR	22.663	5,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.57 - Enfermeiros segundo atuação no setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

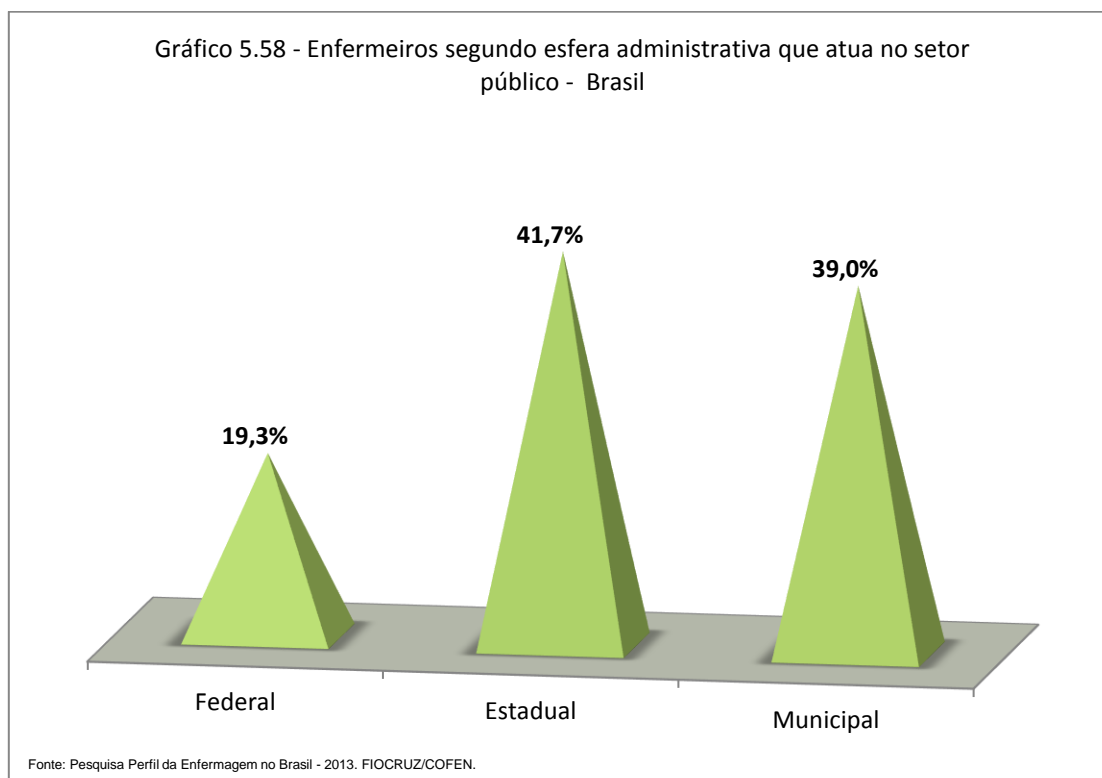
## ESFERA ADMINISTRATIVA

A pesquisa nacional aponta para mais de 300 mil profissionais que trabalham nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal). A estadual se destaca como o principal empregador, com 41,7% do total; a rede municipal segue bem de perto com 39%, empregando mais de 120 mil. Mesmo com a implantação do SUS, que previa a transferência da capacidade instalada para outras esferas e a possível redução da rede federal, a pesquisa aponta 60 mil vínculos federais de enfermagem, o que corresponde a 19,3% (Tabela 5.9.1a e Gráfico 5.58).

Tabela 5.9.1a  
Enfermeiros segundo esfera administrativa que atua no setor público - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Esfera	V.Abs.	%
Federal	60.616	19,3
Estadual	130.612	41,7
Municipal	122.170	39,0
<b>Total</b>	<b>313.398</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE VÍNCULO

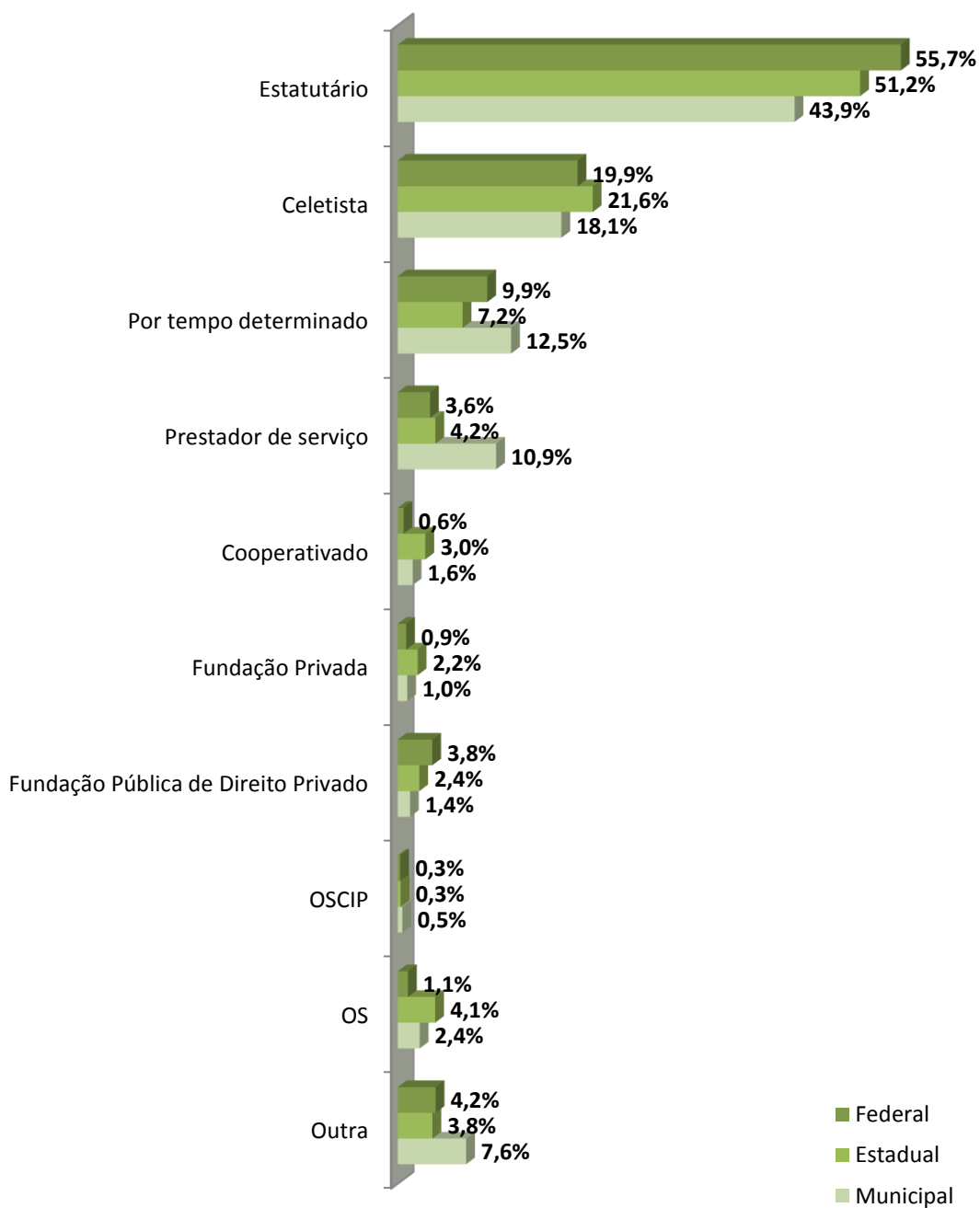
O setor público aglutina em torno de 270 mil enfermeiros. Chama atenção os diversos tipos de vínculos, aqui registrados 9 tipos, além dos “outros” que agrega uma variedade de formas de contratação pouco recorrente. Para os mais comuns, é possível destacar: Primeiro, na esfera federal, 55,7% são estatutários, 19,9% celetistas e 9,9% contratados por tempo determinado (temporário). Segundo, na estadual, o destaque é para os estatutários com 51,2%, celetistas com 21,6% e 7,2% por tempo determinado (temporários). Terceiro, já na esfera municipal, os estatutários representam 43,9%, os celetistas 18,1%, 10,9% aparecem os prestadores de serviços e com 12,5%, profissionais com vínculos por tempo determinado (Tabela 5.9.2a e Gráfico 5.59).

Tabela 5.9.2a  
Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor público – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	Federal		Estadual		Municipal	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Estatutário	38.835	55,7	65.180	51,2	46.767	43,9
Celetista	13.872	19,9	27.486	21,6	19.282	18,1
Por tempo determinado	6.909	9,9	9.133	7,2	13.348	12,5
Prestador de serviço	2.489	3,6	5.304	4,2	11.588	10,9
Cooperativado	440	0,6	3.878	3,0	1.755	1,6
Fundação Privada	644	0,9	2.802	2,2	1.114	1,0
Fundação Pública de Direito Privado	2.659	3,8	3.032	2,4	1.442	1,4
OSCIP	184	0,3	393	0,3	546	0,5
OS	784	1,1	5.275	4,1	2.580	2,4
Outra	2.918	4,2	4.877	3,8	8.053	7,6
<b>Total</b>	<b>69.734</b>	<b>100,0</b>	<b>127.360</b>	<b>100,0</b>	<b>106.477</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.59 - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

Ao analisar as instituições que as mantêm e onde as diversas atividades são desenvolvidas, têm-se o seguinte perfil: mais da metade deles trabalha em hospitais, ou seja, 51,1%, o que equivale a mais de 191 mil empregos em todo o país. Por tipologia de hospitais, percebe-se que os hospitais gerais abrangem quase 1/4 dos vínculos deste contingente (23,1%), seguidos dos especializados (10,7%) e os universitários (12,1%). As Unidades de UTI e CTI agregam mais de 10 mil enfermeiros, ou seja, 2,8%. As Unidades Básicas de Saúde e outros serviços de saúde similares concentram o segundo maior quantitativo, ou seja, 20,1%, totalizando 75 mil empregos. Estes se dividem em: 16,2% em Unidades Básicas de Saúde; 0,8% em Centro de Atenção Psicossocial - CAPS e Núcleo de Apoio Psicossocial - NAPs, e 3,1% na Estratégia da Saúde da Família - ESF/ e Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASFs. As Unidades de Urgência e Emergência, apesar de ser um segmento importante de apoio e porta de entrada dos hospitais em consequência, detém um contingente de 33.123 enfermeiros. Nesta modalidade, destacam-se: os Prontos Socorros (5,8%) e os SAMU`s e as UPAS - somando 3,1%.

O segmento ambulatorial, que inclui as Clínicas, Policlínicas, Unidade Mista e outros serviços sem internação, concentram 4,7% das atividades que são desenvolvidas pelos enfermeiros, representando em torno de 17 mil. As Unidades de Diagnóstico e Terapia, que incluem a investigação diagnóstica, as SADTs e os Centros de Imagem, representam apenas 0,9%.

Na área de Gestão (Nível Central) e Central de Regulação, os enfermeiros são atuantes, ou seja, 4% do total, que representa, aproximadamente, 15 mil profissionais envolvidos nesta área. Ainda mais fortes são as atividades de Ensino e Pesquisa em Escolas, Faculdades, Institutos e Centros de Pesquisa, que incorporam mais de 33 mil enfermeiros, o que equivale a 8,9% do total, se constituindo em uma das áreas de maior empregabilidade para a categoria (Tabela 5.9.3a).

Além disso, é possível enumerar “outras” atividades desenvolvidas pelos enfermeiros nos serviços de saúde, que somam 1,4%, tais como: cooperativas (0,5%) e Assistência Domiciliar (*Homecare*) (0,2%). Ressalta-se a diminuta participação dos enfermeiros nessa modalidade de assistência, tanto pela importância que significa - além de ser uma modalidade continuada de prestação de serviços que traz como benefícios a diminuição dos riscos de infecção em ambientes hospitalares,

proporciona a humanização do atendimento no ambiente domiciliar, redução de complicações clínicas e otimização do tempo de recuperação do paciente.

Tabela 5.9.3a

Enfermeiros segundo modalidade da instituição que atua no setor público – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
<b>Hospitais</b>	<b>191.022</b>	<b>51,1</b>
Hospital Geral	86.445	23,1
Hospital Especializado	39.866	10,7
Hospital Universitário	45.384	12,1
Hospital Dia	1.743	0,5
Hospital Filantrópico	4.624	1,2
UTI/CTI	10.621	2,8
Casa de Parto/Centro Nascimento	2.338	0,6
<b>Unidades Básicas</b>	<b>75.091</b>	<b>20,1</b>
Unidade Básica de Saúde/Centro de Saúde/Posto de Saúde	60.391	16,2
NAPs/CAPs	2.950	0,8
ESF/NASFs	11.750	3,1
<b>Unidades de Urgência/Emergência</b>	<b>33.123</b>	<b>8,9</b>
Pronto Socorro	21.525	5,8
UPAS	4.109	1,1
SAMU	7.488	2,0
<b>Unidades Ambulatoriais/Policlínicas</b>	<b>17.520</b>	<b>4,7</b>
Ambulatório/Clinicas	11.212	3,0
Unidade Mista/Policlínica	6.308	1,7
<b>Unidades de Diagnóstico</b>	<b>3.228</b>	<b>0,9</b>
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT	1.411	0,4
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	748	0,2
Centro de Imagem	1.069	0,3
<b>Ensino e Pesquisa</b>	<b>33.263</b>	<b>8,9</b>
Instituto/Centro de Pesquisa	5.422	1,5
Escola/Faculdade/Curso de Enfermagem	27.842	7,5
<b>Gestão</b>	<b>14.946</b>	<b>4,0</b>
Nível Central	13.584	3,6
Central de Regulação	1.362	0,4
<b>Outras Modalidades</b>	<b>5.388</b>	<b>1,4</b>
Cooperativa	1.838	0,5
Homecare	683	0,2
Outras	2.867	0,8
<b>Total</b>	<b>373.581</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

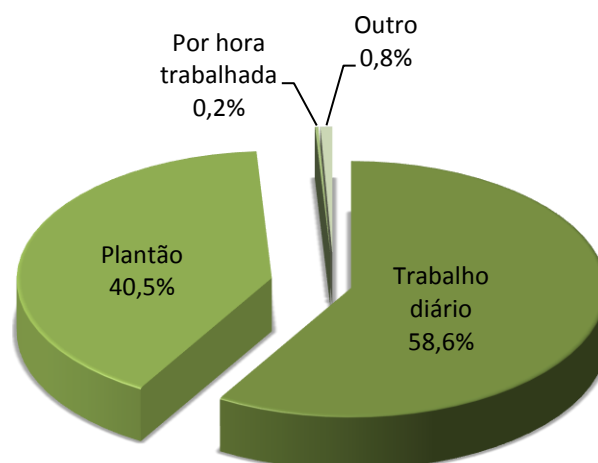
O trabalho diário é a forma mais comumente utilizada nos serviços públicos pelos enfermeiros. A pesquisa aponta que mais da metade dos profissionais (58,6%) trabalha nesta modalidade, mais de 163 mil. Em segunda posição, estão os plantonistas, ou seja, cerca de 40%, o que equivale a mais de 113 mil. Os horistas e as outras formas de regime de trabalho não apresentam grande representatividade, apenas 1% (Tabela 5.9.4a e Gráfico 5.60).

Tabela 5.9.4a  
Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor público - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Regime	V.Abs.	%
Trabalho diário	163.908	58,6
Plantão	113.187	40,5
Por hora trabalhada	602	0,2
Outro	2.113	0,8
<b>Total</b>	<b>279.810</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.60 - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## JORNADA DE TRABALHO

Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, 41,5% dos enfermeiros têm jornadas de 31 - 40 horas semanais. Por outro lado, 23,4% têm jornada de 41 - 60 horas; menor quantitativo (7,9%) tem períodos mais longos de trabalho, entre 61 - 80 horas semanais e 1,1% trabalham mais de 80 horas. Um número considerável de profissionais declara ter jornada de até 30 horas, ou seja, 19,3%. Somam 32,4% com jornada maior que 41 horas semanais (Tabela 5.9.5a e Gráfico 5.61). Por outro lado, 2,8% declaram atuar no setor público com carga horária igual ou inferior a 20 horas, correspondendo a quase 8 mil profissionais, que têm “**subjornadas de trabalho**”, conforme definição anteriormente descrita.

Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associadas as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente. Na prática, a jornada ideal de trabalho da enfermagem não é regulamentada em lei, valendo a livre negociação, que varia entre 30 horas semanais, geralmente, adotada no serviço público e 40 - 44 horas, praticada com mais frequência nas instituições hospitalares privadas. Relevante frisar que uma maior carga de trabalho, em se tratando de um contingente majoritariamente feminino, interferindo ainda mais na qualidade de vida, tais como o relacionamento com a família e ao tempo dispensado ao lazer<sup>18</sup>.

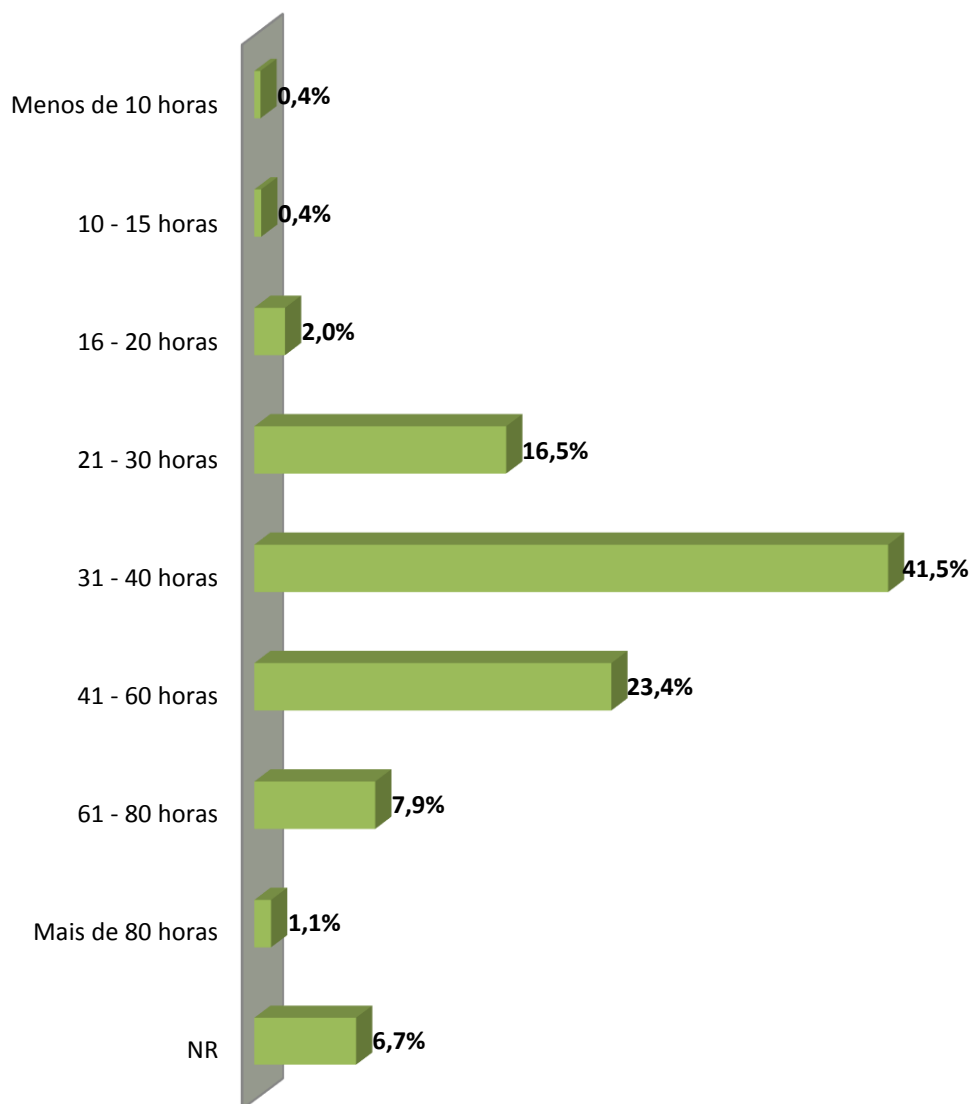
Tabela 5.9.5a  
 Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	1.100	0,4
10 - 15 horas	1.218	0,4
16 - 20 horas	5.453	2,0
21 - 30 horas	44.733	16,5
31 - 40 horas	112.568	41,5
41 - 60 horas	63.403	23,4
61 - 80 horas	21.473	7,9
Mais de 80 horas	2.971	1,1
NR	18.072	6,7
<b>Total</b>	<b>270.991</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

<sup>18</sup> Está em curso uma intensa mobilização na luta pela aprovação do Projeto de regulamentação das 30 horas semanais em tramitação no Congresso Nacional. Ver: Projeto de Lei nº 2295 de 2000, que “dispõe sobre a jornada de trabalho dos Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem”.

Gráfico 5.61 - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TURNO DE TRABALHO

O trabalho dos enfermeiros no setor público no país é realizado, majoritariamente, em turno diurno, ou seja, 71,8%, correspondendo a mais de 194 mil. Observa-se que o trabalho noturno corresponde a 7,5% do total, o que equivale um pouco mais de 20 mil (Tabela 5.9.6a). Chama atenção que 3,6% fazem turno de trabalho de 24 horas e 4,5%, 12/36 com folga. Os demais 7,7%, são os turnos de trabalho descritos na pesquisa: 12/36 horas sem folga, diurno e noturno, diurno e/ou noturno + plantão, diurno +noturno + plantão, plantão: 12/48hs, 12/60hs, 12/76hs, 12/72hs, 24/72hs, 24hs, 24/86hs; escala e outros.

Tabela 5.9.6a  
Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor público - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	194.587	71,8
Noturno	20.433	7,5
12/36 horas com folga	12.240	4,5
12/36 horas sem folga	1.897	0,7
24 horas	9.673	3,6
Diurno e Noturno	8.178	3,0
Diurno e/ou Noturno + Plantão	3.117	1,2
Diurno + Noturno + Plantão	1.911	0,7
Plantão: 12/48; 12/60; 12/76; 12/72; 24/72; 24 horas; 24/86 horas	3.472	1,3
Escala	1.802	0,7
Outro	402	0,1
NR	13.281	4,9
<b>Total</b>	<b>270.991</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## RENDIMENTO MENSAL

As faixas salariais praticadas pelo setor público em todo território nacional, apresentam uma variação importante e inferiores e, aparentemente, não compatíveis com a carga de trabalho das atividades executadas pelos enfermeiros. Os dados da pesquisa mostram que 37%, ou seja, mais de 100 mil profissionais deste setor, têm rendimentos inferiores a 3.000 reais (Tabela 5.9.7a e Gráfico 5.62).

A distribuição apresenta a seguinte configuração: a) 0,6% têm renda mensal de menos de 1 salário mínimo (SM com base 2013); b) 15,5% ganham até 2.000 reais, englobando mais de 40 mil profissionais; c) 21,5% situam-se na faixa entre 2.001 - 3.000 reais, o que corresponde a quase 60 mil; d) 14,2% percebem rendimentos de mais de 5.001 reais; e) os que têm renda de 7.001 reais representam 5,5%; f) e somente 1,8% de todo o contingente rendimento acima de 9.001 reais.

Da mesma forma que se conceituou a “**subjornada de trabalho**”, é possível também conceituar “**subsálario**”, como dito anteriormente, sendo aquele rendimento igual ou inferior a 1.000 reais. Nesta condição encontram-se mais de 5 mil enfermeiros atuando no setor público, o que representa 1,9% de todo o contingente<sup>19</sup>. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada as outras informações contidas na pesquisa.

---

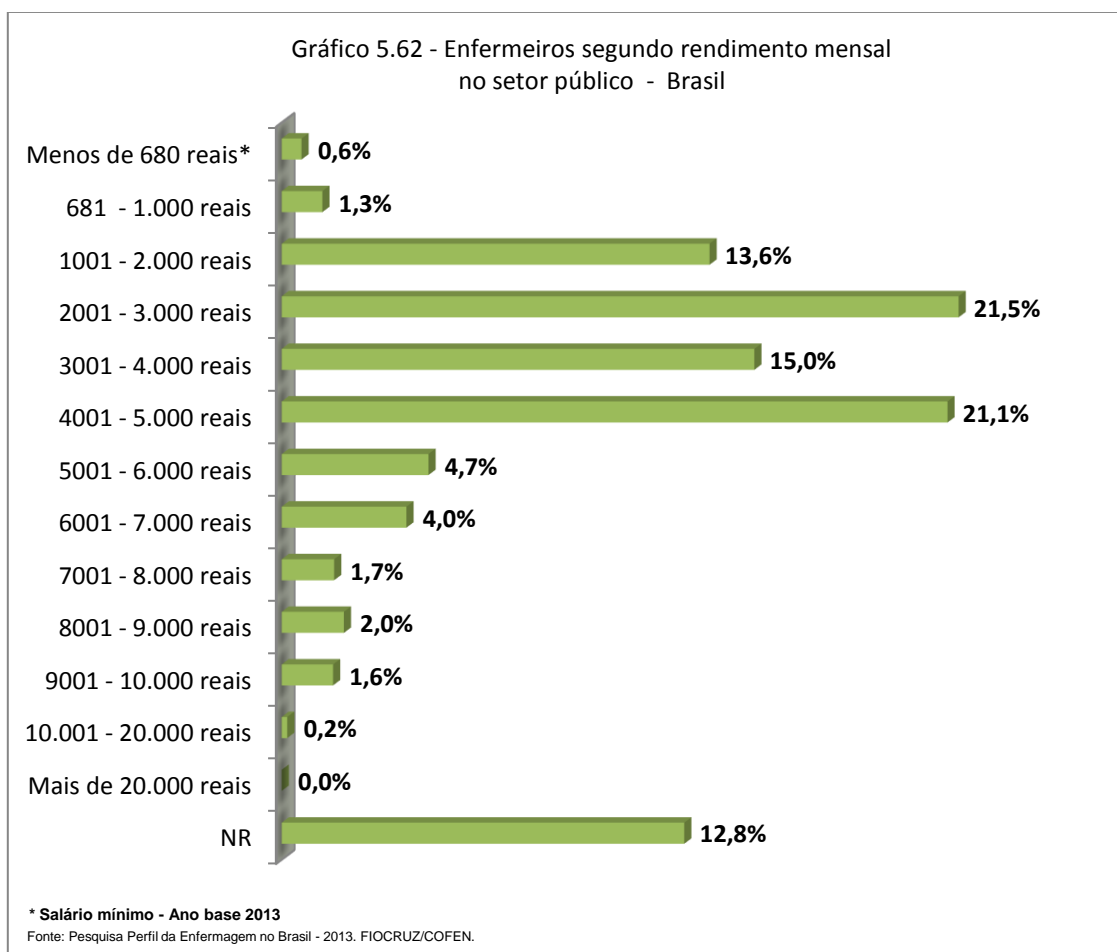
<sup>19</sup> Em curso no Congresso Nacional Projeto de Lei que estabelece Piso Salarial para a equipe de enfermagem. Atualização monetária dos pisos da enfermagem, PL nº 4.924/2009 INPC-IBGE acumulado no período de março de 2009 a abril de 2013: 26,98. Piso Salarial em: Março/09 Maio/13. ENFERMEIRO R\$ 4.650,00 - R\$ 5.904,57. TÉCNICO DE ENFERMAGEM1 R\$ 2.325,00 -R\$ 2.952,29. AUXILIAR DE ENFERMAGEM E PARTEIRAS2 R\$ 1.860,00 - R\$ 2.361,83. 1 - Corresponde a 50% do piso do enfermeiro. 2 -Corresponde a 40% do piso do enfermeiro. Elaboração: DIEESE. Subseção Federação dos Trabalhadores da Saúde do Estado de São Paulo.

Tabela 5.9.7a  
Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

<b>Rendimento mensal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	1.711	0,6
681 - 1000 reais	3.502	1,3
1001 - 2000 reais	36.814	13,6
2001 - 3000 reais	58.255	21,5
3001 - 4000 reais	40.661	15,0
4001 - 5000 reais	57.294	21,1
5001 - 6000 reais	12.630	4,7
6001 - 7000 reais	10.732	4,0
7001 - 8000 reais	4.513	1,7
8001 - 9000 reais	5.356	2,0
9001 - 10000 reais	4.418	1,6
10.001 - 20.000 reais	474	0,2
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	34.632	12,8
<b>Total</b>	<b>270.991</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013



## SETOR PRIVADO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR PRIVADO

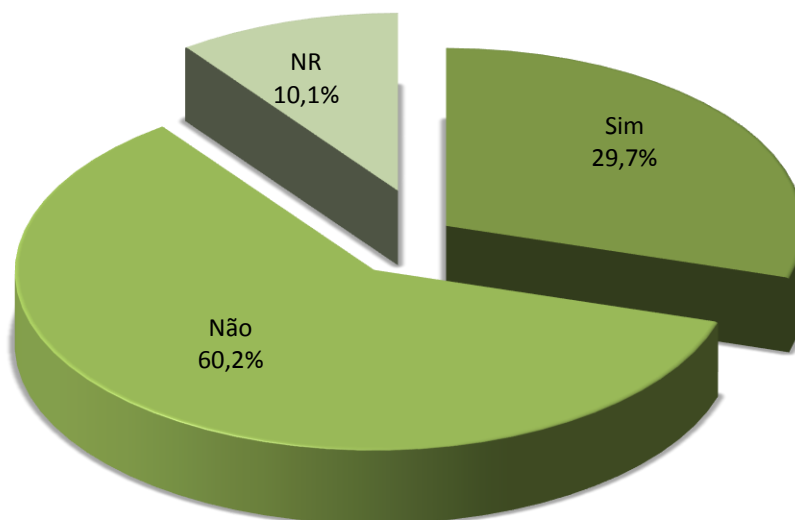
No Brasil, o setor privado agrega mais de 123 mil enfermeiros, ou seja, quase 1/3 (29,7%) de todo o contingente (Tabela 5.10a e Gráfico 5.63).

Tabela 5.10a  
Enfermeiros segundo atuação no setor privado - Brasil

<b>Setor privado</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	123.099	29,7
Não	249.769	60,2
NR	41.844	10,1
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.63 - Enfermeiros segundo atuação no setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



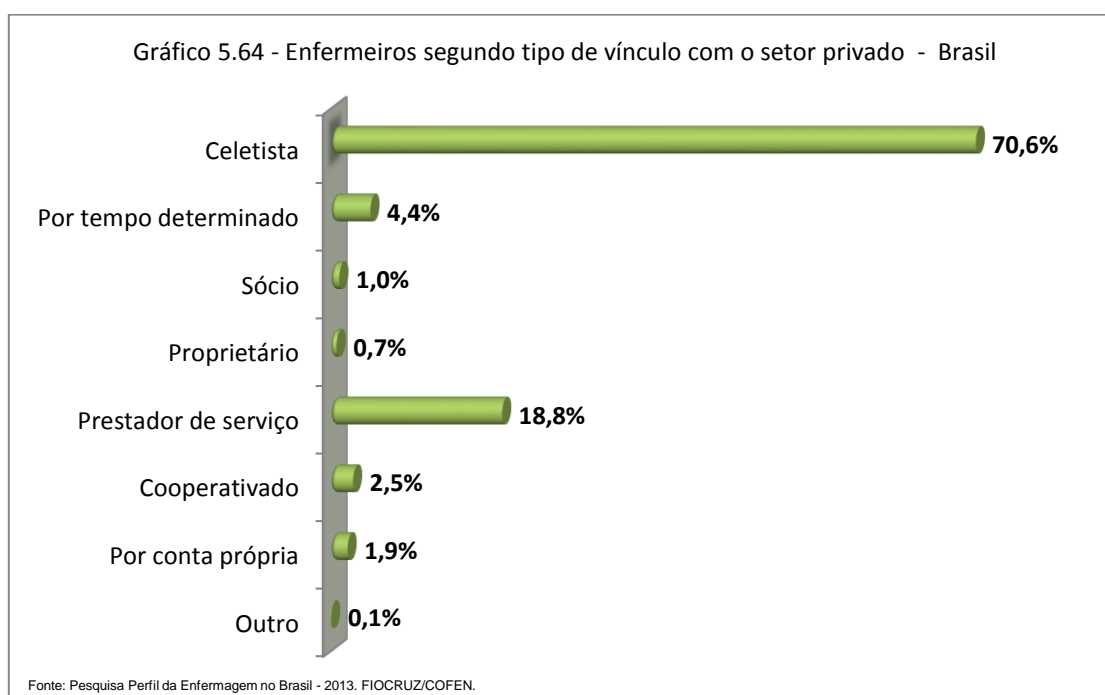
## TIPO DE VÍNCULO

No caso dos enfermeiros, a modalidade de vínculo que predomina no setor privado é, majoritariamente, o celetista com 70,6%, o que representa mais de 84 mil. Os prestadores de serviços seguem em segundo lugar com pouco mais de 22 mil contratos de trabalho de enfermeiros, ou seja, 18,8%. As demais formas de contratação existentes se diversificam e apresentam a seguinte configuração: 2,5% são cooperativados; 4,4% contratados por tempo determinado; um pequeno quantitativo de 1,7% declara ser sócios ou proprietários de empresas, hospitais ou similares e 1,9% trabalham por conta própria (Tabela 5.10.1a e Gráfico 5.64).

Tabela 5.10.1a  
Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor privado - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	V.Abs.	%
Celetista	84.959	70,6
Por tempo determinado	5.256	4,4
Sócio	1.234	1,0
Proprietário	860	0,7
Prestador de serviço	22.592	18,8
Cooperativado	2.997	2,5
Por conta própria	2.341	1,9
Outro	90	0,1
<b>Total</b>	<b>120.329</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

Os enfermeiros do Brasil mantêm um volume expressivo de profissionais atuando nas diversas modalidades de instituições privadas, onde desenvolvem inúmeras atividades como as descritas a seguir.

Um fato marcante é que o hospital é o *lócus* principal de trabalho da enfermagem, tanto no setor público como no privado. Mais da metade dos enfermeiros trabalham em hospitais (53,7%), o que significa em torno de 83 mil. Por modalidades de atendimento, os hospitais gerais (37,2%), seguidos dos especializados (10,9%), os universitários (3,7%), hospital-dia (1,1%) e casa de parto (0,7%).

Os ambulatórios e clínicas detêm 7,1% do total das atividades desenvolvidas nessa modalidade de instituição. Interessante observar que poucos (1%) são os que declaram desenvolver atividades em consultórios particulares. Contudo, mesmo que diminuto, essa modalidade de assistência de enfermagem vem crescendo no mercado de trabalho, deslumbrando um novo nicho de trabalho.

As Unidades de Diagnóstico e Terapia representam uma parcela importante da capacidade instalada do setor privado, e suas atividades agregam 4,7% de enfermeiros. Se analisado pela natureza de trabalho que desenvolvem, têm-se: os Centros de Imagem (2%); os Laboratórios de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica (1,5%) e as Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT (1,2%). As atividades de Urgências e Emergências declaradas e consideradas nessa pesquisa, como os Prontos Socorros, SAMU's, etc. somam 5,5%.

Na área de Gestão, Administração (nível central) e Central de Regulação, existe um pequeno quantitativo de profissionais (0,5%) atuando. Os estabelecimentos de Seguros, de Medicina de Grupos e Planos de Saúde congregam quase 3 mil, o que equivale a 1,9%. As Unidades Básicas de Saúde do setor privado detêm, apenas 1,2%, ou seja, pouco mais de 1.800 profissionais.

Já as atividades de Ensino e Pesquisa em Escolas/Faculdades de Enfermagem agregam mais de 30 mil, ou seja, 19,4%. Nas demais modalidades destacam-se: os serviços de Assistência Domiciliar (*Homecare*) com 2,1% do contingente de enfermeiros; os asilos, abrigos e centros de recuperação, com uma parcela de apenas 0,2%; e as atividades de enfermagem em embarcações "*offshores*", que concentram 0,1% de profissionais (Tabela 5.10.2a).

Tabela 5.10.2a  
Enfermeiros segundo modalidade da instituição que atua no setor privado – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Modalidade	V.Abs.	%
<b>Hospitais</b>	<b>83.698</b>	<b>53,7</b>
Hospital Geral	58.029	37,2
Hospital Especializado	17.024	10,9
Hospital Universitário	5.816	3,7
Hospital Dia	1.745	1,1
Casa de Parto/Centro Nascimento	1.084	0,7
<b>Unidades Básicas</b>	<b>1.863</b>	<b>1,2</b>
Unidade Básica de Saúde/Centro de Saúde/Posto de Saúde	1.863	1,2
<b>Unidades de Urgência/Emergência</b>	<b>8.564</b>	<b>5,5</b>
Pronto Socorro	7.510	4,8
UTI móvel, socorro médico e resgate, empresa de remoções, SAMU, serviços aeromédicos	935	0,6
OFFSHORE/Embarcação	118	0,1
<b>Unidades Ambulatoriais/Policlínicas</b>	<b>11.057</b>	<b>7,1</b>
Ambulatório/Clinicas	8.672	5,6
Unidade Mista/Policlínica	760	0,5
Consultório Particular	1.625	1,0
<b>Unidades de Diagnóstico</b>	<b>7.271</b>	<b>4,7</b>
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT	1.868	1,2
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	2.339	1,5
Centro de Imagem	3.064	2,0
<b>Ensino e Pesquisa</b>	<b>30.302</b>	<b>19,4</b>
Instituto/Centro de Pesquisa	3.077	2,0
Escola/Faculdade/Curso de Enfermagem	27.225	17,5
<b>Gestão</b>	<b>758</b>	<b>0,5</b>
Nível Central	429	0,3
Central de Regulação	329	0,2
<b>Demais Modalidades</b>	<b>8.626</b>	<b>5,5</b>
<i>Homecare</i>	3.340	2,1
Empresa de Assistência de Enfermagem	2.029	1,3
Seguro de Medicina de Grupo/Planos de Saúde	2.908	1,9
Asilos, abrigos, centros de recuperação etc.	348	0,2
<b>Outras</b>	<b>3.787</b>	<b>2,4</b>
Outras áreas fora da enfermagem	2.092	1,3
Outra	1.695	1,1
<b>Total</b>	<b>155.925</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

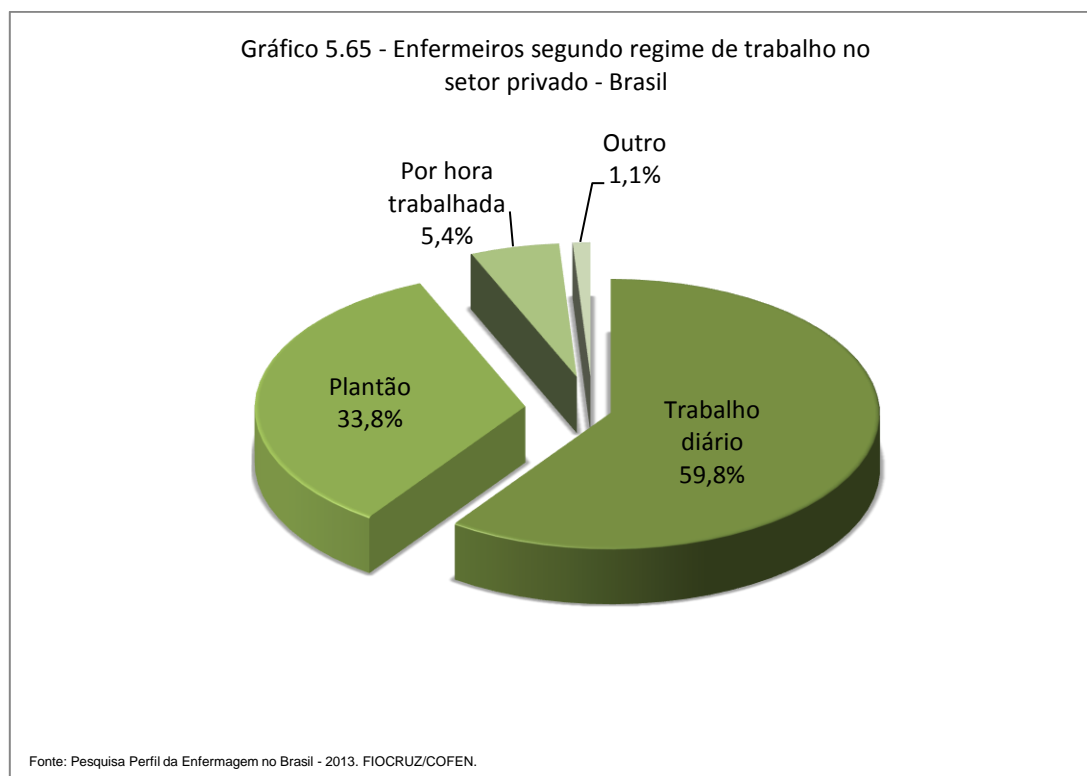
## REGIME DE TRABALHO

Os enfermeiros exercem, predominantemente, suas atividades no setor privado em regime de trabalho diário, com 59,8%. A pesquisa aponta para uma parcela menor de enfermeiros que integram os serviços como plantonistas, ou seja, 33,8%. Registra-se 5,4% por hora trabalhada. (Tabela 5.10.3a e Gráfico 5.65).

Tabela 5.10.3a  
Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor privado – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Regime</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Trabalho diário	67.854	59,8
Plantão	38.393	33,8
Por hora trabalhada	6.092	5,4
Outro	1.199	1,1
<b>Total</b>	<b>113.538</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## JORNADA DE TRABALHO

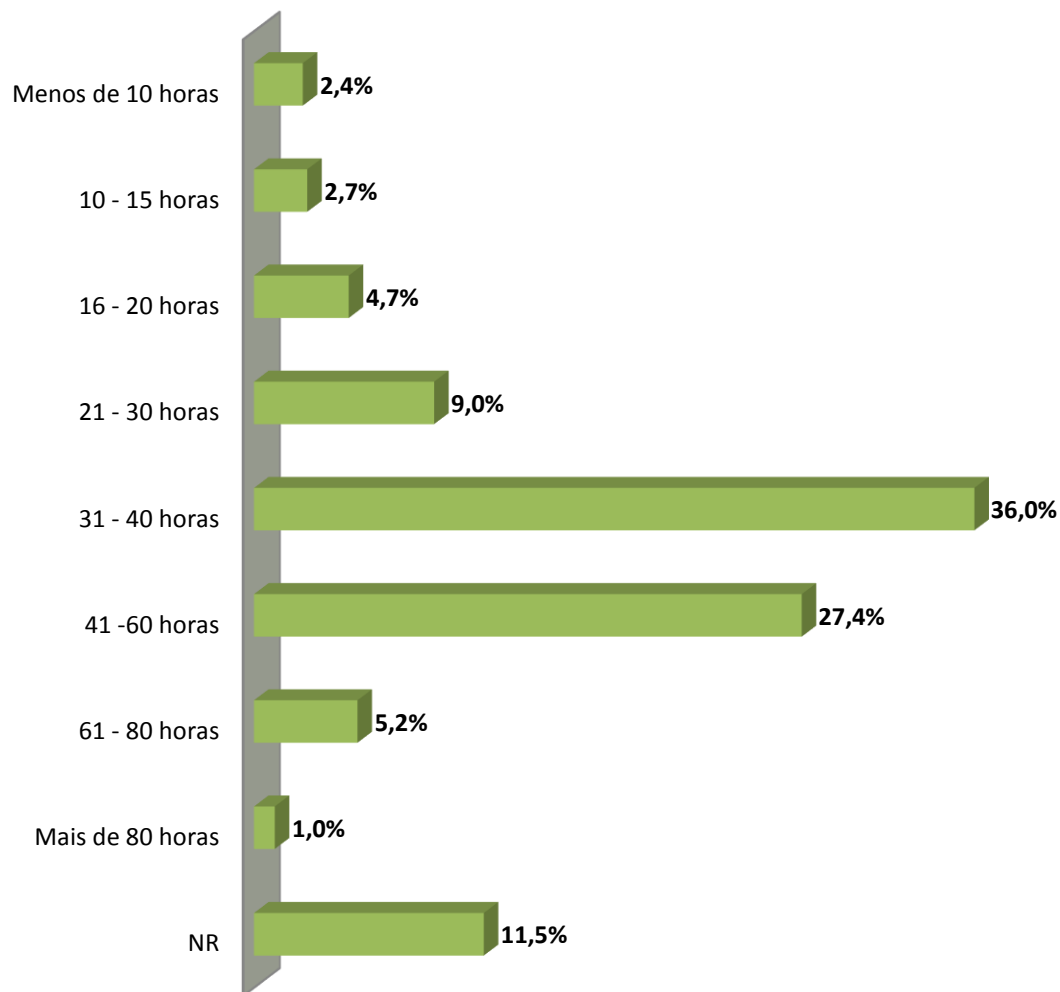
Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria dos enfermeiros (63,4%) trabalha no setor privado entre 31 - 60 horas de trabalho semanais. Ressalta-se que 5,2% têm jornadas de trabalho entre 61 - 80 horas semanais e 1% declara ter jornadas de mais de 80 horas semanais, com uma acentuada sobrecarga de trabalho, sendo que 18,8%, ou seja, quase 1/5 do contingente, trabalha neste setor com carga horária de até 30 horas. Somam 33,6% os com jornada maior que 41 horas semanais. (Tabela 5.10.4a e Gráfico 5.66). Destaca-se 9,8% que têm “**subjornadas de trabalho**” no setor privado, perfazendo jornada semanal igual e/ou inferior a 20 horas, o que representa mais de 10 mil, e 2,4% com menos de 10 horas semanais, o que corresponde a quase 3 mil. Assim, é possível afirmar que há indícios de subemprego na categoria nesse setor, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

Tabela 5.10.4a  
Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	2.997	2,4
10 - 15 horas	3.274	2,7
16 - 20 horas	5.825	4,7
21 - 30 horas	11.080	9,0
31 - 40 horas	44.326	36,0
41 - 60 horas	33.702	27,4
61 - 80 horas	6.362	5,2
Mais de 80 horas	1.278	1,0
NR	14.138	11,5
<b>Total</b>	<b>122.983</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.66 - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TURNO DE TRABALHO

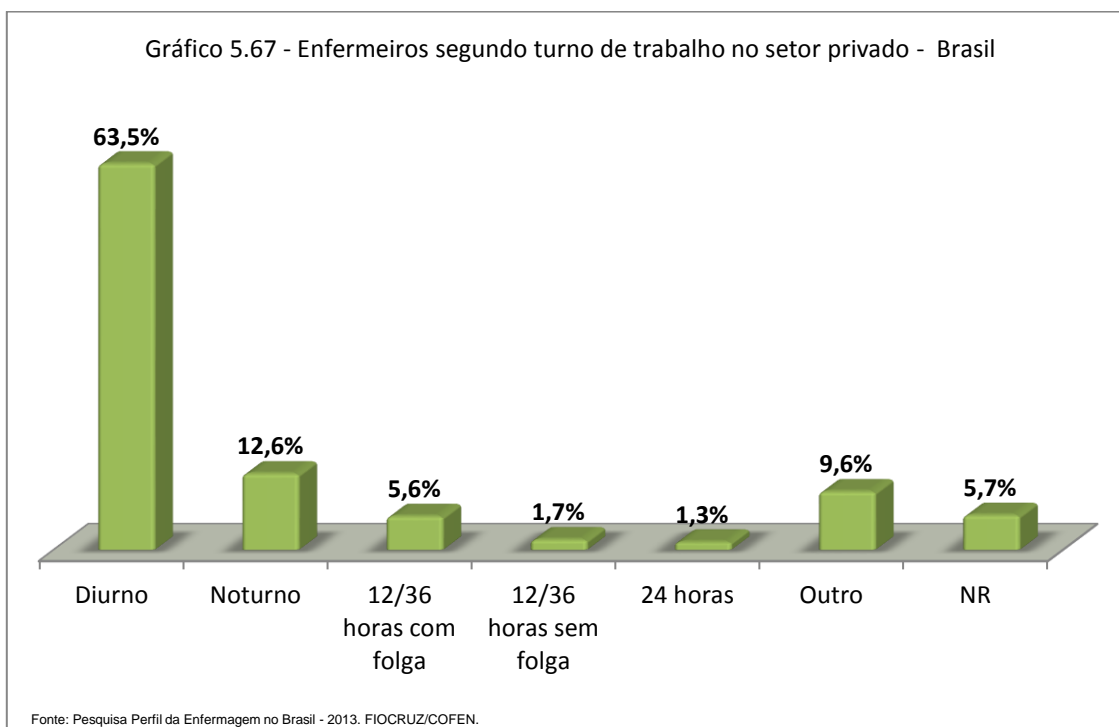
As atividades no setor privado são desenvolvidas, pela maioria dos enfermeiros, em turno diurno (63,5%). Em contrapartida, evidencia-se que o trabalho noturno no setor corresponde a 12,6% do total, o que equivale a pouco mais de 15 mil profissionais. Há ainda aqueles que atuam em turnos variados: 1,3% em turno de 24 horas; 5,6% no turno de 12/36 horas com folga; 1,7%, 12/36 horas sem folga (Tabela 5.10.5a e Gráfico 5.67).

Tabela 5.10.5a

Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	78.129	63,5
Noturno	15.498	12,6
12/36 horas com folga	6.841	5,6
12/36 horas sem folga	2.103	1,7
24 horas	1.598	1,3
Outro	11.863	9,6
NR	7.066	5,7
<b>Total</b>	<b>123.099</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

Analisando a questão salarial no setor privado ao nível nacional, o primeiro dado que chama atenção é que 44,4% do contingente que lá atuam percebem salários entre 1.001 - 3.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam um cenário preocupante: 49%, ou seja, mais de 60 mil obtêm de todas as atividades lá desenvolvidas renda de até 3.000 reais; 23,7% situam-se na faixa de 2.001 - 3.000 reais e acima de 5.001 reais são apenas 6,2%. Poucos são aqueles (2,3%) que se encontram nas faixas salariais acima de 7.001 reais. Nos rendimentos acima de 9.001 reais somente 0,7% do total se encontram nesta faixa (Tabela 5.10.6a e Gráfico 5.68).

Em situação de “**subsídio**” encontram-se, neste setor, 4,6% da FT que lá atua, têm rendimentos declarados de igual ou inferior a 1.000 reais. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor.

Tabela 5.10.6a  
Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

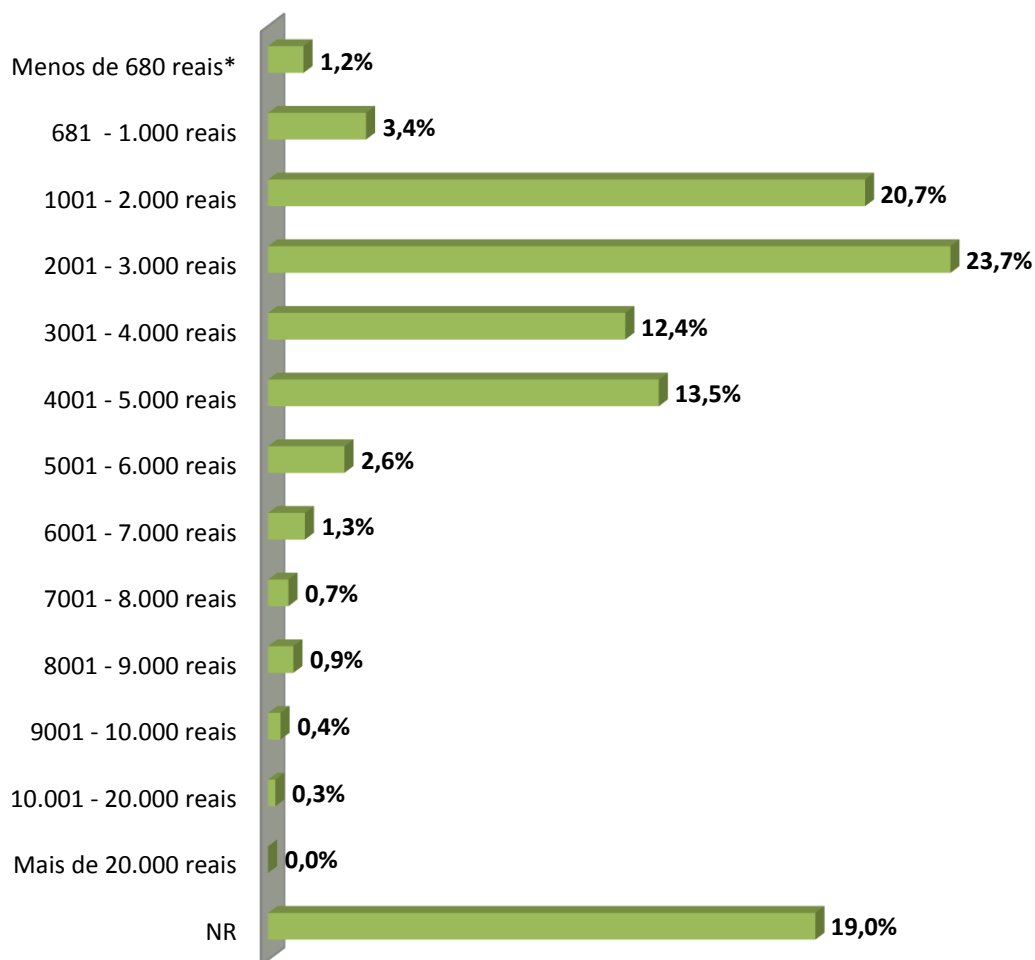
Rendimento mensal	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	1.511	1,2
681 - 1000 reais	4.179	3,4
1001 - 2000 reais	25.454	20,7
2001 - 3000 reais	29.117	23,7
3001 - 4000 reais	15.229	12,4
4001 - 5000 reais	16.661	13,5
5001 - 6000 reais	3.253	2,6
6001 - 7000 reais	1.570	1,3
7001 - 8000 reais	868	0,7
8001 - 9000 reais	1.080	0,9
9001 - 10000 reais	531	0,4
10.001 - 20.000 reais	313	0,3
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	23.333	19,0
<b>Total</b>	<b>123.099</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013



Gráfico 5.68 - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil



\* Salário mínimo - Ano base 2013  
Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## SETOR FILANTRÓPICO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR FILANTRÓPICO

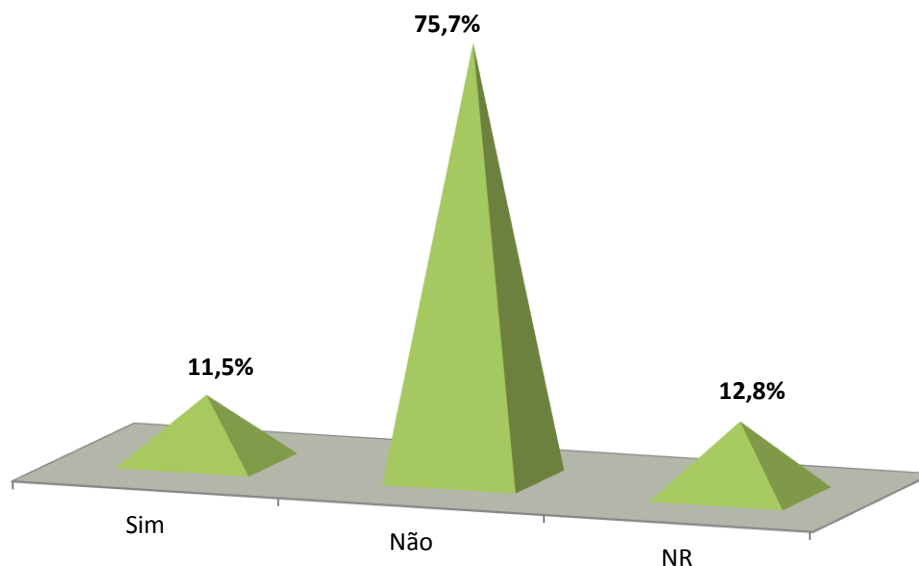
A pesquisa nacional aponta um setor filantrópico robusto, concentrando em torno de 48 mil enfermeiros, ou seja, 11,5% do total geral. Vale ressaltar que a vinculação das atividades neste setor tem importantes variações, tendo em vista que ele permite a inserção de profissionais sem vínculo formal, ou seja, um número considerável trabalha como voluntários, prestadores de serviço e autônomos, principalmente nas Santas Casas (Tabela 5.11a e Gráfico 5.69).

Tabela 5.11a  
Enfermeiros segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

Setor filantrópico	V.Abs.	%
Sim	47.858	11,5
Não	313.909	75,7
NR	52.944	12,8
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.69 - Enfermeiros segundo atuação no setor filantrópico - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

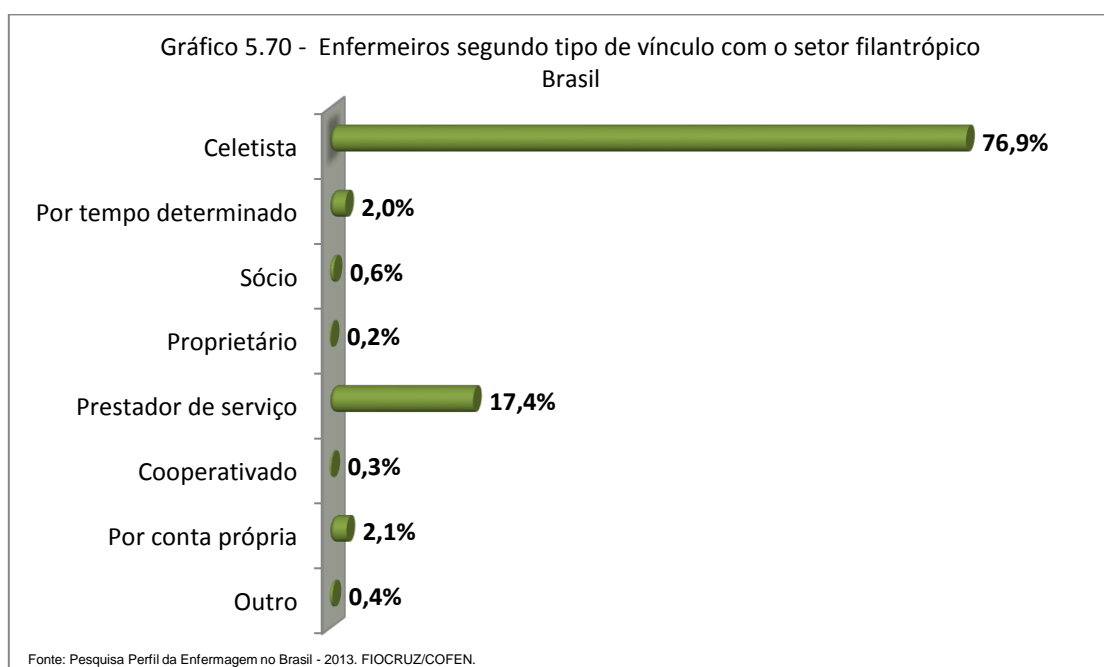
## TIPO DE VINCULO

Neste setor, predomina a contratação por CLT, que detém 76,9% do total; e os prestadores de serviços, com 17,4%, aparecem em segundo lugar. Estas duas modalidades somam 94,3% de todos os vínculos, o que representa 41 mil (Tabela 5.11.1a e Gráfico 5.70). As demais formas existentes têm o seguinte perfil: 0,3% são cooperativados e 2% são contratados por tempo determinado. Um grupo pequeno (0,8%) declara ser sócio e/ou proprietários. Existem ainda 2,1% que desenvolvem atividades no setor por conta própria.

Tabela 5.11.1a  
Enfermeiros segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	V.Abs.	%
Celetista	33.554	76,9
Por tempo determinado	863	2,0
Sócio	252	0,6
Proprietário	98	0,2
Prestador de serviço	7.595	17,4
Cooperativado	133	0,3
Por conta própria	926	2,1
Outro	191	0,4
<b>Total</b>	<b>43.613</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

A predominância da modalidade hospitalar, é expresso com 75,3% do total, o que representa mais de 40 mil profissionais atuando. Os Ambulatórios/Clinicas ficam em segundo lugar, com 8,8%. As Unidades de Apoio e Terapia agregam uma parcela importante na capacidade instalada do setor, com 8,1%, o que representa mais de 4 mil enfermeiros. Se analisar pela natureza de trabalho que desenvolvem tem-se: a) os Laboratórios de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica (3,2%); b) os Centros de Imagem (2,8%); e c) as Unidades de Apoio e Diagnose e Terapia - SADT (2,1%). Já as Casas de Parto/Centros de Nascimentos aglutinam, aproximadamente, 1 mil profissionais, ou seja, 2,1%. E as Casas de Saúde somam apenas 1%. Por outro lado, há registro de 0,4% com atividades relacionadas aos serviços de Assistência Domiciliar (*Homecare*) (Tabela 5.11.2a).

Tabela 5.11.2a  
Enfermeiros segundo modalidade da instituição de atuação no setor filantrópico – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Ambulatório/Clinica	4.782	8,8
Hospital	41.066	75,3
Casa de Parto/Centro de Nascimento	1.155	2,1
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia-SADT	1.136	2,1
Laboratório de Análise Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	1.751	3,2
Centro de Imagem	1.517	2,8
<i>Homecare</i>	236	0,4
Casa de Saúde	530	1,0
Instituição de ensino/escolas	1.508	2,8
Asilo, abrigo, centro de recuperação, etc.	451	0,8
Outra	403	0,7
<b>Total</b>	<b>54.534</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

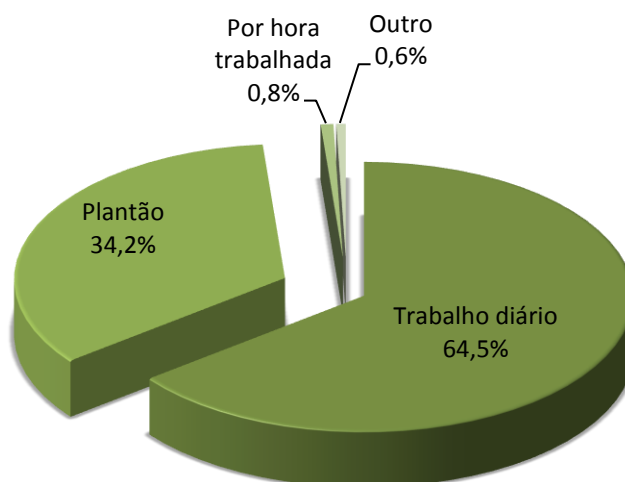
A forte inserção do trabalho da enfermagem em hospitais induz o trabalho intenso e diário, levando a que mais da metade de todos os enfermeiros atue no setor em regime de trabalho diário, ou seja, 64,5%. Já o plantão soma 34,2%. Observa-se a presença diminuta de 0,8% por “hora trabalhada”. Conforme colocado anteriormente, nesse quesito, é possível encontrar o trabalho voluntário, contido na varável “outro” (Tabela 5.11.3a e Gráfico 5.71).

Tabela 5.11.3a  
Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor filantrópico - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Regime</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Trabalho diário	29.092	64,5
Plantão	15.397	34,2
Por hora trabalhada	341	0,8
Outro	255	0,6
<b>Total</b>	<b>45.085</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.71 - Enfermeiros segundo regime de trabalho no setor filantrópico Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria absoluta (71,3%) trabalha entre 31 - 60 horas semanais. Um pequeno quantitativo de 3,5% tem jornadas entre 61 - 80 horas semanais e, ainda 0,7% mais de 80 horas. Com carga horária de até 30 horas somam 10% do total. Separadamente, o maior percentual é 42,2% daqueles que têm jornadas entre 31 - 40 horas (Tabela 5.11.4a e Gráfico 5.72). Motivo de alerta é o fato de ter sido detectado neste setor em torno de 1.700 trabalhadores (3,7%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, com no máximo 20 horas de trabalho semanais, considerando, como dito acima, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem e 1,8% com jornadas semanais de menos de 10 horas.

Tabela 5.11.4a

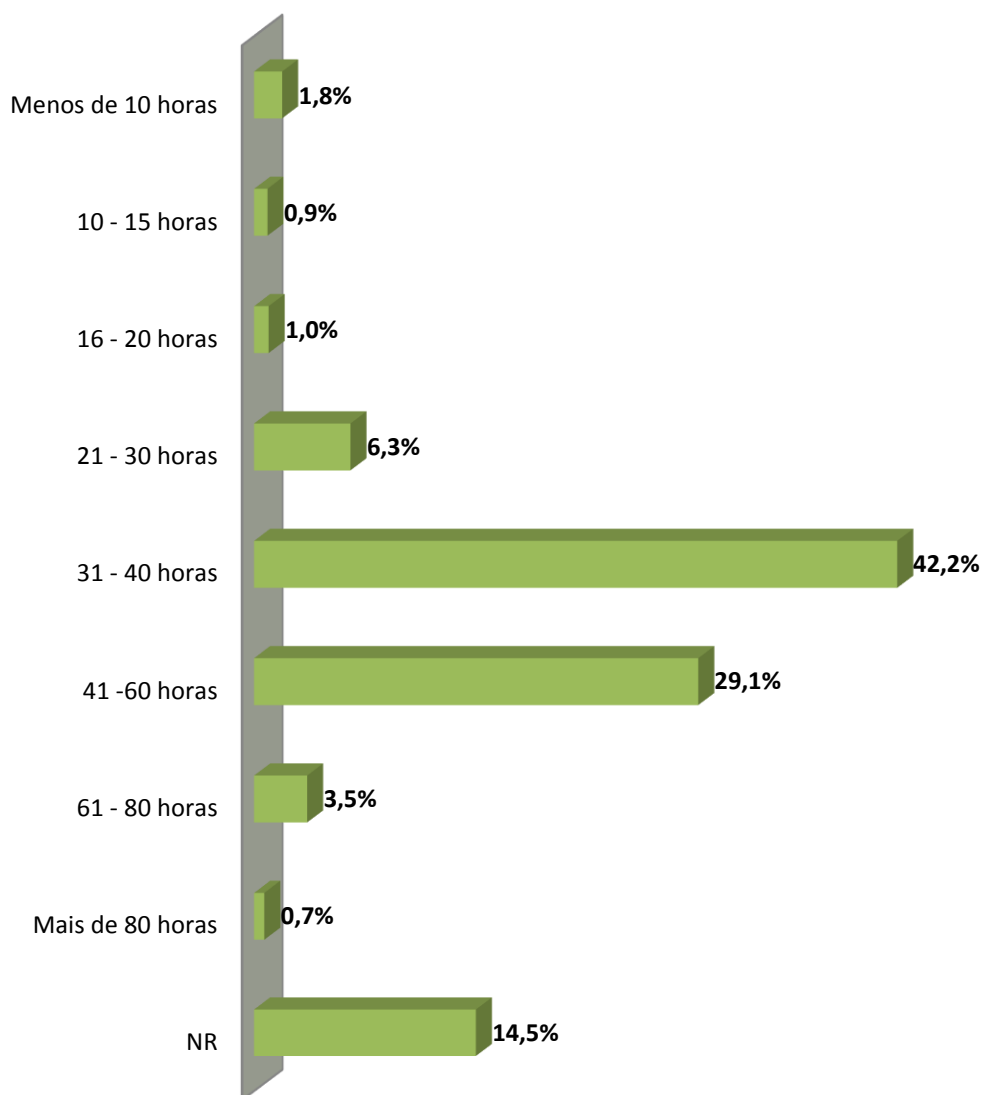
Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	880	1,8
10 - 15 horas	419	0,9
16 - 20 horas	456	1,0
21 - 30 horas	3.023	6,3
31 - 40 horas	20.185	42,2
41 - 60 horas	13.941	29,1
61 - 80 horas	1.665	3,5
Mais de 80 horas	321	0,7
NR	6.961	14,5
<b>Total</b>	<b>47.850</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Gráfico 5.72 - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

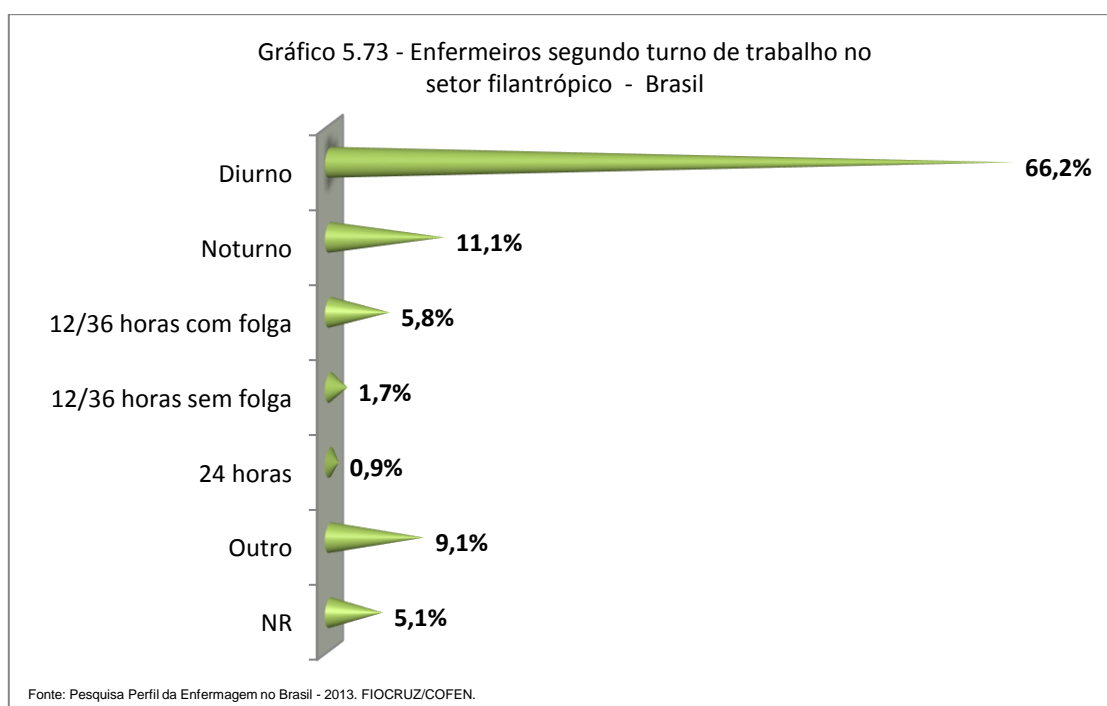
## TURNO DE TRABALHO

Por outro lado, grande parte dos enfermeiros (66,2%) desenvolve suas atividades no setor no horário diurno. O trabalho noturno é praticado por 11,1%, correspondendo a pouco mais de 5 mil profissionais em todo o país. Observa-se que 17,5% atuam em turnos diferenciados: 0,9% a cada 24 horas; 5,8% praticam 12/36 horas com folga e 1,7% fazem 12/36 horas sem folga e outros tipos de horários de trabalho com 9,1% (Tabela 5.11.5a e Gráfico 5.73).

Tabela 5.11.5a  
Enfermeiros segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	31.700	66,2
Noturno	5.326	11,1
12/36 horas com folga	2.782	5,8
12/36 horas sem folga	815	1,7
24 horas	411	0,9
Outro	4.367	9,1
NR	2.457	5,1
<b>Total</b>	<b>47.858</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

Analisando a questão salarial no setor filantrópico no país, o primeiro dado que chama atenção é que mais de 1/5 (22,4%) de todo contingente que lá atua percebe salário entre 1.001 - 2.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam também um cenário preocupante: 46,5%, ou seja, mais de 22 mil, obtêm em todas as atividades desenvolvidas renda de até 3.000 reais. Decompondo: 24,1% percebem de até 2.000 reais; 22,4% situam-se na faixa de 2.001 - 3.000 reais. Poucos são (4%) os que se encontram na faixa salarial acima de 5.001 reais; acima de 7.001 reais (1,5%) e 0,6% são os que ganham acima de 9.001 reais.

Registra-se na condição de “**subsalarário**” - renda igual ou menor que 1.000 reais - um contingente de 1,7% no setor filantrópico. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor (Tabela 5.11.6a e Gráfico 5.74).

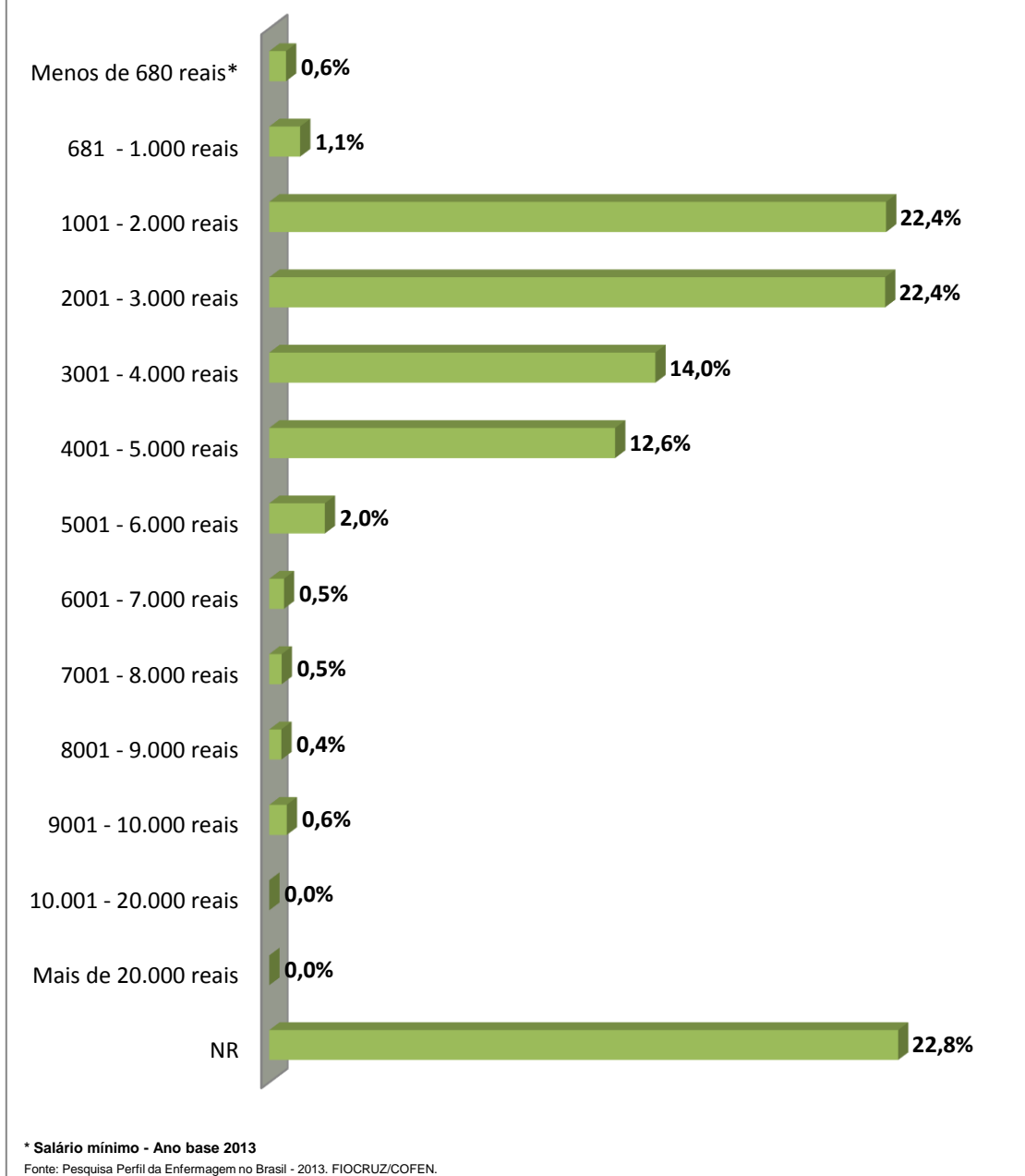
Tabela 5.11.6a  
 Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil

<b>Rendimento mensal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	291	0,6
681 - 1000 reais	536	1,1
1001 - 2000 reais	10.722	22,4
2001 - 3000 reais	10.706	22,4
3001 - 4000 reais	6.708	14,0
4001 - 5000 reais	6.009	12,6
5001 - 6000 reais	967	2,0
6001 - 7000 reais	256	0,5
7001 - 8000 reais	217	0,5
8001 - 9000 reais	211	0,4
9001 - 10000 reais	304	0,6
10.001 - 20.000 reais	0	0,0
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	10.933	22,8
<b>Total</b>	<b>47.858</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013

Gráfico 5.74 - Enfermeiros segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil





## SETOR ENSINO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR ENSINO

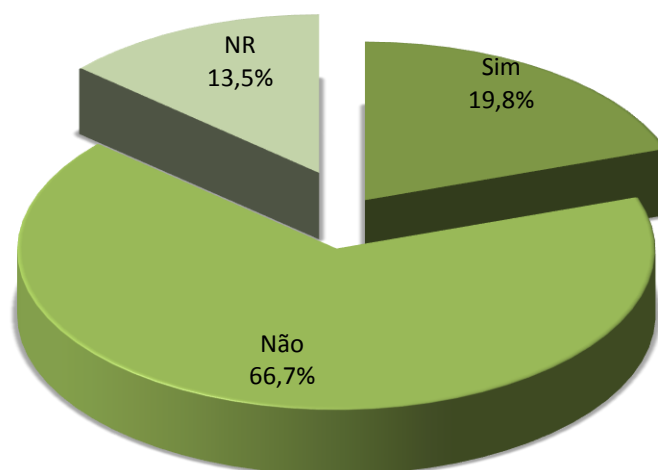
Levando-se em consideração sua especificidade (ensino e prática), o setor tem que se valer da rede de saúde (público e/ou privado) para campo de estágios e prática, sendo que o profissional pode, concomitantemente, estar na assistência e/ou ensino. Desta forma, foi detectado na pesquisa, 19,8% dos enfermeiros que atuam no setor ensino, seja nas instituições de ensino ou nos hospitais-escola e ambulatórios. (Tabela 5.12a e Gráfico 5.75).

Tabela 5.12a  
Enfermeiros segundo atuação em Instituição de ensino - Brasil

Instituição de ensino	V.Abs.	%
Sim	81.945	19,8
Não	276.626	66,7
NR	56.141	13,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.75 - Enfermeiros segundo atuação em instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



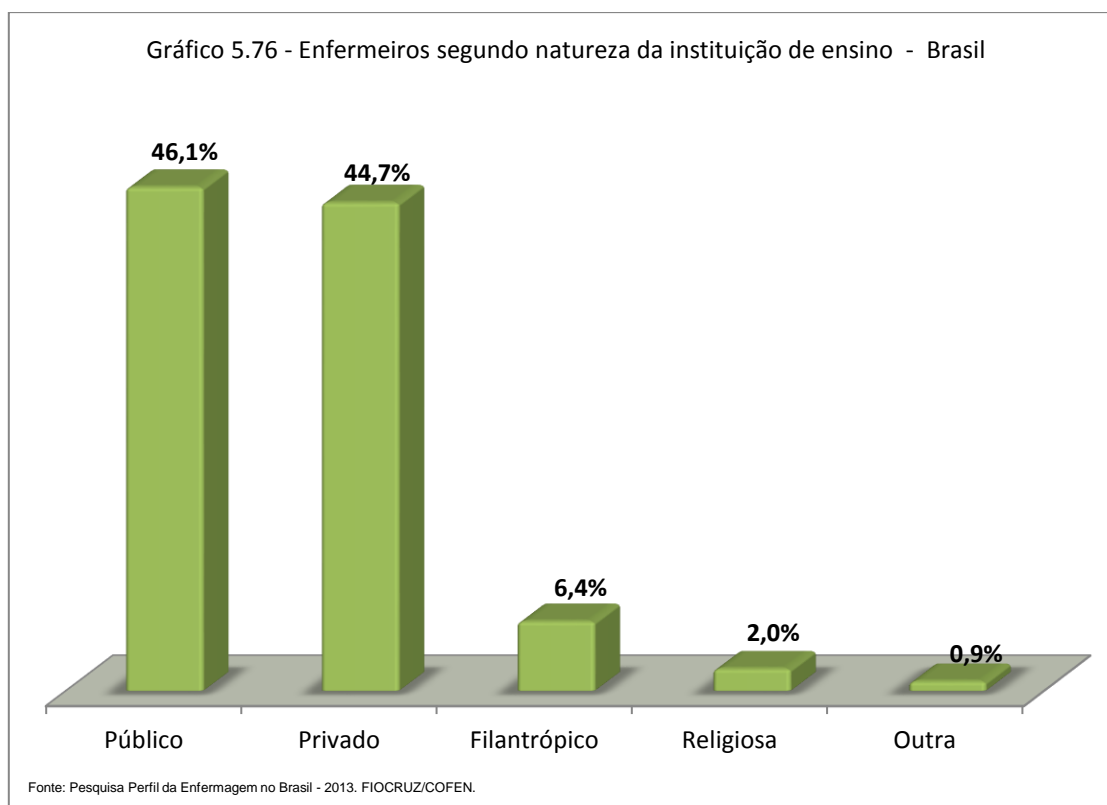
## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

A pesquisa detectou um percentual semelhante de vínculos de trabalho entre os enfermeiros no setor ensino (escolas e/ou hospitais), tanto no público (46,1%) como no privado (44,7%). Por outro lado, o setor filantrópico se mostra pouco atraente para o ensino, com apenas 6,4% dos enfermeiros e as instituições religiosas com apenas 2% (Tabela 5.12.1a e Gráfico 5.76).

Tabela 5.12.1a  
Enfermeiros segundo natureza da instituição de ensino - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Natureza	V.Abs.	%
Público	38.871	46,1
Privado	37.682	44,7
Filantrópico	5.378	6,4
Religiosa	1.709	2,0
Outra	735	0,9
<b>Total</b>	<b>84.375</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE CURSO

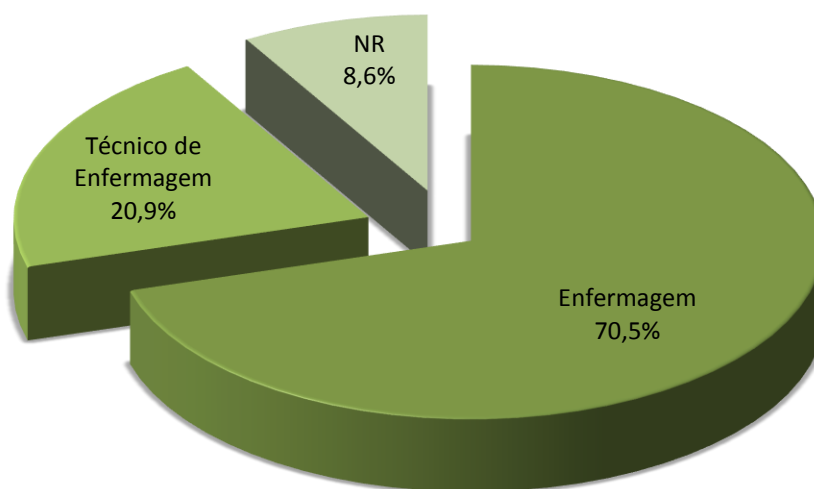
Em relação aos tipos de curso que desenvolvem suas atividades docentes, verifica-se que 70,5% dos enfermeiros atuam em cursos de enfermagem e 20,9% em técnicos (Tabela 5.12.2a e Gráfico 5.77).

Tabela 5.12.2a  
Enfermeiros segundo tipo de curso que atua - Brasil

<b>Tipo de curso</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Enfermagem	57.756	70,5
Técnico de Enfermagem	17.161	20,9
NR	7.028	8,6
<b>Total</b>	<b>81.945</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.77 - Enfermeiros segundo tipo de curso que atua - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

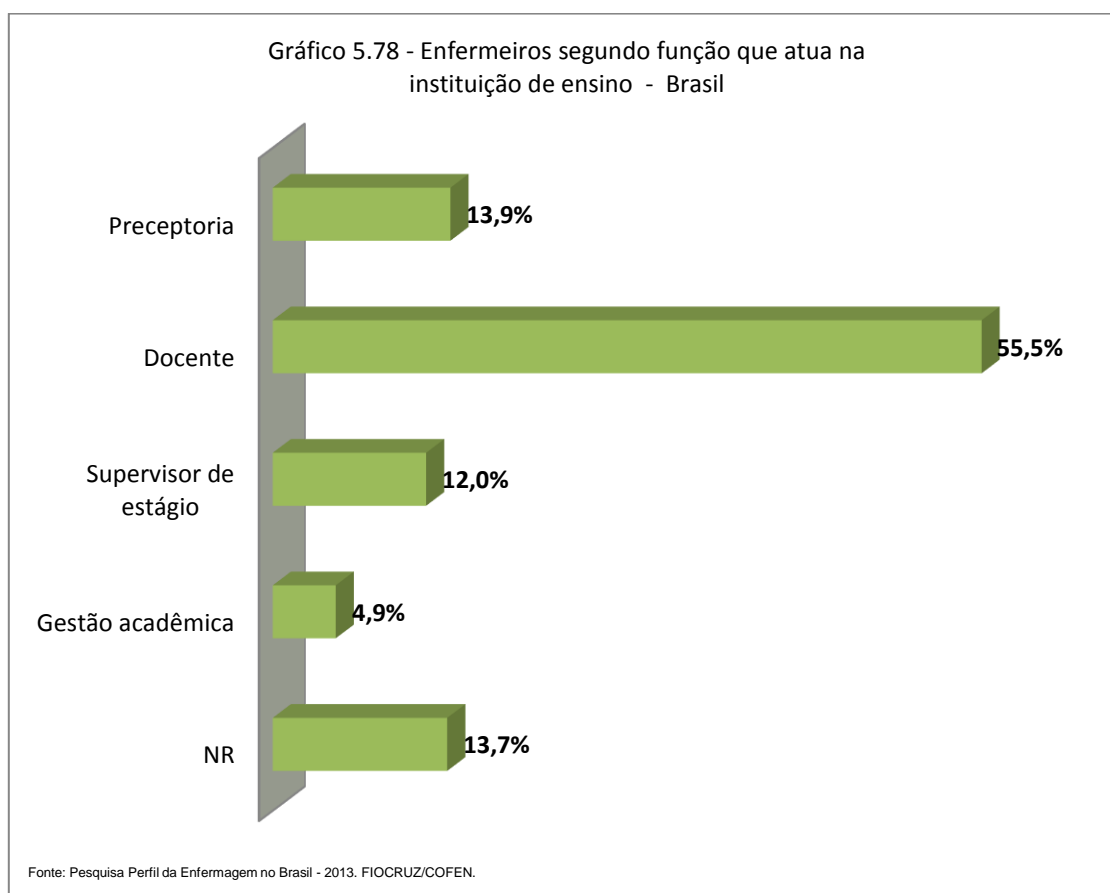
## FUNÇÃO

No que diz respeito a função desenvolvida, 55,5% atuam na docência. A preceptoria é exercida por 13,9%; seguida das atividades de supervisão de estágio por 12% e gestão acadêmica, 4,9%. (Tabela 5.12.3a e Gráfico 5.78).

Tabela 5.12.3a  
Enfermeiros segundo função que atua na instituição de ensino - Brasil

<b>Função</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Preceptoria	11.391	13,9
Docente	45.491	55,5
Supervisor de estágio	9.835	12,0
Gestão acadêmica	4.040	4,9
NR	11.187	13,7
<b>Total</b>	<b>81.945</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE VINCULO

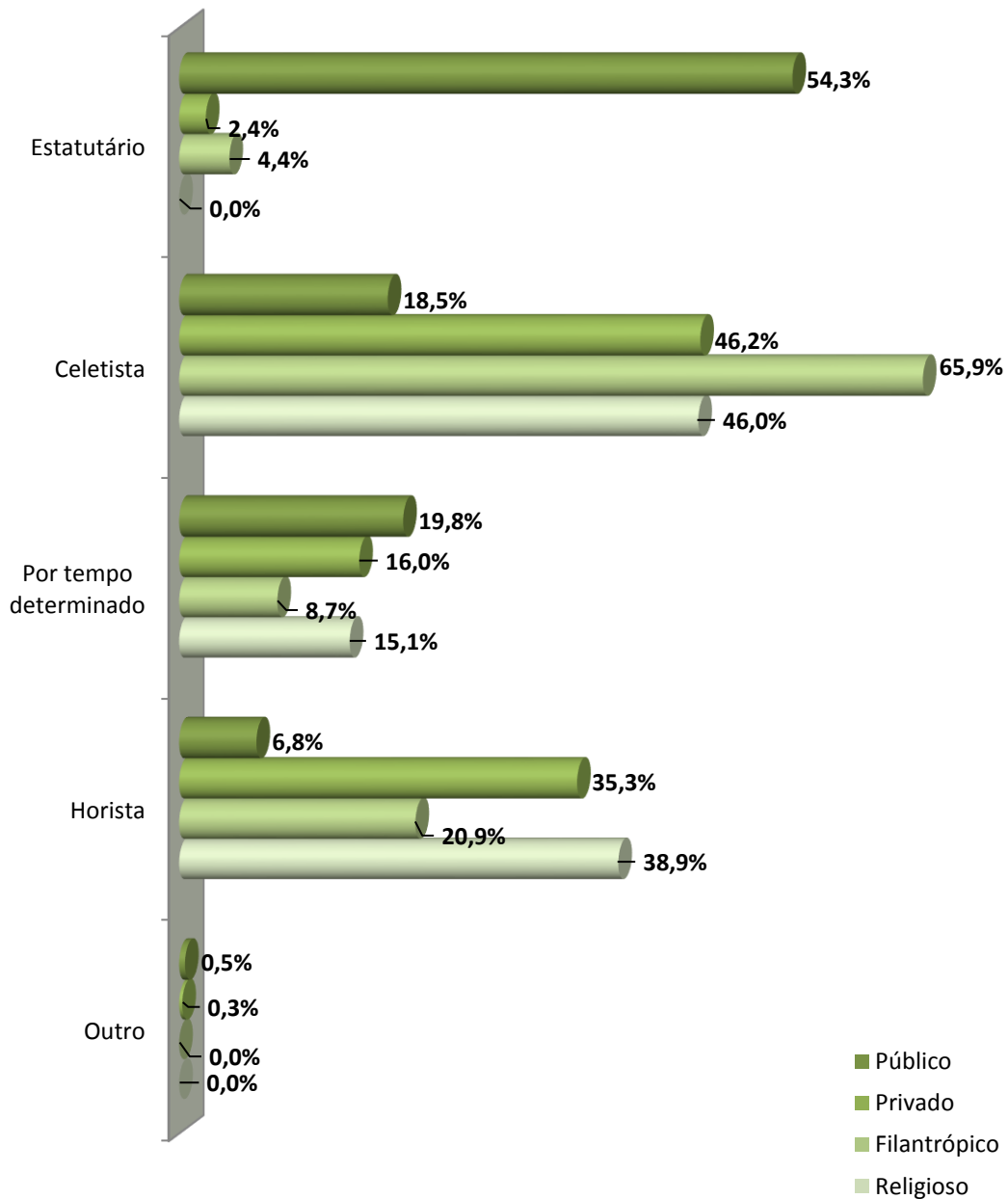
A Tabela 5.12.4a e o Gráfico 5.79 mostram algumas evidências. Primeiro, atuando nas instituições públicas, os enfermeiros têm, em sua maioria, vínculo estatutário (54,3%); seguido por tempo determinado (19,8%); e o vínculo CLT com 18,5%. Segundo, já nas privadas, o predominante é o CLT com 46,2%; seguido do “horista” com 35,3%; e por tempo determinado, 16%. Terceiro, nas instituições filantrópicas, o que prevalecem são os celetistas, representando 65,9% e os “horistas” com 20,9%. Quarto, da mesma forma que nas filantrópicas, nas instituições religiosas, eles são celetistas (46%), horistas (38,9%) e por tempo determinado (15,1%).

Tabela 5.12.4a  
Enfermeiros segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	Público		Privado		Filantrópico		Religioso	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Estatutário	20.862	54,3	801	2,4	157	4,4	0	0,0
Celetista	7.094	18,5	15.667	46,2	2.324	65,9	297	46,0
Por tempo determinado	7.620	19,8	5.414	16,0	307	8,7	98	15,1
Horista	2.628	6,8	11.964	35,3	738	20,9	251	38,9
Outro	198	0,5	94	0,3	0	0,0	0	0,0
<b>Total</b>	<b>38.402</b>	<b>100,0</b>	<b>33.940</b>	<b>100,0</b>	<b>3.526</b>	<b>100,0</b>	<b>646</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.79 - Enfermeiros segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

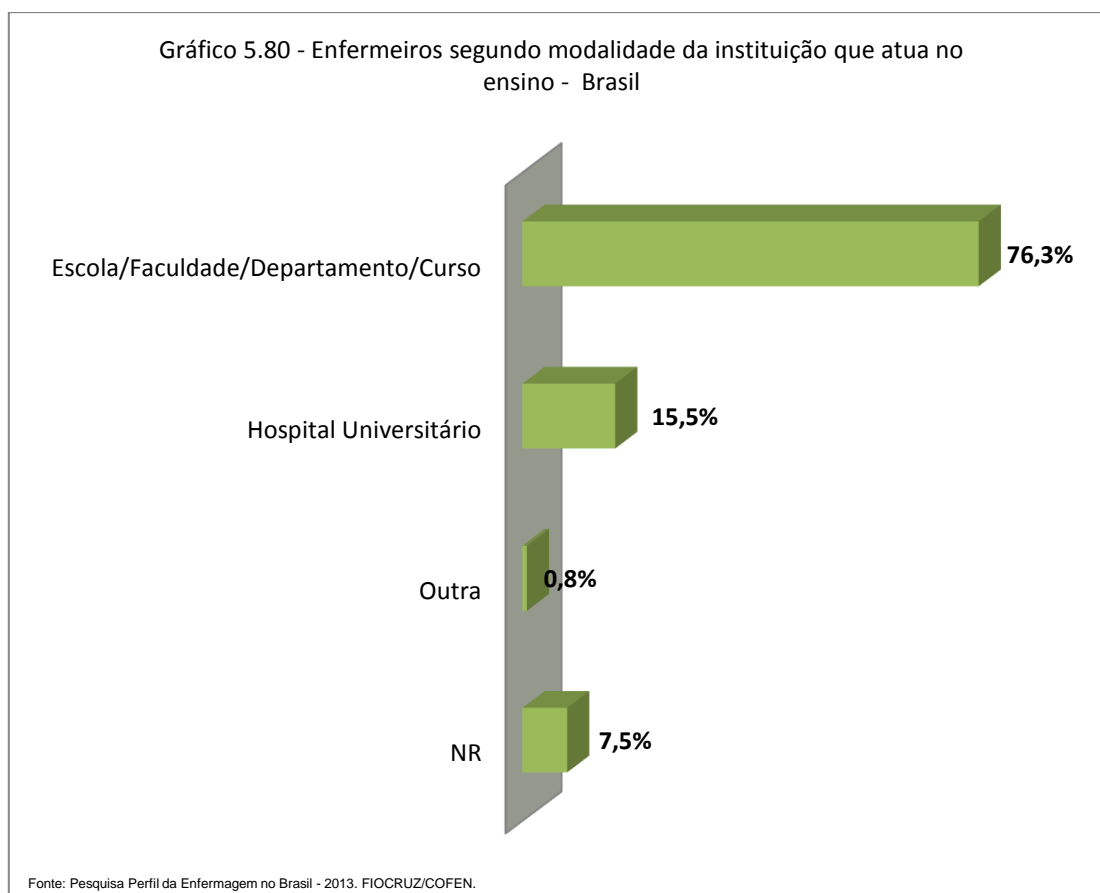
## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

A maioria absoluta dos enfermeiros (76,3%) desenvolve suas atividades de ensino nas Escolas, Faculdades, Departamentos. Os Hospitais Universitários detêm outra importante parcela, com 15,5% (Tabela 5.12.5a e Gráfico 5.80).

Tabela 5.12.5a  
Enfermeiros segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Escola/Faculdade/Departamento/Curso	62.496	76,3
Hospital Universitário	12.706	15,5
Outra	615	0,8
NR	6.128	7,5
<b>Total</b>	<b>81.945</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## REGIME DE TRABALHO

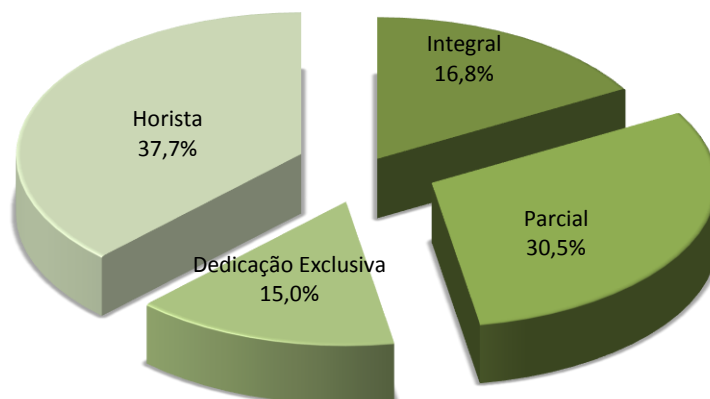
Quando se vai analisar o regime de trabalho, nota-se que um expressivo percentual de enfermeiros (37,7%) atua no ensino em regime de horista e 30,5% em tempo parcial. Poucos são os que trabalham em tempo integral (16,8%) ou com dedicação exclusiva (15%) (Tabela 5.12.6a e Gráfico 5.81).

Tabela 5.12.6a  
Enfermeiros segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Regime de trabalho	V.Abs.	%
Integral	13.168	16,8
Parcial	23.931	30,5
Dedicação Exclusiva	11.767	15,0
Horista	29.569	37,7
<b>Total</b>	<b>78.435</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.81 - Enfermeiros segundo regime de trabalho na instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

No que diz respeito a carga horária dispensada às atividades de ensino, 28% dedicam entre 31 - 40 horas; 12,9% entre 21 - 30 horas semanais; 11,2% entre 41 - 60 horas. Somam 13,4% os com jornadas acima de 41 horas semanais.

Motivo de alerta é o fato de ter sido detectado em torno de 26 mil profissionais (32%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, tendo jornadas igual ou inferior a 20 horas semanais, considerando, como dito acima, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem e quase 7 mil (8,5%) declaram ter jornadas de menos de 10 horas semanais (Tabela 5.12.7a e Gráfico 5.82). Assim, é possível afirmar que há indícios de subemprego na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

Tabela 5.12.7a

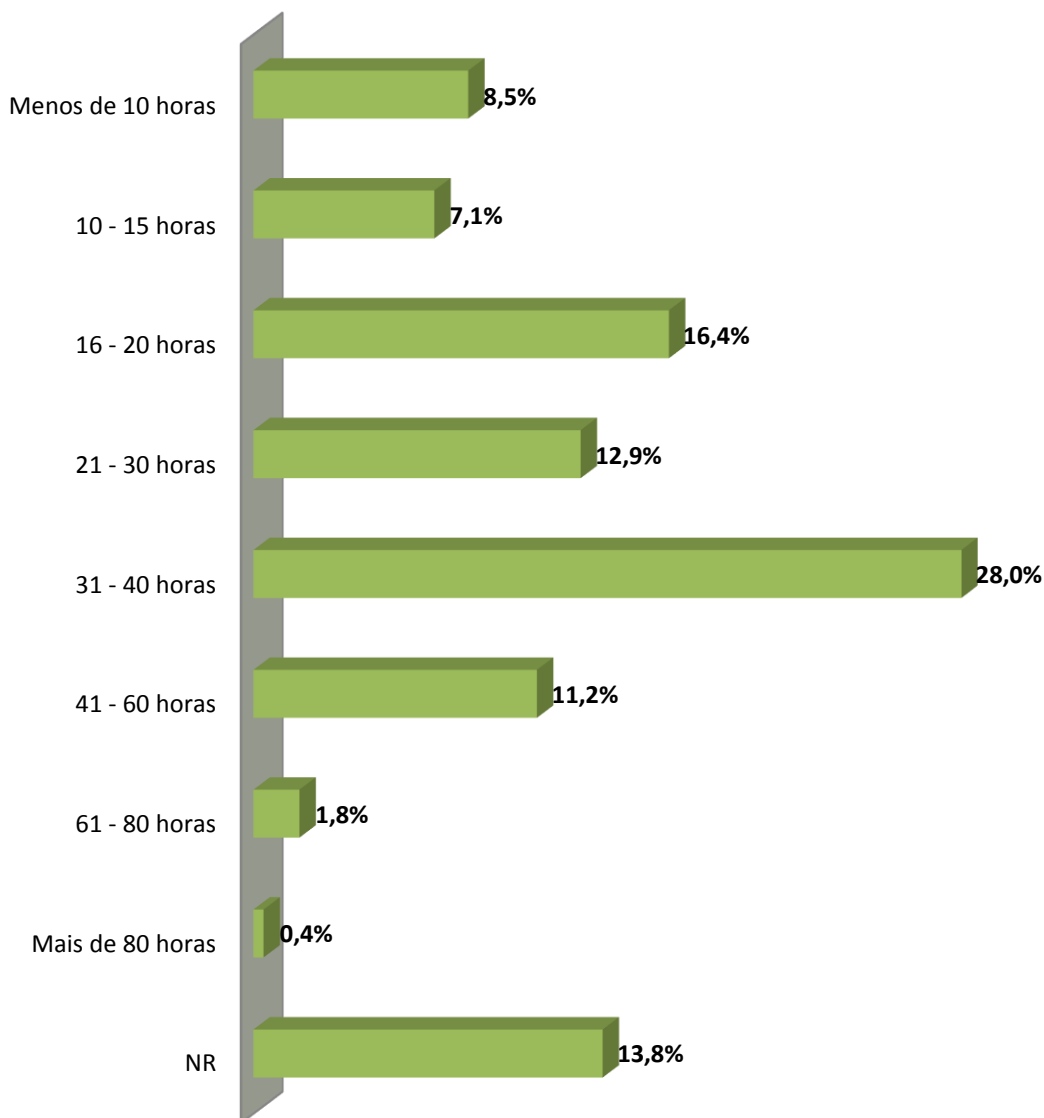
Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	6.937	8,5
10 - 15 horas	5.842	7,1
16 - 20 horas	13.419	16,4
21 - 30 horas	10.570	12,9
31 - 40 horas	22.918	28,0
41 - 60 horas	9.158	11,2
61 - 80 horas	1.486	1,8
Mais de 80 horas	327	0,4
NR	11.280	13,8
<b>Total</b>	<b>81.936</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Gráfico 5.82 - Enfermeiros segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

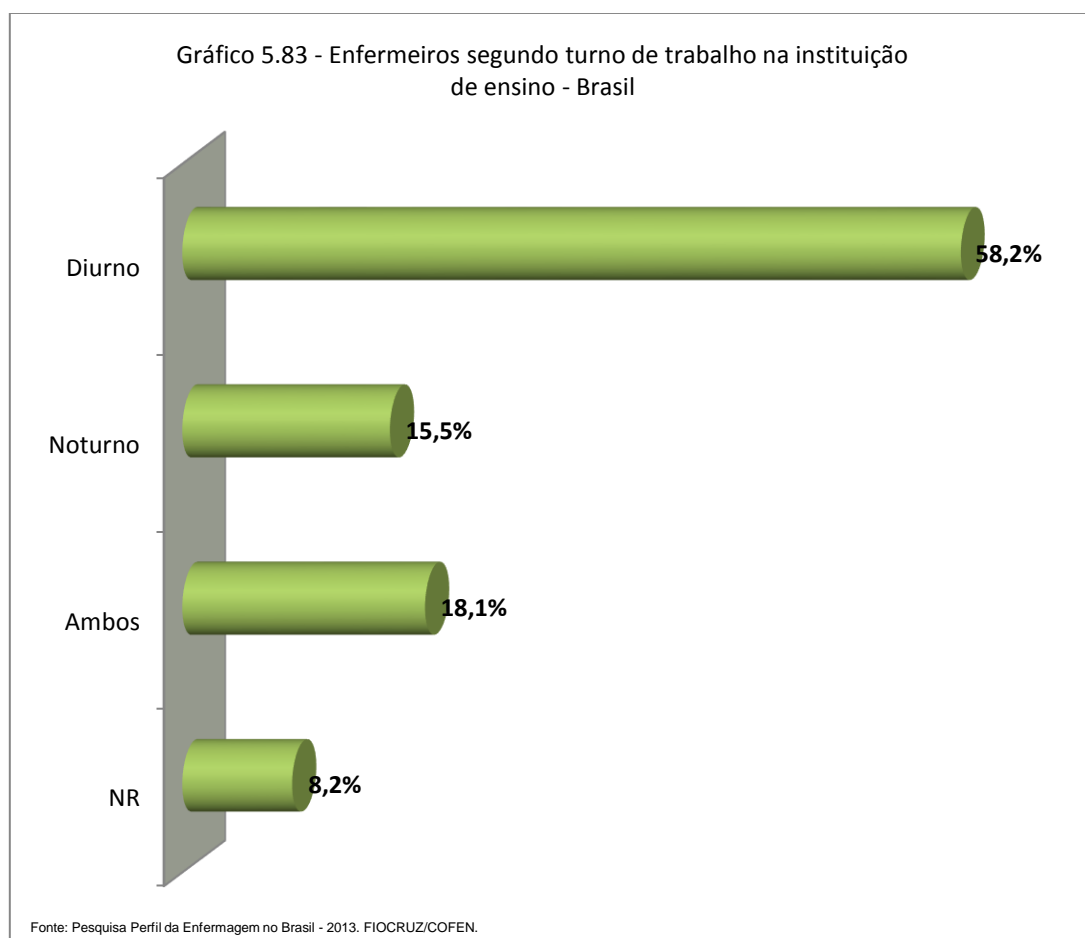
## TURNO DE TRABALHO

Observa-se que mais da metade dos enfermeiros desenvolvem suas atividades na área de ensino no horário diurno (58,2%), enquanto 15,5% o fazem em horário noturno e 18,1% em ambos horários (Tabela 5.12.8a e Gráfico 5.83).

Tabela 5.12.8a  
Enfermeiros segundo turno de trabalho na instituição de ensino - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	47.700	58,2
Noturno	12.692	15,5
Ambos	14.839	18,1
NR	6.714	8,2
<b>Total</b>	<b>81.945</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

Analisando a questão salarial na área de ensino, o primeiro dado que chama atenção é que 17,7% de todo contingente têm rendimentos entre 1.001 - 2.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam também um cenário preocupante: 44,9%, ou seja, mais de 36 mil profissionais, obtêm em todas as atividades desenvolvidas renda de até 3.000 reais. Decompondo: 32,9% ganham até 2.000 reais; 12% situam-se na faixa de 2.001 - 3.000 reais. Poucos são aqueles (11,1%) que se encontram na faixa salarial acima de 5.001 reais; acima de 7.001 reais (4,7%) e 1,9% são os que ganham acima de 9.001 reais.

Registra-se na condição de “**subsalarário**” - renda igual ou menor que 1.000 reais - um contingente de mais de 12 mil enfermeiros, ou seja, 15,2%. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, neste setor ensino (Tabela 5.12.9a e Gráfico 5.84).

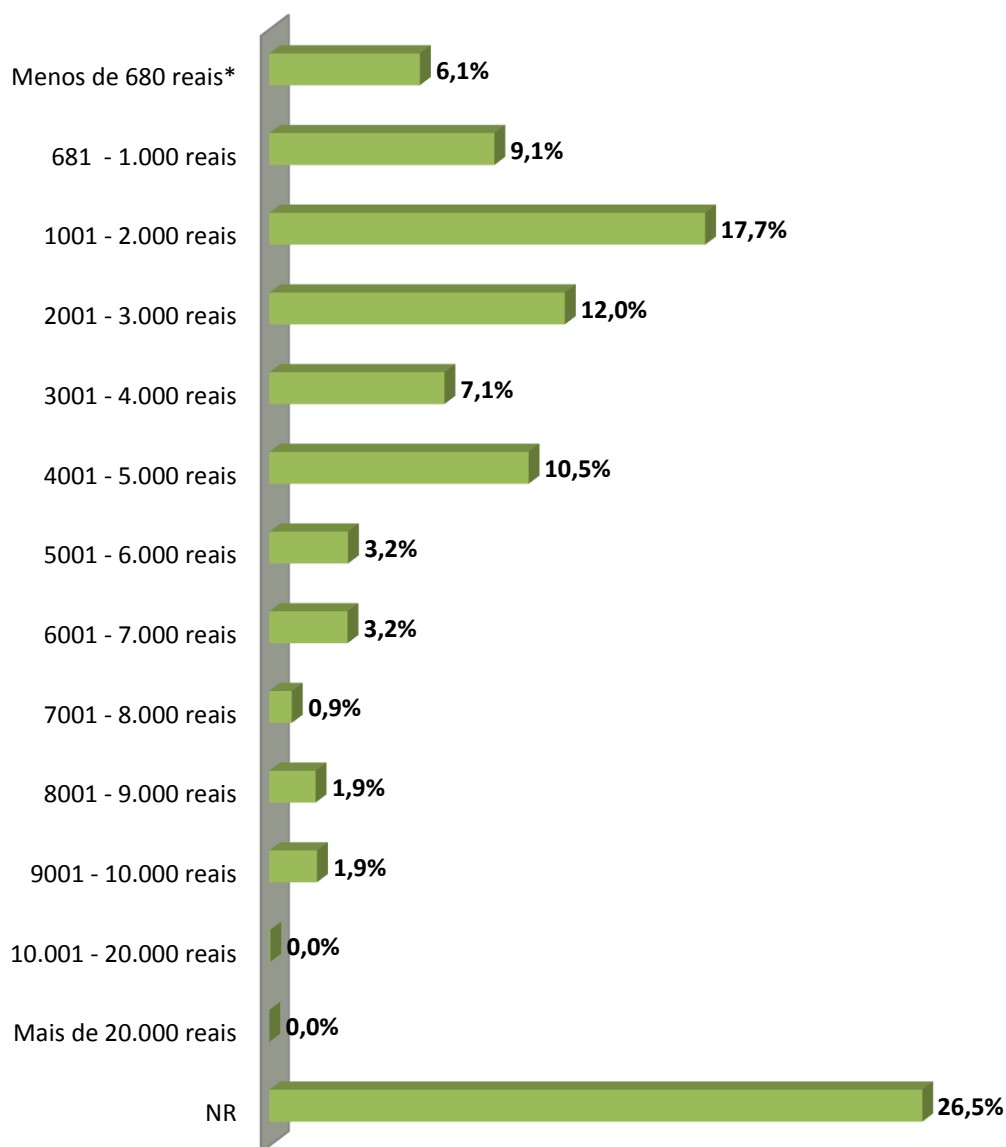
Tabela 5.12.9a  
 Enfermeiros segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil

<b>Rendimento mensal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	4.997	6,1
681 - 1000 reais	7.470	9,1
1001 - 2000 reais	14.469	17,7
2001 - 3000 reais	9.810	12,0
3001 - 4000 reais	5.812	7,1
4001 - 5000 reais	8.605	10,5
5001 - 6000 reais	2.611	3,2
6001 - 7000 reais	2.596	3,2
7001 - 8000 reais	743	0,9
8001 - 9000 reais	1.533	1,9
9001 - 10000 reais	1.581	1,9
10.001 - 20.000 reais	30	0,0
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	21.689	26,5
<b>Total</b>	<b>81.945</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*Salário mínimo - Ano base 2013

Gráfico 5.84 - Enfermeiros segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil



\* Salário mínimo - Ano base 2013

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ATIVIDADE AUTÔNOMA

A pesquisa captou, em todo o país, apenas 2,9% dos enfermeiros com prática autônoma, prestando assistência particular de enfermagem em domicílio. Os dados da pesquisa mostram, como será visto à frente, que a grande maioria daqueles que prestam assistência domiciliar é constituída de técnicos e auxiliares de enfermagem (Tabela 5.13a e Gráfico 5.85).

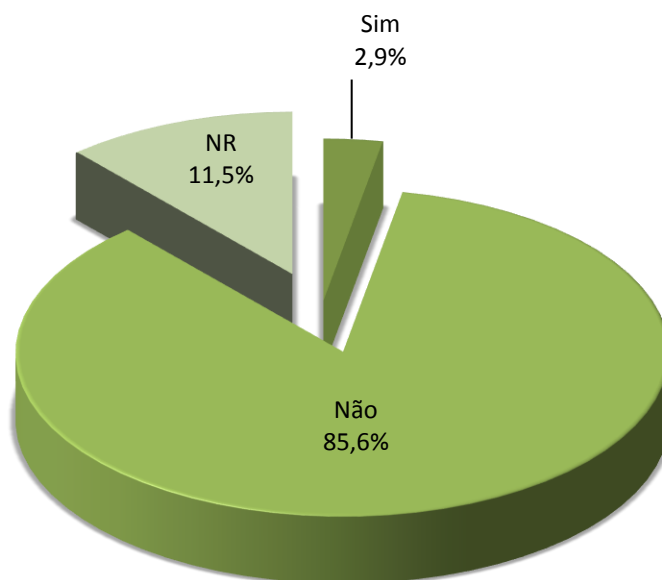
Tabela 5.13a

Enfermeiros segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

<b>Assistência particular</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	12.130	2,9
Não	354.892	85,6
NR	47.690	11,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.85 - Enfermeiros segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## HORAS TRABALHADAS NA ATIVIDADE AUTÔNOMA

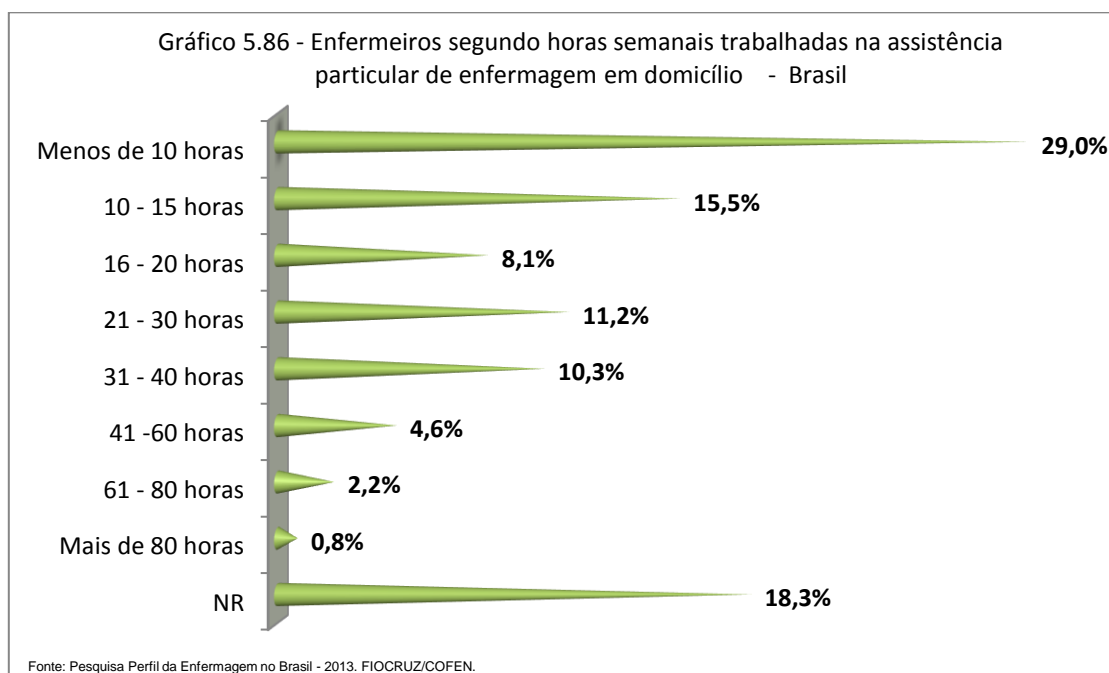
Dos 12 mil enfermeiros que declaram prestar assistência de enfermagem em domicílio, 44,5% utilizam até 15 horas semanais, seguidos dos que dedicam entre 16 - 40 horas semanais, ou seja, 29,6%. Registra-se que apenas 0,8% dos que trabalham nesta atividade faz mais de 80 horas semanais (Tabela 5.13.1a e Gráfico 5.86).

Tabela 5.13.1a

Enfermeiros segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	3.512	29,0
10 - 15 horas	1.884	15,5
16 - 20 horas	987	8,1
21 - 30 horas	1.365	11,2
31 - 40 horas	1.250	10,3
41 -60 horas	556	4,6
61 - 80 horas	265	2,2
Mais de 80 horas	93	0,8
NR	2.217	18,3
<b>Total</b>	<b>12.130</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDA MENSAL TOTAL

A pesquisa nacional mostra que a questão de renda mensal total das atividades de enfermagem leva a várias reflexões que merecem uma análise detida. Aqui está se considerando a renda mensal total de todos os empregos e atividades que os enfermeiros exercem, constata-se que:

Primeiro, mesmo com a soma de todas as atividades tem-se 0,6% da equipe (mais de 2 mil profissionais) que percebem menos de 1 SM (à época equivalente 680 reais/2013) por mês. De grande relevância registrar que 32% têm renda mensal total de até 3.000 reais e, 46,1% concentram-se nas faixas salariais de até 4 mil reais (Tabela 5.14a e Gráfico 5.87).

Segundo, confirmando a situação já mencionada e analisada de **subjornadas de trabalho, subsalários** e, conseqüentemente **subempregos**, a pesquisa encontrou um percentual de 2,5% que declaram ter renda total mensal de até 1.000 reais. Por outro lado, reforça a hipótese de subemprego quando 10,9% encontram-se na faixa salarial de 1.001 - 2.000 reais, que, junto com as faixas anteriores vai representar 13,4% de todo o contingente.

Fazendo uma retrospectiva nos valores salariais dos enfermeiros nos 4 grandes setores de empregabilidade da enfermagem se tem um quadro que permite dizer que:

Primeiro, há prática de subsalário (igual ou inferior a 1.000 reais) em todos os setores, sendo o público (1,9%); o filantrópico (1,7%); o privado (4,6%) e o ensino (15,2%). E até 2.000 reais tem-se: 15,5% (público); 25,3% (privado); 24,1% (filantrópico) e 32,9% (ensino).

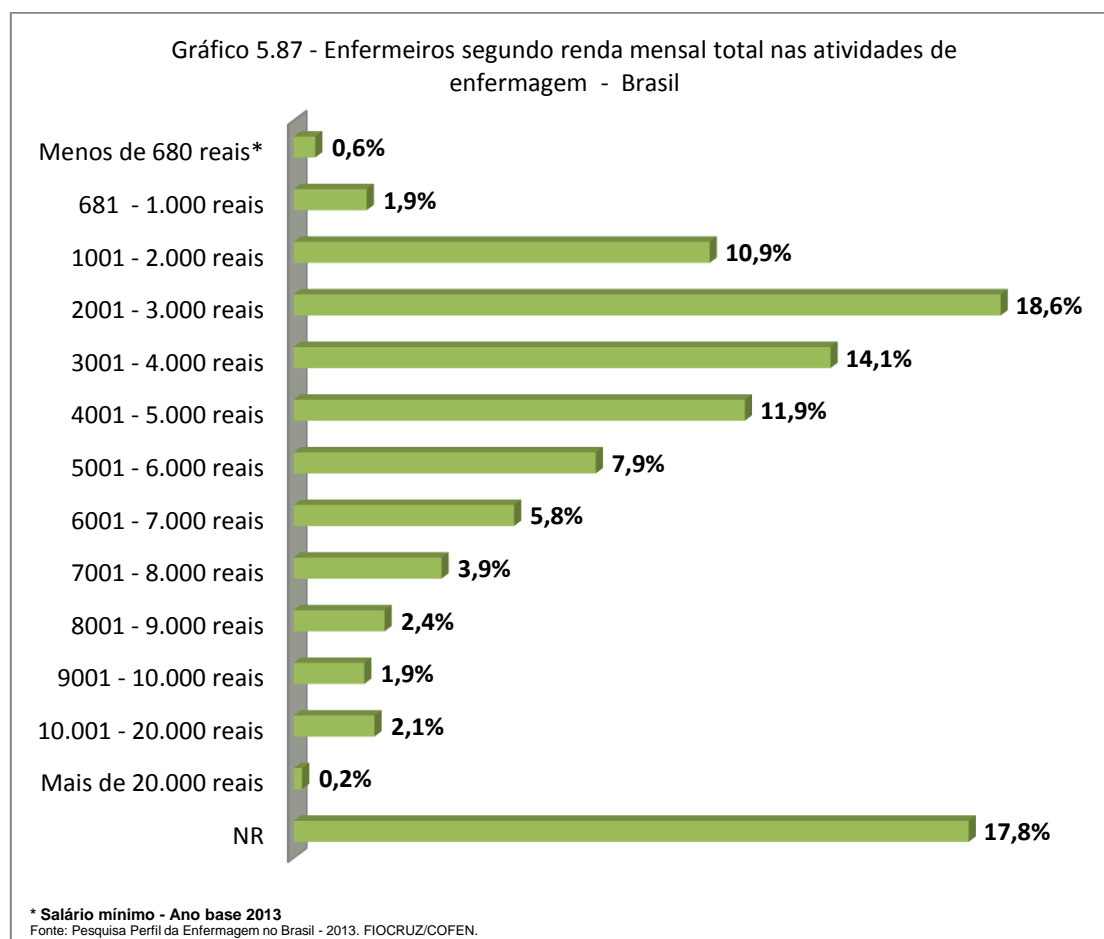
Segundo, tanto o público, como o privado e o filantrópico têm como prática remuneratória valores muito baixos para esse contingente o que significa dizer que 37% no público, 49% no privado e 46,5% no filantrópico dos enfermeiros têm renda mensal de até 3.000 reais. O ensino apresenta um percentual um pouco mais baixo de 44,9%. No entanto, essa realidade, em geral, configura em clara situação de **subemprego**, uma vez está se falando do profissional enfermeiro, que supostamente deveria estar apresentando rendimentos mais elevados.

Tabela 5.14a  
Enfermeiros segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil

Renda mensal total	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	2.344	0,6
681 - 1000 reais	7.971	1,9
1001 - 2000 reais	45.374	10,9
2001 - 3000 reais	77.162	18,6
3001 - 4000 reais	58.549	14,1
4001 - 5000 reais	49.206	11,9
5001 - 6000 reais	32.953	7,9
6001 - 7000 reais	24.033	5,8
7001 - 8000 reais	16.119	3,9
8001 - 9000 reais	9.912	2,4
9001 - 10000 reais	7.699	1,9
10.001 - 20.000 reais	8.816	2,1
Mais de 20.000 reais	915	0,2
NR	73.660	17,8
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013





## SALÁRIO IDEAL

Outro dado nacional que merece atenção especial é o valor do piso salarial. Quando se pergunta aos enfermeiros qual seria o salário ideal constata-se dois fatos: primeiro, 1/3 se recusou a responder (NR); segundo, não há consenso quanto o salário ideal entre eles uma vez que os percentuais correspondentes as faixas salariais não aparecem em nenhum destaque relevante. (Tabela 5.15a). Vale observar que apenas uma faixa salarial (4.001 – 5.000 reais) se destaca, contudo, representa apenas 23,3% do total.

Tabela 5.15a  
Enfermeiros segundo salário ideal - Brasil

Salário ideal	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	1.094	0,3
681 - 1000 reais	443	0,1
1001 - 2000 reais	3.770	0,9
2001 - 3000 reais	19.235	4,6
3001 - 4000 reais	31.843	7,7
4001 - 5000 reais	96.551	23,3
5001 - 6000 reais	21.016	5,1
6001 - 7000 reais	29.733	7,2
7001 - 8000 reais	6.497	1,6
8001 - 9000 reais	34.775	8,4
9001 - 10000 reais	29.215	7,0
10.001 - 20.000 reais	1.872	0,5
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	138.668	33,4
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## OUTRAS ATIVIDADES

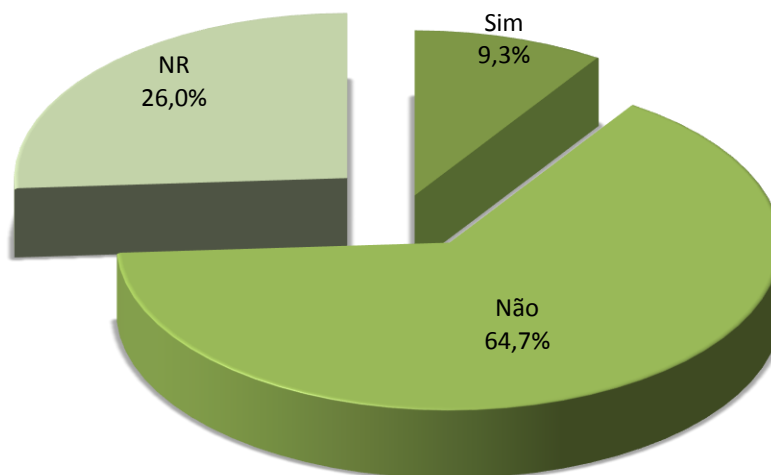
Entre os enfermeiros, 9,3%, ou seja, quase 39 mil afirmam ter outras atividades fora de área da enfermagem (Tabela 5.16a e Gráfico 5.88).

Tabela 5.16a  
Enfermeiros segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil

<b>Outras atividades</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	38.603	9,3
Não	268.374	64,7
NR	107.735	26,0
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.88 - Enfermeiros segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## CARGO DE CHEFIA

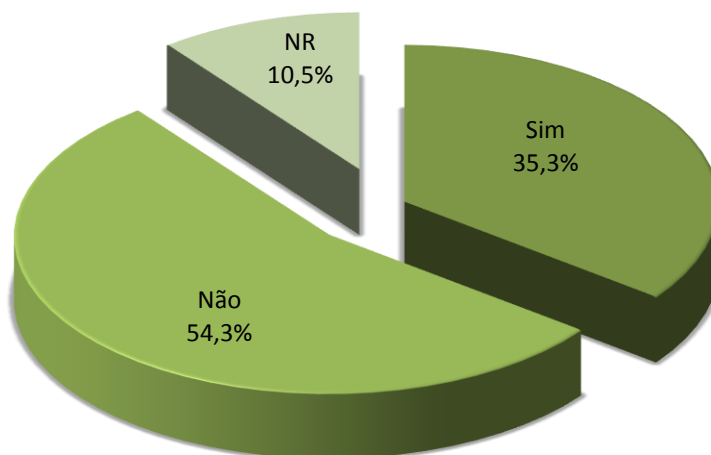
Entre os enfermeiros, 35,3% afirmam exercer cargo de chefia (Tabela 5.17a e Gráfico 5.89).

Tabela 5.17a  
Enfermeiros segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil

<b>Cargo de chefia</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	146.349	35,3
Não	225.016	54,3
NR	43.346	10,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.89 - Enfermeiros segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TIPO DE CARGO

Dos 35,3% do contingente de enfermeiros que exercem atividades de chefia, destacam-se: 26,8% exercem o cargo de supervisão de Unidades/Enfermaria; 15,3% são gerentes/chefes ou diretores gerais de Enfermagem; 12,6% gerentes/chefes ou diretores de Unidade de Saúde; 11,6% gerentes/chefes de Serviços de Enfermagem em Clínicas; e, 8,9% são gerentes/chefes de Serviços de Enfermagem (Clínicas/Programas). As atividades de coordenação de Ensino e Pesquisa somam 5,3%, bem como aquelas relacionadas à chefia de Unidade Intensiva com 5,8%. As demais funções aparecem de forma homogênea com percentuais aproximados, sem destaque. (Tabela 5.17.1a e Gráfico 5.90).

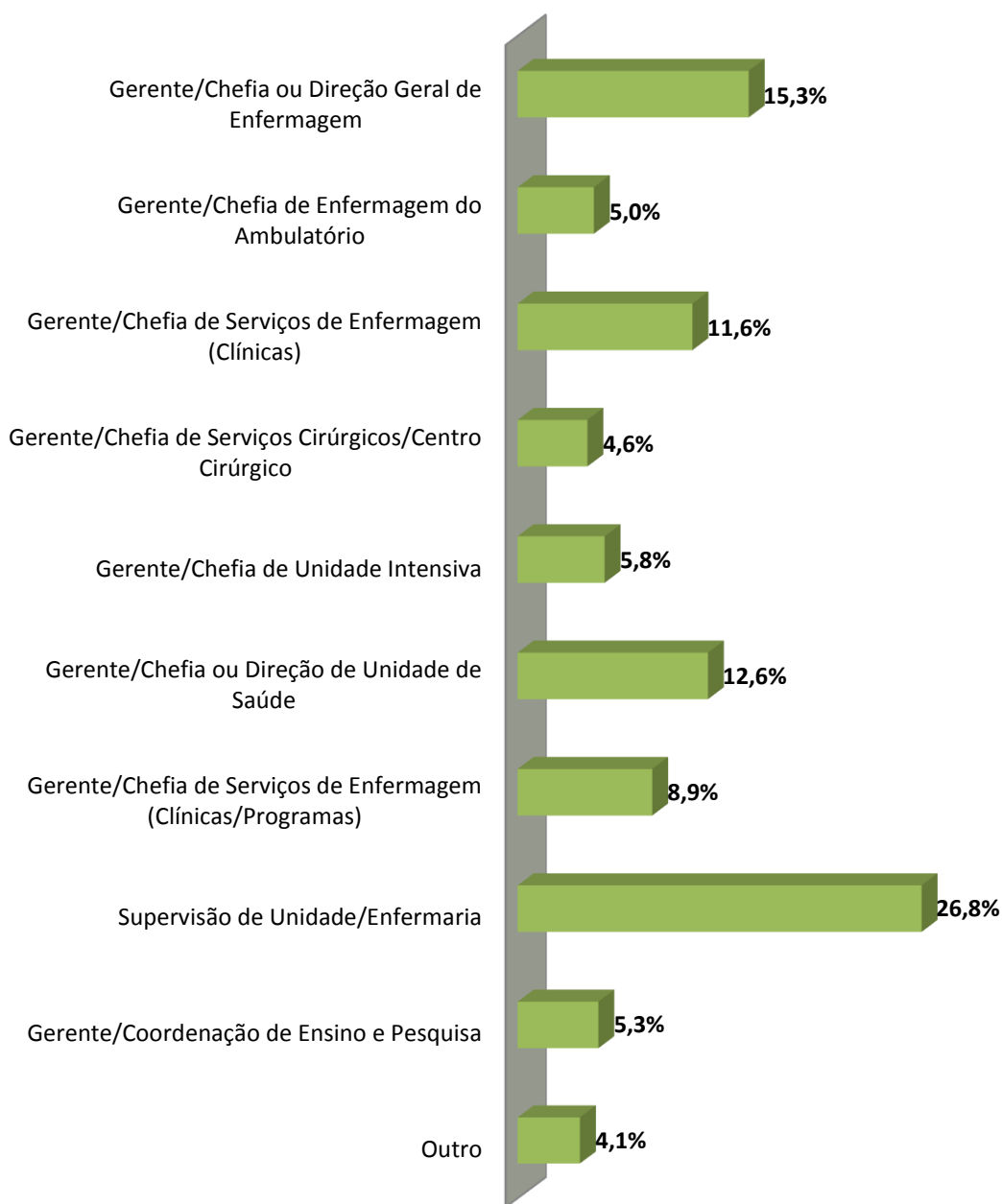
Tabela 5.17.1a

Enfermeiros segundo tipo de cargo de chefia que exerce – Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de cargo</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Gerente/Chefia ou Direção Geral de Enfermagem	23.020	15,3
Gerente/Chefia de Enfermagem do Ambulatório	7.595	5,0
Gerente/Chefia de Serviços de Enfermagem (Clínicas)	17.413	11,6
Gerente/Chefia de Serviços Cirúrgicos/Centro Cirúrgico	6.945	4,6
Gerente/Chefia de Unidade Intensiva	8.661	5,8
Gerente/Chefia ou Direção de Unidade de Saúde	18.960	12,6
Gerente/Chefia de Serviços de Enfermagem (Clínicas/Programas)	13.408	8,9
Supervisão de Unidade/Enfermaria	40.312	26,8
Gerente/Coordenação de Ensino e Pesquisa	8.039	5,3
Outro	6.205	4,1
<b>Total</b>	<b>150.559</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.90 - Enfermeiros segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ATIVIDADES MAIS FREQUENTES

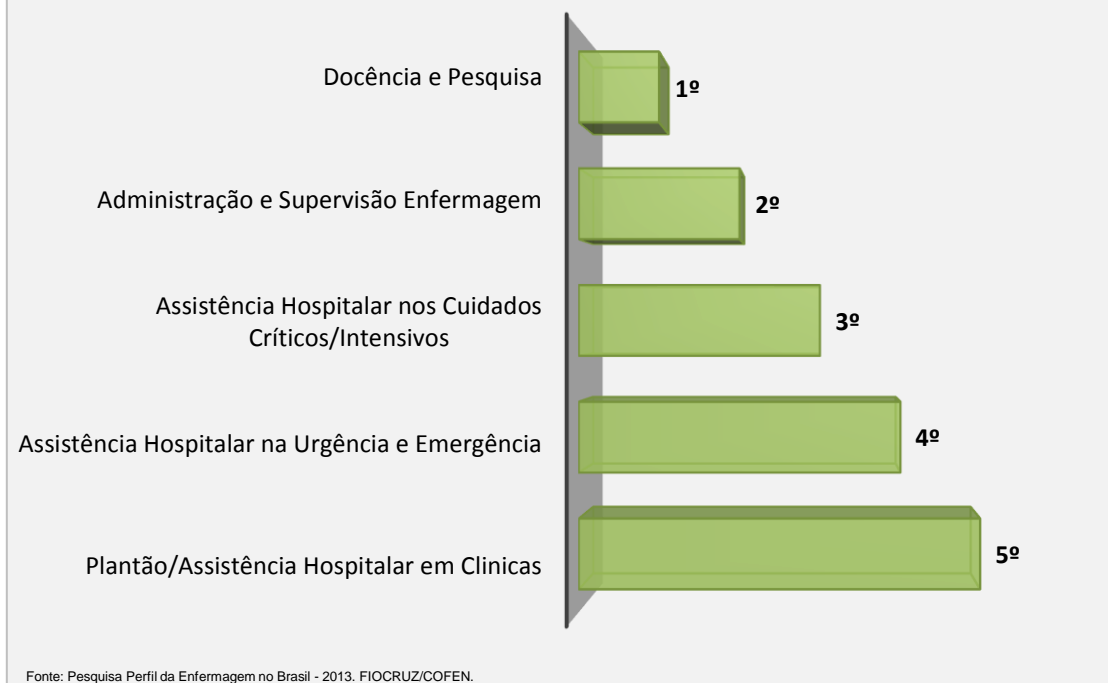
A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil captou as atividades mais frequentes entre os enfermeiros. Destacam-se as mais frequentes: Administração e Supervisão de Enfermagem (13,9%); com 10,5% têm as atividades de Assistência Hospitalar nos Cuidados críticos/intensivos; com 20% aparecem as atividades de Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência e Plantão. E em quinto lugar, com 8,3%, estão as referentes à Docência. Contudo, se somado as atividades de Docência e Pesquisa, este percentual atinge 14,3%, assumindo em primeiro lugar no *ranking* das atividades mais exercidas pelos enfermeiros. Assistência Ambulatorial representa apenas 7,7%, seguido por 6,7% as atividades de Assistência Hospitalar no Cuidado agudo. E, menos de 5% declaram que atuam na Assistência de Enfermagem na ESF/UBS. Em Casa de Parto ou Centro de Nascimento representa 0,8% (Tabela 5.18a).

Tabela 5.18a  
 Enfermeiros segundo atividades mais frequentes que exerce – Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Atividades mais frequentes</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Docência	70.549	8,3
Pesquisa	50.593	6,0
Assistência Ambulatorial	65.206	7,7
Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência/UPA/Assistência Pré-Hospitalar Móvel (SAMU)	85.773	10,1
Assistência Hospitalar no Cuidado Agudo/Maternidade de Alto Risco/Trabalho de Parto	56.656	6,7
Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/Intensivos/CTI/Centro Cirúrgico	88.552	10,5
Assistência Hospitalar Cuidados Paliativos	39.785	4,7
Assistência Saúde Mental	18.186	2,2
Vigilância em Saúde/Epidemiológica/Sanitária	35.943	4,3
Plantão/Assistência Hospitalar e em Clínicas (Geral)	83.816	9,9
Administração e Supervisão de Enfermagem/Coordenação/RT	117.317	13,9
Trabalho na Comunidade/Palestras na Sociedade em Geral	30.757	3,6
Trabalho em Serviços de Apoio a Diagnose e Terapia - SADT/Serviços Especializados/Saúde do Trabalho e Ocupacional/Laboratórios	8.804	1,0
Trabalho em Casa de Parto/Centro de Nascimento	6.720	0,8
Assistência de Enfermagem no Domicílio - <i>Homecare</i>	7.653	0,9
Assistência de Enfermagem na ESF/UBS/PSF/Assistência Indígena/Posto ou Centro de Saúde/Imunizações	41.592	4,9
Atendimento Particular	7.445	0,9
Gestão no Nível Central/Auditoria/Administração em Geral/Gestor e/ou Diretor de Unidade	18.602	2,2
Trabalho em Entidade de Classe/Fiscalização	3.806	0,5
Voluntário	181	0,0
Atividades fora da Enfermagem/Desemprego/Subemprego/Aposentada	2.559	0,3
Central de Material e Esterilização (CME)	1.017	0,1
Outro	3.653	0,4
<b>Total</b>	<b>845.167</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

**Figura 5.6 - Ranking das cinco atividades mais frequentes que os Enfermeiros exercem - Brasil**



No *ranking* das atividades mais exercidas pelos enfermeiros (Figura 5.6), destacam-se em primeiro e segundo lugar as atividades de docência + ensino e administração e supervisão de enfermagem, atividades estas mais distantes da assistência direta ao paciente. Essa realidade se consolida nos estados onde os enfermeiros se destacam em atividades similares. Como se verá a seguir, a situação dos auxiliares e técnicos se mostra o oposto.



## ATIVIDADE EM COOPERATIVA

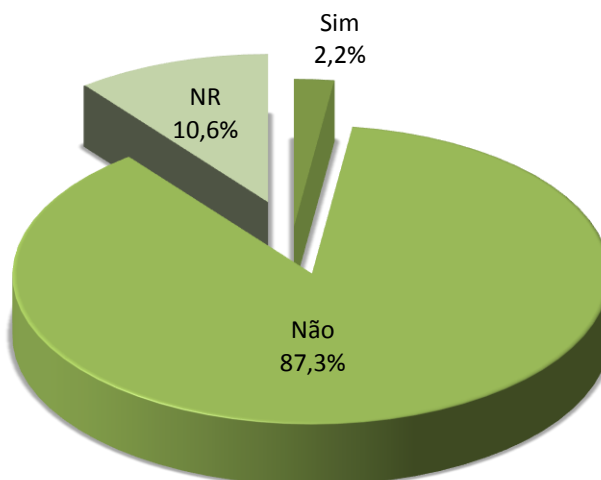
No Brasil, a atividade de enfermagem em cooperativa é exercida por apenas 2,2% que prestam assistência de enfermagem por meio delas (Tabela 5.19a e Gráfico 5.91).

Tabela 5.19a  
Enfermeiros segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa  
Brasil

<b>Trabalho em cooperativa</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	9.026	2,2
Não	361.889	87,3
NR	43.797	10,6
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.91 - Enfermeiros segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TRABALHO NO EXTERIOR

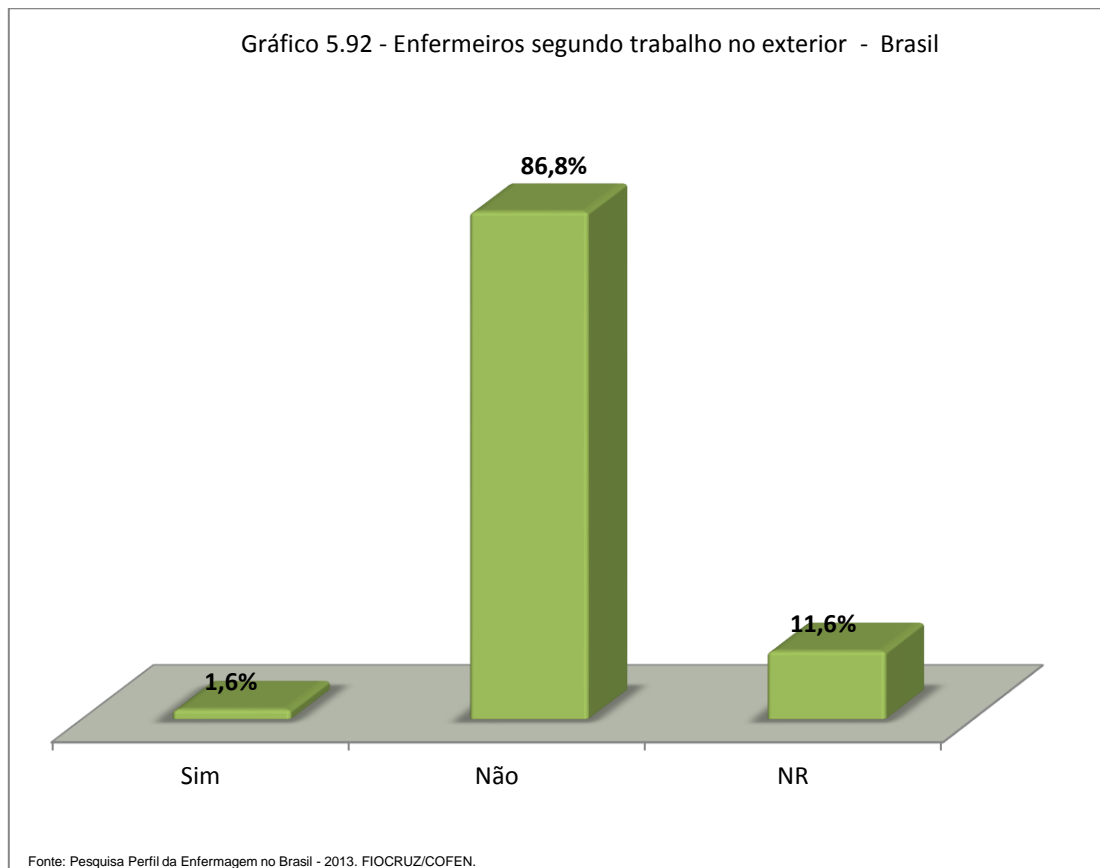
Pouco são os enfermeiros (1,6%) que declaram ter trabalhado no exterior (Tabela 5.20a e Gráfico 5.92).

Tabela 5.20a  
Enfermeiros segundo trabalho no exterior - Brasil

<b>Trabalho no exterior</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	6.792	1,6
Não	359.910	86,8
NR	48.010	11,6
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.92 - Enfermeiros segundo trabalho no exterior - Brasil



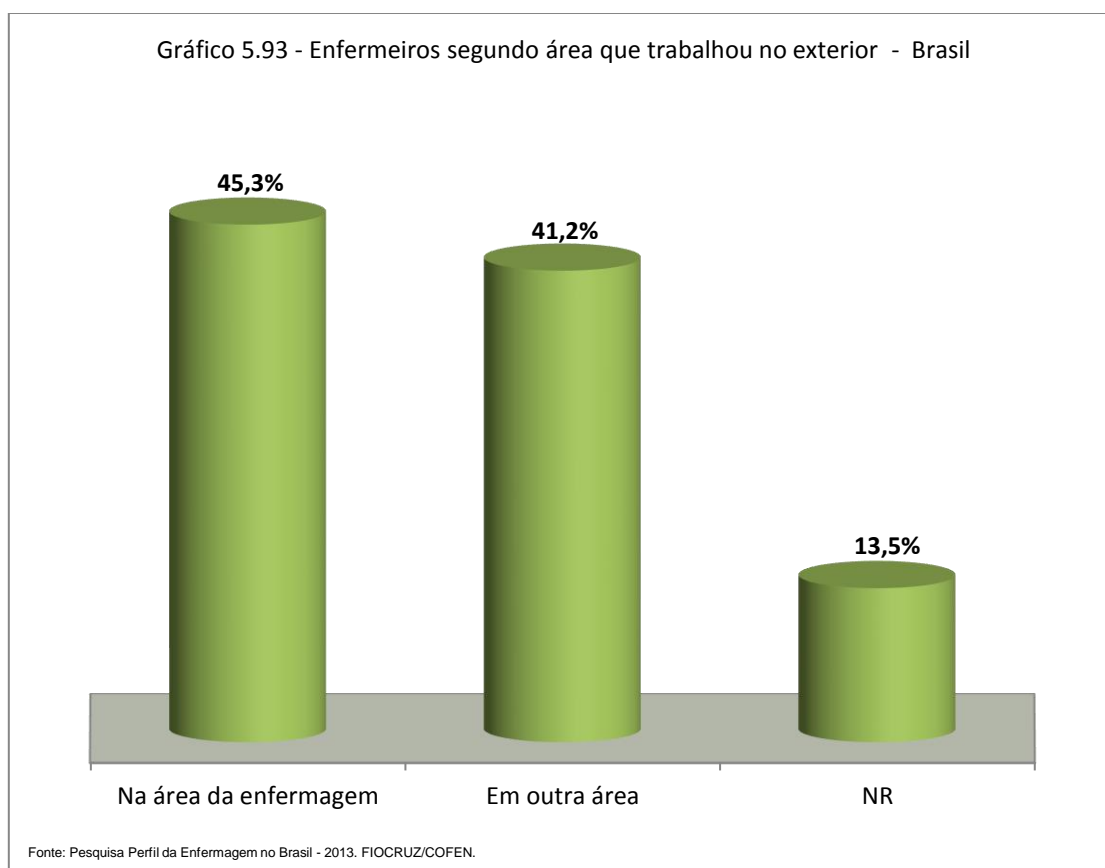
## ÁREA DE TRABALHO

Aqueles que experimentaram sair do país para trabalhar, 45,3% atuaram na área de enfermagem; contudo, 41,2% saíram do país e atuaram fora da área (Tabela 5.20.1a e Gráfico 5.93).

Tabela 5.20.1a  
Enfermeiros segundo área que trabalhou no exterior - Brasil

Área	V.Abs.	%
Na área da enfermagem	3.075	45,3
Em outra área	2.802	41,2
NR	915	13,5
<b>Total</b>	<b>6.792</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## DESEJO DE TRABALHAR NO EXTERIOR

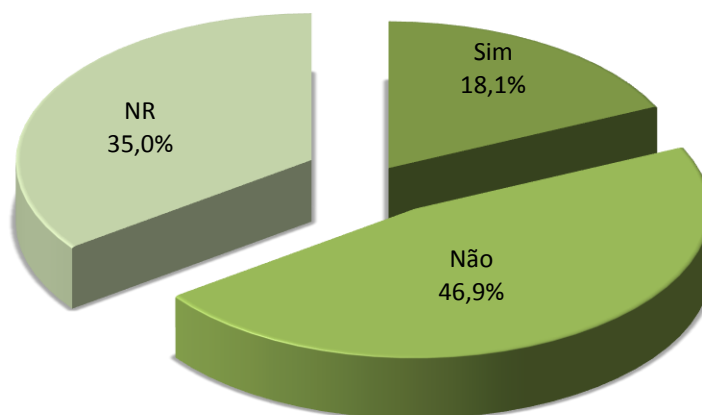
Não são poucos aqueles que desejam sair do país para trabalhar na área da enfermagem. Estes somam 18,1%, o que equivale a mais de 75 mil enfermeiros que desejam trabalhar no exterior (Tabela 5.20.2a e Gráfico 5.94).

Tabela 5.20.2a  
Enfermeiros segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil

<b>Desejo</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	75.188	18,1
Não	194.340	46,9
NR	145.184	35,0
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.94 - Enfermeiros segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



# AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM



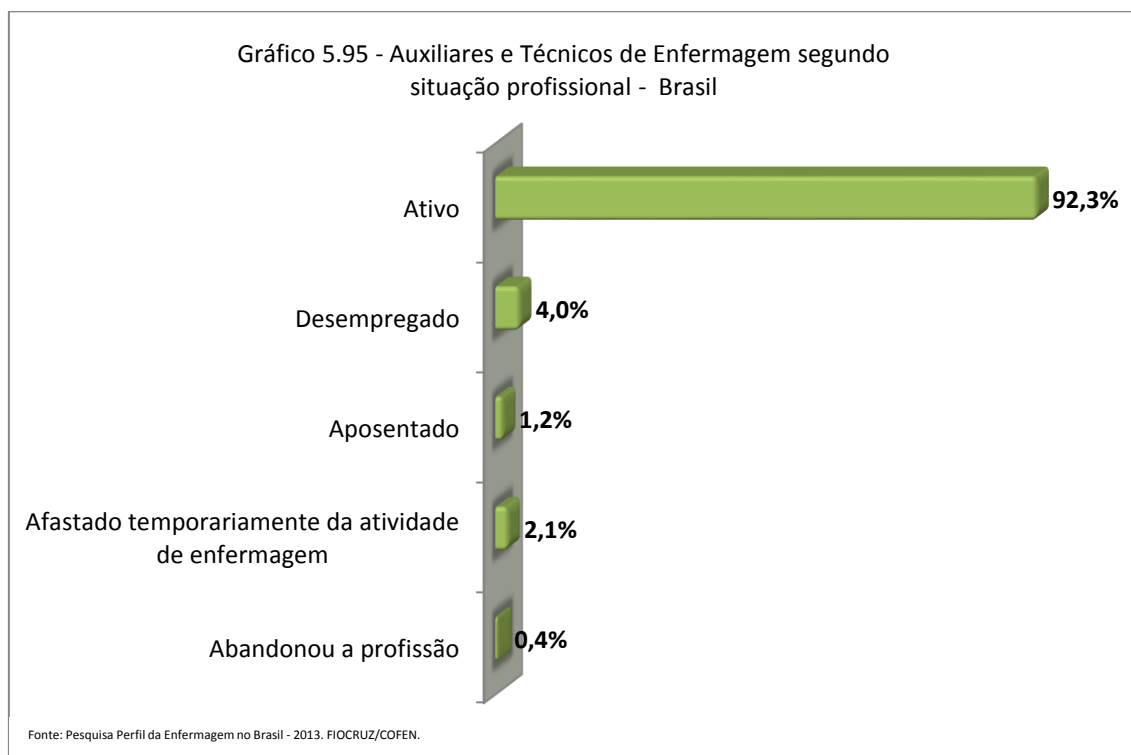
## SITUAÇÃO PROFISSIONAL

Analisando a condição dos auxiliares e técnicos de enfermagem do Brasil, é possível afirmar que se trata de categoria profissional ativa economicamente falando, o que representa 92,3% do seu contingente. No entanto, há indícios de problema de empregabilidade quando registra 4% de desemprego aberto, 2,1% se afastaram temporariamente da atividade de profissional, o que corresponde mais de 28 mil trabalhadores nessas condições. Registra também 0,4% que abandonaram a profissão (Tabela 5.1b e Gráfico 5.95).

Tabela 5.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo situação profissional – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Situação profissional	V.Abs.	%
Ativo	1.270.183	92,3
Desempregado	55.640	4,0
Aposentado	16.798	1,2
Afastado temporariamente da atividade de enfermagem	28.304	2,1
Abandonou a profissão	5.553	0,4
<b>Total</b>	<b>1.376.478</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## TEMPO DE TRABALHO

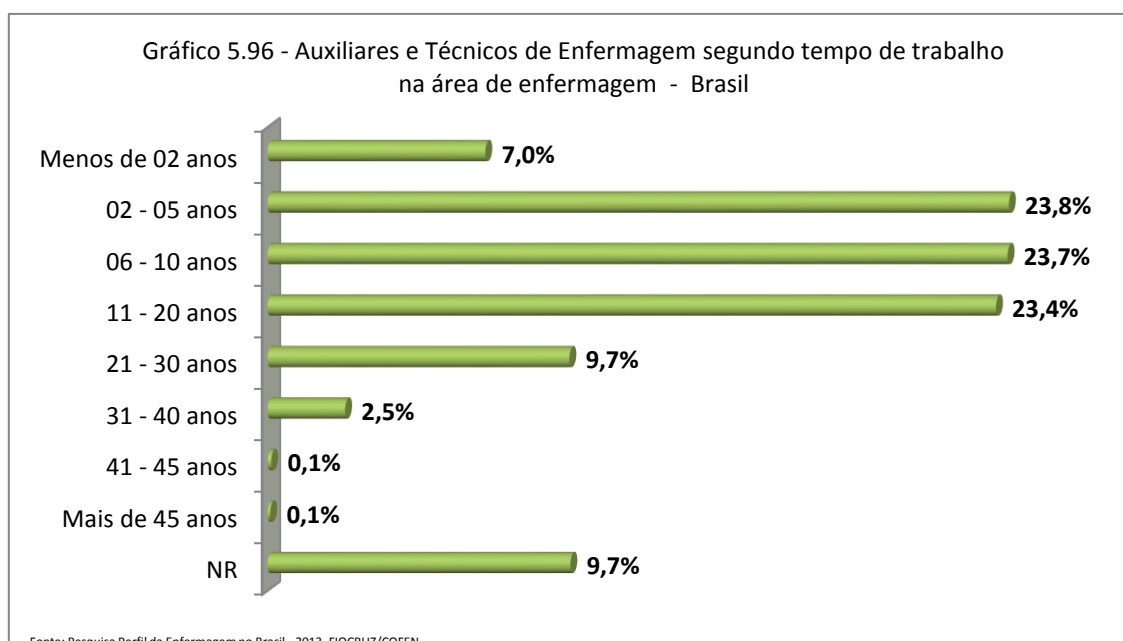
Considerando o tempo de trabalho dos auxiliares e técnicos de enfermagem, tem-se uma conformação bastante demarcada. Somando 80,6% estão os que atuam entre 2-10 anos (47,5%) e entre 11-30 anos (33,1%). Nos polos extremos estão aqueles com menos de 2 anos no mercado de trabalho, com 7%. Da mesma forma, poucos são os que se encontram na faixa extrema, ou seja, com mais de 31 anos de trabalho, o que representa um total de 2,7% (Tabela 5.2b e Gráfico 5.96).

Tabela 5.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tempo de trabalho na área de enfermagem Brasil

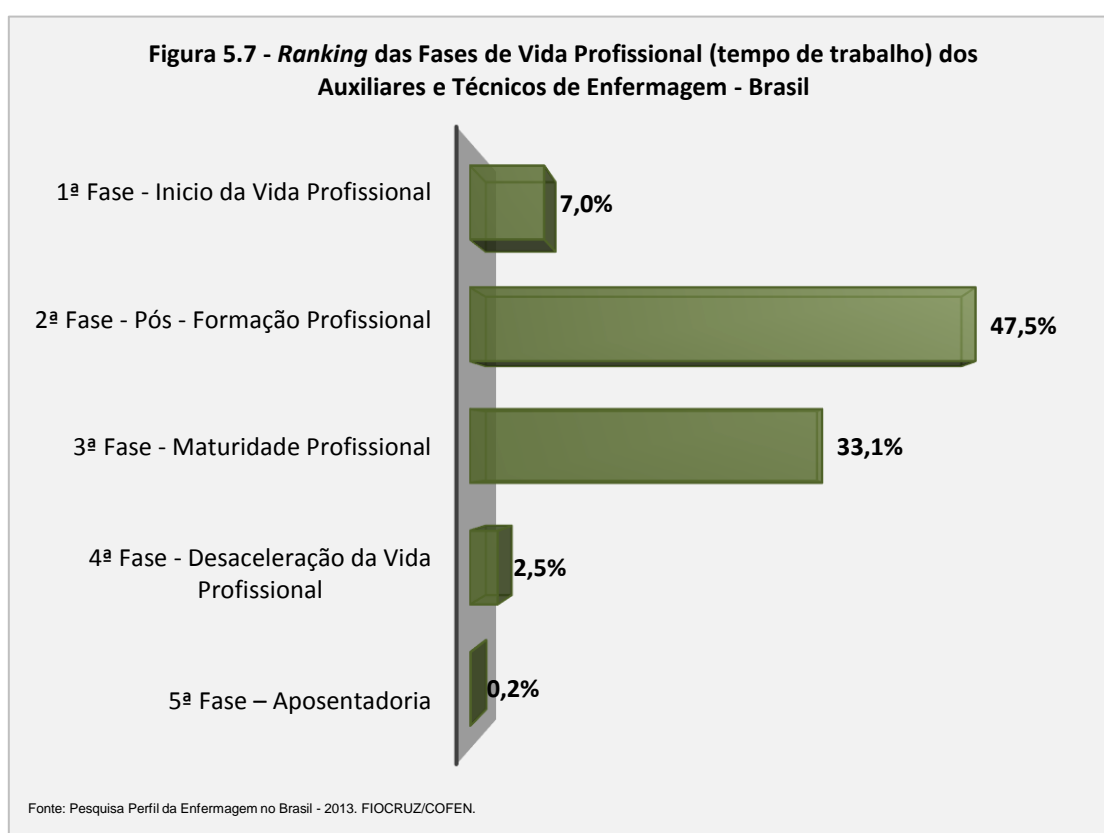
Tempo de trabalho	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	97.130	7,0
02 - 05 anos	330.611	23,8
06 - 10 anos	330.035	23,7
11 - 20 anos	324.870	23,4
21 - 30 anos	134.614	9,7
31 - 40 anos	34.618	2,5
41 - 45 anos	1.675	0,1
Mais de 45 anos	1.213	0,1
NR	135.057	9,7
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Utilizando da mesma classificação de “Fases da vida profissional”, construída e analisada no primeiro bloco, “Perfil sócio econômico” (Figura 5.7), a conformação do mercado de trabalho se estrutura a partir destas fases, uma vez que a vida profissional é de fato definida e constituída a partir de sua inserção na estrutura produtiva dos serviços de saúde, seja como assalariado ou como autônomo prestando serviços de enfermagem, tão logo esteja concluída sua formação.<sup>20</sup>

A análise que se segue levará em consideração esta classificação e obedecerá, aproximadamente, as mesmas faixas etárias.



Tomando os dados da Tabela 5.2b e Gráfico 5.96 e utilizando a Figura 5.7, permite ver que na 1ª Fase - denominada de **“Início da vida profissional”** estão 7% dos auxiliares e técnicos de enfermagem, constituindo aquela fase de início da vida profissional, ou seja, são aqueles com menos de 2 anos de formado, somando mais de 97 mil trabalhadores.

<sup>20</sup> Para mais críticas, ver a Figura das “Fases da vida profissional” no bloco 1, contido neste Relatório Final da Pesquisa: Perfil da Enfermagem no Brasil.

Já na 2ª Fase - “**Pós-Formação profissional**”, concentram-se 47,5%, ou seja, o maior contingente. Como dito anteriormente, no bloco 1 – Perfil sócio econômico, nesta fase encontram-se os que estão buscando se qualificar, se preparar tecnicamente para enfrentar a competição inerente do mercado de trabalho. São os profissionais entre 2 - 10 anos inseridos no trabalho, representando um expressivo contingente de auxiliares e técnicos, ou seja, mais de 660 mil.

Na 3ª Fase - denominada de “**Maturidade Profissional**” encontram-se aqueles que já adquiriram capacitação e/ou formação capaz de permitir realizar as escolhas profissionais no âmbito do mercado de trabalho. Estão contidos na fase, aproximadamente, 460 mil, o que representa 33,1% de todo o contingente.

Na 4ª Fase - “**Desaceleração da vida profissional**”, é possível perceber o claro movimento de redução das atividades profissionais e até mesmo, precocemente, a aposentadoria. Ainda mais fortemente sentido pela equipe de pesquisa, não foram poucos os casos relatados na pesquisa nos quais ele se recusava a participar da mesma alegando estar em processo de aposentadoria não se sentindo motivado e interessado em participar da pesquisa. Encontram-se nesta fase 2,5% dos auxiliares e técnicos de enfermagem representando em torno de 34 mil.

E na 5ª Fase - “**Aposentadoria**”, está, naturalmente, o menor contingente, representando apenas 0,2%, ou seja, 2.888 profissionais. Vale, novamente, uma explicação metodológica. O fato de ser uma pesquisa que abrange não só os que estão na vida produtiva, como também os que se encontram, desempregados ou mesmo aposentados, ou no caso dos auxiliares e técnicos de enfermagem muitos que abandonaram a atividade ou mesmo trocaram de profissão no percurso da vida profissional ocorreu, de fato, uma perda substantiva de profissionais que se recusaram a participar da pesquisa, prejudicando um pouco a análise nestas duas últimas fases. Aqui está se falando de mais de 130 mil profissionais que se recusaram a responder este quesito - tempo de trabalho, ou seja, 9,7% do total. Pelos relatos da pesquisa de campo é possível detectar que boa parte destas recusas (NR) se referem os que estão nas fases 4 e 5 e os que estão desempregados.

## DESEMPREGO

A pesquisa nacional mostra que há problema quanto a empregabilidade dos auxiliares e técnicos, considerando que quase 9,5%, ou seja, 131 mil profissionais, experimentaram desemprego nestes últimos 12 meses (Tabela 5.3b e Gráfico 5.97). Vale ressaltar que o índice de desemprego entre os auxiliares e técnicos é bem menor que o encontrado entre os enfermeiros.

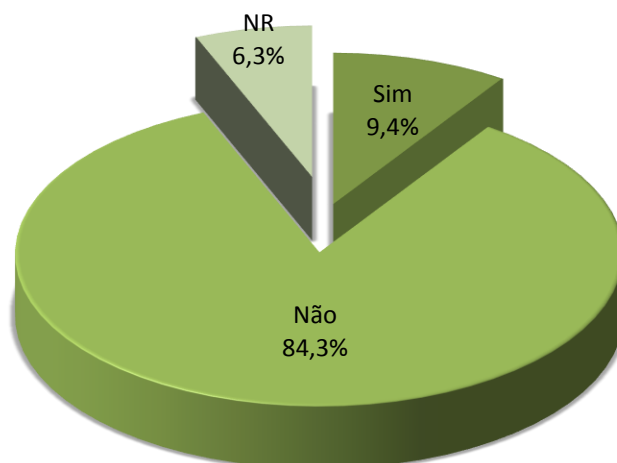
Tabela 5.3b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Desemprego</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	131.114	9,4
Não	1.171.548	84,3
NR	87.161	6,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.97 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desemprego nos últimos 12 meses - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

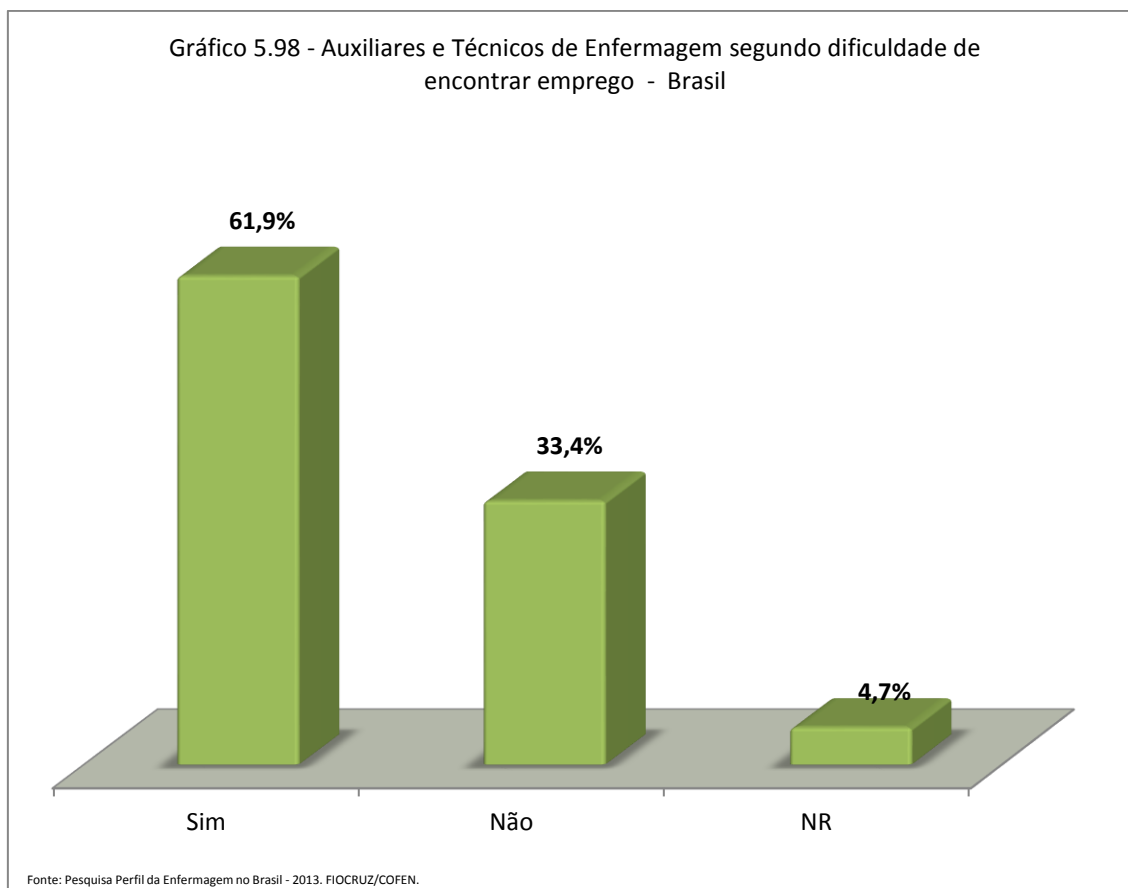
## DIFICULDADE DE ARRUMAR EMPREGO

Dos mais de 131 mil auxiliares e técnicos de enfermagem que declararam ter ficado desempregado nos últimos 12 meses, 61,9% apontaram dificuldades em encontrar emprego (Tabela 5.3.1b e Gráfico 5.98). Da mesma forma, os índices de dificuldades de arrumar novo emprego são bem menores que dos encontrados entre os enfermeiros.

Tabela 5.3.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo dificuldade de encontrar emprego - Brasil

Dificuldade	V.Abs.	%
Sim	81.113	61,9
Não	43.828	33,4
NR	6.172	4,7
<b>Total</b>	<b>131.114</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MOTIVOS DA DIFICULDADE

Dos motivos alegados por eles para conseguirem emprego, destacam-se: a) com 18,1% à falta de concursos públicos; b) com 17,6% a falta de experiência profissional; c) 16% à pouca informação sobre vaga de emprego; d) 15,5% à pouca oferta de empregos em tempo parcial; e) 12,5% às poucas oportunidades na área que se especializou. Quanto a idade soma 6,6%; os motivos de discriminação racial e discriminação por opção sexual somam apenas 1,2%. No que tange as dificuldades referentes à formação chama atenção que 12,5% indicam as poucas oportunidades na área que se especializou e 10,7%, ao contrário, a falta de requisitos profissionais de formação para área do emprego, ou seja, ausência de especialização. A pouca informação sobre vagas de empregos, ou em outras palavras, falta de acesso à informação representa 16% (Tabela 5.3.2b e Gráfico 5.99).

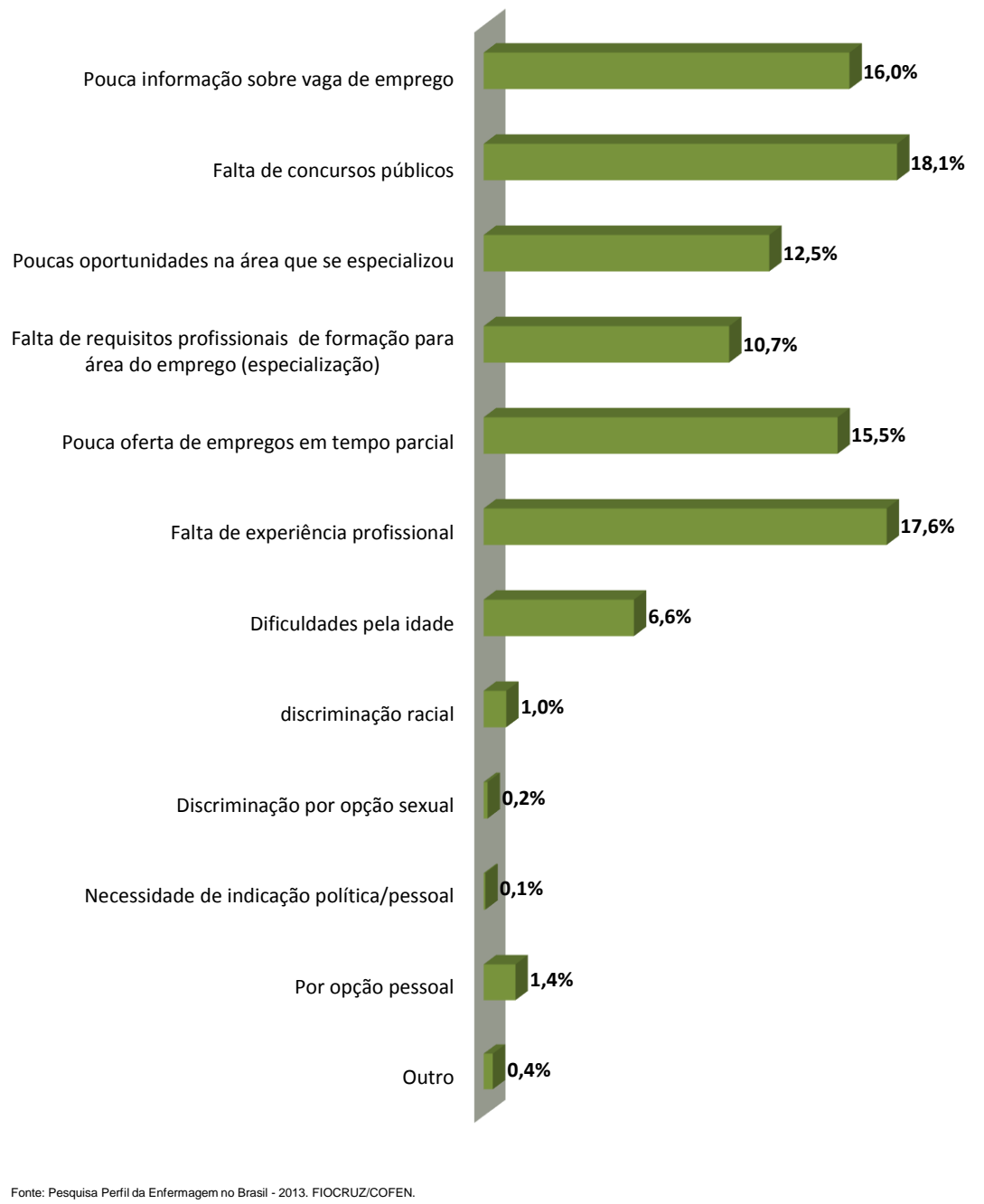
Tabela 5.3.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego  
 Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

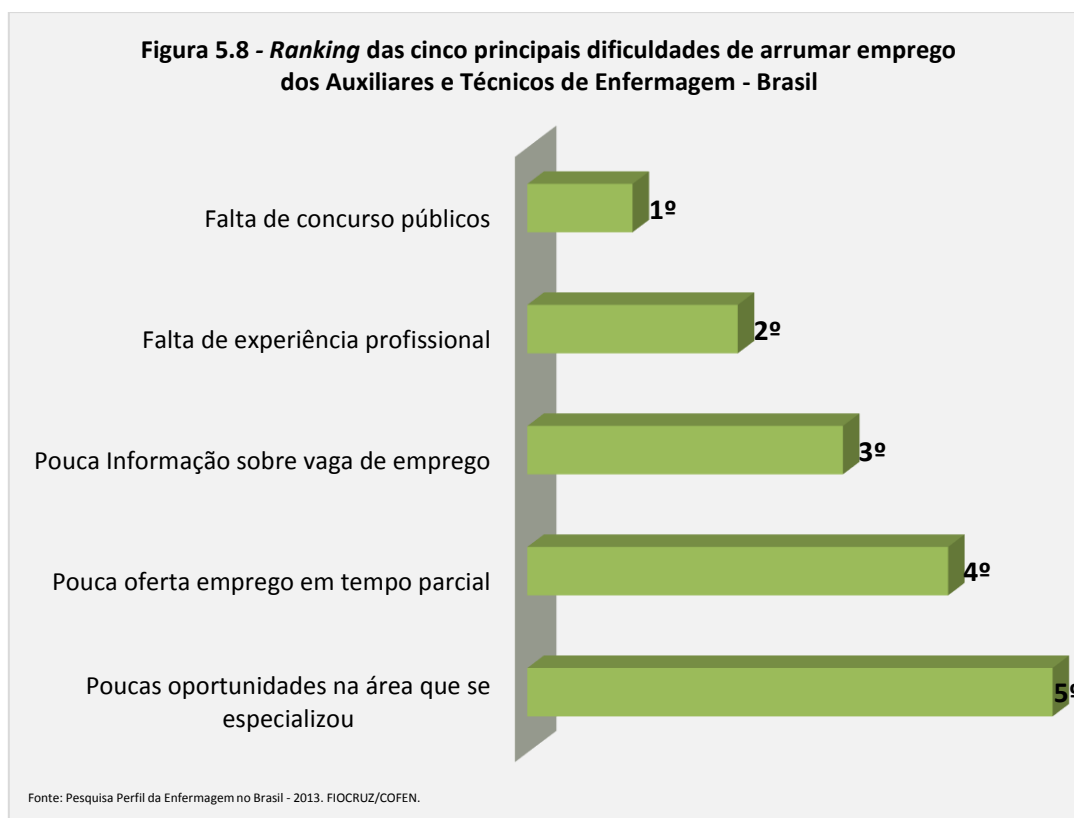
<b>Motivos</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Pouca informação sobre vaga de emprego	31.350	16,0
Falta de concursos públicos	35.429	18,1
Poucas oportunidades na área que se especializou	24.474	12,5
Falta de requisitos profissionais de formação para área do emprego (especialização)	21.037	10,7
Pouca oferta de empregos em tempo parcial	30.330	15,5
Falta de experiência profissional	34.538	17,6
Dificuldades pela idade	12.873	6,6
Discriminação racial	1.932	1,0
Discriminação por opção sexual	333	0,2
Necessidade de indicação política/pessoal	139	0,1
Por opção pessoal	2.724	1,4
Outro	781	0,4
<b>Total</b>	<b>195.941</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.99 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da dificuldade de encontrar emprego - Brasil



No *ranking* das dificuldades alegadas para arrumar emprego (Figura 5.8), destacam-se cinco: a) falta de concurso público; b) Falta de experiência profissional; c) pouca informação sobre vaga de emprego; d) pouca oferta de emprego em tempo parcial; e) pouca oportunidade na área que se especializou. Estes motivos remetem a duas questões: a primeira refere-se a falta de acesso da informação sobre emprego, seja anúncios e/ou editais de concursos. A segunda questão refere-se a empregabilidade, seja por escassez de empregos para a enfermagem, gerando, muitas vezes maior procura do que oferta; como pela desconexão entre a demanda do mercado de trabalho, a real necessidade dos serviços e a qualificação e/ou formação do profissional.





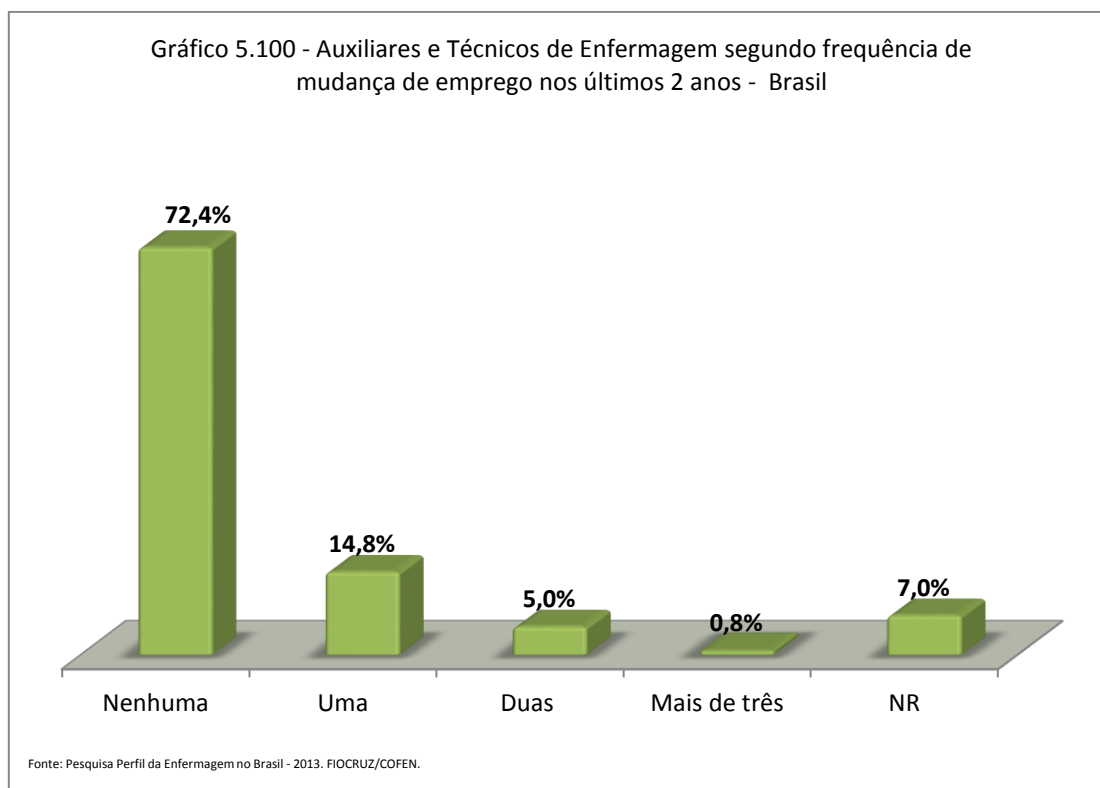
## FREQUÊNCIA DE MUDANÇA DE EMPREGO

O contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem, em sua maioria (72,4%), não experimentou mudanças de emprego nos últimos dois anos. Registra-se, no entanto, 19,8% que tiveram uma ou duas vezes mudanças de empregos nos últimos dois anos. Menos de 1%, ou seja, pouco mais de 10 mil experimentaram mudanças mais de 3 vezes de emprego (Tabela 5.4b e Gráfico 5.100).

Tabela 5.4b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência de mudança de emprego nos últimos 2 anos - Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Nenhuma	1.006.301	72,4
Uma	206.012	14,8
Duas	69.557	5,0
Mais de três	10.471	0,8
NR	97.482	7,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MOTIVOS DA MUDANÇA DE EMPREGO

Este contingente que mudou de emprego nos últimos dois anos, declara ter motivos diversos que merecem destaque. O primeiro refere-se a insatisfação salarial com 21,3%; o segundo, com 12,5% é a insatisfação com as condições de trabalho; em terceiro lugar, destaca-se a necessidade de conciliar trabalho e estudo, com 10,9%. Provavelmente, encontram-se aqui aqueles profissionais que estão buscando nova formação, dentro da própria enfermagem ou fora dela, conforme já mencionado no bloco 1.

Já com 10,5% aparece a necessidade de conciliar dois ou mais empregos, ou seja, o multiemprego, e insatisfação com o vínculo empregatício (8,7). A demissão representa 7,2% dos motivos de mudança de emprego.

Vale destacar que se somado: insatisfação salarial + insatisfação com vínculo empregatício + insatisfação com as condições de trabalho + insatisfação com colegas de trabalho + insatisfação com a chefia, o percentual atinge 51%, o que significa dizer que a insatisfação representa a metade dos motivos de mudanças de emprego. (Tabela 5.4.1b e Gráfico 5.101).

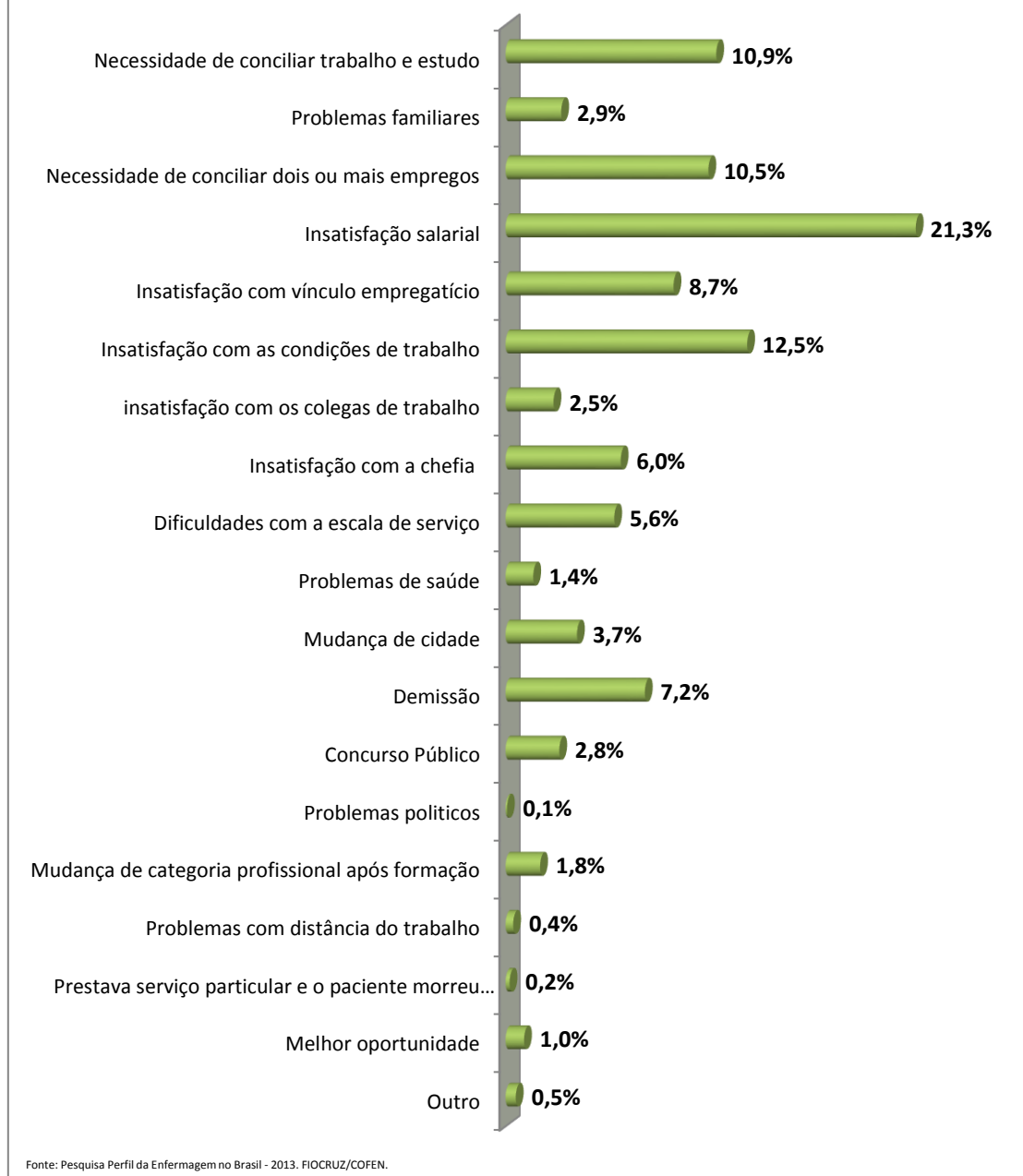
Tabela 5.4.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego – Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Motivos</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Necessidade de conciliar trabalho e estudo	54.337	10,9
Problemas familiares	14.349	2,9
Necessidade de conciliar dois ou mais empregos	52.312	10,5
Insatisfação salarial	105.778	21,3
Insatisfação com vínculo empregatício	43.321	8,7
Insatisfação com as condições de trabalho	62.317	12,5
Insatisfação com os colegas de trabalho	12.366	2,5
Insatisfação com a chefia	29.702	6,0
Dificuldades com a escala de serviço	28.029	5,6
Problemas de saúde	7.139	1,4
Mudança de cidade	18.420	3,7
Demissão	35.924	7,2
Concurso Público	13.850	2,8
Problemas políticos	360	0,1
Mudança de categoria profissional após formação	8.905	1,8
Problemas com distância do trabalho	1.961	0,4
Prestava serviço particular e o paciente morreu ou teve alta	1.037	0,2
Melhor oportunidade	4.765	1,0
Outro	2.632	0,5
<b>Total</b>	<b>497.504</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.101 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo motivos da mudança de emprego - Brasil



## NÚMERO DE ATIVIDADES

No cenário nacional, em sua maioria está auxiliares e técnicos de enfermagem que declaram ter apenas uma atividade (65,4%); e quase 1/4 (24%) declara ter 2 vínculos de trabalho. Esse dado alerta para uma problemática nacional, apontada por eles ao longo da pesquisa, ou seja, da concentração das oportunidades de emprego nas mãos de poucos. Por outro lado, é possível que essa informação não esteja retratando fidedignamente a realidade, uma vez que não declaram de fato quantos empregos/trabalhos tem, uma vez que os “bicos” não são considerados por eles como “empregos”. Tal fato precisa ser melhor analisado, para investigar a possível sobrecarga de trabalho “silencioso” desta categoria profissional da saúde (Tabela 5.5b).

Tabela 5.5b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo número de atividades  
na enfermagem - Brasil

<b>Número de atividades</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
1 atividade	909.017	65,4
2 atividades	333.331	24,0
3 atividades	16.457	1,2
4 atividades	3.665	0,3
5 atividades	2.026	0,1
Mais de 5 atividades	5.628	0,4
NR	119.699	8,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TRABALHO EM OUTRO MUNICÍPIO

Representando 9,5% do contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem, estão mais de 131 mil que atuam em outro município além do que reside. (Tabela 5.6b e Gráfico 5. 102).

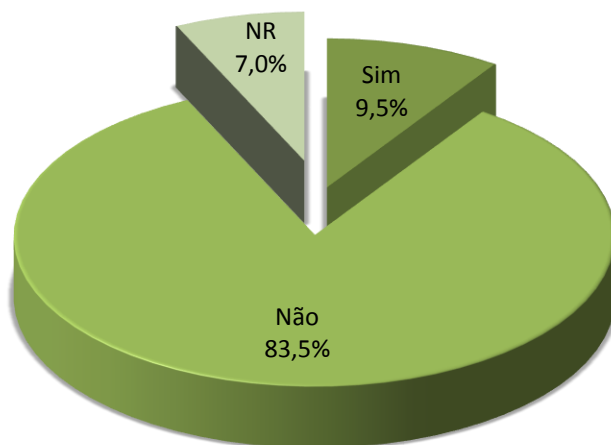
Tabela 5.6b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outro município - Brasil

<b>Outro município</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	131.834	9,5
Não	1.160.442	83,5
NR	97.547	7,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.102 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outro município - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

Boa parte dos auxiliares e técnicos (34,5%) tem jornadas de 31 – 40 horas semanais; seguido de quase 1/4, 23,6% que trabalham entre 41 - 60 horas. Se somado aqueles com jornadas de trabalho acima de 61 horas, eles representam 14,3%. Por outro lado, os com jornadas de até 20 horas somam apenas 3%. Enfim, observa-se que 70,5% desse contingente têm jornada de trabalho de até 60 horas semanais. E os com mais de 41 horas semanais somam 37,9% (Tabela 5.7b e Gráfico 5.103).

Consequência dos conceitos de **subjornada** e **subsálario**, é possível propor a noção de **subemprego**, entendendo que seja aquela situação em que o profissional, seja ele enfermeiro, técnico ou auxiliar de enfermagem, trabalha sem regularidade ou trabalha umas poucas horas por semana (subjornadas), ou ainda aquele que trabalha e recebe valores salariais muito aquém (subsálario) do que é devido pelas suas funções estabelecidas pelo mercado de trabalho. Desta forma, motivo de alerta é o fato de ter sido detectado em torno de 40 mil profissionais (3%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, trabalhando igual ou menos de 20 horas semanais, considerando, como dito acima, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem, sendo mais de 23 mil com jornadas semanais que somam menos de 10 horas, ou seja, 1,7% do total, o que reforça ainda mais a questão da subjornada, dos “bicos” comuns à essa categoria profissional.

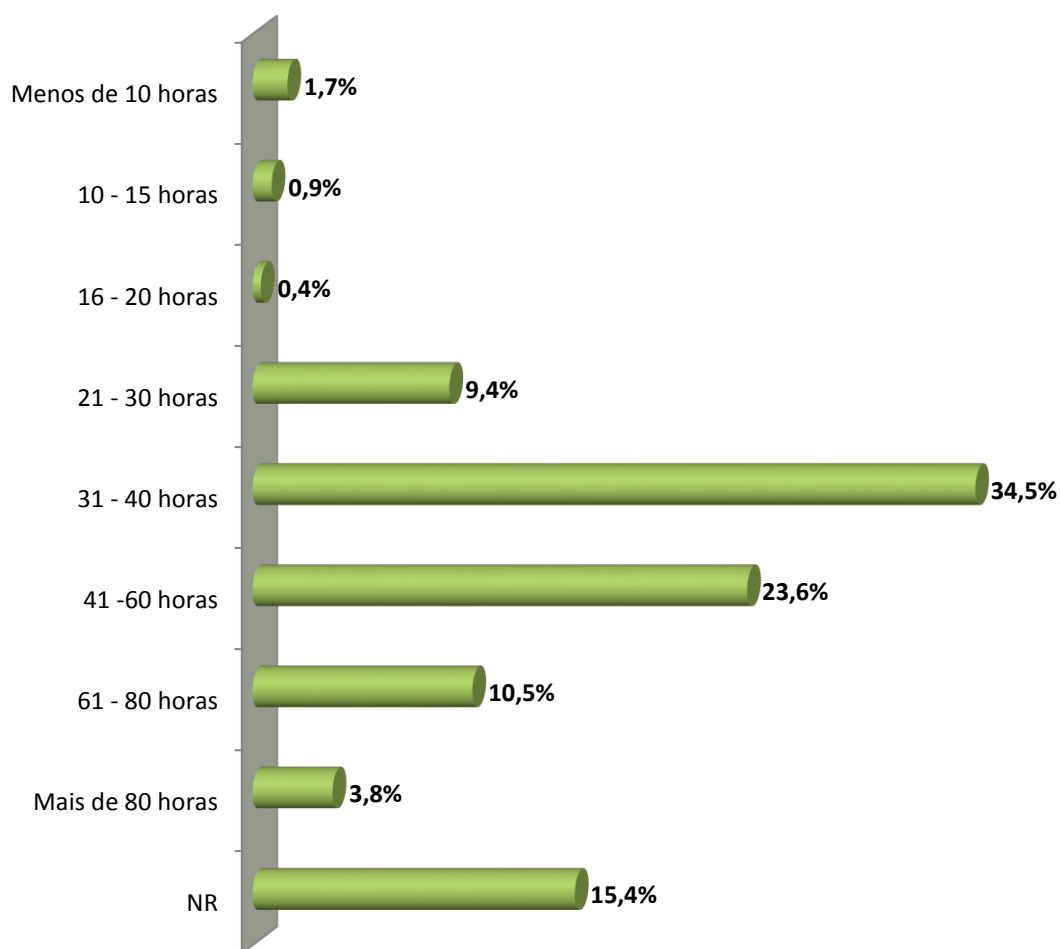
Tabela 5.7b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas - Brasil

Horas semanais	V.Abs.	%
Menos de 10 horas	23.046	1,7
10 - 15 horas	12.603	0,9
16 - 20 horas	5.435	0,4
21 - 30 horas	130.277	9,4
31 - 40 horas	479.271	34,5
41 - 60 horas	327.417	23,6
61 - 80 horas	145.466	10,5
Mais de 80 horas	52.957	3,8
NR	213.352	15,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.103 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

Quando analisado a natureza da instituição onde o profissional atua, registra-se que 23,2% trabalham em instituições privadas; 20,9% em públicas estaduais; 18,1% no municipal; 12,3% no setor filantrópico e 6,4% no federal. Atuam na Estratégia Saúde da Família - ESF 2,4%, o que equivale a mais de 43 mil profissionais. As três esferas de governo (federal, estadual e municipal) somam 45,4%. Se adicionados os valores de OSCIP + OS + Fundação privada + Fundação pública de direito privado este percentual atinge 5,4%. Já as Cooperativas representam 3% e a atividade de enfermagem no domicílio, 2,3%. Diferentemente dos enfermeiros, nas instituições de Ensino e Pesquisa, auxiliares e técnicos somam 2,1%. As atividades que agregam serviços autônomos dos profissionais da enfermagem, tais como *Homecare*, consultório particular e autônomo, representam apenas 4,5%. O voluntariado soma 0,1%, quase sempre realizado nas instituições filantrópicas (Tabela 5.8b). Também, oposto dos enfermeiros, registra-se um contingente ínfimo de auxiliares e técnicos que declaram trabalhar no sistema COFEN/CORENS.

Tabela 5.8b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição- Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Natureza	V.Abs.	%
Público Federal	116.678	6,4
Público Estadual	380.471	20,9
Público Municipal	329.879	18,1
Privado	422.830	23,2
Filantropico	223.987	12,3
Fundação privada	32.413	1,8
Fundação pública de direito privado	29.699	1,6
OSCIP	643	0,04
OS	37.042	2,0
Instituição de ensino/Pesquisa	38.863	2,1
Empresa de Assistência de Enfermagem	7.856	0,4
Cooperativa	55.106	3,0
Estratégia de Saúde da Família - ESF	43.116	2,4
Autônomo (conta própria)	30.823	1,7
Empresa de Medicina de Grupo	1.360	0,1
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	8.768	0,5
Enfermagem no domicílio - <i>Homecare</i>	42.747	2,3
Consultório Particular	8.387	0,5
Voluntário	1.000	0,1
Autarquia Federal (Sistema Cofen/Corens)	173	0,01
Pós-Graduandos e bolsistas diversos	570	0,03
Outro	6.959	0,4
<b>Total</b>	<b>1.819.370</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## SETOR PÚBLICO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR PÚBLICO

Dadas às características do processo de trabalho, o setor público tomou um significado particular e diferenciado dos demais setores, que envolvem a produção de bens e serviços. Mesmo sendo o trabalho de enfermagem, principalmente, dentro do hospital, desgastante e exaustivo, é no setor público que os auxiliares e técnicos de enfermagem concentram as suas atividades, como será discutido mais adiante na análise que se segue.

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil apresenta um retrato da realidade deste setor. Entre os auxiliares e técnicos, isso significa mais de 790 mil atuando, ou seja, 57% do total (Tabela 5.9b e Gráfico 5.104).

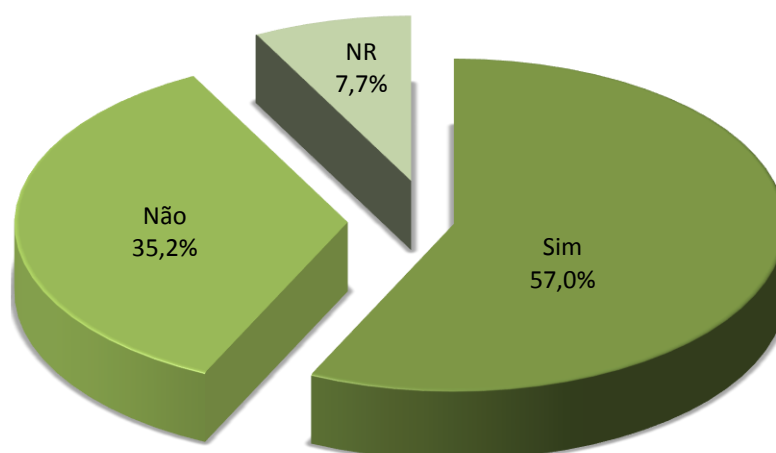
Tabela 5.9b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor público - Brasil

<b>Setor público</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	792.703	57,0
Não	489.792	35,2
NR	107.328	7,7
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.104 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ESFERA ADMINISTRATIVA

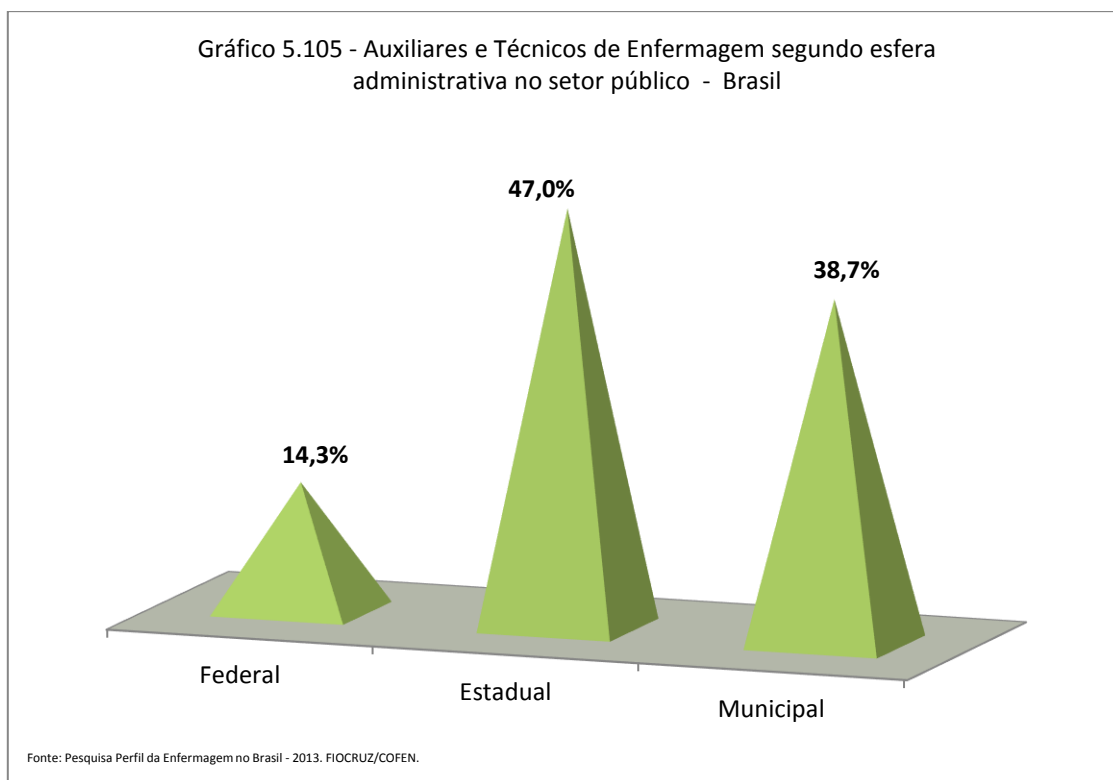
A pesquisa aponta que mais de 877 mil desses trabalhadores atuam nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal). A esfera estadual se destaca como o principal empregador com 47%; a rede municipal segue bem de perto, com 38,7%, absorvendo quase 340 mil. Mesmo com a implantação do SUS que previa a transferência da capacidade instalada para outras esferas e a possível redução da rede federal, a pesquisa aponta mais de 125 mil vínculos federais de enfermagem, o que corresponde a 14,3% do total do contingente (Tabela 5.9.1b e Gráfico 5.105).

Tabela 5.9.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo esfera administrativa no setor público – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Esfera</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Federal	125.652	14,3
Estadual	412.282	47,0
Municipal	339.461	38,7
<b>Total</b>	<b>877.394</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE VÍNCULO

Como já foi dito, o setor público aglutina um contingente volumoso de profissionais de enfermagem. Chama atenção os diversos vínculos, aqui registrados, ao todo 9 tipos, além dos “outros” que agrega uma variedade de formas de contratação pouco recorrente. Para aqueles mais comuns é possível destacar: 1) na esfera federal, 62,2% são estatutários, 14,9% celetistas, prestadores de serviço com 5,7% e 5,2% contratados por tempo determinado (temporário); 2) na esfera estadual, o destaque é para os estatutários (51,8%), em seguida os celetistas (17,5%) e 7,2% por tempo determinado (temporários); 3) na esfera municipal, também os estatutários representam 41,3%, celetistas 16,9%, prestadores de serviços 14,3% e com 10,1%, vínculos com tempo determinado (Tabela 5.9.2b e Gráfico 5.106).

Tabela 5.9.2b

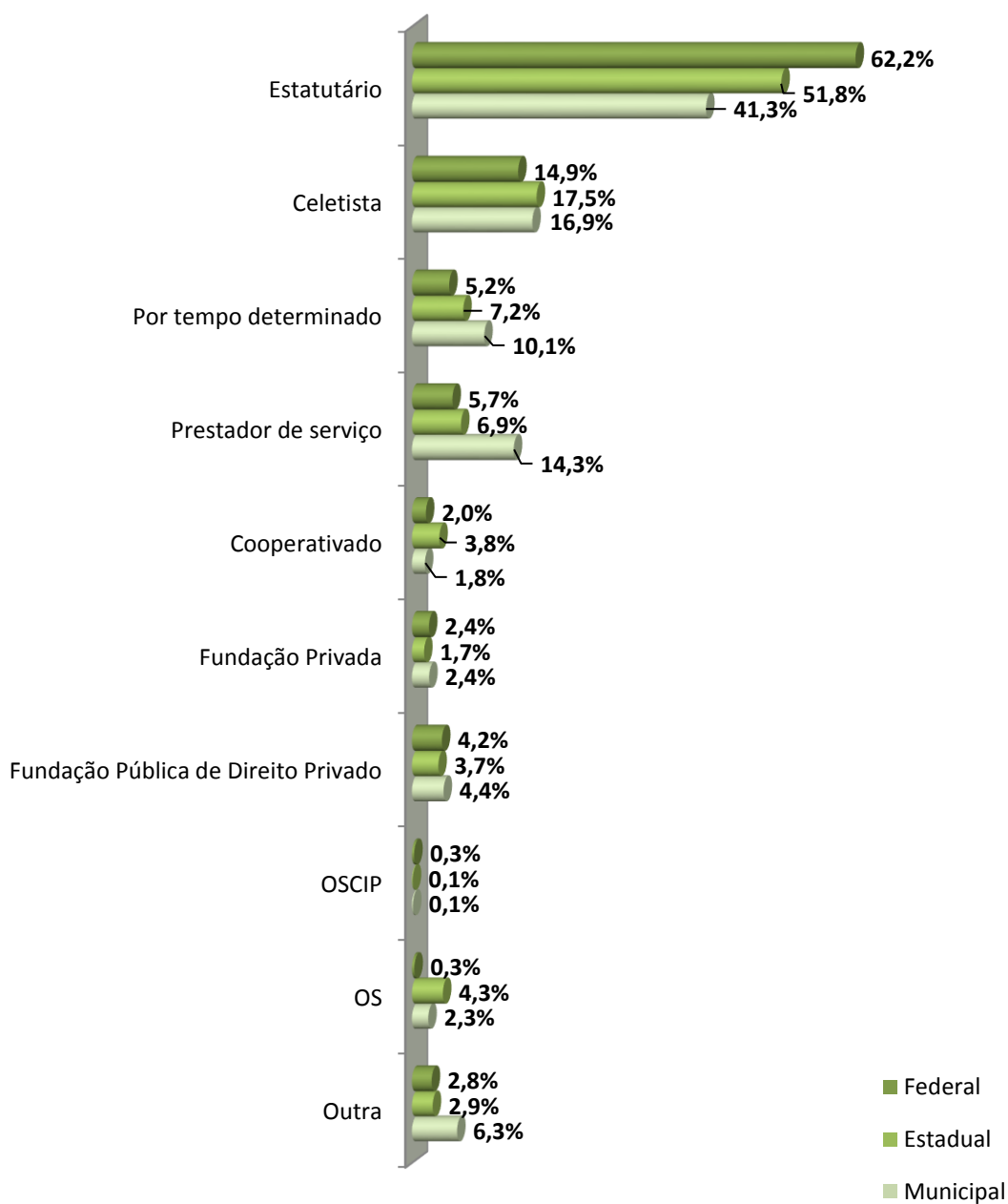
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público – Brasil  
 (Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	Federal		Estadual		Municipal	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Estatutário	92.794	62,2	200.386	51,8	118.337	41,3
Celetista	22.219	14,9	67.627	17,5	48.427	16,9
Por tempo determinado	7.786	5,2	27.822	7,2	29.090	10,1
Prestador de serviço	8.469	5,7	26.617	6,9	40.957	14,3
Cooperativado	2.916	2,0	14.836	3,8	5.203	1,8
Fundação Privada	3.556	2,4	6.583	1,7	6.920	2,4
Fundação Pública de Direito Privado	6.271	4,2	14.322	3,7	12.721	4,4
OSCIP	467	0,3	426	0,1	413	0,1
OS	512	0,3	16.799	4,3	6.562	2,3
Outra	4.124	2,8	11.255	2,9	18.155	6,3
<b>Total</b>	<b>149.115</b>	<b>100,0</b>	<b>386.672</b>	<b>100,0</b>	<b>286.785</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Gráfico 5.106 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

Ao analisar as instituições que as mantêm e onde as diversas atividades são desenvolvidas têm-se o seguinte perfil: mais da metade dos trabalhadores da enfermagem trabalha em hospitais, ou seja, 58,3%, o que equivale a 626 mil. A análise por tipologia de hospitais, percebe-se que os hospitais gerais abrangem quase 1/3 dos vínculos (30,3%), seguidos dos especializados (10,2%) e os universitários (9,6%). As Unidades de UTI e CTI agregam quase 40 mil profissionais, ou seja, 3,7%. As Unidades Básicas de Saúde e outros serviços de saúde similares concentram o segundo maior quantitativo, ou seja, 17,4%, totalizando pouco mais de 186 mil empregos. Estes se dividem em: 15,2%, em Unidades Básicas de Saúde; 0,4% em Centros de Atenção Psicossocial - CAPS e Núcleo de Apoio Psicossocial - NAPs e 1,8% na Estratégia da Saúde da Família - ESF e Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASFs.

As Unidades de Urgência e Emergência é um segmento importante de apoio e porta de entrada dos hospitais; em consequência detêm, relativamente, um elevado contingente de aproximadamente 125 mil empregos para o contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem. Nesta modalidade, destacam-se os Prontos Socorros (8,3%) e os SAMU's e as UPAS, somando 3,3%. O segmento ambulatorial, que inclui as Clínicas, Policlínicas, Unidade Mista e outros serviços sem internação, concentram 6,6% das atividades que são desenvolvidas pelos auxiliares e técnicos de enfermagem, representando em torno de 70 mil. As Unidades de Diagnóstico e Terapia que incluem a investigação diagnóstica, as SADTs e os Centros de Imagem agregam 16 mil profissionais de enfermagem, ou seja, 1,5%.

Diferentemente dos enfermeiros, na área de Gestão (Nível Central) e Central de Regulação, os auxiliares e técnicos de enfermagem são pouco atuantes, ou seja, 0,6% do total. Pode-se dizer que, normalmente, os enfermeiros, os médicos ou outros profissionais de saúde desenvolvem também essa função nos serviços de saúde públicos.

Já as atividades de Ensino e Pesquisa em Escolas, Faculdades, Institutos e Centros de Pesquisa incorporam cerca de 20 mil vínculos de trabalho, o que equivale a 1,9% do total. Além disso, é possível enumerar "outras" atividades desenvolvidas pelos auxiliares e técnicos de enfermagem nos serviços de saúde, que equivalem a 2%, como por exemplo, as cooperativas, que respondem por 1% dos vínculos de trabalho no setor público. A Assistência Domiciliar (*Homecare*) abrange 0,6%, com 6 mil

empregos declarados, um quantitativo relativamente baixo, pela importância que significa - além de ser uma modalidade continuada de prestação de serviços que traz como benefícios a diminuição dos riscos de infecção em ambientes hospitalares, proporciona a humanização do atendimento no ambiente domiciliar, redução de complicações clínicas e otimização do tempo de recuperação do paciente (Tabela 5.9.3b).

Tabela 5.9.3b  
 Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor público – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Hospitais</b>	<b>626.313</b>	<b>58,3</b>
Hospital Geral	325.197	30,3
Hospital Especializado	109.790	10,2
Hospital Universitário	103.335	9,6
Hospital Dia	8.836	0,8
Hospital Filantrópico	22.579	2,1
UTI/CTI	39.806	3,7
Casa de Parto/Centro Nascimento	16.771	1,6
<b>Unidades Básicas</b>	<b>186.592</b>	<b>17,4</b>
Unidade Básica de Saúde/Centro de Saúde/Posto de Saúde	162.971	15,2
NAPs/CAPs	4.521	0,4
ESF/NASFs	19.100	1,8
<b>Unidades de Urgência/Emergência</b>	<b>125.784</b>	<b>11,7</b>
Pronto Socorro	89.624	8,3
UPAS	14.345	1,3
SAMU	21.816	2,0
<b>Unidades Ambulatoriais/Policlínicas</b>	<b>70.601</b>	<b>6,6</b>
Ambulatório/Clinicas	47.855	4,5
Unidade Mista/Policlinica	22.747	2,1
<b>Unidades de Diagnóstico</b>	<b>16.259</b>	<b>1,5</b>
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT	4.557	0,4
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	6.534	0,6
Centro de Imagem	5.168	0,5
<b>Ensino e Pesquisa</b>	<b>20.408</b>	<b>1,9</b>
Instituto/Centro de Pesquisa	10.896	1,0
Escola/Faculdade/Curso de Enfermagem	9.512	0,9
<b>Gestão</b>	<b>6.717</b>	<b>0,6</b>
Nível Central	4.824	0,4
Central de Regulação	1.893	0,2
<b>Outras Modalidades</b>	<b>21.226</b>	<b>2,0</b>
Cooperativa	10.219	1,0
Homecare	6.038	0,6
Outras	4.969	0,5
<b>Total</b>	<b>1.073.900</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

O plantão é a forma de trabalho mais comumente utilizada nos serviços públicos pelos auxiliares e técnicos de enfermagem. Os dados nacionais da pesquisa apontam para 62,7% que fazem plantão; isto significa mais de 480 mil. Em segunda posição, estão os que trabalham diariamente, ou seja, 36,8% o que equivale a mais de 280 mil. Aqueles contratados por hora trabalhada e as outras formas de regime de trabalho não apresentam grande representatividade no mercado de trabalho, somando apenas 0,4% (Tabela 5.9.4b e Gráfico 5.107).

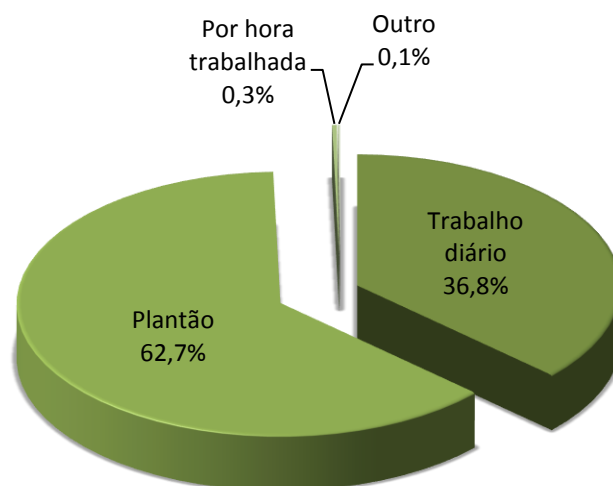
Tabela 5.9.4b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Regime</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Trabalho diário	281.817	36,8
Plantão	480.149	62,7
Por hora trabalhada	2.266	0,3
Outro	1.070	0,1
<b>Total</b>	<b>765.302</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.107 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor público - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria dos profissionais tem jornadas entre 31 - 60 horas semanais, ou seja, 60%. Um menor quantitativo de 7,7%, correspondendo a quase 61 mil dos auxiliares e técnicos de enfermagem, têm um período mais longo de trabalho, entre 61 – 80 horas semanais e, 1,8% trabalham mais de 80 horas. Aqueles que declaram ter jornada de até 30 horas somam 18,9% (Tabela 5.9.5b e Gráfico 5.108). Por outro lado, 1,7% que atuam no setor público têm carga horária menor ou igual a 20 horas, correspondendo a mais de 13 mil trabalhadores, ou seja, tem **subjornada de trabalho**, conforme definição anteriormente descrita, sendo 0,6% com jornadas semanais de menos de 10 horas, o que significa mais de 4 mil trabalhadores. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

Na prática, a jornada ideal de trabalho da enfermagem não é regulamentada em lei, valendo a livre negociação, que varia entre 30 horas semanais, geralmente adotada no serviço público, e 40-44 horas, praticada com mais frequência nas instituições hospitalares privadas. Relevante frisar que uma maior carga de trabalho, em se tratando de um contingente majoritariamente feminino, interferindo ainda mais na qualidade de vida, tais como o relacionamento com a família e ao tempo dispensado ao lazer<sup>21</sup>.

---

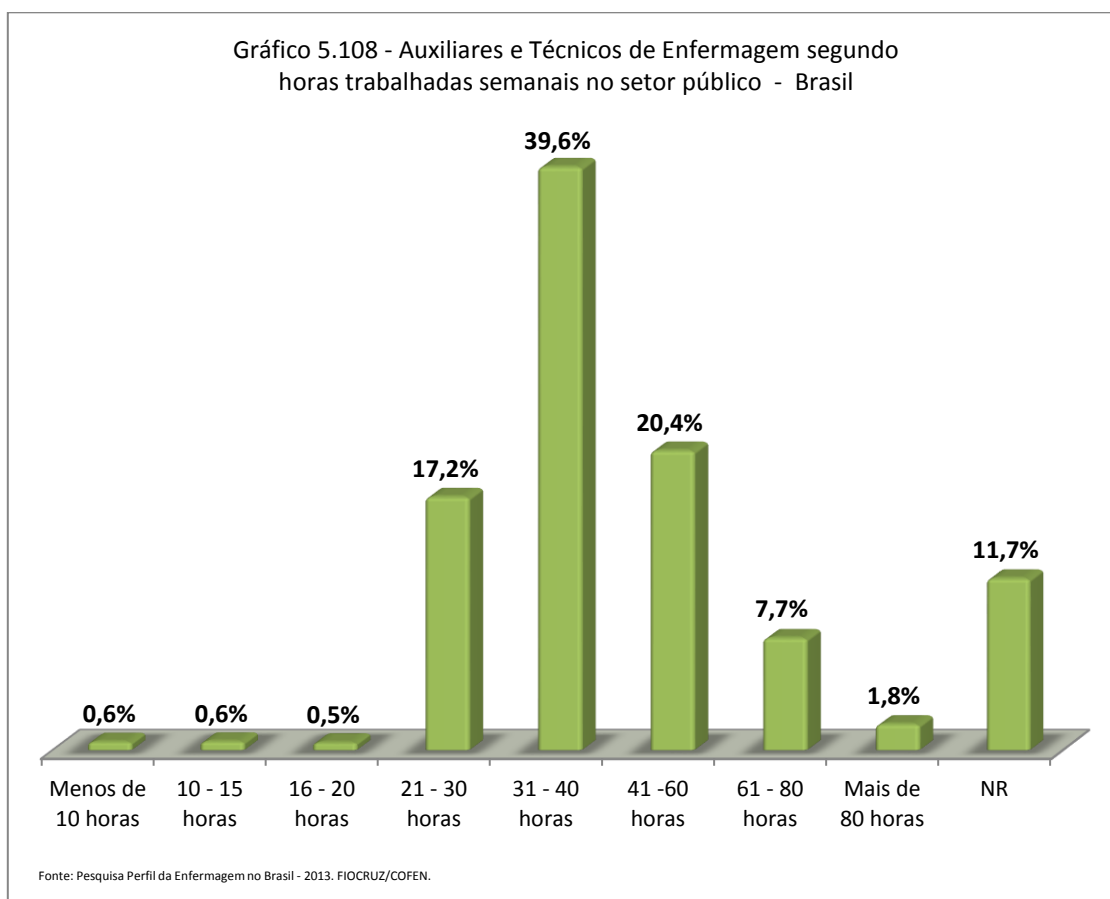
<sup>21</sup> Está em curso uma intensa mobilização na luta pela aprovação do Projeto de regulamentação das 30 horas semanais em tramitação no Congresso Nacional. Ver: Projeto de Lei nº 2295 de 2000, que "dispõe sobre a jornada de trabalho dos Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem".

Tabela 5.9.5b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor público - Brasil

<b>Horas semanais</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 10 horas	4.420	0,6
10 - 15 horas	4.659	0,6
16 - 20 horas	4.064	0,5
21 - 30 horas	136.670	17,2
31 - 40 horas	313.591	39,6
41 - 60 horas	161.475	20,4
61 - 80 horas	60.829	7,7
Mais de 80 horas	14.034	1,8
NR	92.960	11,7
<b>Total</b>	<b>792.703</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TURNO DE TRABALHO

A pesquisa aponta que o trabalho dos auxiliares e técnicos de enfermagem no setor público é realizado, mais acentuadamente, em turno diurno, representando 60,1%. Observa-se que, o trabalho noturno corresponde a 11,1% do total, o que equivale quase 88 mil profissionais (Tabela 5.9.6b). Chama atenção que 5% fazem turno de 24 horas e, 9,7% fazem 12/36 com folga e 12/36 horas sem folga com 1,6%. Os demais 5,9% são aqueles turnos de trabalho descrito na pesquisa: diurno e noturno, diurno e/ou noturno + plantão, diurno + noturno + plantão, plantão: 12/48hs, 12/60hs, 12/76hs, 12/72hs, 24/72hs, 24hs, 24/86hs; escala e outros.

Tabela 5.9.6b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor público - Brasil

<b>Turno de trabalho</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	476.565	60,1
Noturno	87.669	11,1
12/36 horas com folga	76.734	9,7
12/36 horas sem folga	12.812	1,6
24 horas	39.374	5,0
Diurno e Noturno	15.811	2,0
Diurno e/ou Noturno + Plantão	13.887	1,8
Diurno + Noturno + Plantão	4.418	0,6
Plantão: 12/48; 12/60; 12/76; 12/72; 24/72; 24 horas; 24/86 horas	10.253	1,3
Escala	643	0,1
Outro	789	0,1
NR	53.748	6,8
<b>Total</b>	<b>792.703</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## RENDIMENTO MENSAL

As faixas salariais praticadas pelo setor público para os auxiliares e técnicos de enfermagem apresentam variações preocupantes. Os dados mostram que 71,4%, ou seja, mais de 560 mil trabalhadores com rendimentos de até 3.000 reais.

A distribuição da renda setor apresenta o seguinte quadro: a) 4,4% têm renda mensal de menos de 1 salário mínimo (SM com base 2013); b) 55,2% percebem até 2.000 reais, englobando mais de 437 mil profissionais; c) 16,2% situam-se na faixa entre 2.001 - 3.000 reais; d) poucos (0,4%) são os que percebem rendimentos acima de 5.001 reais; e) os que têm renda acima de 7.001 reais representa, 0,1%; f) e somente 0,1% de todo o contingente tem rendimentos acima de 9.001 reais (Tabela 5.9.7b e Gráfico 5.109).

Da mesma forma que se conceituou a “subjornada de trabalho”, é possível também conceituar “**subsídio**”, como dito anteriormente, sendo aquele rendimento igual ou inferior a 1.000 reais. Nesta condição encontram-se mais de 148 mil trabalhadores da enfermagem atuando no setor público, o que representa 18,8% de todo o contingente<sup>22</sup>. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada as outras informações contidas na pesquisa.

---

<sup>22</sup> Em curso no Congresso Nacional Projeto de Lei que estabelece Piso Salarial para a equipe de enfermagem. Atualização monetária dos pisos da enfermagem, PL nº 4.924/2009 INPC-IBGE acumulado no período de março de 2009 a abril de 2013: 26,98. Piso Salarial em: Março/09 Maio/13. ENFERMEIRO R\$ 4.650,00 - R\$ 5.904,57. TÉCNICO DE ENFERMAGEM1 R\$ 2.325,00 -R\$ 2.952,29. AUXILIAR DE ENFERMAGEM E PARTEIRAS2 R\$ 1.860,00 - R\$ 2.361,83. 1 - Corresponde a 50% do piso do enfermeiro. 2 -Corresponde a 40% do piso do enfermeiro. Elaboração: DIEESE. Subseção Federação dos Trabalhadores da Saúde do Estado de São Paulo.



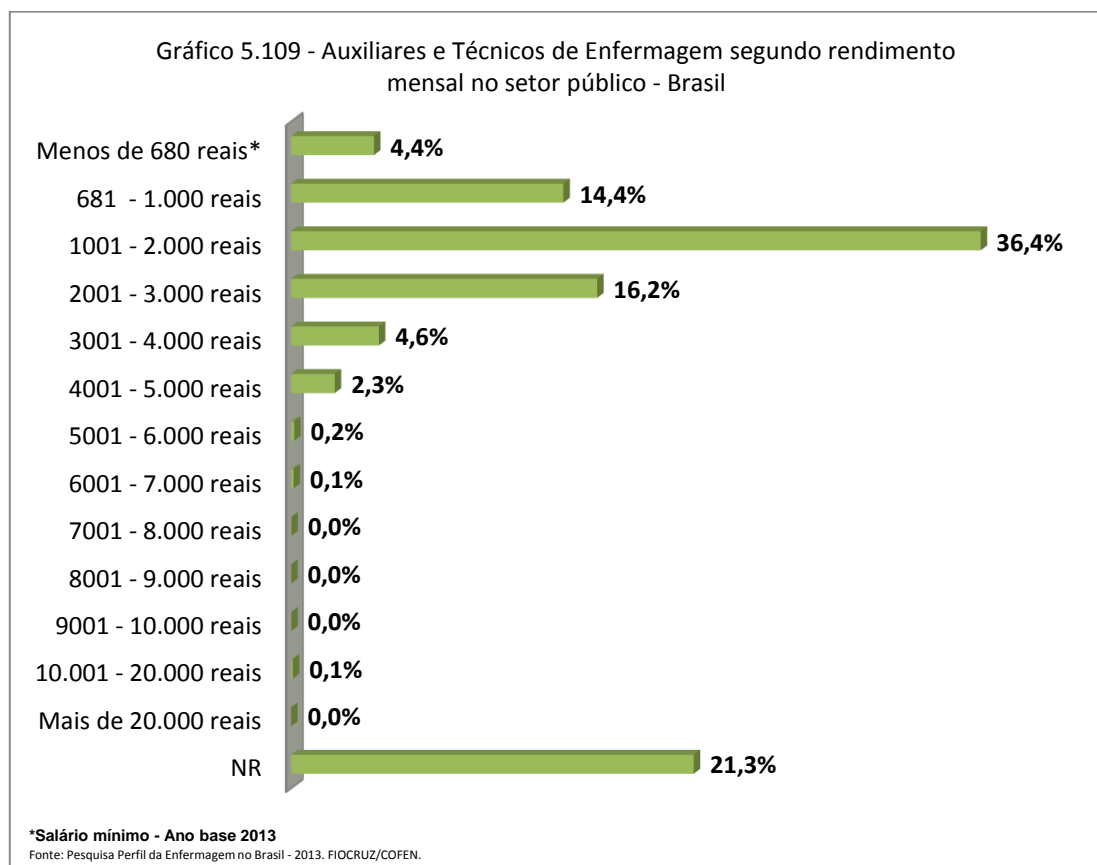
Tabela 5.9.7b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor público - Brasil

Rendimento mensal	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	34.704	4,4
681 - 1000 reais	114.029	14,4
1001 - 2000 reais	288.773	36,4
2001 - 3000 reais	128.194	16,2
3001 - 4000 reais	36.756	4,6
4001 - 5000 reais	18.261	2,3
5001 - 6000 reais	1.314	0,2
6001 - 7000 reais	1.046	0,1
7001 - 8000 reais	155	0,0
8001 - 9000 reais	31	0,0
9001 - 10000 reais	83	0,0
10.001 - 20.000 reais	720	0,1
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	168.638	21,3
<b>Total</b>	<b>792.703</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\*Salário mínimo - Ano base 2013



## SETOR PRIVADO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR PRIVADO

O setor privado agrega quase 450 mil, ou seja, 32,2% dos auxiliares e técnicos de enfermagem (Tabela 5.10b e Gráfico 5.110).

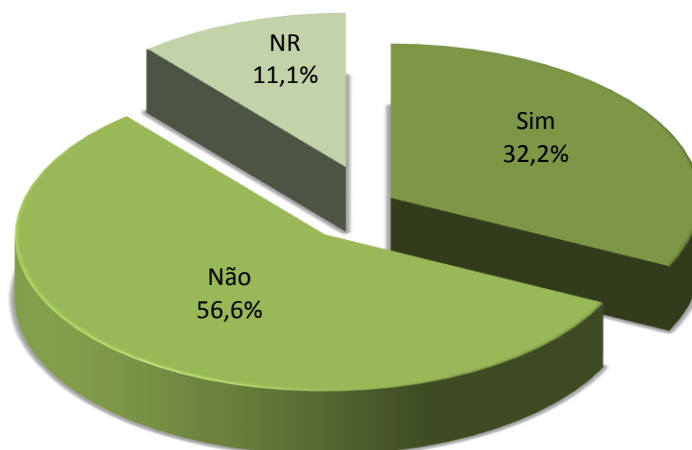
Tabela 5.10b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil

<b>Setor privado</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	448.001	32,2
Não	787.134	56,6
NR	154.688	11,1
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.110 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

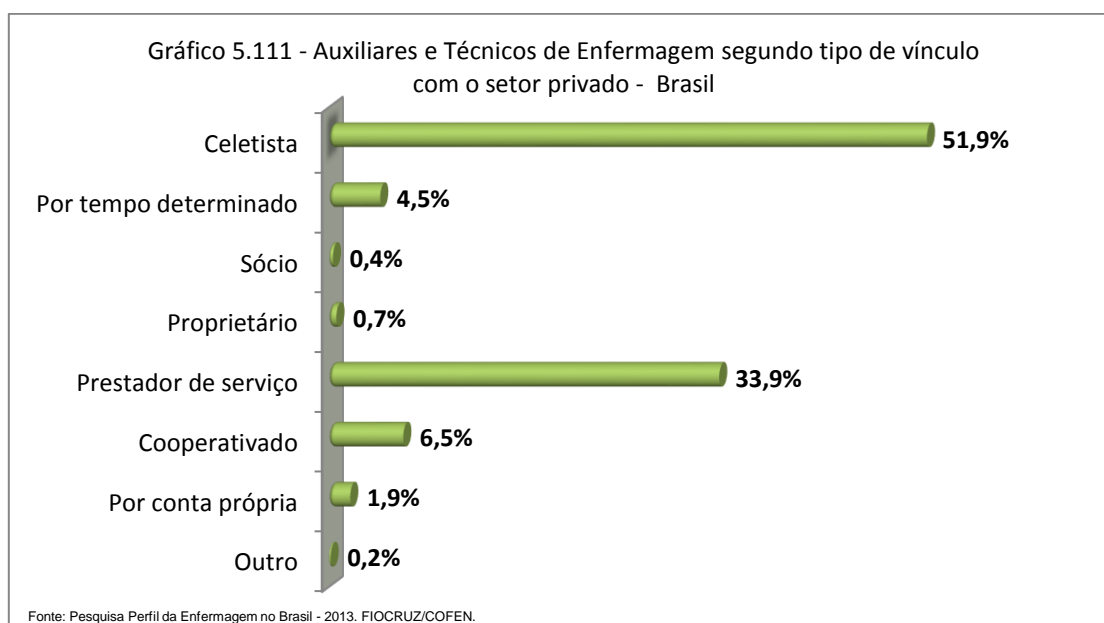
## TIPO DE VÍNCULO

Pode-se afirmar que duas modalidades de contratação no setor privado predominam entre os auxiliares e técnicos de enfermagem: 1) os vínculos celetistas que abrangem mais da metade do contingente, ou seja, 51,9%, o que representa em torno de 214 mil contratos de trabalho; 2) e os prestadores de serviços seguem em segundo lugar com cerca de 140 mil contratos de trabalho, ou seja, 33,9% do total. As demais formas existentes se diversificam e apresentam a seguinte configuração: 6,5% são cooperativados; 4,5% contratados por tempo determinado; um pequeno quantitativo de profissionais (1,1%) declara ser sócios ou proprietários de empresas, hospitais ou similares. E 1,9% dos profissionais trabalham por conta própria (Tabela 5.10.1b e Gráfico 5.111).

Tabela 5.10.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor privado – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	V.Abs.	%
Celetista	213.776	51,9
Por tempo determinado	18.491	4,5
Sócio	1.797	0,4
Proprietário	2.777	0,7
Prestador de serviço	139.819	33,9
Cooperativado	26.718	6,5
Por conta própria	7.866	1,9
Outro	966	0,2
<b>Total</b>	<b>412.211</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

No cenário nacional, um expressivo contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem atua nas diversas modalidades das instituições privadas, onde desenvolvem as atividades descritas a seguir.

Um fato marcante é que o hospital é o *locus* principal de trabalho da categoria de enfermagem, tanto no setor público como no privado. Mais da metade do contingente trabalha em hospitais (57,4%), o que significa numericamente em torno de 384 mil vínculos. Por modalidades de atendimento, os hospitais gerais agregam a maioria (36,5%), seguidos dos especializados (12,1%), universitários (4,2%), hospital-dia (2,6%) e Casas de partos somam 2,1%.

As Clínicas, Policlínicas, Consultórios particulares e outros, que constituem os serviços ambulatoriais, agregam em torno de 67 mil profissionais. Somente as Clínicas detêm 7,3% do total das atividades desenvolvidas nessa modalidade de atendimento. Chama atenção o fato que 2,2% dos auxiliares e técnicos afirmam ter atividades em consultórios particulares, provavelmente sendo auxiliares de outros profissionais que mantém atividades liberais, tais como médicos, enfermeiros, fisioterapeutas etc.

As Unidades de Diagnósticos e Terapia representam uma parcela importante da capacidade instalada do setor privado. Em suas atividades agregam quase 60 mil trabalhadores. Por natureza de trabalho que desenvolvem tem-se: os Centros de Imagem (4,2%); os Laboratórios de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica, que possui 3,8%, e as Unidades de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT (1%). As atividades de Urgências e Emergências declaradas e consideradas nessa pesquisa, como os Prontos Socorros (8%), os SAMUs, etc. concentram mais de 57 mil profissionais exercendo atividades.

Na área de Gestão (Nível Central) e de Central de Regulação não existe um quantitativo expressivo; ao contrário, apenas 0,5%, ou seja, em torno de 3.500 vínculos de trabalho. Os estabelecimentos de Seguros, de Medicina de Grupos e Planos de Saúde congregam pouco mais de 8.700, o que equivale a 1,3%. As Unidades Básicas de Saúde / Postos de Saúde detêm 17 mil do total do contingente, ou seja, 2,5%.

As atividades de Ensino e Pesquisa incorporam, aproximadamente, 28 mil de vínculos de trabalho, o que equivale a 4,2% do total. As Escolas/ Faculdades e Cursos de

Enfermagem concentram 1,8% e os Institutos e Centros de Pesquisa 2,5% dos profissionais.

Nas demais modalidades destacam-se: os serviços de Assistência Domiciliar (*Homecare*) com 3,7% do contingente; os asilos, abrigos e centros de recuperação, centros de recuperação com uma parcela de apenas 0,3% e as atividades de enfermagem em embarcações “*offshores*”, que concentram 0,1% de profissionais, ou seja, cerca de 700 profissionais (Tabela 5.10.2b).

Tabela 5.10.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor privado – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
<b>Hospitais</b>	<b>384.165</b>	<b>57,4</b>
Hospital Geral	244.145	36,5
Hospital Especializado	80.915	12,1
Hospital Universitário	27.913	4,2
Hospital Dia	17.142	2,6
Casa de Parto/Centro Nascimento	14.049	2,1
<b>Unidades Básicas</b>	<b>17.041</b>	<b>2,5</b>
Unidade Básica de Saúde/Centro de Saúde/Posto de Saúde	17.041	2,5
<b>Unidades de Urgência/Emergência</b>	<b>57.140</b>	<b>8,5</b>
Pronto Socorro	53.474	8,0
UTI móvel, socorro médico e resgate, empresa de remoções, SAMU, serviços aeromédicos	2.985	0,4
OFFSHORE/Embarcação	681	0,1
<b>Unidades Ambulatoriais/Policlínicas</b>	<b>67.586</b>	<b>10,1</b>
Ambulatório/Clinicas	48.524	7,3
Unidade Mista/Policlínica	4.572	0,7
Consultório Particular	14.490	2,2
<b>Unidades de Diagnóstico</b>	<b>59.942</b>	<b>9,0</b>
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia - SADT	6.666	1,0
Laboratório de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	25.382	3,8
Centro de Imagem	27.894	4,2
<b>Ensino e Pesquisa</b>	<b>28.333</b>	<b>4,2</b>
Instituto/Centro de Pesquisa	16.521	2,5
Escola/Faculdade/Curso de Enfermagem	11.812	1,8
<b>Gestão</b>	<b>3.516</b>	<b>0,5</b>
Nível Central	1.139	0,2
Central de Regulação	2.377	0,4
<b>Demais Modalidades</b>	<b>48.079</b>	<b>7,2</b>
<i>Homecare</i>	24.957	3,7
Empresa de Assistência de Enfermagem	12.111	1,8
Seguro de Medicina de Grupo/Planos de Saúde	8.702	1,3
Asilos, abrigos, centros de recuperação etc.	2.309	0,3
<b>Outras</b>	<b>3.234</b>	<b>0,5</b>
Outras áreas fora da enfermagem	2.024	0,3
Outra	1.209	0,2
<b>Total</b>	<b>669.034</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## REGIME DE TRABALHO

Os auxiliares e técnicos de enfermagem exercem, predominantemente, suas atividades como plantonistas (61,1%). Por outro lado, 38,2% trabalham diariamente e 0,3% por hora trabalhada (Tabela 5.10.3b e Gráfico 5.112).

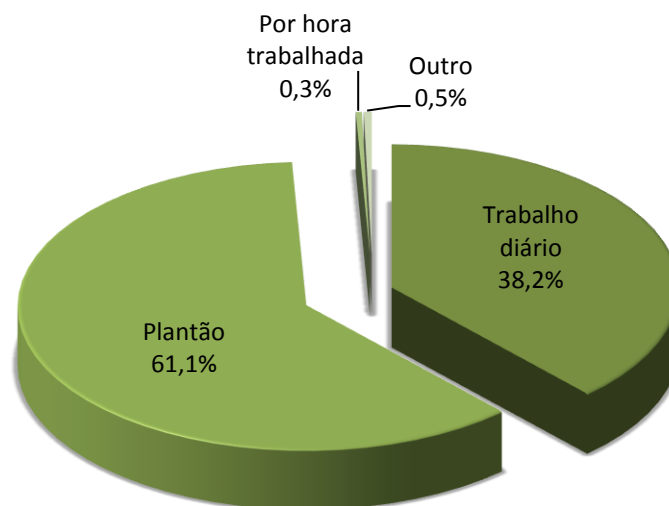
Tabela 5.10.3b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor privado – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Regime</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Trabalho diário	152.442	38,2
Plantão	243.915	61,1
Por hora trabalhada	1.372	0,3
Outro	1.799	0,5
<b>Total</b>	<b>399.528</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.112 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## JORNADA DE TRABALHO

Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria dos auxiliares e técnicos de enfermagem (65,2%) tem jornada de trabalho no privado entre 31 - 60 horas semanais. Por outro lado, 8,6% têm jornadas de 61 - 80 horas e 3,6% declaram trabalhar mais de 80 horas semanais, com uma acentuada sobrecarga de trabalho. Destaca-se ainda que 6,1% trabalham com carga horária de até 30 horas. Registra-se 39,7% de profissionais que têm jornadas semanais acima de 41 horas. (Tabela 5.10.4b e Gráfico 5.113).

Destaca-se 2,2% da equipe de enfermagem que tem “**subjornadas de trabalho**” no setor privado perfazendo igual ou inferior a 20 horas de trabalho semanais, o que representa quase 10 mil e 0,9% com jornadas de menos de 10 horas, o que corresponde a quase 4 mil trabalhadores. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

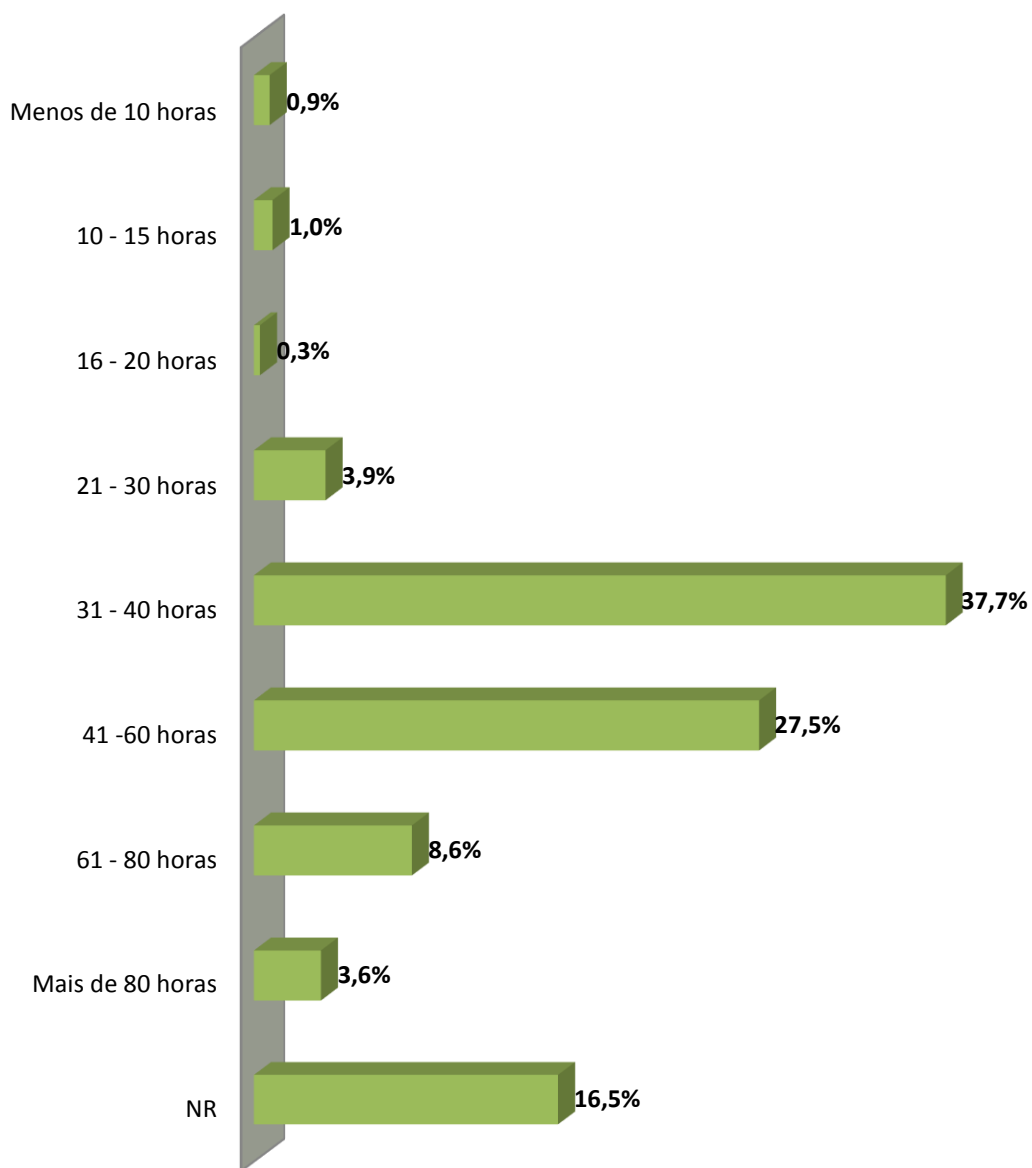
Tabela 5.10.4b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado  
Brasil

Horas semanais	V.Abs.	%
Menos de 10 horas	3.820	0,9
10 - 15 horas	4.504	1,0
16 - 20 horas	1.463	0,3
21 - 30 horas	17.327	3,9
31 - 40 horas	167.538	37,7
41 - 60 horas	122.229	27,5
61 - 80 horas	38.225	8,6
Mais de 80 horas	16.208	3,6
NR	73.577	16,5
<b>Total</b>	<b>444.890</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.113 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor privado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TURNO DE TRABALHO

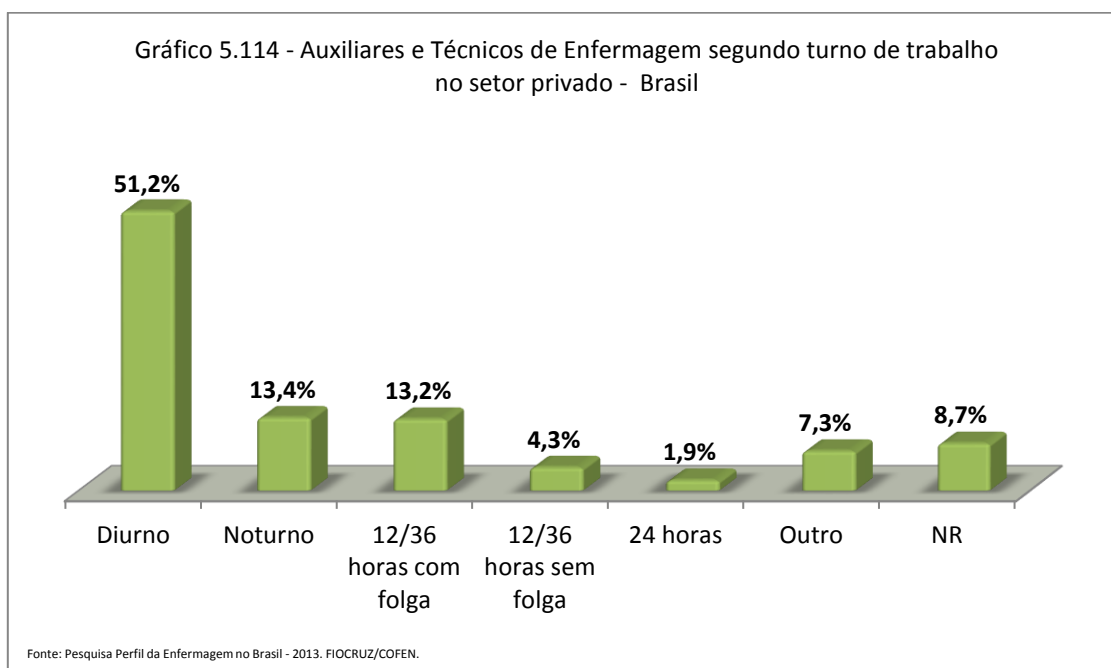
As atividades no setor privado são desenvolvidas por mais da metade dos auxiliares e técnicos (51,2%) em turno diurno, somando mais de 229 mil contratados de trabalho. Em contrapartida, evidencia-se que o trabalho noturno corresponde a 13,4% do total, o que equivale a pouco mais de 60 mil. Há ainda aqueles que atuam em turnos variados: 1,9% em turno de 24 horas; 13,2% de 12/36 horas com folga; 4,3% de 12/36 horas sem folga e outros horários variados somam 7,3% (Tabela 5.10.5b e Gráfico 5.114).

Tabela 5.10.5b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor privado - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	229.555	51,2
Noturno	60.203	13,4
12/36 horas com folga	59.001	13,2
12/36 horas sem folga	19.110	4,3
24 horas	8.553	1,9
Outro	32.629	7,3
NR	38.950	8,7
<b>Total</b>	<b>448.001</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

Analisando a questão salarial no setor privado, o primeiro dado que chama atenção é que 35%, ou seja, mais de 1/3 de todo contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem que lá atuam, percebe salários entre 1.001 - 2.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam um cenário preocupante: 73,6%, ou seja, quase 330 mil obtêm de todas as atividades lá desenvolvidas renda de até 3.000 reais; e 11,6% situam-se na faixa de 2.001 - 3.000 reais; acima de 5.001 reais são apenas 0,5%. Poucos são aqueles (0,3%) que se encontram nas faixas salariais acima de 7.001 reais. Nos rendimentos acima de 9.001 reais somente 0,3% (Tabela 5.10.6b e Gráfico 5.115). Em situação de “**subsalário**” encontram-se 27%, ou seja, mais de 1/4 dos auxiliares e técnicos de enfermagem que lá atua, tem rendimentos declarados de 1.000 reais mensais. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria neste setor, o que será melhor evidenciado quando associada a outras informações desta pesquisa.

Tabela 5.10.6b

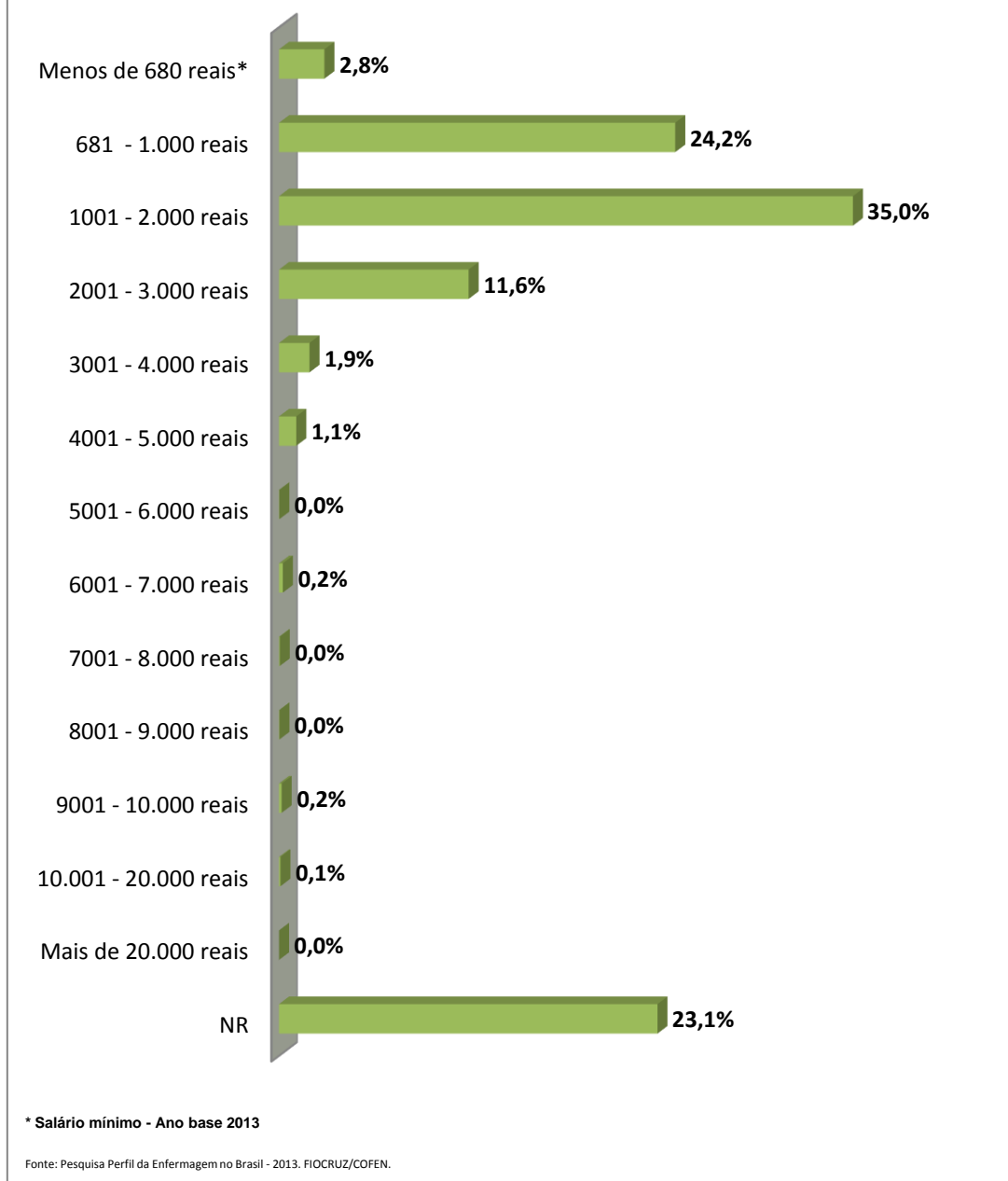
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil

<b>Rendimento mensal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	12.395	2,8
681 - 1000 reais	108.214	24,2
1001 - 2000 reais	156.753	35,0
2001 - 3000 reais	51.795	11,6
3001 - 4000 reais	8.324	1,9
4001 - 5000 reais	4.713	1,1
5001 - 6000 reais	72	0,0
6001 - 7000 reais	1.035	0,2
7001 - 8000 reais	185	0,0
8001 - 9000 reais	90	0,0
9001 - 10000 reais	697	0,2
10.001 - 20.000 reais	357	0,1
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	103.369	23,1
<b>Total</b>	<b>448.001</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013

Gráfico 5.115 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor privado - Brasil





## SETOR FILANTRÓPICO





## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR FILANTRÓPICO

A pesquisa aponta que no setor filantrópico concentra em torno de 230 mil trabalhadores, ou seja, 16,6%. Vale ressaltar que a vinculação das atividades neste setor tem importantes variações, tendo em vista que ele permite a inserção de profissionais, inclusive sem vínculo formal, ou seja, voluntários, principalmente nas Santas Casas (Tabela 5.11b e Gráfico 5.116).

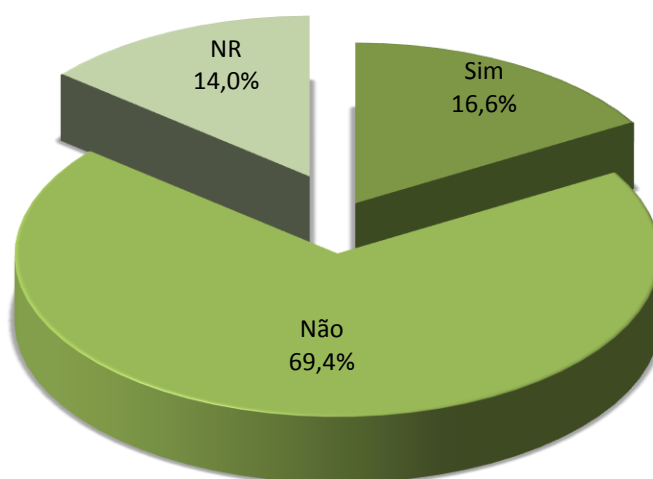
Tabela 5.11b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil

<b>Setor filantrópico</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	230.424	16,6
Não	964.636	69,4
NR	194.763	14,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.116 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação no setor filantrópico - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

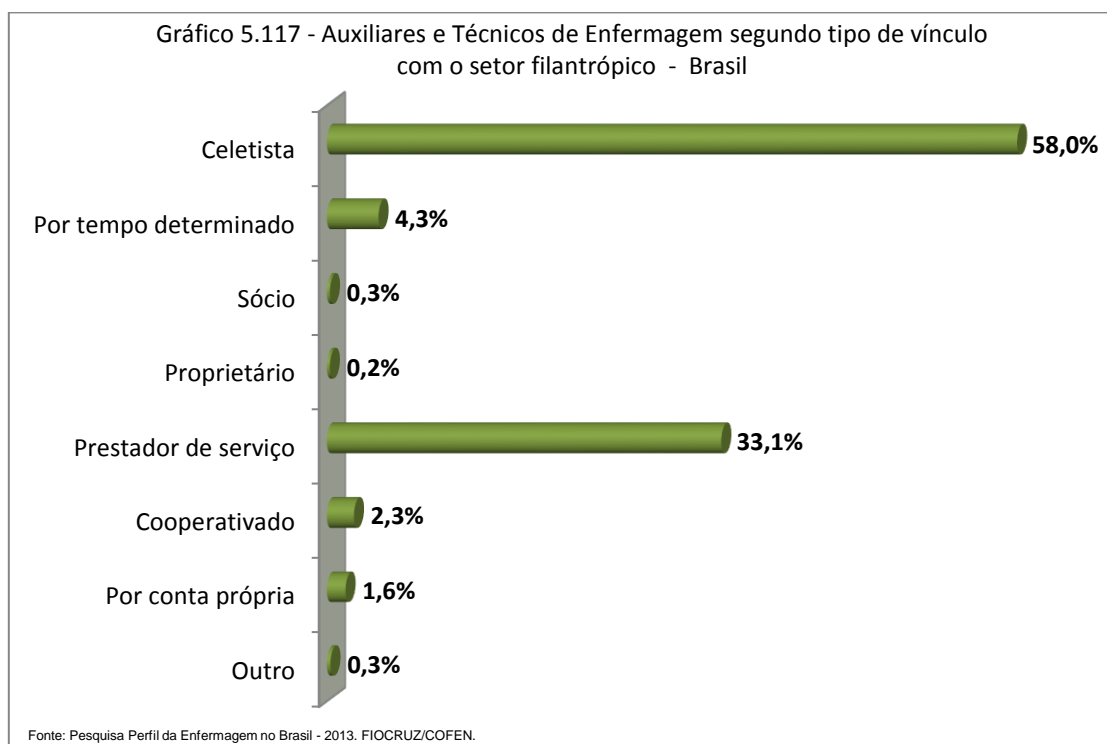
## TIPO DE VÍNCULO

No setor filantrópico existem duas formas de contratações dos auxiliares e técnicos de enfermagem que se sobressaem: os celetistas que detém 58% e os prestadores de serviços, com 33,1%. Estas duas modalidades de vínculos somam 91,1% do total, o que representa mais de 187 mil profissionais que lá atuam (Tabela 5.11.1b e Gráfico 5.117). As demais formas existentes têm o seguinte perfil: 2,3% são cooperativados e 4,3% são contratados por tempo determinado. Um grupo pequeno (0,5%) declarou ser sócio e/ou proprietários. Existem ainda, 3.217 profissionais que desenvolvem atividades no setor filantrópico por conta própria.

Tabela 5.11.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com o setor filantrópico – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	V.Abs.	%
Celetista	119.284	58,0
Por tempo determinado	8.913	4,3
Sócio	521	0,3
Proprietário	506	0,2
Prestador de serviço	68.092	33,1
Cooperativado	4.669	2,3
Por conta própria	3.217	1,6
Outro	608	0,3
<b>Total</b>	<b>205.811</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

O contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem no Brasil têm um total de, aproximadamente, 304 mil empregos no setor filantrópico. Contudo, a predominância da modalidade é a hospitalar. Estima-se que 63,6%, ou seja, quase 194 mil dos 304 mil que estão atuando em hospitais. Os Ambulatórios/Clinicas ficam em segundo lugar com 12,6%, o que representa em torno de 38 mil profissionais atuando nesta modalidade institucional.

As Unidades de Apoio e Terapia agregam uma parcela importante na capacidade instalada do setor, detém 13,9%, ou seja, mais de 42 mil vínculos de trabalho de enfermagem. Se analisar pela natureza de trabalho que desenvolvem tem-se: a) os Laboratórios de Análises Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica com 6,2%; b) os Centros de Imagem com 5,2%, e; c) as Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia – SADT com 2,5%. As Casas de Parto/Centros de Nascimento aglutinam aproximadamente 15 mil profissionais da equipe de enfermagem, o que representa 4,9%. As Casas de Saúde somam apenas 2,8%. Já atividades relacionadas aos serviços de Assistência Domiciliar (*Homecare*) concentram apenas 0,7%, o que representa pouco mais de 2 mil profissionais atuando nesta modalidade institucional. Asilos, abrigos e centros de recuperação somam 0,7%, pouco mais de 2 mil profissionais (Tabela 5.11.2b).

Tabela 5.11.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no setor filantrópico – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Ambulatório/Clinica	38.225	12,6
Hospital	193.715	63,6
Casa de Parto/Centro de Nascimento	14.836	4,9
Unidade de Apoio de Diagnose e Terapia-SADT	7.586	2,5
Laboratório de Análise Clínicas/Centro de Investigação Diagnóstica	19.001	6,2
Centro de Imagem	15.761	5,2
<i>Homecare</i>	2.203	0,7
Casa de Saúde	8.509	2,8
Instituição de ensino/escolas	1.739	0,6
Asilo, abrigo, centro de recuperação, etc.	2.034	0,7
Outra	853	0,3
<b>Total</b>	<b>304.462</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

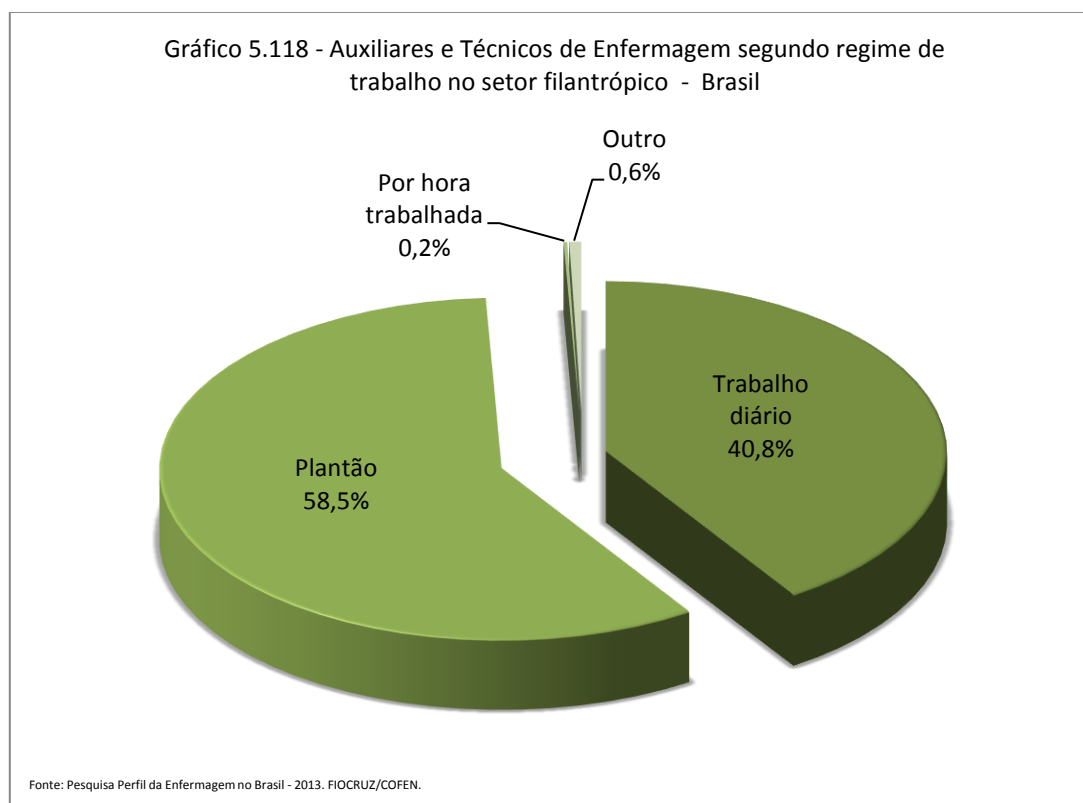
A forte inserção de trabalho da enfermagem na área hospitalar em todo o país, induz ao trabalho intenso, levando a que mais da metade (58,5%) de todo contingente de auxiliares e técnicos atue, no setor filantrópico, em regime de plantão. Já no trabalho diário, somam 40,8%. Interessante observar a presença de 0,2% de pessoas que ganham por “hora trabalhada” (Tabela 5.11.3b e Gráfico 5.118).

Tabela 5.11.3b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho no setor filantrópico – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Regime	V.Abs.	%
Trabalho diário	88.310	40,8
Plantão	126.735	58,5
Por hora trabalhada	378	0,2
Outro	1.223	0,6
<b>Total</b>	<b>216.646</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



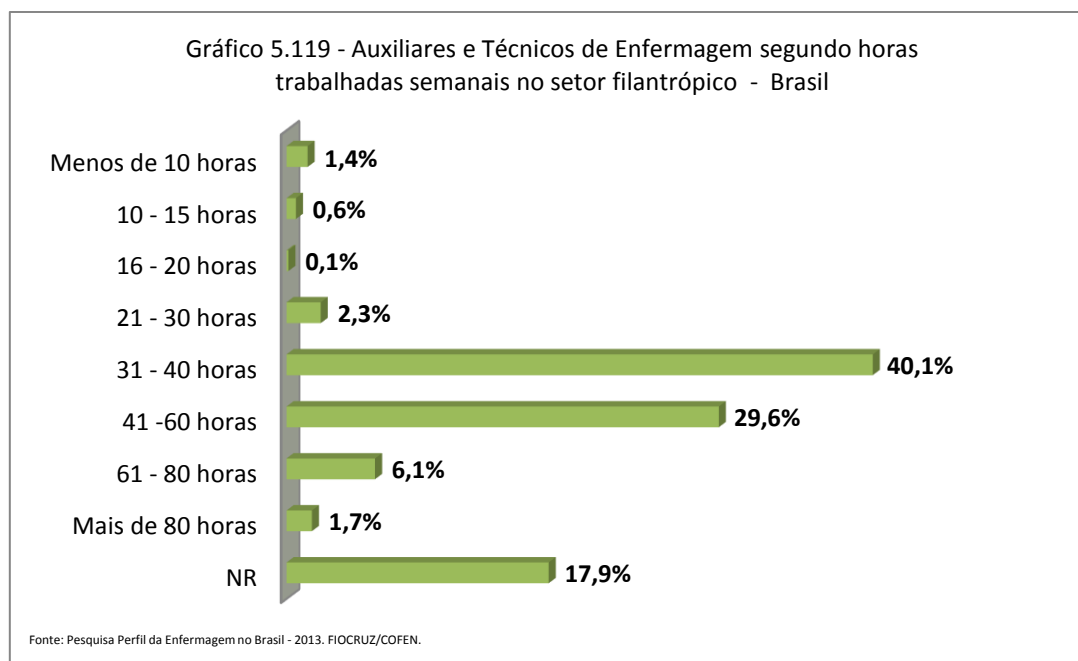
## JORNADA DE TRABALHO

Mantendo coerência com o regime de trabalho declarado anteriormente, a maioria dos profissionais (69,7%) trabalham de 31 - 60 horas semanais. Um pequeno quantitativo de 6,1% tem jornadas de 61 - 80 horas semanais e, ainda 1,7% mais de 80 horas. Com carga horária entre 21 - 30 horas somam 2,3% do total. Motivo de alerta é o fato de ter sido detectado nesse setor mais de 5 mil trabalhadores (2,1%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, trabalhando no máximo 20 horas semanais, considerando, como dito acima, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem e 1,4% têm jornada semanal de menos de 10 horas, o que corresponde a pouco mais de 3 mil trabalhadores (Tabela 5.11.4b e Gráfico 5.119).

Tabela 5.11.4b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais no setor filantrópico - Brasil

Horas semanais	V.Abs.	%
Menos de 10 horas	3.303	1,4
10 - 15 horas	1.470	0,6
16 - 20 horas	288	0,1
21 - 30 horas	5.363	2,3
31 - 40 horas	92.020	40,1
41 - 60 horas	67.851	29,6
61 - 80 horas	13.886	6,1
Mais de 80 horas	3.981	1,7
NR	41.148	17,9
<b>Total</b>	<b>229.311</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TURNO DE TRABALHO

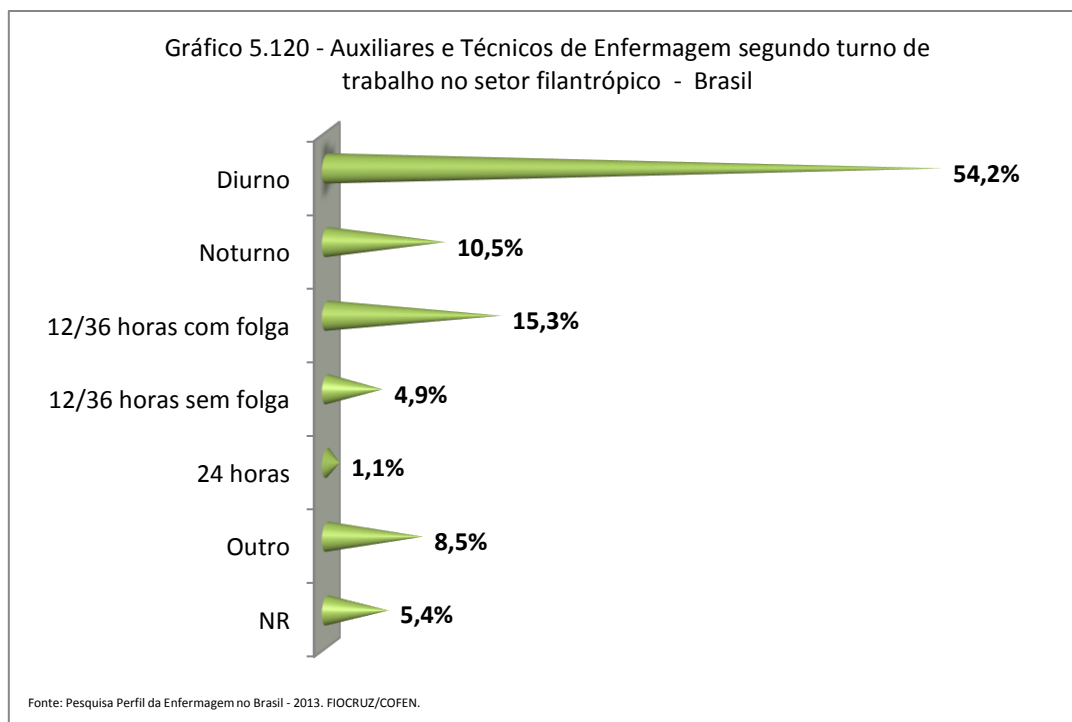
Parte significativa (54,2%) dos auxiliares e técnicos de enfermagem desenvolvem as atividades no setor filantrópico no horário diurno. O trabalho noturno é praticado por 10,5%, correspondendo a um pouco mais de 24 mil. Observa-se que 29,8% atuam em turnos diferenciados: 1,1% a cada 24 horas; 15,3% praticam 12/36 horas com folga e 4,9% fazem 12/36 horas sem folga e outros horários 8,5% (Tabela 5.11.5b e Gráfico 5.120).

Tabela 5.11.5b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho no setor filantrópico - Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	124.986	54,2
Noturno	24.087	10,5
12/36 horas com folga	35.361	15,3
12/36 horas sem folga	11.353	4,9
24 horas	2.611	1,1
Outro	19.490	8,5
NR	12.536	5,4
<b>Total</b>	<b>230.424</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

Analisando a questão salarial nacional no setor filantrópico, um dado que chama atenção é que mais de 1/3 (34,7%) de todo contingente que atua percebe salários entre 1.001 - 2.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam também um cenário preocupante: 75% obtêm em todas as atividades desenvolvidas renda de até 3.000 reais. Decompondo: 62,9% têm salários de até 2.000 reais; 12,1% situam-se na faixa de 2.001 - 3.000 reais. Poucos são aqueles (0,3%) que se encontram na faixa salarial acima de 5.001 reais; acima de 7.001 reais (0,2%) e nenhum acima de 9.001 reais. Registra-se na condição de “**subsalarío**” - renda igual ou menor que 1.000 reais - um contingente de 65 mil trabalhadores, ou seja, 28,2% neste setor. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada a outras informações dessa pesquisa (Tabela 5.11.6b e Gráfico 5.121).

Tabela 5.11.6b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil

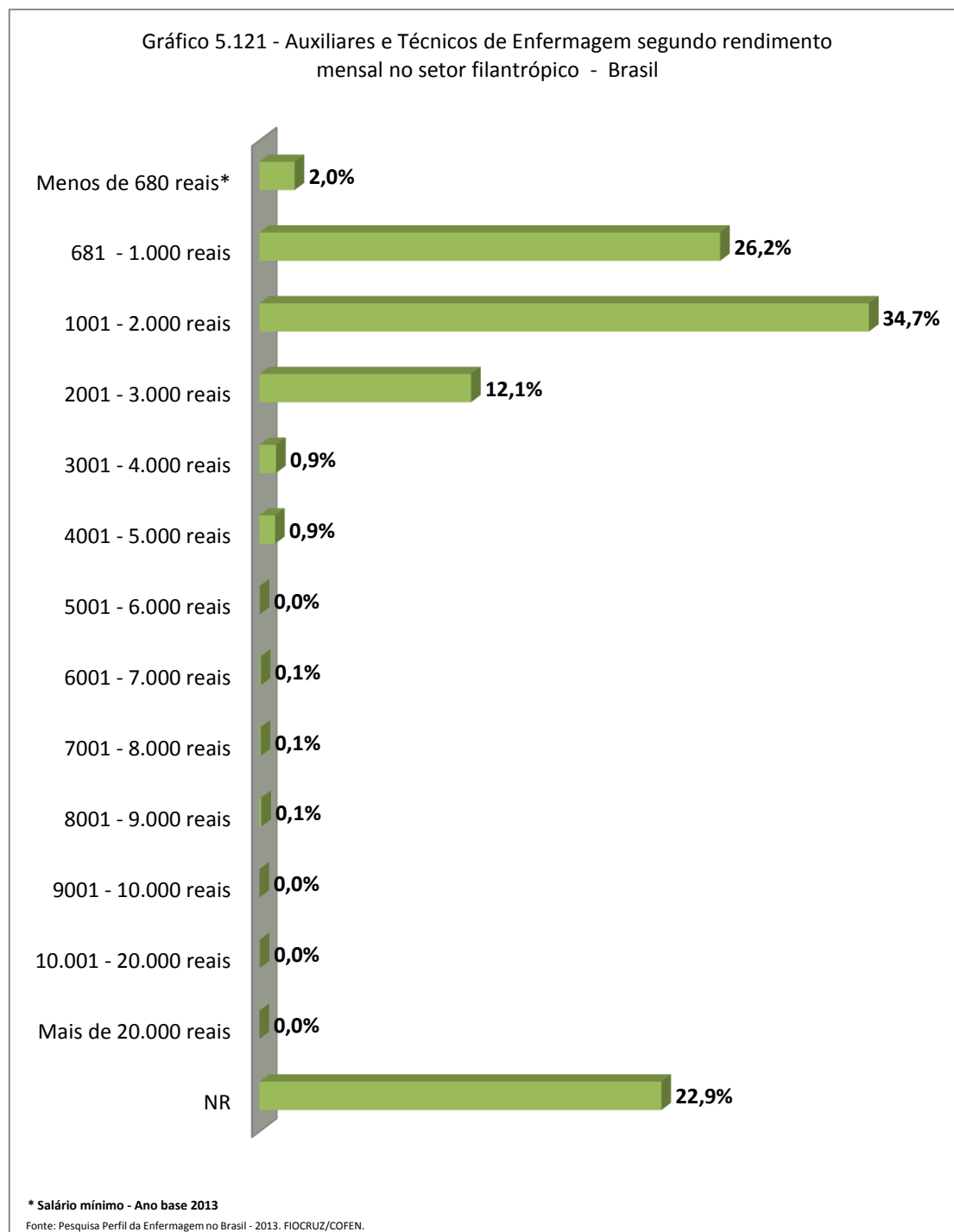
Rendimento mensal	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	4.613	2,0
681 - 1000 reais	60.470	26,2
1001 - 2000 reais	79.981	34,7
2001 - 3000 reais	27.775	12,1
3001 - 4000 reais	2.173	0,9
4001 - 5000 reais	2.044	0,9
5001 - 6000 reais	27	0,0
6001 - 7000 reais	161	0,1
7001 - 8000 reais	150	0,1
8001 - 9000 reais	238	0,1
9001 - 10000 reais	0	0,0
10.001 - 20.000 reais	30	0,0
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	52.761	22,9
<b>Total</b>	<b>230.424</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013



Gráfico 5.121 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal no setor filantrópico - Brasil



## SETOR ENSINO



## ATIVIDADE PROFISSIONAL: SETOR ENSINO

Importante ressaltar que neste setor encontram-se as Escolas, Faculdades, Departamentos e Cursos na área de enfermagem, bem como os Hospitais Universitários que podem abrigar profissionais contemplados na pesquisa. Não se pesquisou especificamente as instituições de ensino no país.

No setor ensino atuam apenas 5% dos auxiliares e técnicos de enfermagem, o que equivale a aproximadamente 69 mil profissionais. Levando-se em consideração que este setor, pela sua especificidade (ensino e prática), tem que se valer da rede de saúde (pública e/ou privada) para campo de estágios e prática, o profissional pode concomitantemente estar na assistência e/ou ensino (Tabela 5.12b e Gráfico 5.122).

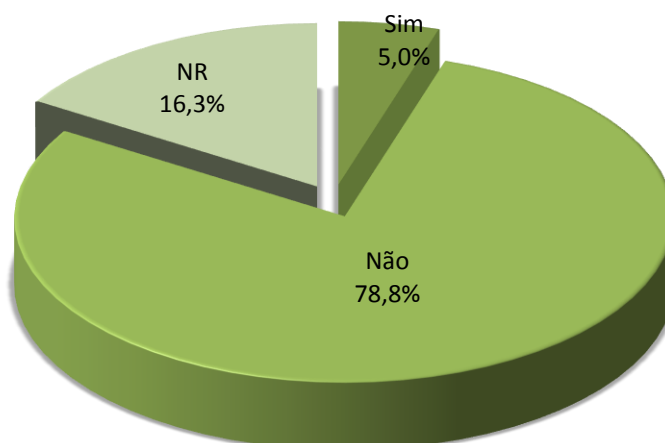
Tabela 5.12b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil

Instituição de ensino	V.Abs.	%
Sim	68.861	5,0
Não	1.095.045	78,8
NR	225.918	16,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.122 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## NATUREZA DA INSTITUIÇÃO

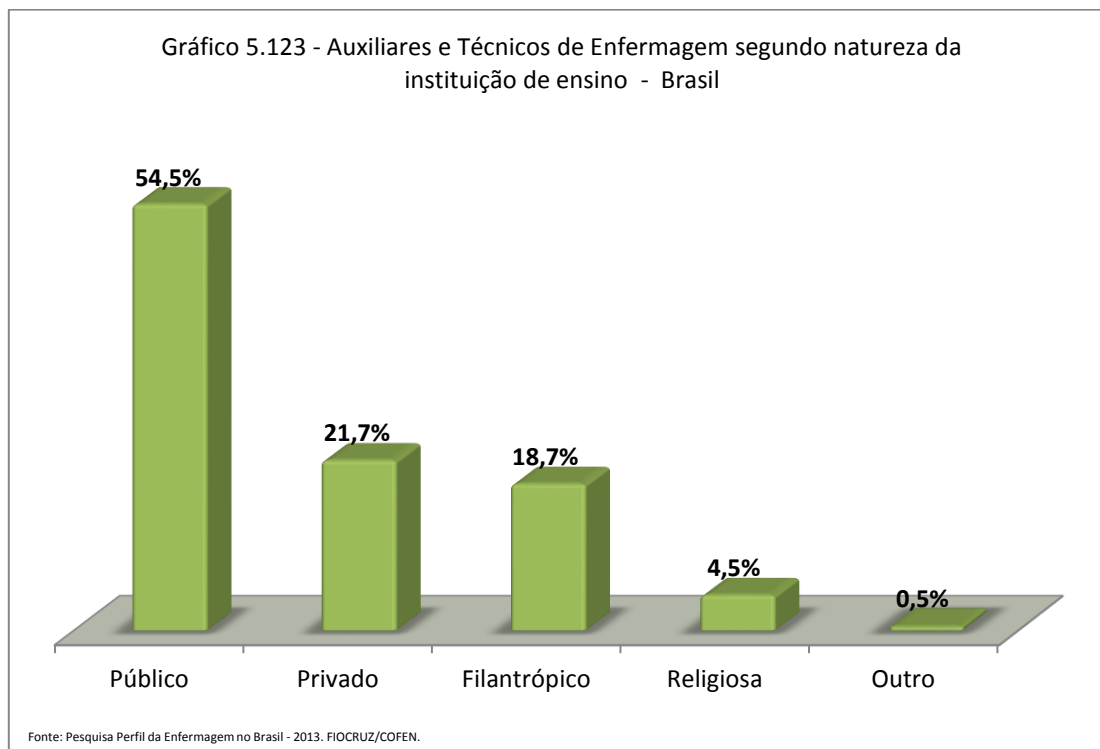
A pesquisa detectou um percentual maior (54,5%) de profissionais atuando na área de ensino nas instituições públicas (escolas e/ou hospitais), seguido do setor privado com 21,7% e o filantrópico com 18,7%. As instituições religiosas detêm 4,5% atuando no ensino (Tabela 5.12.1b e Gráfico 5.123).

Tabela 5.12.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo natureza da instituição de ensino – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Natureza</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Público	40.060	54,5
Privado	15.953	21,7
Filantrópico	13.729	18,7
Religiosa	3.304	4,5
Outro	392	0,5
<b>Total</b>	<b>73.438</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE CURSO

Em relação ao tipo de curso que os auxiliares e técnicos desenvolvem suas atividades de ensino, verifica-se que 19% atuam em cursos de enfermagem e 47,7% em técnicos (Tabela 5.12.2b e Gráfico 5.124).

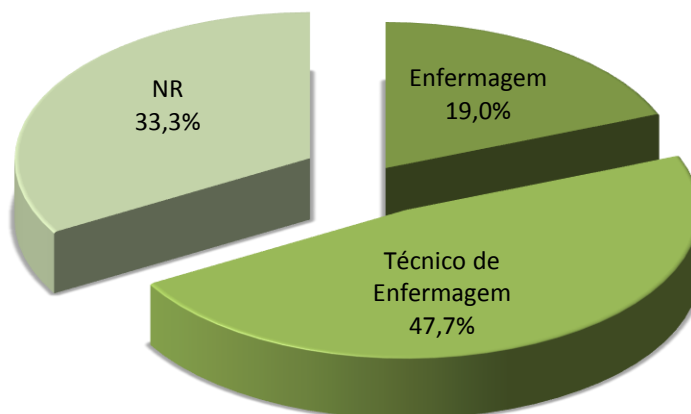
Tabela 5.12.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil

<b>Tipo de curso</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Enfermagem	13.067	19,0
Técnico de Enfermagem	32.829	47,7
NR	22.965	33,3
<b>Total</b>	<b>68.861</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.124 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de curso que atua - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

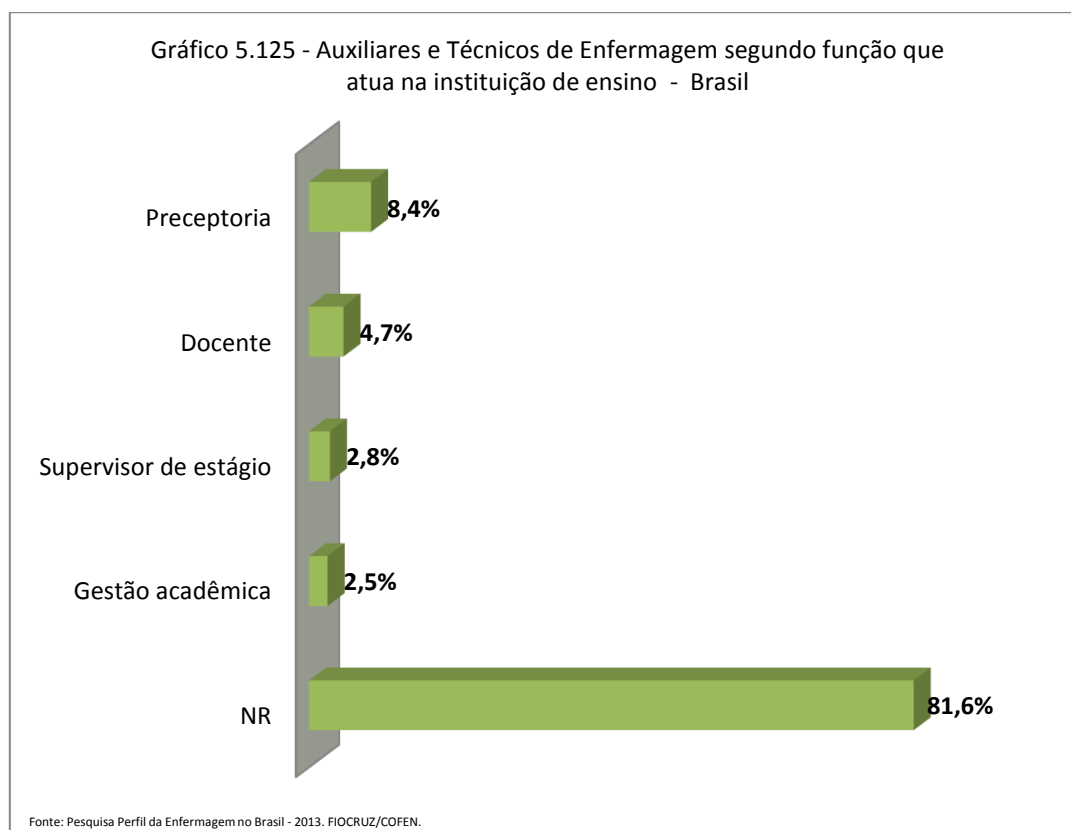
## FUNÇÃO

No que diz respeito, a função desenvolvida no ensino, 4,7% afirmam atuar na docência. A preceptoria é exercida por 8,4%, seguida das atividades de supervisão de estágio (2,8%) e gestão acadêmica (2,5%) (Tabela 5.12.3b e Gráfico 5.125). Ressalta-se o expressivo contingente que não respondeu (NR) ao quesito (81,6%), comprometendo a análise.

Tabela 5.12.3b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo função que atua na instituição de ensino  
Brasil

Função	V.Abs.	%
Preceptoria	5.774	8,4
Docente	3.213	4,7
Supervisor de estágio	1.952	2,8
Gestão acadêmica	1.734	2,5
NR	56.188	81,6
<b>Total</b>	<b>68.861</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE VINCULO

A Tabela 5.12.4b e o Gráfico 5.126 mostram algumas evidências. Primeiro, atuando nas instituições públicas, o contingente de auxiliares e técnicos, metade (51,3%) são estatutários, celetistas com 33,7% e por tempo determinado, 12,4%. Segundo, já nas privadas, o predominante é o vínculo CLT com 58,4%, seguido por tempo determinado com 20,2% e “horista” com 19,8%. Terceiro, nas filantrópicas, prevalecem os vínculos celetistas, representando 58,9% e os “horistas” com 22,7% e por tempo determinado 11,9%. Quarto, já nas religiosas, 100% são celetistas.

Tabela 5.12.4b

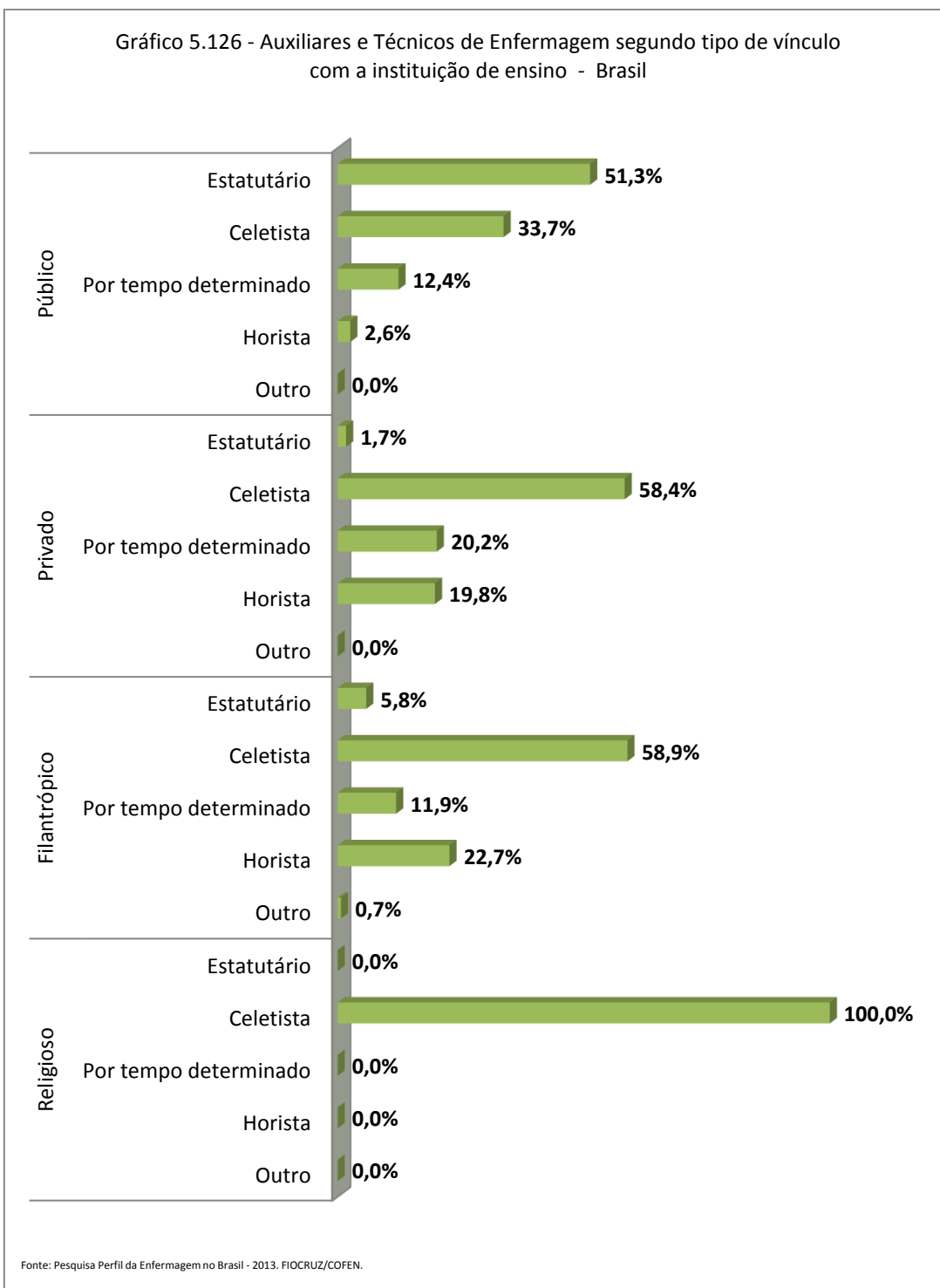
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de vínculo	Público		Privado		Filantrópico		Religioso	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Estatutário	15.581	51,3	130	1,7	300	5,8	0	0,0
Celetista	10.239	33,7	4.422	58,4	3.046	58,9	392	100,0
Por tempo determinado	3.751	12,4	1.527	20,2	614	11,9	0	0,0
Horista	778	2,6	1.498	19,8	1.175	22,7	0	0,0
Outro	0	0,0	0	0,0	34	0,7	0	0,0
<b>Total</b>	<b>30.348</b>	<b>100,0</b>	<b>7.578</b>	<b>100,0</b>	<b>5.170</b>	<b>100,0</b>	<b>392</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Gráfico 5.126 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de vínculo com a instituição de ensino - Brasil



## MODALIDADE DA INSTITUIÇÃO

Quase metade (47,3%) desses trabalhadores desenvolve suas atividades nos Hospitais Universitários, seguido das Escolas, Faculdades, Departamentos e Cursos, com 22,7% (Tabela 5.12.5b e Gráfico 5.127).

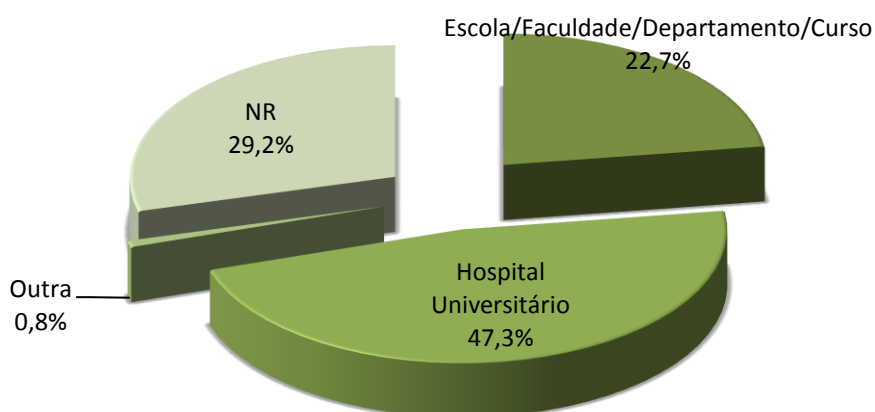
Tabela 5.12.5b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino Brasil

<b>Modalidade</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Escola/Faculdade/Departamento/Curso	15.666	22,7
Hospital Universitário	32.561	47,3
Outra	542	0,8
NR	20.092	29,2
<b>Total</b>	<b>68.861</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.127 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo modalidade da instituição que atua no ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## REGIME DE TRABALHO

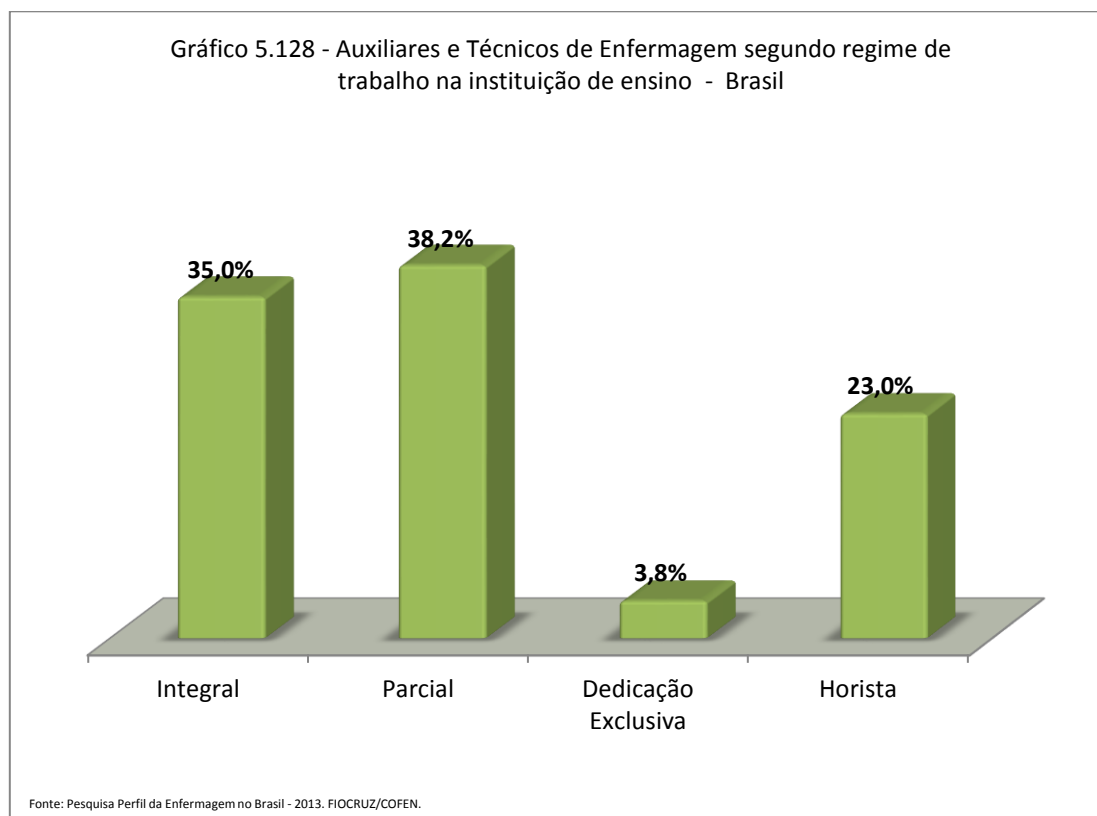
Com cerca de 73%, dois regimes de trabalho predominam nas instituições de ensino: 38,2% dos auxiliares e técnicos com regime de trabalho parcial e 35% com tempo integral. Os horistas representam 23% e dedicação exclusiva, 3,8% (Tabela 5.12.6b e Gráfico 5.128).

Tabela 5.12.6b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo regime de trabalho na instituição de ensino  
Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Regime de trabalho</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Integral	14.477	35,0
Parcial	15.813	38,2
Dedicação Exclusiva	1.594	3,8
Horista	9.537	23,0
<b>Total</b>	<b>41.420</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## JORNADA DE TRABALHO

No que diz respeito a carga horária dispensada às atividades de ensino, um número expressivo de 27,1% dedica de 31 - 40 horas; 10,5% entre 21 - 30 horas semanais; 13,2% entre 41 - 60 horas. Registra-se que 1,3% têm jornada de trabalho de mais de 80 horas e 19,3% fazem mais de 41 horas semanais.

Motivo de alerta é o fato de ter sido detectado em torno de 3 mil profissionais (4,5%) em situação de “**subjornada de trabalho**”, tendo jornadas igual ou inferior a 20 horas semanais, considerando, todas as suas atividades no âmbito da enfermagem. E mais especificamente, tem-se mais de 1 mil trabalhadores (1,7%) com jornadas de 10 horas semanais. (Tabela 5.12.7b e Gráfico 5.129). Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada as informações de renda mensal, a ser abordada mais à frente.

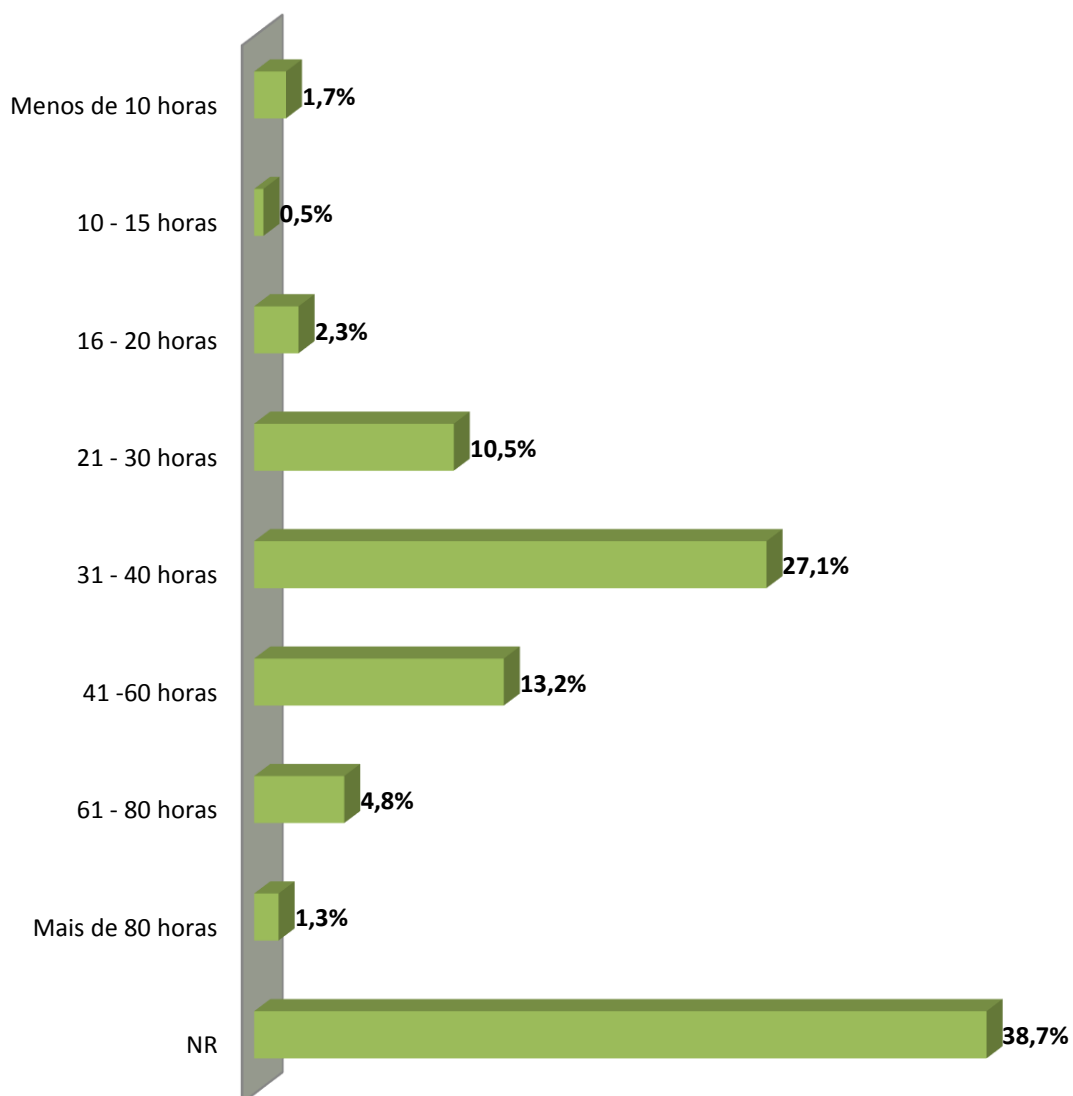
Tabela 5.12.7b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil

Horas semanais	V.Abs.	%
Menos de 10 horas	1.154	1,7
10 - 15 horas	336	0,5
16 - 20 horas	1.610	2,3
21 - 30 horas	7.241	10,5
31 - 40 horas	18.583	27,1
41 - 60 horas	9.054	13,2
61 - 80 horas	3.268	4,8
Mais de 80 horas	887	1,3
NR	26.558	38,7
<b>Total</b>	<b>68.691</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.129 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas trabalhadas semanais na instituição de ensino - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TURNO DE TRABALHO

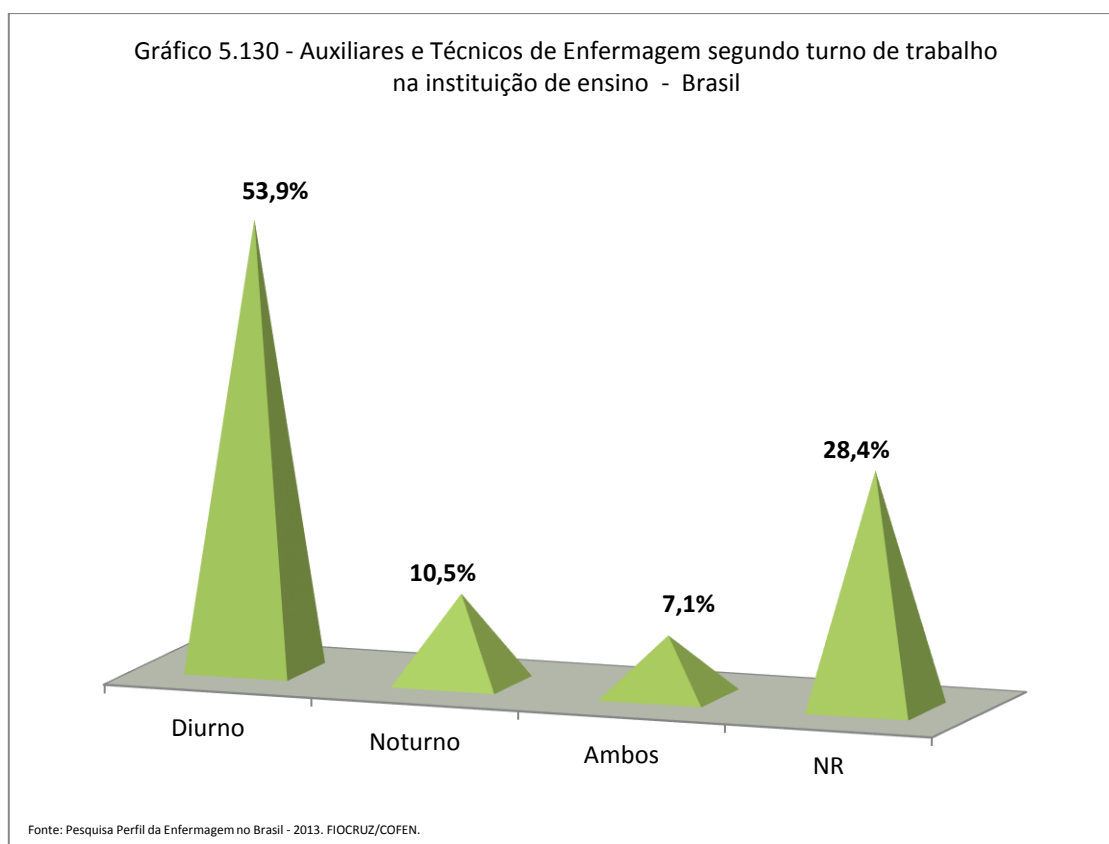
Observa-se que mais da metade do contingente de auxiliares e técnicos desenvolve suas atividades na área de ensino no horário diurno (53,9%), enquanto 10,5% o fazem em horário noturno e 7,1% em ambos os horários (Tabela 5.12.8b e Gráfico 5.130).

Tabela 5.12.8b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo turno de trabalho na instituição de ensino Brasil

<b>Turno</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Diurno	37.119	53,9
Noturno	7.254	10,5
Ambos	4.902	7,1
NR	19.586	28,4
<b>Total</b>	<b>68.861</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDIMENTO MENSAL

No tocante aos rendimentos obtidos com as atividades de ensino, o dado que mais chama atenção é o fato de mais da metade não respondeu (NR) a esse quesito. Tal fato, praticamente, inviabiliza a análise desagregada. Percebe-se que a faixa que mais se destaca é a de 1.001 - 2.000 reais (16,4%). As demais faixas de rendimentos mensais se pulverizam: na faixa entre 2.001 - 3.000 reais (7,9%); de 3.001 - 4.000 reais (2,3%) e 4.001 - 5.000 reais (2,9%). Nos rendimentos acima de 5.001 reais, pouquíssimos profissionais (0,2%) declararam ter este rendimento (Tabela 5.12.9b e Gráfico 5.131).

Aqueles que percebem rendimentos nas atividades de ensino até 1.000 reais somam mais de 7 mil, correspondendo a 10,4%, configurando em situação de **subsálario**. Assim, é possível afirmar que há indícios de **subemprego** na categoria, o que será melhor evidenciado quando associada a outras informações contidas na pesquisa.

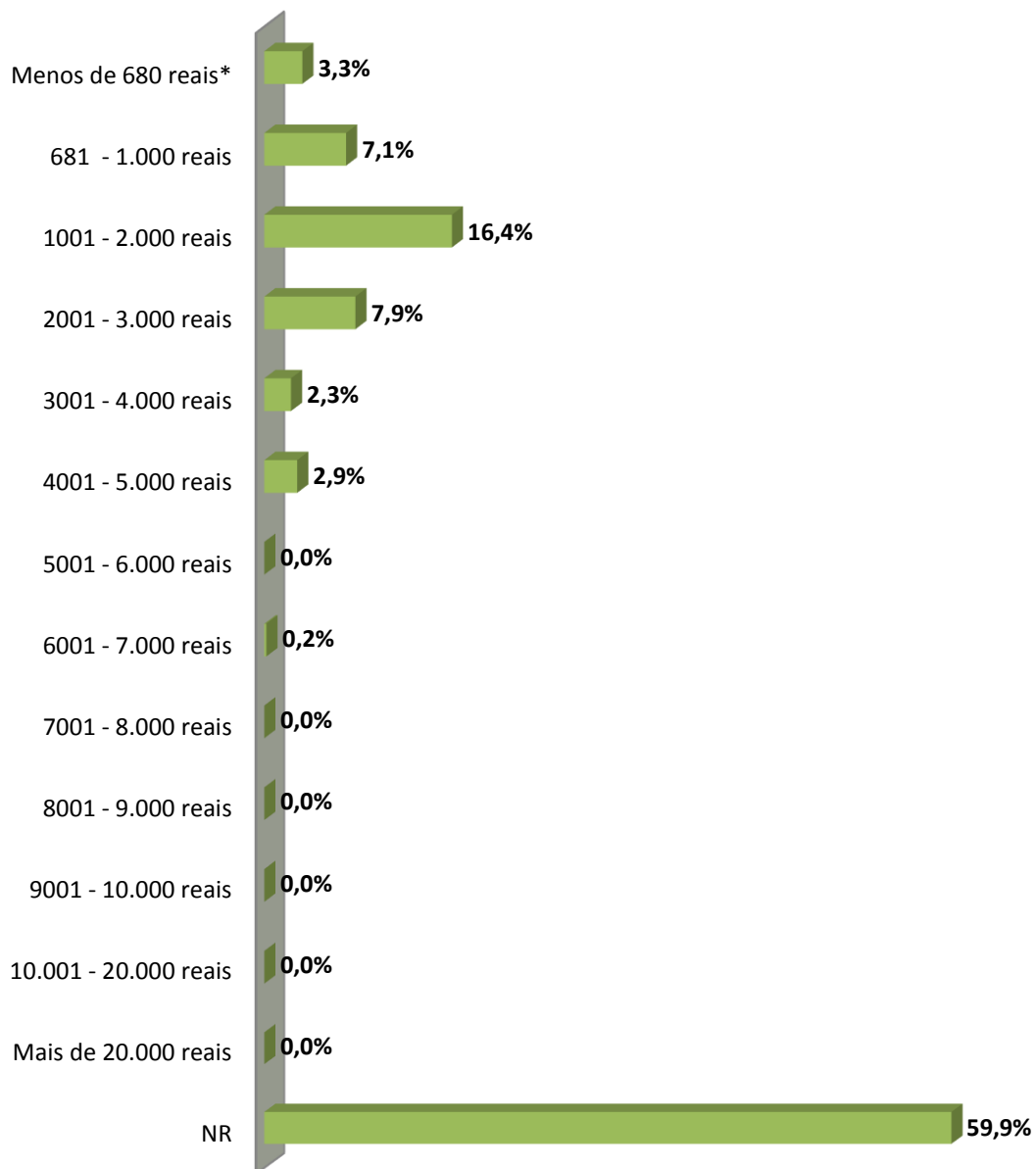
Tabela 5.12.9b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino  
Brasil

<b>Rendimento mensal</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Menos de 680 reais*	2.283	3,3
681 - 1000 reais	4.907	7,1
1001 - 2000 reais	11.264	16,4
2001 - 3000 reais	5.467	7,9
3001 - 4000 reais	1.602	2,3
4001 - 5000 reais	1.975	2,9
5001 - 6000 reais	0	0,0
6001 - 7000 reais	124	0,2
7001 - 8000 reais	0	0,0
8001 - 9000 reais	0	0,0
9001 - 10000 reais	0	0,0
10.001 - 20.000 reais	0	0,0
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	41.239	59,9
<b>Total</b>	<b>68.861</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013

Gráfico 5.131 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo rendimento mensal na instituição de ensino - Brasil



\* Salário mínimo - Ano base 2013

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## ATIVIDADE AUTÔNOMA

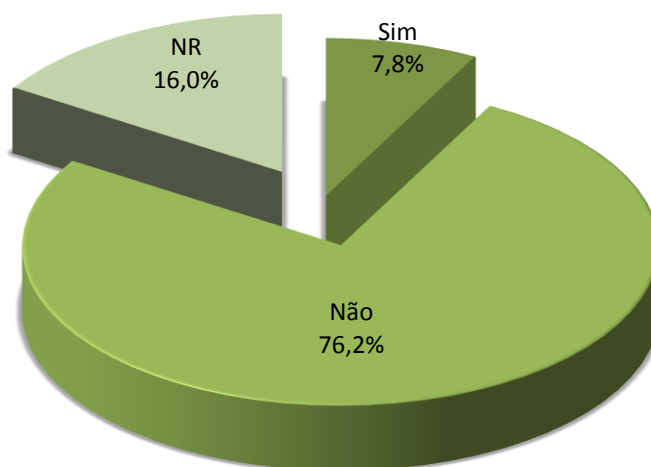
A assistência particular de enfermagem em domicílio é feita por 7,8% dos auxiliares e técnicos, o que somam mais de 100 mil trabalhadores (Tabela 5.13b e Gráfico 5.132).

Tabela 5.13b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

<b>Assistência particular</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	108.320	7,8
Não	1.058.570	76,2
NR	222.933	16,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.132 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

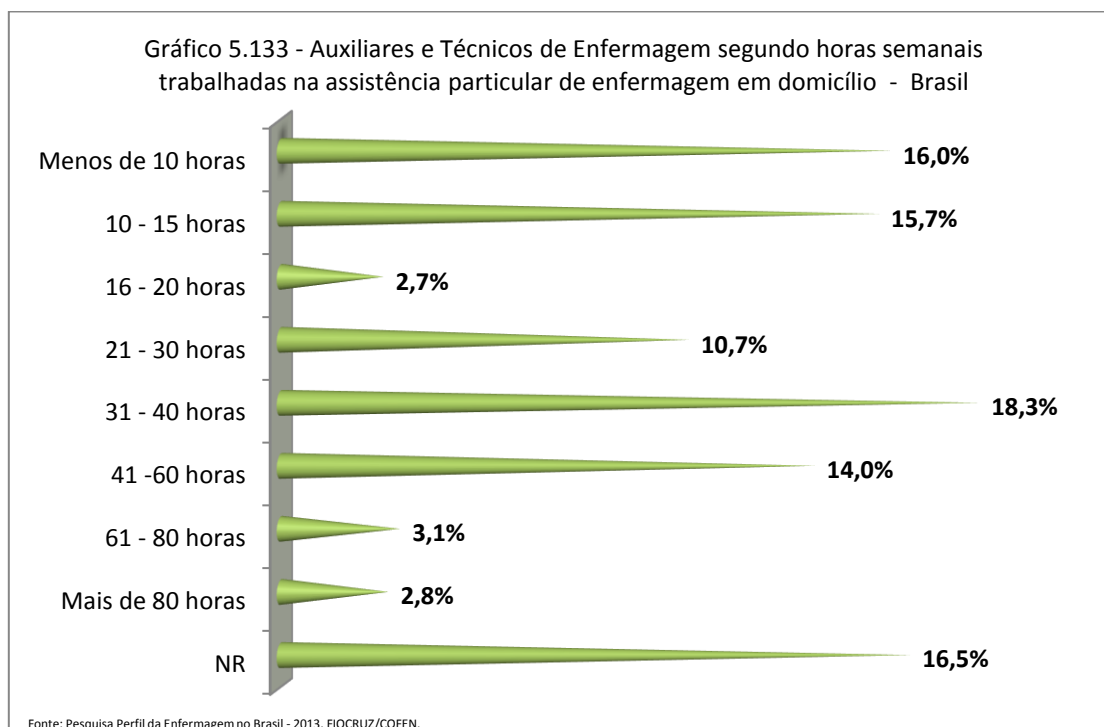
## HORAS TRABALHADAS NA ATIVIDADE AUTÔNOMA

Daqueles auxiliares e técnicos que trabalham prestando assistência de enfermagem em domicílio, quase 1/3 (31,7%) utiliza até 15 horas semanais. No outro extremo, com 43%, estão os que trabalham entre 21 - 60 horas; com mais de 80 horas somam apenas 2,8%. Aqueles com jornadas de mais de 41 horas semanais somam 19,9% (Tabela 5.13.1b e Gráfico 5.133).

Tabela 5.13.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo horas semanais trabalhadas na assistência particular de enfermagem em domicílio - Brasil

Horas semanais	V.Abs.	%
Menos de 10 horas	17.358	16,0
10 - 15 horas	17.019	15,7
16 - 20 horas	2.919	2,7
21 - 30 horas	11.607	10,7
31 - 40 horas	19.871	18,3
41 -60 horas	15.190	14,0
61 - 80 horas	3.390	3,1
Mais de 80 horas	3.062	2,8
NR	17.905	16,5
<b>Total</b>	<b>108.320</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## RENDA MENSAL TOTAL

A questão da renda mensal total das atividades de enfermagem leva a várias reflexões que merecem uma análise detida. Primeiro, mesmo com a soma de todas as atividades, tem-se 2,1% que percebem menos de 1 SM (à época equivalente 680 reais/2013) por mês.

Segundo, confirmando a situação já mencionada e analisada de **subjornadas de trabalho, subsalários** e, conseqüentemente **subempregos**, a pesquisa encontra um percentual elevado de pessoas (22%) que declaram ter renda total mensal de até 1.000 reais, o que representa pouco mais de 306 mil trabalhadores. Por outro lado, reforça a hipótese de subemprego quando o maior percentual encontrado entre os profissionais da enfermagem é aquela faixa salarial de 1.001 - 2.000 reais, que, junto com as faixas anteriores vai representar 57,7% de todo o contingente.

De grande relevância registrar que 72,9% têm renda mensal total de até 3.000 reais e, 77,5% concentram-se nas faixas salariais de até 4 mil reais (Tabela 5.14b e Gráfico 5.134).

A pesquisa captou outras atividades autônomas remuneradas da enfermagem, tais como, assistência domiciliar. No entanto, tal fato não muda realidade salarial uma vez o que se torna determinante são os vínculos encontrados nos setores público, privado, filantrópico e ensino. Também se verificou o número de atividades/trabalho destes profissionais e se constatou que a maioria (65,4%) tem apenas uma atividade/trabalho. Constatou também que 9,4% de todo o contingente experimentaram desemprego nestes últimos 12 meses.

Fazendo uma retrospectiva nos valores salariais da equipe nos 4 grandes setores de empregabilidade da enfermagem se tem um quadro que permite dizer que:

Primeiro, há prática de **subsídio** (igual ou inferior a 1.000 reais) em todos os setores, sendo o público (18,8%); privado (27%); o filantrópico (28,2%) e o ensino (10,4%). Até 2.000 reais têm-se: público (55,2%); privado (62%); o filantrópico (62,9%) e o ensino (26,8%). O que ao nosso ver, configura clara situação de **subemprego**.

Segundo, tanto o público, como o privado e o filantrópico têm como prática remuneratória valores muito baixos para esses trabalhadores, o que significa dizer que 71,4% no público, 73,6% no privado e 75% no filantrópico têm renda mensal de até 3.000 reais.

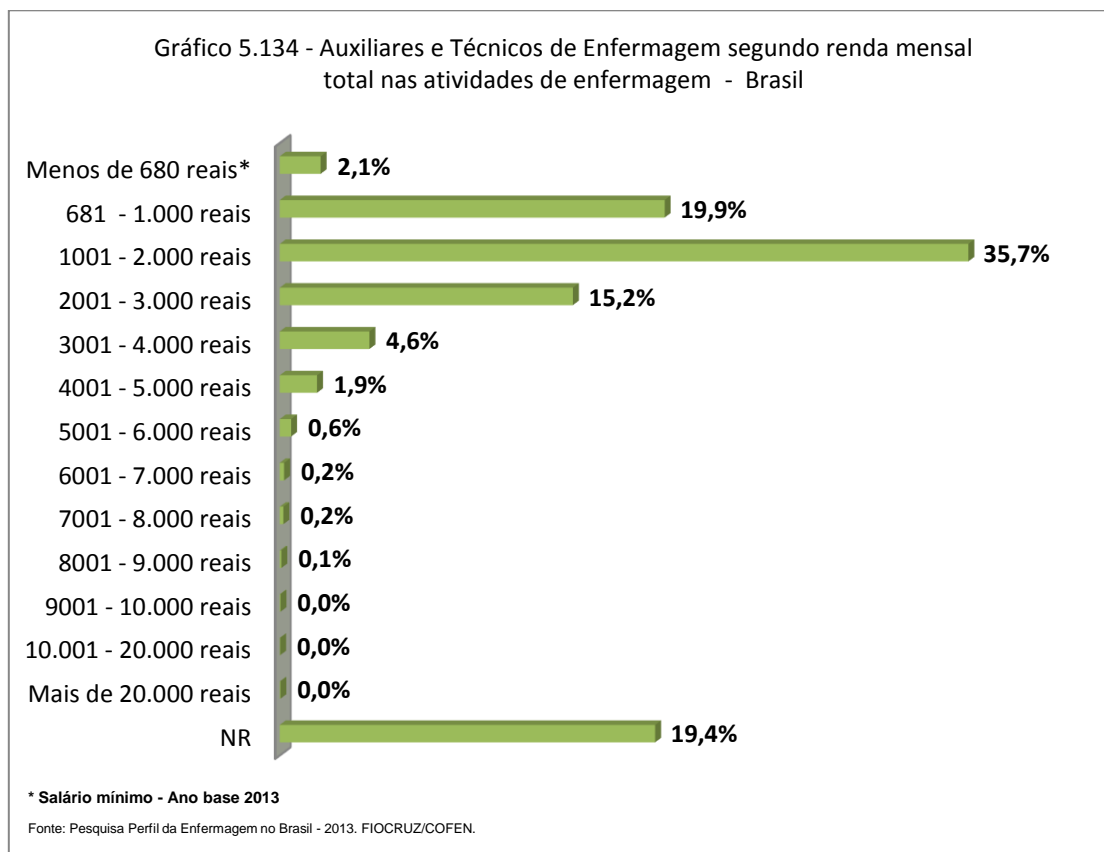
Tabela 5.14b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo renda mensal total nas atividades de enfermagem - Brasil

Renda mensal total	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	29.410	2,1
681 - 1000 reais	276.785	19,9
1001 - 2000 reais	495.569	35,7
2001 - 3000 reais	210.771	15,2
3001 - 4000 reais	64.480	4,6
4001 - 5000 reais	26.763	1,9
5001 - 6000 reais	8.160	0,6
6001 - 7000 reais	3.088	0,2
7001 - 8000 reais	2.582	0,2
8001 - 9000 reais	1.146	0,1
9001 - 10000 reais	532	0,0
10.001 - 20.000 reais	233	0,0
Mais de 20.000 reais	392	0,0
NR	269.911	19,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013



## SALÁRIO IDEAL

Quando se pergunta aos auxiliares e técnicos de enfermagem, no âmbito do país, qual seria o salário ideal constata-se dois fatos: primeiro, mais de 1/3 se recusou a responder (NR); segundo, não há consenso quanto o salário ideal entre eles uma vez que os percentuais correspondentes as faixas salariais não aparecem nenhum destaque relevante (Tabela 5.15b). Contudo, mesmo não havendo consenso, vale observar que duas faixas salariais (1.001 – 2.000 reais e 2.001 – 3.000 reais) representam, juntas, 42% do total.

Tabela 5.15b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo salário ideal - Brasil

Salário ideal	V.Abs.	%
Menos de 680 reais*	2.376	0,2
681 - 1000 reais	15.040	1,1
1001 - 2000 reais	271.697	19,5
2001 - 3000 reais	313.084	22,5
3001 - 4000 reais	126.729	9,1
4001 - 5000 reais	104.463	7,5
5001 - 6000 reais	9.917	0,7
6001 - 7000 reais	8.617	0,6
7001 - 8000 reais	2.221	0,2
8001 - 9000 reais	14.112	1,0
9001 - 10000 reais	4.250	0,3
10.001 - 20.000 reais	999	0,1
Mais de 20.000 reais	0	0,0
NR	516.317	37,1
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* Salário mínimo - Ano base 2013

## OUTRAS ATIVIDADES

Entre os auxiliares e técnicos de enfermagem, 11,8%, ou seja, mais de 160 mil declaram ter outras atividades fora da área de enfermagem (Tabela 5.16b e Gráfico 5.135).

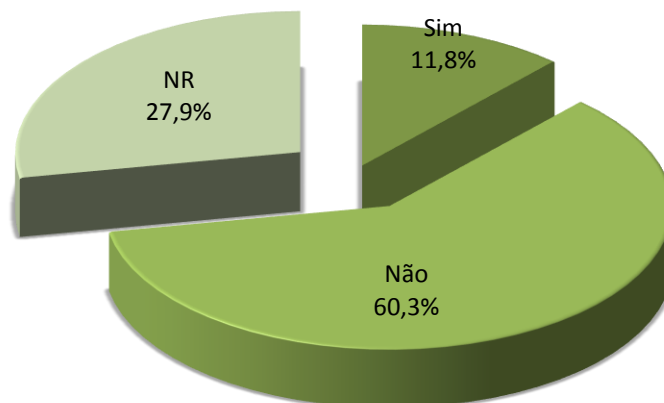
Tabela 5.16b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil

<b>Outras atividades</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	163.935	11,8
Não	838.176	60,3
NR	387.712	27,9
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.135 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atuação em outras atividades fora da área de enfermagem - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

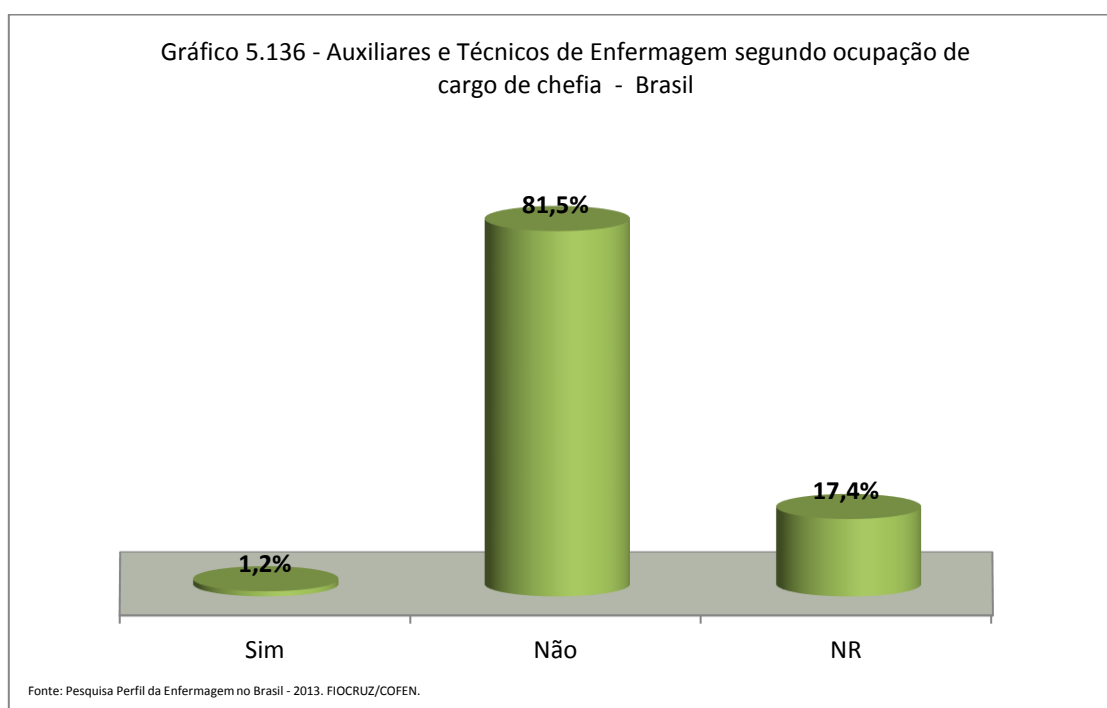
## CARGO DE CHEFIA

Assumindo cargos de chefia somam apenas 1,2% dos auxiliares e técnicos de enfermagem, o que representa pouco mais de 16 mil profissionais. Fato que, a princípio, leva a questionar da pertinência de um auxiliar ou técnicos assumir cargo de chefia. Dois fatores devem estar contribuindo para esta situação: o fato de se ter um quantitativo significativo de profissionais com maior escolaridade que o cargo exige, ou seja, são enfermeiros (de formação) e o cargo (na carreira) que exerce é de auxiliar e/ou técnico, configurando-se na clássica situação funcional de “desvio de função”. A outra possibilidade é a real situação de ausência do enfermeiro para assumir, quase sempre em localidades remotas e de difícil acesso, onde a presença deste profissional é escassa, levando que muitos auxiliares e/ou técnicos assumam o comando, “provisoriamente” (Tabela 5.17b e Gráfico 5.136).

Tabela 5.17b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo ocupação de cargo de chefia - Brasil

<b>Cargo de chefia</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	16.049	1,2
Não	1.132.282	81,5
NR	241.491	17,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPOS DE CARGOS

Daquele contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem, que declarou exercer atividades de chefia, destacam-se: 23,5% que assumiram cargo de “supervisão de Unidades/Enfermaria”; 14,5% gerentes/chefes de Serviços de Enfermagem em Clínicas; 13,2% gerentes/chefes ou diretores de Unidade de Saúde; 10,7% são gerentes/chefes de Serviços de Enfermagem (Clínicas/Programa); e 8,5% gerentes/chefes de Serviços Cirúrgicos/Centro Cirúrgico. As atividades de coordenação de Ensino e Pesquisa somam 3,8%, bem como aquelas relacionadas à chefia do Ambulatório com 5,3%. As atividades de gerencia/chefes ou Direção Geral de Enfermagem representam 4,9%. Observa-se que o índice de “outro”, que não se enquadrou em nenhuma das variáveis possíveis das respostas a este quesito, representa 15,3% (Tabela 5.17.1b e Gráfico 5.137).

Tabela 5.17.1b

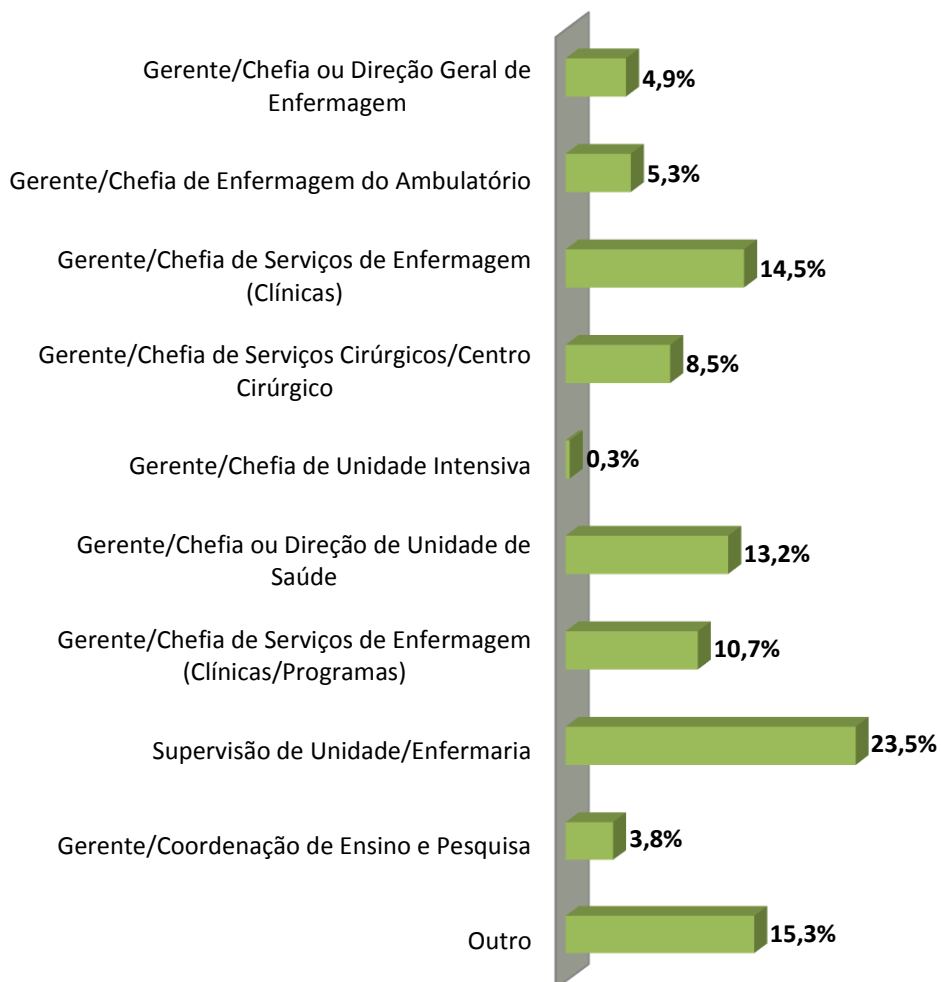
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipos de cargo</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Gerente/Chefia ou Direção Geral de Enfermagem	556	4,9
Gerente/Chefia de Enfermagem do Ambulatório	600	5,3
Gerente/Chefia de Serviços de Enfermagem (Clínicas)	1.643	14,5
Gerente/Chefia de Serviços Cirúrgicos/Centro Cirúrgico	963	8,5
Gerente/Chefia de Unidade Intensiva	37	0,3
Gerente/Chefia ou Direção de Unidade de Saúde	1.497	13,2
Gerente/Chefia de Serviços de Enfermagem (Clínicas/Programas)	1.217	10,7
Supervisão de Unidade/Enfermaria	2.675	23,5
Gerente/Coordenação de Ensino e Pesquisa	437	3,8
Outro	1.737	15,3
<b>Total</b>	<b>11.364</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Gráfico 5.137 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de cargo de chefia que exerce - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ATIVIDADES MAIS FREQUENTES

A atividade de Plantão é mais apontada pelos auxiliares e técnicos de enfermagem (16,9%); seguidas das de Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência (15,7%) e Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/Intensivos, com 14,7%. Somando quase 1/3, aparecem as atividades de Assistência Ambulatorial (9,6%), Assistência Hospitalar no Cuidado Agudo (10,1%) e Assistência Hospitalar Cuidados Paliativos (10,5%). O trabalho em Casa de Parto/Centro de Nascimento representa pouco mais 1% e na ESF/UBS, 3,5% (Tabela 5.18b).

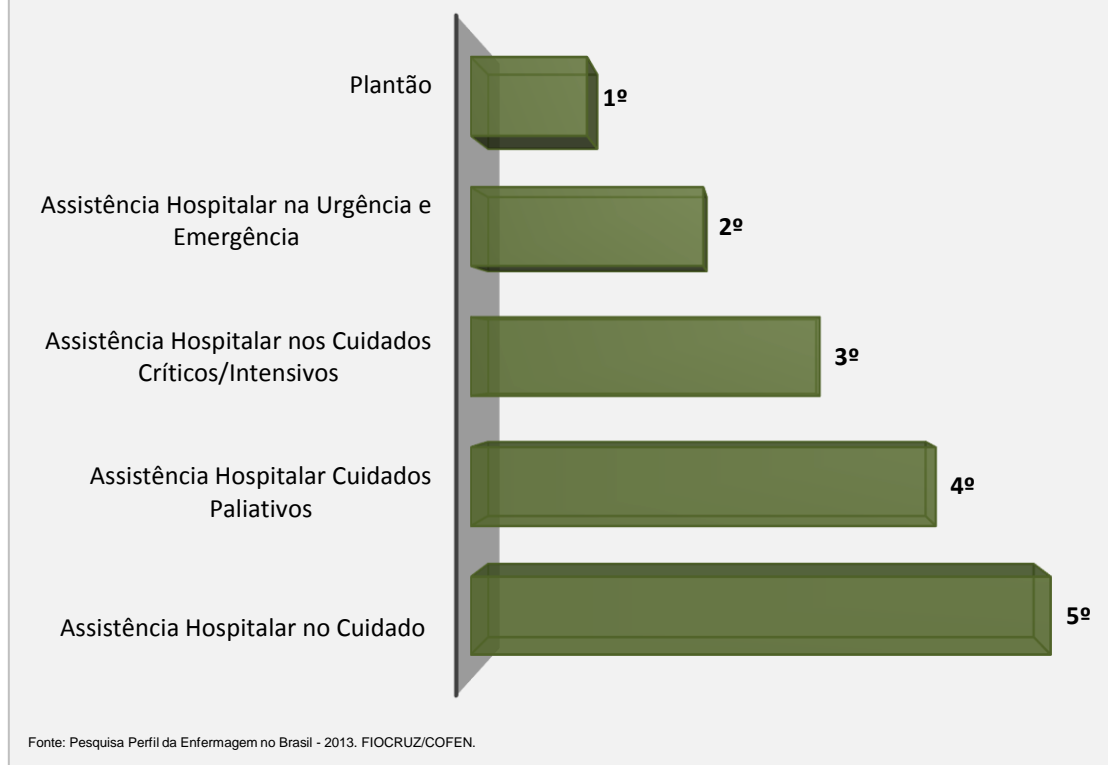
Tabela 5.18b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo atividades mais frequentes que exerce - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Atividades mais frequentes	V.Abs.	%
Docência	9.973	0,4
Pesquisa	18.240	0,8
Assistência Ambulatorial	215.749	9,6
Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência/UPA/Assistência Pré-Hospitalar Móvel (SAMU)	352.356	15,7
Assistência Hospitalar no Cuidado Agudo/Maternidade de Alto Risco/Trabalho de Parto	225.688	10,1
Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/Intensivos/CTI/Centro Cirúrgico	330.187	14,7
Assistência Hospitalar Cuidados Paliativos	235.890	10,5
Assistência Saúde Mental	72.685	3,2
Vigilância em Saúde/Epidemiológica/Sanitária	48.590	2,2
Plantão/Assistência Hospitalar e em Clínicas (Geral)	377.973	16,9
Administração e Supervisão de Enfermagem/Coordenação/RT	13.569	0,6
Trabalho na Comunidade/Palestras na Sociedade em Geral	68.754	3,1
Trabalho em Serviços de Apoio a Diagnose e Terapia - SADT/Serviços Especializados/Saúde do Trabalho e Ocupacional/Laboratórios	22.204	1,0
Trabalho em Casa de Parto/Centro de Nascimento	28.279	1,3
Assistência de Enfermagem no Domicílio - <i>Homecare</i>	54.386	2,4
Assistência de Enfermagem na ESF/UBS/PSF/Assistência Indígena/Posto ou Centro de Saúde/Imunizações	78.397	3,5
Atendimento Particular	56.139	2,5
Gestão no Nível Central/Auditoria/Administração em Geral/Gestor e/ou Diretor de Unidade	2.859	0,1
Trabalho em Entidade de Classe/Fiscalização	94	0,0
Voluntário	448	0,0
Atividades fora da Enfermagem/Desemprego/Subemprego/Aposentada	9.237	0,4
Central de Material e Esterilização (CME)	12.393	0,6
Outro	5.829	0,3
<b>Total</b>	<b>2.239.918</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

**Figura 5.9 - Ranking das cinco atividades mais frequentes que os Auxiliares e Técnicos de Enfermagem exercem - Brasil**



No *ranking* das atividades exercidas pelos auxiliares e técnicos de enfermagem (Figura 5.9), destacam-se cinco mais frequentes: a) Plantão; b) Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência; c) Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/Intensivos; d) Assistência Hospitalar Cuidados Paliativos, e) Assistência Hospitalar no Cuidado Agudo. Chama atenção que todas as atividades aqui apontadas são fundamentalmente de assistência direta, diferentemente dos enfermeiros.

## ATIVIDADE EM COOPERATIVA

No Brasil, do contingente de auxiliares e técnicos de enfermagem, apenas 3,9% prestam serviços de enfermagem por meio de Cooperativas (Tabela 5.19b e Gráfico 5.138).

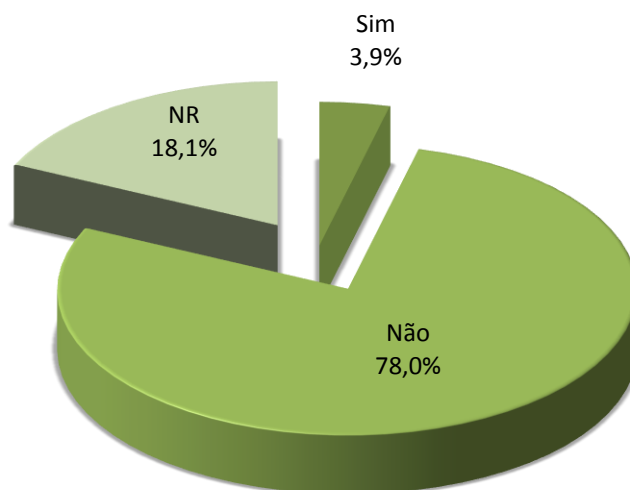
Tabela 5.19b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil

<b>Trabalho em cooperativa</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	54.646	3,9
Não	1.083.836	78,0
NR	251.341	18,1
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.138 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo prestação de assistência de enfermagem por meio de cooperativa - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## TRABALHO NO EXTERIOR

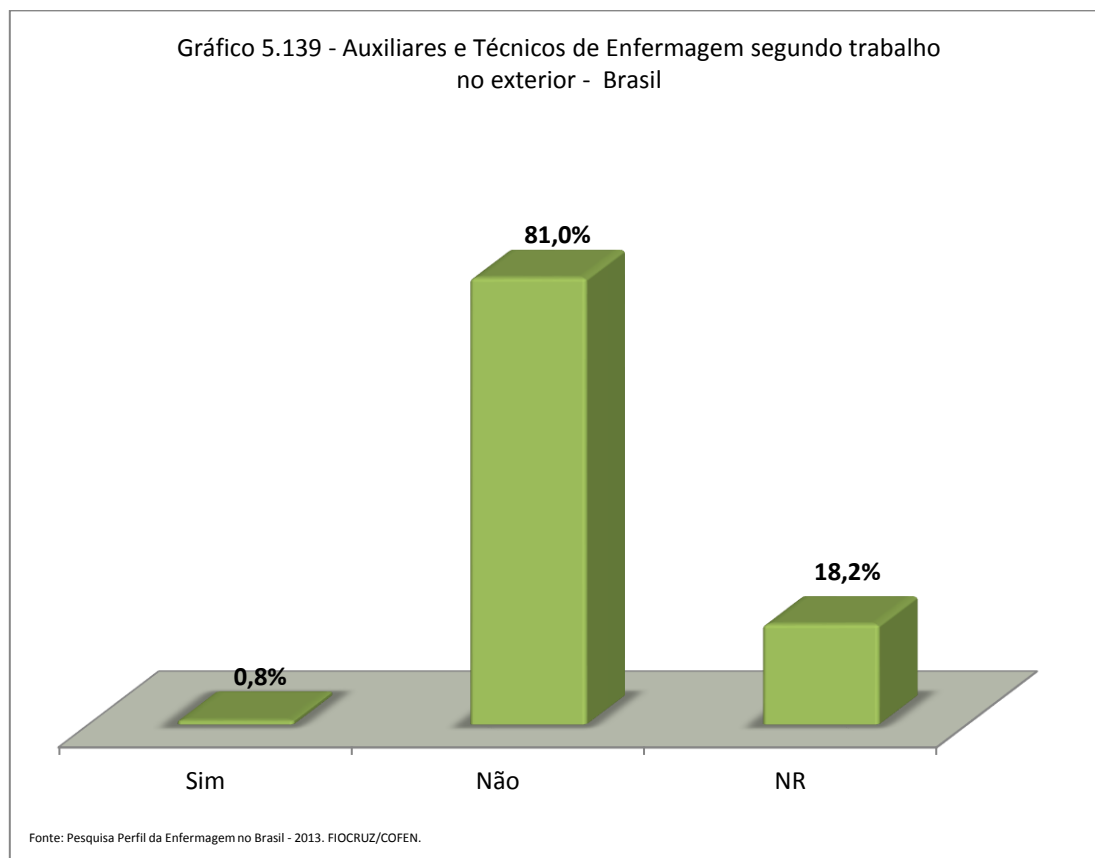
Menos de 1% dos auxiliares e técnicos de enfermagem experimentou trabalhar no exterior (Tabela 5.20b e Gráfico 5.139).

Tabela 5.20b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil

<b>Trabalho no exterior</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	10.880	0,8
Não	1.126.104	81,0
NR	252.839	18,2
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.139 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo trabalho no exterior - Brasil



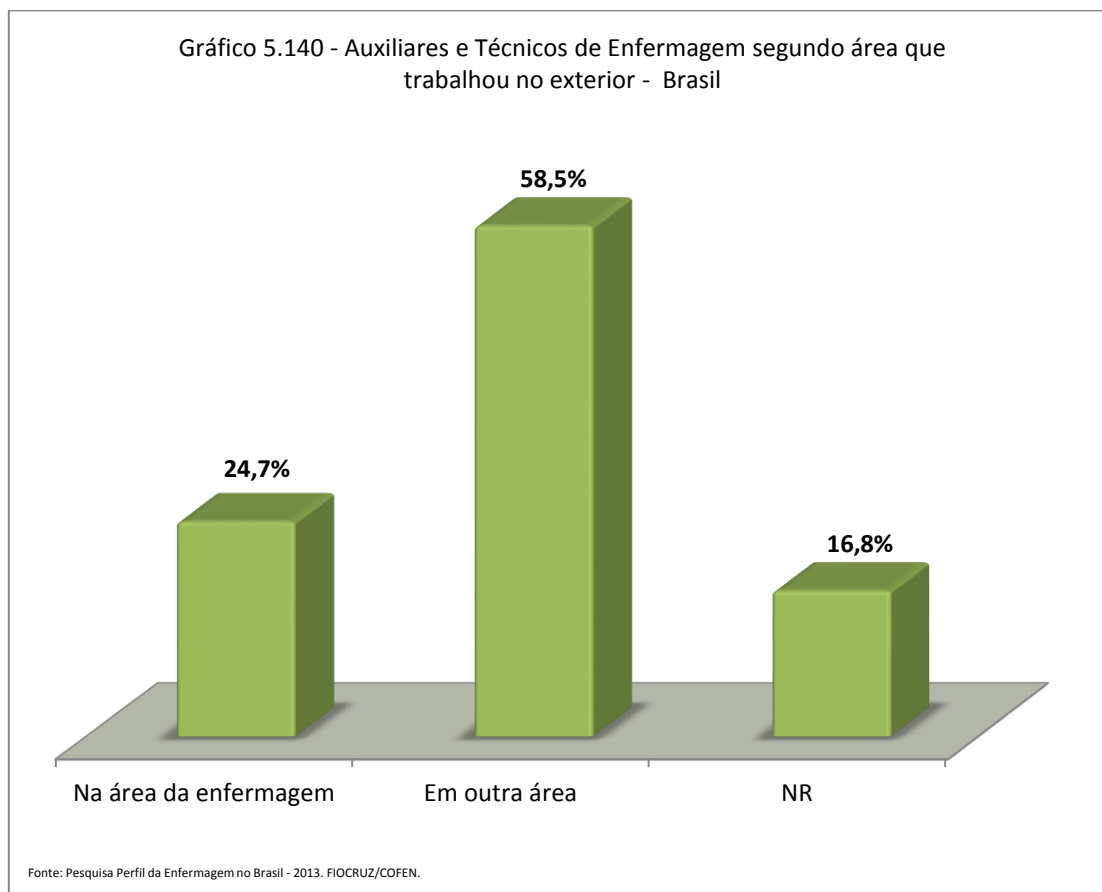
## ÁREA DE TRABALHO

Aqueles que saíram do país para trabalhar, 24,7% atuaram na área; contudo, 58,5% trabalharam fora da área (Tabela 5.20.1b e Gráfico 5.140).

Tabela 5.20.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo área que trabalhou no exterior - Brasil

Área	V.Abs.	%
Na área da enfermagem	2.690	24,7
Em outra área	6.360	58,5
NR	1.830	16,8
<b>Total</b>	<b>10.880</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## DESEJO DE TRABALHAR NO EXTERIOR

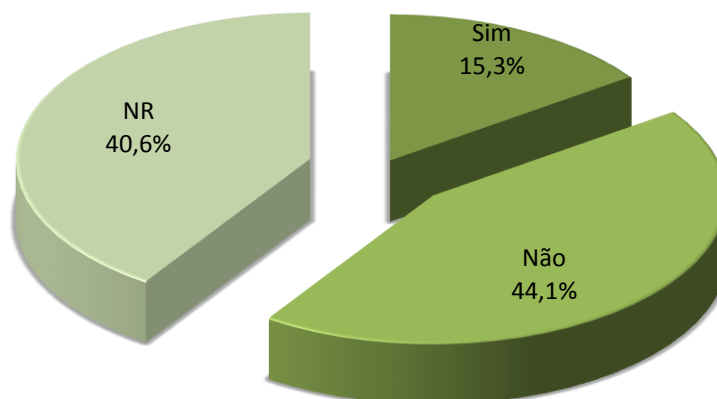
No ambiente nacional, chama atenção que 212 mil auxiliares e técnicos de enfermagem (15,3%) expressam desejo de trabalhar fora do país (Tabela 5.20.2b e Gráfico 5.141).

Tabela 5.20.2b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil

Desejo	V.Abs.	%
Sim	212.948	15,3
Não	612.733	44,1
NR	564.142	40,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 5.141 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desejo de trabalhar no exterior - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## PARTE VII

---

# PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO





## **EQUIPE DE ENFERMAGEM**



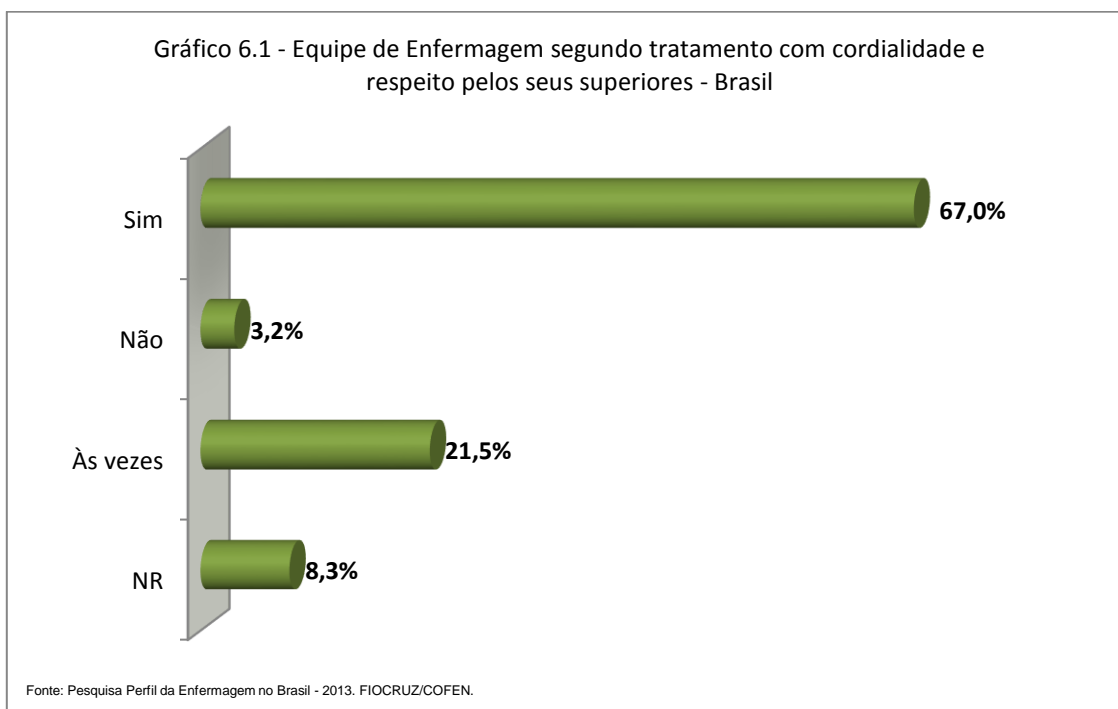
## CORDIALIDADE E RESPEITO PELOS SEUS SUPERIORES

Em um primeiro momento, procurou-se analisar um conjunto de variáveis que diz respeito a como o profissional se sente nos seus locais de trabalho. O item abordado refere-se a forma como ele é tratado em relação à cordialidade e respeito. Os dados nacionais mostram que a maioria da equipe de enfermagem (67%), no Brasil, considera que é tratada com cordialidade e respeito pelos seus superiores. No entanto, se somado aqueles que dizem que só “às vezes” recebem este tratamento (21,5%) aos que responderam “não” (3,2%), índices chegam a 24,7%, ou seja, aproximadamente 1/4 do contingente não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus superiores (Tabela 6.1 e Gráfico 6.1).

Tabela 6.1  
Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores  
Brasil

Seus superiores	V.Abs.	%
Sim	1.208.347	67,0
Não	57.198	3,2
Às vezes	388.405	21,5
NR	150.585	8,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO PELA EQUIPE DE SAÚDE

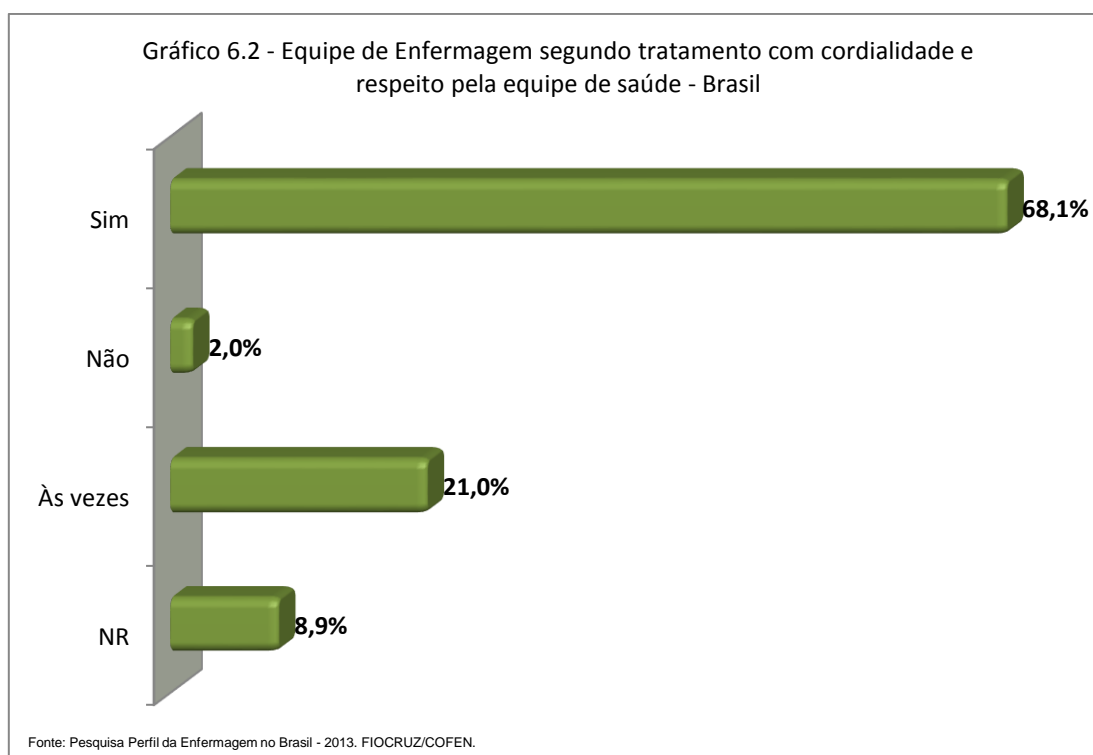
Quando o tratamento se refere à equipe de saúde, os valores sobem para 68,1%, enquanto 21% referem que “às vezes” e 2% que declaram falta de cordialidade e de respeito, o que soma 23%, ou seja, quase 1/4 da enfermagem não é tratada (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus colegas (Tabela 6.1.2 e Gráfico 6.2).

Tabela 6.1.2

Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde Brasil

<b>Equipe de saúde</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	1.229.106	68,1
Não	35.196	2,0
Às vezes	379.130	21,0
NR	161.103	8,9
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO NA EQUIPE DE ENFERMAGEM

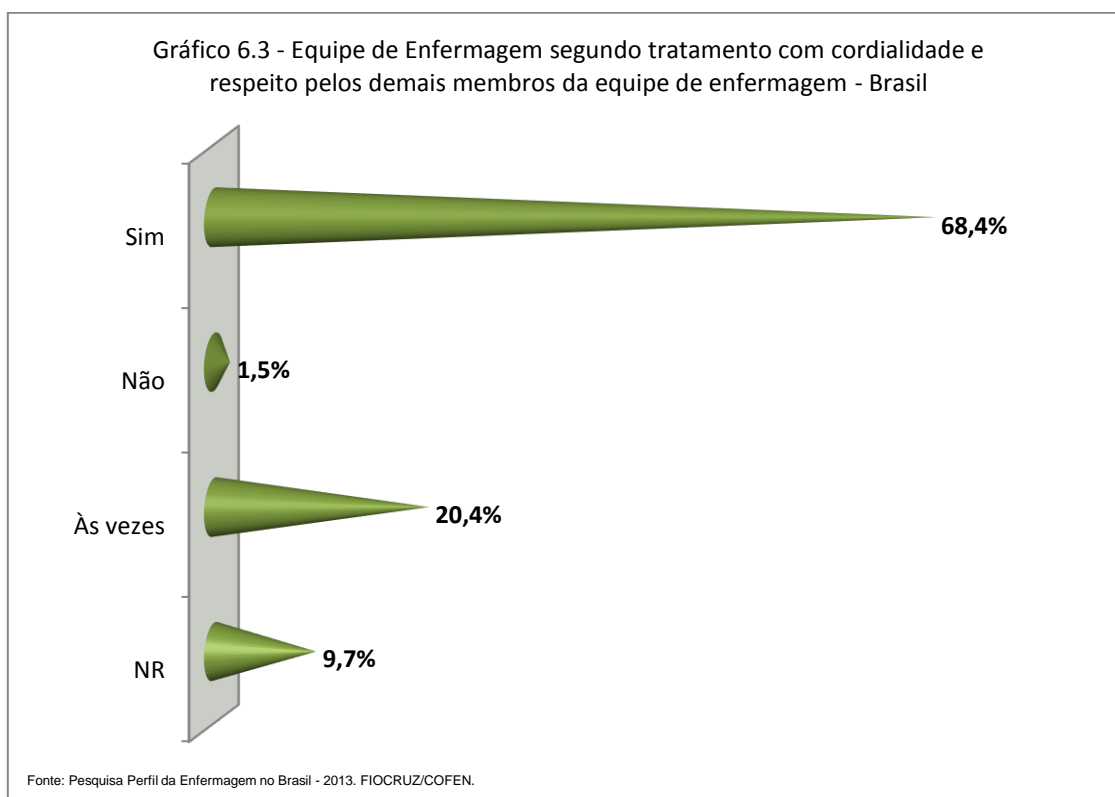
Já no âmbito da própria equipe de enfermagem, os números ficam muito próximos dos registrados para a equipe de saúde como um todo: 68,4% reportam trato cordial e respeitoso, 20,4% “às vezes” e 1,5% indicam tratamento contrário, ou seja, 21,9% não são tratados (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus próprios colegas (Tabela 6.1.3 e Gráfico 6.3).

Tabela 6.1.3

Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

<b>Equipe de enfermagem</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	1.234.490	68,4
Não	27.672	1,5
Às vezes	367.601	20,4
NR	174.772	9,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO PELA POPULAÇÃO

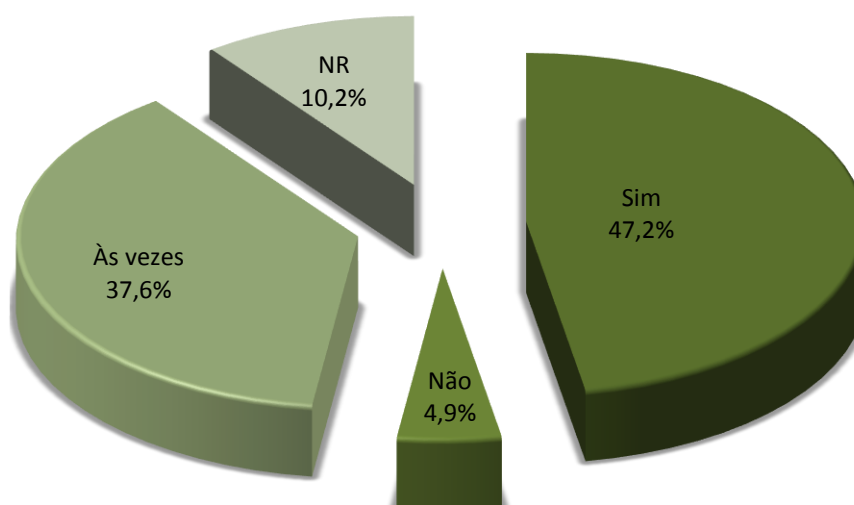
Situação preocupante refere-se à percepção que a equipe tem quanto à população usuária (seus pacientes), no qual menos da metade (47,2%) afirma receber tratamento cordial e respeitoso daqueles que são atendidos por eles. Reforça ainda mais uma percepção negativa quando 37,6% indicam que somente “às vezes” e 4,9% declaram não receber tratamento cordial e respeitoso, o que significa que 42,5% não se sentem bem tratados e respeitados pelos pacientes e/ou familiares, usuários do sistema de saúde (Tabela 6.1.4 e Gráfico 6.4).

Tabela 6.1.4  
Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

População	V.Abs.	%
Sim	852.345	47,2
Não	88.618	4,9
Às vezes	679.319	37,6
NR	184.253	10,2
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.4 - Equipe de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Torna-se fundamental que todos aqueles que fazem parte das relações de trabalho na saúde (superiores, equipe de saúde, equipe de enfermagem e usuários, etc.), tratem uns aos outros com respeito, cordialidade e urbanidade, os dados apresentados pela pesquisa sugerem um ambiente de trabalho que precisa melhorar, no que tange à adoção de comportamentos respeitosos e cordiais. Essas transformações visam relações mais saudáveis e dignas e apontam para a necessidade de promoção de mudanças nas condutas e práticas que se estabelecem no contexto do mundo do trabalho.

Importante observar que essa “pouca cordialidade e respeito” da população usuária do sistema de saúde, de um modo geral, para com a enfermagem, reflete, na verdade, uma forma descortês e pouco respeitosa desses usuários e familiares com a equipe de saúde como um todo. Relatos e denúncias são recorrentes descrevendo situações em que médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e toda a equipe de enfermagem, profissionais mais da linha de frente do atendimento, são frequentemente agredidos física e verbalmente, tendo que recorrer, muitas vezes, à ajuda policial. Essa situação é inadmissível no ambiente de saúde, requerendo das autoridades públicas medidas protetoras e inibidoras destas situações para com a equipe de saúde.



## CLIMA DE CONFIANÇA

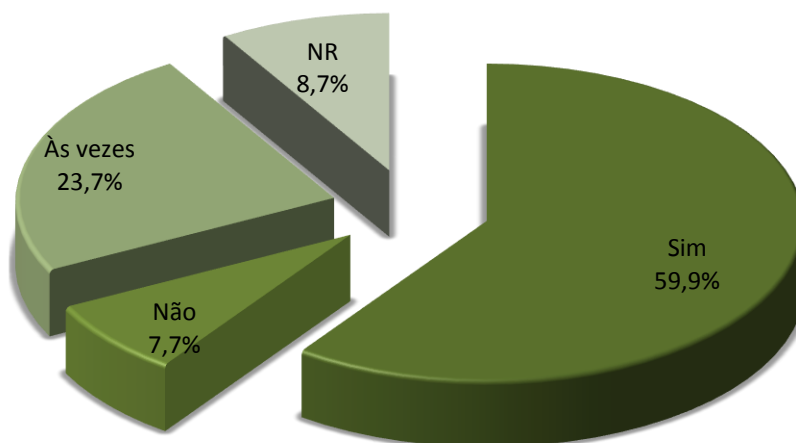
Quando perguntados sobre existência de clima de confiança entre os colegas de trabalho, mais da metade da equipe (59,9%) reporta sentimento de confiança. No entanto, considerando que a confiança é um dos elementos-chave nas relações de trabalho, quer no trabalho coletivo e colaborativo, quanto na produção dos resultados, torna-se relevante que, se somado os que “às vezes” desfrutam deste clima (23,7%) com aqueles que responderam “não” (7,7%), este percentual alcance mais de 30% (Tabela 6.1.5 e Gráfico 6.5).

Tabela 6.1.5  
Equipe de Enfermagem segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil

<b>Confiança</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	1.080.091	59,9
Não	138.488	7,7
Às vezes	428.312	23,7
NR	157.645	8,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.5 - Equipe de Enfermagem segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

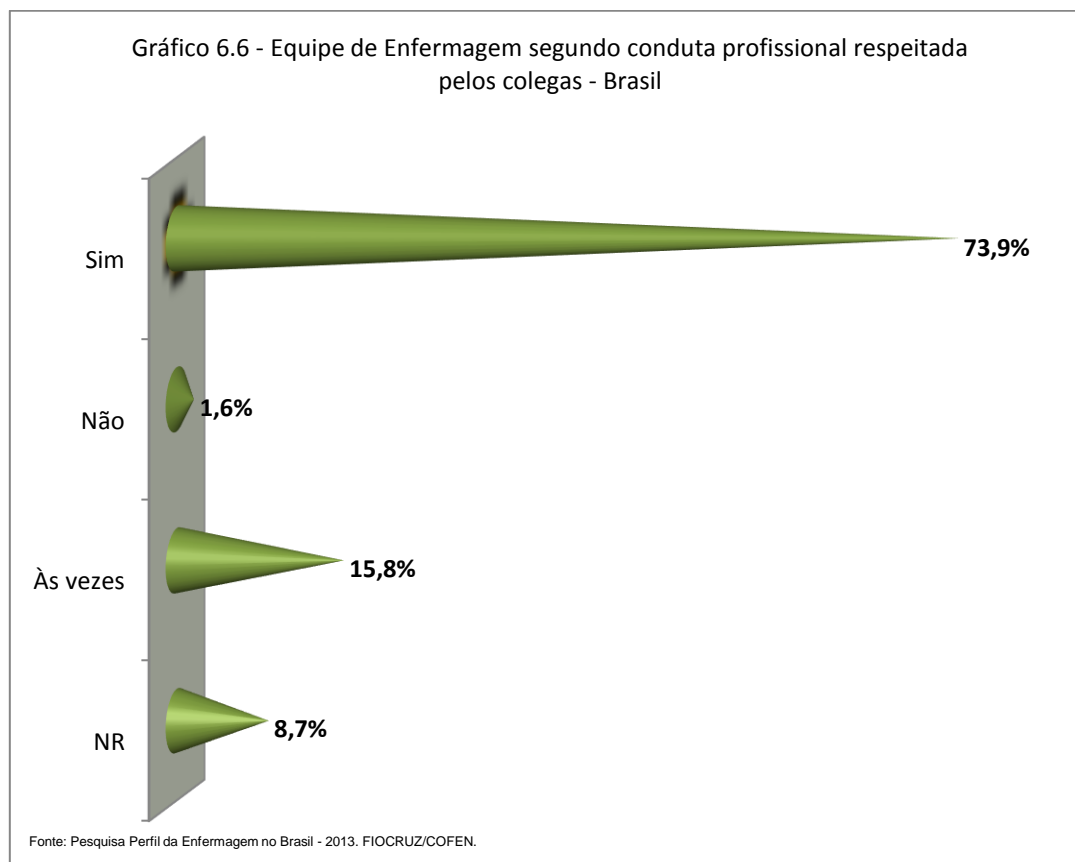
## CONDUTA RESPEITADA

As ações dos profissionais de enfermagem estão alicerçadas nos valores da profissão e no Código de Ética da Enfermagem. Desta forma, 73,9% revelam a existência, entre os pares, de um clima de respeito profissional em relação às condutas adotadas pela equipe, no cotidiano (Tabela 6.1.6 e Gráfico 6.6). Chama atenção que 17,4% responderam “às vezes” e “não” a esse quesito.

Tabela 6.1.6  
Equipe de Enfermagem segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

Conduta respeitada	V.Abs.	%
Sim	1.332.873	73,9
Não	29.619	1,6
Às vezes	285.110	15,8
NR	156.933	8,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



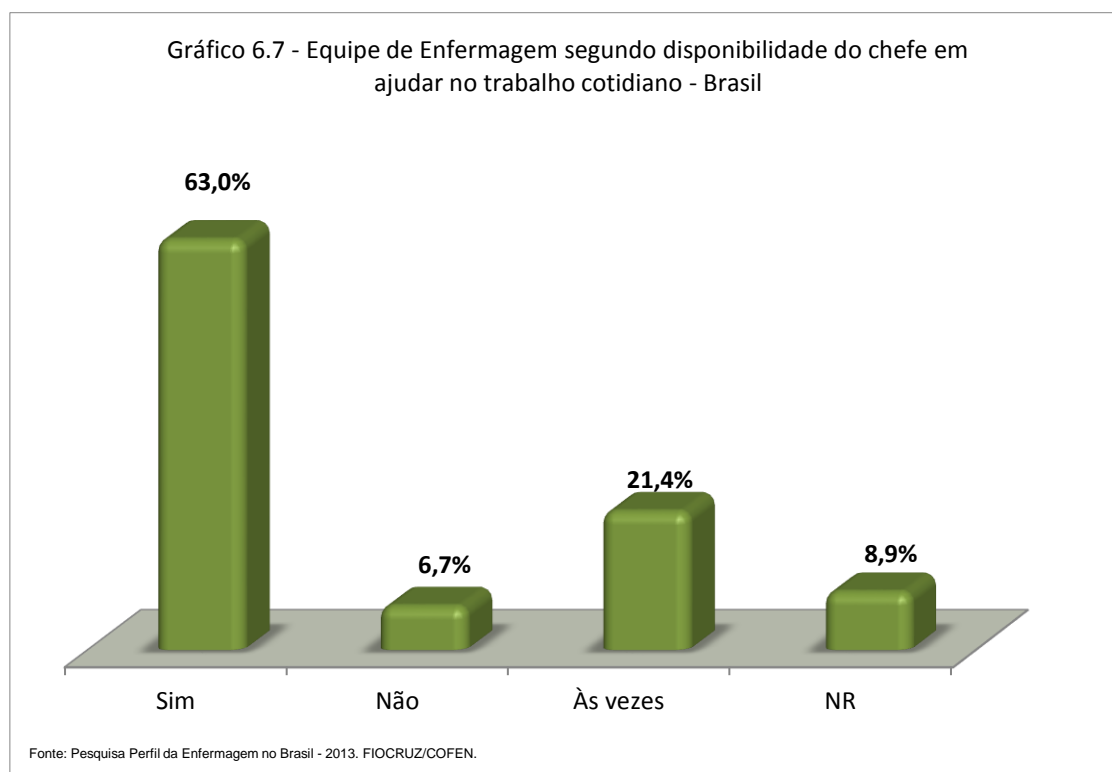
## DISPONIBILIDADE DO CHEFE

No que diz respeito à percepção da enfermagem brasileira, quanto à disponibilidade do chefe em ajudá-la diante das dificuldades que se apresentam no desempenho do trabalho, somente 63% contam com esse apoio, enquanto 21,4% alegam que somente “às vezes” e 6,7% não contam. O que significa dizer que mais de 1/4 da equipe vê seus chefes distantes, inacessíveis, quando necessita de ajuda profissional (Tabela 6.1.7 e Gráfico 6.7).

Tabela 6.1.7  
Equipe de Enfermagem segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano  
Brasil

Disponibilidade	V.Abs.	%
Sim	1.136.312	63,0
Não	121.636	6,7
Às vezes	385.296	21,4
NR	161.291	8,9
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A garantia de liberdade de expressão, que é fundamental e suporte essencial para relações de trabalho saudáveis, é percebida por 61,9% quando se refere a liberdade de se expressar com os superiores (chefia, coordenação, direção, etc.). No entanto, registra-se que 21,3% afirmam ter “às vezes” e 8,1% não ter essa liberdade. Isso somado representa quase 1/3 do contingente que não se sente à vontade com seus superiores para expressar sua opinião, manifestação ou até mesmo alguma queixa em relação ao trabalho, aos colegas, aos pacientes, ou até mesmo deles próprios, os chefes (Tabela 6.1.8 e Gráfico 6.8).

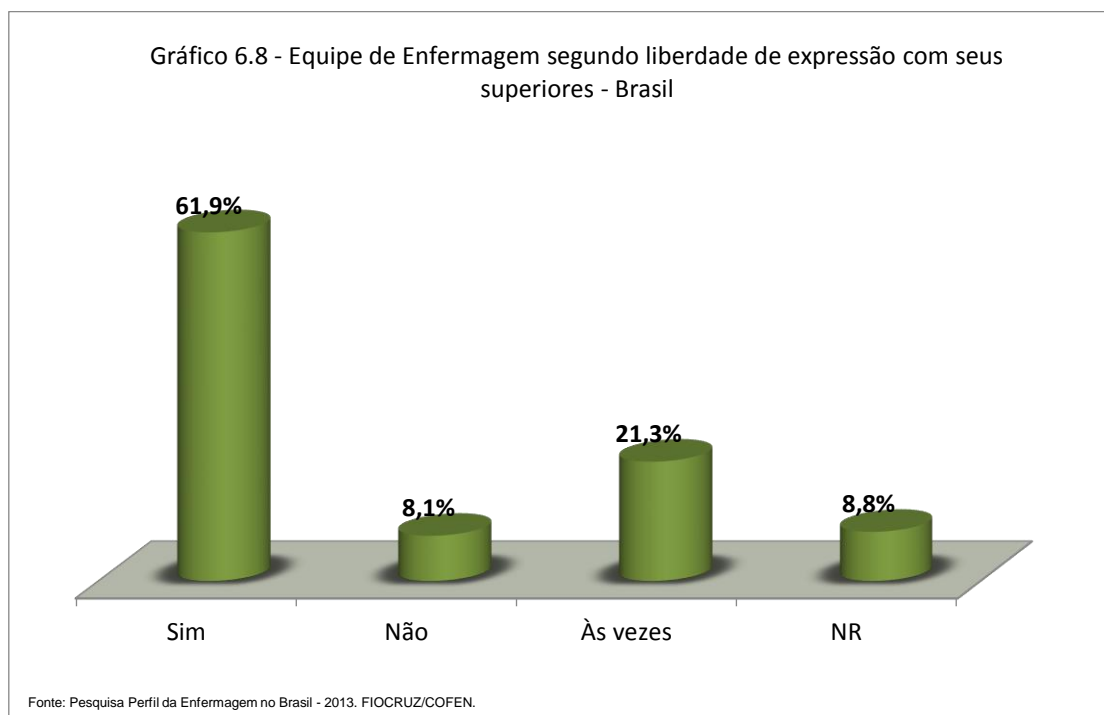
Tabela 6.1.8

Equipe de Enfermagem segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

<b>Liberdade de expressão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	1.116.180	61,9
Não	145.913	8,1
Às vezes	383.880	21,3
NR	158.562	8,8
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.8 - Equipe de Enfermagem segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil



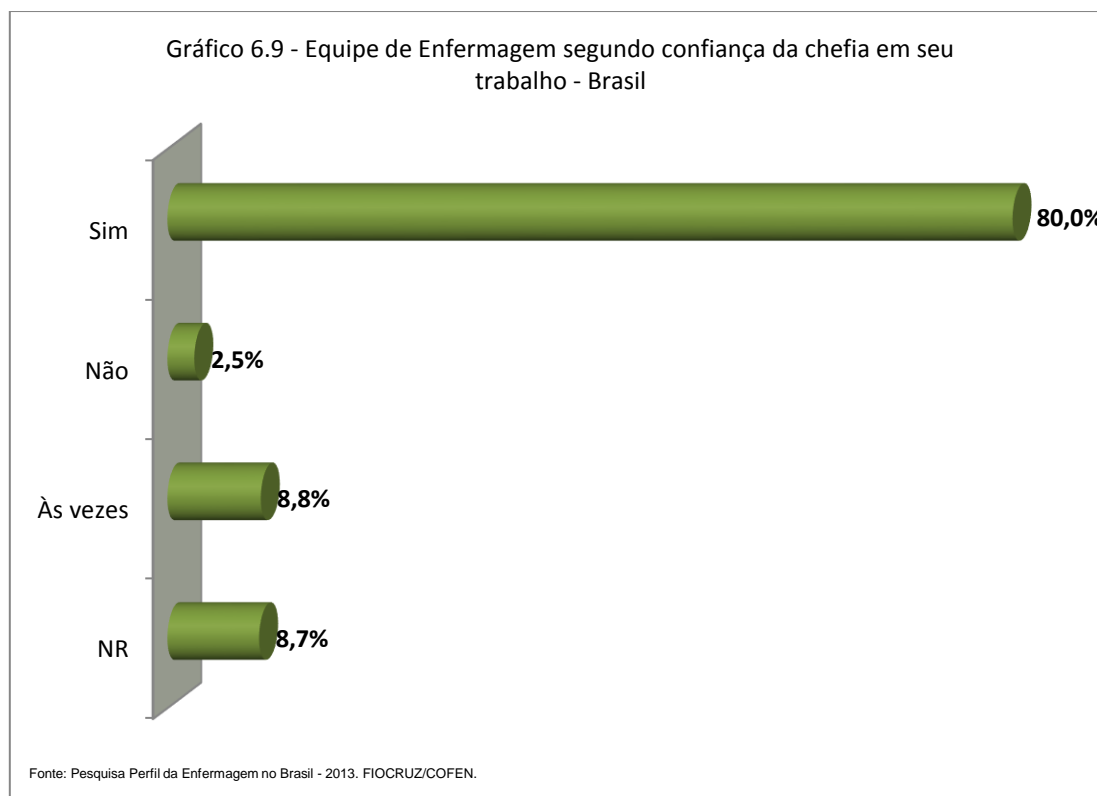
## CONFIANÇA DA CHEFIA

Por outro lado, positivamente, 80% expressam que sua chefia tem confiança em seu trabalho cotidiano. Tal percentual permite afirmar que a equipe estabelece relações de trabalho baseadas na confiança, sendo uma das condições indispensáveis para a cooperação, sinergia e integração dos indivíduos envolvidos no processo de trabalho de enfermagem. Aqueles que sentem “às vezes” ou até mesmo não tem essa confiança somam 11,3% (Tabela 6.1.9 e Gráfico 6.9).

Tabela 6.1.9  
Equipe de Enfermagem segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

Confiança da chefia	V.Abs.	%
Sim	1.443.012	80,0
Não	45.858	2,5
Às vezes	159.287	8,8
NR	156.379	8,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Em resumo, chama a atenção que o clima de confiança entre seus próprios colegas de trabalho é o quesito pior avaliado pelos profissionais, enquanto a confiança de seu chefe em seu trabalho é a melhor posicionada nesta escala. No entanto, fica claro que, apesar da confiança do chefe, essa equipe não obtém dele a proteção e amparo em momentos de dificuldades e muito menos se sente com liberdade para dizer o que pensa em relação ao cotidiano do trabalho.

## PROTEÇÃO

A questão da violência no trabalho no interior das instituições de saúde, tem sido alvo de grande debate no meio sindical, denunciando situações em que o profissional, em geral, se sente, com frequência, completamente desprotegido e a mercê de ataques muitas vezes agressivos da população usuária, àqueles que se encontram trabalhando nos hospitais e ambulatorios em geral, sejam públicos ou privados.

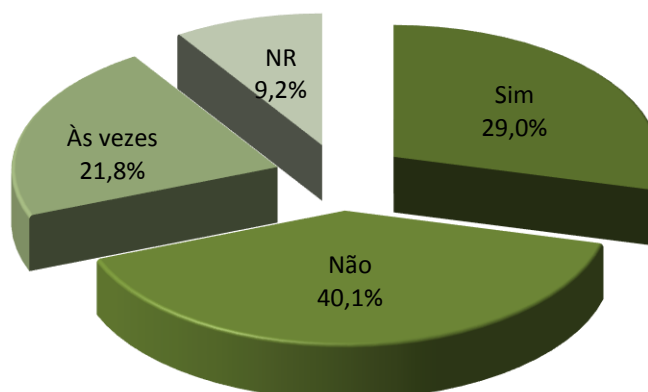
A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil atesta essa afirmativa, quanto à percepção da equipe de enfermagem sobre o sentimento de proteção no ambiente institucional contra a violência que nele ocorre. Os dados mostram que somente 29%, ou seja, menos de 1/3 da equipe afirma sentir-se segura, contra 21,8% que se sentem “às vezes” e 40,1% que não se sentem protegidos. A soma de 61,9% das duas variáveis que expressam insegurança, mostra um ambiente marcado pela desproteção de quase 1,2 milhões de trabalhadores da enfermagem no Brasil (Tabela 6.1.10 e Gráfico 6.10).

Tabela 6.1.10  
Equipe de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho  
Brasil

Proteção no trabalho	V.Abs.	%
Sim	522.730	29,0
Não	723.895	40,1
Às vezes	392.740	21,8
NR	165.170	9,2
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.10 - Equipe de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

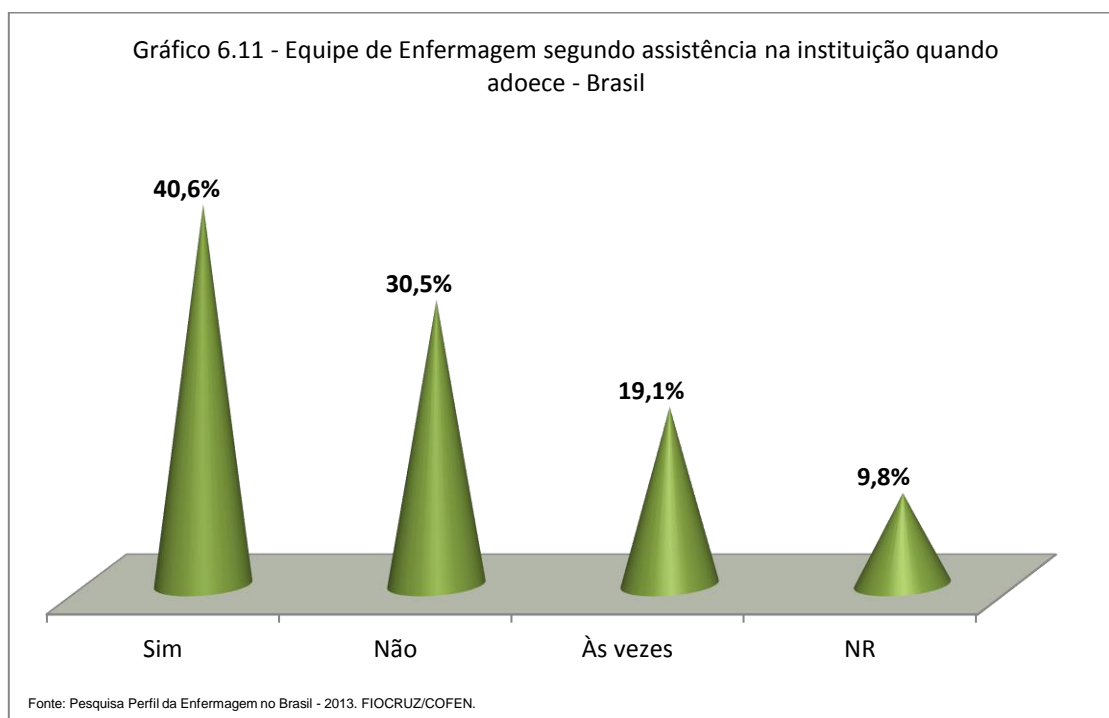
## ASSISTÊNCIA

Essa mesma equipe informa que apenas 40,6%, em todo o país, são assistidos pela própria instituição na qual trabalham quando adoecem. Aqueles que não são assistidos somam 30,5% e 19,1% somente “às vezes”. A soma destes dois últimos valores atinge 49,6%, ou seja, quase a metade da equipe que embora lide diretamente com o cuidado e a saúde das pessoas, não tem amparo institucional quando se trata do cuidado com a sua própria saúde (Tabela 6.1.11 e Gráfico 6.11).

Tabela 6.1.11  
Equipe de Enfermagem segundo assistência na instituição quando adoece - Brasil

<b>Assistência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	733.308	40,6
Não	549.505	30,5
Às vezes	343.988	19,1
NR	177.735	9,8
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





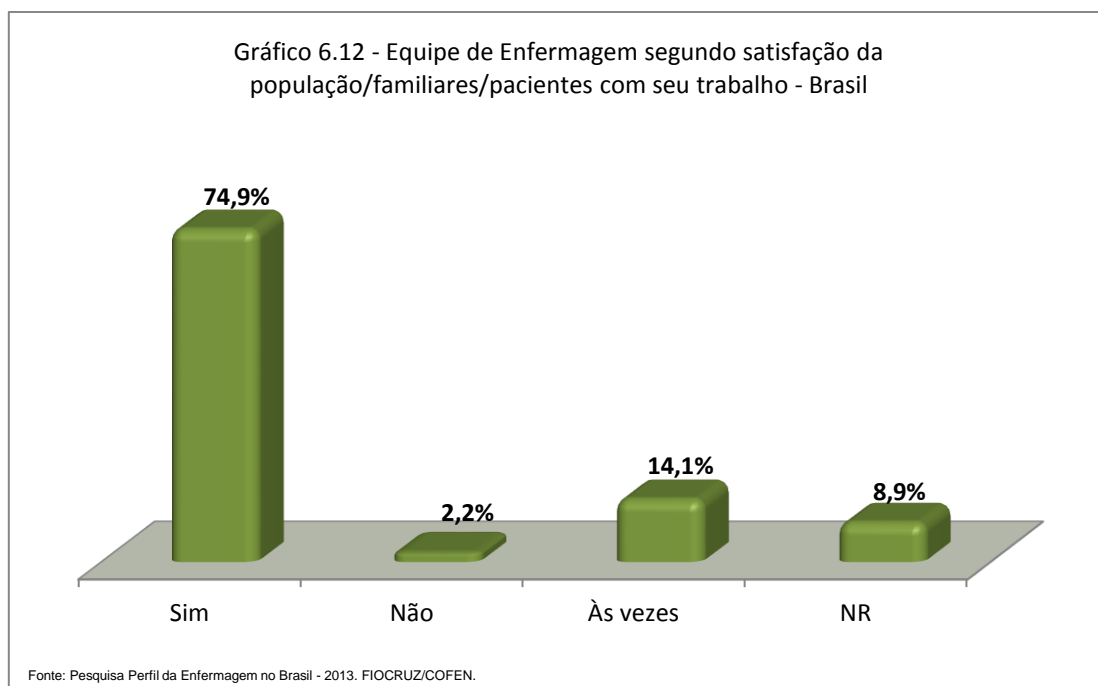
## POPULAÇÃO SATISFEITA

Paradoxalmente, a maioria (74,9%) da equipe sente que a população, os familiares e os próprios pacientes demonstram satisfação com o trabalho prestado (Tabela 6.1.12 e Gráfico 6.12). Isso choca com dados da pesquisa analisados anteriormente, que mostram desrespeito e baixa cordialidade dessa população usuária com o pessoal da enfermagem. Um exemplo é que menos da metade (47,2%) afirma receber tratamento cordial e respeitoso da população usuária de seus serviços. Outros dados, como será visto mais à frente, atestam uma enorme insatisfação e desapontamento da enfermagem com sua profissão, quando boa parte se sente desprestigiada, desvalorizada e acima de tudo, desrespeitada, de forma geral.

Tabela 6.1.12  
Equipe de Enfermagem segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho - Brasil

Satisfação da população	V.Abs.	%
Sim	1.351.184	74,9
Não	39.035	2,2
Às vezes	254.437	14,1
NR	159.879	8,9
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## VIOLÊNCIA NO TRABALHO

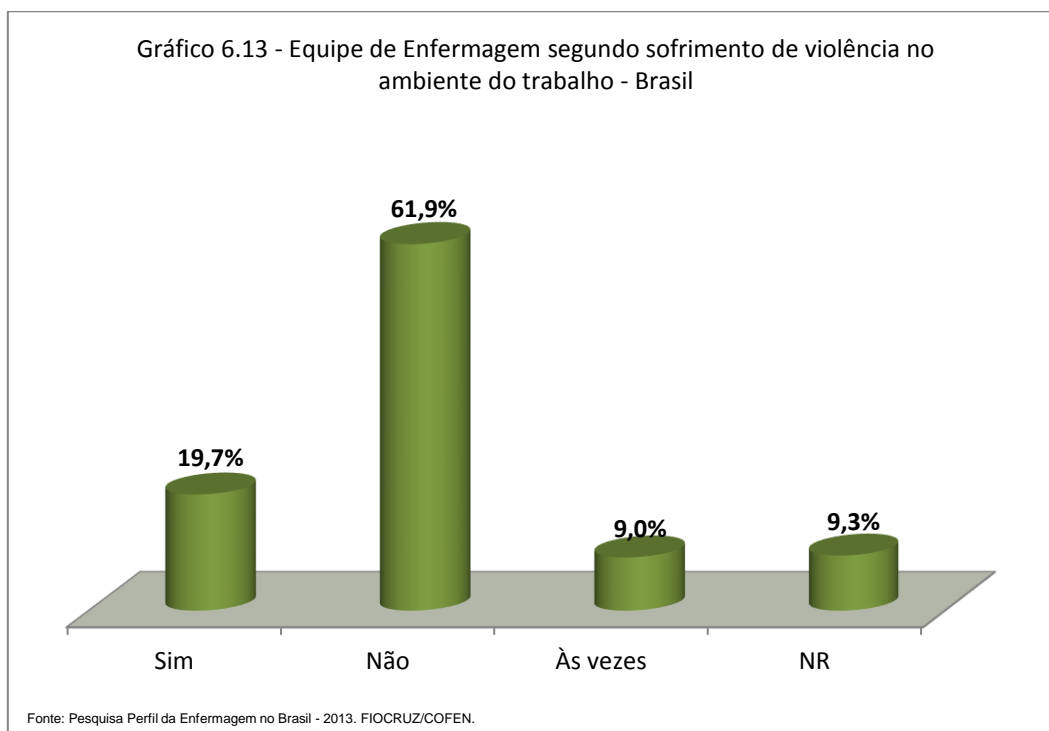
Quando a enfermagem brasileira foi indagada se sofre ou já sofreu alguma violência no trabalho, 19,7% afirmaram que sim e aqueles que “às vezes” já sofreram representam 9%. Se somados, isso significa dizer que mais de 1/4 do contingente já sofreu violência no trabalho. Por outro lado, aqueles que não sofrem ou não sofreram somam 61,9% (Tabela 6.1.13 e Gráfico 6.13). Contudo, mesmo tendo a maioria afirmado não sofrer violência no âmbito do trabalho, torna-se importante não só registrar como analisar mais profundamente.

Tabela 6.1.13

Equipe de Enfermagem segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

<b>Violência no trabalho</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	355.440	19,7
Não	1.117.713	61,9
Às vezes	162.890	9,0
NR	168.492	9,3
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE VIOLÊNCIA

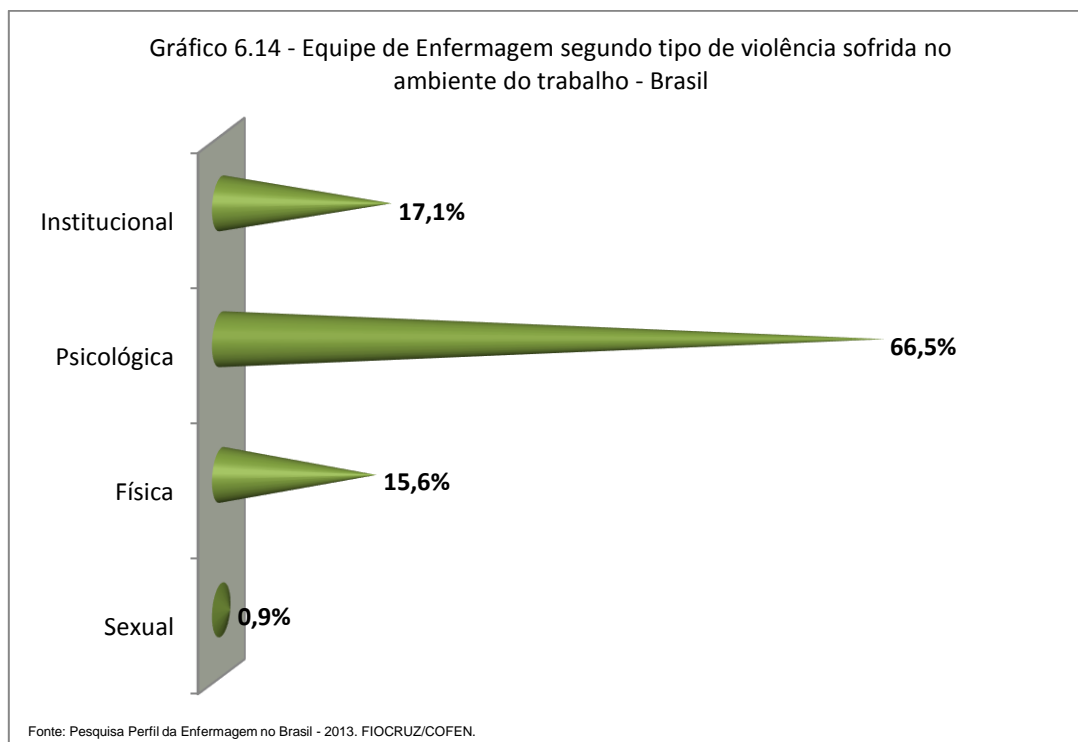
A pesquisa buscou captar a tipologia da violência que está presente no cotidiano das instituições de saúde do país: psicológica, institucional, física e sexual. Na equipe, os dados apontam com maior frequência a violência psicológica (66,5%), seguida pela institucional com 17,1%, a física com 15,6%, sendo a sexual a menos apontada, com apenas 0,9%. Um dado importante, que será visto mais a frente, é localizar onde esses tipos de violência são mais evidentes, se entre os enfermeiros ou nos auxiliares e técnicos (Tabela 6.1.13.1 e Gráfico 6.14).

Tabela 6.1.13.1

Equipe de Enfermagem segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de violência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Institucional	106.599	17,1
Psicológica	415.234	66,5
Física	97.186	15,6
Sexual	5.590	0,9
<b>Total</b>	<b>624.610</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## DISCRIMINAÇÃO

Ao serem indagados se já sofreram discriminação no ambiente de trabalho, a maioria da equipe (68,7%) afirma não ter sofrido. Apenas 12,3% já experimentaram alguma discriminação e 5,8% dizem que “às vezes” sofrem, o que soma 18,1% (Tabela 6.1.14 e Gráfico 6.15).

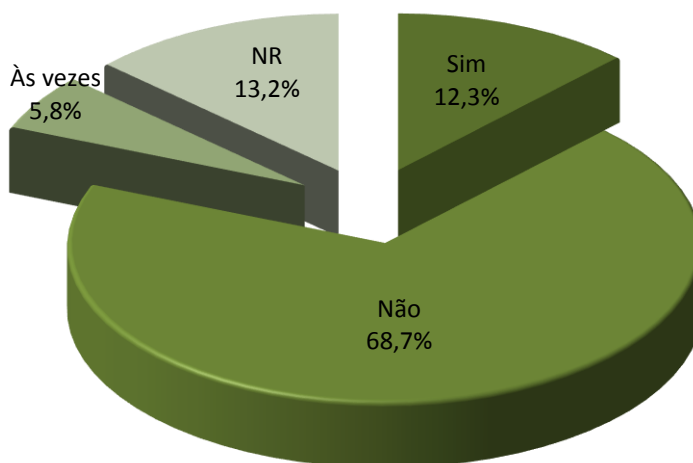
Tabela 6.1.14

Equipe de Enfermagem segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

<b>Discriminação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	221.770	12,3
Não	1.240.510	68,7
Às vezes	104.251	5,8
NR	238.004	13,2
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.15 - Equipe de Enfermagem segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

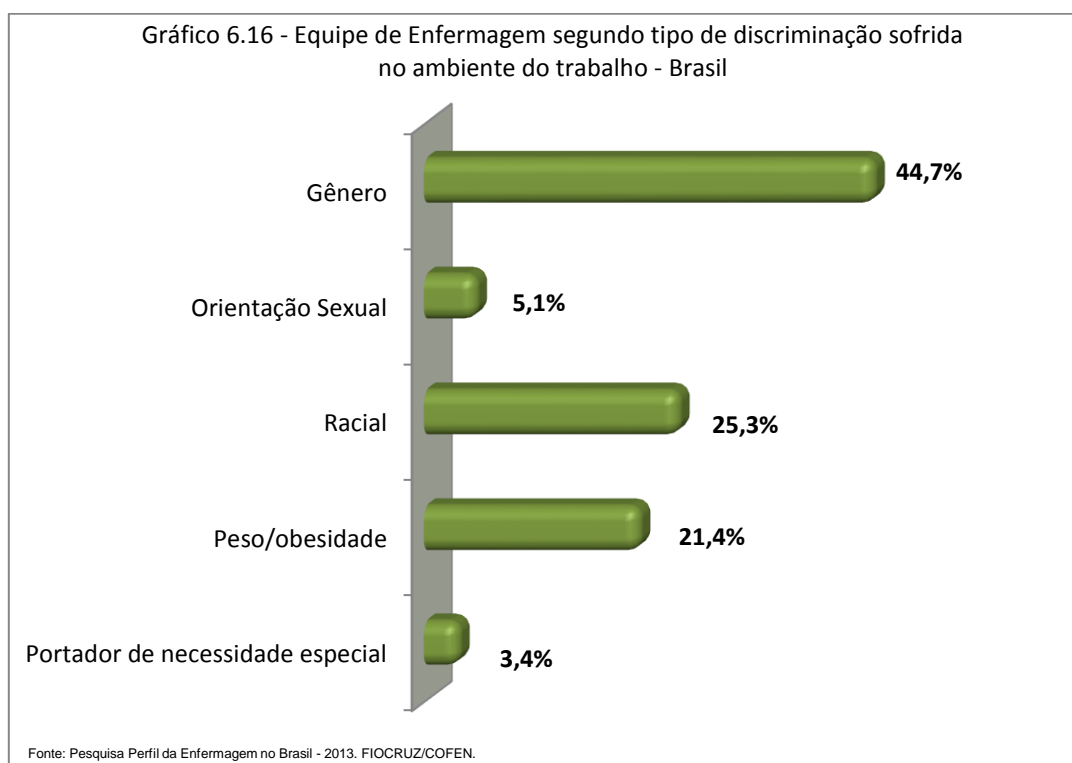
## TIPO DE DISCRIMINAÇÃO

Dentre os tipos de discriminação destacam-se: gênero com 44,7%, seguida da racial com 25,3%; por peso/obesidade representa 21,4%. A por orientação sexual soma 5,1% e por serem portadores de necessidade especiais, apenas 3,4% (Tabela 6.1.14.1 e Gráfico 6.16). Um dado importante, que será visto mais a frente, é a necessidade de se localizar, institucionalmente, onde essas discriminações são mais agudas, se entre enfermeiros ou nos auxiliares e técnicos. Além disso, torna-se fundamental analisar de onde parte essa discriminação por gênero, uma vez que se trata de uma categoria feminina.

Tabela 6.1.14.1  
Equipe de Enfermagem segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho  
Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de discriminação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Gênero	128.973	44,7
Orientação Sexual	14.819	5,1
Racial	72.956	25,3
Peso/obesidade	61.700	21,4
Portador de necessidade especial	9.858	3,4
<b>Total</b>	<b>288.307</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CONDIÇÕES DE TRABALHO

Para qualificar melhor as condições de trabalho dos distintos setores de atuação - público, privado, filantrópico e ensino, a Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil buscou conhecer a opinião da equipe sobre esta questão. Na escala proposta pela pesquisa, pode-se verificar que apenas 5,3% consideram excelentes as condições de trabalho do setor **público**, enquanto que para 51,8% elas são boas e ótimas e para 43% são regulares e péssimas. Já no setor **privado**, as condições de trabalho foram avaliadas por 14,6% como excelentes, sendo ótimas e boas para 66,4% e regulares e péssimas para 19%. No **filantrópico**, essas foram avaliadas por 11,9% como excelentes, sendo ótimas e boas por 62,2%, regulares e péssimas por 25,9%. E no setor **ensino**, elas foram avaliadas como excelentes por 13,9%, ótimas e boas somam 65,6% e regulares e péssimas 20,5% (Tabela 6.2 e Gráfico 6.17).

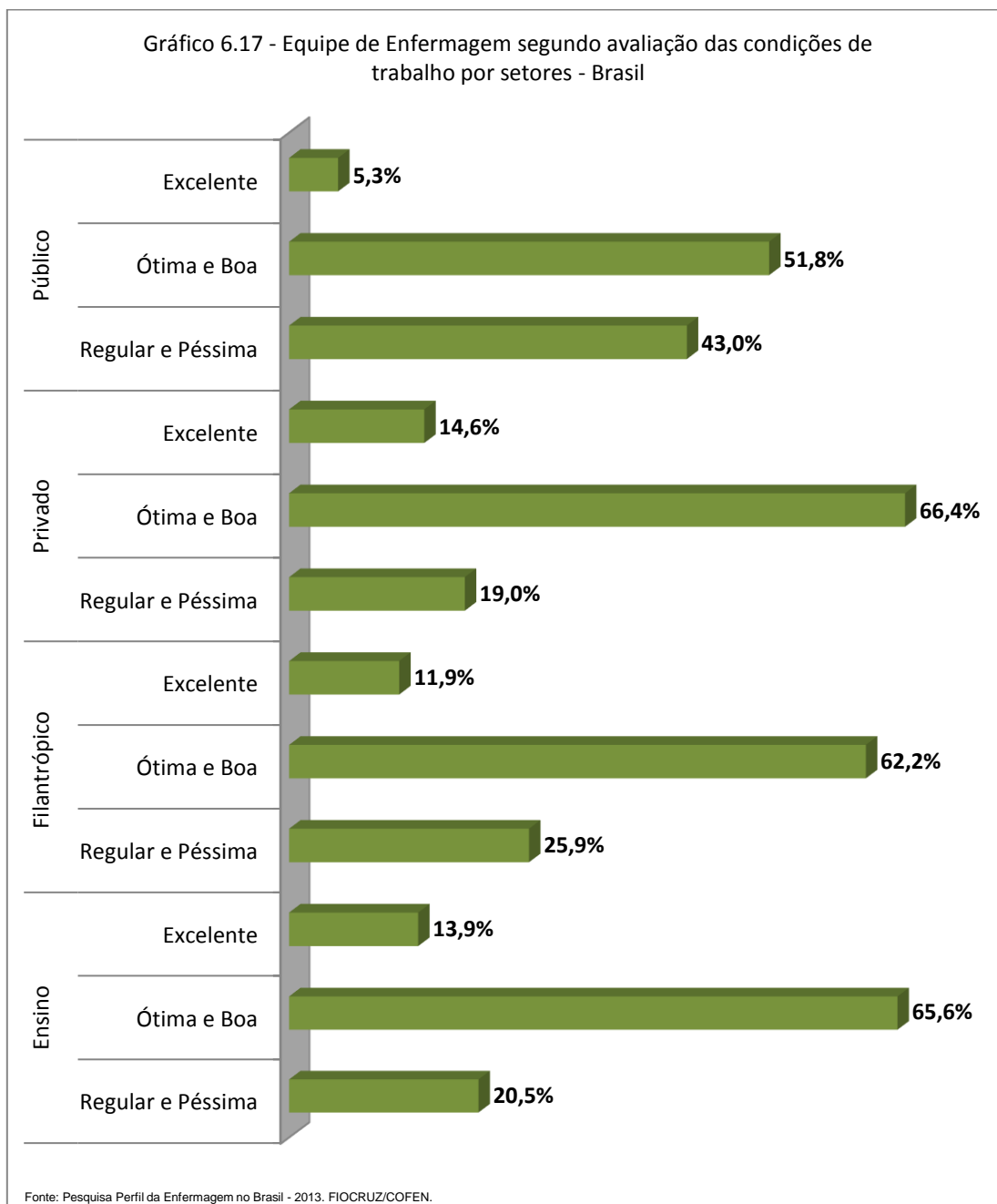
Tabela 6.2

Equipe de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Condições de trabalho	Público		Privado		Filantrópico		Ensino	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Excelente	55.608	5,3	77.970	14,6	33.350	11,9	14.097	13,9
Ótima	132.621	12,6	134.435	25,1	53.157	18,9	21.289	21,0
Boa	411.884	39,2	220.954	41,3	121.568	43,3	45.164	44,6
Regular	363.306	34,6	90.694	17,0	63.511	22,6	16.161	16,0
Péssima	87.896	8,4	10.717	2,0	9.161	3,3	4.523	4,5
<b>Total</b>	<b>1.051.315</b>	<b>100,0</b>	<b>534.771</b>	<b>100,0</b>	<b>280.746</b>	<b>100,0</b>	<b>101.234</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.17 - Equipe de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil



## DESGASTE

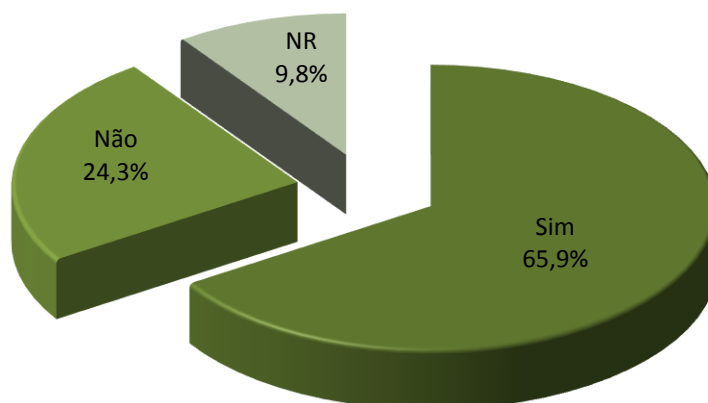
Os números contabilizados para o desgaste entre o pessoal da enfermagem no Brasil, não deixam dúvidas quanto à natureza das ações e das condições experimentadas pela equipe. Registra-se 65,9% que consideram sua atividade profissional desgastante, o que significa mais de 1 milhão e 100 mil trabalhadores. Tal fato implica na necessidade de compreensão dos múltiplos e variados fatores presentes no processo e no ambiente de trabalho, desencadeadores deste desgaste. (Tabela 6.3 e Gráfico 6.18).

Tabela 6.3  
Equipe de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil

Desgaste	V.Abs.	%
Sim	1.189.671	65,9
Não	437.683	24,3
NR	177.181	9,8
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.18 - Equipe de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## INFRAESTRUTURA DE DESCANSO

Dispor de infraestrutura adequada no ambiente de trabalho é condição crucial para se ter ambiente saudável. A área de saúde e, em especial, da enfermagem, é árdua, de longas jornadas de trabalho e, especialmente, contínuo e permanente, com atividades intensas e rotineiras durante quase todo o período. Assim, ter um local adequado de descanso ao longo do dia, representa um item importante na qualidade de vida destes profissionais de saúde; aqui representados por mais de um milhão e oitocentos mil trabalhadores e trabalhadoras, constituindo-se na maior equipe do sistema de saúde.

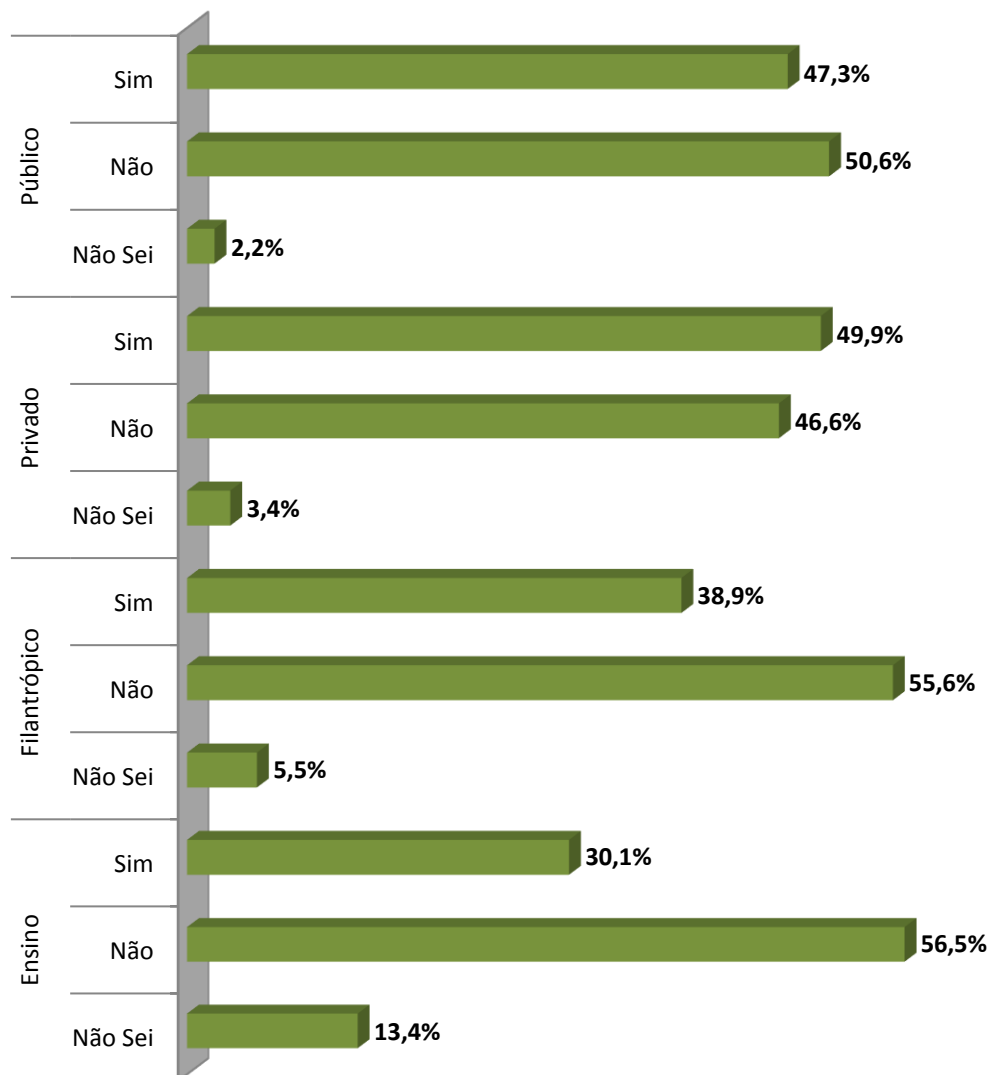
No entanto, os dados da pesquisa apontam para uma situação nada confortável. No setor **público**, menos da metade (47,3%) da equipe afirma ter, o que significa dizer que a maioria dos profissionais não desfruta de infraestrutura adequada ao descanso nos intervalos de atendimento. No setor **privado**, essa situação se mantém, quando também menos da metade (49,9%) tem. Já no **filantrópico**, apenas 38,9% informam existir infraestrutura de descanso, em contraponto com 55,6% que não. Sendo um setor de **ensino**, que não necessariamente presta assistência, é possível compreender que apenas 30,1% apontam sua existência, enquanto 56,5% afirmam não existir. Chama atenção que o setor ensino apresenta índices elevados de “não sei” (13,4%), demonstrando claro desconhecimento de seus direitos por um lugar adequado de descanso nos intervalos de seu processo de trabalho (Tabela 6.4 e Gráfico 6.19).

Tabela 6.4  
Equipe de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Não sei		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	491.731	47,3	525.643	50,6	22.454	2,2	1.039.828	100,0
Privado	256.711	49,9	239.804	46,6	17.536	3,4	514.050	100,0
Filantrópico	105.448	38,9	150.569	55,6	14.904	5,5	270.921	100,0
Ensino	20.987	30,1	39.428	56,5	9.373	13,4	69.788	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.19 - Equipe de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ACIDENTE DE TRABALHO

A questão dos acidentes de trabalho, no âmbito das instituições de saúde, no Brasil, tem sido alvo de intensos debates no meio sindical junto aos gestores, especialmente na Mesa Nacional de Negociação Permanente do SUS - MNPN-SUS. As discussões giram em torno da necessidade de reduzir a incidência de acidentes no cotidiano dos trabalhadores da saúde, bem como maior proteção no ambiente de trabalho.

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil buscou captar dados e informações que possam proporcionar melhor entendimento sobre o assunto. Já de início, é possível afirmar que, independente do setor aqui analisado - público, privado, filantrópico ou ensino -, a presença dos acidentes de trabalho é um fato.

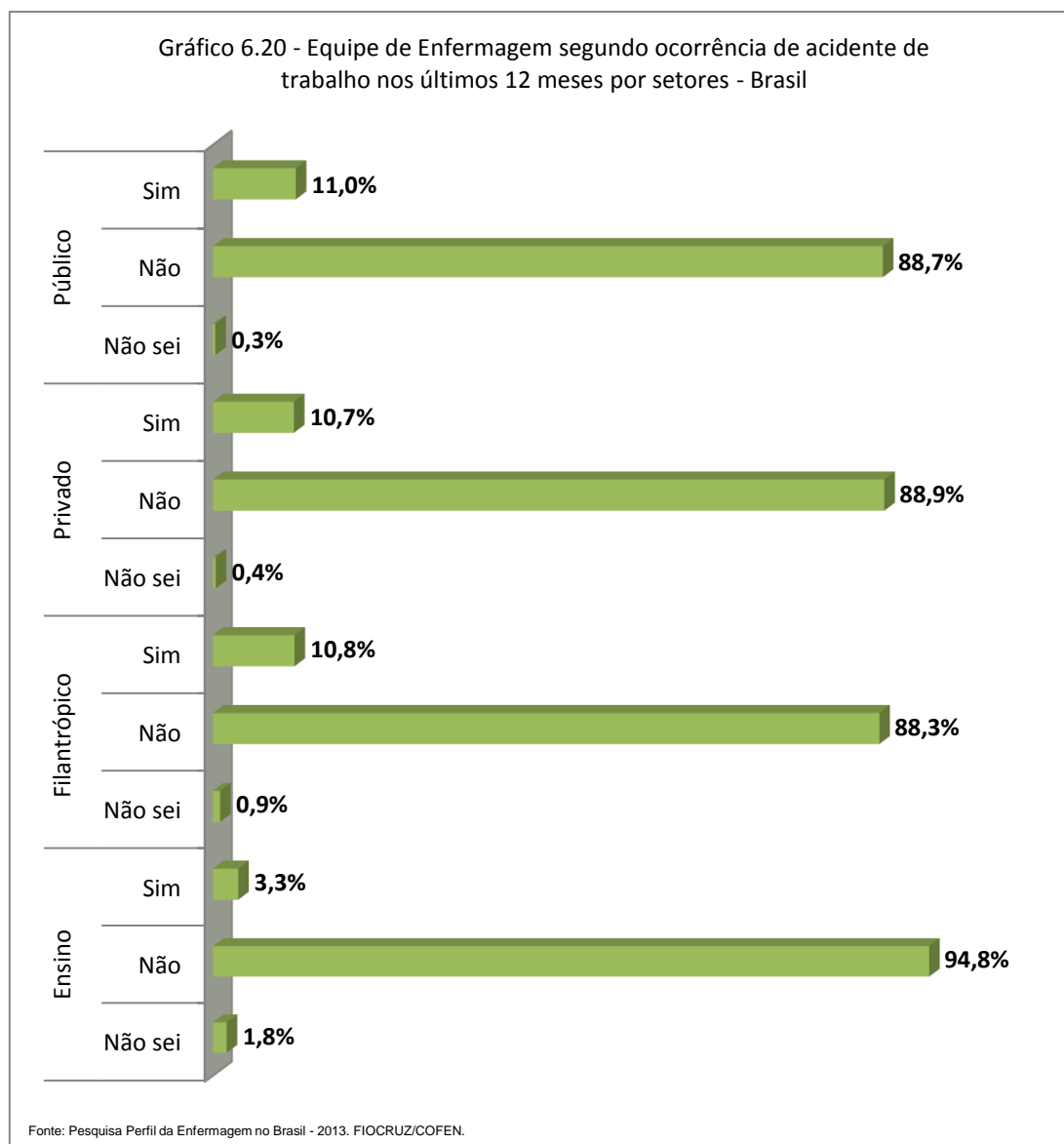
No **público**, quando indagados se foram vitimados por alguma modalidade de acidente de trabalho nos últimos 12 meses, 11% da equipe afirmam que sim, o que representa mais de 110 mil trabalhadores acidentados em todo o Brasil. Por outro lado, positivamente, 88,7% declaram não ter sofrido. No **privado**, os que tiveram algum acidente de trabalho nestes últimos 12 meses somam 10,7% e 88,9% não sofreram. No **filantrópico**, 10,8% da equipe foram vitimados por alguma modalidade de acidente no trabalho, enquanto 88,3%, não. Já o setor de **ensino** exibe os menores índices: 3,3% informam ter sofrido acidente de trabalho e 94,8% reportam não ter sofrido. Ressalta-se que os percentuais menores encontrados neste setor, em relação aos demais (público, privado e filantrópico), provavelmente se justificam pela natureza da atividade desenvolvida, ou seja, ensino. A pergunta não diferenciou as atividades docentes nos hospitais universitários, por exemplo. No cômputo geral estima-se que pouco mais de 201 mil profissionais, ou seja, 11,2% do total geral da equipe de enfermagem se acidentaram no trabalho nos últimos 12 meses (Tabela 6.5 e Gráfico 6.20). Destaca-se que, mesmo sendo diminuto, o percentual de “não sei” sugere desconhecimento do conceito do que seja acidente de trabalho ou, até mesmo, incapacidade de classificar os possíveis acidentes, demonstrando certa alienação de seus direitos quanto a saúde do trabalhador.

Tabela 6.5

Equipe de Enfermagem segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Não sei		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	114.293	11,0	923.889	88,7	3.295	0,3	1.041.477	100,0
Privado	55.362	10,7	458.929	88,9	1.902	0,4	516.193	100,0
Filantrópico	29.368	10,8	239.839	88,3	2.565	0,9	271.772	100,0
Ensino	2.363	3,3	66.948	94,8	1.285	1,8	70.596	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LICENÇA MÉDICA

Analisando os dados do setor **público** no Brasil, referentes aos afastamentos por licença médica da equipe de enfermagem nos últimos 12 meses, registra-se um número expressivo de profissionais (22,5%) nesta situação, ou seja, mais de 230 mil afastados do trabalho por doença. Este percentual representa mais de 1/5 de todo o contingente que lá atua. Aqueles que não precisaram entrar de licença somam 77,5%. Já os dados do **privado**, mostram índices menores, com 17,2%; no entanto, isso representa quase 88 mil trabalhadores. Aqueles que não precisaram entrar de licença somam 82,8%. O **filantrópico** apresenta taxas menores dos apurados para o público e o privado. Neste setor, 13,9% da equipe entraram de licença médica nestes últimos 12 meses e 86,1% declaram não ter se afastado do trabalho. Já no setor **ensino**, apenas 12,3%. No balanço geral, estima-se que pouco mais de 363 mil profissionais, ou seja, 20,2% do total geral da equipe de enfermagem, que adoeceram e saíram de licença médica nos últimos 12 meses. Ressalta-se que estão fora do cálculo as mulheres com licença maternidade (Tabela 6.6 e Gráfico 6.21).

Tabela 6.6

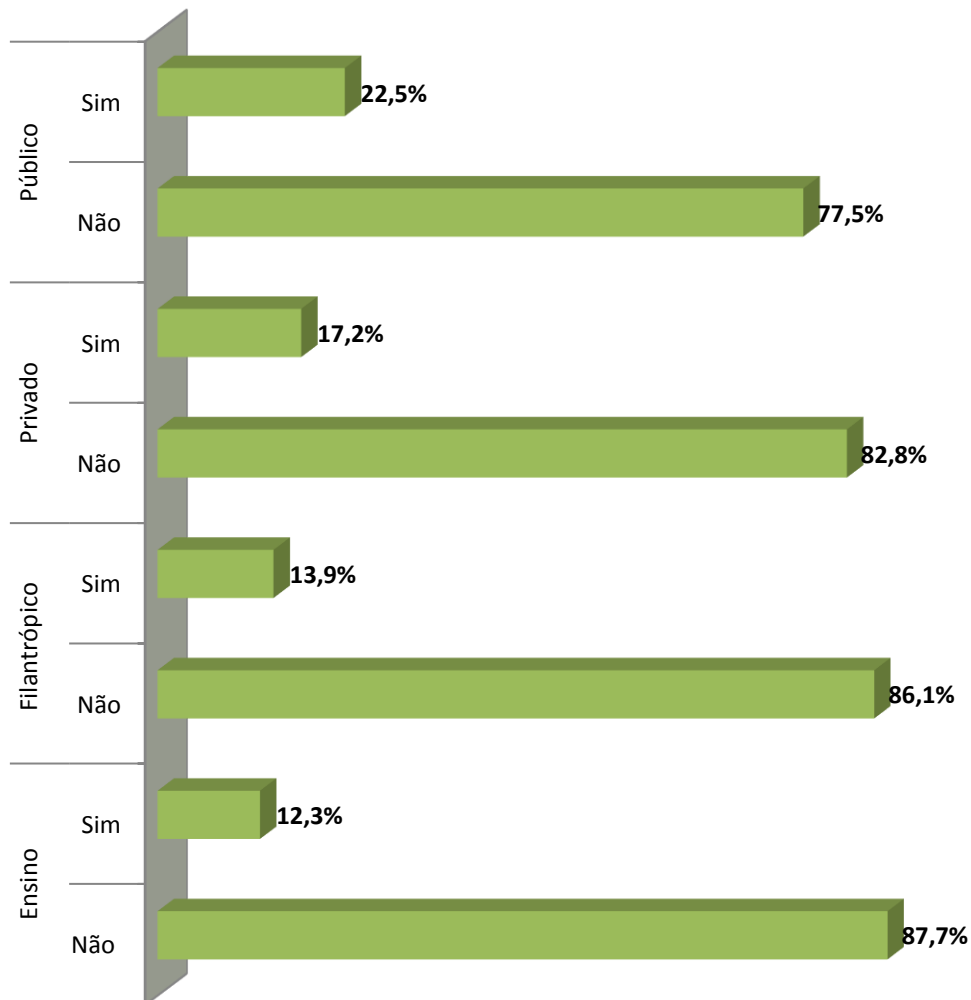
Equipe de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	230.647	22,5%	795.316	77,5%	1.025.963	100,0%
Privado	87.892	17,2%	421.949	82,8%	509.841	100,0%
Filantrópico	37.046	13,9%	229.073	86,1%	266.118	100,0%
Ensino	8.309	12,3%	59.266	87,7%	67.575	100,0%

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* **Excetua-se licença maternidade**

Gráfico 6.21 - Equipe de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

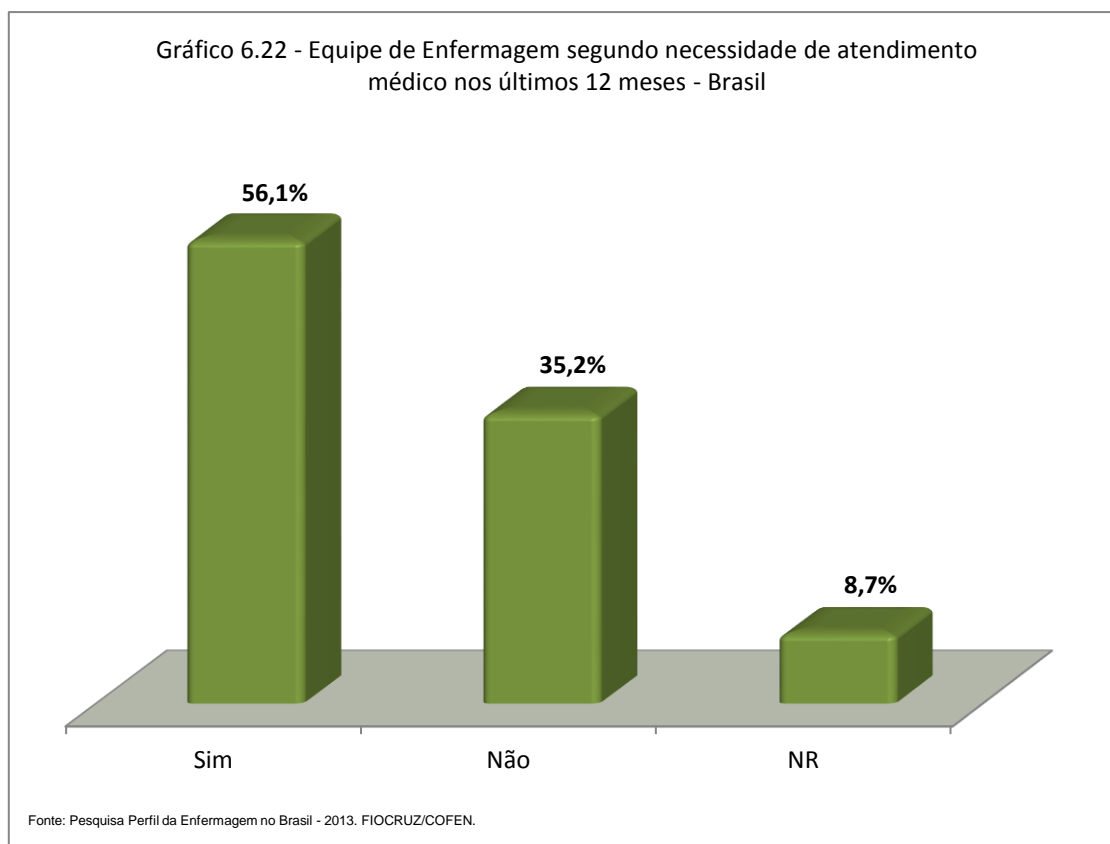
## ATENDIMENTO MÉDICO

Outro dado revelado na Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil reforça um “certo adoecimento” da equipe de enfermagem brasileira, quando mais da metade, ou seja, 56,1% declaram ter tido necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses. Em termos numéricos significa dizer mais de 1 milhão de trabalhadores adoeceram nestes últimos 12 meses. (Tabela 6.7 e Gráfico 6.22).

Tabela 6.7  
Equipe de Enfermagem segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

Atendimento médico	V.Abs.	%
Sim	1.012.562	56,1
Não	635.664	35,2
NR	156.309	8,7
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



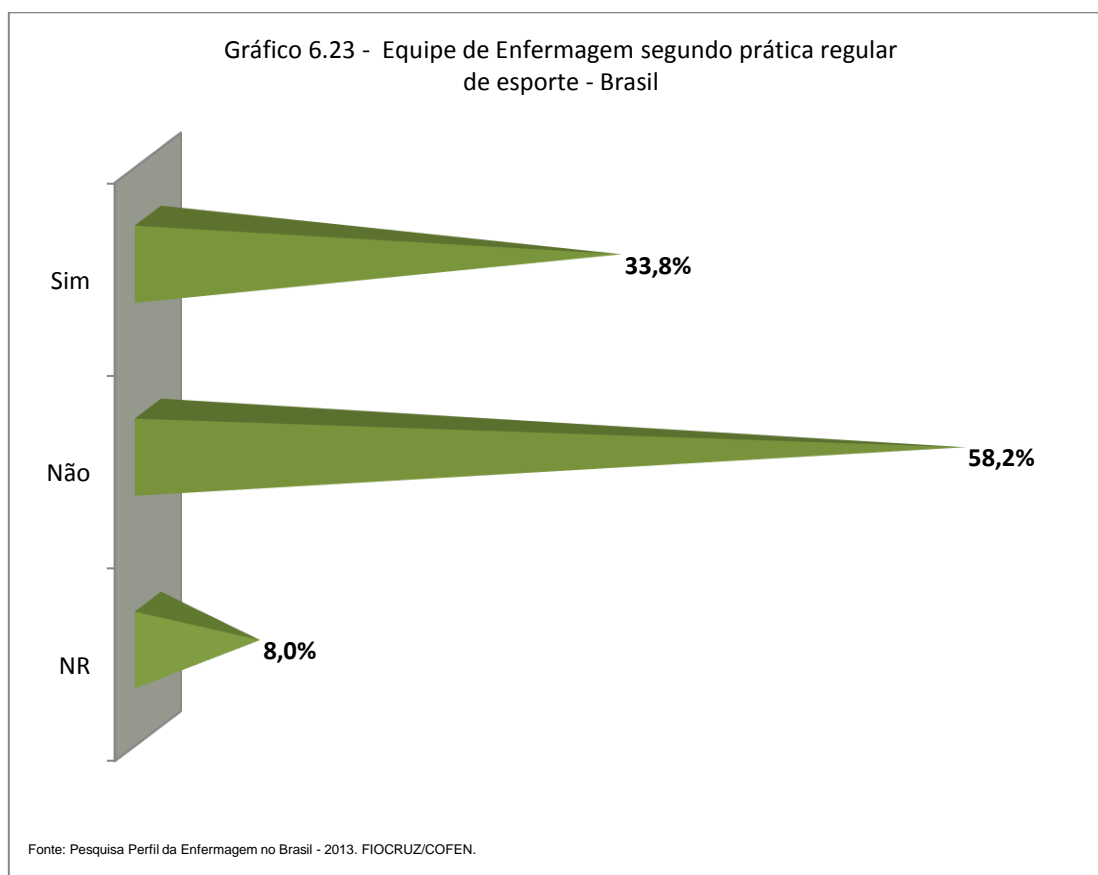
## PRÁTICA DE ESPORTE

A pesquisa buscou também conhecer os hábitos da enfermagem no que tange a prática de esportes. Detectou que mais da metade (58,2%) da equipe não pratica nenhuma modalidade. Isso significa que mais de 1 milhão são, declaradamente, sedentários e que pouco mais de 1/3 (33,8%) exerce atividades esportivas. Portanto, uma fração pequena da equipe adota um estilo de vida no qual a prática de esporte é incorporada como hábito (Tabela 6.8 e Gráfico 6.23).

Tabela 6.8  
Equipe de Enfermagem segundo prática regular de esporte - Brasil

Prática de esporte	V.Abs.	%
Sim	609.321	33,8
Não	1.050.876	58,2
NR	144.338	8,0
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## TIPO DE ESPORTE

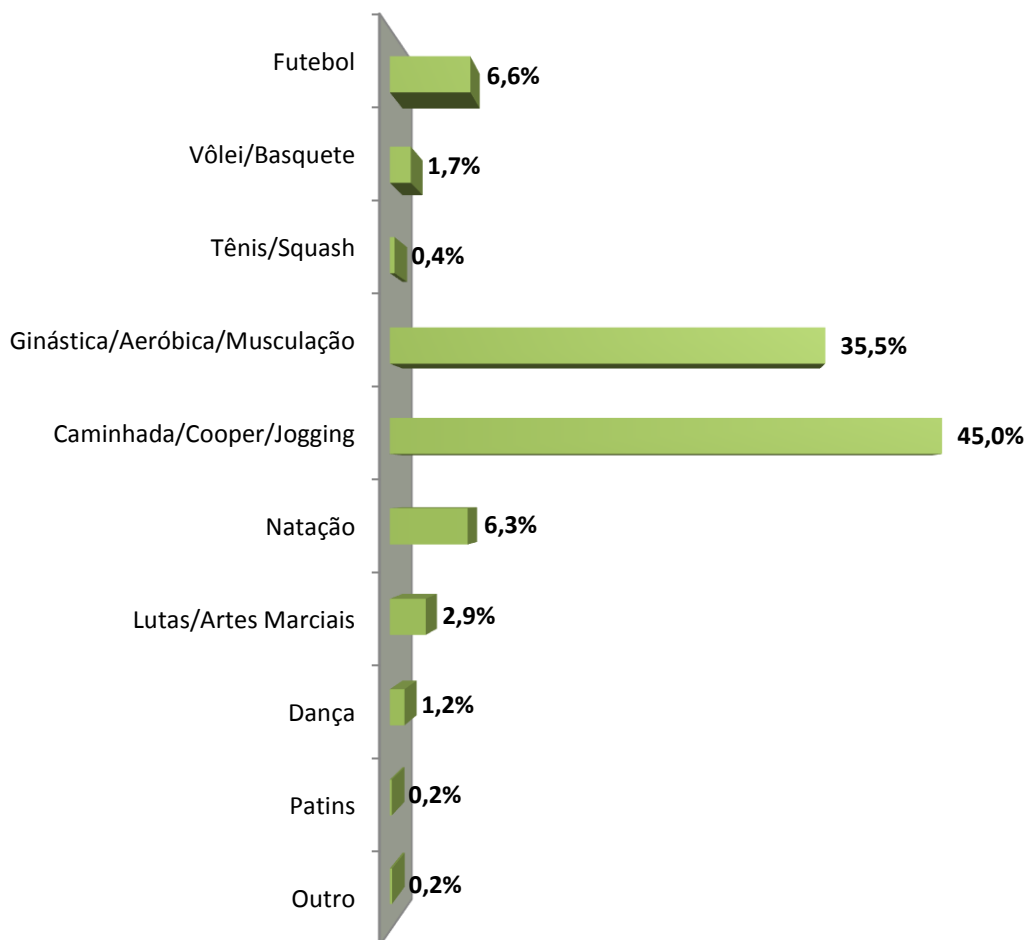
No universo desses praticantes, é importante ressaltar que a pesquisa não qualificou essa prática de esportes, ou seja, não há uma escala, por exemplo, de quantas vezes por semana o esporte é praticado; apenas se perguntou qual se praticava “regularmente”. Assim, a modalidade mais presente na equipe é a caminhada/cooper/jogging, representando 45%, seguida da ginástica/aeróbica/musculação com 35,5%, do futebol (6,6%) e da natação com 6,3% (Tabela 6.8.1 e Gráfico 6.24).

Tabela 6.8.1  
Equipe de Enfermagem segundo tipo de esporte praticado – Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de esporte</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Futebol	50.182	6,6
Vôlei/Basquete	13.079	1,7
Tênis/Squash	2.958	0,4
Ginástica/Aeróbica/Musculação	271.254	35,5
Caminhada/Cooper/Jogging	344.355	45,0
Natação	48.472	6,3
Lutas/Artes Marciais	22.384	2,9
Dança	9.169	1,2
Patins	1.233	0,2
Outro	1.424	0,2
<b>Total</b>	<b>764.509</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.24 - Equipe de Enfermagem segundo tipo de esporte praticado - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

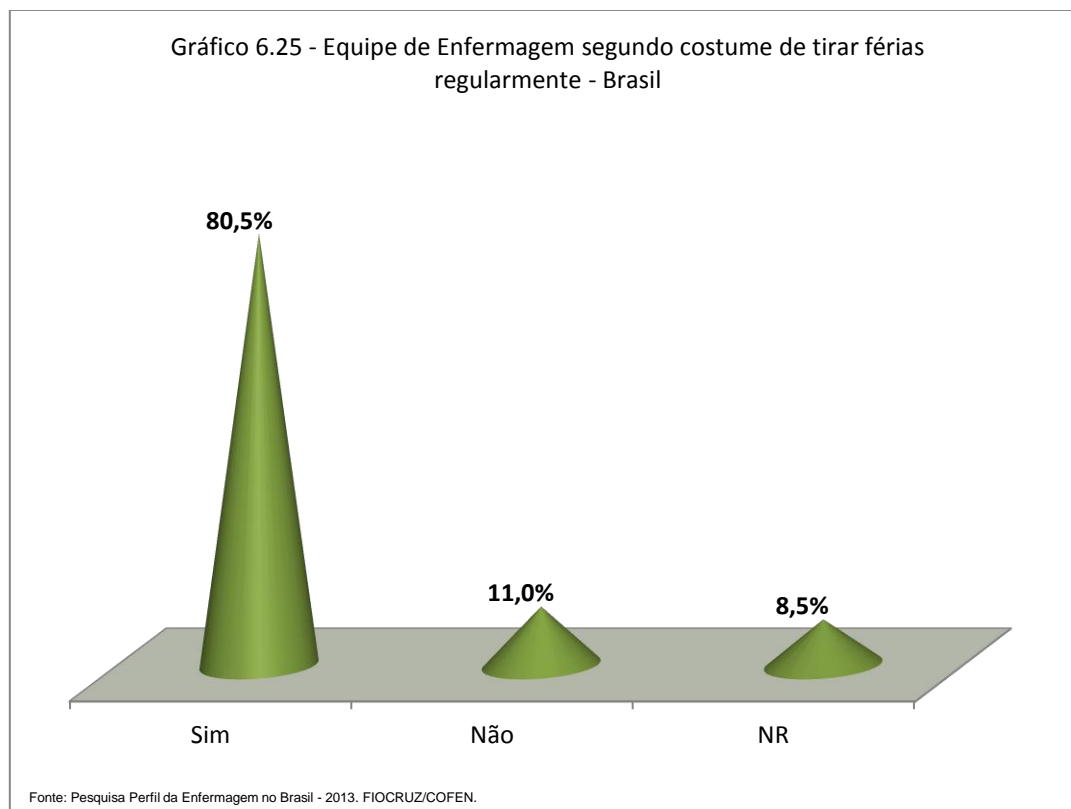
## FÉRIAS

A prática de tirar férias atinge a maioria absoluta da equipe de enfermagem, ou seja, 80,5%; enquanto 11% não tiram férias regularmente. Contudo, considerando um contingente fundamentalmente feminino, que, quase sempre tem dupla jornada de trabalho (no trabalho propriamente dito e o realizado no âmbito doméstico), é preocupante que quase 200 mil profissionais declararam não tirar férias regulares, produzindo assim ainda mais sobrecarga no processo de trabalho (Tabela 6.9 e Gráfico 6.25).

Tabela 6.9  
Equipe de Enfermagem segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

Férias	V.Abs.	%
Sim	1.452.645	80,5
Não	197.673	11,0
NR	154.217	8,5
<b>Total</b>	<b>1.804.535</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## FREQUÊNCIA DAS FÉRIAS

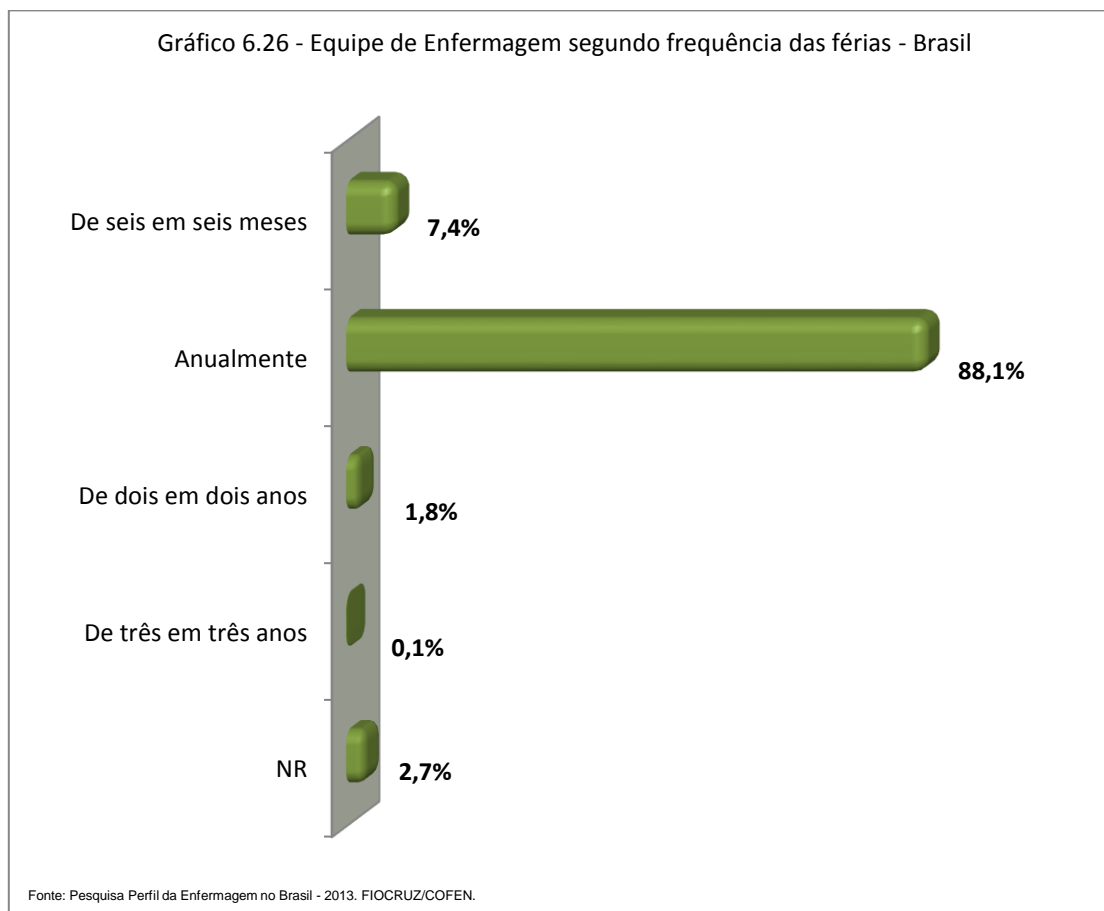
Dos que tiram férias regularmente, 88,1% o fazem anualmente e 7,4% de seis em seis meses (Tabela 6.9.1 e Gráfico 6.26).

Tabela 6.9.1  
Equipe de Enfermagem segundo frequência das férias - Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
De seis em seis meses	107.030	7,4
Anualmente	1.279.452	88,1
De dois em dois anos	26.357	1,8
De três em três anos	1.293	0,1
NR	38.513	2,7
<b>Total</b>	<b>1.452.645</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.26 - Equipe de Enfermagem segundo frequência das férias - Brasil



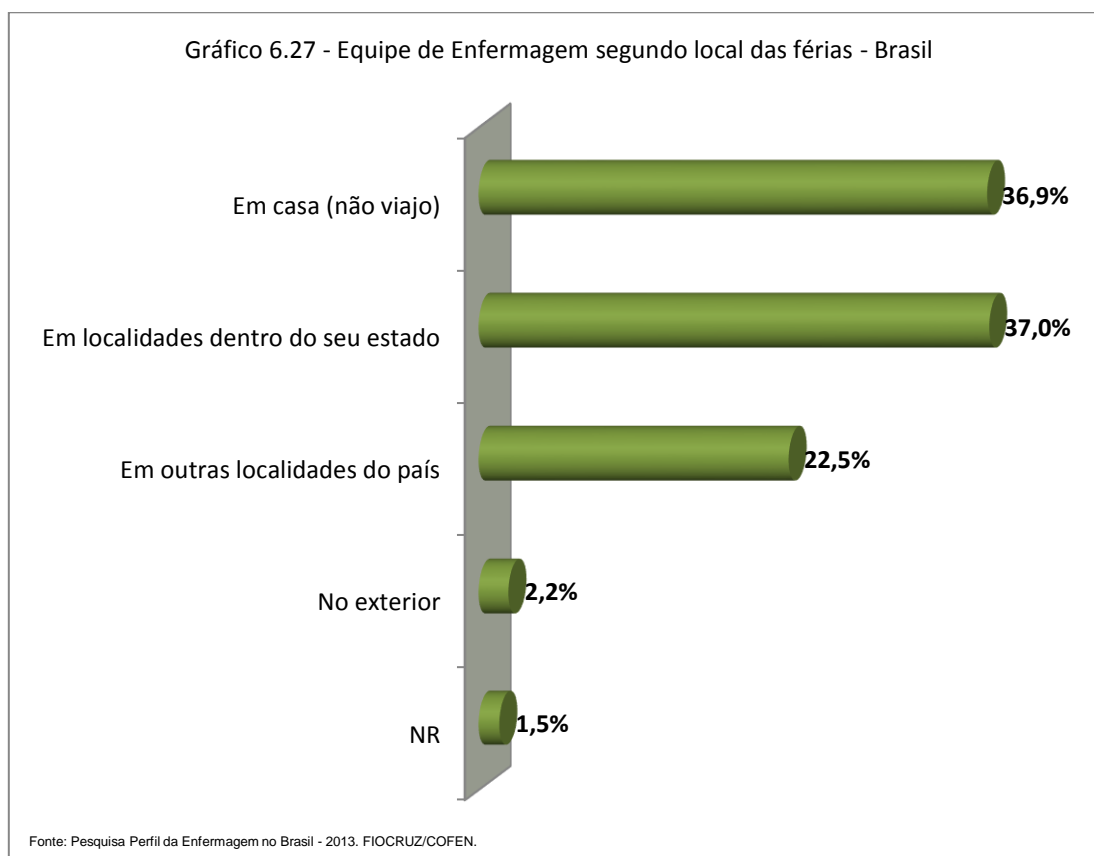
## LOCAL DAS FÉRIAS

Observa-se dois grupos percentualmente empatados: aqueles que não viajam e passam as férias em casa (36,9%) e os que viajam para localidades dentro do seu estado (37%). Somente 22,5% buscam viajar para outras localidades do país e 2,2% para o exterior (Tabela 6.9.2 e Gráfico 6.27).

Tabela 6.9.2  
Equipe de Enfermagem segundo local das férias - Brasil

<b>Local</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Em casa (não viajo)	535.564	36,9
Em localidades dentro do seu estado	537.809	37,0
Em outras localidades do país	326.128	22,5
No exterior	31.347	2,2
NR	21.797	1,5
<b>Total</b>	<b>1.452.645</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



# ENFERMEIROS



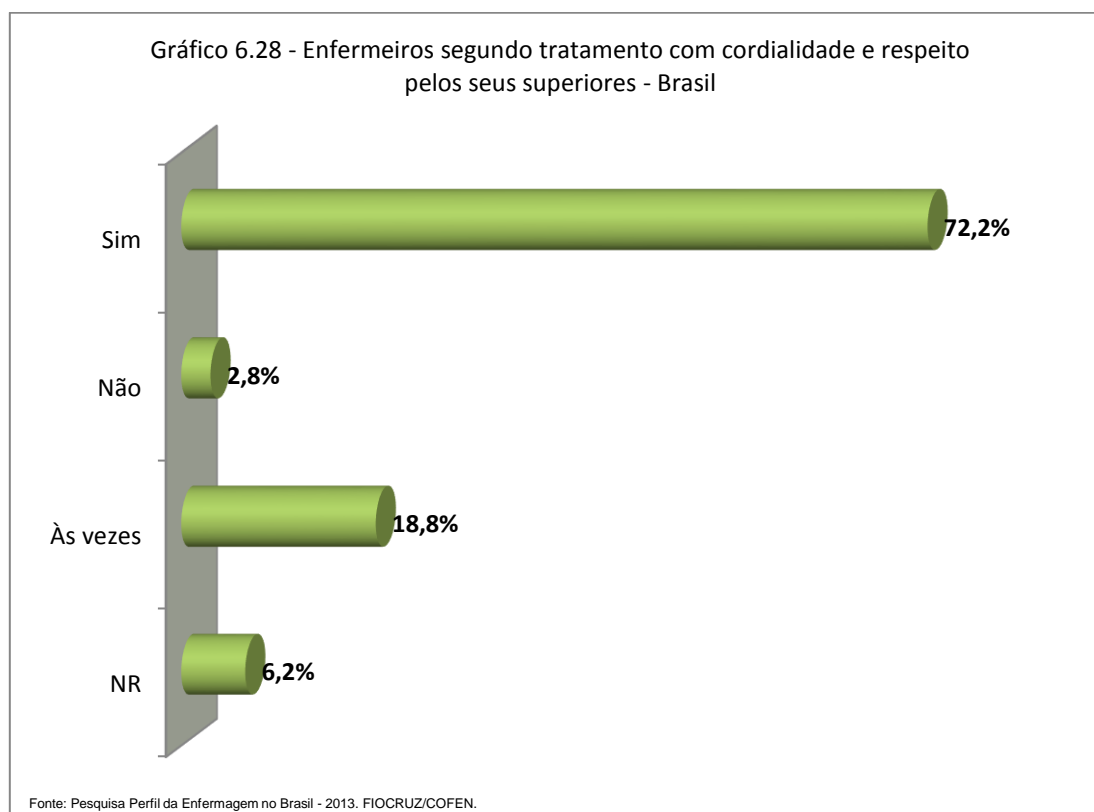
## CORDIALIDADE E RESPEITO PELOS SEUS SUPERIORES

Os dados mostram que a maioria dos enfermeiros (72,2%) considera que é tratada com cordialidade e respeito pelos seus superiores. No entanto, se somado aqueles que dizem que só “às vezes” (18,8%) aos que responderam “não” (2,8%), o percentual chega a 21,6%, ou seja, mais de 1/5 do contingente não é tratado (sempre) com cordialidade (Tabela 6.1a e Gráfico 6.28).

Tabela 6.1a  
Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil

<b>Seus superiores</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	299.295	72,2
Não	11.732	2,8
Às vezes	78.019	18,8
NR	25.666	6,2
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





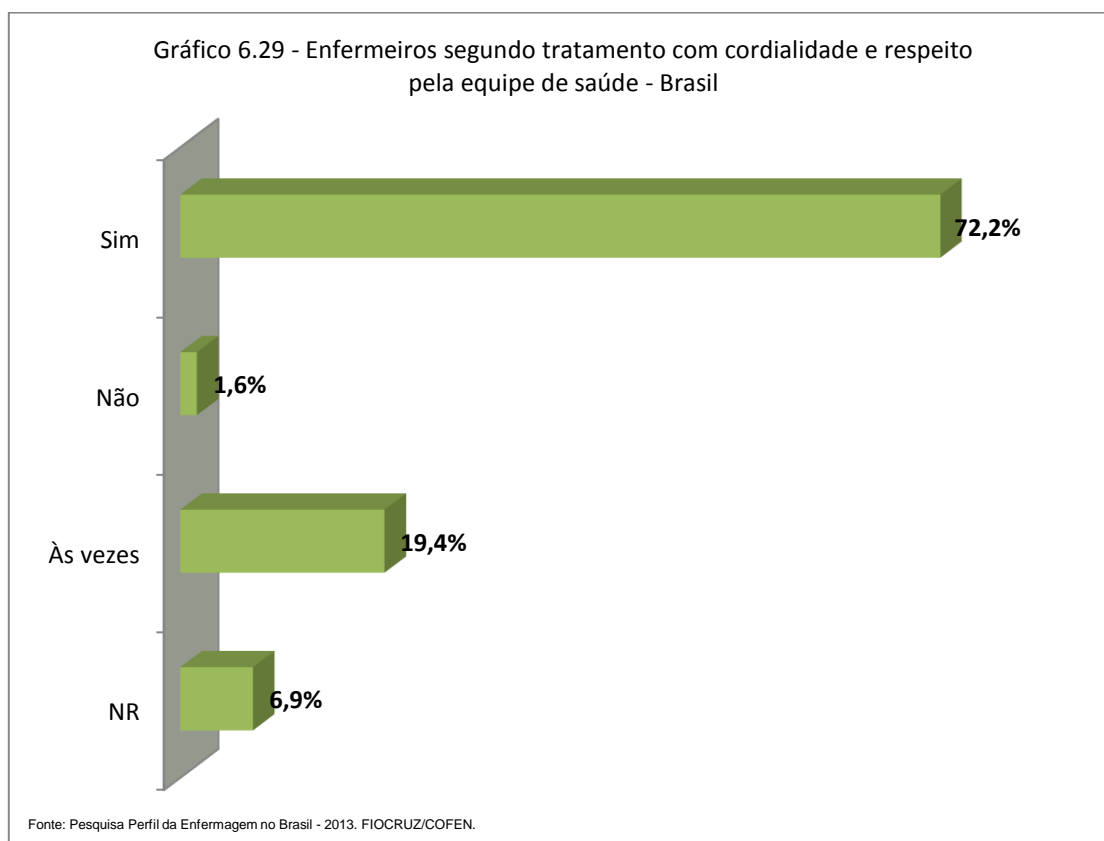
## CORDIALIDADE E RESPEITO PELA EQUIPE DE SAÚDE

Quando o tratamento se refere à equipe de saúde, os valores chegam a 72,2%, enquanto 19,4% referem que “às vezes” assim são tratados e 1,6% que declaram falta de cordialidade e de respeito, o que soma 21%, ou seja, mais de 1/5 do contingente não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus colegas da saúde (Tabela 6.1.2a e Gráfico 6.29).

Tabela 6.1.2a  
Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil

<b>Equipe de saúde</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	299.278	72,2
Não	6.515	1,6
Às vezes	80.329	19,4
NR	28.589	6,9
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO NA EQUIPE DE ENFERMAGEM

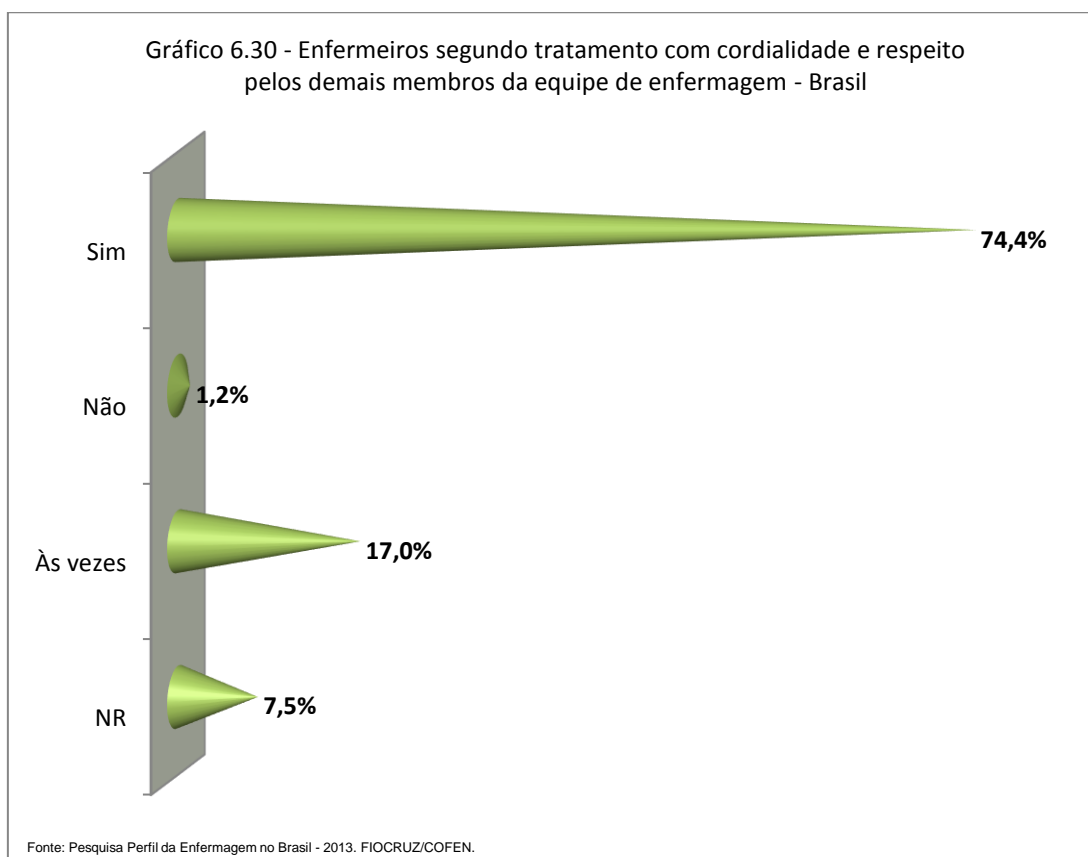
No âmbito da própria equipe de enfermagem, os números ficam próximos dos registrados para a equipe como um todo: 74,4% reportam trato cordial e respeitoso, 17% “às vezes” e 1,2% indicam trato desrespeitoso e descortês, ou seja, quase 1/5 dos enfermeiros não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus próprios colegas (Tabela 6.1.3a e Gráfico 6.30).

Tabela 6.1.3a

Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

<b>Equipe de enfermagem</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	308.418	74,4
Não	4.783	1,2
Às vezes	70.541	17,0
NR	30.971	7,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO PELA POPULAÇÃO

Situação que merece atenção e preocupação refere-se à percepção dos enfermeiros quanto à população usuária (seus pacientes), no qual apenas 59,9% afirmam receber tratamento cordial e respeitoso daqueles que são atendidos por eles. Reforça ainda mais uma percepção negativa quando 29,4% indicam que somente “às vezes” e 2,8% declaram não receber, o que significa que quase de 1/3 do contingente (32,2%) não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos pacientes e/ou familiares, usuários do sistema de saúde. (Tabela 6.1.4a e Gráfico 6.31).

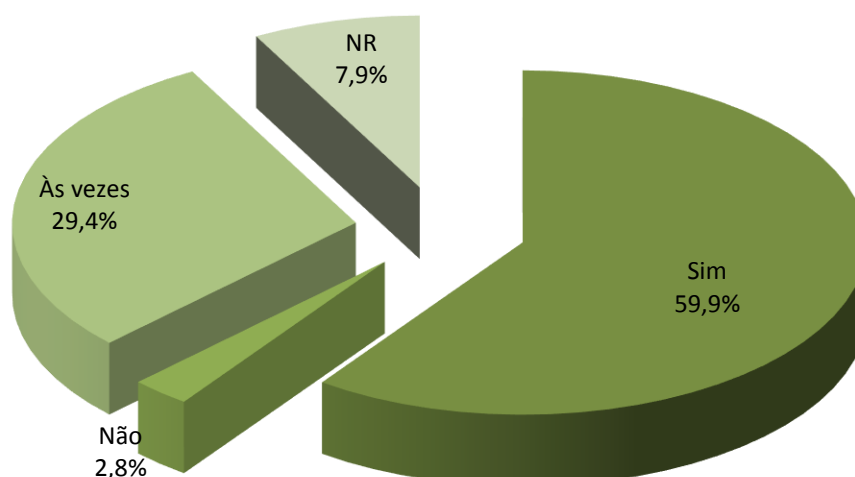
Tabela 6.1.4a

Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

População	V.Abs.	%
Sim	248.474	59,9
Não	11.618	2,8
Às vezes	121.850	29,4
NR	32.770	7,9
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.31 - Enfermeiros segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Considerando a necessidade de que todos aqueles que fazem parte das relações de trabalho na saúde (superiores, equipe de saúde, equipe de enfermagem e usuários, etc.), tratem uns aos outros com respeito, cordialidade e urbanidade, os dados apresentados pela pesquisa sugerem um ambiente de trabalho que precisa melhorar no que tange à adoção de comportamentos respeitosos e cordiais. Essas transformações visam relações mais saudáveis e dignas e apontam para a necessidade de promoção de mudanças nas condutas e práticas, que se estabelecem no contexto do mundo do trabalho.

Importante observar que essa “pouca cordialidade e respeito” da população usuária do sistema de saúde, de um modo geral, para com os enfermeiros, reflete, na verdade, uma forma descortês e pouco respeitosa desses usuários e familiares com a equipe de saúde como um todo. Relatos e denúncias são recorrentes descrevendo situações em que médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e toda a equipe de enfermagem, profissionais mais na linha de frente do atendimento, são frequentemente agredidos física e verbalmente, tendo que recorrer, muitas vezes, à ajuda policial. Essa situação é inadmissível no ambiente de saúde, requerendo das autoridades públicas medidas protetoras e inibidoras destas situações para com a equipe de saúde.

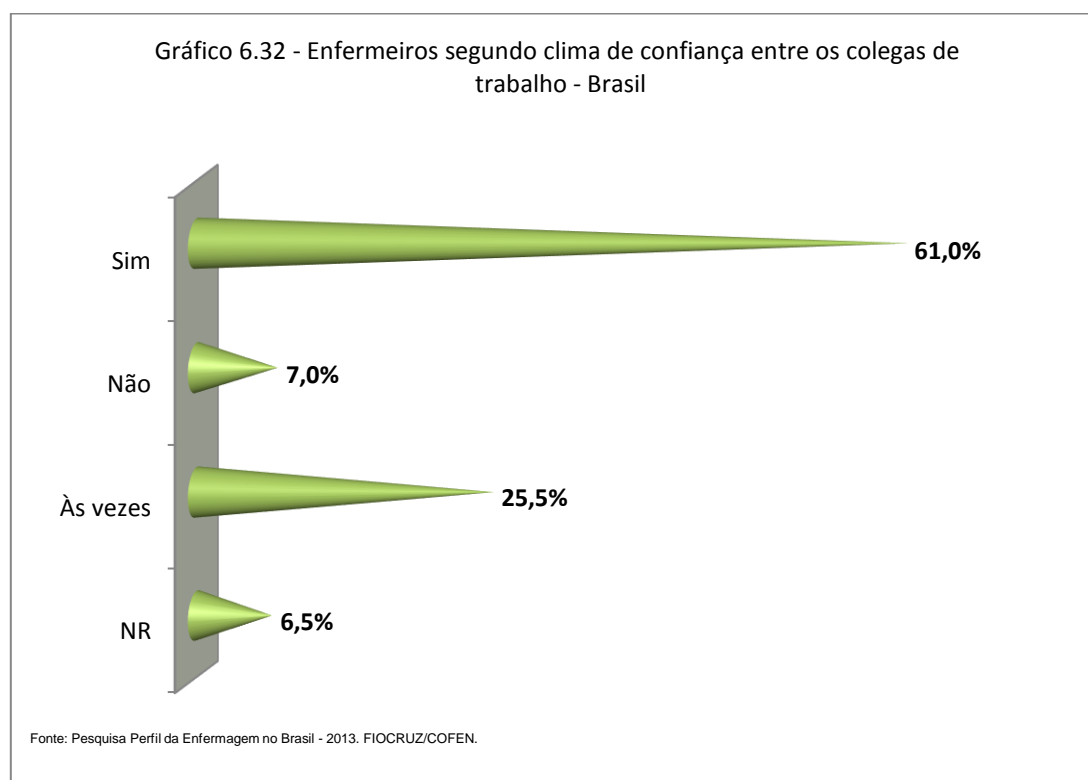
## CLIMA DE CONFIANÇA

Quando perguntados sobre existência de clima de confiança entre os colegas de trabalho, mais da metade (61%) dos enfermeiros brasileiros reporta sentimento de confiança. No entanto, considerando que a confiança é um dos elementos-chave nas relações de trabalho que no coletivo e colaborativo e na produção dos resultados, torna-se relevante que, se somado os que “às vezes” desfrutam deste clima (25,5%) com aqueles que responderam não (7%), este percentual alcança mais de 30% (Tabela 6.1.5a e Gráfico 6.32).

Tabela 6.1.5a  
Enfermeiros segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho - Brasil

<b>Confiança</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	253.103	61,0
Não	28.938	7,0
Às vezes	105.717	25,5
NR	26.955	6,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



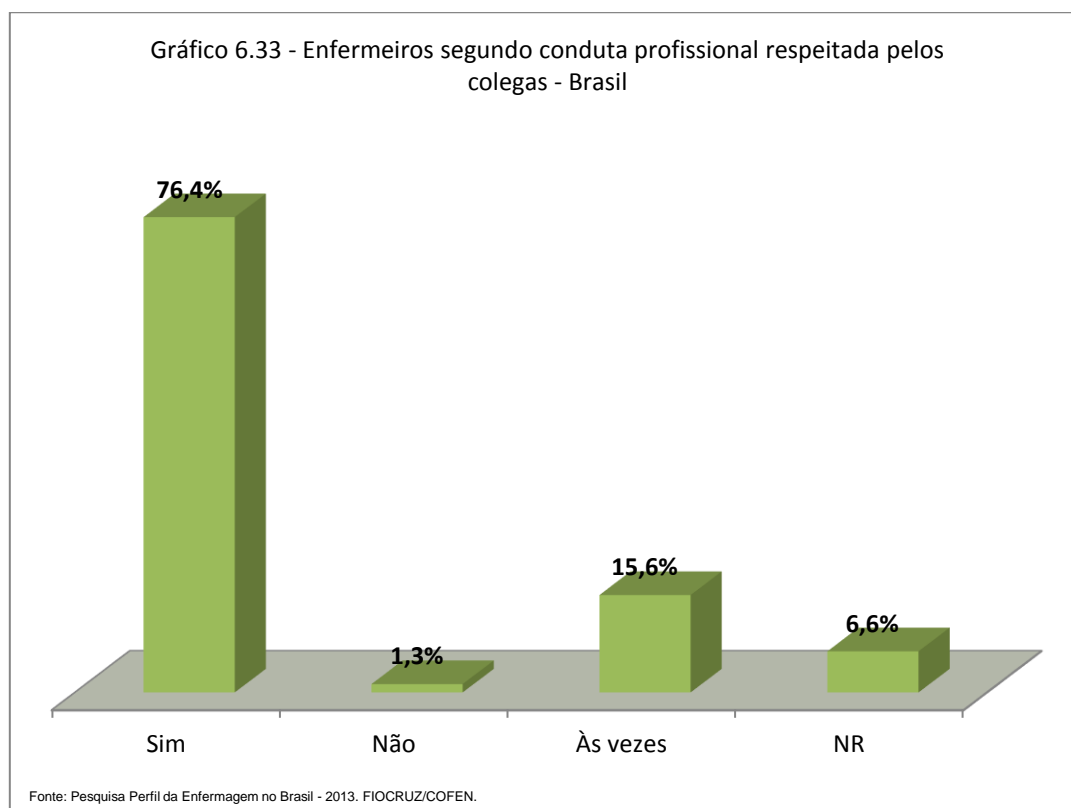
## CONDUTA RESPEITADA

As ações dos profissionais de enfermagem estão alicerçadas nos valores da profissão e no Código de Ética de Enfermagem. Desta forma, o percentual de 76,4% revela a existência, entre os pares, de um clima de respeito profissional em relação às condutas adotadas pelos enfermeiros. Chama atenção que 16,9% responderam “às vezes” e “não” a esse quesito (Tabela 6.1.6a e Gráfico 6.33).

Tabela 6.1.6a  
Enfermeiros segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

Conduta respeitada	V.Abs.	%
Sim	316.924	76,4
Não	5.578	1,3
Às vezes	64.827	15,6
NR	27.383	6,6
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



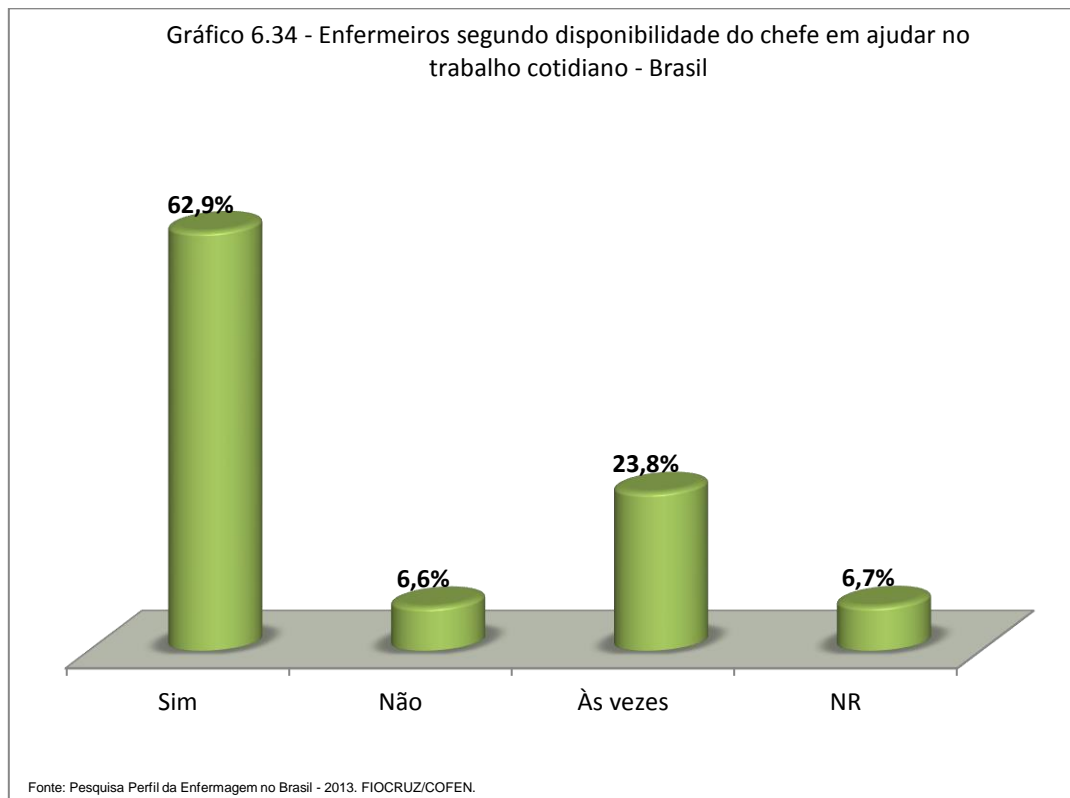
## DISPONIBILIDADE DO CHEFE

No que diz respeito à percepção dos enfermeiros do Brasil, quanto à disponibilidade do chefe em ajudá-los diante das dificuldades que se apresentam no desempenho do trabalho, somente 62,9% contam com esta disponibilidade, enquanto 23,8% alegam que somente “às vezes” e 6,6% não contam. O que significa dizer que quase 1/3 vê seus chefes distantes, inacessíveis, quando necessita de ajuda profissional (Tabela 6.1.7a e Gráfico 6.34).

Tabela 6.1.7a  
Enfermeiros segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

Disponibilidade	V.Abs.	%
Sim	260.667	62,9
Não	27.367	6,6
Às vezes	98.893	23,8
NR	27.785	6,7
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



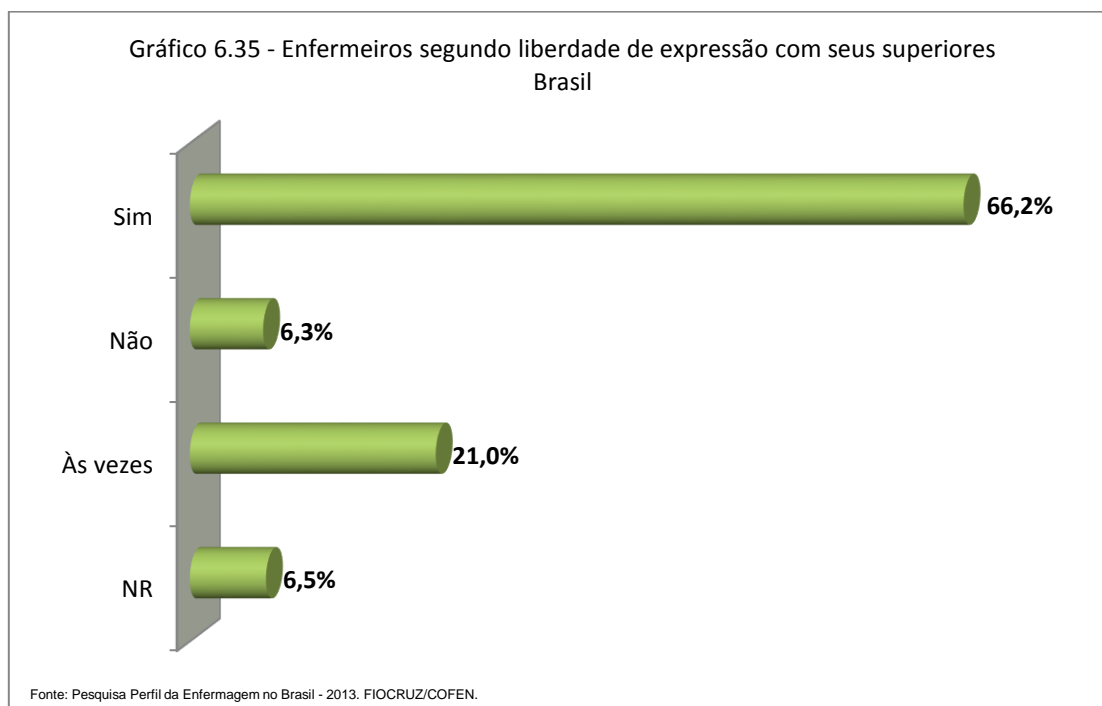
## LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A garantia da liberdade de expressão, que é fundamental e suporte essencial para relações de trabalho saudáveis, é percebida por 66,2% dos enfermeiros, quando se refere à liberdade de se expressar com os superiores (chefia, coordenação, direção, etc.). No entanto, registra-se 21% que afirmam ter “às vezes” e 6,3% que afirmam não ter. Isso somado representa pouco mais de 1/4 do contingente que não se sente à vontade com seus superiores para expressar sua opinião, manifestação ou até mesmo alguma queixa em relação ao trabalho, aos colegas, aos pacientes, ou até mesmo deles próprios, os chefes. (Tabela 6.1.8a e Gráfico 6.35).

Tabela 6.1.8a  
Enfermeiros segundo liberdade de expressão com seus superiores - Brasil

<b>Liberdade de expressão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	274.430	66,2
Não	26.020	6,3
Às vezes	87.253	21,0
NR	27.009	6,5
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





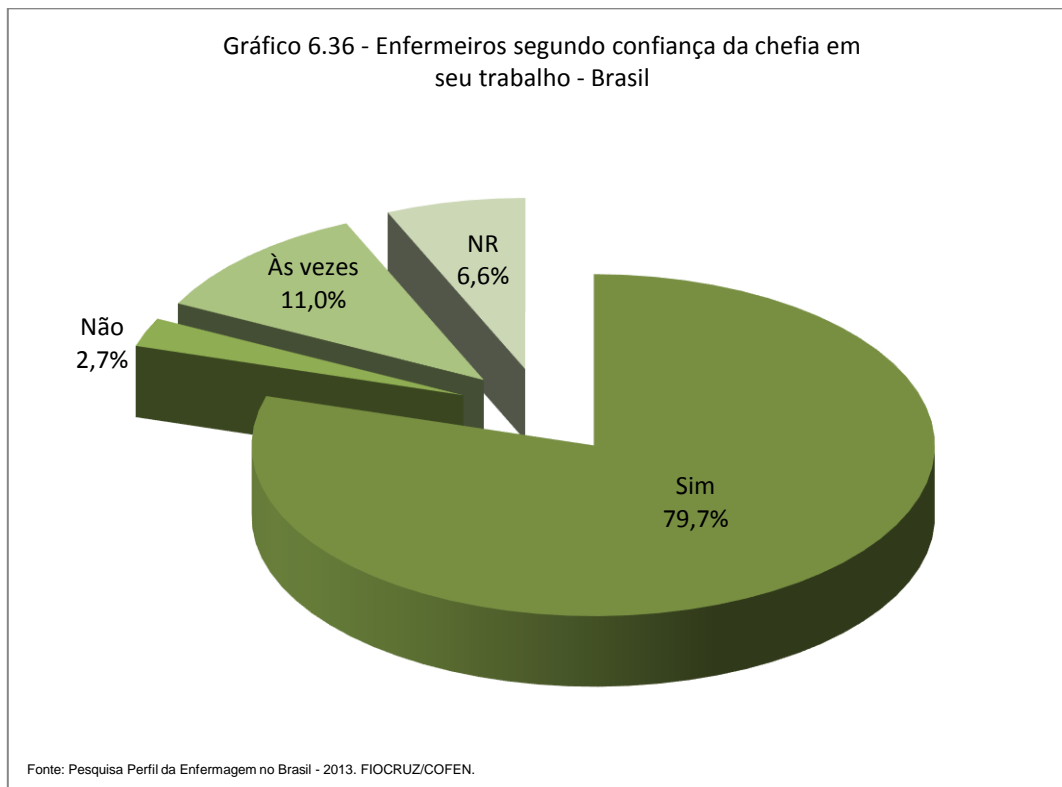
## CONFIANÇA DA CHEFIA

Por outro lado, positivamente, quase 80% dos enfermeiros expressam que sua chefia confia em seu trabalho. Tal percentual permite afirmar que eles estabelecem relações de trabalho baseadas na confiança, sendo uma das condições indispensáveis para a cooperação, sinergia e integração dos indivíduos envolvidos no processo de trabalho de enfermagem. Aqueles que afirmam ter “às vezes” ou até mesmo não têm essa confiança somam 13,7% (Tabela 6.1.9a e Gráfico 6.36).

Tabela 6.1.9a  
Enfermeiros segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

Confiança da chefia	V.Abs.	%
Sim	330.326	79,7
Não	11.321	2,7
Às vezes	45.732	11,0
NR	27.333	6,6
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



Em resumo, chama a atenção que o clima de confiança entre seus próprios colegas de trabalho é o quesito pior avaliado por eles; enquanto a confiança de seu chefe em seu trabalho é a melhor posicionada nesta escala. No entanto, fica claro que, apesar dessa confiança, eles não obtêm dele a proteção e amparo em momentos de dificuldades e muito menos se sentem com liberdade para dizer o que pensa em relação ao cotidiano do trabalho.

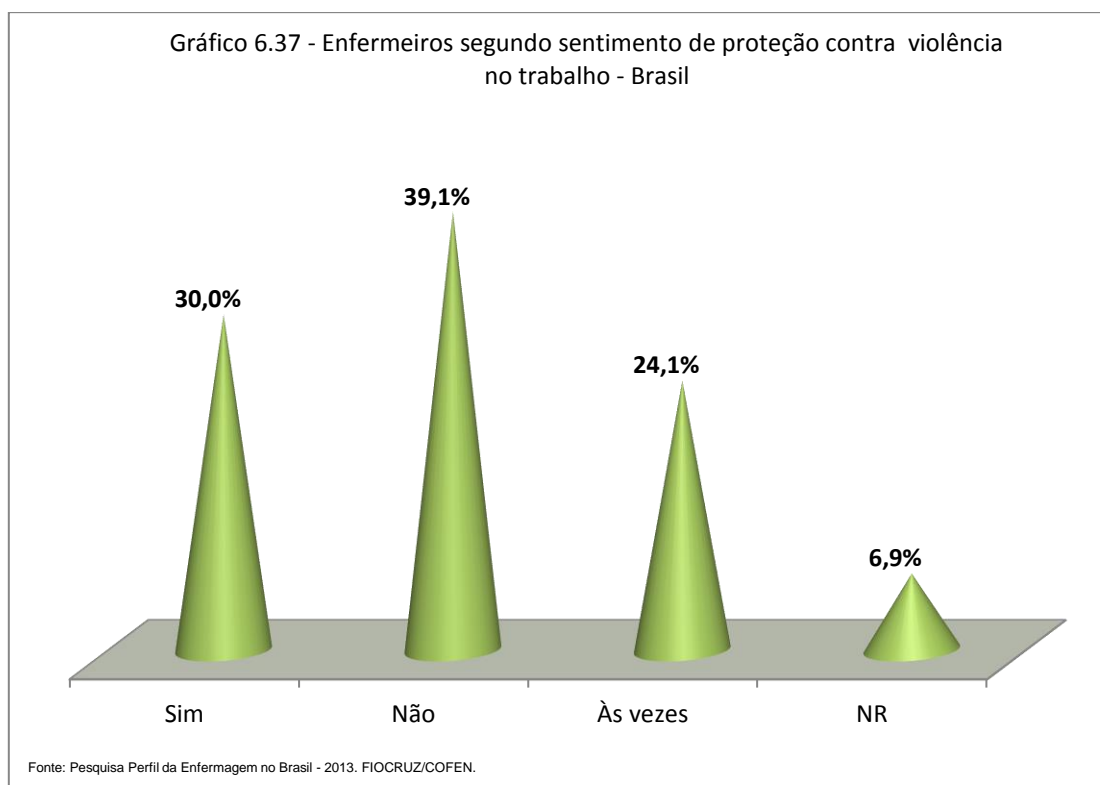
## PROTEÇÃO

No que concerne à percepção dos enfermeiros quanto ao sentimento de proteção no ambiente de trabalho contra violência, somente 30%, ou seja, menos de 1/3 afirma se sentir seguro, contra 24,1% que se sentem “às vezes” e 39,1% que responderam “não”. A soma de 63,2% das duas últimas variáveis, expressam um ambiente de trabalho marcado pela falta de segurança e desproteção de um expressivo contingente de enfermeiros (Tabela 6.1.10a e Gráfico 6.37).

Tabela 6.1.10a  
Enfermeiros segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

Proteção no trabalho	V.Abs.	%
Sim	124.278	30,0
Não	162.202	39,1
Às vezes	99.823	24,1
NR	28.410	6,9
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



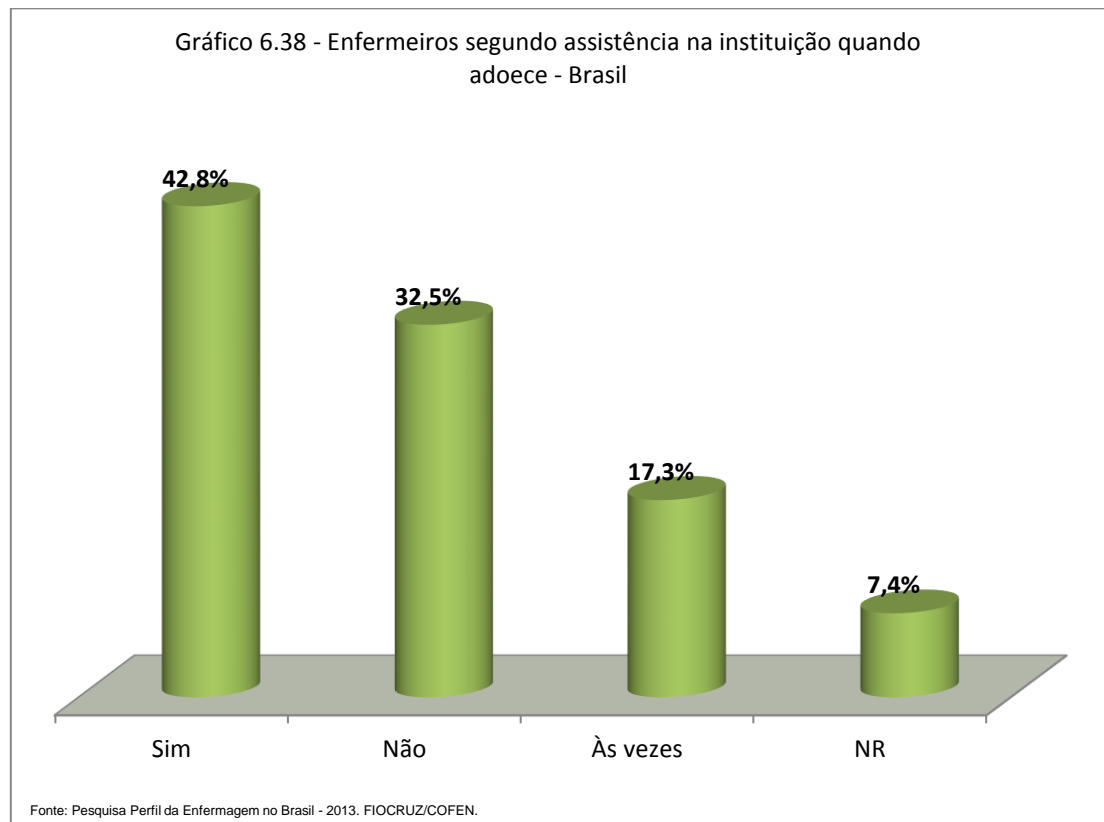
## ASSISTÊNCIA

Esse mesmo contingente informa que apenas 42,8% dos que adoecem são assistidos pela instituição na qual trabalham. Aqueles que não são assistidos, 32,5%, e os que são “às vezes” (17,3%) somam 49,8%, ou seja, quase a metade dos enfermeiros, embora lide diretamente com o cuidado e a saúde das pessoas, não tem amparo institucional quando se trata do cuidado com a sua própria saúde (Tabela 6.1.11a e Gráfico 6.38).

Tabela 6.1.11a  
Enfermeiros segundo assistência na instituição quando adoecer - Brasil

<b>Assistência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	177.509	42,8
Não	134.806	32,5
Às vezes	71.685	17,3
NR	30.712	7,4
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



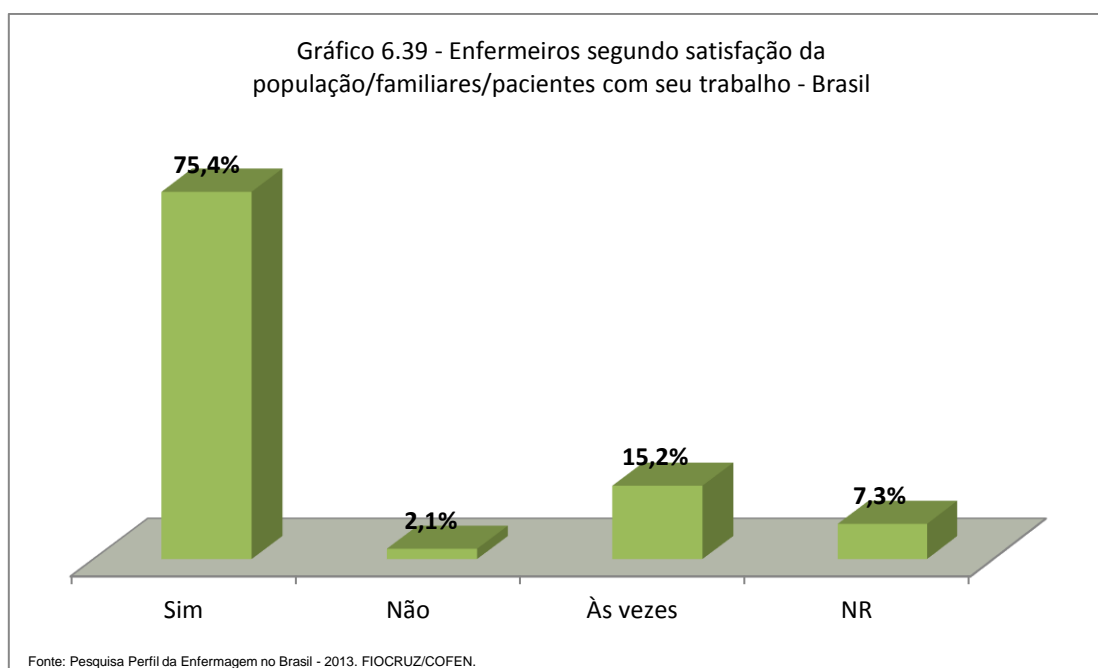
## POPULAÇÃO SATISFEITA

Contraditoriamente, a maioria (75,4%) dos enfermeiros brasileiros sente que a população, os familiares e os próprios pacientes demonstram satisfação com o trabalho prestado (Tabela 6.1.12a e Gráfico 6.39). Isso choca com dados da pesquisa analisados anteriormente, que mostram desrespeito e baixa cordialidade dessa população usuária com o pessoal da enfermagem. Um exemplo é que apenas 59,9% afirmam receber tratamento cordial e respeitoso da população usuária de seus serviços. Outros dados, como será visto mais à frente, atestam uma enorme insatisfação e desapontamento desses enfermeiros com sua profissão, quando boa parte se sente desprestigiada, desvalorizada e acima de tudo, desrespeitada, de um modo geral.

Tabela 6.1.12a  
Enfermeiros segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho  
Brasil

Satisfação da população	V.Abs.	%
Sim	312.681	75,4
Não	8.848	2,1
Às vezes	62.978	15,2
NR	30.205	7,3
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## VIOLÊNCIA NO TRABALHO

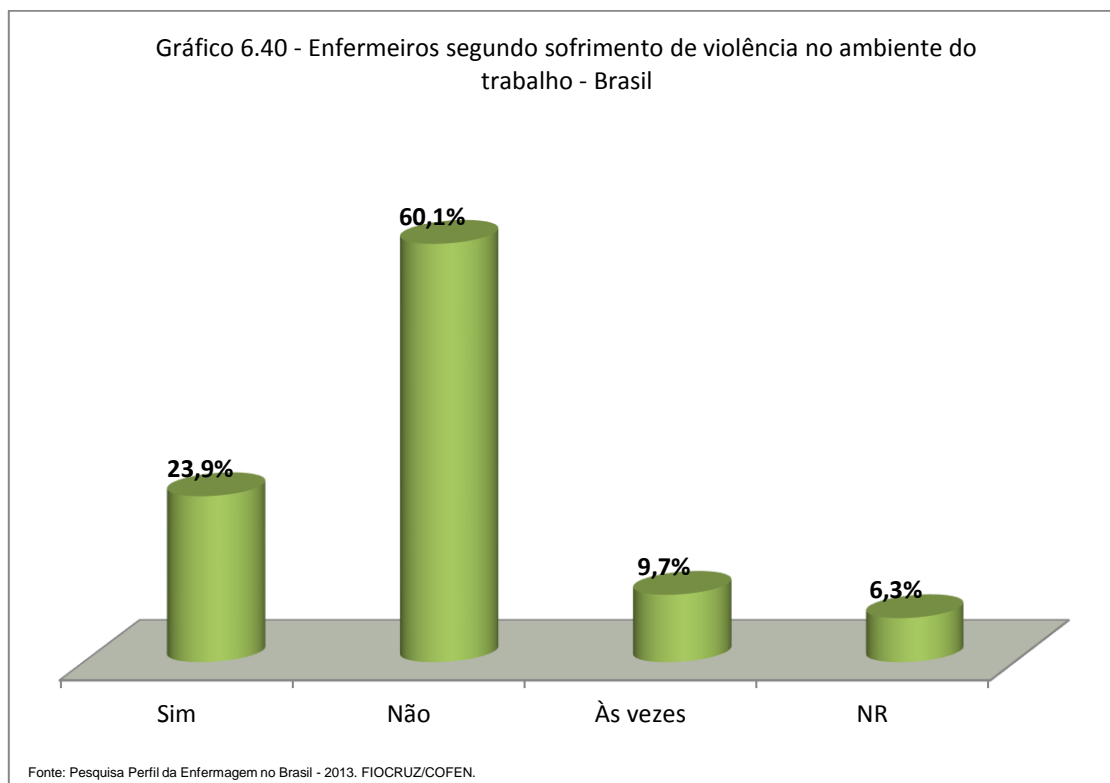
Quando os enfermeiros brasileiros foram indagados se sofrem ou já sofreram alguma violência no ambiente de trabalho, 23,9% afirmam que sim e aqueles que “às vezes” somam 9,7% (Tabela 6.1.13a e Gráfico 6.40). Contudo, mesmo tendo a maioria afirmando não sofrer violência, torna-se importante não só registrar como analisar mais profundamente.

Tabela 6.1.13a  
Enfermeiros segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

<b>Violência no trabalho</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	98.998	23,9
Não	249.112	60,1
Às vezes	40.286	9,7
NR	26.316	6,3
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.40 - Enfermeiros segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil



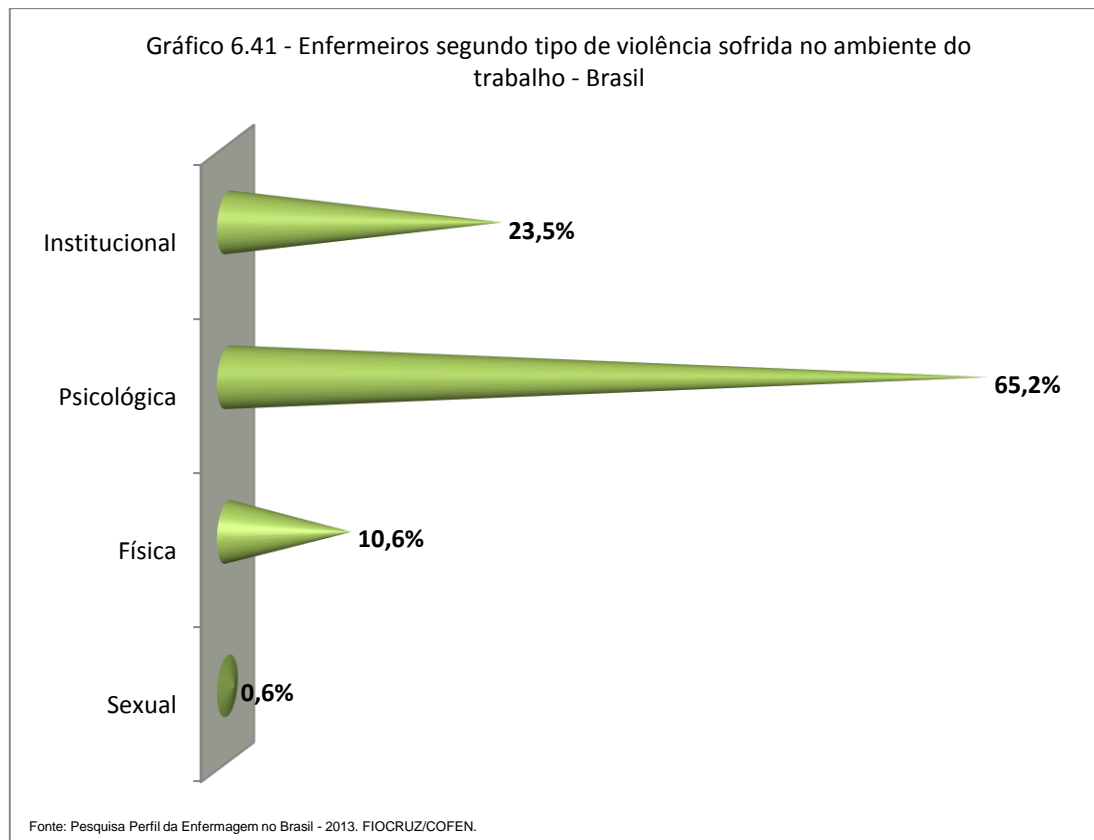
## TIPO DE VIOLÊNCIA

A pesquisa buscou captar a tipologia da violência que está presente no cotidiano das instituições: psicológica, institucional, física e sexual. Entre os enfermeiros, os dados apontam com maior frequência a violência psicológica (65,2%), seguida pela institucional com 23,5%, a física (10,6%), sendo a sexual a menos apontada, com apenas 0,6% (Tabela 6.1.13.1a e Gráfico 6.41).

Tabela 6.1.13.1a  
Enfermeiros segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de violência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Institucional	41.033	23,5
Psicológica	113.611	65,2
Física	18.529	10,6
Sexual	1.067	0,6
<b>Total</b>	<b>174.240</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## DISCRIMINAÇÃO

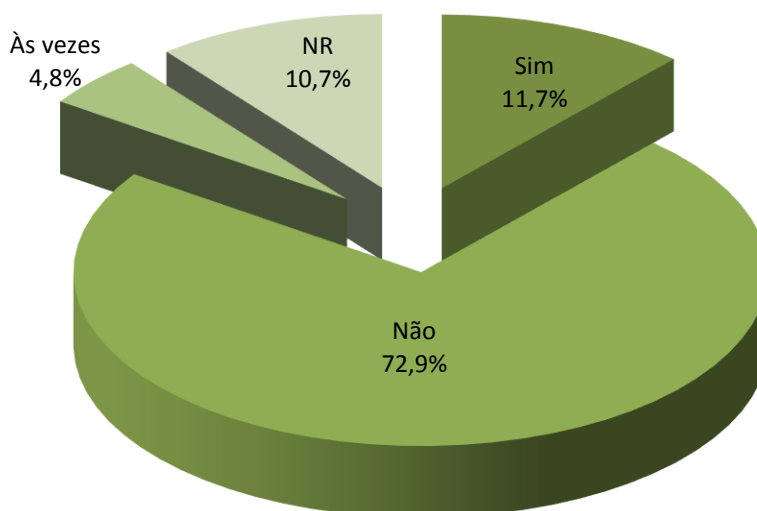
Ao serem indagados se já sofreram discriminação no ambiente de trabalho, a maioria dos enfermeiros brasileiros (72,9%) afirma não ter sofrido. Apenas 11,7% já sofreram alguma discriminação e 4,8% dizem que “às vezes”, o que soma 16,5% (Tabela 6.1.14a e Gráfico 6.42).

Tabela 6.1.14a  
Enfermeiros segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

<b>Discriminação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	48.330	11,7
Não	302.199	72,9
Às vezes	19.959	4,8
NR	44.224	10,7
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.42 - Enfermeiros segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE DISCRIMINAÇÃO

Dentre os tipos de discriminação destacam-se: gênero com 52,3%; a seguir a racial com 21,6% e por peso/obesidade, que representa 16,5%. Orientação sexual soma 7,1% e aqueles trabalhadores com necessidades especiais, apenas 2,5% (Tabela 6.1.14.1a e Gráfico 6.43). Destacam-se: gênero (52,3%), racial (21,6%) e peso/obesidade (16,5%) são os tipos de discriminação mais presentes entre os enfermeiros.

Tabela 6.1.14.1a  
Enfermeiros segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de discriminação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Gênero	29.346	52,3
Orientação Sexual	3.957	7,1
Racial	12.119	21,6
Peso/obesidade	9.268	16,5
Portador de necessidade especial	1.413	2,5
<b>Total</b>	<b>56.103</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CONDIÇÕES DE TRABALHO

Na escala proposta pela pesquisa, pode-se verificar que apenas 4,1% dos enfermeiros consideram excelentes as condições de trabalho do setor **público**, enquanto que para 54,3% elas são boas e ótimas e para 41,6% são regulares e péssimas. Já no setor **privado**, as condições de trabalho foram avaliadas por 12,5% como excelentes, sendo ótimas e boas para 70,7% e regulares e péssimas para 16,8%. No **filantrópico**, essas foram avaliadas por 11,2% como excelentes, sendo ótimas e boas por 64,6%, regulares e péssimas por 24,2%. E no setor **ensino**, elas foram avaliadas como excelentes por 11,7%, ótimas e boas somam 70,7% e regulares e péssimas 17,7% (Tabela 6.2a e Gráfico 6.44).

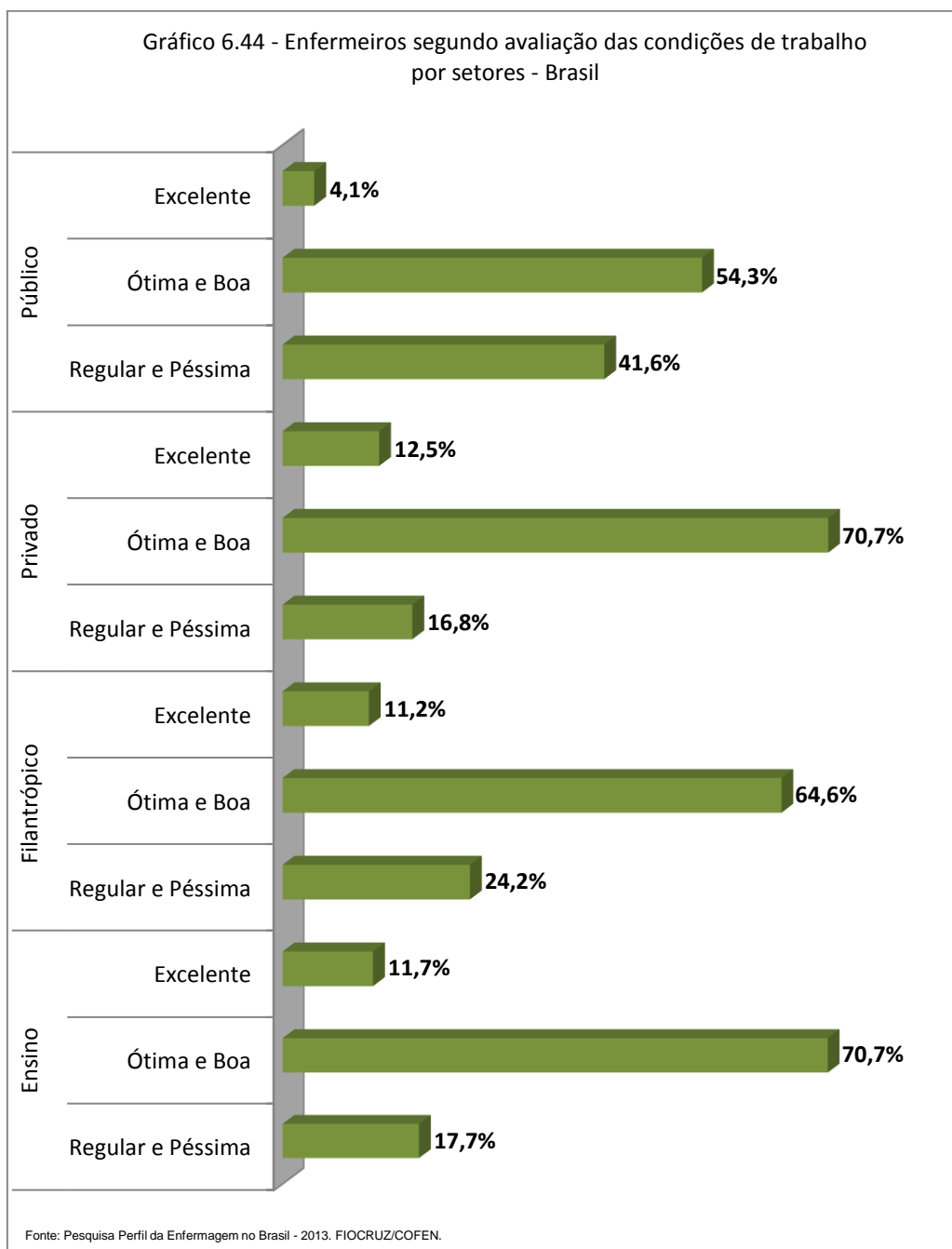
Tabela 6.2a

Enfermeiros segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Condições de trabalho	Público		Privado		Filantrópico		Ensino	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Excelente	11.103	4,1	14.687	12,5	5.384	11,2	5.377	11,7
Ótima	30.448	11,2	32.004	27,2	10.208	21,2	11.664	25,4
Boa	116.794	43,1	51.136	43,5	20.958	43,4	20.817	45,3
Regular	93.180	34,3	17.576	15,0	10.420	21,6	7.245	15,8
Péssima	19.743	7,3	2.162	1,8	1.276	2,6	865	1,9
<b>Total</b>	<b>271.268</b>	<b>100,0</b>	<b>117.566</b>	<b>100,0</b>	<b>48.247</b>	<b>100,0</b>	<b>45.969</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.44 - Enfermeiros segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil



## DESGASTE

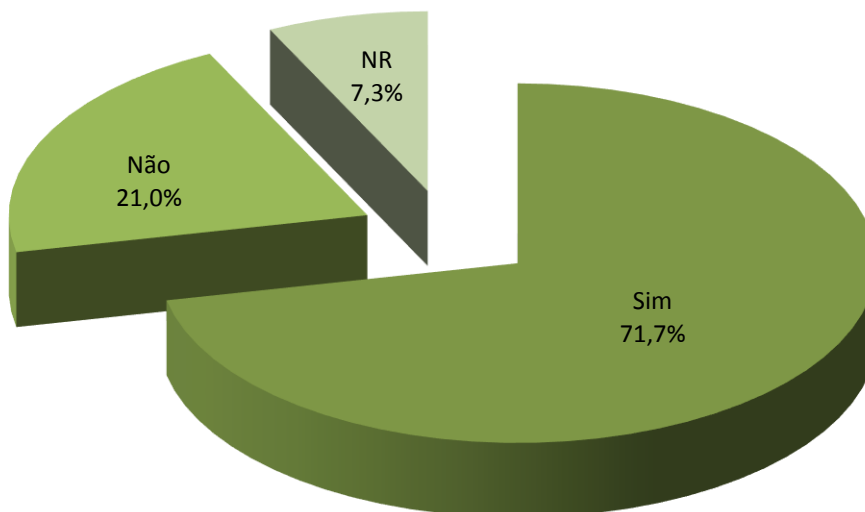
Os números contabilizados para o desgaste profissional não deixam dúvidas quanto à natureza das ações e das condições experimentadas pela enfermagem, em geral. No Brasil, registra-se 71,7%, ou seja, quase 300 mil dos enfermeiros que consideram sua atividade desgastante. Tal fato implica na necessidade de compreensão dos múltiplos e variados fatores presentes no processo e no ambiente de trabalho, desencadeadores deste desgaste. (Tabela 6.3a e Gráfico 6.45).

Tabela 6.3a  
Enfermeiros segundo desgaste profissional - Brasil

<b>Desgaste</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	297.346	71,7
Não	87.271	21,0
NR	30.095	7,3
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.45 - Enfermeiros segundo desgaste profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## INFRAESTRUTURA DE DESCANSO

Os dados da pesquisa apontam para uma situação nada confortável. No setor **público**, pouco menos da metade (45,2%) dos enfermeiros afirmam ter infraestrutura de descanso, o que significa dizer que a maioria dos profissionais não desfruta de condições adequadas de descanso nos intervalos de atendimento. No **privado**, essa situação de desconforto se mantém, quando também menos da metade (45,3%) dos enfermeiros afirma ter infraestrutura de descanso. Já no **filantrópico**, 42,6% dizem ter essa infraestrutura de descanso, em contraponto com 54,3% que afirmam não ter. Sendo um setor de **ensino**, que não necessariamente presta assistência, excetuando os hospitais universitários, é possível compreender que apenas 30,1% apontem a existência de infraestrutura, enquanto 64,8% afirmam não ter. Chama atenção que o setor ensino apresenta índices elevados de “não sei” (5,1%), demonstrando claro desconhecimento de seus direitos por um lugar adequado de descanso nos intervalos de seu processo de trabalho (Tabela 6.4a e Gráfico 6.46).

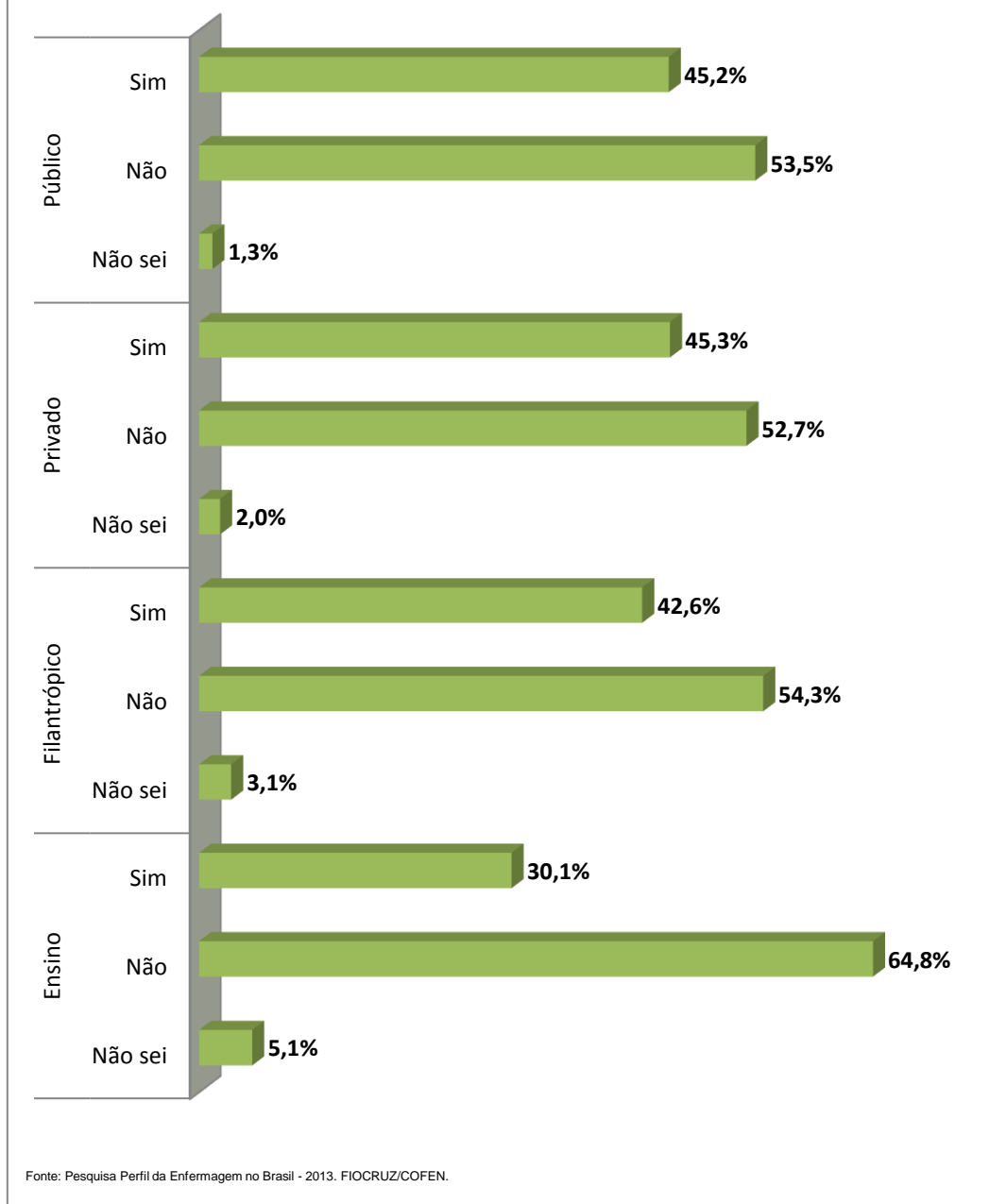
Tabela 6.4a

Enfermeiros segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Não sei		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	120.485	45,2	142.663	53,5	3.428	1,3	266.576	100,0
Privado	51.028	45,3	59.318	52,7	2.271	2,0	112.617	100,0
Filantrópico	19.907	42,6	25.346	54,3	1.439	3,1	46.692	100,0
Ensino	11.684	30,1	25.187	64,8	1.984	5,1	38.856	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.46 - Enfermeiros segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil



## ACIDENTE DE TRABALHO

No setor **público**, quando indagados se foram vitimados por alguma modalidade de acidente de trabalho nos últimos 12 meses, 8,3% dos profissionais brasileiros afirmam que sim, o que representa 22 mil profissionais. Por outro lado, positivamente, 91,6% declaram não ter sofrido. O **privado** apresenta índice um pouco menor. Aqueles que tiveram algum acidente de trabalho nestes últimos 12 meses somam 6,5% e 93,2% declaram não ter sofrido. No **filantrópico**, o comportamento se assemelha ao do setor privado, ou seja, 6,3% dos enfermeiros foram vitimados por alguma modalidade de acidente no trabalho, enquanto 93,3%, não. Já o setor de **ensino** exibe os menores índices: 3,5% dos enfermeiros declaram ter sofrido acidente de trabalho e 96% reportam não ter sofrido. Ressalta-se que os percentuais menores encontrados neste setor, em relação aos demais (público, privado e filantrópico), provavelmente se justifica pela natureza da atividade profissional, ou seja, ensino. A pergunta não diferenciou as atividades docentes nos hospitais universitários, por exemplo. Destaca-se que, mesmo sendo diminuto o percentual de “não sei”, sugere desconhecimento do conceito do que seja acidente de trabalho, ou incapacidade de classificar os possíveis acidentes, demonstrando certa alienação de seus direitos quanto a saúde do trabalhador (Tabela 6.5a e Gráfico 6.47).

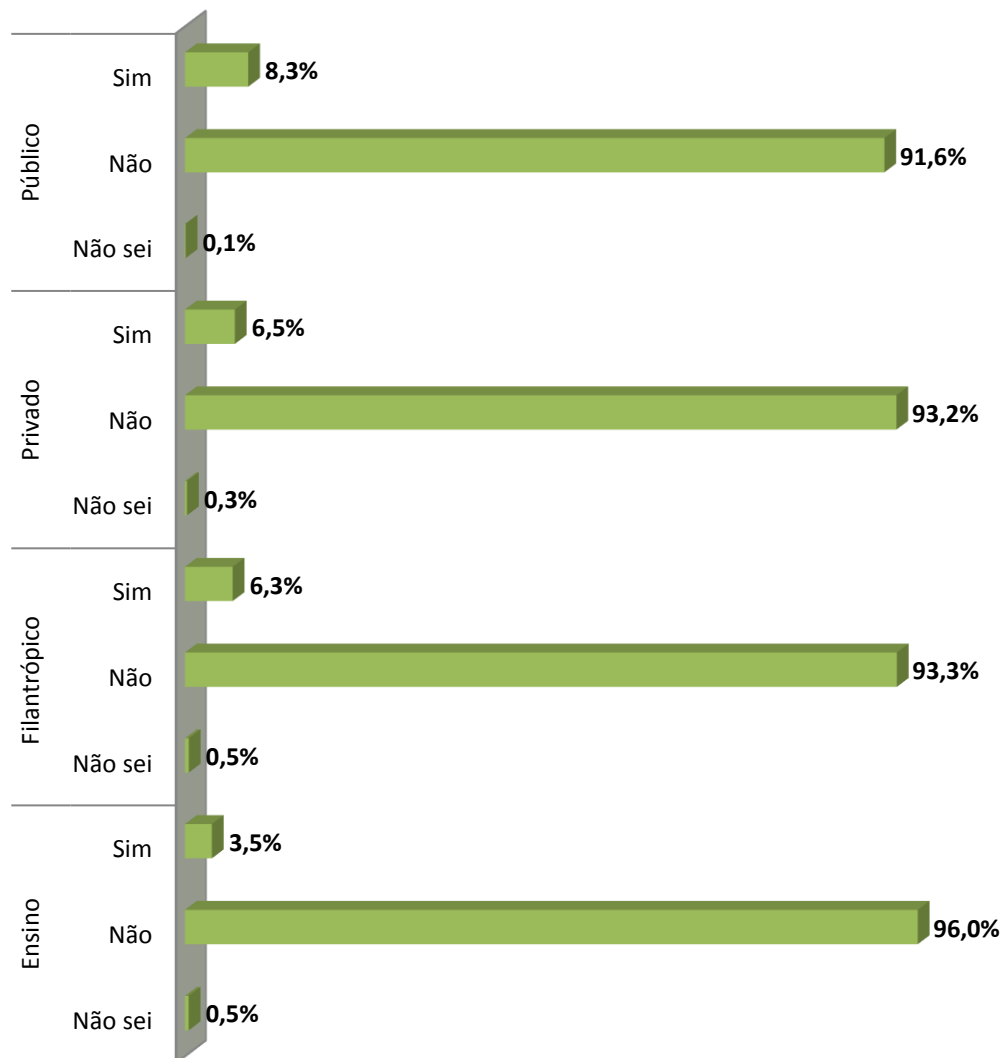
Tabela 6.5a

Enfermeiros segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Não sei		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	22.061	8,3	243.935	91,6	240	0,1	266.237	100,0
Privado	7.404	6,5	105.543	93,2	299	0,3	113.246	100,0
Filantrópico	2.951	6,3	44.016	93,3	234	0,5	47.201	100,0
Ensino	1.386	3,5	37.769	96,0	191	0,5	39.346	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.47 - Enfermeiros segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## LICENÇA MÉDICA

Analisando os dados do setor **público**, referentes aos afastamentos por licença médica dos enfermeiros brasileiros nos últimos 12 meses, registra-se um número expressivo de profissionais (22%) nesta situação. Este percentual representa mais de 1/5 de todo o contingente que atua no setor. Já os dados do **privado** mostram índices menores, com 16,8%. Aqueles que não precisaram entrar de licença somam a maioria (83,2%). O **filantrópico** registra as menores taxas comparado com os demais, ou seja, 12,9% dos enfermeiros entraram de licença médica nestes últimos 12 meses. E no setor **ensino**, 14,8% dos enfermeiros, nestes últimos 12 meses, entraram de licença médica. Da mesma forma, estão fora do cálculo as mulheres com licença maternidade (Tabela 6.6a e Gráfico 6.48).

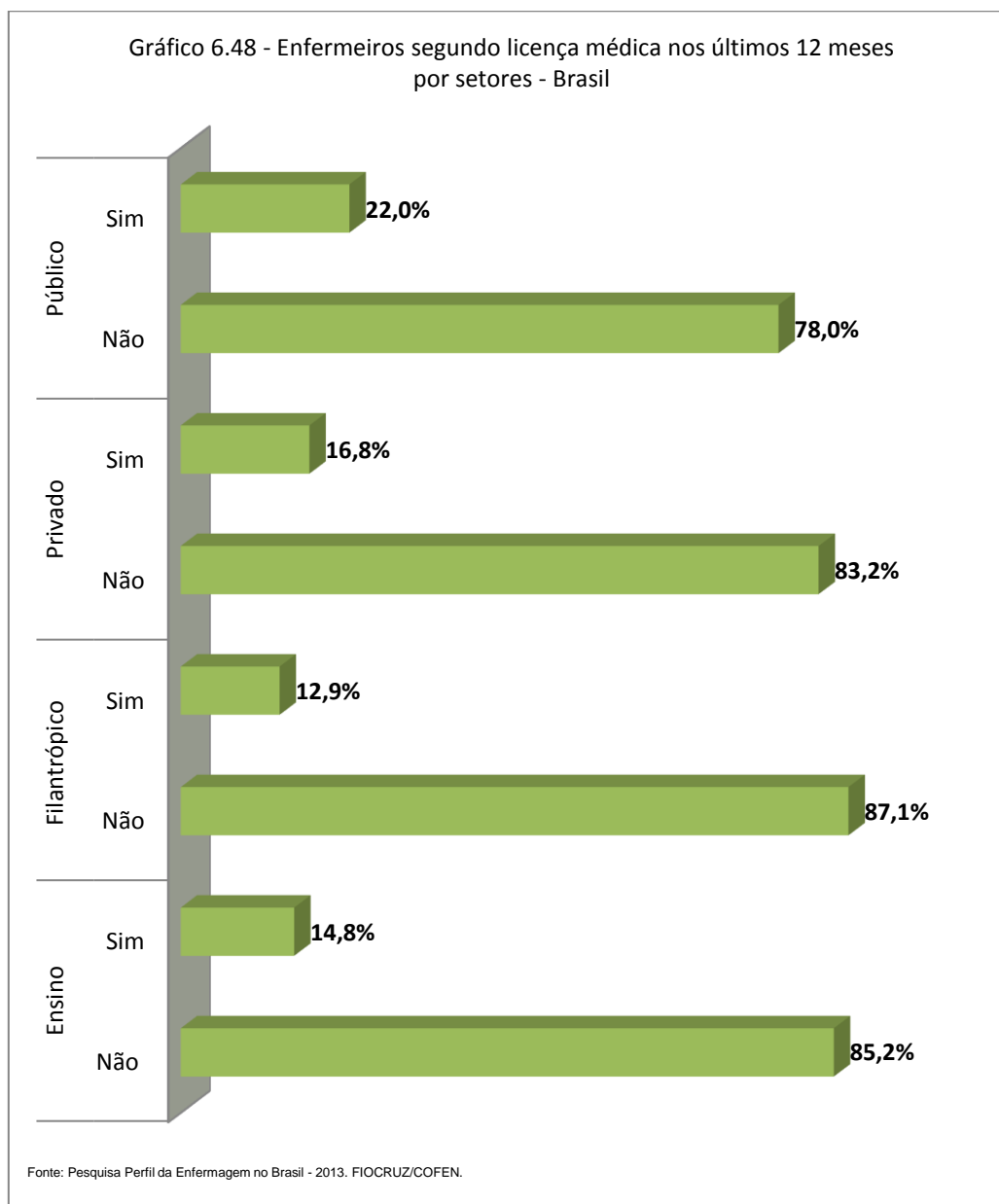
Tabela 6.6a

Enfermeiros segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores – Brasil\*  
(Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	57.902	22,0	205.197	78,0	263.099	100,0
Privado	18.991	16,8	94.148	83,2	113.138	100,0
Filantrópico	4.355	12,9	29.405	87,1	33.760	100,0
Ensino	5.836	14,8	33.592	85,2	39.428	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* **Excetua-se licença maternidade**



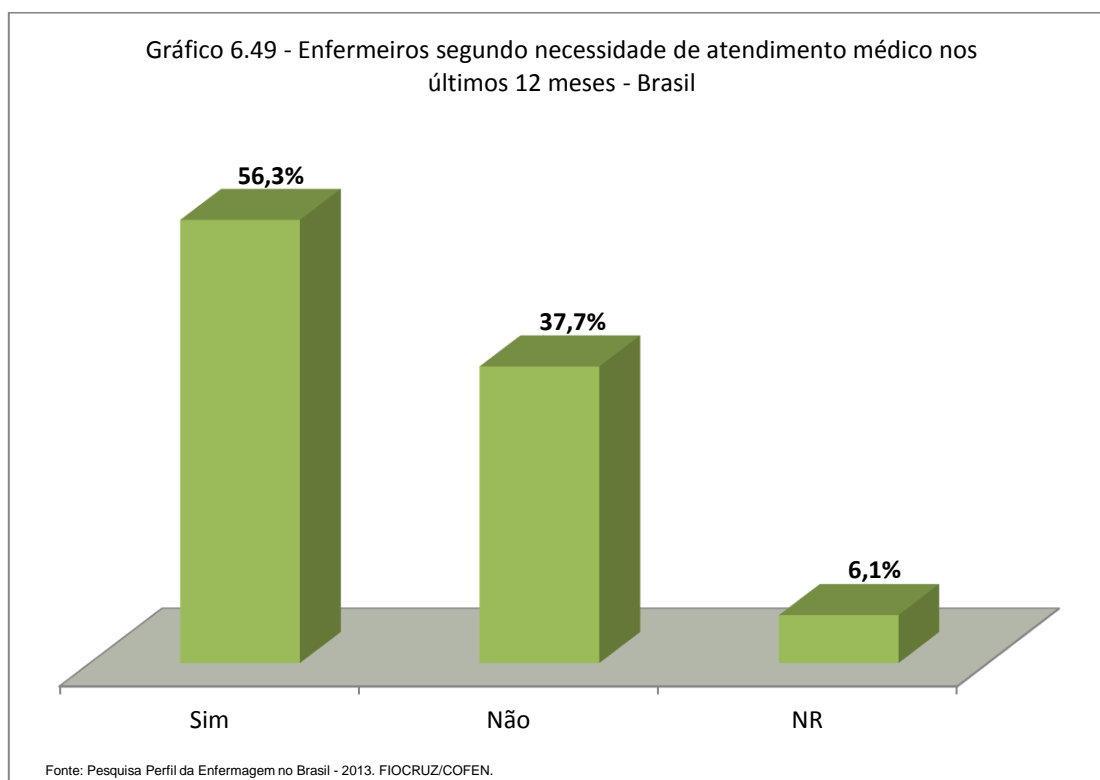
## ATENDIMENTO MÉDICO

Outro dado revelado na Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil reforça um “certo adoecimento” dos enfermeiros, quando mais da metade do contingente, ou seja, 56,3% declaram ter tido necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses (Tabela 6.7a e Gráfico 6.49).

Tabela 6.7a  
Enfermeiros segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Atendimento médico</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	233.350	56,3
Não	156.167	37,7
NR	25.195	6,1
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



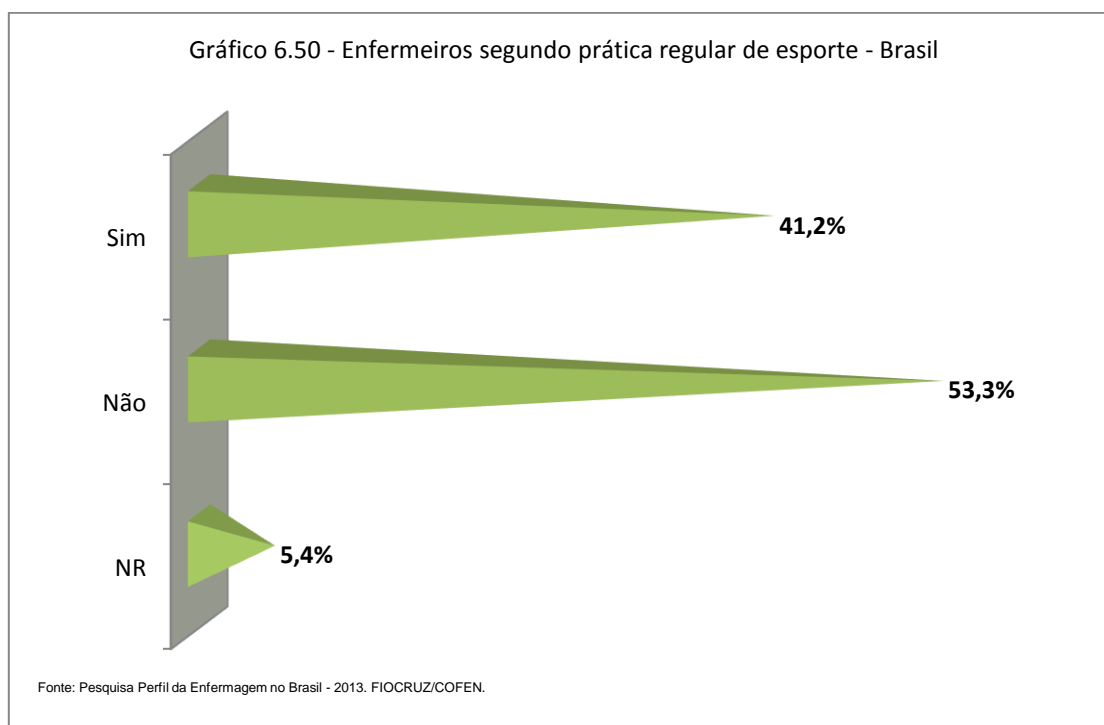
## PRÁTICA DE ESPORTE

A pesquisa buscou conhecer os hábitos do contingente de enfermagem do Brasil no que tange a prática de esportes. Neste quesito, é importante ressaltar que a pesquisa não qualificou essa prática de esportes, ou seja, não há uma escala, por exemplo, de quantas vezes por semana o esporte é praticado; apenas se perguntou qual se praticava “regularmente”. Detectou-se que mais da metade dos enfermeiros (53,3%) não pratica nenhuma modalidade de esporte, regularmente. Isso significa dizer que mais de 220 mil são, declaradamente, sedentários e que somente 41,2% exercem atividades esportivas. Portanto, uma fração pequena adota um estilo de vida no qual a prática de esporte é incorporada como hábito, enquanto uma fração maior se mantém sedentária (Tabela 6.8a e Gráfico 6.50).

Tabela 6.8a  
Enfermeiros segundo prática regular de esporte - Brasil

<b>Prática de esporte</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	170.972	41,2
Não	221.211	53,3
NR	22.529	5,4
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



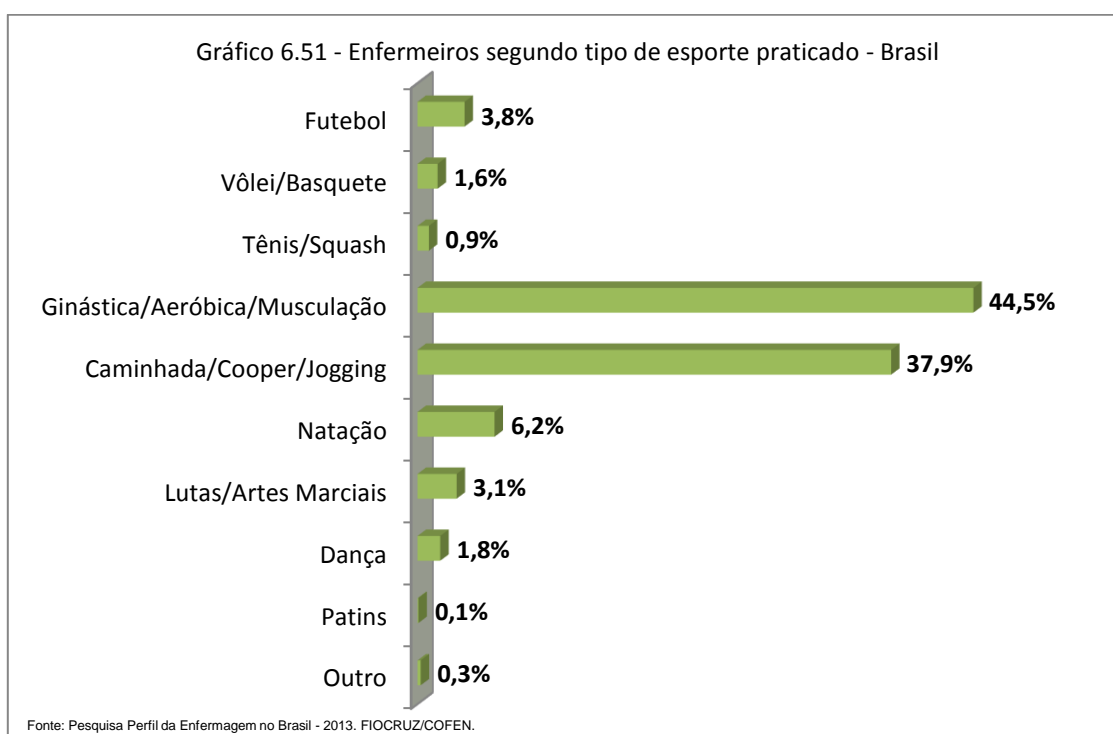
## TIPO DE ESPORTE

A modalidade mais presente entre os enfermeiros é a ginástica/aeróbica/musculação com 44,5%, seguida da caminhada/cooper/jogging com 37,9%, da natação com 6,2%, do futebol com 3,8% e das lutas/artes marciais com 3,1% (Tabela 6.8.1a e Gráfico 6.51).

Tabela 6.8.1a  
Enfermeiros segundo tipo de esporte praticado - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de esporte</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Futebol	8.329	3,8
Vôlei/Basquete	3.553	1,6
Tênis/Squash	2.015	0,9
Ginástica/Aeróbica/Musculação	98.505	44,5
Caminhada/Cooper/Jogging	83.867	37,9
Natação	13.639	6,2
Lutas/Artes Marciais	6.924	3,1
Dança	4.023	1,8
Patins	148	0,1
Outro	561	0,3
<b>Total</b>	<b>221.565</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



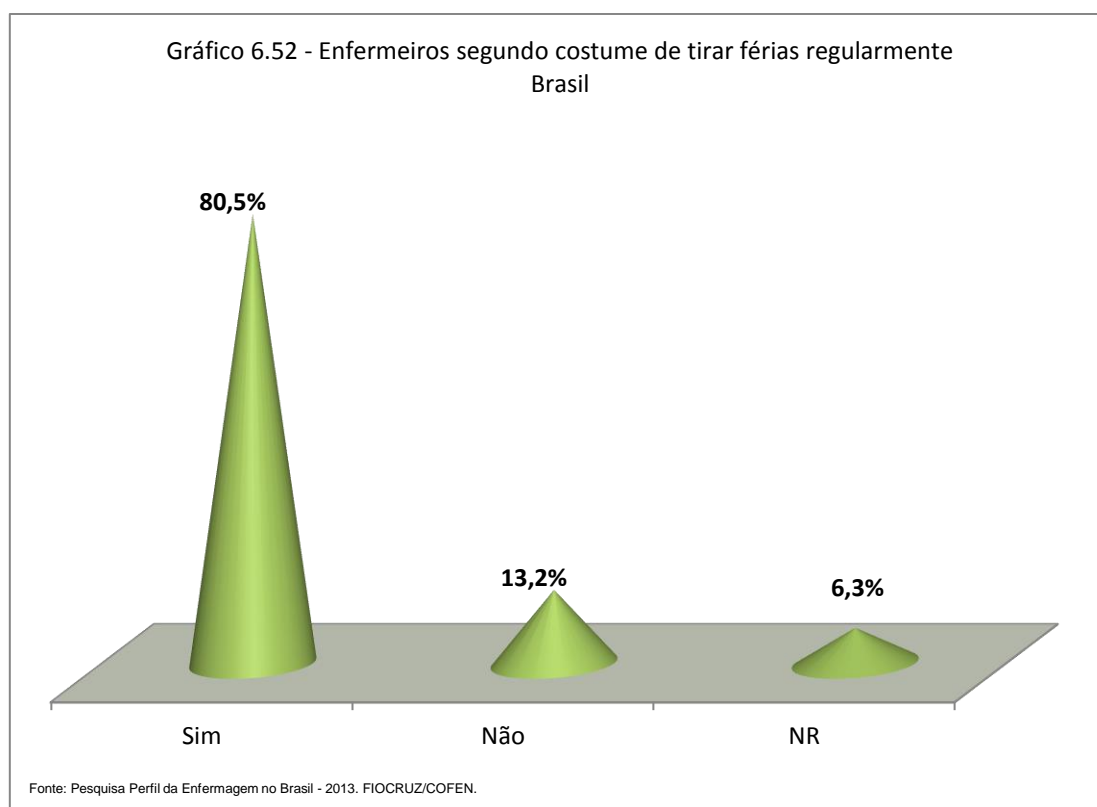
## FÉRIAS

A prática de tirar férias regularmente é da maioria absoluta, ou seja, 80,5%. No entanto, registra-se 13,2% que não tiram férias com regularidade (Tabela 6.9a e Gráfico 6.52).

Tabela 6.9a  
Enfermeiros segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

<b>Férias</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	333.813	80,5
Não	54.584	13,2
NR	26.315	6,3
<b>Total</b>	<b>414.712</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## FREQUÊNCIA DAS FÉRIAS

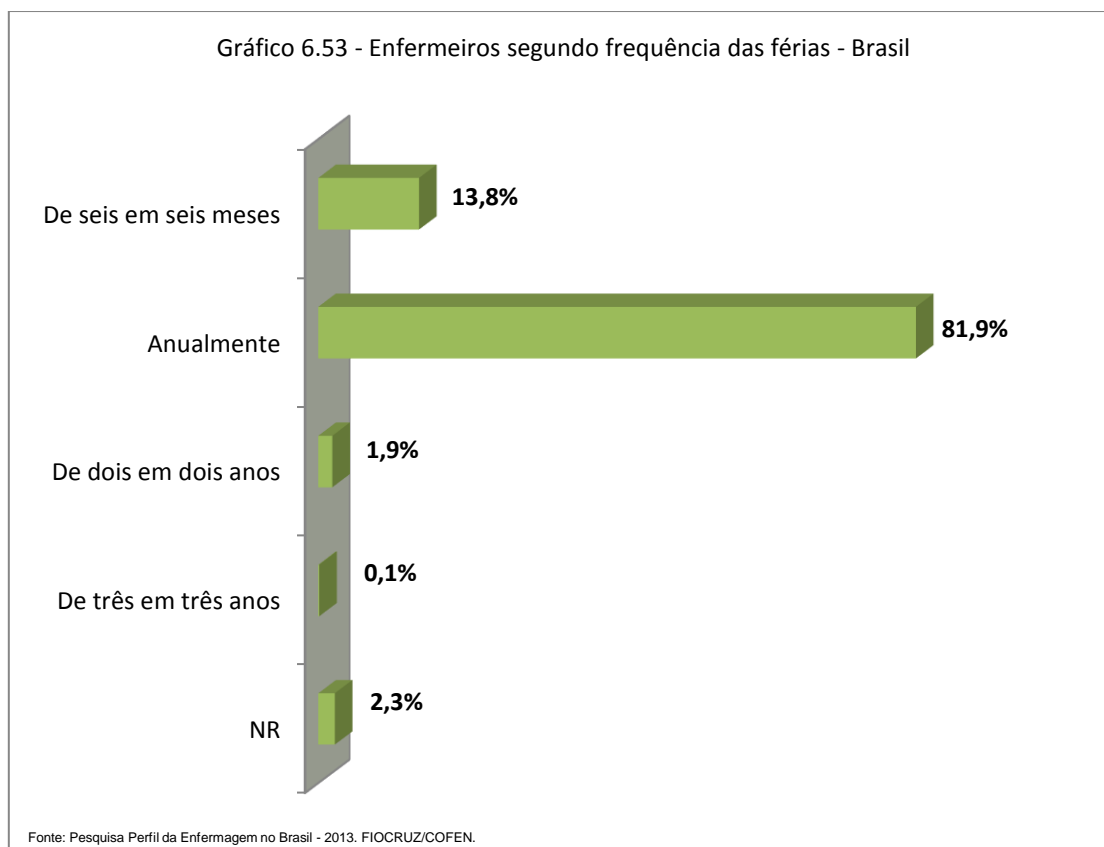
Dos que tiram férias regularmente entre esses profissionais, 81,9% o fazem anualmente e 13,8% de seis em seis meses. (Tabela 6.9.1a e Gráfico 6.53).

Tabela 6.9.1a  
Enfermeiros segundo frequência das férias - Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
De seis em seis meses	46.081	13,8
Anualmente	273.312	81,9
De dois em dois anos	6.406	1,9
De três em três anos	446	0,1
NR	7.567	2,3
<b>Total</b>	<b>333.813</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.53 - Enfermeiros segundo frequência das férias - Brasil



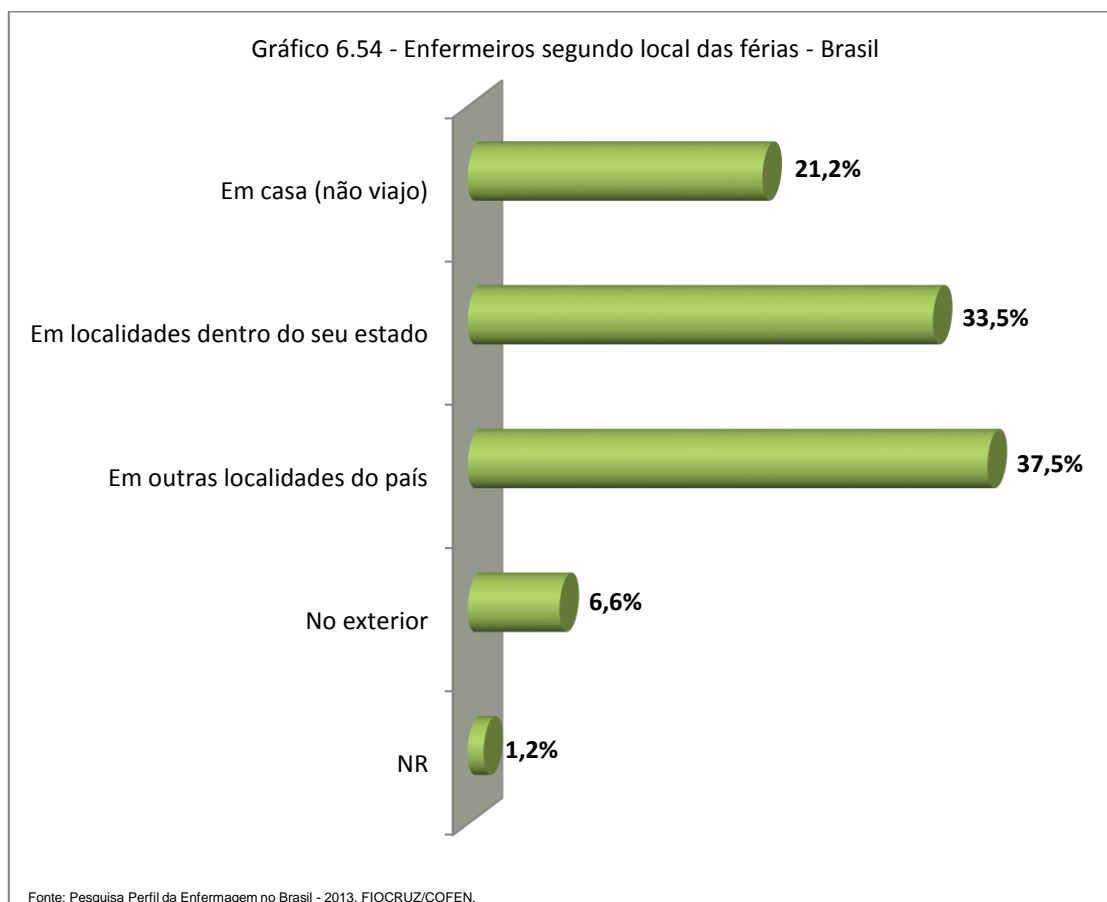
## LOCAL DAS FÉRIAS

Observa-se que 37,5% dos enfermeiros viajam para outras localidades do país e 33,5% para localidades dentro de seu estado. Registra-se apenas 21,2% que não viajam e 6,6% vão para o exterior (Tabela 6.9.2a e Gráfico 6.54).

Tabela 6.9.2a  
Enfermeiros segundo local das férias - Brasil

Local	V.Abs.	%
Em casa (não viajo)	70.926	21,2
Em localidades dentro do seu estado	111.908	33,5
Em outras localidades do país	125.016	37,5
No exterior	22.111	6,6
NR	3.852	1,2
<b>Total</b>	<b>333.813</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.







# AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM



## CORDIALIDADE E RESPEITO PELOS SEUS SUPERIORES

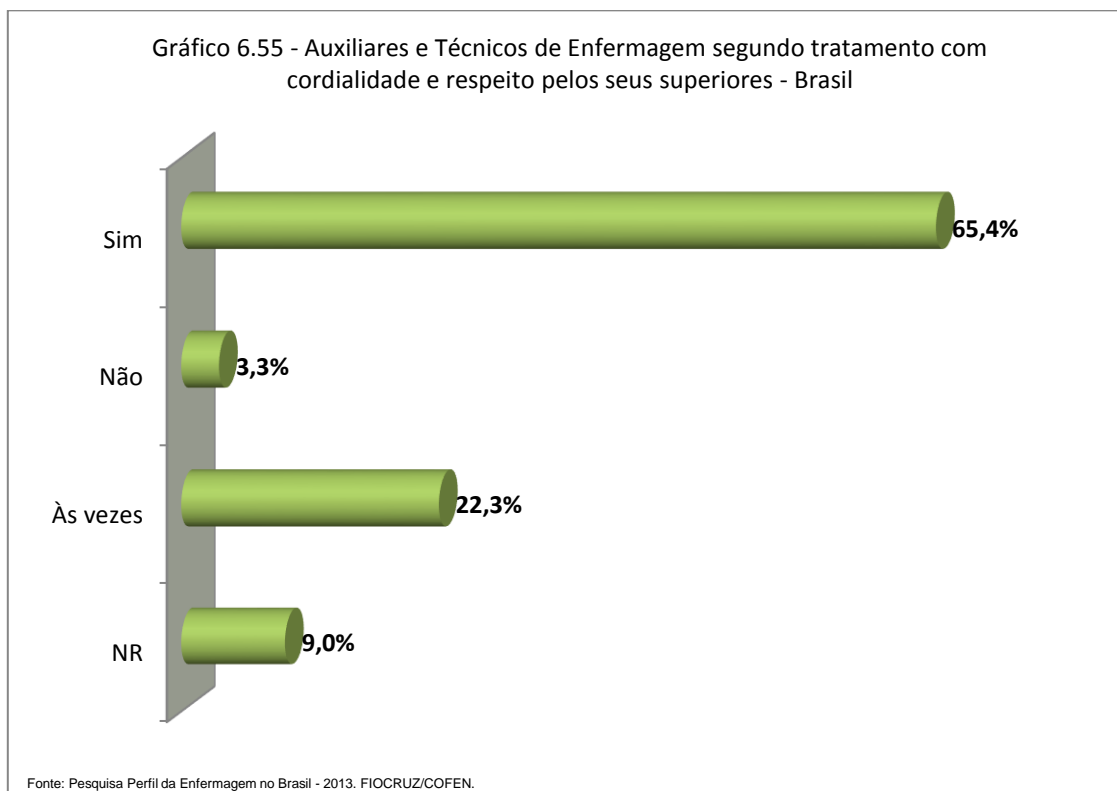
Os dados mostram que a maioria dos auxiliares e técnicos de enfermagem do Brasil (65,4%) considera que é tratada com cordialidade e respeito pelos seus superiores. No entanto, se somado aqueles que dizem que só “às vezes” (22,3%) aos que responderam “não” (3,3%), chega a 25,6%, ou seja, 1/4 do contingente não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus superiores (Tabela 6.1b e Gráfico 6.55)

Tabela 6.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores - Brasil

<b>Seus superiores</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	909.052	65,4
Não	45.466	3,3
Às vezes	310.387	22,3
NR	124.919	9,0
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO PELA EQUIPE DE SAÚDE

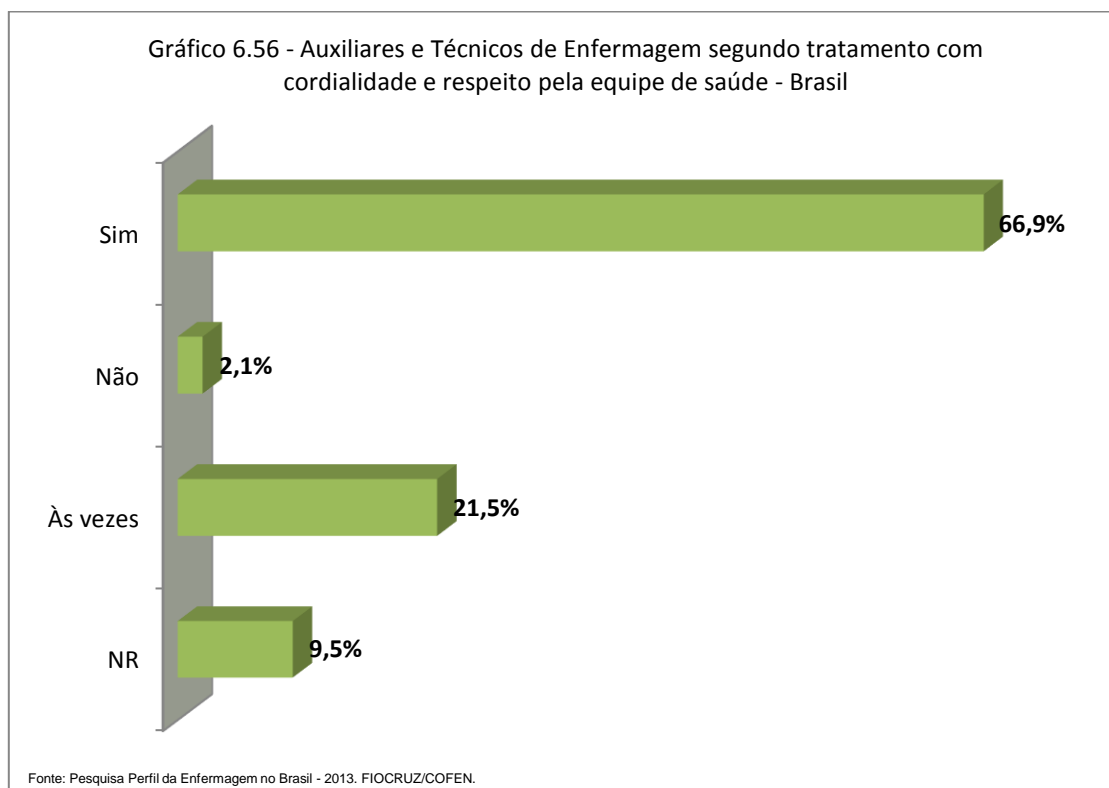
Quando se refere à equipe de saúde, os valores para tratamento com respeito e cordialidade para com os auxiliares e técnicos atingem 66,9%, enquanto 21,5% referem-se que “às vezes” e 2,1% que declaram falta de cordialidade e de respeito, o que soma 23,6%, ou seja, quase 1/4 do contingente não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus colegas da saúde (Tabela 6.1.2b e Gráfico 6.56).

Tabela 6.1.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde - Brasil

<b>Equipe de saúde</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	929.828	66,9
Não	28.681	2,1
Às vezes	298.800	21,5
NR	132.513	9,5
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO NA EQUIPE DE ENFERMAGEM

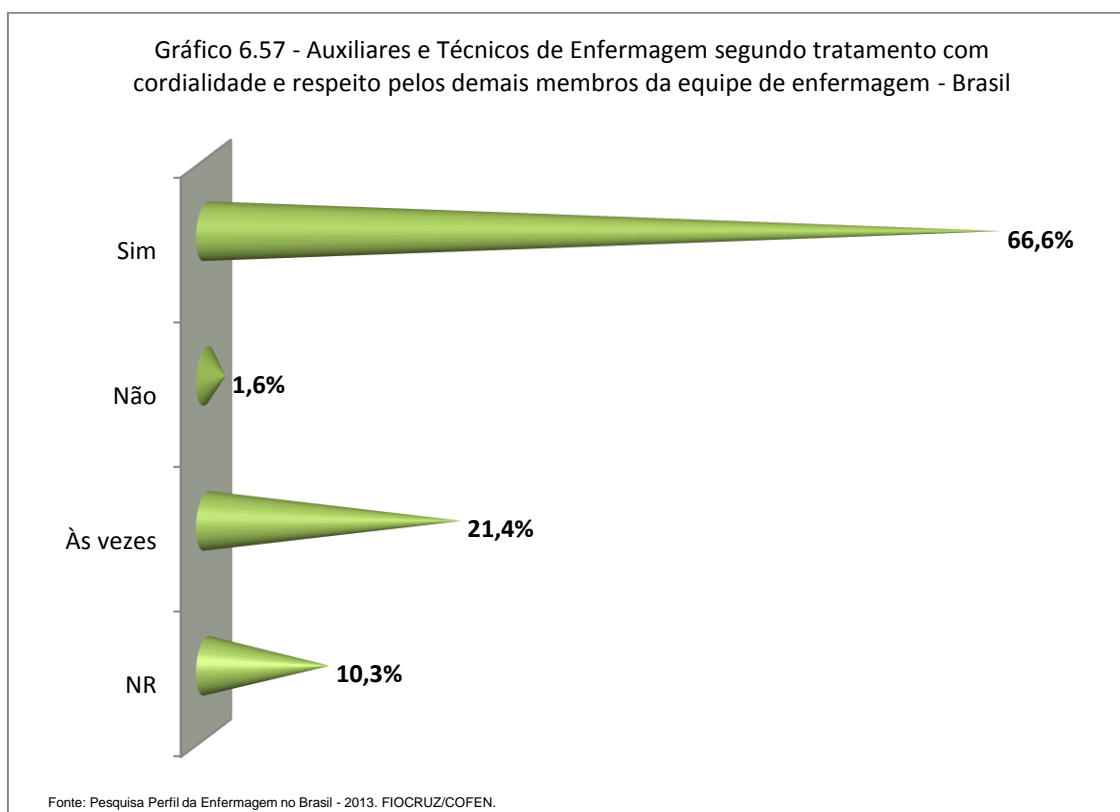
No âmbito da própria equipe, os números ficam muito próximos dos registrados para a equipe como um todo: 66,6% reportam trato cordial e respeitoso, 21,4% “às vezes” e 1,6% indicam “não”, ou seja, quase 1/4 dos auxiliares e técnicos não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos seus próprios colegas (Tabela 6.1.3b e Gráfico 6.57).

Tabela 6.1.3b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem - Brasil

<b>Equipe de enfermagem</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	926.073	66,6
Não	22.889	1,6
Às vezes	297.060	21,4
NR	143.801	10,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CORDIALIDADE E RESPEITO PELA POPULAÇÃO

Situação que merece atenção e preocupação, refere-se à percepção dos auxiliares e técnicos brasileiros quanto à população usuária (seus pacientes), no qual, apenas 43,4% afirmam receber tratamento cordial e respeitoso daqueles que são atendidos por eles. Reforça ainda mais uma percepção negativa quando 40,1% indicam que somente “às vezes” e 5,5% declaram não receber tratamento cordial e respeitoso; o que significa que quase metade do contingente (45,6%) não é tratado (sempre) com cordialidade e respeito pelos pacientes e/ou familiares, usuários do sistema de saúde (Tabela 6.1.4b e Gráfico 6.58).

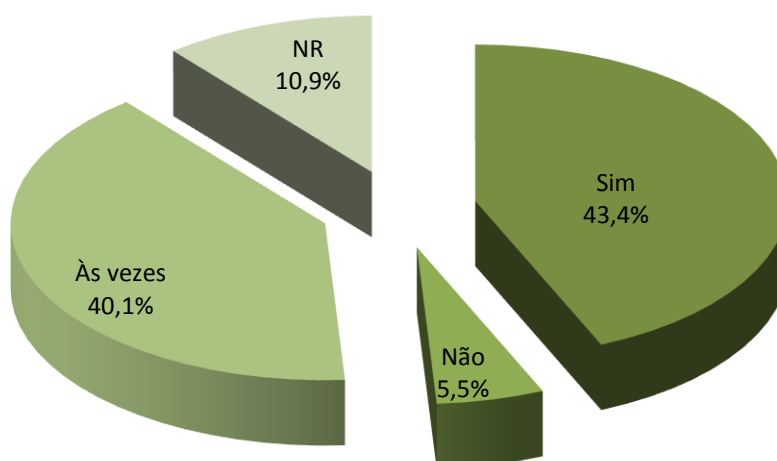
Tabela 6.1.4b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil

População	V.Abs.	%
Sim	603.871	43,4
Não	77.000	5,5
Às vezes	557.469	40,1
NR	151.483	10,9
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.58 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Considerando a necessidade de que todos aqueles que fazem parte das relações de trabalho na saúde (superiores, equipe de saúde, equipe de enfermagem e usuários, etc.), tratem uns aos outros com respeito, cordialidade e urbanidade, os dados apresentados pela pesquisa sugerem um ambiente de trabalho que precisa melhorar no que tange à adoção de comportamentos respeitosos e cordiais. Essas transformações visam relações mais saudáveis e dignas e apontam para a necessidade de promoção de mudanças nas condutas e práticas que se estabelecem no contexto do mundo do trabalho.

Importante observar que essa “pouca cordialidade e respeito” da população usuária do sistema de saúde, de um modo geral, para com os auxiliares e técnicos, reflete, na verdade, uma forma descortês e pouco respeitosa desses usuários e familiares com a equipe de saúde como um todo. Relatos e denúncias são recorrentes descrevendo fatos em que médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e toda a equipe de enfermagem, profissionais mais da linha de frente do atendimento, são frequentemente agredidos física e verbalmente, tendo que recorrer, muitas vezes, à ajuda policial. Essa situação é inadmissível no ambiente de saúde, requerendo das autoridades públicas medidas protetoras e inibidoras destas situações para com a equipe de saúde.



## CLIMA DE CONFIANÇA

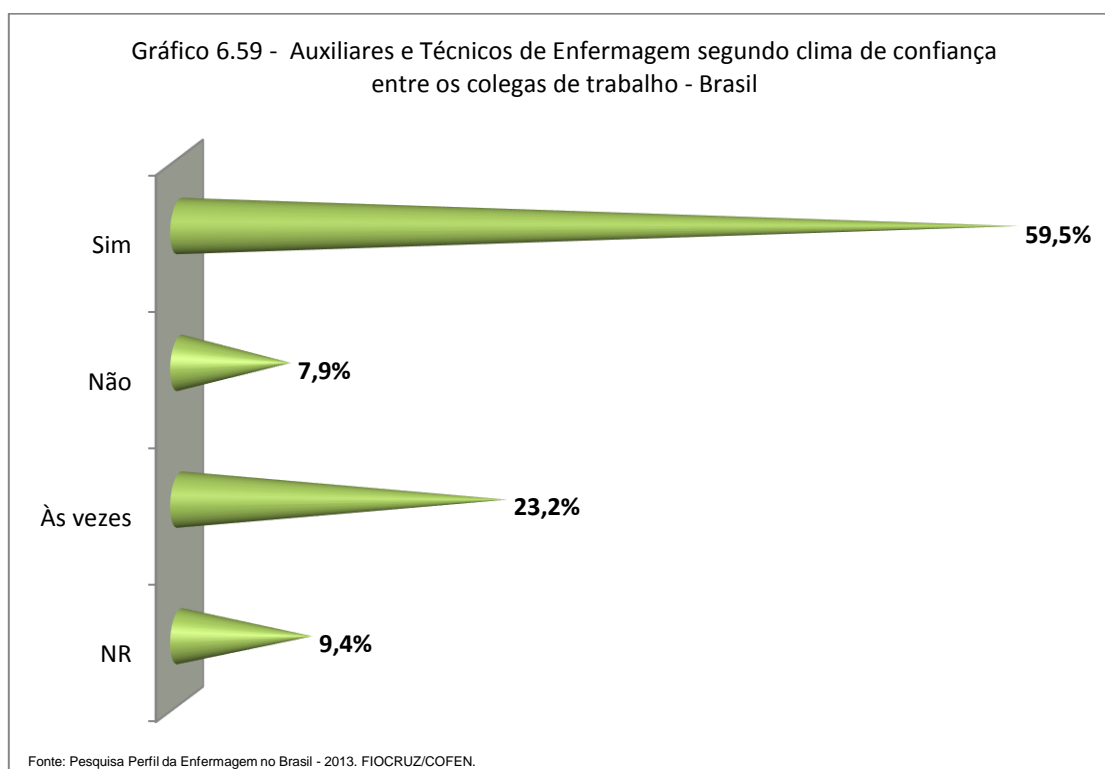
Quando perguntados sobre existência de clima de confiança entre os colegas de trabalho, mais da metade (59,5%) dos auxiliares e técnicos brasileiros reporta esse sentimento. No entanto, considerando que a confiança é um dos elementos-chave nas relações de trabalho, tanto no trabalho coletivo e colaborativo, quanto na produção dos resultados, torna-se relevante que, se somado os que “às vezes” desfrutam deste clima (23,2%) com aqueles que responderam “não” (7,9%), este percentual alcance mais de 30%, ou seja, quase 1/3 deste contingente. (Tabela 6.1.5b e Gráfico 6.59).

Tabela 6.1.5b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo clima de confiança entre os colegas de trabalho Brasil

<b>Confiança</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	826.988	59,5
Não	109.550	7,9
Às vezes	322.595	23,2
NR	130.690	9,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



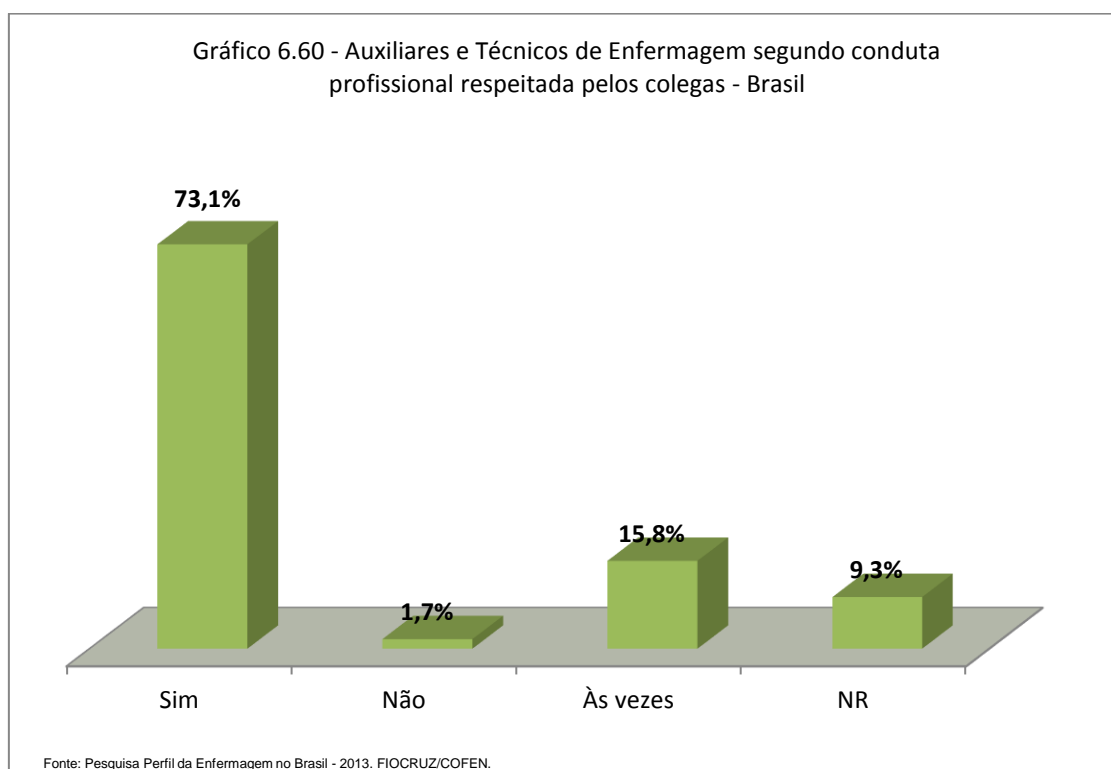
## CONDUTA RESPEITADA

As ações da enfermagem estão alicerçadas nos valores da profissão e no Código de Ética da Enfermagem. Desta forma, no Brasil, o percentual de 73,1% revela a existência, entre os pares, de um clima de respeito profissional em relação às condutas adotadas pelos auxiliares e técnicos (Tabela 6.1.6b e Gráfico 6.60).

Tabela 6.1.6b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo conduta profissional respeitada pelos colegas - Brasil

Conduta respeitada	V.Abs.	%
Sim	1.015.949	73,1
Não	24.041	1,7
Às vezes	220.283	15,8
NR	129.551	9,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## DISPONIBILIDADE DO CHEFE

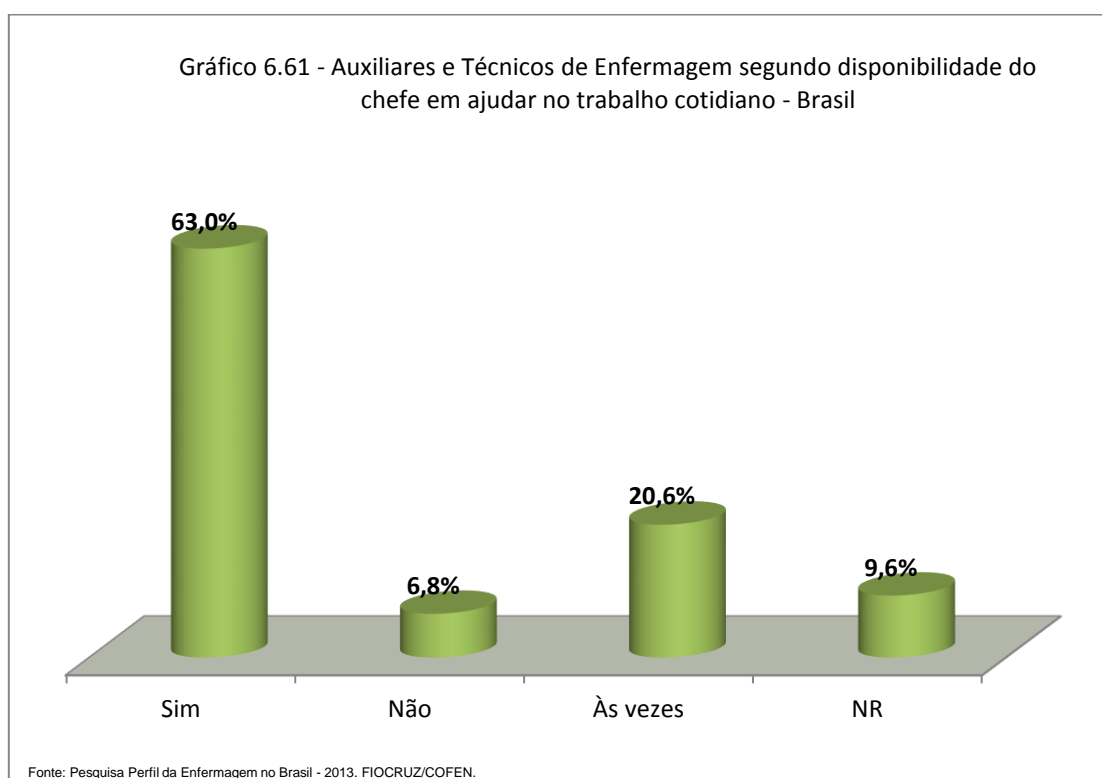
No que diz respeito à percepção dos auxiliares e técnicos brasileiros, quanto à disponibilidade do chefe em ajudá-los diante das dificuldades que se apresentam no desempenho do trabalho, somente 63% contam com esta ajuda, enquanto 20,6% alegam que somente “às vezes” e 6,8% não contam. O que significa dizer que mais de 1/4 desses profissionais vê seus chefes distantes, inacessíveis, quando necessita de ajuda (Tabela 6.1.7b e Gráfico 6.61).

Tabela 6.1.7b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo disponibilidade do chefe em ajudar no trabalho cotidiano - Brasil

Disponibilidade	V.Abs.	%
Sim	875.645	63,0
Não	94.268	6,8
Às vezes	286.404	20,6
NR	133.506	9,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



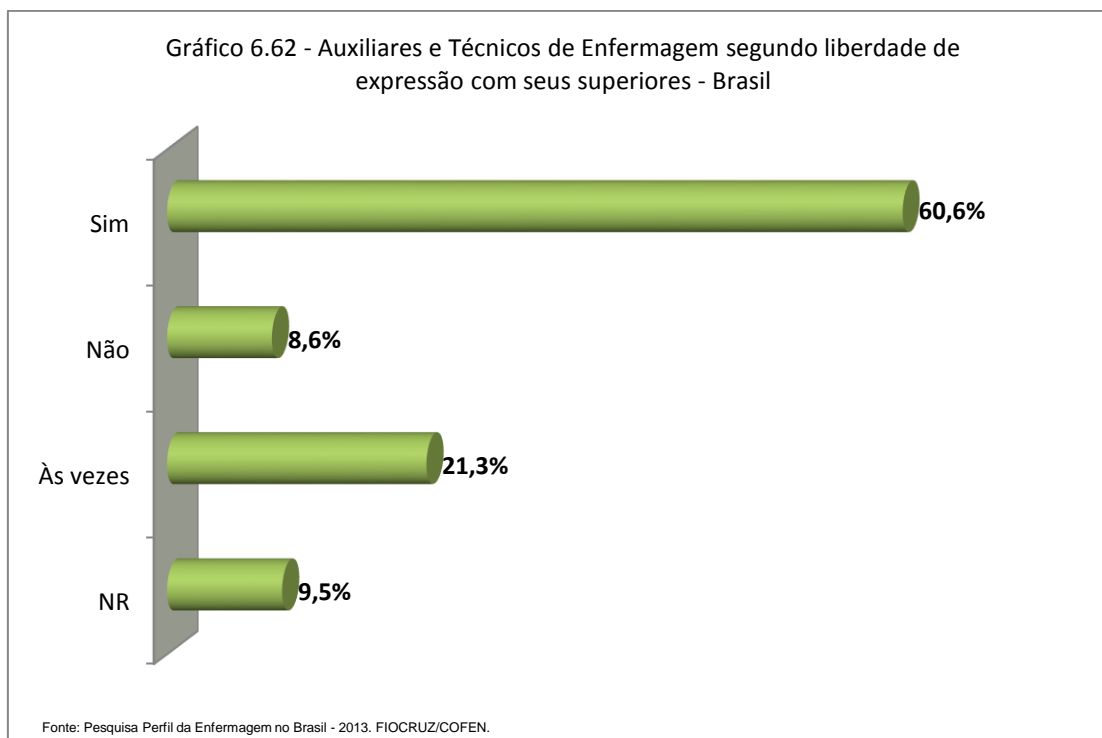
## LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A garantia de livre expressão, que é fundamental e suporte essencial para relações de trabalho saudáveis, é percebida por 60,6% dos auxiliares e técnicos brasileiros, quando se refere à liberdade de se expressar com os superiores (chefia, coordenação, direção, etc.). No entanto, registra-se 21,3% que afirmam ter “às vezes” essa liberdade e 8,6% que afirmam não ter. Somado, representa mais de 1/4 do contingente desses trabalhadores, que não se sente à vontade com seus superiores para expressar sua opinião, manifestação ou alguma queixa em relação ao trabalho, aos colegas, aos pacientes, ou até mesmo deles próprios, os chefes (Tabela 6.1.8b e Gráfico 6.62).

Tabela 6.1.8b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo liberdade de expressão com seus superiores  
Brasil

<b>Liberdade de expressão</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	841.751	60,6
Não	119.892	8,6
Às vezes	296.627	21,3
NR	131.553	9,5
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CONFIANÇA DA CHEFIA

Por outro lado, positivamente, 80,1% dos auxiliares e técnicos expressam que sua chefia confia em seu trabalho. Tal percentual permite afirmar que esses profissionais estabelecem relações de trabalho baseadas na confiança, sendo uma das condições indispensáveis para a cooperação, sinergia e integração dos indivíduos envolvidos no processo de trabalho de enfermagem (Tabela 6.1.9b e Gráfico 6.63).

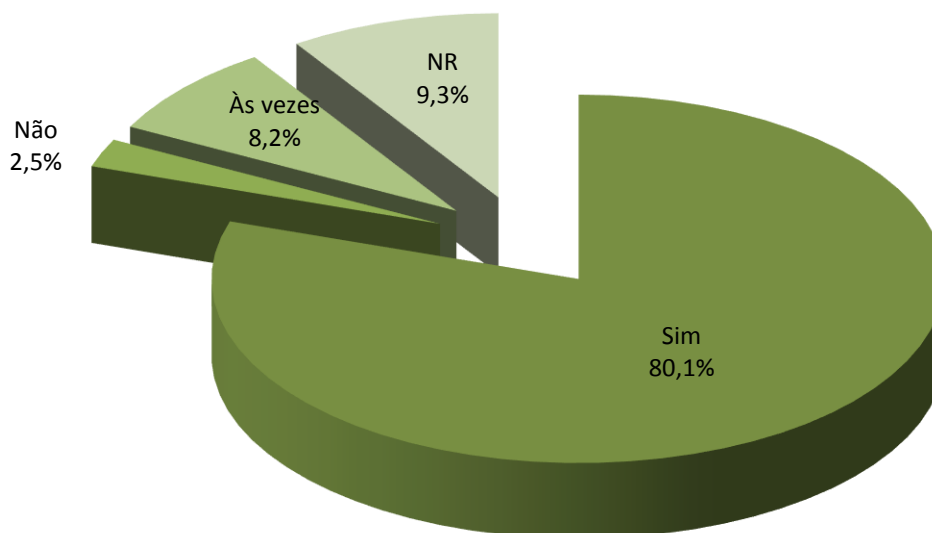
Tabela 6.1.9b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil

<b>Confiança da chefia</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	1.112.686	80,1
Não	34.536	2,5
Às vezes	113.555	8,2
NR	129.046	9,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.63 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo confiança da chefia em seu trabalho - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Destaca-se os baixos percentuais achados na pesquisa, nos quesitos anteriormente relacionados. Sempre é importante observar que está se falando de um contingente de mais de um milhão e trezentos mil trabalhadores, prestando cuidados de enfermagem à população que, no entanto, não se sente devidamente acolhida, protegida e respeitada. Chama a atenção que o clima de confiança entre os próprios colegas de trabalho é o quesito pior avaliado pelos profissionais; enquanto a confiança de seu chefe em seu trabalho é a melhor posicionada nesta escala. No entanto, fica claro que, apesar da confiança do chefe, esse profissional não obtém dele a proteção e amparo em momentos de dificuldades e muito menos se sente com liberdade para dizer o que pensa em relação ao cotidiano do trabalho.

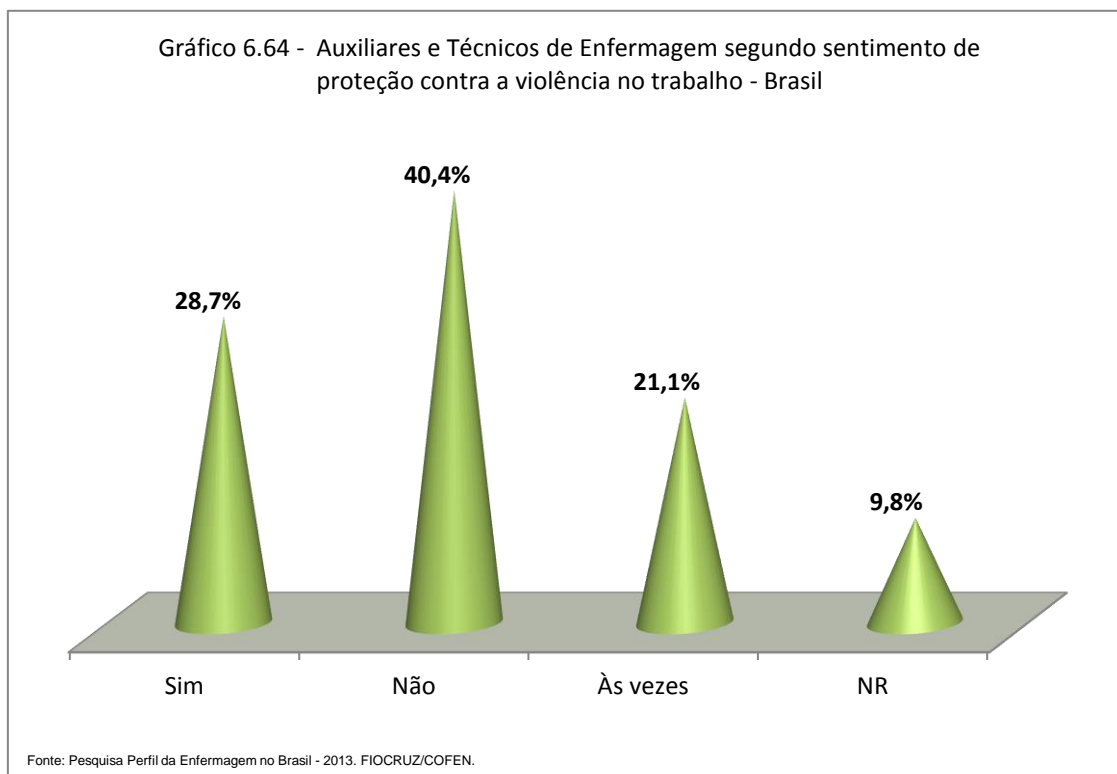
## PROTEÇÃO

No que concerne à percepção dos auxiliares e técnicos quanto ao sentimento de proteção no ambiente institucional contra a violência externa, somente 28,7%, ou seja, pouco mais de 1/4 dos profissionais afirma se sentir seguro, contra 21,1% que se sentem “às vezes” e 40,4% que responderam que não se sentem protegidos. A soma de 61,5% das duas variáveis que expressam insegurança, mostra um ambiente marcado pela falta de segurança e desproteção de um expressivo contingente (Tabela 6.1.10b e Gráfico 6.64).

Tabela 6.1.10b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sentimento de proteção contra violência no trabalho - Brasil

Proteção no trabalho	V.Abs.	%
Sim	398.453	28,7
Não	561.693	40,4
Às vezes	292.917	21,1
NR	136.760	9,8
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



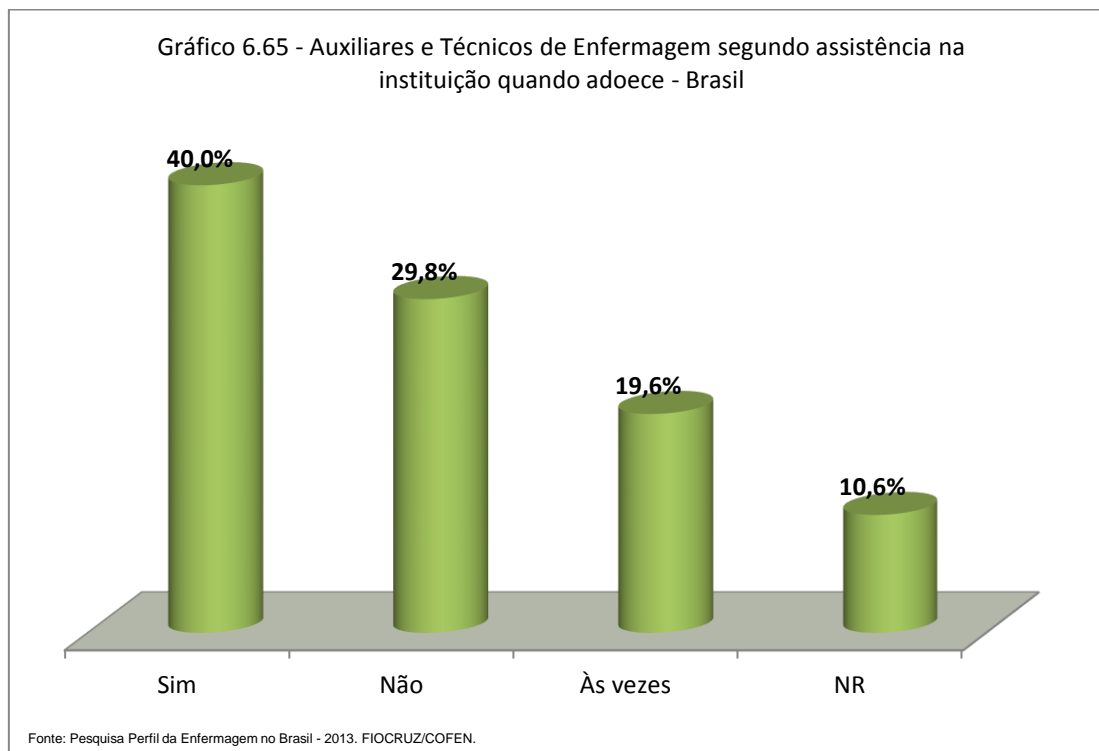
## ASSISTÊNCIA

Esse mesmo contingente informa que apenas 40% são assistidos pela própria instituição na qual trabalham, quando adoecem. Aqueles que não são representam 29,8% e 19,6%, somente “às vezes”. A soma destes dois últimos valores atinge 49,4%, ou seja, quase a metade dos auxiliares e técnicos, embora lide diretamente com o cuidado e a saúde das pessoas, não tem amparo institucional quando se trata de cuidado com a própria saúde (Tabela 6.1.11b e Gráfico 6.65).

Tabela 6.1.11b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo assistência na instituição quando adoece  
Brasil

Assistência	V.Abs.	%
Sim	555.799	40,0
Não	414.699	29,8
Às vezes	272.303	19,6
NR	147.022	10,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## POPULAÇÃO SATISFEITA

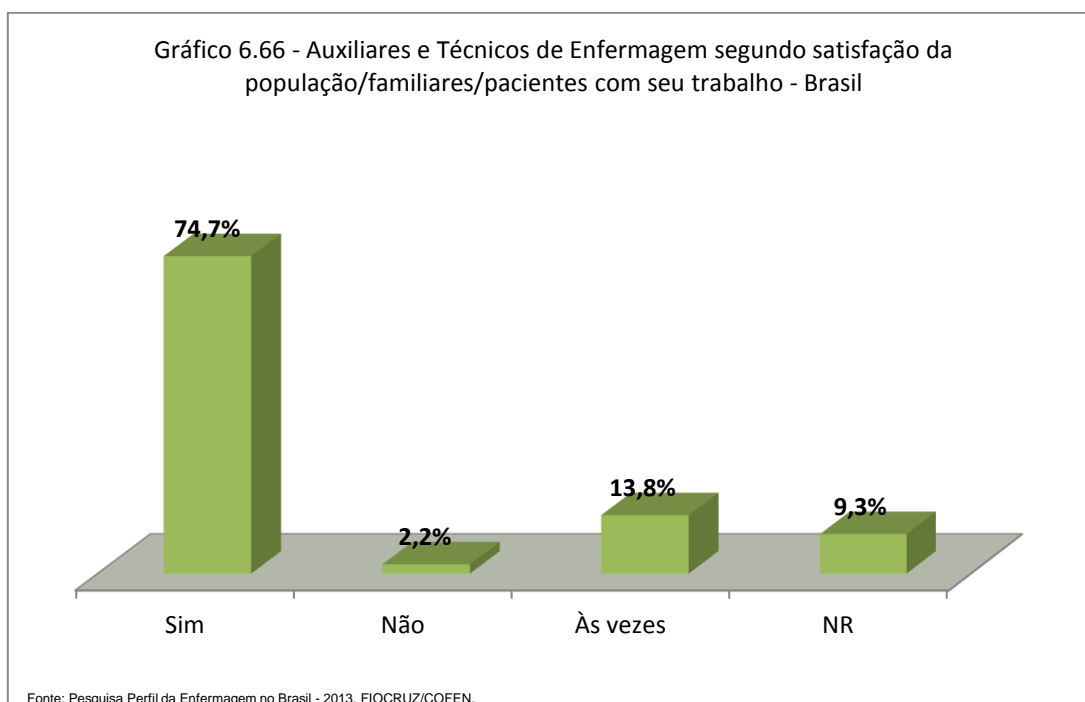
Contraditoriamente, a maioria (74,7%) dos auxiliares e técnicos de enfermagem sente que a população, os familiares e os próprios pacientes demonstram satisfação com o trabalho prestado (Tabela 6.1.12b e Gráfico 6.66). Isso choca com dados da pesquisa analisados anteriormente, que mostram desrespeito e baixa cordialidade também dessa população usuária com o pessoal da enfermagem. Um exemplo é que apenas 43,4% afirmam receber tratamento cordial e respeitoso da população usuária de seus serviços, visto anteriormente. Outros dados, como será visto mais a frente, atestam uma enorme insatisfação e desapontamento desses profissionais com a sua profissão, quando boa parte se sente desprestigiada, desvalorizada e acima de tudo, desrespeitada, de um modo geral.

Tabela 6.1.12b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo satisfação da população/familiares/pacientes com seu trabalho - Brasil

Satisfação da população	V.Abs.	%
Sim	1.038.502	74,7
Não	30.187	2,2
Às vezes	191.459	13,8
NR	129.674	9,3
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



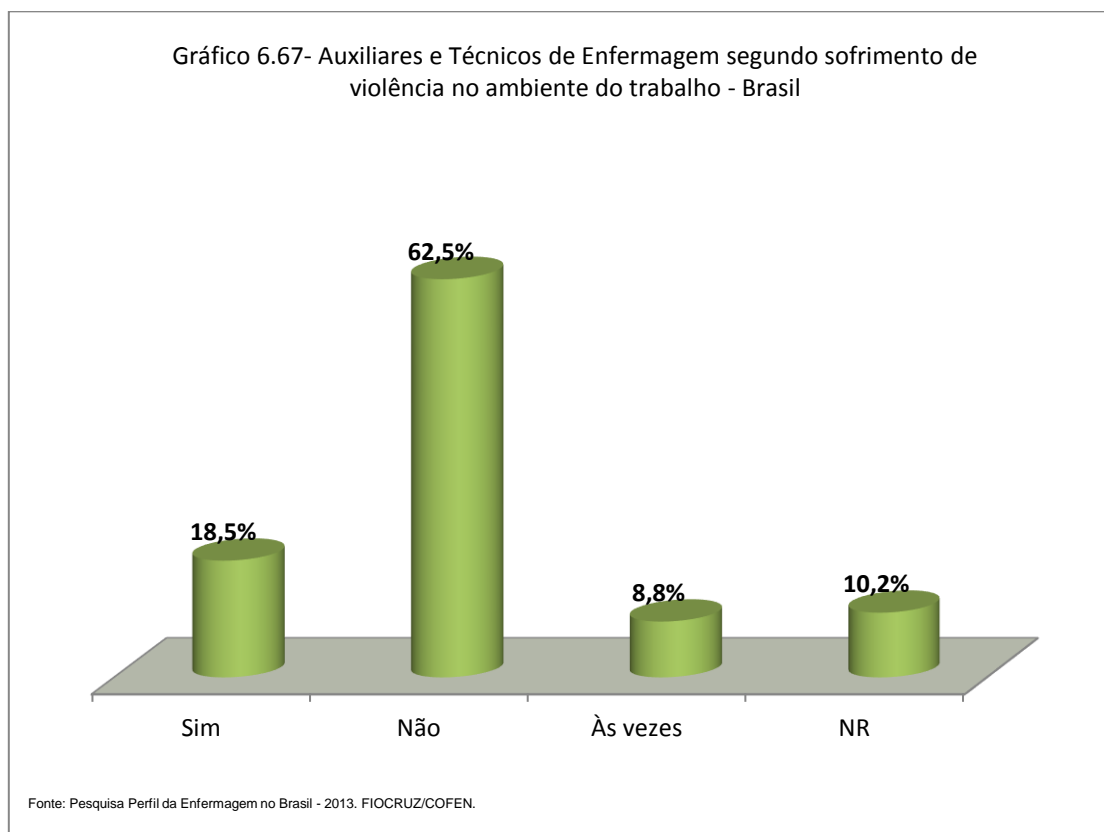
## VIOLÊNCIA NO TRABALHO

Quando os auxiliares e técnicos brasileiros foram indagados se sofrem ou já sofreram alguma violência no ambiente de trabalho, quase 1/5 (18,5%) afirma que sim e aqueles que “às vezes” já sofreram somam 8,8% (Tabela 6.1.13b e Gráfico 6.67).

Tabela 6.1.13b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo sofrimento de violência no ambiente do trabalho - Brasil

<b>Violência no trabalho</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	256.442	18,5
Não	868.601	62,5
Às vezes	122.604	8,8
NR	142.176	10,2
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



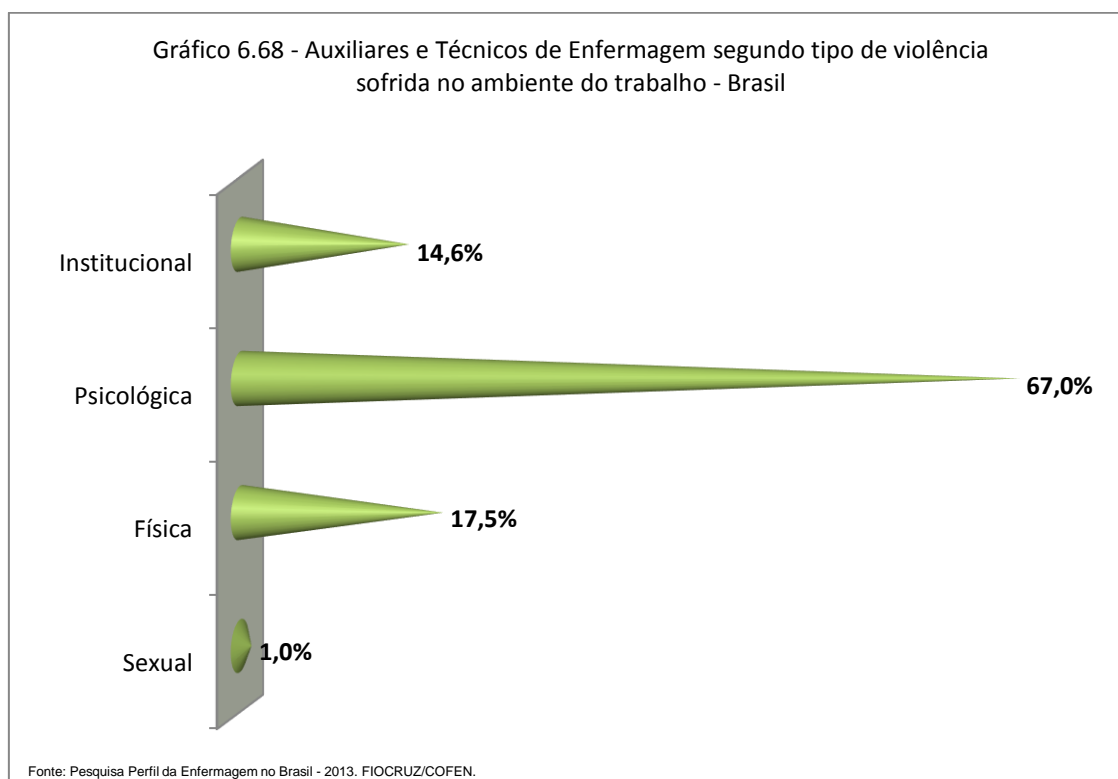
## TIPO DE VIOLÊNCIA

A pesquisa buscou captar a tipologia da violência que está presente no cotidiano das instituições de saúde: psicológica, institucional, física e sexual. Entre os auxiliares e técnicos, os dados apontam com maior frequência a psicológica (67%), seguida pela física com 17,5%, a institucional com 14,6%, sendo a violência sexual a menos apontada, com apenas 1% (Tabela 6.1.13.1b e Gráfico 6.68).

Tabela 6.1.13.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de violência sofrida no ambiente do trabalho – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de violência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Institucional	65.566	14,6
Psicológica	301.623	67,0
Física	78.658	17,5
Sexual	4.523	1,0
<b>Total</b>	<b>450.370</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



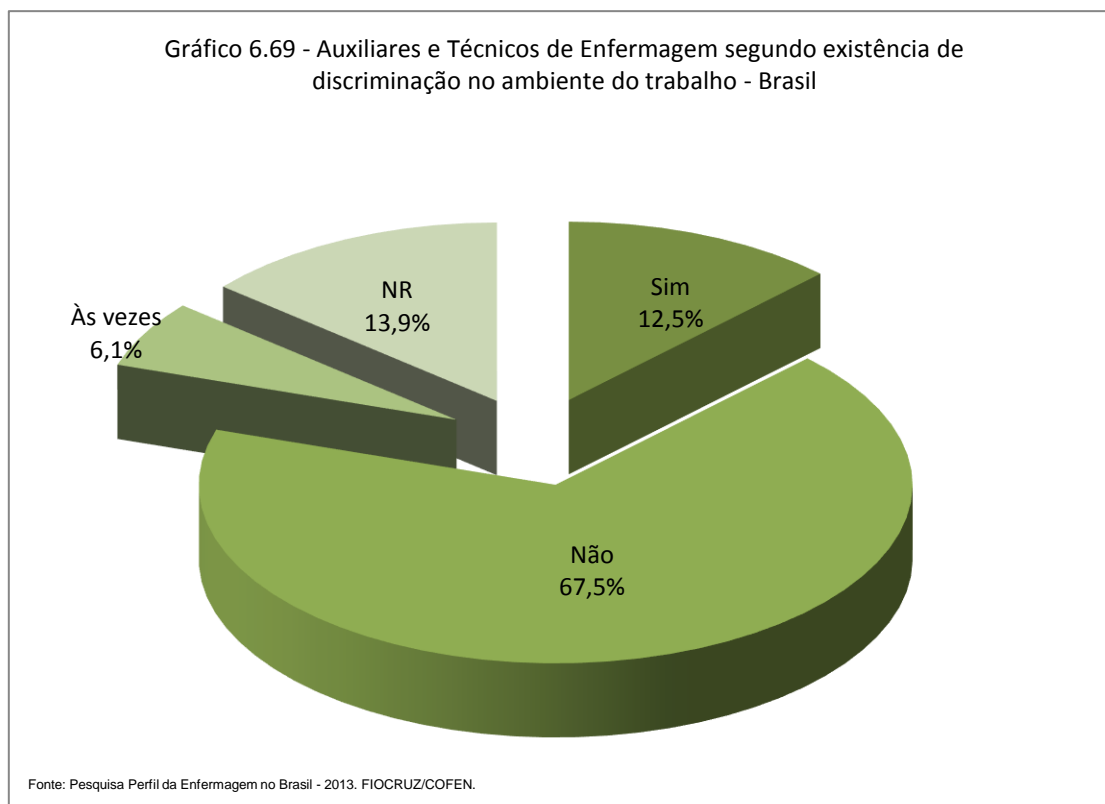
## DISCRIMINAÇÃO

Ao serem indagados se já sofreram discriminação no ambiente de trabalho, 67,5% afirmam não ter sofrido. Apenas 12,5% já experimentaram alguma discriminação e 6,1% dizem que “às vezes” sofrem, o que soma 18,6%. Registra-se que 13,9% não responderam (NR) a esse quesito (Tabela 6.1.14b e Gráfico 6.69).

Tabela 6.1.14b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de discriminação no ambiente do trabalho - Brasil

<b>Discriminação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	173.441	12,5
Não	938.310	67,5
Às vezes	84.292	6,1
NR	193.780	13,9
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## TIPO DE DISCRIMINAÇÃO

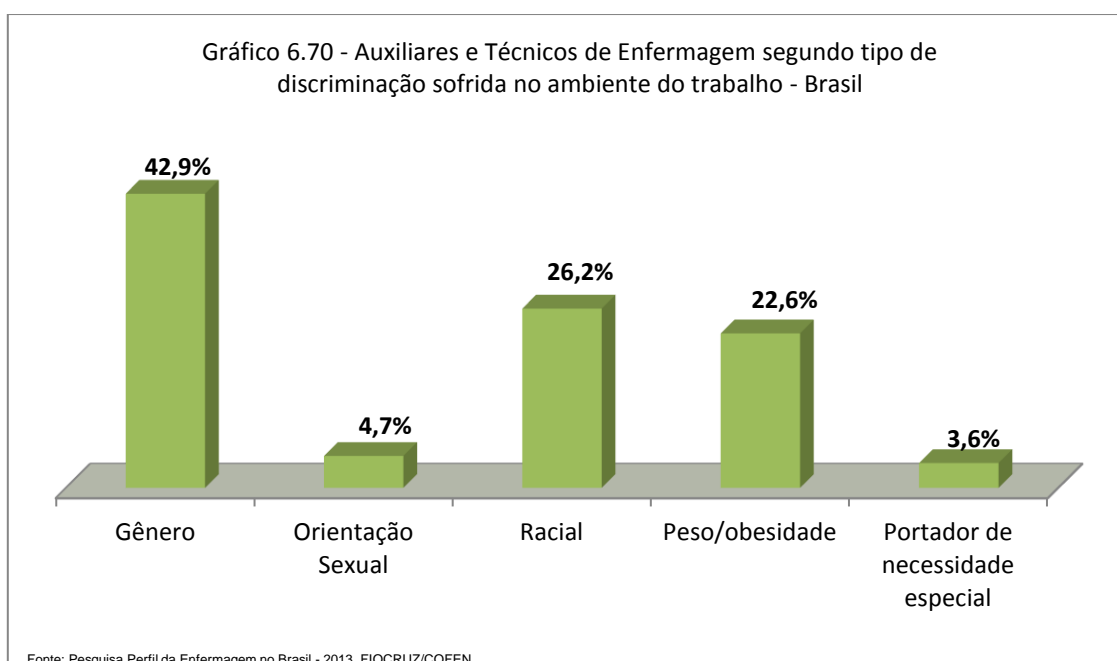
Analisando a tipologia das discriminações, quais sejam: gênero, orientação sexual, racial, peso/obesidade e aquele portador de necessidade especial, no Brasil, é possível afirmar que, daqueles auxiliares e técnicos que declaram ter sofrido alguma discriminação, sofrem mais que um tipo. Dentre os tipos, destacam-se: gênero com 42,9%; a seguir a racial, que representa 26,2% e por peso/obesidade com 22,6%. A por orientação sexual soma 4,7% e aqueles trabalhadores portadores de necessidades especiais, apenas 3,6% (Tabela 6.1.14.1b e Gráfico 6.70). Entre os auxiliares e técnicos, gênero (42,9%), racial (26,2%) e peso/obesidade (22,6%) são os três tipos de discriminação mais presentes entre eles.

Tabela 6.1.14.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de discriminação sofrida no ambiente do trabalho – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

<b>Tipo de discriminação</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Gênero	99.627	42,9
Orientação Sexual	10.862	4,7
Racial	60.837	26,2
Peso/obesidade	52.433	22,6
Portador de necessidade especial	8.445	3,6
<b>Total</b>	<b>232.204</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## CONDIÇÕES DE TRABALHO

Para qualificar melhor as condições de trabalho dos distintos setores de atuação - público, privado, filantrópico e ensino, a Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil buscou conhecer a opinião dos auxiliares e técnicos sobre esta questão. Na escala proposta pela pesquisa, pode-se verificar que apenas 5,7% consideram excelentes as condições de trabalho do setor **público**, enquanto que para 50,9% elas são boas e ótimas e para 43,3% são regulares e péssimas. Já no setor **privado**, as condições de trabalho foram avaliadas por 15,2% como excelentes, sendo ótimas e boas para 65,3% e regulares e péssimas para 19,6%. No **filantrópico**, essas foram avaliadas por 12% como excelentes, sendo ótimas e boas por 61,8%, regulares e péssimas por 26,2%. E no setor **ensino**, elas foram avaliadas como excelentes por 15,8%, ótimas e boas somam 61,5% e regulares e péssimas 22,7% (Tabela 6.2b e Gráfico 6.71).

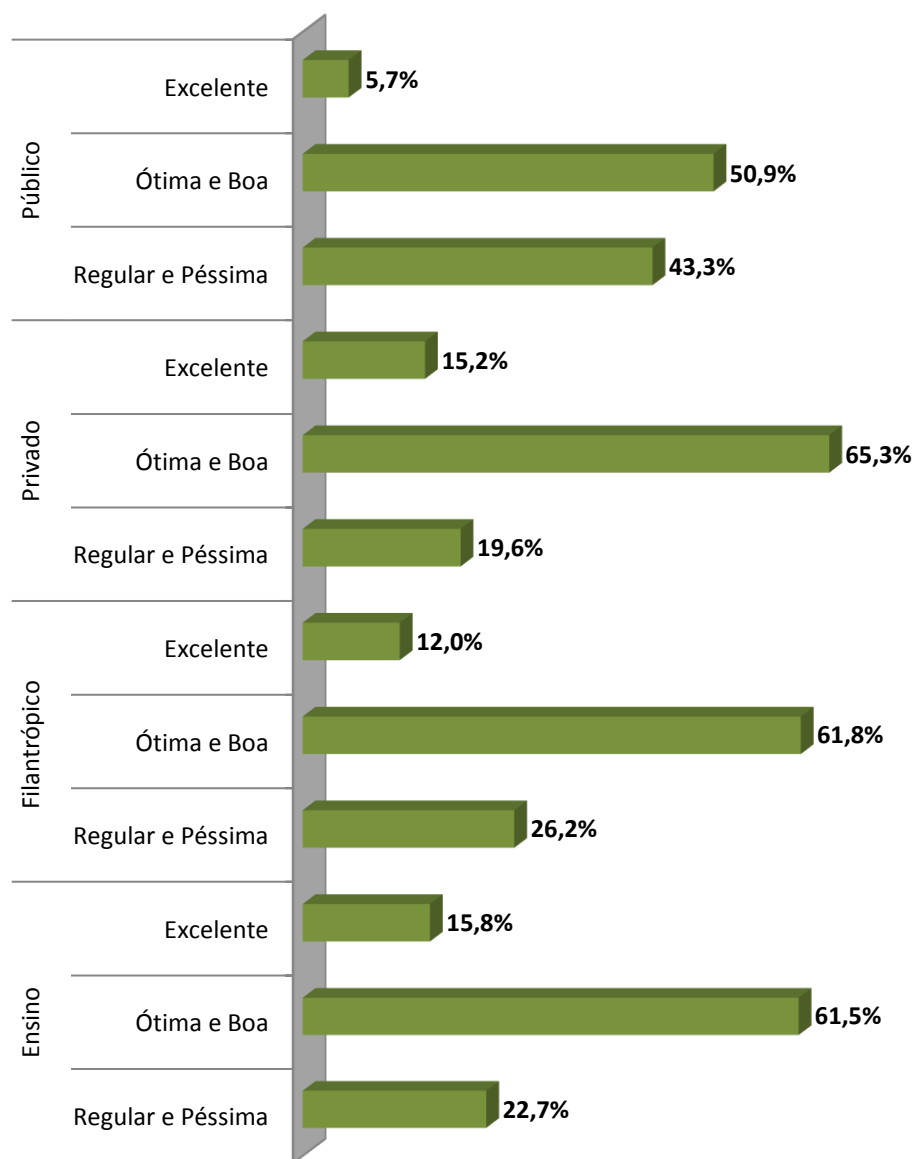
Tabela 6.2b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Condições de trabalho	Público		Privado		Filantrópico		Ensino	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Excelente	44.505	5,7	63.283	15,2	27.966	12,0	8.719	15,8
Ótima	102.173	13,1	102.432	24,6	42.949	18,5	9.625	17,4
Boa	295.091	37,8	169.818	40,7	100.610	43,3	24.347	44,1
Regular	270.126	34,6	73.118	17,5	53.091	22,8	8.916	16,1
Péssima	68.153	8,7	8.555	2,1	7.884	3,4	3.658	6,6
<b>Total</b>	<b>780.048</b>	<b>100,0</b>	<b>417.205</b>	<b>100,0</b>	<b>232.500</b>	<b>100,0</b>	<b>55.265</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.71 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo avaliação das condições de trabalho por setores - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## DESGASTE

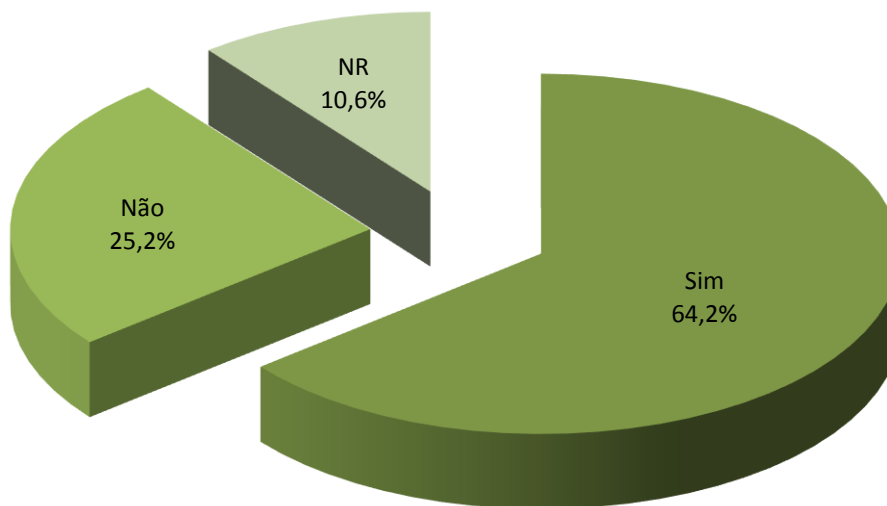
Os números contabilizados para o desgaste profissional não deixam dúvidas quanto à natureza das ações e das condições experimentadas pela enfermagem, em geral. No Brasil, registra-se que 64,2% dos auxiliares e técnicos consideram sua atividade desgastante. Tal fato implica na necessidade de compreensão dos múltiplos e variados fatores presentes no processo e no ambiente de trabalho, desencadeadores deste desgaste (Tabela 6.3b e Gráfico 6.72).

Tabela 6.3b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil

<b>Desgaste</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	892.325	64,2
Não	350.412	25,2
NR	147.086	10,6
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.72 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo desgaste profissional - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## INFRAESTRUTURA DE DESCANSO

Os dados da pesquisa no Brasil apontam para uma situação pouco confortável no que tange a infraestrutura de descanso para os auxiliares e técnicos de enfermagem. No setor **público**, menos da metade (48%) deles afirma ter, o que significa dizer que a maioria dos profissionais não desfruta de lugar adequado de descanso nos intervalos de atendimento nas jornadas prolongadas. No setor **privado**, essa situação de desconforto se mantém, quando aproximadamente a metade (51,2%) afirma ter. Já no setor **filantrópico**, apenas 38,1% dizem ter essa infraestrutura, em contraponto com 55,8% que afirmam não ter. Sendo um setor de **ensino**, que não necessariamente presta assistência, é possível que compreender que apenas 30,1% dos auxiliares e técnicos de enfermagem apontem a existência de infraestrutura. Chama atenção que no ensino (23,9%) apresenta índices elevados de “não sei”, demonstrando claro desconhecimento de seus direitos por um lugar adequado de descanso nos intervalos de seu processo de trabalho (Tabela 6.4b e Gráfico 6.73).

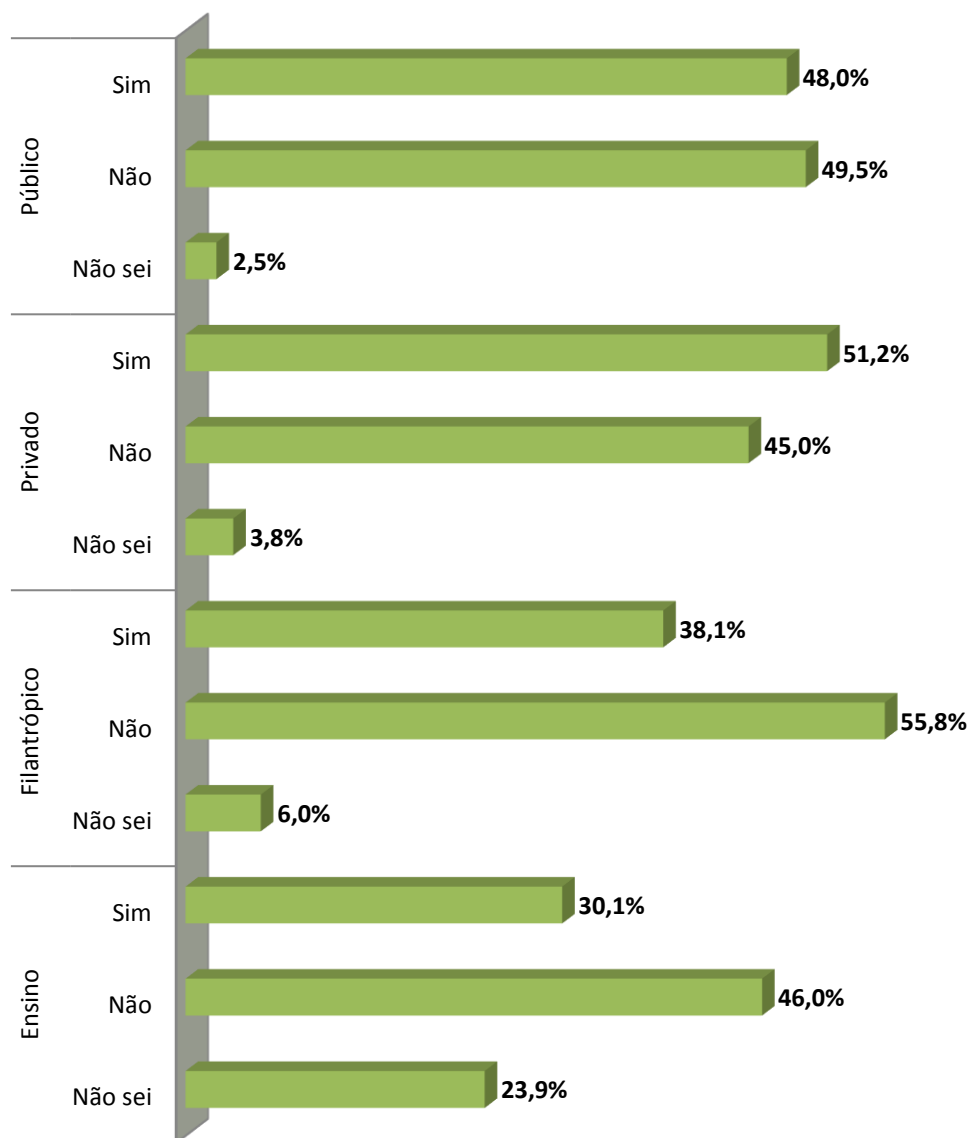
Tabela 6.4b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Não sei		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	371.246	48,0	382.981	49,5	19.026	2,5	773.253	100,0
Privado	205.683	51,2	180.486	45,0	15.265	3,8	401.433	100,0
Filantrópico	85.541	38,1	125.223	55,8	13.465	6,0	224.229	100,0
Ensino	9.302	30,1	14.241	46,0	7.389	23,9	30.932	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

**Gráfico 6.73 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo existência de infraestrutura de descanso por setores - Brasil**



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ACIDENTE DE TRABALHO

No setor **público**, quando indagados se foram vitimados por alguma modalidade de acidente de trabalho nos últimos 12 meses, 11,9% dos auxiliares e técnicos afirmam que sim, o que representa mais de 90 mil trabalhadores. Já o **privado** tem comportamento similar ao público. Aqueles que sofreram também somam 11,9%. No **filantrópico**, o comportamento se assemelha aos dos setores público e privado, ou seja, 11,8% foram vitimados por alguma modalidade de acidente no trabalho neste período analisado. O setor de **ensino** exibe os menores índices, com 3,1%. Ressalta-se que os percentuais menores encontrados neste setor, em relação aos demais (público, privado e filantrópico), provavelmente se justifica pela natureza da atividade desenvolvida, ou seja, ensino. A pergunta não diferenciou as atividades docentes nos hospitais universitários, por exemplo. (Tabela 6.5b e Gráfico 6.74). Destaca-se que, mesmo sendo diminuto, o percentual de “não sei” sugere desconhecimento do conceito do que seja acidente de trabalho, ou incapacidade de classificar os possíveis acidentes, demonstrando certa alienação de seus direitos quanto a saúde do trabalhador.

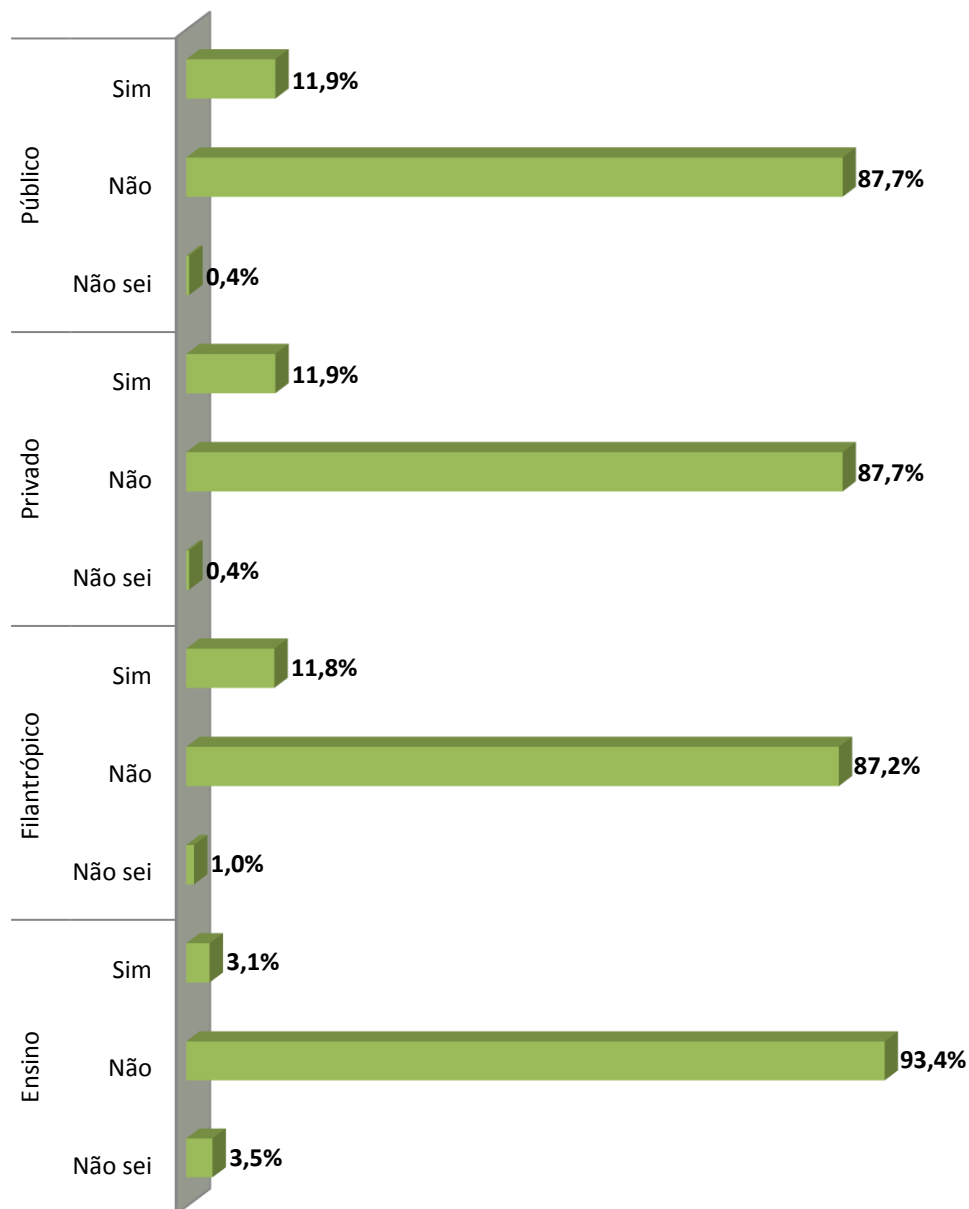
Tabela 6.5b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores – Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Não sei		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	92.231	11,9	679.954	87,7	3.055	0,4	775.240	100,0
Privado	47.958	11,9	353.387	87,7	1.603	0,4	402.947	100,0
Filantrópico	26.417	11,8	195.823	87,2	2.330	1,0	224.571	100,0
Ensino	977	3,1	29.179	93,4	1.094	3,5	31.250	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Gráfico 6.74 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo ocorrência de acidente de trabalho nos últimos 12 meses por setores - Brasil



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## LICENÇA MÉDICA

Analisando os dados do setor **público**, referentes aos afastamentos por licença médica dos auxiliares e técnicos nos últimos 12 meses, registra-se um número expressivo (22,6%) nesta situação. Este percentual representa mais de 1/5 de todo o contingente de profissionais que atua no setor, ou seja, quase 173 mil em licença médica. No **privado**, os índices são menores (17,4%). No entanto, isso representa em números, 68.900 profissionais em licença médica. O **filantrópico** registra que 14,3% dos profissionais entraram de licença médica nestes últimos 12 meses. Já o **ensino** apresenta índices menores em relação aos demais setores, ou seja, apenas 8,8% entraram de licença médica. Da mesma forma, estão fora do cálculo as mulheres com licença maternidade (Tabela 6.6b e Gráfico 6.75).

Tabela 6.6b

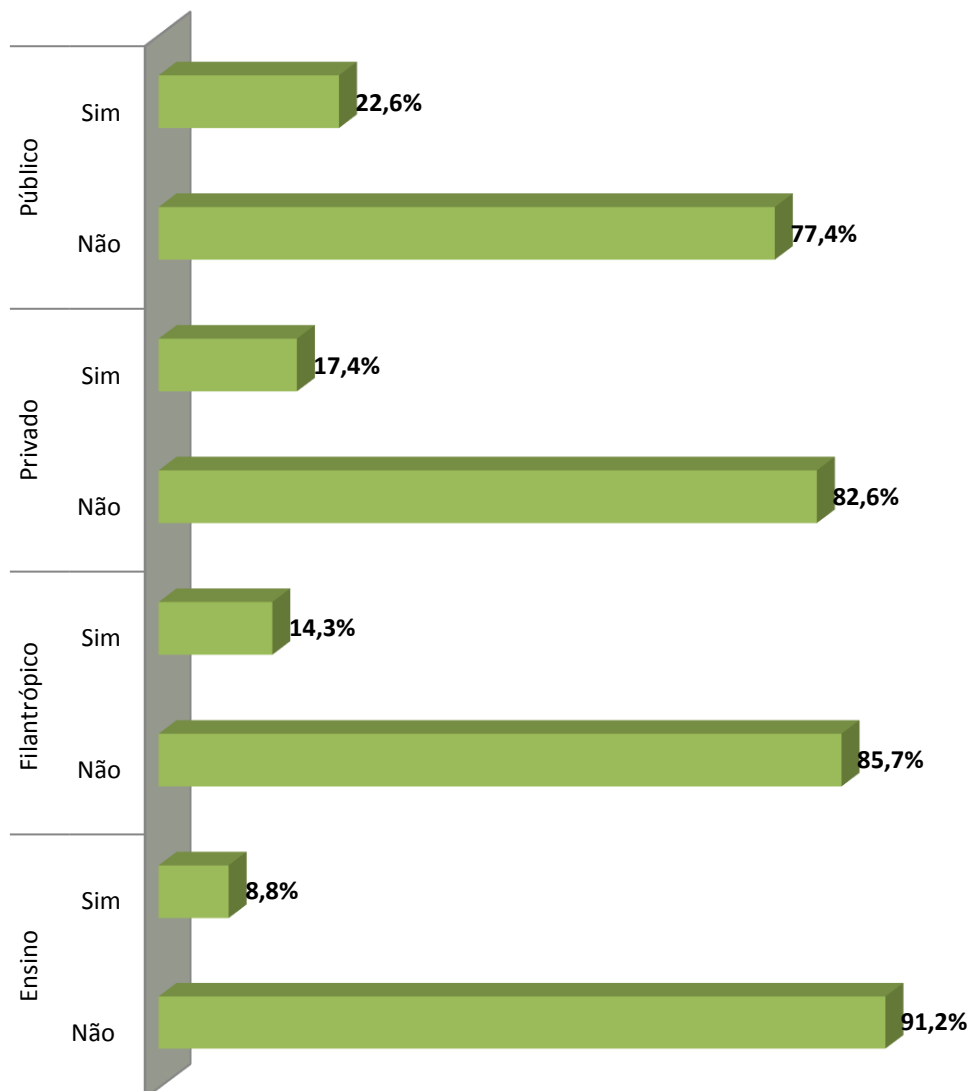
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil (Admite-se mais de uma resposta)

Setores	Sim		Não		Total	
	V.Abs.	%	V.Abs.	%	V.Abs.	%
Público	172.746	22,6	590.119	77,4	762.864	100,0
Privado	68.901	17,4	327.802	82,6	396.703	100,0
Filantrópico	31.381	14,3	188.418	85,7	219.800	100,0
Ensino	2.473	8,8	25.674	91,2	28.147	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

\* **Excetua-se licença maternidade**

**Gráfico 6.75 - Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo licença médica nos últimos 12 meses por setores - Brasil**



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

## ATENDIMENTO MÉDICO

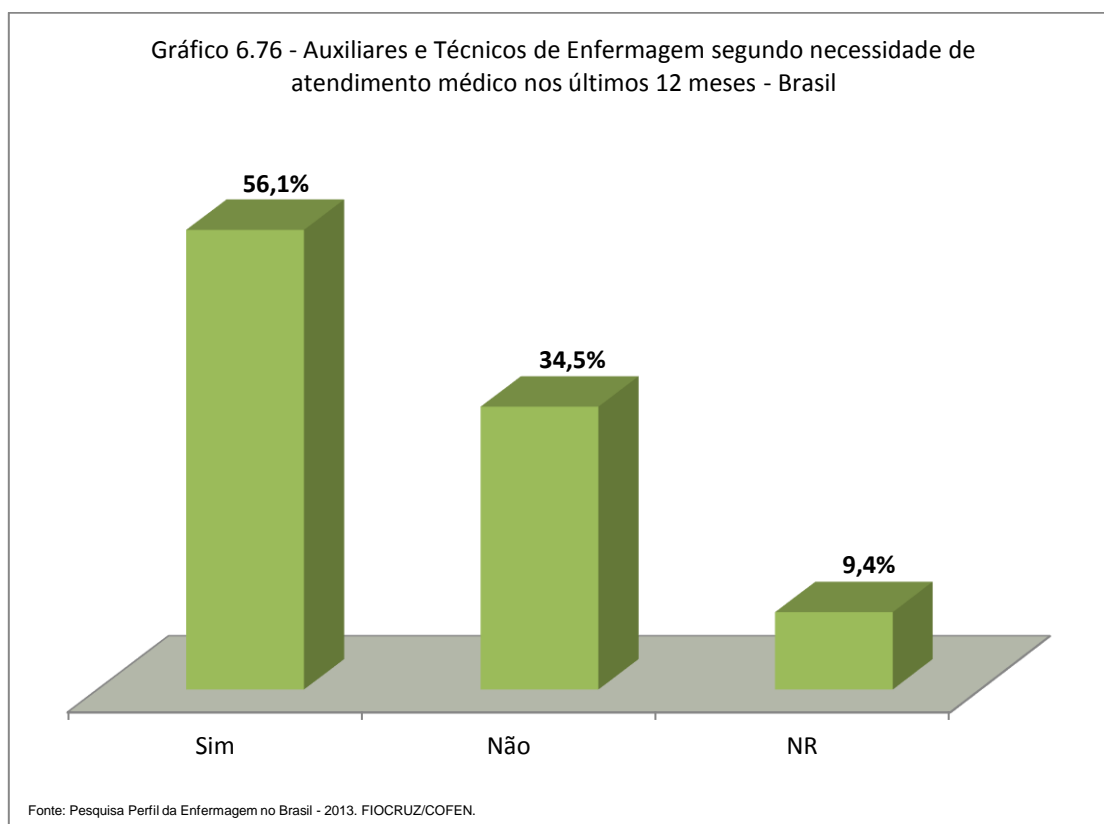
Outro dado revelado na Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil reforça um “certo adoecimento” dos auxiliares e técnicos, quando mais da metade do contingente, ou seja, 56,1% declaram ter tido necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses. Tais cifras representam quase 800 mil trabalhadores adoentados (Tabela 6.7b e Gráfico 6.76).

Tabela 6.7b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses - Brasil

<b>Atendimento médico</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	779.212	56,1
Não	479.496	34,5
NR	131.114	9,4
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



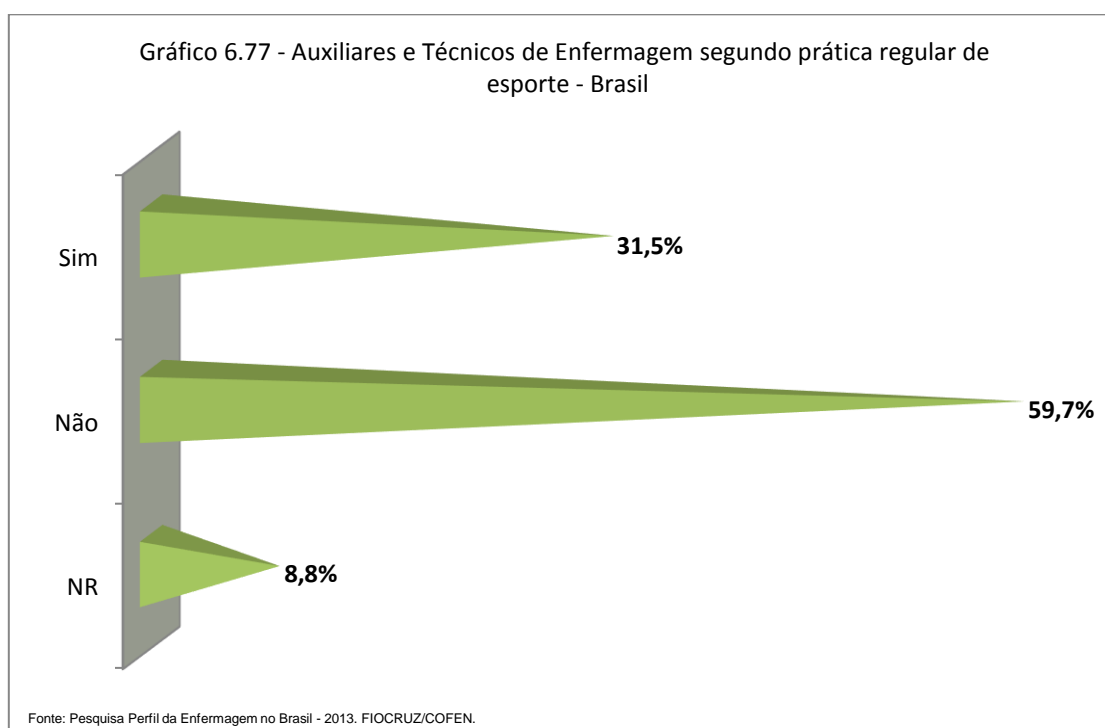
## PRÁTICA DE ESPORTE

A pesquisa buscou também conhecer os hábitos do contingente de enfermagem no que tange a prática de esportes. Detectou que 59,7% dos auxiliares e técnicos brasileiros não fazem nenhuma modalidade. Isso significa que quase 830 mil profissionais são, declaradamente, sedentários e que somente pouco mais de 30% exercem atividades esportivas. Vale o destaque para 8,8% que não responderam (NR), significando mais de 120 mil profissionais. Essas não respostas podem ser interpretadas como aqueles que sequer se interessam por esporte e, certamente, não praticam atividade física, o que vem a agravar o quadro de sedentarismo neste segmento profissional (Tabela 6.8b e Gráfico 6.77). No universo dos praticantes de esportes, é importante ressaltar que a pesquisa não qualificou essa prática, ou seja, não há uma escala, por exemplo, de quantas vezes por semana o esporte é praticado; apenas se perguntou qual esporte se praticava “regularmente”.

Tabela 6.8b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo prática regular de esporte - Brasil

<b>Prática de esporte</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	438.349	31,5
Não	829.665	59,7
NR	121.809	8,8
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## TIPO DE ESPORTE

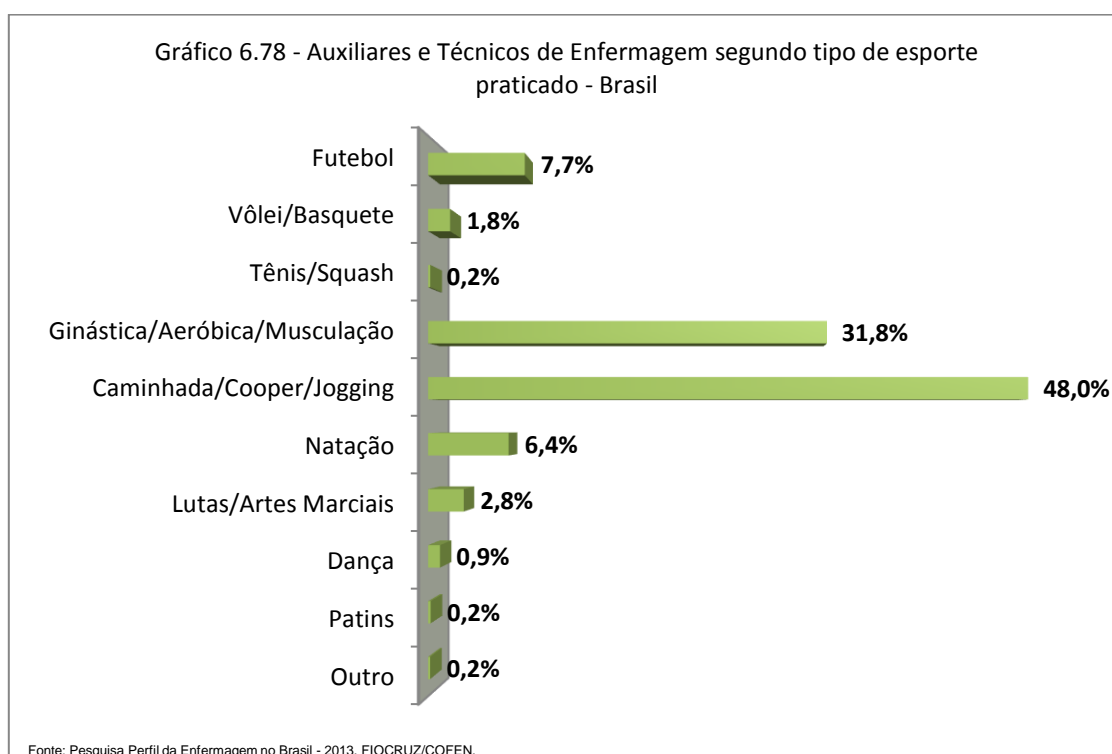
Assim, a modalidade mais presente entre eles é a caminhada/cooper/jogging com 48%; em seguida, ginástica/aeróbica/musculação com 31,8%, futebol (7,7%) e natação (6,4%) (Tabela 6.8.1b e Gráfico 6.78).

Tabela 6.8.1b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo tipo de esporte praticado - Brasil  
(Admite-se mais de uma resposta)

Tipo de esporte	V.Abs.	%
Futebol	41.853	7,7
Vôlei/Basquete	9.526	1,8
Tênis/Squash	943	0,2
Ginástica/Aeróbica/Musculação	172.749	31,8
Caminhada/Cooper/Jogging	260.488	48,0
Natação	34.832	6,4
Lutas/Artes Marciais	15.459	2,8
Dança	5.146	0,9
Patins	1.085	0,2
Outro	863	0,2
<b>Total</b>	<b>542.945</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



## FÉRIAS

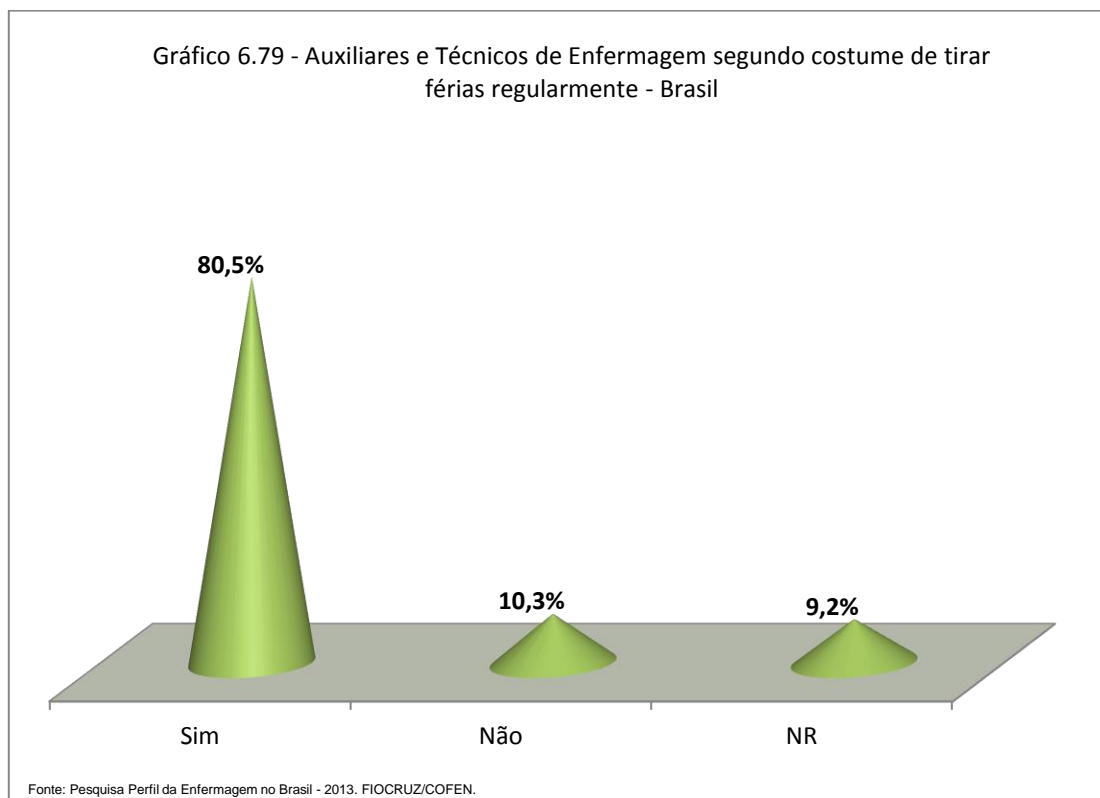
A prática de tirar férias é da maioria absoluta dos auxiliares e técnicos de enfermagem, ou seja, 80,5%. Contudo, registra-se que 10,3% não tiram férias regularmente, o que significa dizer em torno de 143 mil profissionais (Tabela 6.9b e Gráfico 6.79).

Tabela 6.9b

Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo costume de tirar férias regularmente - Brasil

<b>Férias</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Sim	1.118.832	80,5
Não	143.089	10,3
NR	127.902	9,2
<b>Total</b>	<b>1.389.823</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



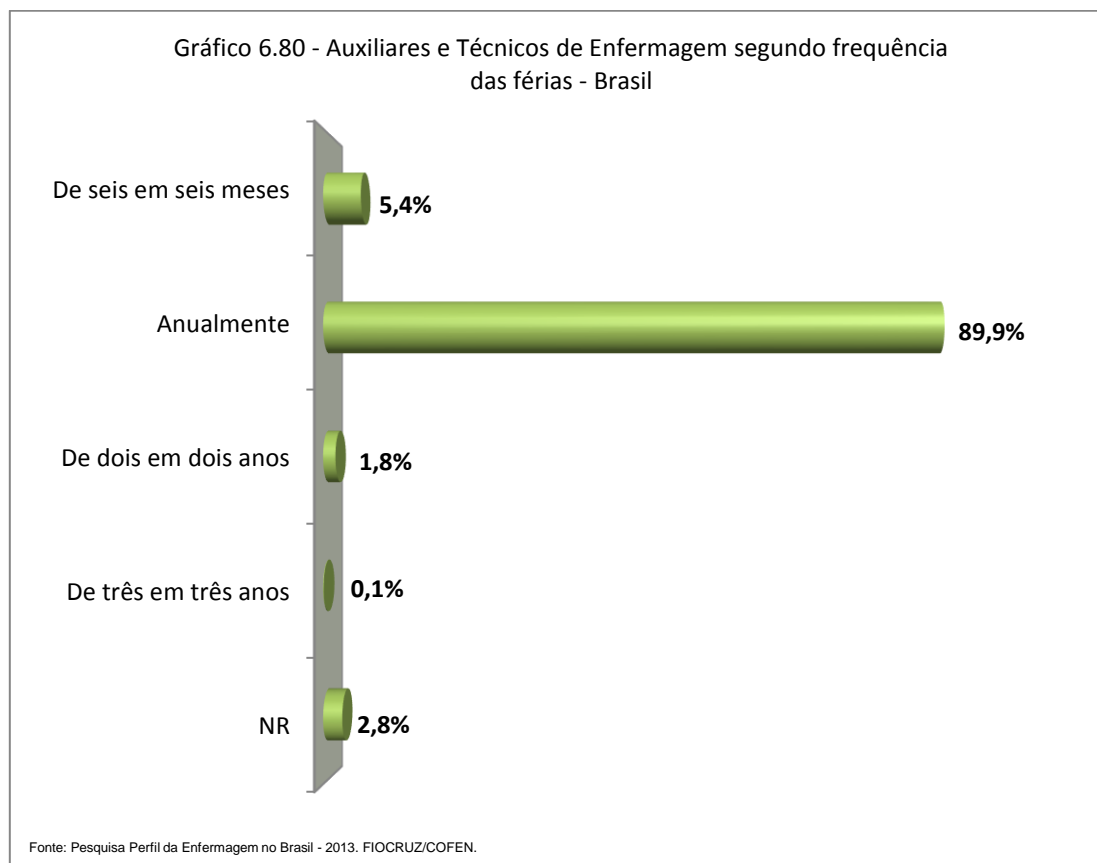
## FREQUÊNCIA DAS FÉRIAS

Dos que tiram férias regularmente, 89,9% o fazem anualmente e 5,4% de seis em seis meses (Tabela 6.9.1b e Gráfico 6.80).

Tabela 6.9.1b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo frequência das férias - Brasil

<b>Frequência</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
De seis em seis meses	60.949	5,4
Anualmente	1.006.140	89,9
De dois em dois anos	19.950	1,8
De três em três anos	847	0,1
NR	30.945	2,8
<b>Total</b>	<b>1.118.832</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.



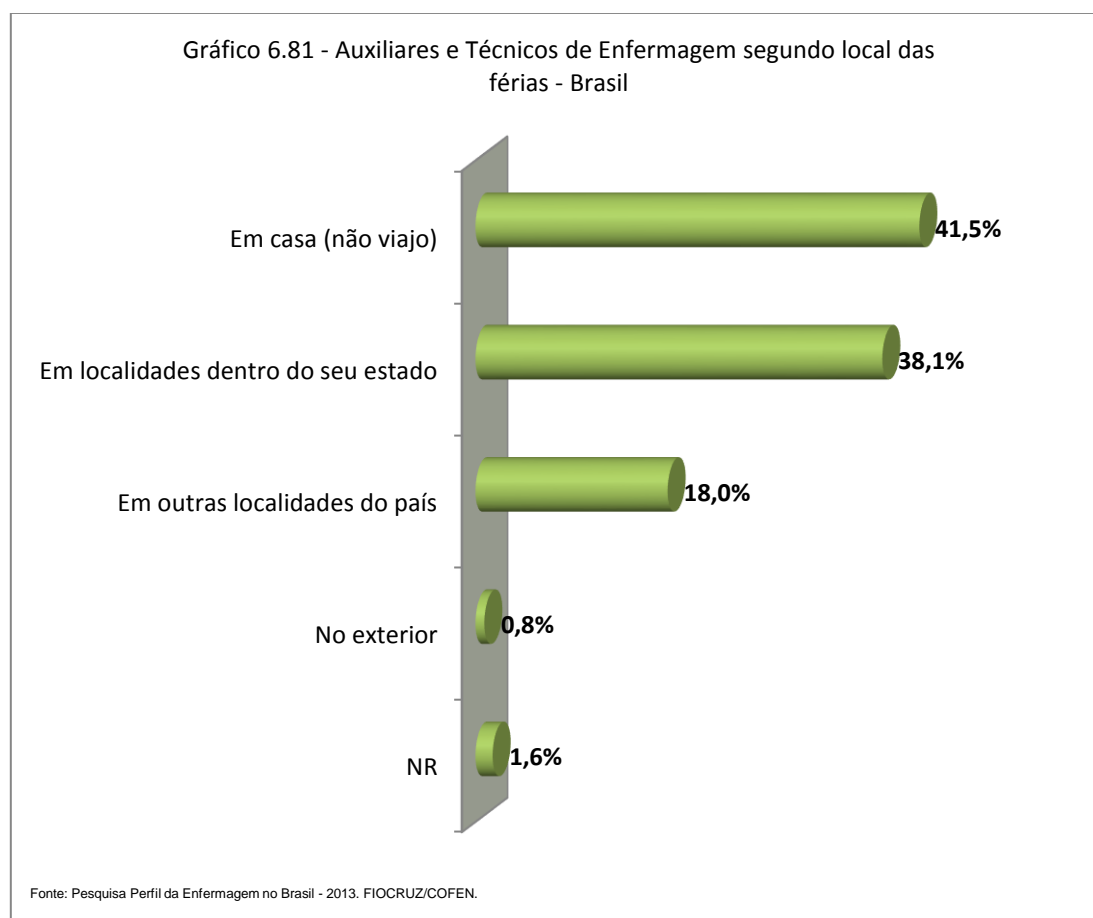
## LOCAL DAS FÉRIAS

Observa-se que 41,5%, ou seja, mais de 464 mil auxiliares e técnicos de enfermagem não viajam, ou seja, ficam em casa; enquanto 38,1% viajam para localidades dentro de seu estado. Apenas 18% saem para outras localidades do país e menos de 1% vai para o exterior (Tabela 6.9.2b e Gráfico 6.81).

Tabela 6.9.2b  
Auxiliares e Técnicos de Enfermagem segundo local das férias - Brasil

<b>Local</b>	<b>V.Abs.</b>	<b>%</b>
Em casa (não viajo)	464.638	41,5
Em localidades dentro do seu estado	425.901	38,1
Em outras localidades do país	201.111	18,0
No exterior	9.236	0,8
NR	17.946	1,6
<b>Total</b>	<b>1.118.832</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.





## PARTE VIII

---

# CONSIDERAÇÕES FINAIS



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa do porte do Perfil da Enfermagem no Brasil exigiu de toda a equipe técnica, muito trabalho, compromisso e rigor metodológico, uma vez que a investigação abordou a maior e mais complexa categoria profissional do setor saúde: a Enfermagem. Essa categoria é complexa não só por ser essencial à assistência à população em todos os níveis e setores da atenção à saúde, abrangendo quase todos os municípios brasileiros, presentes nas 27 unidades da federação, bem como pela estratificação profissional existente no interior da categoria criando uma divisão social do processo de trabalho muito clara e complexa.

A ordem de grandeza é de 1.804.535 profissionais, constituídos de Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem e Auxiliares de Enfermagem.

O objetivo central da pesquisa foi traçar o Perfil da Enfermagem no Brasil, analisando a situação atual da equipe de enfermagem no país nos seus diversos aspectos, buscando conhecer a sua dinâmica no recente contexto socioeconômico e político brasileiro. Buscou, também, traçar perfis profissionais dos enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, considerando as características socioeconômicas, de formação e desenvolvimento profissional, de inserção no mercado de trabalho e de sua participação sócio-política, bem como analisar a dinâmica atual do mercado de trabalho de enfermagem e, por fim, apontar e analisar tendências e perspectivas da enfermagem hoje no Brasil.

Do ponto de vista metodológico, esta tipologia de investigação possibilitou a criação de instrumento e método de coleta de dados que permitiram recolher informações e dados do conjunto de profissionais que compõem a equipe de enfermagem desde o mais jovem ao mais velho, incluindo aqueles já na fase de aposentadoria. Com isso, tem-se um retrato da realidade da enfermagem brasileira como nunca visto no país. O acervo de dados, informações e análises permitirá ao Conselho Federal de Enfermagem e demais entidades da categoria, traçar estratégias políticas a curto, médio e longo prazo, sugerindo a adoção de políticas públicas em prol deste contingente de mais de 1 milhão e oitocentos mil trabalhadores.

O Relatório Final que ora se apresenta reflete essa dimensão, constituído de 28 volumes, sendo o Volume I, a análise do Brasil, seguidos dos volumes correspondentes as 27 unidades da federação.



De forma resumida é possível compreender a situação em que se encontra essa categoria profissional.

A pesquisa aponta para uma composição bastante desigual, registrada em todo o país, ou seja, 77% são técnicos e auxiliares, enquanto somente 23% são enfermeiros. Há uma concentração destes na Região Sudeste, enquanto o Norte e o Nordeste sofrem com a carência desses profissionais. Da mesma forma, é possível visualizar uma clara concentração também nos grandes centros urbanos, em especial, nas capitais tendo mais da metade de todo o contingente morando e trabalhando. De grande relevância social é o fato da enfermagem ser uma categoria profissional composta por uma maioria de pardos e pretos, constituindo-se em mais de 50%. Tais índices, ainda maiores, atingindo acima de 65% da FT podem ser encontrados em 12 estados da federação: Mato Grosso, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Piauí, Maranhão, Pará, Tocantins, Amapá, Amazonas, Acre e Roraima. Ainda sobre cor e raça, destaca-se que a Enfermagem, diferentemente das demais profissões da saúde, tem, aproximadamente, 10 mil profissionais indígenas, com maior concentração entre os auxiliares e técnicos de enfermagem.

Duas tendências podem-se perceber no perfil sócio demográfico: a) tendência à masculinização da FT, ou seja, o crescimento significativo do contingente masculino, que atualmente representa 14,4% em todo o país; b) tendência ao rejuvenescimento desta FT, quando 61,7% são jovens de até 40 anos de idade. (Quadro Resumo I).

Considerando os aspectos da formação, tanto dos enfermeiros quanto dos técnicos e auxiliares de enfermagem, alguns dados merecem destaque. Primeiro, a formação destes profissionais está nas mãos da iniciativa privada, ou seja, 57,4% dos enfermeiros e 72% dos técnicos e auxiliares foram formados nas instituições privadas. Segundo, essa formação se deu, majoritariamente na Região Sudeste, chegando a quase 50% de todo o contingente. Quarto, 1/3 dos enfermeiros tem curso Técnico ou Auxiliar de Enfermagem e em sua maioria, praticou a atividade técnica, ou seja, são ex-técnicos ou auxiliares de enfermagem. Vale destaque para a qualificação Pós-Formação, que atinge índices importantes. Como por exemplo, entre os enfermeiros, 4,7% são doutores, 14,5% são mestres e 72,8% dos enfermeiros têm curso de Especialização. Já entre os auxiliares e técnicos 23% têm Especialização e 45,8% informam que realizaram alguma Atualização ao longo de sua vida profissional. Por outro lado, preocupa o fato deste mesmo contingente, ou seja, 60% afirmarem não ter recebido qualquer qualificação nos últimos 12 meses.

Três tendências podem-se perceber no perfil da formação profissional: a) tendência à privatização, com hegemonia da iniciativa privada tanto na formação básica como na oferta de cursos de Especialização, Atualização e Aperfeiçoamento, ou seja, na modalidade Lato sensu. b) tendência a perda da importância da modalidade integral dos cursos de formação profissional (para enfermeiros e auxiliares e técnicos); c) e o crescente aumento da escolarização dos trabalhadores, ou seja, 1/3 de todo o contingente auxiliar e técnico tem curso superior completo ou está cursando. Além disso, quase 80% desejam fazer curso superior. (Quadro Resumo II e III)

Tomando os dados sobre o acesso à informação técnico-científica da equipe de enfermagem, destacam-se o fato de 59% participarem com frequência de eventos científicos na área e, mais da metade ter acesso a leitura de revistas e livros científicos. Por outro lado, o uso da internet é um hábito (diariamente) da maioria absoluta. Tal hábito seria visto como positivo para o acesso técnico-científico se fosse feito durante e nos locais de trabalho. Contudo, a informação dada pela pesquisa aponta que, apenas 18% da equipe têm acesso de internet no trabalho. A maioria absoluta acessa em casa, quando chega do trabalho. Outro dado relevante é o fato da maioria não ter tido oportunidade de fazer alguma capacitação profissional nos últimos 12 meses. Ao perguntar das razões, destacam-se: a) falta de condições financeiras, b) falta de tempo e estímulo institucional, e c) alto custo financeiro para a participação (Quadro Resumo IV).

A abordagem do mercado de trabalho da enfermagem, a partir do Relatório final do Perfil da Enfermagem no Brasil, mostra algumas evidências a serem destacadas. A composição da FT ser jovem é reafirmada quando mais da metade (53,2%) dos profissionais ter até 10 anos de exercício profissional, sendo que 30% destes, têm até 5 anos de atividade. Tal composição pode ter influenciado que os índices de desemprego que atingem 10,1% e que, 66,7% tenham declarado dificuldades de encontrar emprego. Muitos alegam despreparo técnico para o ingresso na atividade proposta (falta de especialização) ou, paradoxalmente, outros tantos demonstram o contrário, se especializaram em áreas técnicas que o mercado de trabalho não requisita. Dado também relevante é o fato de 59,4% de todo o contingente de mais de 1 milhão e oitocentos mil trabalhadores terem jornadas de trabalho entre 31-60 horas. O Relatório aponta que, o grande empregador da enfermagem no Brasil é o setor público nos três níveis de governo (federal, estadual e municipal), abarcando 58,9% do total. O setor privado responde por 31,6%; o filantrópico por 15,4% e, com apenas 8,4% estão as atividades executadas nas instituições de ensino.

Como maior empregador, o setor **público** aglutina quase 1 milhão de profissionais de enfermagem com diversos tipos de vínculos trabalhistas: na esfera federal, 60,1% são estatutários, 16,5% celetistas e 6,7% têm contratados por tempo determinado (temporário); na estadual, os estatutários somam 51,7%, celetistas 18,5% e 7,2% são os temporários; já na municipal, os estatutários representam 42%, os celetistas 17,2%, 13,4% são os prestadores de serviços e 10,8% contratados por tempo determinado. Por outro lado, constatou-se que os vínculos celetistas, abrangem mais da metade (56,1%), do contingente de enfermagem que atuam no setor **privado** em todo o país; os prestadores de serviços, somam 30,5% do total da equipe. No setor **filantrópico**, destacam-se duas formas de contratações: os vínculos CLT, que detêm 61,3% e os prestadores de serviços, com 30,3%. Na área de **ensino**, tem-se a seguinte situação: atuando nas instituições públicas, a equipe de enfermagem tem, em sua maioria, vínculo estatutário (53%), seguido do CLT (25,2%); nas privadas, o predominante é o celetista (48,4%), seguido do horista, com 32,4%; nas filantrópicas, o que prevalecem são os celetistas (61,8%) e os horistas (22%); e nas instituições religiosas, o predominante é o CLT (66,4%) e 24,2% horistas.

Outro ponto bastante enfático nos dados de mercado de trabalho, referem-se aos relacionados com salários e rendimentos mensais da equipe. Como foi abordado ao longo do Relatório, as faixas salariais praticadas no setor público – o maior empregador da enfermagem - apresentam uma variação importante e aparentemente, não compatíveis com a carga de trabalho das atividades executadas pela equipe. Os dados mostram que mais de 60% dos profissionais, têm rendimentos mensais de até 3.000 reais. Situação ainda pior estão aqueles que atuam no setor privado, onde 1/3 desse contingente percebe salários entre 1.001 - 2.000 reais; 68,2%, obtêm de todas as atividades lá desenvolvidas renda de até 3.000 reais. Já o filantrópico, praticam salários ainda piores, submetendo seus trabalhadores a níveis salariais muito baixos, ou seja, 1/3 que lá atua declara receber salários entre 1.001 - 2.000 reais. Pode-se dizer que as faixas de rendimentos mensais declaradas apresentam também um cenário preocupante: 70,1%, obtêm em todas as atividades desenvolvidas renda de até 3.000 reais. Não diferente dos demais setores de empregabilidade da enfermagem, o ensino se mostra um empregador que remunera um pouco melhor, no entanto os dados não são animadores, ou seja, até 3.000 reais tem-se 40,2% e 41,7% não responderam (NR) a esse quesito.

Fato de alerta é a condição de subsalários que uma parcela significativa da categoria da enfermagem se encontra. Como conceituado anteriormente na Parte VI deste

Relatório final, “**subsídio**”, é todo rendimento igual ou inferior a 1.000 reais. Nesta condição encontram-se mais de 153 mil trabalhadores da enfermagem atuando no setor público, o que representa 14,4% de todo o contingente; no privado tem-se 22,1%; no filantrópico, encontram-se mais de 65 mil trabalhadores, ou seja, 23,7% e; o ensino correspondendo a 13%. Como abordado também nesta Parte IV, está em movimentação no Congresso Nacional Projeto de Lei que estabelece Piso Salarial para a equipe de enfermagem. Atualização monetária dos pisos da enfermagem, PL nº 4.924/2009 INPC-IBGE acumulado no período de março de 2009 a abril de 2013: 26,98. Contudo, apesar de se ter toda a movimentação no Congresso Nacional e entre as Entidades corporativas da Enfermagem, a pesquisa aponta que, em sua maioria, a categoria não reconhece como direito, a definição de um piso salarial compatível, não só com sua formação como a complexidade e essencialidade de suas atividades, uma vez que, ao perguntar a eles qual seria o salário ideal para sua atividade profissional, não se obteve qualquer consenso sobre os valores monetários, o que leva a crer da necessidade de intensificar o movimento de conscientização das lideranças corporativas junto à sua base.

Três tendências podem-se perceber no perfil do mercado de trabalho: a) tendência à uma FT mais jovem, recém ingressa no mercado de trabalho, ainda em processo de qualificação profissional; b) tendência ao aumento do desemprego, hoje na ordem dos 10%, afetando mais intensamente aqueles jovens acima citados; c) e o crescente aumento da busca de oportunidades e atividades fora da enfermagem complementando a renda mensal. (Quadro Resumo V)

A situação das condições de trabalho da equipe de enfermagem no Brasil analisada no presente Relatório traz preocupações quanto alguns aspectos. Por exemplo, o Tratamento com Cordialidade e Respeito pelos seus superiores, pela própria equipe de enfermagem e pela equipe de saúde mostra um dado positivo por mais de 67% da equipe. No entanto, discrepante a percepção destes profissionais da enfermagem quanto o tratamento respeitoso e cordial da população usuária, que se mostra agressiva e desrespeitosa, mais especificamente, os familiares dos pacientes, de modo geral. Os dados apontam para mais da metade (52,8%) não se sente respeitada pela população usuária. Por outro lado, há um clima de respeito entre os colegas de trabalho quanto a conduta que a enfermagem adota no cotidiano.

Contudo, a violência no ambiente de trabalho é uma realidade nas instituições de saúde, atingindo a todos os trabalhadores da saúde, em geral. No caso da enfermagem, a pesquisa registra em torno de 20% que afirmam ter sofrido algum tipo

de violência, seja psicológica, física ou institucional. Tal situação justifica que 29% apenas se sentem protegidos no ambiente de trabalho, ou seja, o ambiente no qual se desenvolve a assistência à saúde da população tem sido alvo de violência externa, afetando nuclearmente o sossego e a tranquilidade, tão necessários ao bom atendimento à população usuária. Por outro lado, a atividade profissional é considerada desgastante para 65,9% da equipe de enfermagem. É fato também que a maioria denuncia a inexistência de infraestrutura de descanso para este contingente, obrigando-os a se manter-se por horas em plantões (noturno e diurno) de 12 horas ou mais, sem qualquer possibilidade de descanso entre um atendimento e outro. A pesquisa aponta também para um elevado índice de acidente de trabalho, ou seja, 10%, seja no setor público, privado ou filantrópico. O que significa dizer que mais de 180 mil profissionais da enfermagem se acidentaram nos últimos 12 meses, no exercício da atividade. Também de alerta é o fato de: a) mais da metade (56,1%) necessitou de atendimento médico, recentemente; b) 22,5%, no público, 17,2% no privado e 13,9% no filantrópico entraram de licença médica nos últimos 12 meses; c) o sedentarismo é um fato incontestável entre os profissionais da enfermagem, quando apenas 34% afirmam praticar regularmente algum esporte; d) contabiliza-se 20%, ou seja, mais de 360 mil que não tiram férias regularmente. Tais dados permitem afirmar que a Enfermagem brasileira está dando sinais de alerta quanto as condições de vida e trabalho precário, perigoso a que está submetida. (Quadro Resumo VI)

Os depoimentos abaixo transcritos não deixam dúvidas da nossa conclusão e nos faz cúmplice na busca de soluções e construção de políticas públicas adequadas e eticamente comprometidas com a importância deste valioso e precioso contingente de trabalhadores da saúde, do Sistema Único de Saúde.

“A enfermagem é uma profissão linda, durante muito tempo pensei em desistir dela, mas ser enfermeira é ter oportunidades em todos os aspectos, visto que é uma área de amplos conhecimentos, mas infelizmente estamos fincados na desvalorização”.  
(Enfermeiro, MA)

“A enfermagem está para o hospital, assim como o oxigênio está para a humanidade. Tire esses profissionais de suas funções e o que acontecerá?” (Enfermeiro, PE)

“Anjos, quase santos, para aparecer de rosto lindo para pacientes impacientes.” (Aux. Tec. de Enfermagem, RS)

“Pobre e doente. Veja só, não dá para imaginar um futuro um mar de rosas, se nosso trabalho não é bem remunerado, se trabalhamos demais e não temos, muitas vezes, o que comer em casa”. (Aux. Téc. de Enfermagem, AC)

“Com as condições de trabalho atuais os profissionais de enfermagem estarão cada vez mais insatisfeitos, cansados, doentes e sem vida social. Os profissionais escolhem a profissão por falta de opção ou por ser um curso barato e fácil de ingressar, pois a enfermagem não possui nenhum atrativo: baixa remuneração, grande exigência e responsabilidade, excesso de trabalho e nenhum reconhecimento pela sociedade. Vejo no futuro da enfermagem uma busca pelas melhores condições de trabalho e valorização da profissão”. (Enfermeiro, RS)

“Descaso e desrespeito por parte dos nossos governantes com a nossa categoria. Escravos na saúde”. (Enfermeiro, MA)

“Invisível. Porque nós fazemos e não somos reconhecidos como deveríamos ser”. (Aux. Tec. de Enfermagem, PA)

“A esperança é a última que morre”. (Enfermeiro, ES)

“Acredito que depois dessa pesquisa possa mudar a qualidade de trabalho da enfermagem”. (Aux. Téc. de Enfermagem, PI)



# VOLUME I

## QUADROS RESUMO

### BRASIL

**Total da Equipe de Enfermagem: 1.804.535**





**QUADRO RESUMO I - BRASIL**  
**PERFIL SÓCIO ECONOMICO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Categoria Profissional</b>	◆ Enfermeiro	23,0
	◆ Técnico e Auxiliar de Enfermagem	77,0
<b>Sexo</b>	◆ Masculino	14,4
	◆ Feminino	85,1
<b>Faixa Etária</b>	◆ Até 40 anos	61,7
	◆ De 26 - 35 anos	38,0
	◆ De 36 - 50 anos	40,0
	◆ Mais de 61 anos	2,1
<b>Fases de Vida Profissional</b>	◆ Início da Vida Profissional	7,6
	◆ Pós-Formação Profissional	38,0
	◆ Maturidade Profissional	40,0
	◆ Desaceleração da Vida Profissional	11,5
	◆ Aposentadoria	2,1
<b>Nacionalidade</b>	◆ Brasileira	98,6
	◆ Estrangeira	0,1
<b>Naturalidade</b>	◆ São Paulo	17,8
	◆ Rio de Janeiro	10,7
	◆ Minas Gerais	10,0
	◆ Bahia	6,5
	◆ Pernambuco	4,4
<b>Estado Civil</b>	◆ Solteiro	38,0
	◆ Casado	40,7
<b>Local de Residência</b>	◆ Capital	56,8
	◆ Interior	40,9
<b>Cor ou Raça</b>	◆ Branca	42,3
	◆ Parda	41,5
	◆ Preta	11,5
	◆ Indígena	0,6
<b>Linhagem de Enfermagem</b>	◆ Sim	46,6
<b>Presença de profissionais de saúde na família</b>	◆ Sim	37,8

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO I - BRASIL**  
**PERFIL SÓCIO ECONOMICO DOS ENFERMEIROS**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Categoria Profissional</b>	◆ Enfermeiro	23,0
<b>Sexo</b>	◆ Masculino	13,4
	◆ Feminino	86,2
<b>Faixa Etária</b>	◆ Até 40 anos	66,6
	◆ De 26 - 35 anos	45,0
	◆ De 36 - 50 anos	34,6
	◆ Mais de 61 anos	2,3
<b>Fases de Vida Profissional</b>	◆ Início da Vida Profissional	7,1
	◆ Pós-Formação Profissional	45,0
	◆ Maturidade Profissional	34,6
	◆ Desaceleração da Vida Profissional	10,5
	◆ Aposentadoria	2,3
<b>Nacionalidade</b>	◆ Brasileira	98,8
	◆ Estrangeira	0,3
<b>Naturalidade</b>	◆ São Paulo	20,8
	◆ Rio de Janeiro	10,4
	◆ Minas Gerais	11,2
	◆ Bahia	7,1
	◆ Rio Grande do Sul	5,6
<b>Estado Civil</b>	◆ Solteiro	40,0
	◆ Casado	43,6
<b>Local de Residência</b>	◆ Capital	57,8
	◆ Interior	40,9
<b>Cor ou Raça</b>	◆ Branca	57,9
	◆ Parda	31,3
	◆ Preta	6,6
	◆ Indígena	0,3
<b>Linhagem de Enfermagem</b>	◆ Sim	47,4
<b>Presença de profissionais de saúde na família</b>	◆ Sim	53,3

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO I - BRASIL**  
**PERFIL SÓCIO ECONOMICO DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Categoria Profissional</b>	◆ Técnico e Auxiliar de Enfermagem	77,0
<b>Sexo</b>	◆ Masculino	14,7
	◆ Feminino	84,7
<b>Faixa Etária</b>	◆ Até 40 anos	60,2
	◆ De 26 - 35 anos	35,9
	◆ De 36 - 50 anos	41,7
	◆ Mais de 61 anos	2,1
<b>Fases de Vida Profissional</b>	◆ Início da Vida Profissional	7,7
	◆ Pós-Formação Profissional	35,9
	◆ Maturidade Profissional	41,7
	◆ Desaceleração da Vida Profissional	11,7
	◆ Aposentadoria	2,1
<b>Nacionalidade</b>	◆ Brasileira	98,5
	◆ Estrangeira	0,1
<b>Naturalidade</b>	◆ São Paulo	16,9
	◆ Rio de Janeiro	10,7
	◆ Minas Gerais	9,6
	◆ Bahia	6,3
	◆ Rio Grande do Sul	6,1
<b>Estado Civil</b>	◆ Solteiro	37,4
	◆ Casado	39,8
<b>Local de Residência</b>	◆ Capital	56,5
	◆ Interior	40,8
<b>Cor ou Raça</b>	◆ Branca	37,6
	◆ Parda	44,5
	◆ Preta	12,9
	◆ Indígena	0,6
<b>Linhagem de Enfermagem</b>	◆ Sim	46,4
<b>Presença de profissionais de saúde na família</b>	◆ Sim	33,2

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN



**QUADRO RESUMO II - BRASIL**  
**PERFIL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ENFERMEIROS**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Natureza da Instituição Formadora</b>	◆ Pública	35,6
	◆ Privada	57,4
<b>Tempo de Formado</b>	◆ Até 5 anos	37,8
	◆ De 6-10 anos	25,9
	◆ De 21-30 anos	10,9
	◆ Mais de 31 anos	5,1
<b>Região de Graduação</b>	◆ Norte	5,6
	◆ Nordeste	23,5
	◆ Sudeste	48,2
	◆ Sul	12,8
	◆ Centro-Oeste	6,8
<b>Modalidade do Curso</b>	◆ Integral	36,6
<b>Realização de Outra Graduação</b>	◆ Sim	8,3
<b>Curso</b>	◆ Direito	12,6
	◆ Terapia Ocupacional	9,1
	◆ Administração	6,2
<b>Realização de Curso de Tecnólogo</b>	◆ Sim	2,2
<b>Curso de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação</b>	◆ Sim	31,4
<b>Exercício da função de Técnico ou Auxiliar de Enfermagem antes da Graduação</b>	◆ Sim	86,1
<b>Trabalho antes da Graduação</b>	◆ Sim	51,0
<b>Complementação da Graduação</b>	◆ Sim	53,2
<b>Pós-Graduação</b>	◆ Sim	80,1
<b>Modalidades de Pós-Graduação</b>	<b>Lato Sensu</b>	
	◆ Especialização	72,8
	<b>Stricto Sensu</b>	
	◆ Mestrado Acadêmico	10,9
	◆ Mestrado Profissional	3,6
	◆ Doutorado	4,7
◆ Pós-Doutorado	0,4	
<b>Título de Especialista</b>	◆ Sim	51,0

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO III- BRASIL**  
**PERFIL DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Nível de Escolaridade</b>	◆ 2º grau completo	57,7
	◆ Nível superior incompleto	22,8
	◆ Nível superior completo	11,5
<b>Natureza da Instituição Formadora</b>	◆ Pública	16,0
	◆ Privada	72,0
<b>Tempo de Formado</b>	◆ Até 5 anos	24,6
	◆ De 6 -10 anos	25,3
	◆ De 11- 20 anos	25,3
	◆ Mais de 21 anos	8,9
<b>Região da Formação Profissional</b>	◆ Norte	7,8
	◆ Nordeste	21,1
	◆ Sudeste	46,5
	◆ Sul	13,1
	◆ Centro-Oeste	6,3
<b>Estado de sua Formação Profissional</b>	◆ São Paulo	23,3
<b>Modalidade do Curso de Formação</b>	◆ Integral	5,2
<b>Capacitação Profissional</b>	◆ Sim	41,4
<b>Modalidades de Pós-Graduação</b>	<b>Lato Sensu</b>	
	◆ Atualização	45,8
	◆ Aperfeiçoamento	31,1
	◆ Especialização	23,0
	<b>Stricto Sensu</b>	
	◆ Mestrado Acadêmico	0,1
◆ Mestrado Profissional	0,03	
<b>Realização de Curso de Tecnólogo</b>	◆ Sim	10,1
<b>Realização de Nível Superior</b>	◆ Sim	28,5
<b>Cursos</b>	◆ Enfermagem	63,7
	◆ Serviço Social	7,5
	◆ Biologia	3,0
<b>Pretensão em continuar os estudos</b>	◆ Sim	78,1
<b>Conhecimento da ETSUS</b>	◆ Sim	13,6
<b>Formação pelo PROFAE</b>	◆ Sim	12,6

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO IV - BRASIL**  
**PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DA EQUIPE DE ENFERMAGEM**

Descrição		(%)
<b>Modalidades de Aprimoramento</b>		
<b>Eventos científicos na Área da Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	59,4
	◆ Nunca	13,4
<b>Estágios em Instituições de Saúde</b>	◆ Frequentemente	33,8
	◆ Nunca	35,1
<b>Grupo de Estudos e Pesquisas</b>	◆ Frequentemente	37,5
	◆ Nunca	31,1
<b>Visitas Técnicas/Observação</b>	◆ Frequentemente	33,3
	◆ Nunca	33,6
<b>Internet</b>	◆ Frequentemente	86,6
<b>Telessaúde</b>	◆ Frequentemente	21,6
	◆ Nunca	56,0
<b>Cursos</b>	◆ Frequentemente	93,1
<b>Leitura de Livros e Revistas</b>	◆ Frequentemente	94,0
<b>Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/COREN's</b>	◆ Frequentemente	95,3
<b>Tipos de Leitura</b>		
<b>Livros científicos</b>	◆ Frequentemente	61,9
<b>Revistas nacionais de Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	56,0
<b>Revistas internacionais de Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	11,5
<b>Outras revistas técnico-científicas</b>	◆ Frequentemente	32,0
<b>Outras leituras (jornais, revistas de atualidades)</b>	◆ Frequentemente	85,1
<b>Livros de literatura</b>	◆ Frequentemente	62,4
<b>Acesso à internet</b>	◆ Todos os dias	61,0
<b>Local de acesso</b>	◆ Em casa	59,6
	◆ No trabalho	18,2
<b>Realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	47,5

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN



**QUADRO RESUMO IV - BRASIL**  
**PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DA EQUIPE DE ENFERMAGEM**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Razões de não Aprimoramento</b>	◆ Falta de condições financeiras	22,3
	◆ Falta de tempo e estímulo	16,2
	◆ Alto custo de participação	11,3
<b>Desejo de fazer Qualificação Profissional</b>	◆ Sim	85,0
<b>Modalidade de Qualificação desejada</b>	◆ Curso de Atualização	19,7
	◆ Curso de Aperfeiçoamento	18,6
	◆ Curso de Especialização	19,4
	◆ Graduação em Enfermagem	9,7
	◆ Outra Graduação	6,2
	◆ Mestrado	9,4
	◆ Doutorado	5,6
	◆ Pós-Doutorado	3,3
	◆ Estágios e cursos no exterior	5,2
◆ Estágios em outra instituição	3,0	

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO IV - BRASIL**  
**PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DOS ENFERMEIROS**

Descrição		(%)
<b>Modalidades de Aprimoramento</b>		
<b>Eventos científicos na Área da Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	73,9
	◆ Nunca	2,0
<b>Estágios em Instituições de Saúde</b>	◆ Frequentemente	22,4
	◆ Nunca	41,9
<b>Grupo de Estudos e Pesquisas</b>	◆ Frequentemente	48,8
	◆ Nunca	19,0
<b>Visitas Técnicas/Observação</b>	◆ Frequentemente	36,2
	◆ Nunca	25,8
<b>Internet</b>	◆ Frequentemente	94,4
<b>Telessaúde</b>	◆ Frequentemente	31,3
	◆ Nunca	41,8
<b>Cursos</b>	◆ Frequentemente	93,0
<b>Leitura de Livros e Revistas</b>	◆ Frequentemente	93,1
<b>Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/COREN's</b>	◆ Frequentemente	93,8
<b>Tipos de Leitura</b>		
<b>Livros científicos</b>	◆ Frequentemente	78,0
<b>Revistas nacionais de Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	63,1
<b>Revistas internacionais de Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	22,1
<b>Outras revistas técnico-científicas</b>	◆ Frequentemente	43,6
<b>Outras leituras (jornais, revistas de atualidades)</b>	◆ Frequentemente	85,1
<b>Livros de literatura</b>	◆ Frequentemente	61,1
<b>Acesso à internet</b>	◆ Todos os dias	82,5
<b>Local de acesso</b>	◆ Em casa	49,0
	◆ No trabalho	26,7
<b>Realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	69,9

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO IV - BRASIL**  
**PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DOS ENFERMEIROS**

Descrição		(%)
<b>Razões de não Aprimoramento</b>	◆ Falta de condições financeiras	17,2
	◆ Falta de tempo e estímulo	18,4
	◆ Alto custo de participação	16,3
<b>Desejo de fazer Qualificação Profissional</b>	◆ Sim	89,3
<b>Modalidade de Qualificação desejada</b>	◆ Curso de Atualização	14,8
	◆ Curso de Aperfeiçoamento	12,4
	◆ Curso de Especialização	16,2
	◆ Outra Graduação	5,7
	◆ Mestrado	21,8
	◆ Doutorado	11,8
	◆ Pós-Doutorado	6,3
	◆ Estágios e cursos no exterior	7,6
◆ Estágios em outra instituição	2,7	

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO IV - BRASIL**  
**PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE**  
**ENFERMAGEM**

Descrição		(%)
<b>Modalidades de Aprimoramento</b>		
<b>Eventos científicos na Área da Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	53,1
	◆ Nunca	18,4
<b>Estágios em Instituições de Saúde</b>	◆ Frequentemente	37,5
	◆ Nunca	32,9
<b>Grupo de Estudos e Pesquisas</b>	◆ Frequentemente	32,6
	◆ Nunca	36,3
<b>Visitas Técnicas/Observação</b>	◆ Frequentemente	32,2
	◆ Nunca	36,7
<b>Internet</b>	◆ Frequentemente	83,6
<b>Telessaúde</b>	◆ Frequentemente	17,5
	◆ Nunca	62,0
<b>Cursos</b>	◆ Frequentemente	93,1
<b>Leitura de Livros e Revistas</b>	◆ Frequentemente	94,4
<b>Proficiência e outras iniciativas do Sistema COFEN/COREN's</b>	◆ Frequentemente	96,5
<b>Tipos de Leitura</b>		
<b>Livros científicos</b>	◆ Frequentemente	54,4
<b>Revistas nacionais de Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	53,1
<b>Revistas internacionais de Enfermagem</b>	◆ Frequentemente	6,7
<b>Outras revistas técnico-científicas</b>	◆ Frequentemente	26,8
<b>Outras leituras (jornais, revistas de atualidades)</b>	◆ Frequentemente	85,1
<b>Livros de literatura</b>	◆ Frequentemente	62,9
<b>Acesso à internet</b>	◆ Todos os dias	54,6
<b>Local de acesso</b>	◆ Em casa	64,3
	◆ No trabalho	14,4
<b>Realização de Aprimoramento Profissional nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	40,9

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO IV - BRASIL**  
**PERFIL DO ACESSO À INFORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE**  
**ENFERMAGEM**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Razões de não Aprimoramento</b>	◆ Falta de condições financeiras	23,1
	◆ Falta de tempo e estímulo	15,9
	◆ Alto custo de participação	10,6
<b>Desejo de fazer Qualificação Profissional</b>	◆ Sim	83,7
<b>Modalidade de Qualificação desejada</b>	◆ Curso de Atualização	21,3
	◆ Curso de Aperfeiçoamento	20,5
	◆ Curso de Especialização	20,5
	◆ Graduação em Enfermagem	12,6
	◆ Outra Graduação	6,3
	◆ Mestrado	5,4
	◆ Doutorado	3,6
	◆ Pós-Doutorado	2,3
	◆ Estágios e cursos no exterior	4,4
◆ Estágios em outra instituição	3,2	

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**  
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM**

Descrição		(%)
<b>Situação Profissional</b>	◆ Ativo	91,8
<b>Tempo de Trabalho</b>	◆ Até 5 anos	30,0
	◆ De 6-10 anos	23,2
	◆ De 11-20 anos	23,8
	◆ Mais de 21 anos	13,6
<b>Desempregado nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	10,1
	◆ Dificuldade de encontrar emprego	66,7
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	3,3
	◆ De 31- 40 horas	34,7
	◆ De 41-60 horas	24,7
	◆ Mais de 61 horas	13,9
<b>Outras atividades fora da área de Enfermagem</b>	◆ Sim	11,2
<b>Setor Público</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	58,9
<b>Entidade Mantenedora</b>	◆ Federal	15,6
	◆ Estadual	45,6
	◆ Municipal	38,8
<b>Tipo de Vínculo</b>		
◆ <b>Federal</b>	◆ Estatutário	60,1
	◆ Celetista - CLT	16,5
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	8,4
◆ <b>Estadual</b>	◆ Estatutário	51,7
	◆ Celetista - CLT	18,5
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	13,3
◆ <b>Municipal</b>	◆ Estatutário	42,0
	◆ Celetista - CLT	17,2
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	9,9

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**  
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM**

<b>Descrição</b>		<b>(%)</b>
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	56,8
	◆ Trabalho diário	42,6
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	2,0
	◆ De 31- 40 horas	40,1
	◆ De 41- 60 horas	21,1
	◆ Mais 61 horas	9,3
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	3,4
	◆ Até 1.000 reais	14,4
	◆ De 1.001-3.000 reais	48,1
	◆ De 3.001-5.000 reais	14,4
	◆ Mais de 5.001 reais	3,8
<b>Setor Privado</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	31,6
<b>Tipo de Vínculo</b>	◆ Celetista - CLT	56,1
	◆ Prestador de serviços	30,5
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	55,0
	◆ Trabalho diário	42,9
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	3,9
	◆ De 31-40 horas	37,3
	◆ De 41- 60 horas	27,5
	◆ Mais de 61 horas	11,0
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	2,4
	◆ Até 1.000 reais	22,1
	◆ De 1.001-3.000 reais	46,1
	◆ De 3.001-5.000 reais	7,8
	◆ Mais de 5.001 reais	1,8
<b>Setor Filantrópico</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	15,4
<b>Tipo de Vínculo</b>	◆ Celetista - CLT	61,3
	◆ Prestador de serviços	30,3
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	54,3
	◆ Trabalho Diário	44,9

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**  
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM**

Descrição		(%)
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	2,5
	◆ De 31-40 horas	40,5
	◆ De 41 -60 horas	29,5
	◆ Mais 61 horas	7,2
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	1,8
	◆ Até 1.000 reais	23,7
	◆ De 1.001-3.000 reais	46,4
	◆ De 3.001-5.000 reais	6,1
	◆ Mais de 5.001 reais	0,9
<b>Setor de Ensino</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	8,4
<b>Curso de Atuação</b>	◆ Graduação em Enfermagem	47,0
	◆ Técnico de Enfermagem	33,1
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	19,5
	◆ De 31-40 horas	27,6
	◆ De 41-60 horas	12,1
	◆ Mais de 61 horas	4,0
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	4,8
	◆ Até 1.000 reais	13,0
	◆ De 1.001-3.000 reais	27,2
	◆ De 3.001-5.000 reais	11,9
	◆ Mais de 5.001 reais	6,0
<b>Assistência Particular de Enfermagem</b>	◆ Sim	6,7
<b>Rendimento Mensal com todas as Atividades de Enfermagem</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	1,8
	◆ Até 1.000 reais	17,6
	◆ De 1.001-3.000 reais	46,0
	◆ De 3.001-5.000 reais	11,0
	◆ Mais de 5.001 reais	6,5
<b>Atividades mais frequentes</b>	◆ Plantão/Assistência Hospitalar em Clínicas Gerais	15,0
	◆ Assistência Hospitalar na Urgência e Emergência/UPA/SAMU	14,2
	◆ Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/CTI/UTI/Centro Cirúrgico	13,6
<b>Desejo de trabalhar no exterior</b>	◆ Sim	16,0

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN



**QUADRO RESUMO V - BRASIL**  
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS**

Descrição		(%)
<b>Situação Profissional</b>	◆ Ativo	90,3
<b>Tempo de Trabalho</b>	◆ Até 5 anos	27,7
	◆ De 6-10 anos	21,5
	◆ De 11- 20 anos	25,1
	◆ Mais de 21 anos	17,7
<b>Desempregado nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	12,4
	◆ Dificuldade de encontrar emprego	78,9
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	4,3
	◆ De 31- 40 horas	35,4
	◆ De 41-60 horas	28,6
	◆ Mais de 61 horas	12,9
<b>Outras atividades fora da área de Enfermagem</b>	◆ Sim	9,3
<b>Setor Público</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	65,3
<b>Entidade Mantenedora</b>	◆ Federal	19,3
	◆ Estadual	41,7
	◆ Municipal	39,0
<b>Tipo de Vínculo</b>		
◆ <b>Federal</b>	◆ Estatutário	55,7
	◆ Celetista - CLT	19,9
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	6,7
◆ <b>Estadual</b>	◆ Estatutário	51,2
	◆ Celetista - CLT	21,6
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	12,0
◆ <b>Municipal</b>	◆ Estatutário	43,9
	◆ Celetista - CLT	18,1
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	6,9

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**  
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS**

<b>Descrição</b>		<b>(%)</b>
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	40,5
	◆ Trabalho diário	58,6
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	2,8
	◆ De 31- 40 horas	41,5
	◆ De 41- 60 horas	23,4
	◆ Mais 61 horas	9,0
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	0,6
	◆ Até 1.000 reais	1,9
	◆ De 1.001-3.000 reais	35,1
	◆ De 3.001-5.000 reais	36,1
	◆ Mais de 5.001 reais	14,2
<b>Setor Privado</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	29,7
<b>Tipo de Vínculo</b>	◆ Celetista - CLT	70,6
	◆ Prestador de serviços	18,8
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	33,8
	◆ Trabalho diário	59,8
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	9,8
	◆ De 31-40 horas	36,0
	◆ De 41- 60 horas	27,4
	◆ Mais de 61 horas	6,2
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	1,2
	◆ Até 1.000 reais	4,6
	◆ De 1.001-3.000 reais	44,4
	◆ De 3.001-5.000 reais	25,9
	◆ Mais de 5.001 reais	6,2
<b>Setor Filantrópico</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	11,5
<b>Tipo de Vínculo</b>	◆ Celetista - CLT	76,9
	◆ Prestador de serviços	17,4
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	34,2
	◆ Trabalho Diário	64,5

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**  
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS**

Descrição		(%)
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	3,7
	◆ De 31-40 horas	42,2
	◆ De 41 -60 horas	29,1
	◆ Mais 61 horas	4,2
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	0,6
	◆ Até 1.000 reais	1,7
	◆ De 1.001-3.000 reais	44,8
	◆ De 3.001-5.000 reais	26,6
	◆ Mais de 5.001 reais	4,0
<b>Setor de Ensino</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	19,8
<b>Curso de Atuação</b>	◆ Graduação em Enfermagem	70,5
	◆ Técnico de Enfermagem	20,9
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	32,0
	◆ De 31-40 horas	28,0
	◆ De 41-60 horas	11,2
	◆ Mais de 61horas	2,2
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	6,1
	◆ Até 1.000 reais	15,2
	◆ De 1.001-3.000 reais	29,7
	◆ De 3.001-5.000 reais	17,6
	◆ Mais de 5.001 reais	11,1
<b>Assistência Particular de Enfermagem</b>	◆ Sim	2,9
<b>Rendimento Mensal com todas as Atividades de Enfermagem</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	0,6
	◆ Até 1.000 reais	2,5
	◆ De 1.001-3.000 reais	29,5
	◆ De 3.001-5.000 reais	26,0
	◆ Mais de 5.001 reais	24,2
<b>Atividades mais frequentes</b>	◆ Ensino e Pesquisa	14,3
	◆ Assistência Hospitalar nas Urgências e Emergências/UPA/SAMU	10,1
	◆ Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/CTI/UTI/Centro Cirúrgico	10,5
<b>Desejo de trabalhar no exterior</b>	◆ Sim	18,1

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM**

Descrição		(%)
<b>Situação Profissional</b>	◆ Ativo	92,3
<b>Tempo de Trabalho</b>	◆ Até 5 anos	30,8
	◆ De 6-10 anos	23,7
	◆ De 11-20 anos	23,4
	◆ Mais de 21 anos	12,4
<b>Desempregado nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	9,4
	◆ Dificuldade de encontrar emprego	61,9
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	3,0
	◆ De 31- 40 horas	34,5
	◆ De 41-60 horas	23,6
	◆ Mais de 61 horas	14,3
<b>Outras atividades fora da área de Enfermagem</b>	◆ Sim	11,8
<b>Setor Público</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	57,0
<b>Entidade Mantenedora</b>	◆ Federal	14,3
	◆ Estadual	47,0
	◆ Municipal	38,7
<b>Tipo de Vínculo</b>		
◆ <b>Federal</b>	◆ Estatutário	62,2
	◆ Celetista - CLT	14,9
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	9,2
◆ <b>Estadual</b>	◆ Estatutário	51,8
	◆ Celetista - CLT	17,5
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	13,6
◆ <b>Municipal</b>	◆ Estatutário	41,3
	◆ Celetista - CLT	16,9
	◆ Cooperativas/OSCIP/OS/Fundações	11,0

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM**

Descrição		(%)
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	62,7
	◆ Trabalho diário	36,8
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	1,7
	◆ De 31- 40 horas	39,6
	◆ De 41- 60 horas	20,4
	◆ Mais 61 horas	9,5
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	4,4
	◆ Até 1.000 reais	18,8
	◆ De 1.001-3.000 reais	52,6
	◆ De 3.001-5.000 reais	6,9
	◆ Mais de 5.001 reais	0,4
<b>Setor Privado</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	32,2
<b>Tipo de Vínculo</b>	◆ Celetista - CLT	51,9
	◆ Prestador de serviços	33,9
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	61,1
	◆ Trabalho diário	38,2
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	2,2
	◆ De 31-40 horas	37,7
	◆ De 41- 60 horas	27,5
	◆ Mais de 61 horas	12,2
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	2,8
	◆ Até 1.000 reais	27,0
	◆ De 1.001-3.000 reais	46,6
	◆ De 3.001-5.000 reais	3,0
	◆ Mais de 5.001 reais	0,5
<b>Setor Filantrópico</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	16,6
<b>Tipo de Vínculo</b>	◆ Celetista - CLT	58,0
	◆ Prestador de serviços	33,1
<b>Regime de Trabalho</b>	◆ Plantão	58,5
	◆ Trabalho Diário	40,8

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO V - BRASIL**  
**PERFIL DO MERCADO DE TRABALHO DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM**

Descrição		(%)
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	2,1
	◆ De 31-40 horas	40,1
	◆ De 41 -60 horas	29,6
	◆ Mais 61 horas	7,8
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	2,0
	◆ Até 1.000 reais	28,2
	◆ De 1.001-3.000 reais	46,8
	◆ De 3.001-5.000 reais	1,8
	◆ Mais de 5.001 reais	0,3
<b>Setor de Ensino</b>	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Atividade Profissional no setor</b>	◆ Sim	5,0
<b>Curso de Atuação</b>	◆ Graduação em Enfermagem	19,0
	◆ Técnico de Enfermagem	47,7
<b>Horas semanais trabalhadas</b>	◆ Até 20 horas	4,5
	◆ De 31-40 horas	27,1
	◆ De 41-60 horas	13,2
	◆ Mais de 61horas	6,1
<b>Rendimento Mensal</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	3,3
	◆ Até 1.000 reais	10,4
	◆ De 1.001-3.000 reais	24,3
	◆ De 3.001-5.000 reais	5,2
	◆ Mais de 5.001 reais	0,2
<b>Assistência Particular de Enfermagem</b>	◆ Sim	7,8
<b>Rendimento Mensal com todas as Atividades de Enfermagem</b>	◆ Menos de 680 reais (SM base 2013)	2,1
	◆ Até 1.000 reais	22,0
	◆ De 1.001-3.000 reais	50,9
	◆ De 3.001-5.000 reais	6,5
	◆ Mais de 5.001 reais	1,1
<b>Atividades mais frequentes</b>	◆ Plantão/Assistência Hospitalar em Clínicas Gerais	16,9
	◆ Assistência Hospitalar nas Urgências e Emergências/UPA/SAMU	15,7
	◆ Assistência Hospitalar nos Cuidados Críticos/CTI/UTI/Centro Cirúrgico	14,7
<b>Desejo de trabalhar no exterior</b>	◆ Sim	15,3

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN



**QUADRO RESUMO VI - BRASIL**  
**PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Tratamento com Cordialidade e Respeito</b>	◆ Pelos seus superiores	67,0
	◆ Na equipe de saúde	68,1
	◆ Na equipe de enfermagem	68,4
	◆ Pela população usuária	47,2
<b>Clima de Confiança</b>	◆ Entre os colegas de trabalho	59,9
<b>Conduta Profissional dia a dia é respeitada pelos colegas de trabalho</b>	◆ Sim	73,9
<b>Disponibilidade do chefe em ajudar em situações de dificuldades</b>	◆ Sim	63,0
<b>Liberdade de se expressar com os superiores</b>	◆ Sim	61,9
<b>Confiança da chefia com seu trabalho</b>	◆ Sim	80,0
<b>Proteção no ambiente de trabalho contra violência</b>	◆ Sim	29,0
<b>Assistência da Instituição em caso de doença</b>	◆ Sim	40,6
<b>Satisfação da população, familiares e pacientes com seu trabalho</b>	◆ Sim	74,9
<b>Violência no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Sim	19,7
<b>Tipo de Violência no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Psicológica	66,5
	◆ Institucional	17,1
	◆ Física	15,6
<b>Discriminação no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Sim	12,3
<b>Tipo de Discriminação no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Gênero	44,7
	◆ Racial	25,3
	◆ Peso/Obesidade	21,4
<b>Condições de Trabalho no setor Público</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	57,1
	◆ Regular	34,6
	◆ Péssima	8,4

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN



**QUADRO RESUMO VI - BRASIL**  
**PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM -**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Condições de Trabalho setor Privado</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	81,0
	◆ Regular	17,0
	◆ Péssima	2,0
<b>Condições de Trabalho no setor Filantrópico</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	74,1
	◆ Regular	22,6
	◆ Péssima	3,3
<b>Atividade Desgastante</b>	◆ Sim	65,9
<b>Infraestrutura de descanso no setor</b>	◆ Público	47,3
	◆ Privado	49,9
	◆ Filantrópico	38,9
<b>Acidente de Trabalho nos últimos 12 meses no setor</b>	◆ Público	11,0
	◆ Privado	10,7
	◆ Filantrópico	10,8
<b>Licença Médica nos últimos 12 meses no setor</b>	◆ Público	22,5
	◆ Privado	17,2
	◆ Filantrópico	13,9
<b>Necessidade de Atendimento Médico nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	56,1
<b>Prática regular de esporte</b>	◆ Sim	33,8
<b>Tipo de Prática regular de esporte</b>	◆ Caminhada/Cooper/Jogging	45,0
	◆ Ginástica/Aeróbica/Musculação	35,5
<b>Férias regulares</b>	◆ Sim	80,5

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO VI - BRASIL**  
**PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Tratamento com Cordialidade e Respeito</b>	◆ Pelos seus superiores	72,2
	◆ Na equipe de saúde	72,2
	◆ Na equipe de enfermagem	74,4
	◆ Pela população usuária	59,9
<b>Clima de Confiança</b>	◆ Entre os colegas de trabalho	61,0
<b>Conduta Profissional dia a dia é respeitada pelos colegas de trabalho</b>	◆ Sim	76,4
<b>Disponibilidade do chefe em ajudar em situações de dificuldades</b>	◆ Sim	62,9
<b>Liberdade de se expressar com os superiores</b>	◆ Sim	66,2
<b>Confiança da chefia com seu trabalho</b>	◆ Sim	79,7
<b>Proteção no ambiente de trabalho contra violência</b>	◆ Sim	30,0
<b>Assistência da Instituição em caso de doença</b>	◆ Sim	42,8
<b>Satisfação da população, familiares e pacientes com seu trabalho</b>	◆ Sim	75,4
<b>Violência no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Sim	23,9
<b>Tipo de Violência no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Psicológica	65,2
	◆ Institucional	23,5
	◆ Física	10,6
<b>Discriminação no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Sim	11,7
<b>Tipo de Discriminação no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Gênero	52,3
	◆ Racial	21,6
	◆ Peso/Obesidade	16,5
<b>Condições de Trabalho no setor Público</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	58,4
	◆ Regular	34,3
	◆ Péssima	7,3

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO VI - BRASIL**  
**PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Condições de Trabalho setor Privado</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	83,2
	◆ Regular	15,0
	◆ Péssima	1,8
<b>Condições de Trabalho no setor Filantrópico</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	75,8
	◆ Regular	21,6
	◆ Péssima	2,6
<b>Atividade Desgastante</b>	◆ Sim	71,7
<b>Infraestrutura de descanso no setor</b>	◆ Público	45,2
	◆ Privado	45,3
	◆ Filantrópico	42,6
<b>Acidente de Trabalho nos últimos 12 meses no setor</b>	◆ Público	8,3
	◆ Privado	6,5
	◆ Filantrópico	6,3
<b>Licença Médica nos últimos 12 meses no setor</b>	◆ Público	22,0
	◆ Privado	16,8
	◆ Filantrópico	12,9
<b>Necessidade de Atendimento Médico nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	56,3
<b>Prática regular de esporte</b>	◆ Sim	41,2
<b>Tipo de Prática regular de esporte</b>	◆ Caminhada/Cooper/Jogging	37,9
	◆ Ginástica/Aeróbica/Musculação	44,5
<b>Férias regulares</b>	◆ Sim	80,5

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO VI - BRASIL**  
**PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM**

	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Tratamento com Cordialidade e Respeito</b>	◆ Pelos seus superiores	65,4
	◆ Na equipe de saúde	66,9
	◆ Na equipe de enfermagem	66,6
	◆ Pela população usuária	43,4
<b>Clima de Confiança</b>	◆ Entre os colegas de trabalho	59,5
<b>Conduta Profissional dia a dia é respeitada pelos colegas de trabalho</b>	◆ Sim	73,1
<b>Disponibilidade do chefe em ajudar em situações de dificuldades</b>	◆ Sim	63,0
<b>Liberdade de se expressar com os superiores</b>	◆ Sim	60,6
<b>Confiança da chefia com seu trabalho</b>	◆ Sim	80,1
<b>Proteção no ambiente de trabalho contra violência</b>	◆ Sim	28,7
<b>Assistência da Instituição em caso de doença</b>	◆ Sim	40,0
<b>Satisfação da população, familiares e pacientes com seu trabalho</b>	◆ Sim	74,7
<b>Violência no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Sim	18,5
<b>Tipo de Violência no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Psicológica	67,0
	◆ Institucional	14,6
	◆ Física	17,5
<b>Discriminação no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Sim	12,5
<b>Tipo de Discriminação no Ambiente de Trabalho</b>	◆ Gênero	42,9
	◆ Racial	26,2
	◆ Peso/Obesidade	22,6
<b>Condições de Trabalho no setor Público</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	56,6
	◆ Regular	34,6
	◆ Péssima	8,7

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN

**QUADRO RESUMO VI - BRASIL**  
**PERFIL DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS AUXILIARES E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM**

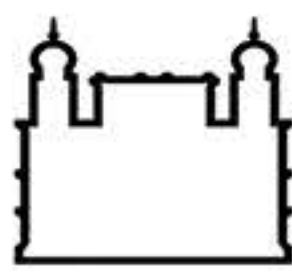
	<b>Descrição</b>	<b>(%)</b>
<b>Condições de Trabalho setor Privado</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	80,5
	◆ Regular	17,5
	◆ Péssima	2,1
<b>Condições de Trabalho no setor Filantrópico</b>	◆ Excelente/Ótima/Boa	73,8
	◆ Regular	22,8
	◆ Péssima	3,4
<b>Atividade Desgastante</b>	◆ Sim	64,2
<b>Infraestrutura de descanso no setor</b>	◆ Público	48,0
	◆ Privado	51,2
	◆ Filantrópico	38,1
<b>Acidente de Trabalho nos últimos 12 meses no setor</b>	◆ Público	11,9
	◆ Privado	11,9
	◆ Filantrópico	11,8
<b>Licença Médica nos últimos 12 meses no setor</b>	◆ Público	22,6
	◆ Privado	17,4
	◆ Filantrópico	14,3
<b>Necessidade de Atendimento Médico nos últimos 12 meses</b>	◆ Sim	56,1
<b>Prática regular de esporte</b>	◆ Sim	31,5
<b>Tipo de Prática regular de esporte</b>	◆ Caminhada/Cooper/Jogging	48,0
	◆ Ginástica/Aeróbica/Musculação	31,8
<b>Férias regulares</b>	◆ Sim	80,5

Fonte: Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil" - 2013. FIOCRUZ/COFEN



# PERFIL DA **ENFERMAGEM** NO BRASIL

RELATÓRIO FINAL



FIOCRUZ



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
SERGIO AROUCA  
ENSP



**Cofen**

Conselho Federal de Enfermagem

APOIO:

MINISTÉRIO DA  
**SAÚDE**



Organização  
Pan-Americana  
da Saúde



Organização  
Mundial da Saúde  
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS  
Américas